

O MUNDO DELES ACABOU. A GUERRA NÃO.

LIVRO DOIS DA SÉRIE PARTIALS

FRAGMENTOS

DAN WELLS

iD
editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O MUNDO DELES ACABOU. A GUERRA NÃO.

LIVRO DOIS DA SÉRIE PARTIALS

FRAGMENTOS

DAN WELLS

iD
editora

FRAGMENTOS

DAN WELLS

Tradução de Kátia Hanna



PARTE 1

–Um brinde ao melhor soldado da Nova América – propôs Hector.

O ambiente ganhou vida com o tilintar de vidros e o ruído de centenas de vozes.

– Cornwell! Cornwell! – Os homens brindaram com suas canecas e garrafas e gorgolejaram em uníssono, batendo-as ou jogando-as ao chão depois de vazias. Samm assistia em silêncio, regulando quase imperceptivelmente o pequeno telescópio monocular. A janela embaçada não o impedia de ver a expressão dos soldados enquanto se cumprimentavam com tapinhas nas costas, riam de piadas vulgares e evitavam olhar para o coronel. De qualquer forma, o *link* os deixaria informados sobre a situação de Cornwell.

Escondido entre as árvores, do outro lado do vale, bem distante do alcance efetivo do *link*, Samm não desfrutava do mesmo prazer.

Ele girou o botão do tripé, movendo o microfone menos de um milímetro à esquerda. À distância em que se encontrava, mesmo uma pequena mudança de ângulo alterava a captação do som por grandes porções do ambiente. Vozes nebulosas chegavam pelos fones de ouvidos, fragmentos de palavras e diálogos numa rápida investida sonora, quando ele ouviu uma voz tão familiar quanto a de Hector – era Adrian, o ex-sargento de Samm.

– ...nunca descobri o que os atingiu – dizia Adrian. – A linha inimiga foi quebrada, exatamente como planejado, mas nos minutos seguintes o perigo aumentou. O inimigo ficou desorientado, mandando bala para todos os lados, e nós ficamos tão acuados que não pudemos dar cobertura. Cornwell se manteve firme na esquina, jamais recuou, e seu cão de guarda uivava sem parar; quase nos deixou surdos. Nenhum animal era tão fiel quanto o dele. A cadela idolatrava Cornwell. Essa foi a última grande batalha que travamos em Wuhan, dois dias antes de tomarmos a cidade.

Samm lembrava-se daquela batalha. Wuhan tinha sido conquistada há cerca de dezesseis anos, em março de 2061, uma das últimas cidades a cair durante a Guerra de Isolamento. Fora um dos primeiros embates diretos de Samm; os sons, os cheiros, até mesmo o gosto da pólvora no ar ainda estavam frescos em sua memória. As lembranças deixaram Samm atordoado e alguns fantasmas armazenados no *link* percorreram seu cérebro a ponto de provocar uma descarga de adrenalina. Instintos e treinamentos emergiram quase de imediato, elevando seu nível de atenção, enquanto permanecia ajoelhado na montanha escura, preparando-se para uma batalha que existia apenas na sua cabeça. Logo Samm sentiu uma reação quase oposta àquela, uma sensação de bem-estar causada pela familiaridade com os efeitos do *link*. Há dias não se conectava a ninguém e a inesperada sensação, real ou imaginária, foi sentida como algo dolorosamente confortável. Samm fechou os olhos e se entregou ao momento, concentrando-se nas lembranças, desejando revivê-las com mais intensidade, mas após alguns breves instantes desapareceram. Estava só. Ele abriu os olhos e mirou pelo telescópio.

Nesse momento a comida tinha sido servida, bandejas largas de metal abarrotadas com porco cozido no vapor. Manadas de porcos selvagens eram comuns em Connecticut, especialmente no interior das florestas, longe dos assentamentos Partial. Um banquete como aquele deve ter exigido dos soldados que a caça se realizasse em algum lugar muito distante. Quando Samm viu a comida, seu estômago roncou, mas mesmo assim, permaneceu imóvel.

Longe dali, os soldados ficaram um pouco tensos. Todos ao mesmo tempo foram avisados pelo *link* de algo que Samm podia apenas supor. O coronel, pensou, virando o telescópio para observar Cornwell: seu estado de saúde jamais estivera tão crítico, sua aparência era frágil e cadavérica, no entanto o pulmão ainda subia e descia, e ali não parecia haver nada de errado que pudesse ser notado de imediato. Uma pontada de dor, talvez. Os homens na sala ignoravam sua condição e Samm decidiu fazer o mesmo. A impressão era de que o momento ainda não havia chegado e a festa continuava. Samm interceptou outra conversa, mais reminiscências sobre os velhos tempos da Guerra de Isolamento, e aqui e ali, histórias sobre a revolução, mas nada que reavivasse tão intensamente a sua memória como a história do sargento. Por fim, a visão das costelinhas de porco e o ruído dos homens mastigando foi demais para ele, que tirou da mochila uma sacola plástica com carne desidratada. Era uma pálida imitação das costelas suculentas que seus antigos companheiros saboreavam, mas era melhor do que nada. Samm voltou a olhar pelo telescópio e capturou o momento exato em que o major Wallace levantava-se para falar.

– O tenente coronel Richard Cornwell está incapacitado de falar com vocês, mas tenho a honra de pronunciar algumas palavras em seu nome. – Wallace movia-se lentamente, não apenas no andar, mas nos gestos e na fala. Cada movimento era medido e deliberado. Sua aparência era tão jovial quanto a de Samm, a de um humano de dezoito anos, mas no tempo cronológico beirava os vinte, a idade da data de validade. Em alguns meses, talvez em poucas semanas, ele começaria a definhar como Cornwell. Tal pensamento o deixou com frio e ele apertou a jaqueta em volta dos ombros.

A festa ficou tão silenciosa quanto Samm. A voz potente de Wallace atravessava o corredor, ecoando debilmente nos fones de ouvido: – Tive a honra de servir com o coronel toda a minha vida; ele mesmo me tirou do tanque de crescimento e me colocou no campo dos recrutas. É um homem superior a muitos que já conheci e um grande líder para todos nós. Não tivemos pais, mas gosto de pensar que, se fosse possível ter um, o meu seria alguém como Richard Cornwell.

Wallace parou de falar e Samm balançou a cabeça. Cornwell *era* o pai deles em todos os sentidos, menos no estritamente biológico. Cornwell havia ensinado, protegido e liderado aqueles soldados, enfim, tinha feito tudo que se espera que um pai faça. Tudo que Samm nunca teria a oportunidade de fazer. Ajustou o *zoom* do telescópio, aproximando o rosto do major o máximo possível. Não havia lágrimas, mas seus olhos estavam fundos e cansados.

– Fomos feitos para morrer – disse Wallace. – Para matar e depois morrer. Nossas vidas não têm senão dois propósitos, e o primeiro foi atingido há quinze anos. Às vezes penso que a data

de validade não é o mais cruel, mas o fato de termos levado quinze anos para descobri-la. Os mais jovens de nós ficaram com a pior parte, porque serão os últimos a partir. Nascemos na guerra, conquistamos a glória e agora sentamos num quarto escuro para assistir à própria morte.

No recinto lotado de Partials, os corpos enrijeceram ainda mais e alguns chegaram a ficar em pé. Samm moveu o telescópio descontroladamente para localizar o coronel, mas atrapalhou-se com o *zoom* fechado no rosto do major; durante alguns segundos de pânico, procurou impotente, enquanto apenas ouvia os gritos:

– O coronel! Chegou a hora!

Por fim, tirou os olhos do telescópio, regulou-o novamente e deu outro *zoom*, de uma distância de quase dois quilômetros. Encontrou a cama do coronel, colocada em um local de honra na frente do quarto. Viu então que Cornwell tremia e tossia, e que, pelo canto da boca, escorria um sangue escuro. Sua aparência já lembrava a de um cadáver, as células estavam se degenerando e o apodrecimento do corpo era visível para Samm e para os outros soldados. Ele arfava, contraía os músculos do rosto e tossia desmedidamente, até o momento em que ficou imóvel. O quarto estava em silêncio.

Samm assistia à cena, perplexo, enquanto os soldados preparavam o ritual final: sem dizer uma palavra, abriram janelas, cortinas e ligaram os ventiladores. Os humanos recebiam a morte com choro, discursos, lamentos e o ranger raivoso de dentes. Os Partials a recebiam da única forma que conheciam: por meio do *link*. O corpo Partial era projetado para o campo de batalha: quando morria, liberava uma carga de dados para informar seus companheiros do perigo; ao sentir a ligação, os soldados liberavam mais dados para transmitir a notícia. Os ventiladores giravam no ar espalhando os dados para o mundo, de modo que todos se conectavam e eram informados da morte de um grande homem.

Samm aguardava, tenso, sentindo a brisa tocar seu rosto. Por um lado, gostaria de saber, mas, por outro, não; sentiria ao mesmo tempo conexão e dor, comunidade e tristeza. Era deprimente a frequência com que essas sensações vinham juntas ultimamente. Ele olhava as folhas tremulando nas árvores do vale, os galhos balançando gentilmente à passagem da brisa. Os dados nunca chegaram.

Ele estava muito longe.

Samm embrulhou o telescópio e o microfone direcional e os acomodou na mochila com a pequena bateria solar. Revistou duas vezes o local, certificando-se de não ter esquecido nada: a sacola plástica com a comida estava de volta na mochila, os fones estavam guardados com os outros equipamentos e o fuzil pendurado no ombro. Mesmo a marca do tripé na terra foi apagada com um afofar da bota. Não havia indícios de que estivera ali.

Olhou uma última vez para o funeral do coronel, colocou a máscara de gás e deslizou de volta no exílio. Não havia espaço para desertores naquele armazém.

Capítulo Dois

Os raios de sol penetravam por entre os prédios, projetando um tapete de triângulos amarelos nas ruas esburacadas. Kira Walker observava a rua atentamente, abaixada atrás de um táxi enferrujado, no sopé de um profundo *canyon* urbano. A vegetação rasteira permanecia imóvel no asfalto rachado, intacta à ação do vento. A cidade estava completamente parada.

No entanto, algo havia se agitado.

Kira colocou o fuzil no ombro, na esperança de conseguir enxergar melhor com a mira telescópica, então se lembrou pela enésima vez que o instrumento tinha quebrado no esconderijo, na semana passada. Lançou uma maldição e abaixou a arma. *Assim que eu terminar aqui, vou procurar uma loja de armas para trocar esta droga.* Espiou a rua, tentando separar silhueta e sombra, e levantou o fuzil novamente antes de vociferar baixinho. *Velhos hábitos não morrem facilmente.* Abaixou a cabeça e deslocou-se ligeiramente para a traseira do táxi; havia um caminhão de entrega a uns trinta metros de distância com metade da carroceria atravessando a rua, o que possivelmente esconderia seus movimentos de qualquer coisa ou pessoa que estivesse por ali. Colocou a cabeça para fora, encarou a via inerte por quase um minuto, então cerrou os dentes e saiu correndo. Nenhuma bala, ruído ou grito. O caminhão estava cumprindo seu papel. Correu por detrás do veículo, apoiou-se sobre um dos joelhos e espreitou para fora da carroceria.

Um antílope moveu-se entre a vegetação baixa, os longos chifres espiralados apontavam para o céu, a língua comprida colhia a grama e os brotos que cresciam entre os destroços. Kira permaneceu imóvel, observando atentamente. Estava paranoica demais para acreditar que o antílope era a mesma coisa que antes vira se mexendo.

Um cardeal trilou no céu, e logo outro veio se juntar a ele; os pássaros pareciam riscos vermelhos que giravam, mergulhavam e perseguiam um ao outro entre os postes de iluminação e os semáforos. O antílope beliscou as folhas tenras de um broto de bordo, tranquilo e distraído. Kira observou até ter certeza de que não havia mais nada para ver; então, na dúvida, continuou olhando por mais uns instantes. Todo cuidado era pouco em Manhattan. Da última vez que estivera ali tinha sido atacada por Partials e nesta viagem tinha sido seguida por um urso e uma pantera. A lembrança a fez parar e olhar para trás. Nada. Fechou os olhos e tentou “sentir” a proximidade de um Partial, mas não deu certo. Nunca tinha funcionado, não de alguma maneira que ela pudesse reconhecer, mesmo quando passara uma semana em contato com Samm. Ela também era um Partial, mas de um modo diferente. Aparentemente não possuía o *link*, nem outras características, além disso, seu processo de crescimento e envelhecimento era como o de um humano normal. Na verdade, ela não sabia quem era e não havia ninguém a quem pudesse recorrer para conversar sobre o assunto. Apenas Samm e a cientista maluca Partial, a doutora Morgan, sabiam quem ela era. Kira sequer havia contado a Marcus, seu namorado e melhor amigo.

Tremeu apreensivamente, contraindo os músculos do rosto ante o desconforto provocado pela confusão que sempre se seguia às perguntas que fazia sobre si mesma. *É isso que vim encontrar aqui*, pensou. *Respostas.*

Sentou-se na calçada rachada, recostando-se contra o pneu furado do caminhão e pegou novamente o bloco de notas, embora àquela altura já tivesse memorizado o endereço: Cinquenta e quatro com Lexington. Tinha levado semanas para encontrar essa informação e muitos outros dias para chegar ao local através das ruínas. Talvez estivesse sendo cuidadosa demais...

Meneou a cabeça em desaprovação. Nunca se é “cuidadosa demais”. As áreas instáveis eram muito perigosas para se arriscar, e Manhattan era ainda mais insegura do que a maioria. Ela tinha sido cautelosa e continuava viva; não iria criticar uma estratégia que havia dado provas de seu sucesso.

Leu novamente o endereço e em seguida olhou para as placas de rua deterioradas pelo tempo. Sem dúvida estava no lugar certo. Guardou o computador novamente no bolso e sentiu o peso do fuzil. Era hora de entrar.

Hora de visitar a ParaGen.

O edifício comercial fora construído com portas de vidro e janelas que subiam até o teto, mas depois do Surto o vidro não resistira e agora todo o andar térreo estava vazio. O prédio não era a sede da ParaGen, que ficava a oeste, do outro lado do país, mas já era alguma coisa. Uma área financeira, localizada em Manhattan apenas com o objetivo de se comunicar com os departamentos financeiros de outras companhias. Kira havia passado semanas pesquisando até encontrar esse escritório. Abriu caminho entre montes de estilhaços de vidro, pilhas de tapumes e pedaços da fachada caídos dos andares superiores do prédio. Onze anos de abandono deixaram o chão coberto por uma camada de terra espessa o suficiente para a grama e as plantas rasteiras germinarem. Os bancos que certa vez estiveram forrados com vinil brilhante apareciam agora desgastados pelo sol e pela chuva e em fiapos, como se tivessem sido atacados pelas garras de um gato. Uma mesa grande, que provavelmente pertencera à recepcionista, estava deteriorada e abaulada, e era o epicentro de restos amarelados de crachás plásticos de identificação. Um painel na parede indicava dúzias de escritórios comerciais no edifício, e os olhos de Kira percorreram a lista envelhecida até encontrar a ParaGen. Ficava no vigésimo primeiro andar. Havia três elevadores na parede atrás da mesa da recepção, embora a porta de um deles estivesse pendurada no batente. Kira ignorou os elevadores e foi até a passagem que dava acesso às escadas na parte de trás do prédio. Havia um painel escuro na parede ao lado da porta, um sensor para ativar a fechadura magnética, mas sem eletricidade, aquilo não fazia sentido, as dobradiças seriam o maior problema. Inclinou-se contra a porta, empurrando-a gentilmente no início, depois com mais força, já que as dobradiças antigas resistiam à pressão. Finalmente a porta cedeu e pôde ver a escadaria que se elevava como uma torre.

– Vigésimo primeiro andar – suspirou. – Só podia ser.

Os prédios ao redor do mundo, em sua maioria, eram traiçoeiros demais para se arriscar a subir neles. Todos foram devastados durante o primeiro inverno após o Surto – as janelas

quebraram e o encanamento estourou. Depois da primavera, pisos e paredes se encheram de umidade. Dez ciclos depois desse “congelar-descongelar”, a maioria das paredes havia empenado, os tetos começavam a desabar e o chão estava virando farelo. O mofo tinha tomado conta da madeira e dos carpetes; havia insetos escondidos dentro das rachaduras, e a estrutura, que certa vez tinha sido sólida, tornara-se uma precária torre de migalhas e fragmentos; um reboco que ainda não tinha caído, esperando um chute, um passo ou uma voz em tom alto para levá-lo ao chão. Prédios maiores, entretanto, principalmente os novos como aquele onde ela estava, eram muito mais duráveis – seus ossos eram vigas de aço e sua carne, concreto e fibra de carbono. A pele, por assim dizer, ainda era frágil, vidro, plástico, carpete e placas de gesso, mas o edifício em si era robusto. A escada parecia particularmente bem conservada: empoeirada, mas não suja. O ar viciado levou Kira a pensar que talvez o local tivesse permanecido praticamente lacrado desde o Surto. Isso conferia à escada uma qualidade um tanto assustadora, como o de uma tumba; embora, pelo que podia ver, não houvesse ninguém enterrado ali. Começou a considerar a possibilidade de existir, trancado na escadaria, o corpo de alguém que estivesse no prédio quando o vírus RM atacou; mas, até o momento em que alcançou o vigésimo primeiro andar, não encontrara nada. Pensou em continuar subindo, para ver se encontrava algum cadáver, e assim satisfazer a curiosidade que sentira durante a escalada dos vinte e um andares, mas decidiu deixar o assunto de lado. Já havia corpos o bastante numa cidade daquele tamanho; metade dos carros nas ruas tinha esqueletos, e as casas e escritórios abrigavam outros milhares. Um corpo a mais ou a menos numa escadaria esquecida não faria diferença. Investiu com força contra a porta e com um ranger de dobradiças entrou no escritório da ParaGen.

Não era o escritório central, é claro. Tinha visto o complexo numa fotografia havia algumas semanas: ela ainda criança, seu pai e sua guardiã, Nandita, parados na frente de um imponente prédio de vidro, emoldurado por montanhas nevadas. Não sabia a localização do edifício, nem se lembrava em que momento essa foto tinha sido feita e menos ainda de algo relacionado à Nandita que fosse anterior ao Surto, mas estava tudo ali. Kira tinha apenas cinco anos quando o mundo acabou e naquela imagem talvez tivesse quatro. O que significava tudo aquilo? Quem realmente era Nandita e qual a sua ligação com a ParaGen? Trabalhara lá? Assim como seu pai? Kira sabia que ele tinha sido empregado em um escritório, mas na época era nova demais para reter determinadas informações na memória. Se ela era mesmo uma Partial, então seria uma experiência de laboratório? Um acidente? Um protótipo? Por que Nandita nunca lhe contou nada?

De qualquer jeito, aquela era a pergunta mais importante. Kira tinha morado com Nandita por quase doze anos. Era profundamente desagradável pensar que a velha sempre conhecera sua verdadeira identidade e que nunca tinha dito uma única palavra.

Tais pensamentos a deixaram nauseada, assim como tinha acontecido com aqueles que vieram à sua mente na rua. *Sou falsa*, pensou. *Uma construção artificial que pensa ser uma pessoa. Sou tão antinatural quanto este acabamento de pedra sintética na mesa.* Foi até a recepção e tocou na mesa que estava descascando: vinil prensado sobre uma lâmina de plástico. Muito

pouco natural e quem dirá real. Desviou o olhar, tentando não pensar no assunto e se concentrar na tarefa que tinha pela frente. A área da recepção era ampla para os parâmetros de Manhattan, um salão espaçoso repleto de sofás de couro e uma estrutura de pedras irregulares, provavelmente o que sobrou de uma fonte ou queda-d'água. Na parede atrás da mesa da entrada havia um logo de metal maciço da ParaGen, igual ao da foto. Tirou-a da bolsa, onde estava cuidadosamente dobrada, e comparou as duas imagens. *Idênticas*. Guardou a fotografia e deu a volta por trás da mesa da recepção, pegando com cuidado os papéis espalhados sobre o móvel. Assim como a escada, a sala não possuía saídas externas, por isso não tinha sofrido a influência do clima. Os papéis estavam velhos e amarelados, mas permaneciam intactos e bem-ordenados. A maioria era um amontoado de informações irrelevantes: agendas telefônicas e catálogos da empresa, além de livros de edição barata, lidos pela telefonista, como *Amo você até a morte*, cuja capa trazia a imagem de uma faca ensanguentada. Talvez não fosse o tipo de livro politicamente correto para o momento em que o mundo estava acabando, mas, quando o Surto ocorreu, a recepcionista já não trabalhava mais ali. O local deve ter sido evacuado quando a epidemia ficou fora de controle, ou quando o vírus foi lançado, ou até mesmo antes, na época da Guerra Partial. Kira tamborilou os dedos sobre o livro, percebendo que o marcador estava no último quarto da história. *Ela nunca descobriu quem amava quem até a morte*.

Kira olhou novamente a lista telefônica e notou que alguns dos ramais de quatro números começavam com 1 e outros, com 2. Talvez fosse porque o escritório ocupava dois andares do prédio. Virou as páginas e encontrou uma lista com números longos, de dez dígitos cada um. Vários começavam com 1303 e outros, com 1312. Tinha ouvido dos mais velhos, das pessoas que conheceram o velho mundo, que esses algarismos eram códigos de diferentes partes do país, mas não fazia ideia a quais regiões se referiam e não havia nenhuma indicação na agenda.

Os catálogos estavam empilhados ordenadamente no canto da mesa, as capas enfeitadas com espirais duplas estilizadas e uma imagem do mesmo prédio da fotografia de Kira, mas visto de outro ângulo. Pegou um desses livros para conferir os detalhes e viu edifícios parecidos ao fundo, sendo o mais impressionante uma torre de blocos que lembravam enormes cubos de gelo. Em letras cursivas, no final da página, lia-se a frase: “Tornando-nos melhor do que somos”. No interior do catálogo, páginas seguidas de fotos com pessoas sorrindo e de campanhas de venda de produtos para a modificação genética: cosméticos para alterar a cor dos olhos e dos cabelos, modificadores de saúde, para eliminar as doenças genéticas e reforçar a resistência às outras, até mesmo modificadores recreacionais, para se obter uma barriga reta, seios maiores, aumentar a força e a velocidade nas corridas, ou aprimorar os sentidos e os reflexos. Esses tipos de modificadores tinham sido tão populares antes do Surto que quase todos os sobreviventes em Long Island tinham usado algum. Mesmo as pessoas da chamada geração “praga de bebês”, que nasceram logo após o Surto e que não se lembravam da vida pré-epidemia, tinham recebido uma porção deles. O procedimento tornara-se padrão nos hospitais ao redor do mundo, e a ParaGen havia desenvolvido muitos dos produtos utilizados. Kira sempre achou que tinha ganhado o *kit* básico infantil de modificadores e às vezes ficava em dúvida se não havia recebido algo a mais.

Era uma boa corredora por causa do DNA dos pais ou graças a um desses medicamentos? Agora descobriu a resposta: ela corria bem porque era uma Partial. Projetada em laboratório para ser um humano ideal.

Da metade do catálogo em diante o assunto era especialmente os Partials, embora se referissem a eles como BioSynths e houvesse muito mais “modelos” do que ela imaginava. O tipo militar era o primeiro da lista, anunciado como um produto de “grande sucesso”, mas não tão disponível: o carro-chefe em biotecnologia havia sido aprovado em um milhão de testes de campo. Você podia “comprar” um soldado, claro, mas o catálogo trazia outras opções menos humanizadas com a mesma tecnologia, como cães de guarda superinteligentes, leões com enormes jубas transformados em bichos dóceis o bastante para serem mantidos como animais de estimação, e até algo chamado *MyDragon*, cuja aparência era a de um lagarto com asas, esguio e alongado, do tamanho de um gato doméstico. A última página promovia modelos novos de Partials, como o segurança, baseado no estilo militar, e outros que podiam ser encontrados pela internet. *É isso que sou? Um segurança, um escravo do amor ou algum outro tipo de lixo pervertido que essas pessoas vendiam?* Kira leu o catálogo novamente em busca de qualquer dica sobre si mesma, mas não encontrou nada; jogou a revista fora e pegou outra, mas o conteúdo era o mesmo, só a capa era diferente. Também se desfez dela e vociferou.

Não sou apenas um produto de catálogo, pensou. Fui projetada por algum motivo. Nandita estava comigo, cuidando de mim por alguma razão. Sou um agente duplo? Um aparelho de escuta? Uma assassina? Quando a doutora Morgan, a cientista Partial que me capturou, descobriu o que eu era, quase explodiu de tão nervosa. Ela é a pessoa mais assustadora que já conheci e ficou horrorizada apenas de pensar em qual podia ser a minha condição.

Fui criada por alguma razão, mas seria boa ou má?

Seja lá qual fosse a resposta, Kira não a encontraria no catálogo. Mesmo assim, pegou uma dessas revistas e a guardou na mochila, para o caso de um dia precisar. Em seguida segurou o fuzil e caminhou em direção à porta mais próxima. Era improvável se deparar com algo perigoso naquele andar do prédio, no entanto... o dragão da fotografia a tinha deixado nervosa. Kira jamais encontrara um daqueles ao vivo, nem leão, nem outra coisa parecida, mas era melhor prevenir do que remediar. Ela estava no covil do inimigo. *São espécies artificiais, projetadas para serem animais de estimação dóceis e dependentes. Nunca vi nenhum, pois estão todos mortos, caçados até a extinção por animais de verdade que sabem como sobreviver em um ambiente selvagem.* Por algum motivo, pensar assim a deixou deprimida e não ajudou a aliviar seus temores. Ainda era provável que se deparasse com salas cheias de cadáveres, tantas pessoas haviam morrido em Manhattan que a cidade era uma verdadeira tumba. Ela colocou a mão na porta, criou coragem e a abriu.

Kira sentiu uma lufada fresca e saudável, diferente do ar estagnado no saguão e na escada. A porta deu para uma passagem pequena alinhada com escritórios nas paredes laterais e uma série de janelas com os vidros quebrados no final do corredor. Uma cadeira preta de escritório mantinha a porta da primeira sala aberta. Colocou a cabeça para dentro e perdeu o

fôlego ao ser surpreendida por um trio de andorinhas marrom-amareladas que, de repente, levantou voo de um ninho localizado na estante. Uma brisa agradável que vinha das janelas quebradas tocou sua face, balançando os fios de cabelo que não estavam presos no rabo de cavalo. Em algum momento, a sala já tinha tido janelas do chão até o teto, mas agora o lugar parecia uma caverna encravada na encosta de uma montanha. Olhou desconfiadamente para a cidade coberta de ruínas.

O nome na porta dizia DAVID HARMON e a decoração do escritório era simples: uma mesa de plástico transparente, uma estante de livros com uma crosta de sujeira de passarinho e uma lousa branca desbotada na parede. Kira ajeitou o fuzil no ombro e entrou em busca de algum tipo de documentação que pudesse pesquisar, mas não havia nada, nem mesmo um computador; embora, de qualquer forma, sem eletricidade, fosse impossível ter acesso às informações. Aproximou-se da estante, tentando ler os títulos sem tocar nos excrementos e encontrou várias fileiras de guias de referência financeira. David Harmon deve ter sido um contador. Kira deu mais uma checada ao redor, na esperança de uma descoberta de última hora, mas o local estava vazio. Voltou para o corredor e entrou na sala seguinte.

Depois de vasculhar mais dez escritórios, ela ainda não havia encontrado nada que lançasse alguma luz na solução de seus mistérios: um punhado de livros-razão e de vez em quando um armário, que podia estar totalmente vazio ou lotado com demonstrativos de lucros. De uma coisa ela tinha certeza: a ParaGen tinha sido escandalosamente rica. Mas quanto ao resto ainda pouco sabia.

As informações importantes estariam nos computadores, mas não parecia haver nenhum por ali. Kira franziu o cenho, perturbada, pois tinha ouvido que as pessoas no velho mundo dependiam do computador para tudo. Por que no escritório não existiam os monitores de tela plana nem as torres metálicas que ela estava acostumada a ver em quase todos os lugares? Ela suspirou e balançou a cabeça em sinal de frustração, reconhecendo que, mesmo que encontrasse os computadores, não saberia o que fazer com eles. Já havia usado alguns tipos no hospital, tomógrafos e outros indicados para certos tratamentos ou diagnósticos, mas eram máquinas isoladas, com propósitos específicos. No velho mundo, os computadores faziam parte de uma rede extensa, capaz de se comunicar instantaneamente com o mundo inteiro. Tudo estava armazenado neles, desde livros até músicas, inclusive, ao que tudo indica, os planos arduos da ParaGen. No entanto, nestes escritórios não existiam computadores...

Mas há uma impressora. Kira olhou fixamente para o canto da mesa, no último departamento do andar. Era maior do que os outros e na porta estava escrito GUINEVERE CREECH; provavelmente, a sala da vice-presidência ou de algum outro cargo importante. Havia papéis em branco espalhados pelo chão, amassados e descoloridos pelas tempestades que sopravam das janelas abertas. Ao lado da mesa estava uma pequena caixa de plástico. Ela reconheceu a impressora; havia dúzias delas no hospital, mas que eram inúteis agora pela falta de tinta. Kira tinha recebido a incumbência de transportá-las de um depósito para outro. No velho mundo eram usadas para imprimir documentos diretamente do computador; então, se havia uma

impressora na sala, também deveria haver um computador – ou pelo menos houve em algum momento. Ela pegou a caixa para examiná-la de perto: nenhum cabo, nem mesmo uma entrada, ou seja, era *wireless*. Colocou o aparelho de volta e ajoelhou-se para olhar embaixo da mesa; não havia nada ali. Por que alguém teria retirado todos os computadores? Seria para esconder as informações quando o mundo acabasse? Com certeza Kira não era a primeira pessoa a ter a ideia de ir até ali; a ParaGen tinha construído os *Partials* e a companhia fora uma autoridade mundial em biotecnologia. Mesmo que a responsabilidade pela Guerra *Partial* não tivesse caído sobre eles, o governo teria procurado seus cientistas para ajudar na cura do RM. *Partindo do princípio, claro, de que o governo não sabia que os Partials carregavam a cura*. Espantou aquele pensamento. Não estava ali para alimentar teorias conspiratórias, mas para descobrir os fatos. Quem sabe os computadores tenham sido confiscados? Olhou para cima, esquadrinhando a sala, apoiada sobre as mãos e os joelhos. A partir desse privilegiado ponto de vista, viu algo que lhe escapara antes: um círculo negro brilhante na estrutura metálica da mesa. Kira moveu a cabeça e a mancha piscou de volta para ela, retendo e liberando a luz. Franziu o rosto, levantou-se e balançou a cabeça ao perceber a simplicidade patética da situação.

As mesas eram os computadores.

Agora que descobrira, ficava óbvio. As mesas de plástico transparente eram quase réplicas exatas, mas em grande escala, da tela do medicomp usado no hospital. O cérebro – a CPU, o *hard drive* e o computador em si – estava acondicionado na estrutura metálica; assim, quando se ligava o computador, a mesa inteira se iluminava com a tela *touch*, o teclado e todo o resto. Kira ajoelhou-se novamente, analisou a base das pernas metálicas, e gritou de alegria ao encontrar um cabo preto curto ligado a um soquete no chão. Outro bando de andorinhas levantou voo ao ouvir o barulho. Ela sorriu, embora soubesse que ainda não era motivo para comemorar – encontrar os computadores não significava nada enquanto não conseguisse ligá-los. Seria necessário um carregador, e ela não havia colocado nenhum na bolsa quando deixou apressadamente East Meadow; sentiu-se uma idiota pela negligência, mas agora não havia nada que pudesse fazer. A única opção era tentar encontrar um gerador em Manhattan, talvez em alguma loja de ferramentas ou de eletrônicos. Depois do Surto a ilha passou a ser considerada perigosa demais, por isso a maioria das lojas ainda não tinha sido saqueada. Mesmo assim, não era uma boa ideia subir vinte e um andares arrastando um gerador.

Kira soltou o ar lenta e profundamente, organizando os pensamentos. *Preciso descobrir o que sou. Preciso saber qual é a ligação do meu pai com tudo isso, e também a de Nandita. Preciso encontrar a Verdade*. Pegou novamente a fotografia, ela, o pai e Nandita em frente do complexo da ParaGen. Alguém havia escrito uma mensagem: *encontre a Verdade*. Ela mal sabia o que era a Verdade, menos ainda onde encontrá-la; não tinha ideia de quem tinha enviado a foto ou escrito aquele recado, mas pela caligrafia desconfiava de Nandita. As dúvidas pairavam sobre ela como uma enorme nuvem negra e, fechando os olhos, tentou respirar profundamente. Tinha depositado todas as suas esperanças naquele escritório, a única parte da ParaGen à qual tinha acesso. Se não encontrasse nada de útil ou alguma outra pista ali seria quase insuportável.

Kira levantou-se e andou rapidamente até a janela em busca de ar. Manhattan se estendia lá embaixo, metade cidade, metade floresta; uma enorme massa verde de árvores decididas a sobreviver e prédios caindo aos pedaços, cobertos de vinha. Tudo era tão *grande*, exageradamente grande, e isso apenas na cidade. Para além dela havia outros lugares, estados, nações, continentes inteiros que Kira nunca tinha visto. Sentiu-se perdida e cansada pela simples impossibilidade de desvendar um pequeno segredo num mundo tão grande. A garota observou um bando de pássaros em revoada, alheios a ela e aos seus problemas; o mundo havia acabado e eles sequer notaram. Se o último ser pensante desaparecesse, o sol continuaria a nascer e os pássaros a voar.

Qual a importância de seu sucesso ou fracasso?

Kira ergueu a cabeça e falou:

– Não vou desistir. Não importa o quanto o mundo é grande, isso significa apenas mais lugares onde procurar.

Voltou ao escritório e abriu a primeira gaveta do armário. Se a Verdade tinha alguma relação com a ParaGen, talvez algum projeto especial ligado à liderança Partial, como sugerira Samm, o dinheiro da operação deve, cedo ou tarde, ter passado por aquele escritório e ela poderia encontrar algum documento. Espanou o pó de cima da mesa e começou a retirar as pastas do armário, pesquisando linha por linha, item por item, pagamento por pagamento. Quando terminava de conferir uma pasta, jogava-a no chão, no canto da sala, e começava a ler outra, hora após hora; só parou quando o excesso de escuridão impediu a leitura. A noite estava fria e ela pensou em fazer uma pequena fogueira em cima de alguma mesa, onde pudesse controlar a intensidade das chamas, mas mudou de ideia. Nas ruas era fácil esconder as fogueiras de qualquer um que estivesse vigiando, mas um foco de luz àquela altura seria visível a quilômetros de distância. Em vez disso, retornou à área da recepção, na saída da escada, fechou todas as portas e colocou o saco de dormir próximo à mesa. Abriu uma lata de atum e comeu no escuro, pegando o peixe com os dedos e fingindo degustar um sushi. Depois, caiu num sono leve e quando acordou já era dia. Voltou direto para o trabalho, analisando os documentos.

No meio da manhã, finalmente encontrou algo.

“Nandita Merchant”. Ler aquele nome abalou o seu sistema nervoso, cansado após tantas horas de pesquisa. “Cinquenta e um mil, cento e doze dólares pagos em 5 de dezembro de 2064. Depósito em conta. Arvada. Colorado.” A informação estava em uma folha de pagamento muito extensa, que parecia incluir funcionários de toda a multinacional. Franziu o rosto e leu a declaração novamente. Não havia menção a que tipo de trabalho era o de Nandita, apenas o que pagaram a ela. Kira não fazia ideia ao que se referia o valor, se a um salário mensal, anual, ou se era o pagamento único relativo a um trabalho específico. Voltou à leitura da contabilidade e encontrou os registros do mês anterior; virava as páginas rapidamente em busca do nome de Nandita. “Cinquenta e um mil, cento e doze dólares em 21 de novembro”, leu e encontrou a mesma anotação para o dia 7 de novembro. *Então é um salário quinzenal, que no fim do ano chega a... cerca de um milhão e duzentos mil dólares. Parece ser bastante.*

Kira não tinha uma referência de salário no velho mundo, mas ao correr os olhos pela lista de pagamentos, ela pôde ver que o valor de cinquenta e um mil, cento e doze dólares era um dos mais altos. – Ela era uma das figuras mais importantes da companhia – murmurou Kira, pensando alto. – Ela ganhava mais do que a maioria, mas qual era o seu trabalho?

Ela queria procurar informações sobre o pai, mas não sabia o sobrenome dele. O seu próprio, Walker[1], era um apelido que recebera dos soldados que a encontraram após o Surto, enquanto andava quilômetros e quilômetros em busca de comida na cidade vazia. “Kira, a que caminha”. Ela era tão pequena que não conseguia lembrar o próprio sobrenome, onde o pai trabalhava ou em que cidade havia morado...

– Denver! – gritou, o nome repentinamente vindo-lhe à cabeça. – Morávamos em Denver. O estado é Colorado, certo? – Ela checou os pagamentos de Nandita novamente: Arvana, Colorado. *Seria próximo a Denver?* Dobrou a página com cuidado e a guardou na bolsa, fazendo a promessa de que consultaria um atlas em alguma livraria antiga. Voltou para a folha de pagamento procurando pelo primeiro nome do pai, Armin, mas a listagem estava organizada pelo sobrenome – encontrar um Armin entre milhares de pessoas daria mais trabalho do que qualquer outra coisa. Na melhor das hipóteses, achar o nome do pai só confirmaria o que a foto já sugeria: que ele e Nandita trabalharam juntos na mesma empresa. O que não ficava claro era o que faziam e o porquê.

O segundo dia de pesquisa não rendeu nada que pudesse ser usado e num ataque de petulância Kira rosnou e arremessou a última pasta pela janela quebrada; logo depois, repreendeu-se por ter se arriscado a chamar a atenção de qualquer um que pudesse estar rondando a cidade. Era improvável, claro, mas não era uma boa ideia dar chance ao azar. Afastou-se da janela, torcendo para que qualquer um que pudesse ter visto os documentos caído pensasse que se tratava da ação do vento ou de algum animal; então se concentrou em seu próximo projeto: o segundo andar.

Na verdade, era o vigésimo segundo andar – corrigiu-se, enquanto subia pesadamente as escadas à parte superior. Estranhamente, a porta não estava bem fechada, e quando chegou lá, não teve dificuldade para entrar em uma sala que se parecia com um mar de cubículos. Não havia recepção, apenas um punhado de escritórios; o resto do espaço possuía divisórias baixas e um ambiente comum de trabalho. Muitos dos cubículos tinham computadores ou instalações onde um *notebook* podia ser plugado. Não havia as sofisticadas mesas-computador. Mas o que realmente chamou sua atenção foram os cubículos com cabos soltos. Lugares onde supostamente deveriam estar os computadores, que devem ter sido arrancados de lá.

Kira ficou gelada, olhando atentamente o local. Ventava mais do que no andar de baixo graças a uma série de janelas quebradas e à falta de paredes entre os escritórios que impedissem a passagem do ar. Ocasionalmente pedaços de papel ou redemoinhos de poeira passavam pelos minúsculos compartimentos, mas não chamavam a atenção de Kira, mais preocupada com as seis mesas próximas a ela. Quatro delas eram normais: monitores, teclados, organizadores e fotos de família. Mas havia duas onde faltavam os computadores. Na verdade, pela situação das

mesas, dava para deduzir que as máquinas tinham sido saqueadas; os organizadores e as fotos foram empurrados para o lado ou jogados no chão, o que reforçava a impressão de que quem tinha levado o computador estava apressado demais para se preocupar com qualquer outra coisa. Kira ajoelhou-se para examinar a próxima mesa, sobre a qual havia um porta-retrato tombado. Uma camada de terra cobria o objeto e, com o tempo e a umidade, cogumelos haviam brotado nele. Não era de se surpreender, após onze anos a céu aberto, metade dos prédios em Manhattan tinha sido invadida por uma camada de terra. No entanto, o que chamou a atenção de Kira foi uma pequena haste amarela, como uma lâmina de grama, desenrolada debaixo do porta-retrato. Olhou pela janela, aferindo o ângulo, e concluiu que por algumas horas aquele local recebia luz do sol em abundância, mais do que o suficiente para alimentar uma planta. Havia outros brotos ao redor – então aquela não era a questão e sim a forma como a grama crescia na parte debaixo da fotografia. Virou o porta-retrato de frente, expondo uma pequena massa de besouros, cogumelos e graminhas mortas. Kira sentou-se boquiaberta com as implicações do que acabara de descobrir.

Quando a fotografia foi derrubada, a grama já tinha começado a crescer.

Aquilo não tinha sido recente. A moldura apresentava bastante terra e estrume sobre ela e nas suas laterais, o que demonstrava que estivera deitada ali por muito tempo, mas não por onze anos. O Surto tinha estourado e passado, os prédios haviam sido abandonados, a terra e as sementes, depositadas, e então o cubículo fora saqueado. Quem teria feito aquilo? Humanos ou Partials? Kira examinou embaixo da mesa e encontrou vários cabos desconectados, mas nenhum indício de quem teria levado aqueles computadores. Engatinhou até a próxima estação de trabalho, que também havia sido saqueada, e encontrou um cenário parecido. Alguém tinha subido até o vigésimo segundo andar, roubado dois computadores e os carregado escada abaixo.

Por que alguém faria isso? Kira reclinou-se, intrigada com as possibilidades. Pensou que se alguém estivesse atrás de informações sempre seria mais fácil transportar os computadores pela escada do que um gerador. Mas por que levaram esses dois e não os outros? O que havia de especial neles? Olhou ao redor novamente e percebeu, surpresa, que esses dois cubículos eram os mais próximos do elevador. Isso fez menos sentido ainda: depois do Surto, não havia eletricidade para fazer o elevador funcionar. Essa não era a razão. Nem havia nomes nas salinhas. Se alguém tinha interesse específico nesses dois computadores é porque conhecia o local internamente.

Kira levantou-se e percorreu todo o andar; caminhava devagar, procurando qualquer outra coisa que estivesse fora do lugar ou apresentasse sinais de ter sido saqueada. Sentiu falta de uma impressora, mas não conseguiu concluir se fora levada antes ou depois do Surto. Quando terminou de rastrear a área central, checkou algumas salas ao longo da parede dos fundos, e reprimiu um grito ao descobrir que uma delas tinha sido completamente pilhada. O computador já não estava lá, as prateleiras haviam sido esvaziadas, tudo tinha sido levado. Havia restos de material de escritório para lembrar que o local certa vez fora uma empresa em funcionamento: um telefone, um cesto de lixo, várias pequenas pilhas de papel e outras coisas, mas nada além. A sala possuía muito mais estantes do que as outras, porém estavam vazias, e Kira perguntou-se o

que exatamente havia sido roubado dali.

Fitou a mesa, onde havia alguma coisa de diferente, algo que ela não conseguia exatamente dizer o que era. Viu um pequeno organizador caído no chão, assim como nos cubículos, o que demonstrava que aquele escritório fora roubado com a mesma urgência e ansiedade. Seja lá quem fosse o responsável por aquilo, o fato é que a pessoa estava com uma tremenda pressa. Os cabos que agora não se conectavam a nenhuma máquina estavam pendurados como os outros, com a diferença que naquela sala eram em quantidade muito maior do que nos cubículos. Ela vasculhou seu cérebro tentando decifrar o que a incomodava e finalmente a ficha caiu: o pequeno escritório não tinha fotografias. A maioria das mesas nas quais havia mexido nos últimos dois dias tinha pelo menos uma foto de família. Em outras apareciam ainda mais: casais sorrindo, grupos de crianças vestindo roupas combinadas, a imagem preservada de famílias que agora já estavam mortas há muito tempo. Essa, entretanto, não exibia foto alguma. O que sugeria duas possibilidades: primeira, que o homem ou a mulher que trabalhava ali não tinha família ou não ligava para ela o suficiente a ponto de mostrá-la nas fotos; segunda, e a mais intrigante, quem levou o computador também levou as fotos. A opção mais plausível era a de que quem levou as fotos era a mesma pessoa que um dia trabalhara naquela sala.

Kira olhou para a porta, onde leu AFA DEMOUX, e embaixo, com letras em negrito, TI. Seria TI um apelido? Não parecia muito simpático, mas seu conhecimento sobre a cultura do velho mundo era, na melhor das hipóteses, superficial. Ela foi verificar como eram as outras portas e notou que todas seguiam o mesmo padrão, com um nome e um complemento abaixo, embora a maioria fosse uma palavra mais longa: LOGÍSTICA, VENDAS, MARKETING.

Seriam títulos? Departamentos? Somente TI estava em letras maiúsculas, então podia ser um acrônimo, mas Kira não sabia quais palavras representava. *Testes... Invenção*. Balançou a cabeça. Aquilo não parecia um laboratório, então Afa Demoux não era um cientista. Qual seria a sua função? Será que ele tinha voltado para apanhar o próprio equipamento? Seria o seu trabalho tão vital ou perigoso que outra pessoa tinha vindo pegá-lo? Não se tratava de um roubo aleatório – ninguém sobe vinte e dois andares de escada por causa de dois computadores quando existem tantos outros no piso térreo. Quem os roubou tinha motivo para isso – algo importante estava guardado nesses equipamentos. Mas quem teria sido? Afa Demoux? Alguém de East Meadow? Um dos Partial?

Quem mais estava ali?

Capítulo Três

—A audiência está aberta.

Marcus estava no fundo do corredor, nas pontas dos pés para ver por cima da multidão que lotava o salão. Ele enxergava sem dificuldade os senadores – Hobb, Kessler, Tovar e um novo representante que ele não conhecia –, sentados no tablado atrás de uma mesa comprida. Os dois acusados, porém, estavam fora do seu campo de visão. O prédio da prefeitura, que era usado para essas sessões, tinha sido destruído durante um ataque da Voz ocorrido há dois meses, antes de Kira encontrar a cura para o RM e de a Voz ter saído da clandestinidade. Sem a prefeitura, passou-se a ocupar o auditório da antiga escola de ensino médio de East Meadow, que tinha sido fechada alguns meses antes, então por que não? *Claro*, pensou Marcus, *o prédio é uma das coisas que menos mudou desde o que aconteceu*. O antigo líder da Voz era agora um dos senadores e dois dos antigos políticos eram os que estavam sendo julgados. Marcus ficou novamente nas pontas dos pés, mas o auditório estava lotado e só havia lugar para quem quisesse permanecer em pé. A impressão era de que todos de East Meadow tinham vindo para acompanhar a sentença final de Weist e Delarosa.

– Vou vomitar – avisou Isolde, apertando o braço de Marcus. Ele abaixou o corpo, rindo das náuseas matinais da amiga, mas logo contraiu o rosto em sinal de dor, assim que ela o apertou mais forte e enterrou as unhas na pele de Marcus. – Pare de rir de mim – resmungou.

– Não estava rindo alto – ele respondeu.

– Estou grávida – disse ela. – Meus sentidos estão totalmente à flor da pele, posso sentir o cheiro dos seus pensamentos.

– Sentir o cheiro?

– É um superpoder bastante limitado – disse. – Agora, falando sério, preciso de um pouco de ar fresco ou vou deixar esta sala ainda mais nojenta do que já está.

– Quer ir lá fora?

Isolde concordou com a cabeça, fechou os olhos e respirou lentamente. Sua barriga ainda não era visível, mas os enjoos matinais estavam terríveis; na verdade, havia perdido peso ao invés de ganhar, não conseguia segurar a comida no estômago e a enfermeira Hardy a tinha atendido com impaciência, reclamando de que ela precisava melhorar logo. Isolde tinha se afastado uma semana do trabalho para descansar e isso ajudara um pouco, mas era viciada demais em política para ficar de fora de uma audiência como aquela. Marcus olhou para o fundo do salão e, ao ver uma cadeira ao lado de uma janela aberta, levou Isolde para lá.

– Com licença, senhor – disse Marcus educadamente. – Minha amiga pode usar esta cadeira?

O homem sequer estava sentado, na realidade estava parado na frente dela. Mesmo assim, olhou irritado para Marcus.

– O primeiro a chegar é o primeiro a sentar – respondeu. – Agora fique quieto para eu poder ouvir.

– Ela está grávida – explicou Marcus, inclinando a cabeça presunçosamente em reação à repentina mudança de comportamento do homem.

– Por que não avisou antes? – disse, dando imediatamente um passo para o lado, oferecendo a cadeira a Isolde e saindo em busca de outro lugar para ficar. *Sempre funciona*, pensou Marcus. Mesmo depois da revogação da Lei da Esperança, as mulheres continuavam a ser tratadas como se fossem sagradas. Agora que Kira tinha descoberto a cura do RM, havia uma verdadeira esperança de que os bebês sobrevivessem mais do que apenas alguns dias, e por isso essas atitudes protetoras tinham se tornado ainda mais comuns. Isolde sentou, abanando-se. Marcus posicionou-se atrás da cadeira, onde podia evitar que as pessoas bloqueassem a circulação do ar, e novamente olhou para a frente do auditório.

– ...é justamente o tipo de coisa que estamos tentando interromper em primeiro lugar – dizia o senador Tovar.

– Você deve estar brincando – respondeu o novo senador do grupo. Marcus concentrou-se para ouvi-lo melhor: – Você era o líder da Voz – ele disse para Tovar. – Ameaçou começar e, segundo algumas interpretações, de fato deu início a uma guerra civil.

– O fato de a violência ser ocasionalmente necessária não significa que seja uma coisa boa – observou Tovar. – Lutávamos para evitar uma atrocidade, não para punir algo que já aconteceu...

– A pena capital é, em essência, uma medida preventiva – retrucou o senador. Marcus surpreendeu-se, sequer sabia que a execução poderia ser aplicada a Weist e Delarosa. Quando restam apenas trinta e seis mil humanos, não é possível executá-los precipitadamente, sejam eles criminosos ou não. O novo senador gesticulou em direção aos prisioneiros. – Nossa comunidade é muito pequena. Por isso, quando estes dois morrerem como consequência de seus delitos, todos ficarão tão intimamente marcados que dificilmente se repetirão crimes como os que eles cometeram.

– Os crimes deles foram conduzidos por meio da aplicação direta de prerrogativas do Senado – rebateu Tovar. – Para quem exatamente você está tentando mandar recado?

– Para qualquer um que trate a vida como uma ficha de aposta em um jogo de pôquer – respondeu o homem. Marcus percebeu que o clima tinha ficado tenso no auditório. O novo senador encarava friamente Tovar, e, mesmo no fundo da sala, Marcus conseguiu pescar a indireta: se pudesse, aquele homem executaria Tovar junto com Delarosa e Weist.

– Eles fizeram o que julgaram ser o melhor – disse Kessler, uma das antigas senadoras que havia conseguido minimizar os efeitos do escândalo e se mantido no cargo. Por tudo que Marcus tinha visto e pelos detalhes internos que ouvira de Kira, Kessler e os outros eram tão culpados quanto Delarosa e Weist; eles tinham tomado o poder e declarado a lei marcial, transformando a tímida democracia de Long Island num estado totalitário. Os senadores agiram desse modo para proteger as pessoas, ou assim se justificaram, e no começo Marcus tinha ficado

do lado deles: afinal, a humanidade corria o risco de extinção e com tantos perigos é difícil argumentar que a liberdade seja mais importante do que a sobrevivência. Mas Tovar e os outros da Voz tinham se rebelado e o Senado reagiu. A Voz, por sua vez, revidou contra o Senado, e assim por diante, até que subitamente o governo estava mentindo para a população, explodindo o próprio hospital e matando secretamente seus soldados numa armação para propagar o medo de uma invasão Partial e unir a ilha novamente. A acusação oficial era de que os mandantes tinham sido Delarosa e Weist, e os outros apenas cumpriam ordens. Não se poderia punir Kessler por obedecer seu líder mais do que se poderia fazer com um soldado da Rede de Defesa por acatar as ordens de Kessler. Marcus ainda não tinha uma opinião formada sobre como o governo tinha agido, mas era óbvio que o novo senador desaprovava totalmente sua ação.

Marcus abaixou-se e colocou a mão sobre o ombro de Isolde.

– Quem é mesmo o novo cara?

– Asher Woolf – ela sussurrou. – Foi ele quem substituiu Weist como representante da Rede de Defesa.

– Então está explicado – respondeu Marcus, levantando-se. *Você não mata um soldado sem transformar todos os outros homens do exército em seus inimigos mortais.*

– O que julgaram ser o melhor... – repetiu Woolf, encarando a multidão e depois voltando o olhar para Kessler – ...nesse caso, o que julgaram ser o melhor foi matar um soldado que já tinha sacrificado sua própria saúde e segurança para proteger um segredo deles. Se fizermos com que paguem na mesma moeda, talvez o próximo grupo de senadores não irá achar que essa decisão seja a mais certa.

Marcus olhou para Hobb, curioso para saber por que ele ainda não tinha se pronunciado. Era o melhor debatedor do Senado; mas, na opinião de Marcus, ele não passava de um homem fútil, manipulador e oportunista. Hobb convencera Isolde a engravidar e para Marcus isso era algo que talvez o impedisse de algum dia voltar a respeitá-lo. Ele não demonstrava nenhum interesse pelo filho. Agora também lavava as mãos em relação à sentença. Por que se mantinha em cima do muro?

– Acredito que o recado esteja dado – disse Kessler. – Weist e Delarosa foram julgados e condenados. Estão algemados e a caminho da prisão, estão pagando...

– Estão sendo mandados para algum local bucólico onde vão comer bife e bancar os ganhões para um bando de caipirinhas solitárias – disse Woolf.

– Cuidado com o que fala! – advertiu Kessler. A fúria em sua voz fez Marcus piscar. Era amigo da filha adotiva de Kessler, Xochi, e tinha presenciado aquela fúria vezes demais para se dar ao trabalho de contá-las. Marcus não desejava estar na pele de Woolf. – Independentemente do seu ponto de vista misógino sobre as nossas comunidades rurais – continuou Kessler –, os acusados não estão sendo mandados para um *resort*. São prisioneiros e estão sendo enviados para um campo de serviços forçados, onde trabalharão mais pesado do que você o fez na sua vida inteira.

– E não vai alimentá-los? – Woolf perguntou.

Kessler ferveu.

– É claro que vamos alimentá-los.

Woolf franziu a sobrancelha, fingindo-se confuso.

– Então não vão permitir que tomem ar fresco e um pouco de sol?

– Onde mais poderia estar um campo de trabalhos forçados senão num espaço aberto?

– Nesse caso, estou confuso – disse Woolf. – Até o momento isso não me parece uma punição. O senador Weist ordenou o assassinato a sangue frio de um de seus soldados, um adolescente que estava sob o seu próprio comando. E o seu castigo é uma cama macia, três refeições decentes por dia, preparadas com alimentos mais frescos do que os que comemos aqui em East Meadow, e todas as garotas que ele jamais imaginou...

– Você insiste em dizer “garotas” – interrompeu Tovar. – Aonde quer chegar?

Woolf ficou quieto e encarou Tovar, então pegou um pedaço de papel e deslizou o olhar sobre ele enquanto falava.

– Talvez eu tenha interpretado mal a natureza de nossa abolição da pena capital. Não podemos matar ninguém porque, em nossas próprias palavras, “há apenas trinta e cinco mil pessoas no planeta, e não podemos nos dar ao luxo de perder mais alguém” – disse Woolf, levantando o olhar. – Correto?

– Agora temos a cura para o RM. Isso significa que existe um futuro. Não podemos perder uma pessoa sequer – respondeu Kessler.

– Porque precisamos dar continuidade a nossa espécie – disse Woolf com mesura. – Multiplicar e repovoar a Terra. Claro. Você gostaria que eu lhes contasse de onde os bebês vêm ou devo pedir uma lousa para desenhar um diagrama?

– Não se trata de sexo – contestou Tovar.

– Nisso você tem toda a razão.

Kessler lançou as mãos para o ar.

– E se não os deixarmos procriar? Isso deixaria você satisfeito?

– Se não os deixarmos procriar, não há motivo para mantê-los vivos – disparou Woolf. – Seguindo a sua própria lógica, eles devem morrer e sem demora.

– Eles podem trabalhar – argumentou Kessler. – Podem arar os campos, moer trigo para a ilha inteira...

– Não os manteremos vivos para que se reproduzam, nem para que sejam escravos – disse Tovar baixinho. – Faremos isso porque matar é errado.

Woolf balançou a cabeça. – Punir criminosos é...

– O senador Tovar está certo – disse Hobb, levantando-se. – Esta discussão não tem nada a ver com sexo, reprodução, trabalho manual ou qualquer outra dessas questões que estamos discutindo. Nem se trata de sobrevivência. Como dissemos, existe um futuro para a raça humana, e, embora alimentos e crianças sejam essenciais para a continuação da vida, não são o mais importante. São o meio de nossa sobrevivência, mas não podem se tornar o fim. Não podemos ser reduzidos, nem devemos nunca nos reduzir, ao nível da pura subsistência física. – Ele

caminhou em direção ao senador Woolf. – Nossos filhos irão carregar mais do que nossos genes, mais do que nossa infraestrutura. Herdarão nossa moral. O futuro que ganhamos com a descoberta da cura do RM é um presente precioso que necessita ser conquistado, dia a dia, hora a hora, por pessoas que mereçam ter um amanhã. Queremos que nossos filhos se matem uns aos outros? Então devemos ensiná-los com o nosso exemplo que cada vida é preciosa. Assassinar um assassino pode passar uma mensagem confusa.

– Cuidar de um assassino é tão confuso quanto – disse Woolf.

– Não vamos cuidar de um assassino – continuou Hobb –, vamos cuidar de todos: velhos e jovens, detentos e pessoas em liberdade, homens e mulheres. E se acontecer de um deles ser um assassino, se dois ou três ou centenas forem assassinos, continuaremos a cuidar deles. – Ele sorriu jubilosamente. – Obviamente os impediremos de matar outras pessoas, não somos bobos. Estamos em busca de parâmetros mais elevados de vida. Agora temos um futuro, não vamos inaugurá-lo com a morte.

Houve aplausos espalhados pelo salão, embora Marcus tenha ficado com a impressão de que alguns soaram forçados. Algumas pessoas gritaram palavras de descontentamento, mas o discurso agora era outro e Marcus sabia que a decisão estava tomada. Woolf não parecia satisfeito, mas de toda forma, após as palavras de Hobb, tampouco parecia ansioso para continuar pedindo a execução. Marcus tentou espiar a reação dos prisioneiros, mas continuava sem conseguir enxergá-los. Isolde murmurava algo e ele se abaixou para poder ouvi-la.

– O que disse?

– Que ele é um demagogo idiota – disparou Isolde, e Marcus recuou em desagrado. Era uma situação da qual não queria participar. Isolde insistia em dizer que seu caso com Hobb aconteceu espontaneamente – ela trabalhara como sua assistente durante meses, e ele era um homem bonito e charmoso –, mas sua atitude tinha azedado de forma significativa após a gravidez.

– Acredito que não haverá mais deliberações – disse Tovar. – Meu voto é para que Marisol Delarosa e Cameron Weist sejam sentenciados à prisão perpétua em regime de trabalho forçado na fazenda Stilwell. Todos a favor?

Tovar, Hobb e Kessler levantaram as mãos; em seguida Woolf fez o mesmo. A votação foi unânime. Tovar curvou-se para assinar o documento à sua frente e quatro soldados da Rede de Defesa surgiram das laterais para conduzir os prisioneiros. O salão se encheu com o ruído de centenas de comentários, as pessoas argumentavam de um lado para o outro sobre o veredicto, a sentença e todo o drama que ali se desenrolara. Isolde levantou-se e Marcus a ajudou a atravessar o salão.

– Vamos sair daqui. Preciso respirar – pediu ela. Estavam mais próximos da saída do que a maioria das pessoas e alcançaram as portas antes que começasse o empurra-empurra dentro da sala. Marcus encontrou um banco para eles e Isolde sentou-se com uma expressão desconfortável no rosto. – Estou com desejo de comer batata frita. Gordurosas, salgadas e um monte delas. Quero comer todas as batatas fritas do mundo – disse.

– Como pode pensar em comida se está com cara de quem quer vomitar?

– Eu não disse “comida” – respondeu rápido, fechando os olhos. – Não quero comida, e sim batata frita.

– Gravidez é tão esquisito.

– Cala a boca.

A multidão se dispersou assim que alcançou o jardim na entrada do edifício, e Marcus ficou observando os grupinhos de homens e mulheres que iam embora ou permaneciam por ali discutindo baixinho sobre os senadores e o que eles haviam decidido. “Jardim”, talvez, fosse a palavra errada: costumava existir um jardim em frente ao prédio da escola, mas há anos o local estava abandonado e agora era uma campina pontilhada de árvores e atravessada por calçadas esburacadas. Marcus ficou imaginando se ele tinha sido a última pessoa a cortar a grama da escola, há dois anos, quando fora castigado por zonzear na sala de aula. Será que mais alguém havia aparado a grama desde então? Aquele era um mérito duvidoso: o último ser humano a cortar grama. *Quantas outras coisas mais serei o último a fazer?*, pensou.

Ele franziu o rosto e olhou para o complexo hospitalar no lado oposto da rua, e seu estacionamento lotado. Grande parte da cidade estava vazia quando o mundo acabou; poucas pessoas estavam comendo em restaurantes ou dentro de salas de cinema no momento em que o mundo entrou em colapso por causa da praga. Mas o hospital estava bombando. O estacionamento estava abarrotado de carros velhos, enferrujados e amassados, as janelas quebradas e a pintura descascada. Centenas e mais centenas de pessoas, casais e famílias haviam se dirigido para lá na esperança de que os médicos os salvassem do RM. Tinham ido para o hospital, onde morreram, todos, os médicos inclusive. Os sobreviventes limparam o local assim que se instalaram em East Meadow – por ser um excelente hospital, o East Meadow foi escolhido pelas pessoas como uma das primeiras opções para se estabelecer –, mas o estacionamento nunca foi prioridade. A última esperança da humanidade estava cercada pelos três lados por um labirinto de restos de metal, metade ferro-velho, metade cemitério.

Marcus ouviu um vozerio se aproximar e virou-se. Viu Weist e Delarose deixando o prédio, escoltados por soldados da Rede e por uma multidão que protestava contra o veredicto. Ele não sabia se exigiam uma sentença mais branda ou severa, mas supôs que havia diferentes grupos para ambas as reivindicações. Asher Woolf vinha na frente, abrindo caminho entre as pessoas para facilitar a passagem dos condenados. Uma carroça os aguardava para o transporte, reforçada de tal forma que lembrava um tanque de guerra; era puxada por quatro cavalos vigorosos que batiam os cascos contra o chão enquanto aguardavam, cada vez mais agitados devido ao barulho e à confusão.

– Parece que vai começar uma rebelião – Isolda disse para Marcus, que concordou com a cabeça. Algumas pessoas bloqueavam as portas da carroça e outras tentavam empurrar Delarosa e Weist, enquanto os soldados da Rede lutavam impotentes para manter a ordem.

Não, pensou Marcus, inclinando-se para a frente. Eles não estão tentando manter a ordem, estão tentando... como assim? Não estão segurando a briga, mas sim fazendo com que ela

aconteça. Já os vi reprimir rebeliões antes e foram muito mais eficientes. Mais determinados. O que estão...?

O senador Weist caiu no chão, o peito estampado num vermelho vivo, seguido quase imediatamente de um estampido ensurdecedor. O mundo pareceu ficar imóvel por um momento: o jardim, a multidão, os guardas congelados no tempo. O que tinha acontecido? O que era o vermelho? O ruído? Por que ele caiu? As partes juntaram-se, uma a uma, na cabeça de Marcus aos poucos e fora de ordem, num emaranhado de ideias: o som era um tiro e o vermelho no peito de Weist era sangue. Ele tinha levado um tiro.

Os cavalos relincharam e recuaram assustados, espremendo-se contra a carroça reforçada. O grito dos animais quebrou a imobilidade momentânea e a multidão explodiu em caos e barulho. As pessoas corriam, algumas em busca de abrigo, outras procurando pelo atirador, mas todas pareciam se afastar o máximo possível do corpo. Marcus puxou Isolde para trás do banco, pressionando o corpo da moça contra o chão.

– Não se mova! – disse, saindo em disparada em direção ao corpo do prisioneiro.

– Encontrem o atirador! – gritou o senador Woolf. Marcus o viu sacar do casaco uma reluzente semiautomática preta. Muitos ainda corriam para se esconder e alguns homens da Rede faziam o mesmo, mas Woolf e os soldados permaneciam ao lado dos prisioneiros. Estilhaços de granada voaram do muro atrás deles e outro estampido atravessou o jardim. Marcus manteve-se focado em Weist, mergulhando no chão ao lado dele; verificou a pulsação um pouco antes de o prisioneiro parar de se mover. Quase não podia sentir seu pulso, mas o sangue que escorria do ferimento indicava que o seu coração ainda batia. Marcus apertou o peito de Weist com as mãos, pressionando o máximo possível. De repente, alguém o puxou para trás, fazendo-o gritar.

– Estou tentando salvá-lo!

– Ele está morto – disse o soldado atrás dele. – Precisa se esconder!

Marcus não deu ouvido e correu de volta para o corpo. Woolf continuava gritando, apontando para o complexo hospitalar, do outro lado do jardim, mas Marcus o ignorou e pressionou, outra vez, o peito de Weist. Suas mãos estavam vermelhas e escorregadias, os braços cobertos por uma camada de sangue arterial quente; gritou por ajuda.

– Alguém me empreste uma camisa ou uma jaqueta! Ele está sangrando por todos os lados e não vou conseguir estancar isso apenas com as mãos!

– Não seja idiota – disse o soldado atrás dele. – Você precisa se esconder.

Quando Marcus olhou para o homem, viu a senadora Delarosa ainda algemada. Ela estava ajoelhada no meio dos soldados.

– Salve ela primeiro! – Marcus gritou.

– Ele está ali! – Woolf apontou novamente para o prédio atrás do hospital. – O atirador está ali, cerquem o local!

O sangue jorrava espesso entre os dedos de Marcus, manchando suas mãos e cobrindo todo o peito do prisioneiro; mais sangue escorria livremente do ferimento das costas, formando uma poça e ensopando as calças de Marcus. Havia sangue demais – parecia difícil Weist

sobreviver –, e mesmo assim Marcus continuava tentando estancá-lo. O prisioneiro não respirava e Marcus gritou por ajuda.

– Ele está morrendo!

– Deixe que vá! – berrou o soldado, mais alto e irado. O mundo parecia mergulhado em sangue e adrenalina, e Marcus lutava para não perder a cabeça. Quando duas mãos vieram em seu auxílio, ficou surpreso ao ver que não eram as de um soldado, mas de Delarosa.

– Alguém venha aqui! – Woolf gritava. – Tem um assassino solto entre aquelas ruínas!

– É muito perigoso – respondeu outro soldado, abaixado entre os arbustos. – Não podemos ir até lá enquanto existir um atirador mirando na gente.

– Ele não está mirando em você, mas nos prisioneiros.

– É muito perigoso – insistiu.

– Então peça reforço. Cerquem o homem. Faça alguma coisa além de ficar aí parado! –

Woolf disse.

Marcus já não sentia mais a batida do coração. O sangue estava estagnado no peito da vítima e o corpo, inerte. Mantinha a pressão contra o ferimento, sabendo que era inútil, entretanto estava chocado demais para pensar em qualquer outra coisa.

– Por que você se preocupa tanto? – um soldado perguntou. Marcus levantou o olhar e viu o homem conversando com o senador Woolf. – Cinco minutos atrás pediu que ele fosse executado e, agora que ele está morto, quer prender o assassino?

Woolf virou-se rapidamente, seu rosto a apenas alguns centímetros da face do soldado.

– Qual o seu nome, soldado?

O rapaz estremeceu.

– Cantona, senhor. Lucas.

– Soldado Cantona, o que jurou proteger?

– Mas ele...

– O que jurou proteger?

– As pessoas, senhor. – Cantona engoliu seco. – E a lei.

– Nesse caso, soldado, da próxima vez, pense duas vezes antes de me dizer para descumprir seu juramento.

Delarosa olhou para Marcus, as mãos e os braços cobertos com o sangue de seu companheiro de prisão.

– É assim que termina, você sabe.

Aquelas eram as primeiras palavras que Marcus ouvia Delarosa pronunciar em meses e elas o trouxeram de volta à realidade. Ele percebeu que continuava pressionando o peito sem vida de Weist, então retirou os braços, arfando e encarando Delarosa.

– O que termina assim?

– Tudo.

Capítulo Quatro

–Acho que foi a Rede – disse Xochi.

Haru rosnou.

– Você acredita que a Rede de Defesa iria matar o homem que costumava representá-los no Senado?

– É a única explicação – respondeu Xochi. Estavam sentados na sala, beliscando o que restara do jantar: bacalhau grelhado e brócolis da horta de Nandita, cozido no vapor. Marcus notou que ele ainda considerava Nandita a responsável pela horta, embora ela estivesse desaparecida há alguns meses – nem havia sido ela quem plantou aquela colheita, e sim Xochi. Isolde e Xochi eram as únicas pessoas na casa, e mesmo assim, na cabeça dele, a horta continuava a ser “da Nandita”.

Claro que para ele aquele lugar ainda era “a casa de Kira”, embora ela tivesse partido há dois meses. Se alguma coisa havia mudado desde então era o fato de que agora Marcus passava mais tempo na casa do que antes, sempre na esperança de que algum dia a veria entrar por aquela porta. Isso nunca aconteceu.

– Pense um pouco – continuou Xochi. – A Rede não encontrou nada, certo? Dois dias de busca e não descobriram uma única pista que levasse até o atirador: nenhum projétil, nenhuma digital, nem mesmo pegadas no chão. Não sou fã da Rede, mas não são incompetentes. Teriam encontrado alguma coisa se estivessem interessados, logo não estão procurando. Estão encobrindo os fatos.

– Ou o atirador é extremamente competente – sugeriu Haru. – Isso pode ser uma possibilidade, ou temos de pular direto para a teoria da conspiração?

– Bem, é claro que ele é competente. Ele foi treinado pela Rede – rebateu Xochi.

– Esse argumento me parece circular – disse Isolde.

– Weist fazia parte da Rede – prosseguiu Haru. – Era o representante deles no conselho. Se você acha que um soldado mataria outro soldado, é porque não sabe nada sobre eles. São terrivelmente vingativos quando um dos seus é atacado. Não estariam encobrindo o sujeito, estariam linchando o cara.

– É justamente isso que estou dizendo – argumentou Xochi. – Weist matou um soldado a sangue frio, talvez não pessoalmente, mas a ordem partiu dele. Ele tramou a morte de um homem que estava sob seu próprio comando. A Rede jamais aceitaria isso, como você mesmo disse. Por isso o caçaram e o executaram. Isolde contou que o novo senador da Rede, um tal de Woolf ou algo assim, praticamente pediu, aos berros, a morte de Weist; como não conseguiram, partiram para o plano B.

– Talvez o argumento da Rede seja mais provável – disse Haru. – Que tenha sido um atentado contra Woolf, Tovar ou algum dos senadores que ainda estão no poder. Não há motivos

para assassinar um prisioneiro condenado.

– Então o atirador errou o alvo? – Xochi perguntou. – Um ultracompetente atirador, que consegue escapar de ser investigado pela Rede, tinha em mente acertar um dos senadores, mas na hora disparou como um amador? Ou é um profissional ou não é, Haru.

Marcus tentava ficar de fora dessas discussões – “dessas” significava “qualquer polêmica com Haru” – e o motivo era exatamente esse. Ele tinha visto em primeira mão como os soldados reagiram ao ataque e mesmo assim não sabia se era uma conspiração ou não. Um dos soldados havia tentado afastar Marcus de Weist, mas fizera isso para salvar Marcus ou para que Marcus deixasse Weist morrer? O senador Woolf parecia ofendido com o ataque, como se a morte de um prisioneiro fosse um insulto pessoal contra ele, mas aquele sentimento era genuíno ou o homem estava apenas representando? Haru e Xochi eram debatedores apaixonados, porém apressavam-se demais em cair em opiniões extremistas. Marcus sabia, por experiência própria, que os dois poderiam discutir horas a fio, talvez dias. Ele os deixou à vontade e se virou para Madison e Isolde, que acalentavam a bebê de Madison, Arwen.

Arwen era a bebê milagre, a primeira criança em quase doze anos a sobreviver à devastação causada pelo vírus RM, graças à cura encontrada por Kira, que se autorreplicava em seu próprio sangue. A bebê dormia enrolada bem apertadinha numa manta de lã e estava nos braços de Madison, que conversava baixinho com Isolde sobre gravidez e trabalho. Sandy, a enfermeira pessoal de Arwen, observava em silêncio do canto da sala. Arwen era preciosa demais para ficar sem assistência médica em tempo integral, por isso Sandy seguia mãe e filha a todos os lugares, embora nunca tenha se encaixado socialmente no grupo de amigos. Havia mais gente no séquito: para ajudar na proteção da criança, o Senado havia designado uma dupla de seguranças. Quando uma mulher enlouquecida – a mãe de dez crianças mortas – tentou sequestrar Arwen no dia que Madison a levava à feira livre, o Senado dobrou o número de guardas e Haru foi readmitido na Rede de Defesa. Naquela noite, havia dois guardas na casa, um no jardim e outro nos fundos. O rádio, que estava na cintura de Haru, trina baixinho todas as vezes que eles se comunicavam quando a segurança da casa chegava.

– Alguma boa notícia sobre aquilo? – Madison perguntou, trazendo de volta a atenção de Marcus.

– Sobre o quê?

– A cura. Tiveram sorte? – Madison acrescentou.

Marcus franziu o rosto e olhou para Isolde meneando a cabeça.

– Não. A gente achou que tinha descoberto algo importante alguns dias atrás, mas ficamos sabendo que o time D já havia tentado o mesmo procedimento. Voltamos ao ponto morto. – Contraino novamente a expressão ao ouvir a escolha das próprias palavras, embora desta vez tivesse dado um jeito de evitar o olhar de Isolde; melhor deixar que a infeliz referência fosse esquecida a chamar ainda mais atenção para o que acabara de dizer.

Isolde abaixou os olhos, acariciando a barriga da forma como Madison sempre fizera. Marcus trabalhava incessantemente – assim como todos os envolvidos nas equipes de cura –, mas

ainda não estavam nem perto de sintetizar a substância que venceria o RM. Kira havia descoberto a cura e obtido uma amostra do feromônio Partial no continente, mas Marcus e os outros médicos ainda estavam distantes da fabricação do antídoto.

– Houve outra morte esta semana – Isolde comentou baixinho, enquanto levantava o olhar para Sandy em busca de confirmação. A enfermeira assentiu tristemente. Isolde parou por alguns instantes com a mão sobre a barriga e em seguida encarou Marcus. – E tem mais, a Lei da Esperança foi revogada e agora nenhuma gravidez é obrigatória, só que há mais mulheres grávidas do que nunca. Todas querem ter um filho, pois acreditam que já existirá a cura quando o bebê nascer. – Isolde voltou a abaixar o olhar. – É engraçado... antes da cura, no Senado, sempre chamávamos as vítimas de “infantes”, como se estivéssemos tentando nos esconder da palavra “criança”. Quando tudo o que tínhamos eram relatórios sobre as mortes, não pensávamos nos casos como bebês, ou crianças, mas sim como sujeitos de uma experiência fracassada. Agora que eu... bem, que estou passando por isso, gerando outro ser humano, é diferente. Não consigo imaginá-lo de outra forma que não seja como meu bebê.

Sandy meneou a cabeça.

– Fazíamos o mesmo no hospital. Ainda fazemos. As mortes estão muito próximas e por isso tentamos manter certa distância delas.

– Não sei como conseguem – disse mansamente Isolde. Marcus pensou ter ouvido sua voz embargar, mas como não conseguia enxergar o rosto da amiga, não tinha certeza se ela chorava.

– Vocês devem ter conseguido algum tipo de progresso – disse Madison. – São quatro equipes...

– Cinco – corrigiu-a Marcus.

– Cinco equipes tentando sintetizar o feromônio Partial. Vocês possuem todos os equipamentos, as amostras para servir de base, vocês têm tudo. Não podem dizer... – Madison se calou por um instante – ...não podem dizer que avançam em ponto morto.

– Estamos fazendo tudo que podemos – disse Marcus. – Mas você precisa entender a complexidade da substância. Ela não apenas interage com o RM, mas é também, de alguma forma, parte do ciclo de vida do RM. Ainda estamos tentando entender como funciona. Quero dizer... ainda nem compreendemos por que funciona. Por que os Partials possuem a cura do RM? Por que o antídoto está presente na respiração e no sangue deles? Segundo as explicações de Kira, os Partials nem sabem que possuem a substância, é apenas parte da programação genética deles.

– Não faz sentido – disse Sandy.

– A menos que exista um plano maior – explicou Marcus.

– Não importa se existe algum projeto hipotético de grandes proporções – disse Madison.

– Nem de onde vem os feromônios, ou como chegaram ali, ou por que o céu é azul. Tudo que vocês precisam fazer é copiá-lo.

– Primeiro precisamos entender sua atividade... – explicou, mas Isolde não deixou

Marcus terminar de falar.

– Vamos pegar a cura – disse Isolde. Havia um tom na sua voz que Marcus nunca tinha ouvido antes e, surpreso, levantou as sobrancelhas.

– Você quer dizer pegar um Partial?

– Todos os dias os senadores discutem essa possibilidade – continuou Isolde. – A cura existe, mas não podemos produzi-la sozinhos. Bebês morrem todas as semanas e as pessoas estão ficando impacientes. Enquanto isso, do outro lado do mar, há milhões de Partials produzindo a cura todos os dias, sem o menor esforço. A questão não é se “vamos atacar os Partials”, mas “quanto tempo mais vamos esperar”.

– Estive no continente – contou Marcus. – Vi o que os Partials são capazes de fazer numa guerra. Não temos a menor chance contra eles.

– Não precisa ser uma guerra, apenas uma operação rápida – sugeriu Isolde. – Raptamos um deles e pronto. Como Kira e Haru fizeram com Samm.

Aquelas palavras chamaram a atenção de Haru, interrompendo a discussão que travava com Xochi.

– O que tem Samm e eu?

– Estamos discutindo a possibilidade de a Rede raptar outro Partial – respondeu Madison.

– É claro que vão fazer isso. É inevitável. São uns idiotas de esperar tanto – disse Haru.

Que ótimo, pensou Marcus. Agora estou preso numa discussão com Haru. Tudo que eu não queria.

– Não precisamos raptar ninguém. Podemos apenas conversar com eles – sugeriu Xochi.

– Da última vez que se encontrou com um Partial, ele atacou você – disse Haru. – Li no relatório. Você quase morreu! E era um Partial que você confiava. Odiaria ver o que fariam com você caso se deparasse com uma facção sobre a qual não sabe nada a respeito.

– Não podemos confiar em todos – reconheceu Xochi. – Mas você também deve ter lido que Samm desobedeceu ao seu comandante para nos ajudar. Talvez existam mais Partials que compartilhem essa perspectiva.

– Se realmente pudéssemos confiar neles – continuou Haru –, não precisaríamos depender de um único separatista rebelde para nos ajudar. Eu só vou acreditar na possibilidade de uma trégua com os Partials quando levantarem um dedo para nos ajudar.

– Haru fala bonito, mas seria incapaz de confiar num Partial mesmo que isso acontecesse – disse Madison.

– Se você se lembrasse como foi a Guerra Partials, também não acreditaria – acrescentou Haru.

– Então voltamos ao ponto de partida – disse Isolde. – Ninguém no comando quer fazer as pazes com eles e ninguém no hospital consegue reproduzir a cura sem eles. Nesse caso, a guerra é a nossa única opção.

– Um ataque relâmpago – disse Haru. – Invadir o continente e agarrar um deles. Eles

nem vão perceber.

– O que significaria uma guerra? – Marcus disse, com um suspiro, ao ser arrastado para a discussão. – Eles já estão brigando entre si e essa é provavelmente a única razão pela qual ainda não nos atacaram. O grupo que encontramos no continente estava estudando Kira para tentar resolver a própria praga que aflige os Partials: a data de validade com a qual foram construídos. Claramente há entre eles uma facção que acredita que a solução está nos humanos. Nada irá detê-los em nos tornar suas cobaias. Assim que essa facção vencer a guerra civil, eles virão aqui com as armas pipocando para nos matar ou escravizar.

– Então a guerra é certa – concluiu Haru.

– Quase tão inevitável quanto você usar a palavra “inevitável” – concordou Marcus.

Haru ignorou a alfinetada.

– Nesse caso não há motivos para não atacarmos. Na verdade, é melhor que seja agora, enquanto estão distraídos. Pegamos alguns deles, extraímos a cura para durar o tempo que acharmos necessário, os matamos e saímos de Long Island antes de eles sequer terem a chance de vir atrás de nós.

Sandy franziu o rosto.

– Você quer dizer mudar de Long Island?

– Se os Partials voltarem a nos atacar, será uma estupidez não fugirmos daqui – respondeu Haru. – Se a cura não dependesse deles, já teríamos nos mudado.

– Nos deem mais um pouco de tempo – pediu Marcus. – Estamos quase lá. Sei que estamos.

Marcus esperava que o argumento viesse de Haru, mas foi Isolde quem respondeu primeiro.

– Já demos uma chance a vocês – respondeu friamente. – Eu não ligo a mínima se vamos sintetizar a cura, roubá-la ou fazer um tratado com os Partials, só sei que não vou perder meu filho. As pessoas não vão aceitar voltar a viver como antes, não agora que sabem que a cura existe. E, pelo jeito, os Partials não vão esperar para sempre. Temos sorte de ainda não estarmos lidando com uma invasão.

– Você está numa corrida contra o tempo – disse Haru. – Produza mais da cura ou a guerra será inevitável.

– É. Você já disse isso – respondeu Marcus, levantando-se. – Preciso de um pouco de ar fresco. A responsabilidade de salvar o futuro da raça humana tornou-se um pouco demais para mim. – Saiu da sala e ficou satisfeito de ninguém o ter seguido. Não estava bravo, pelo menos não com os amigos; a verdade era que o peso de salvar o futuro da raça humana *estava* sobre seus ombros, sobre os ombros de todos. Com apenas cerca de trinta e cinco mil pessoas vivas, não havia mais muita gente com quem dividir a tarefa.

Marcus abriu a porta e foi ao encontro do ar fresco da noite. Há doze anos, antes do Surto, havia luz elétrica espalhada por toda a cidade, tão forte que ofuscava as estrelas, mas naquela noite o céu estava coalhado de constelações brilhantes. Olhou para elas, respirando

profundamente e apontando para aquelas cujo nome ele ainda se lembrava do tempo da escola: Orion era a mais fácil, com o cinturão e a espada. Havia também a Ursa Maior. Ele fechou um olho e rastreou as estrelas com o dedo, procurando a Estrela do Norte.

– Está indo para o lado errado – disse uma voz feminina. Marcus pulou de susto.

– Não sabia que tinha mais alguém aqui – disse ele, torcendo para não ter parecido muito bobo com o pulo. Virou-se para ver quem era ao mesmo tempo em que tentava imaginar quem poderia estar escondido no quintal da casa de Xochi. Soltou um grito ao ver uma mulher sair das sombras empunhando um fuzil. Recuou aos tropeços, sem conseguir falar, tentando apenas processar a aparição inesperada. A mulher levou um dos dedos aos lábios. Marcus retrocedeu para a lateral da casa, buscando apoio contra a parede. O gesto da mulher e o brilho do cano do fuzil o fizeram fechar a boca.

A mulher deu um passo à frente, com a malícia de um gato. Ele pôde ver que ela era mais nova do que havia suposto a princípio, alta e esbelta, os movimentos cheios de energia e confiança, mas não tinha mais do que dezenove ou vinte anos. Seus traços eram asiáticos e seu cabelo negro estava preso numa trança. Marcus sorriu para ela nervosamente, o olhar atento não apenas no fuzil, mas no par de facas que agora ele podia ver em seu cinto. Não uma faca, um par delas. *Quem precisa de duas facas? Quantas coisas ela precisa cortar de uma só vez?* Ele não tinha pressa em descobrir.

– Pode falar – disse a garota –, só não pode gritar ou pedir socorro. Eu preferiria atravessar a noite sem ter de correr, ou, você sabe, ter de matar alguém.

– Que ótima notícia – respondeu Marcus, engolindo o susto nervosamente. – Se eu puder fazer qualquer coisa para impedi-la de matar alguém, é só me dizer.

– Estou procurando uma pessoa, Marcus.

– Como sabe meu nome?

Ela ignorou a pergunta e mostrou uma foto.

– Familiar?

Marcus deu uma olhada na foto, três pessoas na frente de um prédio. Levantou a mão para pegá-la e olhou para a garota em busca de permissão. Ela assentiu, aproximando a foto dele. Pegou-a e levantou-a para aproveitar a luz das estrelas.

– Está um pouco... – A garota acendeu uma pequena lanterna, direcionando o foco de luz para a imagem. – ...escuro, obrigado. – Marcus olhou a fotografia mais de perto, incomodado com a ideia de que havia uma arma bem ao seu lado. Nela havia três pessoas, um homem e uma mulher com uma garotinha entre eles, que não aparentava mais do que três ou quatro anos. Atrás deles aparecia um prédio grande de vidro, e Marcus percebeu na hora que tinha um letreiro onde estava escrito PARAGEN. Quando ia fazer um comentário, foi novamente surpreendido pela descoberta de que a mulher na foto era uma antiga conhecida sua.

– É a Nandita.

– Nandita Merchant – disse a garota, apagando a lanterna. – Acho que você sabe onde ela está.

Marcus virou-se para olhá-la de frente, ainda sem entender o que estava acontecendo.

– Há vários meses ninguém tem notícias de Nandita – respondeu. – Esta casa é dela... costumava sair em missões de resgate ou para recolher ervas para a horta. Da última vez ela saiu e não voltou mais. – Marcus olhou para a foto novamente, depois para a garota. – Você está com Mkele? Não, esquece com quem você está. Quem é você? Como você sabe quem sou?

– Já nos conhecemos, mas você não se lembra de mim. É muito difícil me ver quando não quero ser vista – respondeu a garota.

– Estou começando a acreditar nisso – disse Marcus. – E também estou começando a acreditar que você não faz exatamente o tipo de policial que temos em East Meadow. Por que está procurando Nandita?

A garota sorriu com malícia e maldade.

– Porque ela está desaparecida.

– Acho que isso eu já sei – disse Marcus, que começou a perceber o quanto a garota era atraente. – Vou dizer isso de outra forma: por que precisa encontrá-la?

A garota piscou a lanterna outra vez; primeiro, contra os olhos de Marcus, em seguida iluminando a fotografia na mão dele. Ele olhou para a imagem novamente.

– Olhe de perto. Não a reconhece?

– É Nandita Merchant – respondeu Marcus. – Eu já...

– Não. A criança.

Marcus olhou de novo, aproximando a foto, concentrando-se na figura da menina no centro da imagem. A pele era morena clara, os cabelos eram negros como carvão e o olhar vivo e curioso. Ela usava um vestido de cores alegres, do tipo que uma menina usaria para passar a tarde no parque num dia de verão. O tipo de vestido que ele não via há doze anos. Sua expressão era de felicidade e inocência, e seu rosto estava levemente enrugado pois mantinha um dos olhos fechados para se proteger do sol.

Tinha alguma coisa de familiar naquele olhinho fechado...

Marcus ficou boquiaberto e quase derrubou a fotografia por causa do choque.

– É Kira – respondeu ainda mais confuso, olhando para a garota misteriosa. – É uma foto de Kira tirada antes do Surto. – Olhou-a novamente, estudando seu rosto; ela era nova, o rosto redondo de um bebê gorducho, mas os traços de Kira estavam lá. O nariz, os olhos e o mesmo jeito de cerrar os olhos contra a luz do sol. Ele balançou a cabeça. – Por que ela está com Nandita? Elas nem se conheciam antes do Surto.

– Exatamente – concordou a garota. – Nandita sabia disso e nunca contou para ninguém.

Que jeito estranho de dizer, pensou Marcus. *Ela não falou “Nandita conhecia Kira”, mas “Nandita sabia disso”. Sabia o quê?*

A garota apagou a lanterna, guardou-a no bolso e puxou a foto da mão de Marcus.

– Você sabe onde ela está?

– Kira ou Nandita? – Marcus indagou dando de ombros, impotente. – A resposta é não para as duas, então tanto faz. Kira foi procurar... – Kira tinha ido atrás dos Partials, e ele sempre

tivera cuidado para manter a informação em segredo, mas naquela situação achou que isso não tinha importância. – Você é uma Partial, não é?

– Se você falar com Kira, diga que Heron mandou um oi.

Marcus assentiu.

– Foi você quem a capturou e a levou até a doutora Morgan? – ele disse.

Heron não respondeu. Guardou a foto e olhou para a sombra atrás dela.

– As coisas vão ficar muito interessantes nesta ilha, e isso não vai demorar muito – disse ela. – Você sabe a respeito da data de validade que Samm falou?

– Você também conhece Samm?

– Kira Walker e Nandita Merchant são vitais para solucionar o problema da data de validade, e a doutora Morgan está determinada a encontrá-las.

Marcus franziu o rosto, confuso.

– O que elas têm a ver com isso?

– Não se distraia com detalhes – disse Heron. – Não importa *por que* a Doutora Morgan quer achá-las, mas apenas que é o que ela deseja. E vai conseguir. Os Partials têm apenas duas maneiras de resolver as coisas: do meu jeito ou do jeito deles.

– Não sou muito fã do seu jeito – respondeu Marcus, de olho no fuzil. – Qual é o jeito deles?

– Você já sabe – Heron disse com autoridade. – Ficou conhecido como Guerra Partial.

– Ah, nesse caso, prefiro o seu – respondeu Marcus.

– Então me ajude. Encontre Nandita Merchant. Ela está em algum lugar nesta ilha. Eu faria isso pessoalmente se não tivesse negócios para resolver em outro lugar.

– Fora da ilha – disse Marcus, arriscando um palpite. – Você está atrás de Kira.

Heron sorriu novamente.

– O que eu faço se a encontrar? – Marcus perguntou – Supondo... que eu vá mesmo procurá-la, afinal, você não manda em mim.

– Apenas a encontre – respondeu Heron, dando um passo para trás. – Confie em mim, não gostaria de ver como eles fazem as coisas. – Deu meia-volta e entrou na escuridão.

Marcus tentou segui-la, mas a garota havia desaparecido.

Capítulo Cinco

Kira ajoelhou-se entre os arbustos olhando fixamente através do seu novo telescópio para a porta da loja de eletrônicos. Aquela era a quarta loja que visitava e todas tinham sido previamente saqueadas. Normalmente isso não seria algo estranho, mas depois de inspecionar os escritórios da ParaGen, tinha ficado assustada com o fato de que todas as suas investigações mais detalhadas provavam o mesmo: que o autor daquelas pilhagens, seja lá quem fosse, tinha agido recentemente. Aquilo era mais do que o roubo de onze anos atrás, resultado do fim do mundo – nos últimos meses, alguém andava coletando computadores e geradores em vários pontos de Manhattan.

Ela estava vigiando o local há quase uma hora e meia, focando sua energia e procurando ser tão prudente em rastrear o ladrão quanto ele estava sendo em esconder seus passos. Ficou olhando mais um pouco, prestando atenção na entrada da loja, das casas vizinhas e nos quatro andares de janelas acima delas – e nada. Observou atentamente a rua, que continuava vazia nos dois lados. Não havia ninguém ali, era seguro continuar na área. Verificou a bolsa, segurou o fuzil com força e correu pelo asfalto esburacado. Pulou pela abertura da porta que um dia tinha sido de vidro, sem precisar parar de correr; olhou para os lados, a arma levantada, pronta para entrar em ação, em seguida verificou cada um dos corredores entre as prateleiras. A loja era pequena, a maior parte dos produtos eram alto-falantes e aparelhos de som, porém muitos já não estavam mais ali porque foram roubados nos primeiros saques após o Surto. A única pessoa que permanecia no local era o que restara do esqueleto do caixa escondido atrás do balcão. Convencida de que era seguro, deslizou a arma para cima do ombro e começou a trabalhar, examinando o chão o mais cuidadosamente possível. Não demorou muito para encontrar o que procurava: pegadas sobre a poeira, marcas bem definidas que só poderiam ter sido feitas muito tempo depois de a entrada da loja ter sido destruída e o local ter recebido uma boa camada de terra e destroços. Aquelas pegadas eram mais visíveis que as anteriores e Kira usou sua mão para medir uma delas – deparou-se com o mesmo sapato enorme que tinha visto antes, talvez número 47 ou 48. Era impressionante como as pegadas estavam bem conservadas; com o tempo, o vento e a água iriam naturalmente remover as marcas, especialmente as que estavam no meio dos corredores, mas por enquanto elas estavam totalmente visíveis. Kira ficou de joelhos, examinando-as com grande delicadeza. As outras tinham sido feitas há um ano, estas talvez tenham sido deixadas há uma semana.

Quem fosse que estivesse roubando geradores, continuava lá fora fazendo a mesma coisa.

Kira voltou sua atenção para as prateleiras, tentando descobrir, pelo seu estado e pela disposição das pegadas, exatamente o que tinha sido levado. Era de se esperar que as pegadas se concentrassem mais onde os geradores estiveram expostos; entretanto, quanto mais ela olhava ao

redor, menos sua expectativa se confirmava: o suspeito tinha ido pelo menos duas vezes até o outro lado da loja, primeiro andando tão devagar que parecia estar procurando algo e depois de forma tão decidida, deixando pegadas mais profundas, como se estivesse carregando peso. Kira correu os olhos pelas prateleiras de metal, passando por telefones de plástico empoeirados ainda presos a elas, *notebooks* e dispositivos sonoros muito pequenos como os que Xochi costumava coletar. Seguiu as pegadas cuidadosamente através dos entulhos e chegou numa prateleira baixa e vazia, quase no fundo da loja. Não havia dúvidas de que ele havia tirado algo dali. Kira inclinou-se para espanar a poeira sobre a etiqueta presa à estante e sentiu dificuldade para decifrar as letras quase apagadas pela ação do tempo: RAD. *Rad?* Chegou ainda mais perto para entender a palavra que vinha em seguida e que também estava desbotada e coberta de sujeira: IOAMADOR. *Radioamador*. Outro nome, como TI, que ela nunca tinha visto antes.

Computadores, geradores e agora rádios. O seu amigo misterioso estava se apossando e reunindo uma boa coleção de exemplares tecnológicos do velho mundo – e obviamente ele era um entendido no assunto, já que nem precisou limpar a etiqueta da estante para saber o que estava guardado naquela prateleira. Mais do que isso, havia levado um equipamento exclusivo dos escritórios da ParaGen, o que dificilmente era uma coincidência; não estava coletando certos tipos de instrumentos tecnológicos, mas sim partes específicas deles. Juntava computadores antigos da ParaGen e geradores para poder ligá-los. E agora recolhia sistemas de rádio. Mas quem estaria tentando contatar?

Manhattan era uma terra de ninguém, abandonada, uma zona desmilitarizada não oficial entre os Partials e os sobreviventes da raça humana. Ninguém deveria morar ali, não porque fosse proibido, mas porque era perigoso. Se acontecesse alguma coisa com uma pessoa, qualquer um dos lados poderia capturá-la, mas nenhum deles a protegeria. Não era um bom território nem mesmo para os espíões, já que não havia nada de interessante para observar ou relatar – com exceção, supunha Kira, dos arquivos da ParaGen. Ela estava atrás deles e o amigo misterioso também, só que ele tinha chegado primeiro. Agora, graças a ele, não havia nenhum gerador disponível que ela pudesse usar nos escritórios da ParaGen nem garantia de que os computadores que sobraram lá continham informações importantes para ela; entretanto, esse suspeito estava obviamente procurando as mesmas coisas, e havia ignorado por completo os computadores dos executivos. Era quase certo que ele possuía tudo que ela procurava. Se quisesse ler aqueles arquivos, teria de encontrá-lo em pessoa.

Kira precisava descobrir o que a ParaGen estava fazendo com os Partials, com o RM, com ela, mas havia outra razão para estar ali. A última mensagem de Nandita dizia para ela procurar a Verdade, o líder Partial, o alto comandante a quem todos obedeciam, e mesmo que não fosse encontrá-lo em Manhattan, poderia achar algumas pistas que indicassem por onde começar a busca. Mas... será que podia confiar em Nandita? Kira balançou a cabeça, franzindo o rosto para a loja saqueada. Ela costumava acreditar em Nandita, mais do que em qualquer outra pessoa no mundo, mas depois de ter descoberto que ela conhecera seu pai antes do Surto, e a ela também, sem nunca ter dito uma única palavra a respeito... Nandita a havia enganado e agora

Kira não sabia quais eram as intenções dessa mulher ao ditar seus próximos passos. Mas era a única pista que ela possuía. Kira tinha de continuar atrás de dados sobre a ParaGen, mesmo com medo do ladrão misterioso de computadores; as informações certamente estariam com ele, e era nesse novo estranho que ela deveria se focar agora. Se ele era um Partial ou um humano, ou até um agente duplo, não fazia diferença, ela precisava encontrá-lo e conhecer seus segredos.

Outro pensamento passou por sua cabeça, a imagem de uma coluna de fumaça. Tinha visto uma da última vez em que estivera em Manhattan, na companhia de Jayden, Haru e de outros amigos: um fino rastro de fumaça subindo de uma chaminé ou fogueira. Eles foram investigar e encontraram o grupo Partial ao qual Samm pertencia, porém, na correria da fuga, esqueceram-se de que, na verdade, não tinham visto de onde vinha a fumaça. A princípio, Kira estava convencida de que se originava de um acampamento Partial, mas sua experiência posterior reduziu a hipótese a uma piada – os Partials eram espertos demais para sinalizar a presença deles de forma tão óbvia. Eles nem precisavam de uma fogueira. O mais provável era que um terceiro grupo fosse o responsável pela fumaça e que os Partials vieram investigar na mesma hora que os humanos; os dois grupos haviam se aniquilado antes de descobrirem o que se passava. *Talvez*. Era um palpite e tanto, mas era melhor do que aquilo que ela estava fazendo no momento. Com certeza era muito melhor do que se aventurar em lojas de ferramentas na vã esperança de que o ladrão aparecesse enquanto ela estivesse de tocaia.

Kira começaria pela mesma vizinhança que percorreu da última vez e, se o seu suspeito tivesse mudado para outro local – o que era bastante provável, depois do intenso tiroteio promovido a apenas alguns quarteirões de distância –, ela iria atrás de mais pistas que indicassem seu paradeiro. Havia alguém naquela cidade e ela estava determinada a encontrá-lo.

Achar a fonte da fumaça foi mais difícil do que Kira imaginara. Em primeiro lugar porque não estava mais lá, por isso ela precisou se guiar pela memória, e a cidade era tão grande e confusa que não conseguia se lembrar suficientemente bem sem ativar sua memória visual. Precisou refazer todo o caminho de volta pelo lado sul da ilha até chegar à ponte que havia atravessado, entrar no mesmo prédio e olhar pela mesma janela. Finalmente ali a paisagem parecia familiar, ela viu a comprida fileira de árvores, os três prédios, todos os sinais que, meses atrás, a tinham conduzido até o local do ataque Partial. Foi ali que conhecera Samm. Bem, não exatamente isso... Mas foi onde “o deixara inconsciente e o capturara”. Era estranho o quanto as coisas tinham mudado desde então. Se Samm estivesse com ela naquele momento... as coisas seriam bem mais fáceis.

Mesmo enquanto pensava naquilo, Kira sabia que seu desejo de ter Samm por perto não se resumia a isso. Com o olhar fixo na cidade coberta de folhas, perguntava-se se a conexão que sentira com ele era por causa do *link* ou por algo mais profundo. Havia alguma maneira de saber? Isso fazia alguma diferença? Uma conexão era uma conexão, e naqueles dias ela tinha apenas alguns poucos vínculos preciosos.

Mas aquele não era o momento de pensar em Samm. Kira analisou a disposição da

cidade, tentando puxar em sua memória de onde exatamente a fumaça tinha saído, e como refazer seus passos até o local. Empenhou-se tanto que até rascunhou um mapa em seu bloco de notas. Só que sem a precisa noção de quantas árvores havia lá embaixo e de qual eram os nomes das ruas, ela não sabia o quanto aquele desenho seria útil. Com prédios tão altos e ruas estreitas, a cidade era quase um labirinto, um emaranhado de cânions de tijolo e metal. Da última vez, os recrutas tinham guiado o grupo, mas, sozinha, Kira temia se perder e não encontrar o que buscava.

Terminou de desenhar o mapa o melhor possível, anotando pontos de referência que pudessem ajudá-la a se localizar; em seguida desceu a longa escadaria e se aventurou pela cidade. Era difícil de caminhar pelas ruas atulhadas, uma confusão de carros abandonados e árvores de troncos muito finos com folhas balançando sob a brisa suave. Passou por um acidente de carro ancestral, uma dúzia ou mais de veículos empilhados, no que deve ter sido uma tentativa desesperada de fugir da praga que assolava a cidade; não se lembrava de ter passado por ali antes, o que a deixou nervosa imaginando estar no caminho errado. Mas logo em seguida dobrou uma esquina e se deparou com um dos pontos de referência, então seguiu por aquela rua com mais confiança. O meio da rua era sempre o lugar mais fácil de caminhar, com menos entulho do que as laterais e as calçadas, mas era também a posição mais visível, e Kira estava paranoica demais para sair da proteção da cobertura espessa de destroços e vegetação. Ia abraçando as paredes e as grades, pisando cuidadosamente sobre os montes de entulho movediço que caíam do alto dos prédios. Era uma caminhada vagarosa, no entanto, mais segura, pelo menos era nisso que Kira apostava.

Aqui e ali Kira encontrava marcas de balas em um carro ou numa caixa de correio, o que confirmava que ela estava na direção certa. Eles tinham corrido por aquelas ruas com um atirador no encalço do grupo e Jayden havia sido baleado no braço. Pensar em Jayden a trouxe de volta à realidade e a fez parar para ouvir o que se passava ao redor. Os pássaros. O vento. Dois gatos berrando numa briga. Era bobagem imaginar que havia um atirador no local naquele momento, mas não conseguia relaxar quanto a isso. Escondeu-se atrás de uma escada em ruínas, respirando pesadamente, dizendo a si mesma que estava nervosa; porém, conseguia apenas ver Jayden baleado no braço e no peito, no hospital de East Meadow, sangrando no chão onde ele havia sacrificado a própria vida para salvar a dela. Tinha sido ele quem a forçara a superar o medo, a levantar-se quando ela estava assustada demais para se mover. Cerrou os dentes e se ergueu novamente, seguindo em frente; poderia sentir todo o medo que quisesse, mas isso não a deteria.

Kira alcançou o complexo de apartamentos quando o sol estava a pino: cinco prédios que pareceriam ser três quando vistos do ponto privilegiado de um arranha-céu. Era o mesmo lugar. Havia um extenso gramado entre eles, agora repleto de brotos, e Kira abria caminho pelo mato cuidadosamente ao passar pelos prédios. *Andamos por este primeiro, depois entramos aqui...* Ela deu a volta pela lateral e olhou para cima, observando o enorme buraco feito na parede três andares acima. Uma vinha se enrolava na viga de um pavimento caído e um pássaro tinha feito

um ninho na dobra de vergalhão amassado. A violência tinha acabado e a natureza regenerava o ambiente.

O grupo tinha ido até lá para descobrir a origem da fumaça e escolhido aquele prédio de apartamentos porque oferecia vista para o que eles pensaram ser os fundos de uma casa habitada. Kira mantinha o fuzil erguido enquanto contornava as laterais da construção. Essa deveria ser a rua e se ela havia calculado corretamente no mapa, a casa que procurava encontrava-se seis portas adiante. Uma, duas, três, quatro... não. Kira ficou chocada, boquiaberta e de olhos arregalados, ao ver a sexta casa da fileira.

Era uma cratera. Uma explosão a havia reduzido a escombros.

Capítulo Seis

–Vamos dar início à sessão do Senado – disse o senador Tovar. – Estendemos nossas boas-vindas oficiais a todos os convidados presentes. Estamos ansiosos para ouvir o que vocês têm a dizer. Mas antes de começar gostaria de informar que fui avisado de que há um Ford Sovereign verde no estacionamento com o farol aceso, o proprietário, por favor... – Ele levantou o olhar e todos os adultos na sala riram. Marcus franziu o rosto, confuso, e Tovar engasgou. – Peço desculpas aos da geração da praga dos bebês. É uma piada antiga e nem é das boas. – O senador sentou-se. – Vamos começar com a equipe de sintetizadores, doutor Skousen?

Skousen levantou-se e Marcus colocou sua pasta no colo, pronto para o caso de o médico precisar de algo. Skousen deu um passo à frente, parou, pigarreou e pensou por uns instantes antes de dar continuidade.

– Pelo jeito que o senhor está hesitante, posso concluir que não tem boas notícias – disse Tovar. – Melhor passarmos para a próxima pessoa que não irá nos alarmar tanto.

–Deixe-o falar – sugeriu o senador Kessler. – Não precisamos de uma piada cada vez que ficamos em silêncio.

Tovar levantou a sobrancelha.

– Posso até fazer uma piada enquanto uma pessoa fala, mas considero isso uma falta de educação.

Kessler ignorou Tovar e voltou-se para Skousen.

– Doutor?

– Tem o que o senador Tovar tenha razão. Não tenho boas notícias, mas também não são más, além da falta de progresso... – Skousen ficou em silêncio, indeciso. – Nós... não tivemos nenhum grande contratempo, é o que quero dizer.

– Então você não está mais próximo da síntese da cura do que quando esteve aqui na última vez? – perguntou o senador Woolf.

– Descartamos certas possibilidades por considerá-las um beco sem saída – disse Skousen. Seu rosto estava desgastado e cheio de rugas, e Marcus ouviu seu tom de voz baixar. – Não é grande coisa, comparada a uma vitória, mas é o que temos.

– Não podemos continuar assim – reclamou Woolf, voltando-se para os outros senadores. – Salvamos uma criança e quase dois meses depois não estamos nem perto de repetir essa experiência com outros pacientes. Só na semana passada perdemos quatro recém-nascidos. A morte desses bebês já é uma tragédia em si; eu não quero esconder os fatos, mas esse não é nosso problema mais urgente. As pessoas sabem que temos a cura e que *podemos* salvar os bebês. E, também, veem que *não* estamos fazendo isso. Elas até conhecem as razões, mas isso não alivia em nada. Ter a cura tão próxima, porém inalcançável, tem apenas aumentado a tensão na ilha.

– Nesse caso, qual é a sua sugestão? – Tovar perguntou. – Atacar os Partials e roubar mais feromônios? Não podemos correr esse risco.

Em breve você talvez não tenha escolha, pensou Marcus. *Se for verdade o que Heron disse...* Ele se agitou na cadeira, tentando não pensar na devastação causada por uma invasão Partial. Ele não sabia onde Nandita estava, nem Kira, e com certeza não gostaria de entregá-las aos Partials, mesmo que isso estivesse ao seu alcance. Por outro lado... uma invasão Partial poderia significar o fim da raça humana – não um declínio lento nem a extinção por causa da impossibilidade de se reproduzir, mas um brutal e sangrento genocídio. Os Partials provaram, há doze anos, que não tinham medo da guerra, mas genocídio? Samm havia insistido veementemente no fato de que eles não eram os responsáveis pelo vírus RM. Inclusive, sentiam-se culpados, mesmo indevidamente, pelos horrores causados pelo Surto. As coisas mudaram tanto assim? Estavam dispostos a sacrificar toda uma espécie apenas para se salvar?

No entanto, estão me pedindo para fazer a mesma coisa, pensou Marcus. *Sacrificar Kira ou Nandita para preservar a humanidade. Se eu tivesse que escolher isso, será que conseguiria? Eu deveria?*

– Podemos enviar um embaixador – sugeriu o senador Hobb. – Já discutimos isso e escolhemos uma equipe. Vamos em frente.

– Enviá-los para falar com quem? – Kessler perguntou. – Tivemos contato com um grupo Partial que tentou matar nossos garotos. Nós tentamos matar o Partial que nos procurou. Se há uma solução pacífica nos aguardando no futuro, garanto que não sei como alcançá-la.

Marcus percebeu que os argumentos eram iguais aos que ele e os amigos haviam debatido na sala da casa de Xochi na noite anterior. As mesmas propostas circulares com suas respostas óbvias e as reclamações sem fim. *Os adultos estão tão perdidos quanto o resto de nós? Ou realmente não há solução para este problema?*

– Do ponto de vista médico – disse doutor Skousen –, temo que terei de defender, contra minha vontade, a... – ele parou novamente – ...a coleta de uma nova amostra, de outro Partial ou pelo menos de certa quantidade de seu feromônio. Temos ainda o pouco que sobrou do que foi usado em Arwen Sato. Também possuímos as imagens e os arquivos da estrutura e o funcionamento da substância, mas nada substitui uma nova amostragem. Da última vez, resolvemos o problema indo direto à fonte, os Partials. E acredito que, se a intenção for a de encontrar uma resposta para a questão, teremos de repetir a estratégia. A necessidade de obter o feromônio é mais importante do que o meio utilizado para consegui-lo, seja pela força ou pela diplomacia.

Uma onda de sussurros encheu a sala, murmúrios suaves que pareciam o farfalhar das folhas. *O problema não tinha sido solucionado por “nós”, pensou Marcus, mas por Kira, e o doutor Skousen tinha sido um de seus maiores oponentes.* Agora ele defendia a mesma causa sem dar os créditos a ela?

– Você quer que arrisquemos outra Guerra Partial – disse Kessler.

– O risco já foi assumido – afirmou Tovar. – Como dizem, a cobra já está pronta para o

bote.

– Ter sorte não é a mesma coisa que estar em segurança – continuou Kessler. – Se existir qualquer possibilidade de sintetizarmos a cura sem a necessidade de uma guerra, ela deve ser explorada. Se provocarmos os Partials mais um pouco...

– Já os provocamos o bastante! – interrompeu Woolf. – Você leu os relatórios. Existem barcos na Costa Norte, embarcações Partials patrulhando nossas fronteiras...

O senador Hobb não o deixou continuar, enquanto na audiência os sussurros aumentavam.

– Aqui não é o local adequado para discutirmos os relatórios – asseverou Hobb.

Marcus sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Os Partials estavam patrulhando o mar. Eles tinham permanecido longe por onze anos, realizando apenas uma ou outra rápida missão de reconhecimento, como a que Heron havia feito, mas sempre tão bem escondidos que os humanos nunca souberam nada a respeito. Agora vigiavam abertamente a fronteira. Marcus se deu conta de que estava de boca aberta e a fechou firmemente.

– As pessoas precisam saber – disse Woolf. – Elas vão acabar descobrindo de um jeito ou de outro. Se os barcos se aproximarem mais, todos os fazendeiros da Costa Norte irão vê-los. Pelo que sabemos, pequenos grupos Partials já desembarcaram. Nossa vigilância ao longo da costa pode ser tudo, menos infalível.

– Então nossa guerra fria esquentou – disse Skousen. Sua aparência era frágil e acinzentada, como a de um cadáver no acostamento de uma estrada. Ele parou por um instante, engoliu em seco e se sentou, balbuciando. – Obrigado.

– Se me permitem – interrompeu Marcus, caindo em si de que havia ficado em pé. Olhou para a pasta nas mãos sem saber exatamente o que fazer com ela; em seguida fechou-a e a segurou contra o corpo, desejando que fosse uma armadura. Olhou para os membros do Senado pensando se Heron tinha razão, se um dos senadores, ou um dos seus assessores, era agente Partial. Ele tinha ousado falar? Ele poderia se dar ao luxo de ficar calado? – Com licença – repetiu, recomeçando –, meu nome é Marcus Valencio...

– Sabemos quem é você – cortou Tovar.

Marcus assentiu nervosamente.

– Acredito que tenho mais experiência em território Partial do que qualquer um aqui...

– Por isso sabemos quem é você – repetiu Tovar, fazendo um gesto com as mãos para que ele se apressasse. – Não precisa se apresentar, vá direto ao assunto.

De repente, Marcus não sabia por que havia se levantado. Sentia-se como alguém que tinha algo a dizer, mas que não se considerava qualificado a fazê-lo. Sequer tinha certeza do que tinha a falar. Olhou ao redor, observando os rostos de vários especialistas e políticos reunidos no local, imaginando qual deles, se é que havia um, era o traidor. Pensou em Heron procurando Nandita e se deu conta de que era o único ali que sabia o bastante para dizer alguma coisa. O único a ouvir o aviso de Heron. *Preciso apenas descobrir como colocar as palavras para que eu mesmo não pareça um traidor.*

– Estou apenas dizendo que os Partials que encontramos estavam realizando experiências. Eles foram fabricados com uma data de validade, todos irão morrer. E eles estão investindo na própria cura da mesma forma que nós estamos em busca da cura do RM. Talvez mais porque eles irão morrer antes.

– Sabemos da data de validade. É a melhor notícia que tivemos em doze anos – disse Kessler.

– Sem contar a cura do RM, é claro – acrescentou rapidamente Hobb.

– Não é uma boa notícia de forma alguma – discordou Marcus. – A data de validade dos Partials nos empurra da frigideira diretamente... para o manto do centro da Terra. Se eles morrerem, nós também morreremos. Precisamos do seu feromônio para a nossa própria cura.

– Por isso estamos tentando sintetizá-lo – disse Woolf.

– Mas não podemos fazer isso – respondeu Marcus, levantando a pasta. – Poderíamos passar algumas horas justificando tudo o que já tentamos e todas as razões pelas quais nada deu certo. De qualquer forma, vocês não entenderiam metade da explicação científica, sem querer ofendê-los. Mas isso não importa agora, porque nada funcionou. E a razão *pela qual* não funcionou também não interessa. – Soltou a pasta em cima da mesa, atrás dele, e virou-se para encarar os senadores. Estes o olhavam fixamente e, ao perceber isso, Marcus sentiu-se subitamente incomodado, vendo-se forçado a sorrir para disfarçar. – Eu também tenho más notícias para vocês comemorarem.

Tovar mordeu o lábio.

– Não sei como você vai conseguir superar a primeira, mas estou animado para ouvir.

Marcus sentiu toda a atenção da sala voltada para ele e segurou a vontade de fazer outra brincadeira; quando ficava muito nervoso costumava soltar piadas involuntariamente. E, naquele momento, estava mais nervoso do que nunca. *Não deveria estar fazendo isso*, pensou. *Sou médico, não orador. Não sou um porta-voz, nem um líder, não sou...*

...não sou Kira. Era ela quem deveria estar aqui.

– Sr. Valencio? – perguntou Woolf.

Marcus assentiu, reafirmando sua determinação.

– Bem, vocês pediram, então aí vai. A líder da facção Partial que sequestrou Kira é um tipo de médica ou cientista. Seu nome é doutora Morgan. Ela acredita que a cura para os Partials está de alguma forma relacionada com o RM, ou seja, com os humanos. Esse foi o motivo pelo qual enviaram a tropa de Partials a Manhattan e pegaram Kira. Aparentemente eles fizeram experiências com humanos durante a Guerra Partial. E, se eles pensam que isso vai salvar a vida deles, vão sequestrar quantos de nós forem necessários. Pode ser apenas Kira outra vez, mas até onde sabemos, pode ser qualquer um de nós. Neste momento, eles também devem estar reunidos, decidindo como agarrar alguns humanos para seus testes. Caso o relatório de vocês esteja correto, eles já decidiram e estão colocando seu plano em ação.

– Essa informação é confidencial – disse o senador Hobb. – Precisamos...

– Se me permite recapitular – interrompeu Marcus, levantando a pasta e começando a

enumerar: – Há um grupo de supersoldados – enquanto falava, dobrou o primeiro dedo – especialmente treinado para combates militares – e abaixou o segundo dedo –, que nos supera em número, na proporção de trinta para um – terceiro dedo –, desesperado o bastante para tentar qualquer coisa – quarto dedo – e que acredita que “qualquer coisa” significa “capturar seres humanos para pesquisas invasivas”. Marcus dobrou o quinto dedo e se manteve em silêncio, com o punho cerrado erguido no ar.

– Senadores, a informação talvez seja confidencial, mas vocês podem apostar que os Partials vão torná-la pública muito antes do que imaginam. – completou.

A sala estava em silêncio, todos os olhares voltados para Marcus. Após longos minutos carregados de tensão, Tovar se manifestou.

– Então você acha que precisamos nos defender?

– Acho que estou morto de medo e que preciso aprender a parar de falar quando todos estão me encarando.

– A nossa defesa não é uma solução viável – disse Woolf, e os outros senadores mostraram-se surpresos. – A Rede de Defesa é tão bem treinada e equipada quanto um exército humano pode ser. Temos sentinelas em toda a costa, bombas em cada ponte que restou, mapeamos os pontos de emboscadas e estamos prontos para nos proteger em cada lugar que eles possam invadir. E, mesmo assim, não importa o quanto estejamos preparados, caso alguma facção Partials inicie uma invasão, nossos esforços não deteriam o grupo por muito tempo. Esse é um fato inexorável que não deve ser novidade para ninguém nesta sala. Patrulhamos a ilha porque é tudo que podemos fazer, mas se os Partials eventualmente decidirem atacar, seremos conquistados em poucos dias, se não em poucas horas.

– A única notícia remotamente positiva – disse Marcus – é que a sociedade deles está, e perdoem a comparação, ainda mais fragmentada do que a nossa. O continente era praticamente um palco de guerra quando estivemos lá, o que pode ser o principal motivo pelo qual ainda não nos atacaram.

– Nesse caso, se eles se matarem entre si, nosso problema estará resolvido – disse Kessler.

– Com exceção do RM – acrescentou Hobb.

– Levando em conta tudo que o sr. Valencio expôs – disse Woolf –, temos apenas um plano com alguma esperança de êxito. Primeiro passo, entrar na zona de guerra do continente, torcendo para que ninguém nos veja, e pegar uma dupla de Partials para que o doutor Skousen continue as pesquisas. Segundo passo, evacuar toda a ilha e fugir para o lugar mais distante possível.

Todos continuavam em silêncio. Marcus sentou-se. Deixar a ilha era uma loucura – era o lar deles, o único porto seguro, e por isso tinham ido para lá desde o início –, entretanto, isso talvez não fosse mais verdade agora, não é? Depois da Guerra Partial, a ilha tinha servido como um santuário; eles tinham escapado dos inimigos, encontrado uma nova oportunidade e começado a reconstruir. Mas o fato é que a segurança não tinha nada a ver com a ilha, concluiu

Marcus, repensando a situação naquele momento. Eles tinham vivido com certa tranquilidade até então porque foram ignorados pelos Partials. Mas agora que eles reapareciam, que os Partials estavam no mar, que Heron se escondia nas sombras e que a temível doutora Morgan tentava transformá-los em cobaias, a ilusão de segurança havia se desfeito. Ninguém precisava declarar isso em voz alta nem era necessário tomar uma decisão oficial, mas Marcus sabia que ela já havia sido tomada. Ele podia ler na expressão de todos ali presentes. A evacuação imediata foi citada como uma possibilidade, mas tinha se tornado uma certeza.

A porta lateral se abriu e Marcus viu os soldados da Rede vigiando do outro lado. Os guardas deram um passo para o lado e um homem enorme entrou na sala: Duna Mkele, o “oficial da inteligência”. Ocorreu a Marcus que ele não sabia exatamente para quem Mkele trabalhava; ele parecia ter acesso livre ao Senado e alguma autoridade sobre a Rede, mas, até onde Marcus conhecia, ele não respondia a nenhum dos dois grupos. Independentemente de como funcionavam essas relações, Marcus não gostava do homem. A sua presença era quase sempre um sinal de más notícias.

Mkele foi até o senador Woolf e sussurrou algo em seu ouvido. Marcus tentou ler seus lábios, ou ao menos avaliar a expressão nos rostos, mas eles ficaram de costas para o público. No minuto seguinte, os dois homens foram até Tovar e cochicharam com ele. Tovar ouviu solenemente e depois olhou para as pessoas que assistiam à cena. Voltou-se para Woolf e falou num tom bastante alto, obviamente com o objetivo de que a mensagem ecoasse pela sala.

– Eles já sabem da primeira metade. Aproveite e conte tudo.

Marcus percebeu o olhar de contrariedade de Mkele. Woolf olhou para trás sem demonstrar nenhuma intenção de se desculpar, então se virou para encarar a multidão.

– Parece que nosso cronograma foi acelerado – comunicou Woolf. – Os Partials desembarcaram em Long Island, próximo ao porto de Monte Sinai, a cerca de cinco minutos.

A sala de reunião explodiu em conversas ruidosas e Marcus sentiu seu estômago embrulhar numa súbita e horripilante sensação de medo. O que isso significava – seria o fim? Era uma invasão militar ou um ataque relâmpago com o objetivo de roubar seres humanos para os experimentos? Era a facção da doutora Morgan, os inimigos de Morgan ou algum outro grupo totalmente diferente?

Será que Samm estava com eles?

Isso mostrava que o plano de Heron falhara? Eles não conseguiram localizar Kira e Nandita por meio da espionagem e da investigação e então decidiram partir para a invasão? Por alguns instantes Marcus sentiu uma culpa mortal, como se tudo isso fosse pessoalmente uma falha sua por não ter considerado o aviso de Heron. Mas não via Kira há meses, e Nandita, há mais de um ano; o que poderia ter feito? Enquanto a multidão rugia, confusa e assustada, e a realidade da situação se fazia cada vez mais presente, Marcus percebeu que a sua atitude não tinha importância. Ele não estava preparado para sacrificar ninguém; preferia lutar a vender sua alma pela causa da paz.

Pela segunda vez naquele dia, Marcus se pegou em pé, ouvindo a própria voz.

– Sou voluntário para ir ao encontro deles. Vocês precisam de um médico. Estou à disposição.

O senador Tovar olhou para ele, assentiu com a cabeça, e voltou-se para Mkele e Woolf. A sala era um alvoroço de medo e especulação. Marcus despencou sobre a cadeira.

Eu realmente preciso aprender a manter a minha boca fechada.

Capítulo Sete

Kira caminhava pelas ruínas da casa, confusa com o caos: as paredes haviam caído, o teto e o chão tinham cedido, pedaços de mobília se espalhavam pelo local, e os destroços estavam amontoados aleatoriamente. Madeiras, livros, papéis, louças e fragmentos de metal amassados preenchiavam a cratera e até vazaram para a rua, arremessados pela força da explosão.

Definitivamente a casa havia sido habitada, e não fazia muito tempo. Kira tinha visto um monte de entulho do velho mundo; cresceu cercada por eles e estava familiarizada com os objetos: porta-retratos com fotos de famílias mortas há muito tempo, pequenas caixas pretas com dispositivos de música e de jogos, vasos quebrados, cheios de caules frágeis. Os detalhes variavam de uma casa para outra, mas a sensação era a mesma – vidas esquecidas de pessoas esquecidas. Os destroços desta casa eram diferentes, e distintamente atuais: pilhas de latas de comida, agora estouradas e estragando no meio da sujeira, janelas com tapumes e portas reforçadas; armas, munição e camuflagem feita à mão. Alguém tinha morado ali, muito tempo depois de o mundo ter sido destruído. Até que outras pessoas – *Partials*? – invadiram sua privacidade e os moradores decidiram explodir a própria casa. O rastro deixado indicava que não havia sido um ataque externo. Um inimigo teria usado um explosivo menor para quebrar a parede ou um maior, que atingisse as casas vizinhas. Em todo caso, quem fez aquilo havia sido pragmático e tinha levado em conta os mínimos detalhes.

Quanto mais ela analisava aquela cratera, mais se lembrava de uma explosão que vira no ano anterior, antes de encontrar a cura, antes de Samm, antes de tudo. Ela tinha ido a uma missão de resgate, com Marcus e Jayden, em algum lugar da Costa Norte de Long Island, e um prédio tinha sido carregado para explodir. Uma armadilha muito parecida com aquela, ou seja, que não havia sido projetada para matar, mas para destruir as provas de sua ocupação. *Como era mesmo o nome da cidadezinha? Asharoken. Eu me lembro de como Jayden gozou do nome. E por que mesmo estavam vasculhando aquele prédio? O local tinha sido marcado por uma equipe de resgate preliminar, e os soldados haviam voltado para investigar. Eles levaram alguns especialistas, como aquele cara que lidava com computadores ou coisa parecida. Seria algo no campo da eletrônica?* Sua respiração travou na garganta quando as lembranças voltaram: era uma estação de rádio. Alguém havia instalado uma estação de rádio na Costa Norte e depois a explodiu para mantê-la em segredo. E agora alguém havia feito a mesma coisa aqui. Seria a mesma pessoa?

Kira deu um passo para trás pensativa, como se o prédio destruído pudesse de alguma forma abrigar outra bomba. Encarou os destroços, reunindo coragem, e voltou a andar, posicionando cuidadosamente os pés no terreno instável. Não demorou muito para encontrar o primeiro corpo. Um soldado de uniforme cinza – um *Partial* – estava alojado embaixo de uma parede caída, um cadáver fraturado dentro de uma armadura retorcida. O fuzil repousava ao seu

lado e Kira conseguiu puxá-lo dos destroços com facilidade; o gatilho estava emperrado, mas no tambor ainda havia uma bala. Tirou o pente e viu que estava cheio, o soldado não tinha disparado nem uma rodada completa antes de morrer e seus companheiros não tinham resgatado os equipamentos nem enterrado o corpo. *Isso significa que a bomba os pegou de surpresa, matando todo mundo. Não sobrou ninguém para resgatar os mortos.*

Kira continuou explorando o local cuidadosamente entre as vigas e tijolos e por fim encontrou uma pista familiar: os fragmentos escurecidos de um transmissor de rádio, tal como em Asharoken. As situações eram parecidas demais para ser uma coincidência. Um grupo de recrutas investiga algo suspeito, encontra uma casa com segurança reforçada, repleta de equipamentos de comunicação, e morre numa armadilha. Kira e os outros deduziram que o lugar em Asharoken pertencia à Voz, mas Owen Tovar sempre negou isso. Os candidatos mais prováveis eram, então, os Partials, embora aqui houvesse um grupo deles preso na mesma armadilha. *Outra facção Partial, então, refletiu Kira. Mas à qual delas pertence a doutora Morgan, à que espionava com a rádio ou aos que atacaram a casa? Ou a nenhuma das duas? E o que isso tem a ver com a ParaGen? Quem havia retirado os computadores dos escritórios também tinha levado os rádios das lojas, e agora ela encontrava fragmentos dos dois equipamentos no mesmo lugar. Deveria existir uma conexão. Parecia que a facção que andava coletando essas peças era a mesma que estava montando as estações de rádio nas ruínas. Mas o que estavam fazendo? E por que matavam tão desmedidamente para esconder as estações?*

– Preciso de uma pista – disse Kira, contraindo a expressão diante do estrago. Cada vez mais falava consigo mesma naqueles dias, e ouvir a própria voz ecoando na cidade abandonada a fazia se sentir uma idiota. Por outro lado, a sua voz era o único som que escutava nas últimas semanas e isso era estranhamente reconfortante. Balançou a cabeça. *Preciso conversar com alguém, certo? Mesmo que isso me faça parecer patética.* Curvou-se, examinando os pedaços de papéis espalhados pelos escombros. Quem havia planejado os esconderijos e plantado as bombas ainda devia estar em Manhattan; mas encontrá-lo agora seria praticamente impossível, já que todos os indícios foram pelos ares. Kira riu sarcasticamente.

– Esse deve ter sido o objetivo – disse.

Pegou um pedaço de papel do entulho e viu que era de um jornal do velho mundo, amassado e amarelado; a manchete quase não era legível. **PROTESTOS EM DETROIT ACABAM EM VIOLÊNCIA**, Kira leu. As letras pequenas no corpo do texto estavam muito apagadas, mas conseguiu decifrar as palavras “polícia” e “fábrica”, além de várias referências aos Partials.

– Então a facção das rádios também está coletando notícias sobre a rebelião Partial? – Kira franziu o rosto, intrigada com o jornal, e depois virou os olhos, jogando o papel de volta ao chão. – É isso ou todos os jornais que circularam após o Surto traziam estampadas notícias sobre os Partials, e o que encontrei não tem valor algum. – Balançou a cabeça. – Preciso de algo concreto, você sabe, além desses pedaços de concreto de verdade. – Chutou uma parte do entulho, que atravessou a cratera, batendo contra a antena de transmissão com um estalido.

Kira caminhou até a antena para examiná-la; era comprida, provavelmente alcançava vários metros quando esticada, no entanto, era tão fina quanto um cabo. A antena parecia ter sido bastante resistente enquanto se manteve erguida, mas, com a explosão e a queda, ficou toda enrolada em dobras e curvas bem apertadas. Kira tentou removê-la do meio dos tijolos e da argamassa em que estava enterrada até a metade. O equipamento se moveu alguns centímetros antes de se prender em algo; Kira fez força para puxar, mas o objeto se recusava a sair do lugar. Largou a antena arfando por causa do esforço e olhou ao redor procurando mais... nada. Encontrou mais recortes de jornal, três Partials em decomposição e um ninho de cobras garter[2] enroladas embaixo da célula de um painel solar caído; mas nada que indicasse para onde tinham ido os responsáveis pela explosão, ou se poderia haver mais estações de rádio em outros pontos da cidade. Sentou-se em uma célula solar para descansar, pegando seu cantil, quando de repente lhe ocorreu uma dúvida: – Por que dois painéis solares?

Esse tipo de painel, que Kira conhecia bem, era chamado Zoble. Xochi havia instalado um no telhado da casa para ligar os dispositivos de música, e havia muitos outros no hospital. Eles conseguiam produzir bastante energia e distribuí-la de modo muito eficiente, além de serem incrivelmente raros. Xochi só tinha conseguido bancar o dela por causa das conexões da “mãe” com os feirantes e fazendeiros. Encontrar um deles em Manhattan não era totalmente bizarro, a demanda era menor, afinal não havia outros coletores com quem competir, mas se deparar com dois painéis abastecendo um mesmo prédio denunciava uma necessidade absurda de energia. Ela vasculhou a cratera novamente, desta vez de gatinhas, procurando o equipamento que havia armazenado toda aquela energia; em vez disso, acabou encontrando pedaços de um terceiro painel Zoble.

– Três Zobles! – sussurrou Kira. – Por que alguém precisaria de toda essa energia? Para o rádio? Será que era necessário tudo isso? – Em East Meadow ela tinha usado rádios que cabiam na palma da mão e que funcionavam com pequenas pilhas recarregáveis. Que tipo de rádio exigia três painéis Zoble e uma antena de cinco metros? Não fazia sentido. A menos que estivessem gerando energia não apenas para o rádio. Mas também para ligar, digamos, uma coleção de computadores roubados da ParaGen.

Kira olhou ao redor, não para a cratera, mas para a rua atrás dela e para os prédios frios e sem vida a distância. Sentia-se exposta, como se o foco de um canhão de luz tivesse sido lançado sobre ela. Tentou se esconder sob a sombra de uma parede caída. *Se realmente existisse algo de valor embaixo dos escombros, alguém já teria voltado para buscar. O excesso de energia servia para fazer funcionar o rádio e os computadores. Já a pessoa que está coletando rádios e computadores continua fazendo isso nos últimos meses – muito tempo depois da explosão. Ou seja, eles ainda estão por aí, aprontando alguma coisa estranha.*

Kira levantou o olhar à altura do telhado e viu o céu enegrecido atrás dele. *Tudo que preciso fazer para encontrá-los é ir atrás do que eles precisam: uma antena gigante e painéis solares, o necessário para o rádio. Se na cidade existir outros lugares onde procurar esses equipamentos, não vai ser ficando aqui embaixo que vou descobrir.*

– É hora de ir.

O plano de Kira era simples: subir no prédio mais alto para ter uma boa visão da cidade e poder vigiar. Se tivesse sorte, veria outra coluna de fumaça, embora concordasse que os seus suspeitos deveriam ter aprendido algo com a última lição. Era mais provável que ela tivesse apenas de esquadriñar cuidadosamente a paisagem, em todas as direções e sob todos os ângulos dos raios de sol, na esperança de ver o lampejo de uma antena gigante e de um ou mais painéis solares.

– Devo fazer anotações, localizá-los no meu mapa e investigar pessoalmente o local – disse a si mesma enquanto subia outro lance de escada. – E espero não voar pelos ares, como aconteceu com os outros.

O edifício que escolheu ficava relativamente perto dos escritórios da ParaGen, cerca de um quilômetro e meio ao sudeste. Era um arranha-céu gigante de granito, orgulhosamente autodenominado *Empire State Building*. As paredes externas estavam cobertas por musgos e trepadeiras, como boa parte da cidade, mas a estrutura interna aparentava estabilidade. Kira apenas precisou chutar uma única fechadura para ter acesso à escada principal. Encontrava-se no trigésimo segundo andar, vagorosamente contornando a escada para o trigésimo terceiro; de acordo com as indicações no saguão ainda faltavam cinquenta e três andares para subir.

– Tenho três litros de água – disse para si, recitando a lista de suprimentos que carregava: seis latas de atum, duas de feijão e uma última embalagem de comida pronta da loja de suprimentos militares da Sétima Avenida. Preciso achar outra loja dessas. – Alcançou o trigésimo quarto andar com a língua de fora, mas continuou subindo. – É bom a comida durar bastante tempo porque não quero subir esta escada mais vezes do que o necessário.

Após o que pareceram horas, Kira desmoronou no octogésimo sexto andar arfando, bebeu água do cantil antes de verificar o espaço que se chamava “observatório”. A vista era espetacular, mas as paredes eram, em sua maioria, de vidro; quase todas haviam sido quebradas, deixando todo o andar exposto e extremamente gelado. Recuou para a escada e seguiu até o centésimo segundo andar, alcançando a base de uma torre gigante que subia cerca de mais setenta metros. Uma placa na porta a congratulava por ter galgado mil e oitocentos degraus, e ela agradeceu meneando a cabeça, quase sem fôlego. – Que sorte a minha – disse ofegante. – Fiquei com os melhores glúteos do planeta e ninguém para admirá-los.

Enquanto o octogésimo sexto andar era amplo e quadrangular, com uma sacada estreita ao redor do perímetro do prédio, o centésimo segundo era pequeno e circular, muito parecido com um farol. A única proteção entre os observadores e a rua lá embaixo era um círculo de janelas, a maioria intacta, mas Kira não resistiu à tentação de se debruçar sobre uma das que estavam quebradas, sentindo a velocidade do vento e o *frisson* insano causado pela altura que amortecia os sentidos. Era o tipo de visão que, na imaginação de Kira, as pessoas do velho mundo tinham quando estavam dentro de um avião; a uma altura tão longe do chão, o próprio mundo parecia distante e pequeno. O mais importante é que dali ela conseguia enxergar grande parte da cidade – havia ainda alguns poucos prédios mais altos, mas dificilmente a visão seria melhor do

que a de onde ela estava agora. Kira colocou as bolsas no chão e pegou o binóculo, começando a esquadrihar a paisagem em busca das antenas de rádio pelo lado sul. Havia muito mais antenas do que ela esperava. Soltou o ar numa longa e profunda expiração, balançando a cabeça e se perguntando como iria encontrar o prédio que procurava entre as centenas de edifícios que se amontoavam na ilha. Fechou os olhos.

– Só tem um jeito de fazer isso... – disse baixinho. Puxou então o bloco de notas da parte de trás da bolsa, localizou a antena mais próxima na direção sul e começou a escrever suas anotações.

Capítulo Oito

Antena mais distante localizava-se tão ao norte que Kira suspeitou estar além dos limites da ilha de Manhattan, numa região chamada Bronx. Ela tinha esperanças de não precisar ir tão longe, pois a proximidade com os *Partials* ainda a deixava nervosa, porém, se fosse necessário, jurou ir até o fim. As respostas que ela buscava faziam qualquer risco valer a pena.

A maior das antenas era a torre gigante que se elevava no mesmo prédio onde Kira estava, mas, além dela, não havia ninguém ali. Bem, pelo menos era o que ela pensava, embora o edifício fosse absurdamente grande.

– Talvez eu esteja sendo paranoica – disse, enquanto escalava a antena para analisar melhor. Ela parou e se corrigiu. – Paranoica *demais*. Claro que um pouco de paranoia não faz mal a ninguém. – Por fim, Kira acabou constatando que a antena não era eletrificada e se surpreendeu ao perceber o quanto tinha ficado aliviada com a notícia. Estudava a cidade, anotava cada nova antena que encontrava e assistia ao pôr do sol revelando novos painéis, que, um a um, cintilavam furtivamente quando a fraca luz solar incidia no ângulo certo antes de escorregar de volta na escuridão. Quando a noite chegou, Kira desceu alguns andares, encontrou um local fechado e aconchou-se quentinha dentro do saco de dormir. Àquela altura os prédios eram excepcionalmente limpos – não havia a terra trazida pelo vento, nem os brotos de árvores ou as pegadas de animais. Kira pensou em East Meadow, nos edifícios que ela e os outros tinham trabalhado com tanto afinho para mantê-los limpos: sua casa, o hospital e a escola. Perguntou-se, e não pela primeira vez, se um dia voltaria a vê-los.

No décimo quarto dia seu cantil secou e Kira foi obrigada a percorrer o longo caminho de volta até o nível da rua para procurar água. Um parque, no final de um longo quarteirão, chamou sua atenção. Lá, encontrou o que procurava – não uma piscina nem uma poça d'água, mas uma entrada de metrô onde uma água escura batia contra os degraus. No velho mundo, o metrô funcionava como um meio de transporte para as pessoas, mas por algum motivo havia alagado; agora, os túneis eram rios subterrâneos, que corriam devagar, mas que fluíam. Kira trouxera com ela o purificador; bombeou três litros de água, enchendo novamente as garrafas plásticas ao mesmo tempo que mantinha um olhar vigilante na cidade ao redor. Logo depois, encontrou uma mercearia onde havia várias latas de vegetais. Não pode evitar a cara de nojo quando viu uma lata que havia intumescido e estourado; essas embalagens tinham mais de onze anos e estavam no limite de validade da maioria das comidas em lata. Se algumas delas já estavam estragadas, era melhor não arriscar com nenhuma outra. Devolveu as latas com um suspiro, perguntando-se se teria tempo de caçar algum animal vivo.

– Pelo menos vou tentar algumas armadilhas – decidiu, colocando ciladas simples de corda na boca da entrada do metrô. Havia pegadas ao redor, e ela concluiu que alguns antílopes e coelhos estavam usando o local para beber água. Subiu novamente ao seu observatório, montou

mais algumas armadilhas para pássaros e voltou ao trabalho. Duas noites depois conseguiu ter ganso para o jantar, assado num fogão velho, transformado numa churrasqueira feita de antigos cabides de ferro. Foi a melhor refeição que comeu em semanas.

Cinco dias depois – e mais três viagens para reabastecer as garrafas com água –, Kira fez sua primeira grande descoberta: um brilho numa janela e uma minúscula chama vermelha dançando por instantes, que desapareceu em seguida. Seria um sinal? Ou teria sido apenas sua imaginação? Endireitou-se na posição e observou atentamente através do binóculo. Um minuto se passou. Depois, cinco. Quando estava a ponto de desistir, viu novamente uma fogueira e uma porta se fechando. Alguém estava deixando a fumaça escapar; talvez tenham perdido o controle do fogo de cozinhar. Apressou-se em identificar o edifício antes de a noite cair por completo e viu a luz cintilando mais três vezes na meia hora seguinte. Quando a lua surgiu no céu, procurou pela fumaça, mas não havia nenhum vestígio na paisagem; podia ter sido apagada ou o vento a tinha dispersado tão bem que não era mais visível.

Kira ficou de pé, ainda com o olhar fixo no prédio que agora estava desaparecendo na escuridão. Era um dos muitos que ela identificara como um de seus possíveis alvos: no telhado havia vários painéis solares ligados a uma antena central muito grande, o que passava a impressão de que ali havia funcionado uma estação de rádio de verdade. Se alguém tinha conseguido colocar aquele equipamento velho em ação, essa pessoa agora possuía uma rádio mais poderosa do que as duas últimas que haviam explodido.

– Vou lá agora ou amanhã cedo? – Ao encarar a escuridão, Kira percebeu que não tinha um plano definido. Saber onde os bandidos se escondiam não adiantava em nada se, ao colocar os pés no local, detonasse uma bomba. Poderia tentar capturar um deles usando uma versão maior de sua armadilha para coelhos, e depois interrogá-lo. Outra opção seria conseguir entrar quando a bomba estivesse desarmada, o que, na sua opinião, só acontecia nos momentos em que o grupo estava no local. Tal possibilidade não parecia nem um pouco segura. – O melhor a fazer – disse a si mesma, ajoelhando-se à janela – é exatamente o que estou fazendo, observar e torcer para que eu aprenda alguma coisa relevante sobre eles – concluiu com um suspiro. – Eu já cheguei até aqui assim.

Mas a pergunta continuava martelando sua cabeça: devo ir agora ou esperar até amanhã? Uma viagem pela cidade seria mais perigosa no escuro. Seus oponentes haviam se mostrado incrivelmente precavidos e se soubessem que um clarão ou um rastro de fumaça tinha denunciado sua localização, mudariam para uma nova posição, deixando outras minas para trás e despistando Kira. O fogo teria sido um erro? Eles teriam ficado tão nervosos a ponto de fugir? Tratava-se de uma daquelas situações em que a abordagem lenta e cuidadosa poderia ser muito arriscada – e já haviam se passado cinco dias. O melhor era agir agora, antes que ela acabasse perdendo sua única pista. Kira recolheu seus pertences, checkou o fuzil e começou a longa descida pelas negras entranhas da escada.

Gatos selvagens rondavam as ruas em busca de comida e seus olhos brilhavam no

escuro. Kira ouvia os animais se movimentando entre as sombras dos escombros: esperavam, de tocaia, para atacar. Em seguida, ouvia-se o berro do predador e a luta das presas.

Esquadrinhou a rua antes de deixar o prédio, depois andou suavemente de um carro até outro, mantendo-se escondida o máximo possível. A construção onde vira a fumaça estava a cerca de cinco quilômetros para o norte, bem próximo das matas do Central Park.

Isso a incomodava. Animais selvagens viviam em toda a cidade, mas os de maior porte se concentravam no parque. Kira começou a se deslocar o mais rápido que a sua coragem permitia, mantendo a lanterna apagada e usando o luar para se guiar. A luz fraca da lua tornava as sombras ainda mais profundas e sinistras; também fazia o chão parecer mais nivelado do que na realidade era, o que a fazia tropeçar todas as vezes que apertava o passo. Circundou o lado oeste do parque, atenta à presença de animais, mas fora da mata fechada não havia nenhum. Isso era uma má notícia. Se houvesse cervos, os predadores teriam pelo menos algo melhor para caçar do que ela própria. Os gatos domésticos, agora selvagens, não eram os mais perigosos do pedaço.

Kira viu no canto de seu campo de visão uma sombra em movimento e girou o corpo. Nada. Parou para ouvir... sim... ali estava. Uma vibração ininterrupta, tão baixa que mal podia ouvi-la... Algo muito grande respirava próximo dela; não apenas uma respiração, mas um ronronar, quase um rugir. Vinha de algo que era muito bom na arte de se esconder.

Kira estava sendo caçada.

Na sua frente havia uma praça espaçosa com o concreto empenado e rachado, pontilhado com tufos altos de mato escuro; uma estátua central se destacava solene e imóvel, e a área estava rodeada por carros com pneus vazios há muito tempo. Kira encostou-se lentamente contra a parede, saindo da linha de ataque do predador, segurando o ar dentro do peito para ouvir melhor. A respiração pesada continuava por ali, o ronco grave de um pulmão gigante inspirando e expirando, mas ela não conseguia identificar de onde vinha.

Havia panteras na cidade, pensou. Eu já as vi durante o dia – além de leões e, certa vez, até um tigre. Fugitivos de um zoológico ou circo, bem alimentados pelas manadas de cervos e cavalos selvagens que corriam pelo Central Park. Havia até mesmo elefantes, ouvi alguns no ano passado. Será que as panteras também se alimentam de elefantes?

Mantenha o foco, disse a si mesma. Elas vão se alimentar de você caso não encontre um jeito de escapar. Panteras, leões ou coisa pior.

Panteras. Um pensamento terrível lhe ocorreu: elas costumam caçar à noite, mas eu só as vi à luz do dia. Será que agora elas caçam a qualquer hora? Ou esse ser escondido no escuro é algo pior, tão perigoso, que até mesmo as panteras tiveram de mudar seus hábitos alimentares para evitá-lo? Estou sendo caçada por uma pantera noturna, ou há animais amedrontados, escondidos no covil, fugindo da criatura que está querendo me pegar? Lembranças do catálogo da ParaGen assaltaram-lhe o pensamento: dragões e cães inteligentes, leões geneticamente modificados e sabe-se lá mais o que eles haviam criado. Eles projetaram os Partials como soldados de última geração – teriam também inventado predadores de última geração?

Kira olhou furtivamente de volta para as fileiras de carros e *vans* de entrega abandonados na rua de onde viera; a criatura poderia estar escondida atrás de qualquer um dos veículos, esperando-a passar por eles. O maior problema era a praça. Sua melhor opção estava do outro lado da rua, no saguão do que parecia antigamente ter sido um *shopping center*. Manequins caídos, pôsteres de rostos e corpos, araras e mais araras de roupas rasgadas. E se a besta estivesse ali? Toda aquela sujeira na entrada poderia servir de covil. Mas também havia portas por onde só os humanos passariam, e estavam fechadas. Se ela conseguisse entrar por uma delas e depois trancá-la, estaria em segurança. Pelo menos até o animal ir embora, ou até o amanhecer, caso precisasse esperar tanto tempo. Ouvia o mesmo rugido contínuo, desta vez ainda mais perto. Cerrou os dentes com toda a força.

– É agora ou nunca! – Ficou na ponta dos pés e saiu em disparada, atravessou a rua esburacada até o *shopping center* do outro lado da via, evitou passar pela lateral de um carro, e nesse momento sentiu uma rajada de ar atrás dela. Imaginou patas gigantes passando a apenas alguns centímetros das suas costas e precisou redobrar sua determinação para se manter em pé enquanto atravessava correndo a porta de vidro quebrada do prédio. Com a força de sua corrida, Kira movia o entulho sob seus pés com mais velocidade do que ela jamais imaginou ser capaz, no entanto, não ousava olhar para trás; levantou a arma na altura dos ombros e disparou para trás incessantemente, até encontrar uma pilastra quebrada para se proteger. O interior do *shopping* era maior do que imaginara, escadas resplandecentes de metal subiam e desciam em pares, um amplo pátio se abria no piso inferior. Estava escuro demais para enxergar o primeiro ou o último andar; escuro demais para ver qualquer coisa em detalhe. A porta que queria alcançar ficava do outro lado; ela seguiu pela direita contornando o vão no centro do prédio, começou a carregar a arma novamente na frente do corpo e acendeu a lanterna. Parecia estar derrapando num terreno escorregadio; decidiu correr em direção à primeira porta que avistou.

O fecho de luz balançava descontroladamente, para cima e para baixo, para frente e para trás, iluminando aos supetões o revestimento do chão, o metal da escada e os pratos de espelho na parede do outro lado do corredor. Um lampejo do foco se projetou na parede e mostrou sua própria imagem, uma figura escura de tamanho desproporcional avançando ameaçadoramente; então a luz saltou novamente e a cena desapareceu. Era um pesadelo de luz, sombra e medo. Kira firmou o olhar na porta, correndo como nunca. Instantes antes de alcançar a saída abaixou a arma, mirou na maçaneta e detonou sua semiautomática. A fechadura estourou, abrindo a porta, e Kira mergulhou sem pestanejar, batendo a mão contra a parede da esquerda para impulsionar o corpo para a direita, em direção à outra passagem. Ao atravessar a segunda porta, a garota a fechou atrás de si violentamente; manteve o corpo encostado contra ela, enquanto, do outro lado, algo forçava a abertura. A madeira rachou num estalo, mas não cedeu. Kira, então, colou o corpo contra a porta, preparando-se para o impacto de outra investida.

Ela segurava desajeitadamente o fuzil para iluminar o ambiente com a lanterna da arma e viu, no centro da sala, uma mesa grande de madeira. Enquanto isso, do outro lado, o bicho dava

patadas e suas garras arranhavam a porta, sem conseguir derrubá-la. Kira arriscou um salto até a mesa, inclinando-se contra ela e empurrando-a até a porta. As pancadas ficaram mais intensas; a porta tremeu e de repente Kira ouviu um rugido ensurdecedor. Ela perdeu o equilíbrio, derrubou o fuzil e se jogou contra a mesa novamente, batendo-a violentamente contra a porta. Ao mesmo tempo, a coisa do outro lado também se jogava contra a barreira, sacudindo toda a sala. A mesa aguentou o tranco. Kira recuou para pegar a lanterna do fuzil e iluminou a metade superior da porta, toda rachada e fora do batente. Algo se moveu do outro lado, quase da altura do teto; o foco de luz bateu contra os enormes olhos cor de âmbar que se cerraram contra o brilho que os cegava. Kira sentiu vertigem só de ver o tamanho do animal, encolhendo-se involuntariamente. Uma pata gigante dilacerou a porta, garras enormes reluziam prateadas sob o raio de halogênio e Kira disparou um tiro de fuzil, acertando a unha do animal. A criatura rugiu de novo, mas desta vez Kira berrou de volta, acuada e furiosa. Subiu na mesa, mirou bem no meio do buraco na porta e disparou contra a muralha de pelos e músculos. Seu grito era de dor e fúria, debatendo-se violentamente contra a porta. Kira retirou o pente vazio e recarregou a arma, atirando novamente. A criatura se virou e fugiu, desaparecendo na escuridão.

Ela permaneceu paralisada na frente da porta, com os nós dos dedos brancos como a neve de tanto apertar o fuzil. Um segundo virou um minuto, um minuto, dois. O monstro não retornou. O efeito da descarga de adrenalina passou e Kira começou a tremer, a princípio de forma sutil, depois mais intensamente, com rapidez, o corpo se agitando descontroladamente. Desceu da mesa num movimento que quase a levou ao chão e foi desmoronar no canto da sala, soluçante.

A luz da manhã não atravessou o labirinto de paredes e portas, mas Kira conseguiu ouvir os sons matutinos: pássaros cantando para saudar o sol, abelhas zunindo entre as flores no asfalto e, sim, o distante bramido de um elefante. Levantou-se vagarosamente e foi espiar através do buraco na porta arreventada. Sua lanterna continuava ligada, embora as pilhas já falhassem; a sala da frente estava coberta de borrifos e manchas de sangue, mas não havia sinal da criatura. Puxou a mesa para trás, abriu a porta com cuidado; do outro lado estava mais iluminado, com raios de sol incidindo sobre a desordem no chão do *shopping*. Pegadas de um tom marrom avermelhado conduziam até a rua, em direção à praça, mas Kira não se deu ao trabalho de segui-las. Ela deu um gole no cantil e jogou água gelada sobre o rosto. Tinha sido uma estupidez sair à noite e prometeu a si mesma nunca mais fazer isso.

Sacudiu a cabeça, alongando costas, braços e dedos. Ela acreditava que os tiros da noite passada não foram escutados pelos homens que a procuravam, pois eles deveriam estar distantes demais para isso. Mas se ela não tivesse tido tanta sorte com os ecos, quem saberia dizer o que poderia ter acontecido? Isso não alterava seus planos – se antes ela já estava com pressa de encontrar o edifício, agora isso se tornara ainda mais urgente. Tirou o mapa da mochila, localizou-se e planejou a melhor rota para seguir. Dando um suspiro e outro gole de água, partiu pela cidade.

Kira viajava com cautela, atenta não apenas às patrulhas Partials, mas também ao enorme monstro de patas peludas; via movimento em todos os cantos escuros e precisava se forçar a manter a calma e a sensatez. Quando chegou ao bairro certo, precisou de mais algumas horas para identificar, com segurança, o prédio que tinha a antena, embora grande parte da demora fosse resultado do medo de ser vista. Acabou subindo a escadaria de outro edifício para obter um ponto de vista privilegiado e de lá localizar a antena com mais facilidade. Naquela região as construções eram menores, a maioria com apenas três ou quatro andares. Agora que sabia exatamente o que procurava ficava mais fácil reconhecer pistas sutis que indicavam se o prédio era habitado ou não: muitas das janelas estavam cobertas, especialmente as do terceiro andar, e uma trilha quase desfeita na sujeira que se acumulava no local indicava que alguém havia usado recentemente os degraus de entrada.

Essa era a parte mais complicada. Ela não se atrevia a entrar no prédio até descobrir quem morava ali, onde esses indivíduos estavam e se as bombas podiam estar ativadas para explodir. O cenário mais provável, ao menos em sua opinião, era que se tratava de um posto avançado de alguma facção Partial – e não de um grupo amigável à facção da doutora Morgan, pois o último encontro deles, em outro posto avançado de observação, tinha acabado de maneira muito destrutiva. Porém, isso não queria dizer que, automaticamente, esses Partials simpatizavam com os humanos, e ela não tinha nenhuma intenção de cair numa armadilha. Ia observar e aguardar, para ver os acontecimentos.

Mas nada aconteceu.

Kira ficou de olho no prédio o dia inteiro, escondida num apartamento do outro lado da rua. Comeu feijão em lata gelado e se embrulhou numa manta com furos de traça para evitar acender uma fogueira. Ninguém entrou ou saiu do edifício e, quando a noite caiu, não havia sinal de fogo em nenhuma das janelas, nem fumaça escapando pelas frestas dos tapumes. No segundo dia a situação foi a mesma e Kira começou a ficar nervosa. *Eles devem ter partido antes da minha chegada ou escapado pelos fundos.* Caminhou agachada até a rua e fez uma breve inspeção no perímetro do edifício, procurando outras entradas e saídas, mas nenhum dos locais parecia ter sido utilizado, nem rotineiramente nem nos últimos tempos. Se tivessem mesmo partido, usaram a porta da frente. Voltou para o apartamento e ficou vigiando a entrada.

Naquela noite, alguém saiu do prédio.

Kira se inclinou para a frente tomando o cuidado de ficar na sombra, fora do alcance do luar que atravessava a janela. Avistou um homem grande, com mais de dois metros de altura. O tamanho da sua cintura fazia jus ao peso: com certeza, ele tinha uns noventa quilos a mais do que Kira. Sua pele era escura, mas não mais do que a dela. Ficava difícil distinguir na luz fraca da noite nublada. Ele abriu a porta aos poucos, carregando um pequeno carrinho de mão, desceu as escadas fechando a porta cuidadosamente atrás de si. O carrinho estava cheio de jarras, e Kira supôs que deveriam ser para pegar água. O indivíduo usava uma mochila pesada, repleta de coisas que Kira não identificou. Também não foi possível ver se possuía uma arma. *Nesses casos,*

é mais seguro esperar pelo pior, pensou, já que facilmente ele poderia ter uma arma de alto calibre ou uma submetralhadora escondida nas dobras do casaco.

Kira pegou as coisas em silêncio, arrumando a mochila no escuro e descendo atrás do suspeito. Ele já estava na esquina quando ela alcançou a rua. Esperou que virasse para segui-lo, pisando o mais suavemente possível sobre os destroços. Observou que o homem caminhava devagar, puxando o carrinho atrás de si. O jeito de ele andar era estranho, como se bambolesse, e Kira ficou imaginando se não seria por causa do tamanho avantajado ou algum outro fator. Quando chegou ao fim do quarteirão, ele não parou antes de atravessar a rua, como se estivesse totalmente alheio ao fato de poder ser visto, ou pior, devorado. Como ele havia sobrevivido até ali sem ter encontrado aquele monstro noturno? Desapareceu atrás de um muro baixo e Kira agachou-se para chegar mais perto.

Ele estava parado na porta de uma estação de metrô enchendo as jarras com uma bomba de tubo comprido, parecida com a dela. Sua respiração estava ofegante enquanto fazia o trabalho, como se o esforço fosse demais para ele, mas o resto dos seus movimentos demonstrava familiaridade e perícia. Pelo jeito, repetia aquela operação com tanta frequência que já era craque.

Seria um Partial? Kira ficou imóvel na escuridão observando-o, tentando... não ouvi-lo, nem cheirá-lo, mas *senti-lo*, da mesma forma que fora capaz de fazer com Samm. O *link*. Era mais emocional do que racional; para se conectar com aquele homem, precisaria sentir as coisas que ele sentia. Examinava suas emoções atentamente. Estava curiosa? Cansada? Estava certa do seu objetivo? Tudo isso vinha dele? O que ele estaria sentindo? Ele sussurrava algo para si mesmo, não com raiva, falava apenas, como ela mesma tinha começado a fazer. Kira não conseguia ouvir as palavras.

Quanto mais ela o espiava enchendo metodicamente as jarras, mais se convencia que ele era humano; seu tamanho sugeria isso. Os Partials tinham sido projetados não apenas como soldados, mas como um tipo específico: a infantaria era formada de homens jovens, enquanto os generais eram mais velhos; Samm tinha contado a ela que os médicos eram mulheres e que os pilotos, garotas miúdas idealizadas para entrar facilmente em pequenos veículos e cabines apertadas. As empresas que prestavam serviço para o exército haviam economizado milhões de dólares com jatos de tamanho reduzido. Obviamente havia exceções – Kira não fazia ideia em qual papel Heron se encaixava, a *supermodel* de pernas longas que a havia capturado para a doutora Morgan –, mas será que aquele homem na sua frente se enquadrava em algum modelo? Ele era enorme, ainda mais agora que ela o via do nível do chão. Um tipo de supersoldado entre os supersoldados? Um perito em armamentos pesados, quem sabe, ou um especialista em combate corpo a corpo? Samm não havia mencionado nada assim, mas havia muitas coisas que ele não havia contado. Kira concentrou-se o máximo possível, desejando se conectar com aquele gigante por meio de qualquer versão do *link* que ela possuía, mas não sentia nada.

Não era apenas o tamanho, mas o simples fato de ele estar ofegante. O homem tinha caminhado apenas alguns quarteirões e estava quase sem fôlego, como se tivesse corrido uma

maratona. Isso não fazia sentido para um supersoldado fisicamente perfeito, mas era algo lógico num humano obeso.

Agora ele estava bastante visível, graças à lua grande e ao céu sem nuvens; Kira pegou o binóculo em silêncio para analisá-lo melhor. Ela estava a menos de trinta metros de distância, agachada atrás de um carro enferrujado, e queria ter certeza de que o sujeito não estava armado. Não havia nada nos quadris ou nas pernas, nenhum coldre ou faca, e parecia não existir nada dentro do carrinho além de jarros de plástico. Acabou de encher um deles e virou-se na direção de Kira para guardar o recipiente. Apenas por alguns instantes o casaco se abriu, deixando à mostra seu tórax e as laterais do corpo: ali também não havia armas, nem coldres de ombro ou bandoleiras. Kira franziu o rosto. Ninguém andaria por um lugar selvagem desprotegido, então a arma deveria estar escondida... mas por que fazer isso quando se pensa que está sozinho?

Foi então que Kira percebeu que havia caído numa armadilha: o homenzarrão lento e desarmado tinha sido enviado como isca enquanto os outros cercavam o local para que ela não escapasse. Kira desmoronou, abaixando-se para o caso de alguém tentar atirar ali mesmo, e olhou para todas as direções descontroladamente, procurando os agressores. A cidade estava escura demais, poderia haver atiradores em centenas de janelas diferentes, portas e esconderijos ao redor, mas ela não conseguiu enxergar muito bem nenhum desses lugares. Sua única esperança era correr, como havia fugido do monstro na praça. A fachada do prédio da frente parecia ser uma antiga pizzaria; no mínimo deveria ter uma sala nos fundos, talvez um porão, e se ela tivesse sorte, uma escada que desse acesso ao resto do edifício. Poderia se enfiar lá, encontrar outra saída e escapar antes que ficasse totalmente encurralada.

O homem na entrada do metrô espreguiçava-se e deixou a mochila descansar no chão ao seu lado. Estaria se preparando para um ataque? Tinha de fugir agora. Kira ficou de pé e saiu em disparada em direção ao outro lado da rua, preparando-se para o impacto das balas nas suas costas. Ouvia um grito, como um lamento de dor, mas não se virou para trás. No fundo da pizzaria havia uma pequena porta de madeira que dava acesso a um escritório. Enfiou-se lá dentro e fechou a porta, acendendo a lanterna para procurar outra saída. Não havia nenhuma.

Ela estava encurralada.

Capítulo Nove

Kira passou o braço pela mesa de metal no centro da sala, removendo décadas de poeira acumulada e pilhas de papel. Por último, restou a tela de um computador, que foi derrubado quando ela recuou o braço, antes de tombar a mesa de lado e mergulhar atrás da barreira extra de proteção. Abaixou-se rente ao chão, atrás da mesa, com o fuzil enfiado na lateral do rosto, o cano apontando direto para a porta; ao menor movimento da maçaneta, ela poderia furar com uma bala qualquer um que estivesse atrás da porta. Esperou quase sem ter coragem de respirar.

Continuou a esperar.

Um minuto se passou. Cinco minutos. Dez. Imaginou que do outro lado da porta houvesse outro atirador, esperando com tanto cuidado como ela. Qual deles dispararia primeiro? Havia outros e estavam em vantagem; tinham mais espaço para manobras e mais pessoas para executá-las. Em todo caso, ela não iria desistir tão facilmente. Se a queriam, teriam de vir buscá-la.

Mais dez minutos se passaram e Kira transferiu dolorosamente o peso do corpo para a outra perna. Piscou gotas de suor dos olhos, sentindo que estavam secos e vermelhos. Recusava-se a se entregar. A garganta estava áspera e dolorida, os dedos, travados no cabo da arma. Nada se movia. Nenhum ruído perturbava a noite.

A lanterna de Kira piscou, uma luz fraca e amarelada por causa das pilhas que começavam a falhar. Estavam fracas há alguns dias, mas ainda não tinha encontrado outras novas. Dez minutos depois, a luz apagou de vez e Kira fechou os olhos contra o breu, impotente. Toda sua atenção concentrou-se nos ouvidos: qualquer barulho na maçaneta, um estalo no piso, chiados de sapatos ou o *click* de uma arma pronta para disparar. Outros dez minutos. Vinte. Uma hora. Eles realmente eram tão pacientes?

Ou não havia ninguém ali?

Kira esfregou os olhos e se pôs a pensar no ataque. Tinha acreditado que era uma armadilha, mas na verdade não tinha visto ninguém. Seria possível que aquele homem desarmado e sozinho numa cidade morta, cheia de monstros, fosse realmente o único ali? Extremamente improvável, mas possível. Estaria disposta a arriscar a vida baseada numa possibilidade?

Abaixou a arma choramingando em silêncio por causa da dor nos ombros retraídos. Moveu-se o mais quietamente que pôde para a lateral da sala, fora da linha de fogo que poderia vir pela porta, e prestou atenção aos ruídos novamente. Tudo em silêncio. Levantou um braço, tocando firmemente a parede, e alcançou a maçaneta. Ninguém atirou contra ela. Respirou, apertou a maçaneta e escancarou a porta o máximo que sua força permitiu, recolheu o braço num puxão e rolou o corpo para fora da abertura da porta. Nenhum tiro, nenhum grito, nenhum barulho além do ranger da porta se abrindo. Encarou a escuridão pela abertura da porta e tentou

reunir coragem para atravessá-la, mas resolveu tentar outra coisa antes de se arriscar. Pegou o monitor que derrubara de cima da mesa, encontrou uma boa posição e o arremessou pela porta, na esperança de chamar a atenção de qualquer um que estivesse de tocaia do lado de fora. O monitor se espatifou no chão, a tela quebrou e o silêncio voltou.

– Ninguém atire em mim – disse, por precaução, contornando vagarosamente o batente da porta. O salão da pizzaria estava vazio como sempre e na rua, o metal abaulado dos carros refletia o luar. Saiu agachada, com o fuzil pronto para entrar em ação; observou as laterais para o caso de uma emboscada, mas estava sozinha. Do outro lado da rua o carrinho estava abandonado na entrada do metrô. Um dos jarros aparecia caído de lado no chão, sem água. A alguns centímetros de distância, no muro lateral do metrô, onde o homem havia se encostado, a mochila volumosa continuava no chão.

Antes de se aproximar da mochila, Kira atravessou todo o cruzamento, correndo de um carro a outro em busca de abrigo. Era uma bolsa enorme, praticamente do seu tamanho, e ela não conseguiu afugentar a lembrança das crateras deixadas nas duas casas que tinha visitado. Estava mesmo disposta a abrir a mochila de um terrorista? O homem poderia tê-la deixado ali especialmente para matá-la... mas, falando sério, ele tinha tantas oportunidades mais fáceis de atirar nela caso realmente desejasse. Ou será que ele só trabalhava com explosivos? Talvez por isso não tivesse nenhuma arma.

Ela se aproximou da mochila com desconfiança, esfregando as mãos no rosto, tentando tomar uma decisão. Valeria a pena? O monstro noturno continuava seguindo seu rastro – a única vez que ela tinha se arriscado, quase havia perdido a vida. Mas seus cuidados estavam fazendo com que perdesse tempo, e tempo era algo que ela não podia se dar ao luxo de desperdiçar. Ela buscava respostas: o que é a Verdade? O que os Partials têm a ver com o vírus RM? Quem sou eu e de qual plano faço parte? Essas respostas poderiam salvar a raça humana, ou destruí-la. Ela precisava tomar uma decisão, mesmo que as escolhas fossem perigosas. Jogou o fuzil para trás do ombro e tocou na bolsa...

... e ouviu uma voz.

Kira recuou desconcertada, escondendo-se atrás do muro da entrada do metrô. A voz era suave, mas no silêncio da meia-noite tornava-se bem audível, um sussurro frágil vindo de uma rua lateral, talvez de uma distância de meio quarteirão, mas se aproximando. Segurou o fuzil firmemente, procurando um lugar para onde correr, mas era uma prisioneira a céu aberto. Em vez disso, caminhou devagar para o lado, mantendo a entrada do metrô como uma proteção entre ela e a voz. À medida que chegava perto, o murmúrio foi ficando cada vez mais alto e finalmente ela conseguiu entender as palavras.

– Nunca deixe a mochila. Nunca deixe a mochila. – Era a mesma frase repetida continuamente. – Nunca deixe a mochila. – Espiou e viu o mesmo grandalhão de antes, subindo penosamente a rua, com o mesmo jeito de andar bamboleante. – Nunca deixe a mochila. – Ele virava as mãos, uma sobre a outra, e olhava de um lado para outro da rua. – Nunca deixe a mochila.

Kira não sabia bem o que era, se o jeito de caminhar, falar ou de esfregar as mãos; foi provavelmente tudo isso e algo mais o que a fez decidir. Tinha perdido tempo demais. Precisava agir. Passou o fuzil para as costas, espalmou as mãos para mostrar que estavam vazias e saiu do esconderijo, colocando-se entre ele e a mochila.

– Olá.

O homem deu um pulo, os olhos arregalados de medo, e então saiu correndo por onde tinha vindo. Embora não tivesse certeza, Kira deu um passo à frente com a intenção de segui-lo, quando de repente o desconhecido parou, dobrando o corpo como se estivesse machucado e sacudindo a cabeça violentamente. – Nunca deixe a mochila – disse, virando-se de frente para ela. – Nunca deixe a mochila. – Ele viu Kira novamente e voltou a correr, como se fosse uma reação involuntária; então, retornou e olhou para a bolsa, com uma expressão de dor e horror. – Nunca deixe a mochila.

– Está tudo bem – disse Kira, perguntando a si mesma o que estava acontecendo. Não era nada do que tinha esperado. – Não vou machucar você – disse, tentando parecer o mais inofensiva possível.

– Preciso da mochila – disse ele, o desespero transparecia na sua voz. – Eu não devia esquecer a mochila. Sempre a levo comigo. É tudo o que tenho.

– São seus suprimentos? – Kira perguntou, saindo da frente da mochila. Agora o homem tinha uma visão melhor da bolsa, avançou cinco passos, as mãos estendidas como se fosse pegá-la de um puxão, a uma distância de quinze metros. – Não estou aqui para roubar você – ela disse baixinho. – Só quero conversar. Há outras com você?

– Essa é a única – alegou. – Preciso dela, não posso perdê-la, é tudo o que tenho....

– Não estou falando da mochila – disse –, quero dizer, outras pessoas. Quantas pessoas estão com você no esconderijo?

– Por favor, me dê a mochila – ele repetiu, aproximando-se. Quando ele entrou num foco de luz, Kira pôde ver lágrimas em seus olhos. Sua voz estava seca e desesperada. – Preciso dela. Por favor, devolva-a.

– É remédio? Você precisa de ajuda?

– Por favor, me devolva – repetia baixinho. – Nunca deixe a mochila.

Kira refletiu por um momento e decidiu se afastar alguns metros até o outro lado do carrinho com água, longe o bastante para que ele pudesse pegar a mochila, enquanto ela se mantinha longe do seu alcance. Ele correu e se jogou sobre a mochila, abraçando-a e chorando. Kira estava atenta para o caso de uma emboscada, ela procurava atiradores posicionados nas janelas ou homens se aproximando pela rua de trás. Ele parecia estar completamente solitário. *O que está acontecendo aqui? Seria ele o terrorista tão difícil de capturar, que havia colocado armadilhas tão bem disfarçadas a ponto de os Partials só as terem localizado tarde demais?*

Ele não parecia disposto a conversar sobre nada que não fosse a mochila, então ela insistiu nesse assunto.

– O que tem aí dentro?

Ele respondeu sem levantar o olhar.

– Tudo.

– Comida? Armas?

– Armas não, armas não – respondeu com firmeza, balançando a cabeça. – Não sou um combatente, você não pode atirar em mim, não tenho armas.

Kira aproximou-se alguns passos.

– Comida, então?

– Você está com fome? – O assunto parecia tê-lo despertado e ele levantou a cabeça.

Kira ponderou antes de responder e então assentiu com a cabeça.

– Um pouquinho. – Ela ficou em silêncio, depois mexeu na própria mochila. – Tenho um pouco de feijão, se você quiser, e uma lata de abacaxi que encontrei numa farmácia.

– Tenho muito abacaxi – ele respondeu, erguendo-se vagarosamente. Ele limpou as mãos e colocou a mochila nos ombros. – Prefiro salada de frutas. Tem abacaxi, pêssego, pera e cereja. Venha até minha casa que mostro para você.

– Sua casa? – Kira perguntou, pensando nas duas crateras. Kira estava convencida de que aquele homem não era um Partial; se fosse qualquer outra coisa que não um humano, seria apenas um gigante com a mentalidade de uma criança. – Quem mais está lá?

– Ninguém. Só eu mesmo. Não sou um combatente. Você não pode atirar em mim. Você quer comer salada de frutas na minha casa?

Kira refletiu mais um pouco e assentiu novamente. Se aquilo era uma armadilha, com certeza era a mais estranha que já havia encontrado. Esticou a mão para cumprimentá-lo.

– Meu nome é Kira Walker.

– Meu nome é Afa Demoux. – Ele colocou o jarro caído de volta no carrinho, recolheu a bomba e começou a rebocar tudo de volta para o esconderijo. – Você é uma Partial e eu o último humano sobre a Terra.

O esconderijo de Afa era uma velha estação de TV, antiga o bastante para possuir equipamentos anteriores à época do entretenimento computadorizado. Kira havia participado de missões de resgate em um punhado de estações locais de TV em Long Island e havia encontrado muitos aparelhos especializados, mas eram pequenos: câmeras, cabos e computadores que mandavam todas as informações para a nuvem. Aquele prédio também tinha tudo isso – provavelmente como todas as estações, ela pensou, dada a obsessão do velho mundo pela internet. Mas havia peças ainda mais antigas: vários equipamentos manuais, uma sala com máquinas misteriosas de transmissão, projetadas para enviar os sinais pelo ar, que depois eram captados por antenas em locais distantes, ao invés de serem transmitidos diretamente por satélites. Esse era o motivo pelo qual o prédio ainda conservava aquelas antenas enormes e também era por isso que Afa morava ali. Ela sabia disso porque Afa havia repetido a mesma história durante horas.

– A nuvem não existe mais – repetiu –, mas os rádios não precisam dela, é um sistema ponto a ponto. Você só tem que ter um rádio, uma antena e energia suficiente para fazer tudo

funcionar. Posso transmitir para qualquer um, e qualquer um pode transmitir pra mim, e não precisamos de rede, nem de nuvem. Com uma antena tão grande como esta, posso enviar sinais para o mundo inteiro.

– Isso é ótimo. Mas com quem você conversa? Quem está do outro lado? – Kira perguntou. Ela sempre manteve a esperança de que poderia haver mais sobreviventes do que os de Long Island, embora nunca tivesse ousado acreditar nisso.

Afa balançou a cabeça – larga e morena, com uma barba preta, marcada por pontos cinzas espaçados. Para Kira, ele se parecia com um polinésio, mas como ela não conhecia bem cada uma das ilhas, não soube dizer de qual delas ele vinha exatamente.

– Não há mais ninguém no mundo – disse. – Sou o último humano sobre a Terra.

Ele realmente vivia sozinho, isso era fato. Afa havia transformado a estação de TV num depósito: geradores, rádios portáteis, pilhas de alimentos e explosivos, e pilhas e mais pilhas de papéis. Guardava uma quantidade exorbitante de pastas e arquivos, maços de recortes de jornal amarrados com barbante, caixas com impressos amarelados e outras mais com papéis descartados, recibos e documentos autenticados. Álbuns lotados com fotos, algumas impressas em papel brilhante, outras em papel de escritório envelhecido; algumas fotografias saíam das caixas e espalhavam-se pelos cômodos, escritórios inteiros cobertos do chão ao teto com documentos e arquivos. Por todos os lados, sempre mais fotos do que ela jamais imaginara. As paredes onde não havia armários, estante de livros ou pilhas altas de caixas estavam revestidas com mapas: do estado de Nova York e de outros estados, dos Estados Unidos, de países da União Europeia, da China, do Brasil, do mundo todo. Sobre os mapas havia um aglomerado de tachinhas, fios e bandeiras de metal amassadas. Kira sentia sua cabeça girar apenas de olhar para aquilo; o tempo todo e em cada superfície, até nos lugares escondidos, destruídos e decrépitos, havia papéis e mais papéis que definiam e delimitavam a vida de Afa.

Colocando sua lata de salada de frutas de lado, Kira pressionou-o novamente:

– O que você está fazendo aqui?

– Sou o último humano sobre a Terra.

– Não é verdade. Existem humanos em Long Island.

– Partials – ele disse rapidamente, balançando as mãos para dispersar o pensamento. – Todos são Partials. Está tudo aqui, nos arquivos. – Fez movimentos amplos com os braços, como se as pilhas de papéis desordenados fossem uma prova irrefutável de alguma verdade universal. Kira meneou a cabeça com uma sensação irracional de gratidão por essa fagulha de insanidade; quando ele a chamou de Partial pela primeira vez, ficara assustada, realmente perturbada. Afa tinha sido o primeiro humano a dizer para ela aquela palavra em voz alta, e a acusação – ter a consciência de que alguém talvez soubesse da verdade, e afirmasse isso – havia balançado suas estruturas. Saber que Afa simplesmente delirava, pensando que todos no mundo eram Partials, deixou a situação mais leve.

Kira continuou pressionando-o a falar, na esperança de que perguntas específicas pudessem arrancar respostas específicas dele.

– Você trabalhava para a ParaGen.

Ele parou com os olhos fixos nos dela, o corpo tenso, então voltou a comer forçando indiferença. Não houve resposta.

– Seu nome estava na porta do escritório da ParaGen – disse Kira. – Foi de lá que você trouxe alguns destes equipamentos. – Ela gesticulou indicando as fileiras de computadores e monitores. – Para que servem?

Afa não respondeu e Kira voltou a observá-lo. Havia algo de errado na mente dele, estava certa disso – algo em seus movimentos, no jeito de falar, até mesmo na forma de se sentar. Seu pensamento não era veloz, pelo menos não como o das pessoas que Kira já havia conhecido. Como havia sobrevivido sozinho? Era precavido, certamente, mas apenas em relação a algumas coisas: sua casa era milagrosamente bem protegida, com muitas armadilhas engenhosas e medidas de segurança que o mantinham escondido, além dos equipamentos de segurança; por outro lado, tinha saído desarmado. *A melhor explicação, ela pensou, é a de que ele não está sozinho. Conforme o que vejo, não há a menor chance de ele conseguir se defender tão bem assim, e nem de ele ter sido capaz de ligar todos esses aparelhos. Ele é como uma criança. Talvez seja assistente de quem realmente está usando este esconderijo?* No entanto, por mais que ela tivesse tentado, não conseguiu ver nem ouvir a presença de outra pessoa no local. Se, por acaso, alguém mais estivesse ali, estava muito bem escondido.

Ele ficou mudo quando falei na ParaGen, então preciso de uma tática diferente. Ela percebeu que olhava para a sua lata de salada de frutas.

– Quer o resto?

Ele agarrou-a imediatamente.

– Tem cerejas – ele disse.

– Sim. Você gosta de cerejas?

– É claro que gosto de cerejas. Sou humano.

Kira segurou o riso. Ela conhecia muitos humanos que odiavam cerejas. Compartilhar a salada parecia ter tido o efeito de desfazer a tensão causada pela menção da ParaGen, então ela o sondou em outra direção.

– Você é muito corajoso de sair sozinho. Eu fui atacada por algo gigante uma noite dessas. Quase perdi a vida.

– Costuma ser um urso – disse com a boca cheia de frutas. – Precisa esperar que ele pegue alguma coisa.

– E o que acontece quando ele pega alguma coisa?

– Ele come.

Kira balançou a cabeça pela frustração.

– Sim, tudo bem. Mas por que você precisa esperar isso acontecer? O que você quer dizer? – ela insistiu.

– Se ele come alguma coisa, não tem mais fome – respondeu com o olhar perdido no chão. – Espere ele comer algo, então saia para buscar água, enquanto ele estiver ocupado. Assim

ele não irá atrás de você. Mas nunca se esqueça de levar a mochila – disse, apontando para a frente com a colher. – Não se pode nunca deixar a mochila.

Kira ficou maravilhada com a simplicidade do plano, mesmo assim a resposta detonou uma dúzia de novas perguntas. Como ele sabia quando o monstro havia comido? O que ele quis dizer com “costuma ser” um urso? Por que a mochila era tão importante e, em primeiro lugar, quem tinha contado a ele todas essas estratégias? Kira decidiu insistir na última questão, que parecia a melhor oportunidade de voltar ao assunto.

– Quem disse para você não esquecer a mochila?

– Ninguém. Sou humano. Ninguém manda em mim, porque sou o único que restou.

– Obviamente ninguém manda em você – concordou Kira, frustrada com a conversa, que não estava chegando a lugar algum. – E seu amigo? Aquele que aconselhou você a não esquecer a mochila?

– Sem amigo – respondeu, sacudindo a cabeça de uma maneira estranha, tão livremente que balançava também o dorso inteiro. – Sem amigo. Sou o último.

– Você tinha amigos antes? Outras pessoas moravam aqui com você?

– Só você. – Sua voz se alterou ao dizer aquelas palavras, e Kira foi tomada pelo pensamento de que ele poderia muito bem ter estado completamente sozinho – que ela poderia estar sendo a primeira pessoa com quem conversava em anos. Seja lá quem o tivesse salvado e ensinado a sobreviver, quem tinha instalado esta e as outras estações de rádio, quem havia colocado os explosivos, enfim, essa pessoa provavelmente estava morta há muito tempo, derrotada pelos Partials ou pelos animais selvagens, pela doença ou por algum acidente, deixando essa criança de cinquenta anos sozinha nos escombros. *Por isso ele diz ser o último. Ele presenciou a morte dos últimos.*

Kira falou com uma voz doce.

– Sente saudades deles?

– Dos outros humanos? – Ele deu de ombros, a cabeça balançando entre os ombros. – Agora é mais quieto. Eu gosto do silêncio.

Kira recostou-se, pensativa. Tudo o que ele havia dito a deixara mais confusa, e naquele momento a situação ainda era incompreensível para ela. O mais intrigante de tudo era o nome de Afa Demoux na porta da ParaGen – ele tinha tido um escritório reservado só para ele, e a ParaGen não parecia ser o tipo de empresa que aceitava uma pessoa com deficiência em seu quadro de funcionários apenas por diversão. Ele não apenas trabalhou lá, mas deve ter feito algo ou ter sido alguém importante.

O que estava escrito na sua porta? Ela se esforçou para lembrar e quando a palavra lhe veio à mente, assentiu com a cabeça: TI. Seria apenas uma piada cruel? Identificá-lo como “Totalmente Idiota”? Isso explicaria o fato de ele não querer falar sobre a ParaGen. Não, não fazia sentido. Nada do que ela conhecia sobre o velho mundo sugeria aquele tipo de comportamento, pelo menos não de maneira tão oficial numa corporação de destaque. As letras na porta deveriam significar outra coisa. Ela observava a expressão de Afa enquanto ele

terminava de comer as frutas, tentando adivinhar seu estado emocional. Será que poderia tocar no assunto da ParaGen de novo ou ele iria se calar, como da outra vez? Quem sabe se ela não mencionasse a ParaGen, mas apenas perguntasse sobre as letras na porta.

– Parece que você entende bastante sobre T-I – Kira disse, torcendo para não ter feito uma pergunta idiota, ou pior, não ter dito nada ofensivo. Os olhos de Afa ganharam vida e ela sentiu uma pontada de vitória.

– Eu era diretor de TI. Costumava cuidar de tudo, não faziam nada sem mim. – O homem abriu um sorriso largo, gesticulando na direção dos computadores. – Vê? Entendo tudo de computadores. Tudo.

– Isso é incrível – respondeu Kira, mal contendo o riso. Finalmente estava progredindo. Ela deu corda. – Me conte mais sobre... sobre a TI.

– Você precisa saber como tudo funciona. Precisa saber onde está tudo; algumas coisas estão na nuvem, outras nos dispositivos. Mas se for o tipo errado de dispositivo, então não vai funcionar sem energia. Por isso tenho os Zobles no telhado.

– Os painéis solares – disse Kira, e Afa concordou com a cabeça.

– Zobles e Hufongs, embora sejam mais difíceis de encontrar e quebrem com facilidade. Transformei os geradores da sala C em capacitadores, para armazenar a energia extra dos Hufongs, assim podem continuar funcionando por mais algum tempo, mas é preciso manter a energia circulando, senão eles param. – Ele se inclinou para a frente e gesticulou com as mãos. – Agora, com o tipo certo de eletricidade, você pode acessar qualquer dispositivo que desejar. A maioria dos que tenho aqui é unidade de estado sólido, mas os maiores, que estão naquele canto ali, são servidores de disco. Usam muita energia, mas podem armazenar mais dados: eles guardam grande parte das sequências.

Afa não parava de falar, rapidamente e com muito mais ânimo do que qualquer coisa que fizera ou dissera antes. Kira ficou tonta com a súbita avalanche de informação, compreendendo a maioria das palavras, mas entendendo apenas metade dos conceitos; com certeza ele estava falando dos registros digitais e das diferentes maneiras de armazená-los, fazê-los funcionar e acessá-los. Porém ele falava rápido demais. Como Kira tinha um conhecimento prévio do assunto muito pobre, grande parte do que Afa dizia era grego para ela.

O que mais chamou sua atenção foi a inesperada e quase chocante proficiência que ele demonstrou sobre o assunto. Ela tinha admitido que ele era devagar, infantil demais para fazer alguma coisa além de ir buscar água sob as instruções de alguém, entretanto agora percebia que sua primeira impressão tinha sido completamente errada. Afa tinha suas idiossincrasias – e ela não tinha nenhuma dúvida de que havia algo de errado com ele –, mas pelo menos em um tópico ele era brilhante.

– Pare! Você está indo rápido demais – disse Kira, erguendo as mãos. – Comece de novo. O que significa T-I?

– Tecnologia da informação – ele disse. – Eu era diretor de tecnologia da informação. Mantinha o computador de todos funcionando, instalava os servidores, mantinha a nuvem de

segurança e via tudo na internet. – Inclinou-se para a frente, encarando-a intensamente, batendo no chão com os dedos. – Eu via *tudo*. Vi tudo acontecer. – Afa voltou o corpo para cima e abriu os braços como se quisesse envolver a sala toda, talvez o edifício todo, com o gesto. – Tenho tudo aqui, ou quase, e vou mostrar para todos. Eles vão ficar sabendo a história inteira. Exatamente como aconteceu.

– Como aconteceu o quê?

– O fim do mundo. – Afa desembestou a falar sem tempo para respirar e seu rosto enrubescceu. – Os Partial, a guerra, a rebelião, o vírus. Tudo.

Kira ficou tão animada que seus dedos começaram a formigar.

– E para quem você vai contar?

A expressão do seu semblante desvaneceu e ele abaixou os braços.

– Para ninguém. Sou o último humano sobre a Terra.

– Não, não é – asseverou Kira. – Em Long Island existe uma comunidade inteira. São quase trinta e seis mil humanos. E sabe-se lá quantos mais em outros continentes. *Devem* existir outros. E eu?

– Você é uma Partial.

Mais uma vez, aquela acusação a deixou incomodada, até porque não podia rebatê-la com cem por cento de certeza. Tentou comer pelas beiradas.

– Por que você acha que sou uma Partial?

– Humanos não vêm para Manhattan.

– Você está aqui.

– Eu estava aqui antes, é diferente.

Kira rangeu os dentes ao perceber que estava novamente presa nas discussões circulares de Afa, girando sempre em torno de seus próprios argumentos.

– Então por que você me deixou entrar na sua casa? Se os Partial são tão maus assim, por que confiar em mim? – Kira perguntou.

– Os Partial não são maus.

– Mas... – Kira exasperou-se com aquela resposta simples e direta, que não fazia sentido.

– Você está sozinho aqui. Você se esconde e se protege feito louco, além de explodir todas as estações de rádio sempre que alguém se aproxima. Existem duas comunidades enormes, uma no leste e outra no norte, mas você não se reúne com nenhuma delas. Se os Partial não são maus, por que então se manter isolado? – Ao dizer aquelas palavras, ocorreu a Kira que a pergunta também se aplicava a ela. Afinal, tinha estado sozinha em Manhattan durante meses, evitando tanto os Partial como os humanos.

Não evitando os humanos, pensou ela, *mas salvando-os. Salvando ambos*. Mas o pensamento continuava a incomodá-la.

Afa raspava os últimos pedaços de fruta da lata.

– Fico aqui porque gosto do silêncio.

Kira sorriu, não tanto por ter achado divertido, mas por não saber como reagir. Ela se

levantou do chão, espreguiçando-se e coçando os olhos.

– Eu não entendo você, Afa. Você coleciona informações que quer e não quer compartilhar. Vive sob uma antena de rádio gigante e ainda assim não gosta de conversar com as pessoas. Então, por que tem os rádios? Faz parte da sua coleta de informações? Você está interessado apenas em saber de tudo?

– Sim.

– E não passa pela sua cabeça que talvez outras pessoas possam se beneficiar de todas essas informações que você vem juntando?

Afa ficou em pé.

– Preciso dormir agora.

– Espere! – Kira pediu, envergonhada com o desconforto dele. Ela esteve discutindo com um brilhante diretor de TI, quase gritando com ele por causa de sua frustração, mas agora estava se confrontando novamente com uma criança, desajeitada e lenta, uma mente pequenina num corpo gigante. Suspirou ao perceber o quanto ela também estava cansada. – Desculpe-me, Afa. Não queria ter deixado você nervoso. – Esticou a mão hesitante, observando seu olhar. Eles nunca tinham se tocado; Afa sempre se manteve distante por causa de sua timidez, e Kira percebeu, emocionada, que também ela não tinha tocado em ninguém – nem um único humano – há semanas. Já Afa devia estar vivendo sem ter contato físico há anos, de acordo com o que Kira podia compreender da situação dele. A mão da garota pairou sobre a dele e Kira viu em seus olhos a mesma mistura de medo e desejo que ela também sentia. Ela abaixou a mão, descansando-a sobre a palma de Afa, que estremeceu, mas não fugiu. Kira sentiu a pressão dos ossos, a maciez da carne, a textura áspera da pele e o bater acelerado do pulso dele.

Ela percebeu uma lágrima no canto dos seus olhos e a deixou cair. Afa começou a chorar, mais do que qualquer criança perdida que Kira encontrara naqueles dez anos, e então ela o abraçou. Afa apertou-a com força, soluçando como um bebê, quase esmagando Kira com seus braços maciços. Ela também deixou as lágrimas correrem livremente. Acariciou as costas de Afa, confortando-o carinhosamente, deliciando-se com a simples presença de outra pessoa em carne e osso.

Capítulo Dez

Marcus corria pela floresta o mais veloz que suas pernas aguentavam, tentando manter o equilíbrio e desviar a cabeça dos galhos e trepadeiras. O soldado que corria ao seu lado tombou inesperadamente, atingido por uma bala que acertou suas costas e causou uma explosão de sangue. Marcus instintivamente virou-se para ajudar o soldado, mas Haru o agarrou pelo braço, arrastando-o para a frente, avançando perigosamente entre as árvores.

– Ele está morto. Não pare! – gritou Haru.

Mais tiros passaram por eles, zunindo entre as folhas e estourando contra troncos e tábuas velhas. Aquela região de Long Island era de floresta densa, mesmo antes do Surto, e desde então, nos últimos anos, a natureza havia se reapropriado das redondezas, derrubando cercas apodrecidas, telhados e paredes, preenchendo gramados e jardins com vegetação nova. Mesmo as calçadas e ruas estavam rachadas e partidas por doze anos de congelamento e descongelamento, e as árvores haviam brotado em cada fenda, buraco ou rachadura. Marcus saltou sobre um muro de contenção com os tijolos se desfazendo e seguiu Haru através de uma sala de estar tão abarrotada com moitas e trepadeiras que deixava o ambiente quase idêntico ao do lado de fora. Desviou de uma árvore que crescia no piso de madeira e se encolheu quando outra bala Partial passou de raspão, acertando em cheio o vidro de um porta-retratos que estava a menos de três metros à sua frente. Haru entrou num corredor de paredes vergadas, lançando uma granada para trás, deixando Marcus aterrorizado ao pular por cima do explosivo e sair correndo numa velocidade que até então desconhecia. Cambaleou para fora da casa bem no momento da explosão. Haru o agarrou novamente, puxando-o com um grunhido violento.

– Se eles estão tão próximos de nós quanto eu imagino, a granada atingiu um deles – disse Haru, ofegante, enquanto corria. – De um jeito ou de outro vai atrapalhar qualquer um que tenha nos seguido por dentro da casa e vai fazer com que pensem duas vezes antes de vir atrás de nós novamente.

– Você está bem, Sato? – Uma voz feminina atravessou incisiva a floresta, e Marcus a reconheceu como a de Grant, a sargento daquele esquadrão da Rede. Haru correu mais rápido para alcançá-los, enquanto Marcus rosnava de exaustão ao se esforçar para manter o ritmo.

– Acabo de detonar aquela última casa. O médico e eu estamos bem – disse Haru.

– As granadas são divertidas, mas vai sentir falta delas quando acabarem – respondeu Grant.

– Não foi um desperdício – defendeu-se Haru. Outro soldado foi alvejado, torcendo o corpo e caindo próximo a eles. Novamente a reação de Marcus foi a de socorrê-lo antes de ir adiante. Estiveram correndo naquele pique durante quase uma hora, e a floresta havia se tornado um pesadelo mortal, à deriva das leis familiares de causa e efeito. As balas chegavam de todos os lados, as pessoas estavam vivas e de repente, no segundo seguinte, estavam mortas. E tudo que

eles podiam fazer era correr.

– Precisamos dar uma parada – disse Haru. – Seu condicionamento físico era melhor do que o de Marcus, mas a fadiga era mais do que evidente em sua voz.

Grant discordou com a cabeça num movimento quase imperceptível, conservando sua energia para a corrida.

– Tentamos isso uma vez, lembra? E perdemos quase metade do esquadrão.

– Não tínhamos um bom ponto de emboscada – rebateu Haru. – Se conseguirmos encontrar um bom lugar, ou se pudermos nos reunir com mais soldados, talvez tenhamos alguma chance. Conseguimos ver o grupo deles, e não é numeroso. Temos mais soldados e conhecemos bem o terreno. Deve haver um jeito de funcionar.

Outra bala passou por eles e Marcus segurou um grito.

– Seu nível de otimismo é bastante encorajador.

– Existe uma fazenda aqui perto, no terreno de um antigo campo de golfe. Podemos parar ali.

O grupo redobrou os esforços, lançando algumas granadas enquanto corria, torcendo para que a imprevisibilidade das explosões detivesse os perseguidores o suficiente para que eles ganhassem alguns segundos preciosos. Marcus avistou a placa indicando o campo de golfe e se surpreendeu com a presença de espírito de Grant – ele estava assustado e agitado demais para sequer notar o ambiente ao redor, quem dirá reconhecê-lo. Uma voz vinda das árvores gritou para que parassem, mas todos continuaram ao ouvir a voz de Grant se sobrepor.

– Partials atrás de nós! Mantenham as posições e atirem!

Marcus seguiu os soldados até a fileira de carros que delimitava a entrada do estacionamento e mergulhou no chão atrás do maior caminhão que conseguiu encontrar. Um homem em roupas rústicas ajoelhou-se ao lado deles, empunhando uma arma.

– Ouvimos as notícias pelo rádio. É verdade? Eles estão invadindo? – Seus olhos estavam arregalados de medo.

Grant preparava o fuzil enquanto respondia ao fazendeiro; depois de verificar a munição no pente da arma, colocou-o de volta.

– Invasão total. A base da Rede no Queens não existe mais e os pontos de sentinelas ao longo da Costa Norte relataram a presença de navios Partials aportando desde lá até Wildwood.

– Misericórdia – sussurrou o fazendeiro.

– Estão chegando! – gritou outro soldado. Grant, Haru e os outros recuaram, abrigando-se atrás da fileira de carros e atirando furiosamente para dentro da floresta. Cerca de dez fazendeiros, reunidos por causa das notícias ouvidas no rádio, juntaram-se a eles com expressões soturnas. Marcus cobriu a cabeça com as mãos e abaixou-se ainda mais, sabendo que deveria ajudar, mas sentindo-se horrorizado demais para fazer qualquer coisa. Os Partials atiraram de volta e os carros tremeram com o ritmo *staccato* criado pelo impacto das balas. Grant dava outras instruções aos gritos quando de súbito parou na metade de uma palavra e num gorgolejo de agonia tombou no chão numa névoa vermelha de sangue. Marcus moveu-se para ajudá-la,

mas estava morta antes mesmo de chegar ao chão.

– Afaste-se – gritou Haru.

– Está morta – disse Marcus.

– Eu sei que está morta, afaste-se! – Haru descarregou sua munição contra a floresta, depois se jogou contra a proteção dos carros para recarregar a arma. Lançou um olhar penetrante para Marcus. – A fazenda fica ali atrás. Qualquer um que tenha ficado lá não é um combatente. Se fosse, estaria aqui. Encontre essas pessoas e tire-as daqui.

– E para onde as levo? – Marcus perguntou. – Grant disse que eles estão em todos os lugares.

– Vá para o sul. Tentaremos alcançar vocês. Mas o importante agora é retirar os civis. Vai precisar de cada minuto que dispõe.

– Ir para o sul não basta. Isto não é um ataque, é uma invasão – argumentou Marcus. – Mesmo que a gente consiga chegar em East Meadow, eles estarão bem atrás de nós.

– Você quer ficar então? Eu não sei se os Partial são aqui para nos capturar ou nos matar. Mas nenhuma das opções me parece agradável.

– Eu sei. – Marcus olhou para a casa da fazenda, tentando reunir coragem para fugir. Haru ficou em pé, virou-se e atirou em direção às árvores.

– Isso é o que ganho em troca de ser voluntário – disse Marcus, correndo para a fazenda.

Capítulo Onze

Afa dormia numa cama *king size* no sétimo andar do edifício, no que parecia ter sido um camarim. Kira colocou-o na cama como uma criança antes de procurar um cômodo para ela; por fim, encontrou um estúdio amplo e escuro, com um lado ocupado por cadeiras e o outro por uma sala de estar estilizada. Supôs ser o estúdio de gravação de um *talk show*, embora o logotipo na parede dos fundos não a lembrasse de nada. Sabia que esses programas existiram porque alguém havia assistido a um deles em sua casa em algum momento – talvez sua babá –, mas ela duvidava que pudesse reconhecer o logotipo do *talk show*. Afa havia colocado caixas em cima das cadeiras da plateia, todas perfeitamente rotuladas, mas o sofá do cenário do programa estava vazio. Ela checkou o estofado para ver se não encontrava nenhuma aranha e esticou seu saco de dormir sobre ele. Sonhou com Marcus, depois com Samm, e ficou pensando se algum dia iria vê-los novamente.

A luz natural não entrava no prédio graças à insistência de Afa em colocar cortinas corta luz em todas as janelas; o estúdio era ainda mais escuro, mas como Kira estava mantendo a guarda há muito tempo e acordou num sobressalto na hora de sempre. Encontrou uma janela e espiou para fora, deparando-se com a mesma visão familiar que a saudava todas as manhãs: prédios em ruínas enlaçados pelo verde e tingidos de azul-claro à medida que o céu escuro tornava-se pálido com o nascer do sol.

O local estava em silêncio e Kira aproveitou que Afa parecia ainda não ter despertado para dar uma olhada rápida em seus arquivos, começando pelas caixas no estúdio, que iam do número 138 ao 427. Havia uma caixa em cada cadeira, além de várias outras circundando a parede, ininterruptamente, por todo o perímetro da sala. Ela começou com a que estava mais próxima, a 221, onde achou logo no topo uma página dobrada com um cabeçalho militar apagado.

“A quem possa interessar”, leu Kira, “sou o primeiro-sargento Corey Church. Fiz parte do décimo sétimo batalhão da Cavalaria na Segunda Invasão de Nihon”. A Primeira Invasão de Nihon foi uma das grandes derrotas para as forças NADI, na Guerra de Isolamento, a fracassada tentativa mundial de tomar o Japão de volta do domínio de uma China que, inesperadamente, tornou-se hostil. Kira aprendeu sobre o assunto na escola em East Meadow, mas não se lembrava dos detalhes. A Segunda Invasão de Nihon foi bem-sucedida: eles voltaram com duzentos mil soldados Partials e reconduziram os separatistas para o continente, iniciando a longa campanha que finalmente encerrou o conflito. Esse foi o motivo pelo qual construíram mais Partials. Continuou lendo a carta, um tipo de relatório do campo de batalha, expondo a experiência de se combater ao lado dos Partials; o sargento se referia a eles como “as novas armas” e observou que eram “bem treinados e precisos”. Kira cresceu pensando nos Partials como bichos-papões, os monstros que haviam destruído o mundo e, mesmo depois de conhecer Samm ou de saber que

ela mesma era um tipo de Partial, achava estranho ouvir falar deles de forma tão positiva. E ainda assim tão friamente, como se fossem algum novo modelo de jipe enviado pelo quartel-mestre. O sargento mencionou que eles pareciam “insulares”, que ignoravam os soldados humanos e ficavam apenas entre eles, mas que esse comportamento de forma alguma era negativo; um pouco perigoso, se analisado à luz da eventual rebelião, mas que naquele momento não parecia ameaçador ou assustador.

– Foi assim que começou – ela disse em voz alta, colocando o papel de volta e pegando outro da mesma caixa. Mais um relatório de combate, desta vez do sargento Seamus Ogden. Ele descrevia os Partials da mesma maneira, não como monstros, mas como instrumentos. Leu um documento, depois outro e mais outro e em todos os depoimentos a atitude era a mesma – ou seja, eles mal pensavam se os Partials eram inofensivos ou não, porque eles simplesmente pouco se importavam com isso. Para eles, os Partials eram armas, como balas num pente, para serem usados e depois esquecidos.

Kira passou para a caixa 302, pegando um recorte de jornal do *Los Angeles Times*: GRUPOS DE DIREITOS DOS PARTIALS PROTESTAM NAS ESCADARIAS DO CONGRESSO. Junto dessa havia outras notícias similares do *Seattle Times* e do *Chicago Sun*. Todas foram publicadas no final de 2064, apenas alguns meses antes da Guerra Partial. Kira tinha acabado de completar cinco anos. Obviamente os Partials estavam em todos os noticiários, mas ela não se lembrava de seu pai ter chegado a comentar o assunto com ela algum dia; agora que descobrira que ele tinha ligação com a ParaGen, sua postura fazia sentido. Se ele havia trabalhado com eles, ou mesmo ajudado a criá-los, seria normal ele apresentar uma atitude diferente do resto do mundo – provavelmente considerada bastante impopular. *Espero que, pelo menos, ele tenha assumido essa posição diferente*, pensou. *Por qual outra razão ele teria criado uma Partial para ser sua filha?* Ela se lembrava vagamente da babá e da empregada, as quais também nunca comentaram nada sobre os Partials. Será que seu pai havia pedido para que não tocassem no assunto?

Será que, em algum momento, souberam quem era Kira realmente?

Voltou-se para as caixas de números mais baixos e pegou o papel que estava no topo da 138. Era outro recorte de jornal, dessa vez da editoria de negócios do *Wall Street Journal*, descrevendo em termos vagos o recebimento de um contrato militar importante: em março de 2051 o governo norte-americano contratou a ParaGen, uma empresa novata do setor de biotecnologia, para produzir um exército de “soldados biossintéticos”. O foco do artigo recaía exclusivamente nos custos do projeto, nas ramificações para os acionistas e no impacto que o negócio teria sobre o resto da indústria de biotecnologia. Não havia nenhuma menção aos direitos civis, às doenças, nem às questões cruciais que definiriam o mundo pouco antes do Surto. Apenas dinheiro. Ela pesquisou o restante da caixa e encontrou mais do mesmo: a transcrição de uma entrevista com o gerente financeiro da ParaGen; um memorando interno da companhia sobre um novo contrato milionário; uma revista chamada *Forbes* com o logotipo da ParaGen na capa e a silhueta de um soldado Partial ao fundo. Folheou a publicação e viu reportagens sobre dinheiro,

tecnologias utilizadas para gerar mais dinheiro, todas as óticas de como a Guerra de Isolamento, apesar de ser “uma terrível tragédia”, ajudaria a curar a economia norte-americana. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

O dinheiro tinha seu lugar na sociedade em East Meadow, mas era pequeno. Quase tudo o que precisavam era de graça: se você quisesse uma lata de comida, um par de calças, seja lá o que for, custava-lhe apenas o esforço de procurar. O dinheiro era usado exclusivamente para comida fresca, como trigo das fazendas e peixes das vilas costeiras, coisas que alguém precisava trabalhar para produzir, e mesmo nesse caso os produtos eram negociados de forma amigável, num sistema de barganha nos mercados. Nandita e Xochi haviam construído um negócio lucrativo trocando ervas por alimentos frescos, e Kira sempre comera bem graças a isso. Dinheiro, tal como era, existia apenas como crédito por trabalho: cupons do governo que Kira recebia por suas atividades no hospital; na verdade, sua recompensa por realizar um serviço vital não lhe rendia um produto comercializável. Era o suficiente apenas para se alimentar de peixes frescos e vegetais no almoço, nada além disso. O dinheiro era uma parte minoritária, quase insignificante da sua vida. Os documentos da caixa 138 descreviam um mundo onde o dinheiro era tudo, não apenas um meio de manter a vida, mas a própria razão de viver. Ela tentou se imaginar feliz com a guerra contra os Partials ou a Voz, festejando porque trariam alguns créditos extras de trabalho. No entanto, a ideia lhe parecia tão absurda que Kira soltou uma gargalhada. Se o velho mundo funcionava daquele jeito, se riqueza era a única coisa com a qual as pessoas se preocupavam, talvez tenha sido melhor ter entrado em colapso. Talvez tenha sido inevitável.

– Você é real – disse Afa.

Kira deu um pulo, o sentimento de culpa a fez esconder a revista atrás de si. Ele ficaria bravo com ela por estar olhando os documentos?

– Você disse que sou... – calou-se. – Real?

– Pensei que fosse um sonho – disse Afa, entrando no estúdio com passos arrastados. Ele parou ao lado de uma das caixas, mexendo nos papéis displicentemente, quase como se afagasse um animal. – Faz tanto tempo que não converso com alguém. Então ontem à noite havia uma pessoa na minha casa, e eu pensei que tivesse sido um sonho, mas você continua aqui. Você é real.

– Sim – garantiu Kira, devolvendo a revista para a caixa 138. – E estava admirando a sua coleção.

– Tem tudo... quase tudo. Tem até vídeos, mas não estão nesta sala. Tenho a história inteira.

Kira deu um passo em sua direção, imaginando por quanto tempo mais ele estaria disposto a conversar.

– Sobre a Guerra Partial e o Surto – ela disse.

– Isso é apenas uma parte – afirmou Afa, pegando dois bloquinhos de papel, examinando as próprias anotações nos cantos superiores dos recortes e reordenando-os na caixa. – Esta é a

história do fim do mundo, do apogeu e declínio da civilização humana, da criação dos Partials e da morte de todo o restante.

– E você leu tudo isso?

Afa assentiu com a cabeça, os ombros curvados enquanto ia de caixa em caixa.

– Tudo. Sou o último ser humano sobre a Terra.

– Nesse caso faz sentido – disse Kira. Ela parou em frente da caixa 341 e pegou algum tipo de relatório do governo; pela aparência era uma decisão judicial, com um carimbo redondo no canto superior da página. Ela queria respostas, mas não gostaria de pressioná-lo novamente, fazê-lo surtar ao mencionar alguma coisa que ele não quisesse recordar. *Por enquanto, não vou entrar em detalhes.*

– Como encontrou todos esses documentos?

– Costumava trabalhar nas nuvens – respondeu, mas imediatamente corrigiu-se: – Na nuvem. Passei minha vida toda lá, podia ir para qualquer lugar e encontrar várias coisas. – Ele apontou com a cabeça para uma caixa com recortes empoeirados. – Eu era como um pássaro.

Vi seu nome na ParaGen, Kira teve vontade de repetir. Eu sei que você tem informações sobre a Verdade, o RM, a data de validade, sobre mim. Ela tinha procurado por essas respostas por tanto tempo, e agora estavam todas ali, espalhadas em caixas e aprisionadas numa mente debilitada. *Será o resultado da solidão? Talvez seu cérebro funcione bem, mas como não conversa com ninguém há tanto tempo esqueceu-se de como interagir com as pessoas.* Ela gostaria de se sentar com ele e fazer um milhão de perguntas; mas tinha esperado até agora, poderia aguardar mais um pouco. *Ganhe a confiança dele, não o faça surtar e mantenha-o do seu lado.*

Ela leu um pouco da decisão judicial, algo sobre a “Nação Partial” ter um significado de simpatia aos rebeldes. Os estudantes não podiam dizer nem escrever essas palavras nas escolas ou universidades, e qualquer um que fosse pego grafitando-as estava sujeito a ser processado como uma ameaça à segurança nacional. Balançou o papel gentilmente, fisingando a atenção de Afa.

– Você tem bastante material sobre os dias que antecederam a guerra. Deve ter dado um trabalhão reunir tudo isso. Tem alguma coisa... – Kira ficou quieta, cautelosa demais para prosseguir. Queria saber sobre a Verdade, a qual Samm havia dado a entender que fazia parte da liderança Partial. Mas tinha medo de perguntar abertamente sobre o assunto para Afa, como já tinha feito em relação à ParaGen, e de que ele se calasse novamente.

– Você tem alguma informação sobre os Partials? De como se organizavam?

– Eles eram um exército – Afa respondeu. – Organizavam-se como um exército. – Ele estava sentado no chão, examinando o conteúdo de duas caixas; franzia o rosto a cada três ou quatro documentos que examinava, passando para outro arquivo.

– Eu sei, mas estou me referindo aos líderes, os generais. Você sabe alguma coisa sobre onde eles estão agora?

– Este aqui morreu – respondeu Afa, levantando um papel sem tirar os olhos das caixas. Kira caminhou até ele e pegou o recorte com todo o cuidado; era um artigo do *New York Times*,

como tantos outros que ela tinha encontrado, mas impresso de uma página da *web* em vez de destacado de um jornal. A manchete dizia: FROTA DO ATL ÂNTICO NORTE AFUNDA NA COSTA DE NOVA YORK.

Kira levantou o olhar, surpresa.

– Afundaram uma frota Partial?

– Os Partials não tinham uma marinha – respondeu Afa, ocupando-se ainda dos papéis. – Era uma frota de humanos, afundada pela força aérea Partial, próximo à costa do Brooklyn. Foi o maior ataque militar da guerra, em retaliação à morte do general Craig. Tenho uma notícia sobre ele também. – Afa entregou outra página à Kira, que a pegou num puxão, lendo-a atentamente: “O general Scott Craig, líder da insurreição Partial e ex-porta-voz do movimento pelos direitos dos Partials, foi assassinado na noite de ontem num ousado ataque das forças humanas...”. – Nós o matamos? – Kira perguntou.

– Era uma guerra.

– E então eles destruíram uma frota inteira. – Ela contou o número de navios no artigo, um grupo grande que se dirigia para o norte para atacar a concentração de forças Partials no estado de Nova York. Os navios tinham poucos homens, a tripulação havia sido devastada pela praga. – Vinte embarcações, e eles, simplesmente... mataram todos que estavam dentro.

– Era uma guerra – repetiu Afa, pegando o papel de volta e guardando-o na caixa.

– Mas não precisava ter sido assim – disse Kira, seguindo-o pelo estúdio. – Os Partials não queriam matar todo mundo. Você mesmo disse que eles não são maus. Queriam igualdade, ter uma vida normal, e eles poderiam ter conseguido isso sem precisar exterminar todas aquelas pessoas nos navios.

– Eles mataram bilhões de pessoas.

– Você tem certeza disso? – inquiriu Kira. – No meio de todos esses documentos e artigos há informações sobre o vírus RM? De onde ele veio?

– Sou o último humano sobre a Terra – Afa voltou a falar, dessa vez mais alto, apertando o passo para ficar na frente dela. Kira percebeu que praticamente estava gritando com ele. Recuou e tentou se acalmar; ele deveria saber alguma coisa sobre o vírus, mas ela nunca conseguiria descobrir sem a sua ajuda. Precisava mantê-lo calmo, e a ela também.

– Desculpa por ter gritado, foi sem querer. Ando muito... – Kira respirou fundo, recompondo-se. – Encontrei respostas muito importantes que há tempos venho procurando. Fiquei animada demais...

– Você continua sendo real – disse Afa, recuando até um canto da sala. – Você continua aqui.

– Estou aqui e sou sua amiga – respondeu suavemente Kira. – O que você fez é incrível. Encontrou todas as informações importantes. Mas não sei como funciona o seu sistema, como está organizado. Você faria a gentileza de me ajudar a encontrar o que estou procurando?

A voz de Afa era macia.

– Eu tenho tudo – disse, a cabeça balançando para cima e para baixo. – Eu tenho quase

tudo.

– Pode me dizer quem criou o RM? – Ela cerrou os punhos, esforçando-se para não gritar nem ficar agressiva.

– Isso é fácil – ele respondeu. – Foi a Verdade.

– Sim – disse Kira, agitando a cabeça, ávida por mais informações. – A Verdade, continue. Quem é a Verdade? Os líderes Partials, os generais, os almirantes e os que tomam as decisões, certo? Você disse que eles criaram o RM? – Isso ia totalmente contra ao que Samm havia dito; ele insistia na ideia de que os Partials não tiveram nada a ver com esse fato, mas ela já suspeitava de que talvez ele estivesse mentindo, não Samm, mas seus superiores. Se a cura do RM vinha deles, dos seus próprios corpos, então a conexão entre os Partials e o vírus seria inegável. Seria fácil associá-los à criação e disseminação da doença.

Outra vez Afa estava balançando sua cabeça.

– Não – ele disse. – A Verdade não é formada pelos generais Partials. Eles nem são Partials. Eles são os cientistas que fizeram os Partials.

Kira ficou boquiaberta.

– Os cientistas? A ParaGen? Os humanos? – Ela lutava com as palavras.

Afa assentiu.

– Os generais Partials continuam seguindo a Verdade, não sei por quê. É daí que recebem todas as ordens – ele completou.

– A Verdade... – balbuciou Kira, tentando pronunciar as palavras – ... a Verdade criou o RM.

Afa concordou novamente, sem parar de mexer a cabeça, balançando o corpo todo vagarosamente para a frente e para trás.

– Então aqueles que destruíram a raça humana eram... os próprios homens. – Kira precisava de uma cadeira para se sentar, mas ao lembrar que todas estavam com caixas desabou com todo o seu peso no chão. – Mas por quê?

– Eu sei tudo – disse Afa, ainda com o corpo em movimento. – Eu sei *quase* tudo.

Capítulo Doze

Kira encarava Afa.

– O que você quer dizer com “eu sei quase tudo”?

– Que ninguém sabe tudo.

– Certo – disse Kira, tentando manter o bom humor. – Sei que você não sabe *tudo*. Mas você coletou muita informação. – Ela pegou um punhado de impressos que estavam próximos e os balançou na mão firmemente cerrada. – Você possui centenas de caixas apenas nesta sala e mais outras centenas espalhadas por todo o prédio. Há arquivos em cada cômodo, além de armários cheios nos corredores; vi pelo menos vinte computadores na sala onde jantamos ontem. Como pode ter tanto sobre a história dos Partials e nem um pouquinho sobre as pessoas que os criaram?

– Tenho um pouquinho – respondeu Afa, levantando as mãos. Ele deixou o canto do estúdio, correndo desajeitadamente para a porta. – Tenho um tiquinho na minha mochila. Eu não deveria nunca esquecer a mochila. – Correu pelo corredor gritando por sobre os ombros e Kira o seguiu de perto. – Eu não deveria nunca esquecer a mochila. Lá tem tudo. – Ela o alcançou na cafeteria, o laboratório provisório de computadores onde haviam comido o coquetel de frutas na noite anterior. Ele se ajoelhou na frente da imensa mochila, abriu o zíper e ela pôde ver grandes blocos de papel.

– É isso o que guarda na mochila? Mais papéis?

– Os mais importantes – respondeu Afa, balançando a cabeça. – Todos os pontos estratégicos da história, os grandes passos, os jogadores. – Passava os papéis entre os dedos na velocidade de um raio, com os dedos guiados por uma aparente familiaridade. – E os maiores jogadores de todos pertenciam à Verdade. – Selecionou uma pasta fina, marrom, levantando-a no ar com um volteio. – A Verdade.

Kira pegou o material como se tocasse um bebê da antiga maternidade do hospital. Tinha pouco volume, no máximo vinte ou trinta páginas, sendo pateticamente fino se comparado à maciça carga de documentos que saíam da mochila abarrotada. Abriu a pasta e checkou a primeira folha: era uma cópia de e-mail, disposto em linhas de símbolos sem sentido. No topo da página aparecia um nome. De uma pessoa que ela não ousaria imaginar:

Armin Dhurvasula.

Armin.

Seu pai.

O e-mail era de 28 de novembro de 2051, e a lista de destinatários também era ilegível – vários símbolos aleatórios. Ela leu o que era possível, com o ar preso em seu peito:

– “*Então é oficial. O governo fez um pedido de 250 mil BioSynths 3s. Estamos construindo o exército que irá acabar com o mundo.*” – Kira interrompeu a leitura e olhou para Afa. – Ele

sabia?

– Continue lendo. – Afa parecia mais lúcido agora, como se a familiaridade com o assunto causasse um efeito rejuvenescedor em sua mente.

– *“Duzentos e cinquenta mil soldados”* – Kira voltou a ler. – *“Você sabe quanto isso é ridículo? É uma pequena cidade habitada por seres completamente novos, tecnicamente não humanos, mas inteligentes, conscientes e capazes de ter sentimentos. Quando estávamos fabricando alguns milhares de cães de guarda era uma coisa, mas isso é uma nova espécie de humanoides.”* – Essas eram as palavras dele, as palavras de seu próprio pai. Kira precisou segurar o choro enquanto continuava: – *“O governo e até mesmo o nosso conselho administrativo referem-se a eles como produtos, mas a maioria das pessoas não vai enxergá-los assim, e nem eles mesmos vão se ver dessa maneira. Na melhor das hipóteses, estamos retornando ao que havia de pior nas ‘pessoas parciais’ e na escravidão humana; na pior, estamos tornando os humanos completamente obsoletos.”*

Kira balançou a cabeça, os olhos presos na folha de papel.

– Como ele sabia de tudo isso? Como ele podia saber e não fazer nada para impedir isso?

– Continue lendo – disse Afa novamente. Kira engoliu as lágrimas.

– *“Não sei onde isso vai parar, mas sei que neste momento não há nada que possamos fazer para evitar que comecem a produzi-los. A engrenagem já está em movimento, as tecnologias estão testadas e aprovadas. Michaels e o restante do conselho não dependem de nós. Não podemos parar o projeto, mas precisamos adular algo. Não quero dizer mais nada, mesmo numa conexão com o servidor criptografada. Vamos nos encontrar hoje às nove horas da noite no Edifício C, no meu escritório. A primeira coisa que faremos é descobrir em quem podemos confiar, de verdade.”*

Kira ficou em silêncio, lendo e relendo o e-mail até as palavras parecerem um borrão e perderem o sentido. Depois balançou a cabeça.

– Eu não entendo.

– Essa é a primeira ocorrência da palavra – disse Afa, levantando-se e apontando a última frase. – Ele disse que precisavam descobrir em quem podiam confiar *de verdade*. Pelas informações que pude reunir, formaram o grupo naquela noite, na reunião secreta, e começaram a usar a palavra Verdade como um código.

– Disse que estavam tentando adular algo. O que isso quer dizer? Estavam tentando alterar o projeto Partial? Ou modificar os próprios Partials?

– Eu não sei – respondeu Afa. Pegou a pasta da mão de Kira, sentou-se e começou a deitar as páginas no chão. – Tudo o que fizeram está criptografado. São estes sinais esquisitos aqui na parte de cima e no final da página. Consegui decifrar o máximo que pude, mas estavam sendo muito cautelosos. – Ele arrumou outra página cuidadosamente no chão. – Este é o próximo e-mail, embora não diga muita coisa. Acredito que esteja em código, mas não um código digital, ou eu poderia tê-lo invadido. Usavam senhas e frases para que pudessem conversar sem que seus chefes os entendessem.

Kira posicionou-se na frente de Afa e virou o documento em sua direção. Era outro e-

mail, também de seu pai, mas desta vez ele falava sobre vagas no estacionamento da companhia. Afa tinha circulado as palavras: Verdade. Paralelo. Falha Segura (FS).

– O que significam?

– Tenho quase certeza de que “Paralelo” era o nome do plano. Seja lá o que começaram a tramar naquela noite. Ou talvez um segundo plano, elaborado para acompanhar o primeiro. Quanto a “Falha Segura”, não tenho certeza, porque falam sobre isso em diferentes contextos: algumas vezes, estão tentando criar algo chamado “dispositivo Falha Segura”. Depois, parece que tentam trabalhar contra isso. Não consigo descobrir.

– O que está escrito aqui?

Afa pegou o papel da mão de Kira e tocou algumas das palavras marcadas.

– Se eu decifrei o código de forma correta, estão dizendo que o plano está em andamento, que começaram a trabalhar no dispositivo FS, e que precisam ser discretos e esperar até a próxima reunião. – Ele deu de ombros. – Não consigo ler mais do que isso. Sou o único ser humano que restou.

Kira percebeu pela última frase que o momento de lucidez estava passando; em mais alguns minutos, Afa estaria de volta ao seu velho *eu* murmurante. Ela o forçou mais um pouco, tentando obter o máximo de informações antes de ele se esquivar.

– Onde conseguiu os e-mails?

– Retirei da nuvem. Estava criptografado, mas eu conhecia a maioria das chaves.

– Porque você trabalhava na ParaGen. – Ela segurou a respiração, rezando para que ele não se calasse com a menção do nome da companhia. Afa ficou parado com o olhar perdido. Kira cerrou os punhos em desespero.

– Eu era o diretor de Tecnologia da Informação no escritório de Manhattan – disse ele, e Kira suspirou aliviada. – Acompanhei o crescimento do plano durante anos, cada passo. Eu não imaginava onde aquilo ia dar, nem o quão longe eles chegariam.

– Você conseguiu os e-mails nos computadores dos escritórios – disse Kira, olhando para as fileiras de dispositivos na antiga lanchonete. – Existe alguma forma de obtermos os outros?

– Os e-mails não estão nestes computadores – ele respondeu, balançando a cabeça –, estão nas nuvens. – Corrigiu-se novamente e Kira percebeu outra lacuna de compreensão se expandindo. – Na nuvem. Na rede. Você sabe como a nuvem funciona?

– Conte para mim.

– Não falo das nuvens no céu. Cada parte da informação está arquivada num computador em algum lugar, pode ser uma máquina de porte pequeno, como estas que estão aqui, ou um modelo grande, chamado de servidor. Parece um... formigueiro. Você já brincou com um formigueiro?

– Não – respondeu Kira, gesticulando com as mãos para que ele prosseguisse. – Conte como funciona.

– É como um monte de câmaras e galerias cruzando-se entre si. Você podia executar uma tarefa em um aparelho e outras pessoas teriam acesso a isso porque as informações

viajavam pelas pequenas galerias. Cada aparelho possuía uma galeria. Mas a nuvem ruiu. – Ele abaixou o olhar em direção aos papéis, como se os visse pela primeira vez, e começou a limpá-los. Ficou em silêncio por tempo demais e Kira conversou com ele novamente para tentar trazê-lo de volta.

– Como podemos recuperar tudo o que está na nuvem?

– Não podemos – ele afirmou, com a voz ainda firme, “presente”. – A nuvem desapareceu para sempre junto com a rede de transmissão de energia. A nuvem só funciona se cada parte fizer seu trabalho, cada computador, desde o que está aqui até o outro com o qual você quer se comunicar, como elos de uma cadeia. Quando a energia acabou, a nuvem também se foi. Todas as galerias ficaram obstruídas e as câmaras perderam a conexão entre elas.

– Mas as câmaras continuam lá. Os dados se mantêm lá, num computador em algum lugar, apenas esperando alguém para ligá-lo. Se encontrarmos a máquina certa e a conectarmos a um gerador, você poderá ler os dados, né? Você conhece o sistema de arquivos, o sistema de encriptação e todo o resto?

– Eu sei tudo. Quase tudo.

– Então, onde fica o servidor da ParaGen? – Kira perguntou rigorosa. – Está em algum lugar aqui? Dentro do prédio da companhia? Vamos buscá-lo agora mesmo. É só me dizer como encontrá-lo.

Afa balançou a cabeça.

– Os escritórios em Manhattan eram apenas financeiros. O servidor que queremos está muito longe.

– Numa região selvagem? – perguntou ela. – Escute, Afa, eu vou para onde for necessário. Precisamos encontrar os arquivos que faltam.

– Não posso fazer isso – ele respondeu, abraçando a pasta e encarando o chão. – Sou o último humano vivo. Preciso proteger os arquivos.

– Primeiro temos que encontrá-los. Diga onde eles estão.

– Sou o último humano...

– Estou aqui com você, Afa – disse Kira, tentando convencê-lo a retornar à coerência. – Podemos fazer isso juntos. Você não está sozinho. Apenas diga onde fica o servidor.

– Em Denver. Do outro lado do continente. – Ele voltou a encarar o chão. – Pode ser também que esteja do outro lado do mundo.

– ... atravessando o LZ...

A voz ergueu-se no ar como uma baleia em pleno salto, subindo à superfície num momento de visibilidade antes de afundar de volta às profundezas. O ruído branco voltou a preencher a sala, uma dúzia de sinais diferentes se misturando nos ouvidos de Kira. Afa havia se fechado completamente em seu mundo, assustado demais pela conversa que tiveram momentos antes – ou pelos pensamentos que a conversa tinha despertado em sua cabeça. Agora, ele não tinha condições de pensar em algo importante. Kira tinha levado Afa até as lojas de comida para

arranjar latas de salada de frutas na esperança de que isso fosse acalmá-lo; em seguida o deixara sozinho para que se recuperasse. Pesquisou os arquivos por algum tempo, desesperada para descobrir informações, mas sem a orientação de Afa o sistema de arquivamento era impenetrável. Enquanto explorava os papéis, o chiado do som levou-a até a sala de rádio, e ela ouviu, impotente, o sussurro de vozes desencarnadas. Luzes brilhavam como pálidas estrelas verdes no balcão, centenas de botões, sintonizadores e chaves dispostos à sua frente. Ela não tocou em nenhum.

Ela apenas ouvia.

– ... na companhia B. Não... até eles...

– ... são ordens de Trimble. Não é para...

– ... em todo lugar! Diga pra ele que não dou a mínima...

A última voz era humana. Kira havia aprendido a distinguir quais eram as transmissões de rádio feitas pelos homens e quais eram dos Partials, embora não fosse uma tarefa realmente difícil: os Partials eram mais profissionais, rígidos e frios na forma de falar. Eles tinham emoções, mas não estavam acostumados a expressá-las verbalmente. O *link* carregava todos os sinais emocionais quimicamente, e a comunicação via rádio era disciplinada demais para demandar qualquer sentimento. Eram pragmáticos, mesmo no meio de uma batalha. E naquele momento havia um grande combate.

Os Partials tinham invadido Long Island.

As transmissões dos humanos tinham uma qualidade desesperada e assustada. No início, Kira ficou confusa, pois vinham em fragmentos desprovidos de sentido ou contexto. As pessoas em Long Island estiveram tensas e apavoradas, mas ela não sabia o motivo. Logo começou a ouvir tiros ao fundo, um pipocar familiar de balas indo e vindo atrás das pessoas que falavam. Seria um ataque da Voz? Outra guerra civil? Quanto mais ela ouvia, mais a situação se esclarecia: eram os Partials. Começaram a mencionar marcos geográficos conhecidos, cidades em Long Island que ela tinha visitado, e uma sequência de localidades que sugeria que os Partials seguiam invencíveis da Costa Norte para East Meadow.

E a única coisa que Kira podia fazer era escutar.

Pensou novamente em Afa e no que fazer para trazê-lo de volta ao normal. Em retrospectiva, seus ocasionais lapsos de lucidez faziam sentido: vivera sozinho por doze anos, desde o Surto, e talvez a única maneira de ele se acalmar fosse se isolando novamente. Ela riu da ironia da situação: um homem que sabia exatamente o que ela precisava, mas estava tão perdido e louco que não podia sequer falar no assunto. As vozes refluíam ao seu redor.

– ... mais espaço, volte para...

– ... na fazenda, ontem à noite, não contamos...

– ... quero falar com Sato...

Kira arregalou os olhos com o choque de ouvir aquele nome arrancando-lhe de suas divagações. *Sato? Estão falando de Haru?* Quando ela partiu de East Meadow, ele havia sido demitido, tendo sido vergonhosamente expulso da Rede por sua participação no rapto de Samm.

Teria sido readmitido? Ou estavam falando sobre outro Sato? *Por favor*, pensou Kira, *não deixe que seja Madison. Não deixe que seja Arwen. Se elas estiverem em apuros...* Kira não queria nem pensar nessa possibilidade.

Olhou para a bancada. Não era uma peça única, mas uma miscelânea de transmissores e receptores, todos conectados com fios, cabos e fita isolante. Havia um equipamento de rádio antigo embaixo do console, mas aparentemente Afa havia construído uma nova estação com os restos que encontrara pela cidade. O ambiente era escuro demais para que Kira conseguisse enxergar os detalhes. Tentou usar a lanterna antes de se sentir frustrada e procurar alguma janela. Afa as havia emparedado com papelão e tapumes. Kira arrancou uma das placas, inundando o espaço com a luz do dia. Depois correu de volta para a bancada e analisou o equipamento, na tentativa de descobrir de qual dos muitos alto-falantes havia saído a mensagem. *Quem disse Sato?*

Não havia como afirmar, mas ela reduziu as possibilidades a duas. Os controles pareciam estar agrupados próximos das caixas de som às quais pertenciam, e ela verificou os botões em busca de algo familiar. Ela já tinha operado rádios antes, é claro, mas pequenos aparelhos comunicadores durante as missões de resgate, bastante simples: um botão para o volume e outro para sintonizar. Não importa quantos botões a mais houvesse ali, teria de existir aqueles, certo? Encontrou o que considerou ser o sintonizador do alto-falante, de onde acreditava ter ouvido o nome de Sato, e o girou com cautela. O ruído branco invadiu o ambiente sem alteração, apenas com a interferência ocasional de outro rádio; inclinou-se na frente da caixa de som, concentrando-se no que podia ouvir e ignorando todo o resto.

– ... não cruzou, repita, o terceiro...

Partials. Ela largou o botão e foi para o próximo alto-falante, procurando o sinal. Um sinal de rádio era algo delicado, uma voz silenciosa e invisível no ar. Para ouvir com clareza era preciso ajustar o rádio na frequência exata, ter energia suficiente, condições atmosféricas perfeitas e ainda torcer para que o aparelho da outra ponta também tivesse energia elétrica suficiente. O tamanho e o formato da antena desempenhavam um papel importante. Encontrar aquele sinal fraco e solitário no meio de todo aquele vozerio era...

– ... Sargento, suba naquela colina imediatamente, precisamos de cobertura no flanco direito. Câmbio.

– ... Sim, senhor. Agora mesmo. Câmbio. – Era a voz de Haru.

– Sim! – gritou Kira, agitando o punho no ar. O sinal continuava fraco, provavelmente porque usavam os comunicadores de mão, os mesmos com os quais ela havia aprendido, e eles não tinham a potência necessária para emitir sinais claros a um ponto tão distante da ilha como Manhattan. *Devem estar próximos, em algum lugar na região oeste de Long Island. Na base da Rede no Brooklyn? Foram os Partials que atacaram primeiro?* Kira tentou se lembrar do que havia aprendido nas aulas de história sobre as táticas Partials, perguntava-se qual o significado de um ataque como aquele. Uma coisa era fazer uma invasão surpresa na Costa Norte, outra era atacar as bases da Rede de Defesa, o que significava a preparação para uma investida em

grande escala. Derrubar a defesa e então garantir que a ilha estivesse desimpedida. Ela ouvia atentamente a todas as palavras da equipe de Haru, então continuava perscrutando as ondas sonoras, ouvindo trechos de conversas entre os Partials, até que uma delas chamou sua atenção.

– ... no topo da colina. Atiradores em posição.

Kira praguejou. Aquilo era uma fala Partial, chegando por outro alto-falante. Todas as mensagens deles saíam de alto-falantes diferentes, até as que tinham a mesma voz e estavam na mesma batalha. Eles mudavam a frequência da transmissão para se comunicar com a garantia de que ninguém fosse bisbilhotar, mas não poderiam prever uma estação de rádio exagerada, fruto da paranoia de Afa. Kira podia ouvir tudo. Eles sabiam onde a unidade de Haru estava baseada e preparavam uma emboscada. E ela era a única que tinha essa informação.

Kira procurou um microfone, mas não encontrou nenhum, nem de mão, nem de teto, nada. Verificou embaixo da bancada, depois correu para olhar na parte de trás. *Nada, de novo.* Era como se Afa tivesse removido os microfones de propósito, o que, pensou ela furiosa, ele provavelmente tinha feito, pois não queria se comunicar com ninguém, apenas ouvir. Para coletar informação.

– ... próximo ao topo, a parte costeira está vazia... – Novamente a voz de Haru. Kira amaldiçoou em voz alta, um grito marcado pela frustração; caiu de joelhos ao lado de uma caixa no canto da sala, rasgando o papelão em busca de um microfone. A primeira estava vazia e ela a descartou. A segunda estava lotada de cabos, e Kira os cortou com fúria, um gigantesco ninho de grossas cordas de borracha; assim que se convenceu de que não havia nenhum microfone ali, jogou tudo para trás, ficando presa numa rede de cabos. *Preciso avisá-lo.* A terceira caixa era de alto-falantes, conectores e manuais; na quarta e na quinta havia velhos transmissores e receptores, um pouco desfeitos e desmontados para compor outros equipamentos. Dos alto-falantes vieram tiros, gritos e explosões de um ruído ensurdecedor. Kira gritava enquanto vasculhava a última caixa sem encontrar nada além de mais cabos.

– ... estão atirando! – gritou Haru. – Estão atirando na gente no topo da colina! Perdemos Murtry e... – Kira ouviu um estampido e o som vindo do rádio tornou-se um chiado muito alto. Em seguida o sinal morreu. Kira desmoronou no chão.

– ... Sato! Sargento Sato! Está me ouvindo? – A voz humana ecoou pela sala, zumbindo no sinal fraco.

Kira meneou a cabeça pensando em Madison e Arwen, que agora tinham ficado sem marido e sem pai. Isso não era uma novidade em East Meadow – lá, todos tinham sido órfãos por mais de uma década –, mas o problema era exatamente esse. Os Sato eram um caso único, especial, o primeiro da nova geração: uma família de verdade depois de onze longos anos. Eles representavam a esperança. Perder Haru Sato – e ter ouvido isso acontecer – partiu o coração de Kira. Sentada no chão, ela soluçava, agarrada aos rolos de cabos descartados como se eles a confortassem ou a protegessem. Ela assoou o nariz, recompondo-se.

Não tenho tempo para isso.

Ainda tentava ordenar todas essas informações recentes. De uma coisa tinha certeza,

teria de coletar mais dados dos arquivos de Afa antes de planejar seus próximos passos. Mas agora havia uma nova ameaça sobre tudo o que ela tentava salvar: a possibilidade de humanos e Partials se matarem antes de ela ter as respostas.

Ficou em pé, afastando os cabos de borracha. O console do rádio era caótico, mas não indecifrável. Ela sabia a qual alto-falante pertencia cada botão. Em algum lugar no telhado estavam as antenas, prontas para funcionar, os vários transmissores e receptores embaixo delas sintonizados numa frequência diferente. Com esse equipamento ela poderia ouvir qualquer transmissão de rádio num raio de milhares de quilômetros – mais longe ainda se tivesse a energia que Afa dissera ter. E uma vez que ela achasse um microfone – a questão não era *se* iria encontrá-lo, mas *quando* –, então também poderia se comunicar. Deveria haver microfones no prédio, que foram usados antigamente, e se de alguma forma Afa os tivesse destruído certamente existiria algum perdido na cidade, em lojas de eletrônicos ou de aparelhos de som.

Kira iria encontrar um microfone. E iria usá-lo.

– Preciso de um microfone.

Afa não estava pronto para outro confronto, mas Kira não tinha tempo a perder. Pessoas estavam morrendo e precisavam de ajuda. O homenzarrão cambaleou entre o seu suprimento de alimentos procurando com um olhar míope pelas prateleiras com latas.

– Eu não converso com as pessoas. Apenas escuto.

– Eu sei, mas eu converso. Os Partials invadiram Long Island e eu tenho amigos lá. Preciso ajudá-los.

– Não ajudo os Partials...

– Estou tentando proteger os humanos – insistiu Kira. Passou os dedos pelos cabelos, cansada e deprimida. Sentia-se dividida mesmo numa questão que parecia simples: não queria que os humanos morressem, mas também não desejava o fim dos Partials. Gostaria de salvar ambos, mas agora que haviam entrado numa guerra declarada o que ela poderia fazer?

– Com um microfone e a sua estação de rádio posso passar informações a eles, mantê-los correndo atrás do próprio rabo. Até pensar em alguma coisa melhor – ela disse.

Afa encontrou uma lata de feijão e dirigiu-se à porta.

– Você não pode ajudar os humanos. Sou o único que restou...

– Não, você não é! – gritou Kira, bloqueando a passagem. Ele era muito mais alto do que ela e pesava três vezes mais, mas ele recuou como uma bexiga esvaziando, olhando para o chão, o queixo enfiado no peito, os ombros caídos, pronto para a explosão. Ela suavizou o tom de voz, mas manteve a firmeza da declaração:

– Existem trinta e cinco mil humanos em Long Island, Afa, trinta e cinco mil. Precisam de nossa ajuda, do seu conhecimento. Tudo o que você juntou aqui pode ser útil para eles. Estão tentando encontrar uma solução para o RM, mas não conhecem nada a respeito, e você sabe muito. Eu acredito que você tenha a chave para a cura em algum lugar neste prédio, e também para o problema da data de validade dos Partials e para evitar uma próxima guerra. Há uma

sociedade humana em Long Island, Afa, e eles dependem do seu conhecimento. – Ela o encarava. – Eles precisam de você.

Afa arrastou os pés e então se virou abruptamente. Caminhou bamboleando de volta para a despensa, dando a volta em torno de uma pilha de latas e retornando pelo corredor seguinte. Kira suspirou e bloqueou aquela passagem também. – Onde estão os microfones?

Afa parou de novo, olhou nervosamente para o chão, então se virou e se afastou mais uma vez. Kira foi para perto da porta, sabendo que eventualmente ele teria de passar por ela.

– Não pode se esconder para sempre. E não me refiro apenas a esta sala, mas do mundo todo. Você precisa seguir em frente, ou recuar, mas fazer alguma coisa. Você reuniu todas essas informações para poder mostrar a alguém. Vamos fazer isso, vamos revelar isso para os outros.

– Não há ninguém para quem mostrar – respondeu, movendo-se hesitante entre o labirinto de pilhas de comida em lata e caixas. – Sou o único humano que restou.

– Você sabe o que penso? – perguntou Kira, suavizando ainda mais o tom da voz. – Que você insiste em dizer isso porque tem medo de encontrar as pessoas. Se estiverem todos mortos, então não terá com quem conversar, ninguém para ajudar nem para desapontar.

Ele estava no fundo do cômodo, escondido no escuro.

– Sou o único que restou.

– Você é o último diretor de tecnologia da informação. Pelo menos que eu saiba. Com tudo o que você entende sobre computadores, *network*, rádios e painéis solares, você é simplesmente um gênio, Afa. Sêrio. Você é um gênio. Você está há muito tempo sozinho, mas não precisa ficar só. Está me ajudando, certo? Está conversando comigo e eu não tenho medo de você.

– Tem sim.

– Desculpa. Estou tentando. Mas você precisa encarar a situação. Do que você está se escondendo, Afa? Do que você tem medo?

Ele permaneceu com o olhar parado até sussurrar sua resposta e sua voz carregava feridas de anos de dor e medo.

– Do fim do mundo.

– O mundo já acabou. O monstro veio e partiu – disse Kira, dando um passo à frente vagarosamente, aproximando-se alguns centímetros dele. – Em East Meadow nós celebramos o que aconteceu. Não o fim do mundo, mas o seu recomeço. A reconstrução. O velho mundo está morto e enterrado, e eu entendo que aceitar isso é muito mais difícil para você do que para mim. Eu mal conhecia aquele mundo. – Ela deu mais um passo em direção a ele. – Mas o que temos agora está em nossas mãos. O mundo tem tanto para nos oferecer e precisa da nossa ajuda! Deixe o velho partir e nos ajude a reconstruir o novo.

A escuridão encobria seu rosto.

– Foi o que disseram no e-mail.

– Quem?

– A Verdade. – Sua voz era diferente agora. Não tinha o tom hesitante do

sentimentalismo tolo nem se apresentava como uma janela aberta da inteligência, um sussurro distante e fantasmagórico, como se o próprio velho mundo estivesse falando através dele. – Dhurvasula, Ryssdal, Trimble e os outros. Eles sabiam que estavam construindo um mundo novo e destruindo o antigo. Fizeram isso de propósito.

– Mas por quê? – pressionou Kira. – Por que matar todo mundo? Por que colocar a cura apenas nos Partials? Por que ligar Partials e humanos? Por que nos deixar com tantas perguntas?

– Eu não sei – respondeu Afa, baixinho. – Tentei descobrir, mas não consegui.

– Então vamos trabalhar nisso... juntos. Mas, primeiro, temos de ajudá-los. – Kira ficou em silêncio, recordando-se das palavras do Sr. Mkele, palavras que pareciam inconcebíveis meses atrás. Ela as repetiu para Afa, desconcertada ao descobrir como a situação havia se invertido. – A humanidade precisa de um futuro, e precisamos lutar por ele, mas não podemos fazer isso se não salvamos o presente. – Ela tocou no braço de Afa. – Ajude-me a encontrar um microfone, assim iremos garantir que restará alguém a quem poderemos dar todas as respostas.

Afa a observava ansiosamente, parecendo pequeno e infantil no escuro.

– Você é humana?

Kira sentiu um nó na garganta e o coração querendo saltar pela boca. O que ele precisava ouvir? Ajudaria se dissesse que era humana? Qualquer outra resposta o assustaria e o levaria de volta à sua concha?

Ela balançou a cabeça. Ele precisava ouvir a verdade. Ela respirou profundamente, cerrou os pulsos e reuniu coragem. Nunca tinha dito aquilo em voz alta antes, nem a si mesma. Então, forçou-se a falar:

– Sou uma Partial. – As palavras soaram certas e erradas, proibidas e terríveis, mas verdadeiras, tudo ao mesmo tempo. Admitir esse fato e tirar esse peso das costas trouxe-lhe um frenesi de libertação, mas a natureza daquela verdade a fez tremer desconfortavelmente. Condenou-se por ter feito a revelação e imediatamente sentiu-se culpada por ter se censurado por algo que era a sua real natureza. Mas se recuperou. – Eu dediquei toda a minha vida e tudo o que eu tinha para salvar a raça humana. – Seus lábios se abriram num sorriso tímido, e ela quase riu. – Você e eu somos a única esperança dos humanos.

Afa colocou a lata de feijão no chão, pegou-a e abaixou-a novamente. Deu um passo, parou e assentiu com a cabeça.

– OK. Venha comigo.

Capítulo Treze

Marcus ajoelhou-se ao abrigo das ruínas do que parecia ter sido a parede de uma garagem. O carro ainda estava lá, visível através de um furo no muro, com o esqueleto do motorista à direção. Tentou imaginar a razão pela qual o homem havia morrido ali, dentro do carro, parado na garagem fechada, mas agora isso tinha pouca importância. Se os Partials encontrassem o seu grupo, Marcus acabaria tão morto quanto aquele cara.

– Não podemos garantir a proteção das fazendas nem de seus moradores – disse o soldado Cantona. Sua voz era um sussurro desesperado, e ele não desgrudava os olhos da floresta. Marcus começara a odiá-lo, mas não podia negar que era um soldado eficiente.

– Não vamos abandoná-los – disse Haru. Ele estava liderando o grupo desde a morte de Grant. Haru deu uma olhada para as quatro pessoas escondidas ao lado dos soldados – dois homens e duas mulheres, todos com o olhar assustado. – Pelo que sei, os Partials estão capturando todos os humanos em quem conseguem botar as mãos. Nosso serviço é proteger as pessoas, então vamos defendê-las o caminho todo até East Meadow.

– Nossa obrigação é proteger os civis – argumentou Cantona. – Essa era uma fazenda de trabalhos forçados, não sabemos se eram prisioneiros.

– Se os Partials querem essas pessoas, terão de passar por cima do meu cadáver – disse Haru.

Marcus olhou para os camponeses. Tinha apenas três armas para dividir entre os quatro. Era improvável que prisioneiros tivessem acesso a algum tipo de armamento, mas com um exército Partial logo atrás de você, por que não? *Eu daria armas para eles*, pensou Marcus, *e torceria pelo melhor. Quando os inimigos são Partials, cada humano é um aliado.*

– Vamos morrer por causa deles – insistiu Cantona. A unidade composta por vinte soldados bem treinados havia sido reduzida a apenas sete, além dos moradores da fazenda; metade morreu em uma emboscada, e a outra parte foi atingida enquanto recuava correndo impetuosamente pela floresta para se manter na dianteira. – Eles podem aguentar o nosso ritmo, tudo bem – disse Catona. – O problema é que fazem muito barulho, não sabem se esconder.

Os trabalhadores tinham o rosto envelhecido e queimado de sol, porém Marcus notou que empalideceram ao ouvir os soldados discutindo seu destino. Contrariado, balançou a cabeça e se intrometeu na conversa.

– Não são piores do que eu em matéria de barulho – ele disse.

– Não vou me desfazer do nosso médico.

– Mas ele tem razão – interveio Haru. – Com Marcus no grupo teremos ruído suficiente para sermos localizados independentemente de quantos civis estiverem conosco.

– Também não é assim... – defendeu-se Marcus.

– De qualquer forma, isso não importa – disse Haru. – Se não nos ouvirem até agora,

estamos seguros. Está escurecendo e eles não têm razão para caçar um grupo de soldados armados que pode estar preparando uma emboscada para pegá-los. É mais provável que os Partials tenham recuado para se reorganizar. Mas pode apostar que vão atacar outra fazenda.

– Nesse caso, essas pessoas não precisam mais de proteção – disse Cantona, gesticulando em direção aos moradores da fazenda. – É melhor soltá-los e mandar que sigam direto para East Meadow. E vamos tentar nos reunir com a nossa unidade.

– Não posso chamá-los pelo rádio – disse Haru. – Nossa unidade não existe mais.

Um dos soldados levantou a mão, um grandalhão chamado Hartley, e todos fizeram silêncio. Era um sinal conhecido, e Marcus prestou atenção, segurando firmemente o fuzil. Os Partials possuíam os sentidos bastante apurados – melhor audição, melhor visão –, por isso eram capazes de detectar o grupo de Marcus a uma distância muito maior. Numa floresta densa como aquela, entretanto, precisavam chegar mais perto para perceber a presença dos soldados, e os humanos, às vezes, conseguiam ouvi-los. No entanto, o grupo de Haru não era páreo para uma unidade Partial, com ou sem aviso; o único inimigo que haviam derrotado tinha sido distraído por tropas aliadas maiores. Para Marcus e seus companheiros restava apenas correr, simplesmente isso, e mesmo assim haviam sido reduzidos a uma fração do número de soldados originais.

Permaneceram sentados e quietos, com os ouvidos aguçados, fuzis preparados. A floresta ao redor encarava o grupo de volta, imóvel como uma tumba.

Marcus ouviu um dos vigias reclamar e, de repente, gritar as primeiras sílabas de alguma palavra de alerta. Ao mesmo tempo, um pequeno cilindro preto zumbiu contra a parede perto dos seus pés. Olhou para baixo apenas a tempo de ver o objeto explodir em um raio de luz ofuscante e, de súbito, o grupo todo estava gritando. Cerrou os olhos, grunhindo de dor. Os reflexos da luz branca brilhavam em sua retina. Armas dispararam; Haru gritou; as pessoas berravam e choravam. Marcus sentiu um jato de líquido quente nas mãos e abaixou a cabeça, encolhendo-se contra a parede. Um corpo caiu sobre ele, fazendo-o perder o equilíbrio. Respirava num ritmo acelerado e entrecortado de horror. Quando sua visão voltou ao normal, a luta havia terminado.

A senadora Delarosa estava de pé na sua frente, segurando o fuzil com uma das mãos e um manto pesado sobre a cabeça.

Marcus tentava raciocinar.

– O quê? – ele disse.

– Teve sorte de serem apenas dois – afirmou Delarosa. – E de termos lançado uma granada contra eles. – Sua expressão era severa. – E de termos uma isca e tanto.

– Dois? O quê?

– Dois Partials – respondeu Haru, sacudindo a cabeça e apertando os ouvidos como se estivessem zumbindo. – E não nos chame de isca.

– Não sei outra maneira de chamá-los – respondeu Delarosa, rolando um dos corpos caídos no chão com o pé. Marcus viu que havia vários mortos: soldados, outra figura de manto, como Delarosa, e dois Partials em suas indefectíveis armaduras cinzas. O que estava sob o pé de

Delarosa gemeu e ela atirou de novo. – Vocês faziam tanto barulho que poderiam atrair todas as patrulhas Partials num raio de quilômetros.

– Você nos usou de isca! – Haru repetiu, lutando para permanecer de pé. Algo o havia incapacitado e deixara-o sem equilíbrio. – Você sabia que eles estavam aqui? Há quanto tempo estavam de tocaia?

– Tempo suficiente para estarmos prontos quando eles chegaram. Sabíamos que vocês iam acabar chamando a atenção, então os deixamos à vontade. – Ela se curvou sobre o corpo, desprovido de todos os equipamentos úteis: a armadura de combate, pentes de munição e várias pequenas pochetes presas ao peito e nos ombros. Virou-se de costas enquanto trabalhava, apontando com a cabeça para o cilindro negro aos pés de Marcus. – É a bomba *flashbang*[\[3\]](#). Pensaram que vocês não tinham como se defender, então baixaram a guarda.

Marcus tentou se levantar, mas percebeu que estava tão atordoado quanto Haru, e escorou-se contra a parede para se equilibrar. Um soldado escorregou para o chão com o movimento de Marcus, que notou um buraco de bala no rosto do cadáver.

– Você deveria ter nos avisado – ele disse.

Delarosa depositou os pertences do Partial numa pilha bem organizada e retirou seu uniforme de combate.

– Teriam encontrado vocês de qualquer jeito. Com o nosso plano, eles não nos localizaram até ser tarde demais para eles.

– Poderíamos ter planejado uma emboscada – disse Haru olhando ao redor e contabilizando as perdas; Marcus fez o mesmo: três soldados humanos mortos e mais um do grupo de Delarosa. Havia pelo menos mais dois entre as árvores na frente do grupo, vigiando a área. – Poderíamos estar preparados e evitar tantas baixas.

– Nós *estávamos* preparados – disse Delarosa, virando-se para o segundo corpo. – E isto *foi* uma armadilha. Tínhamos uma situação adequada, uma distração perfeita, e mesmo assim perdemos quatro vidas e ficamos com dois civis feridos. – Ela apontou para os trabalhadores. – Tínhamos a condição ideal e, mesmo assim, eles mataram duas vezes mais do que nós. Você realmente teria tentado algo sem usar uma isca?

– A sua isca eram os meus homens!

– Vai discutir comigo por causa disso? – perguntou Delarosa, levantando-se para encará-lo. – Salvei a sua vida.

– Deixou que três homens morressem.

– Se eu tivesse agido de outra forma, todos vocês teriam morrido – rebateu ela. – Ou, ainda pior, teriam sido capturados. Enfrentamos um inimigo superior, mais bem equipado, mais bem treinado e com melhores reflexos. Se pretende jogar limpo, está mais cego do que o Senado.

– O Senado mandou você para a cadeia – disse Marcus, finalmente conseguindo ficar de pé. – Você estava num campo de trabalhos forçados. – Franziu o rosto. – Era nessa fazenda que cumpria pena?

Delarosa voltou para retirar o material do segundo soldado, puxou o resto do equipamento e colocou-o na pilha ao lado do primeiro.

– Sim, quando isso aqui era uma fazenda de trabalhos forçados. Agora é apenas... a cena do crime. Qualquer um que tenha sobrevivido, já deve estar muito longe daqui.

– Você escapou quando os Partials atacaram? Ou matou alguém antes? – Haru perguntou.

– Não estou aqui para assassinar humanos – respondeu Delarosa, levantando-se novamente para encarar Haru. – Fui sentenciada a cumprir pena numa penitenciária agrícola. Você tem razão. E por que você se lembra disso?

– Por que matou um humano – disse Marcus. – Isso afeta a sua credibilidade.

– Por fazer o que era preciso – ela respondeu. Delarosa gesticulou para um de seus comparsas, que também vestia uma capa com capuz e veio coletar as pilhas de equipamentos. – Estamos enfrentando a extinção da nossa espécie – disse severamente. – Isso é mais importante do que qualquer outra coisa, seja a bondade, a moralidade ou a lei. Coisas que há doze anos você jamais faria, agora são aceitáveis, necessárias. É um imperativo moral. Matarei uma centena de soldados Shaylon Brown antes de permitir uma vitória Partial. Matarei mil, se for preciso.

– É exatamente o que estou falando – disse Cantona. – Só assim vamos conseguir sobreviver.

– Se você matar mil pessoas, os Partials não vão precisar nem lutar – argumentou Marcus. – Vai fazer o trabalho por eles.

Um pássaro piou alto na floresta e Delarosa levantou o olhar.

– É o sinal para partirmos. Pelo jeito, esses dois Partials aqui tinham cobertura. – Ela correu para a extremidade da clareira, mas Haru meneou a cabeça em desaprovação.

– Não vamos com você.

– Eu vou – disse Cantona, apanhando o segundo fuzil de um dos soldados humanos mortos. – Deixa disso, Haru, você sabe que ela tem razão.

– Não vou abandonar os civis!

– Na verdade, também vou com ela – disse um dos trabalhadores. Era um homem de mais idade, magro e envelhecido pelo trabalho árduo; pegou sua espingarda de caça e retirou um revólver de outro soldado morto.

Cantona olhou para Delarosa, que assentiu e devolveu o olhar para Haru.

– Não usaremos vocês como isca uma segunda vez – Virou-se e desapareceu na floresta. Seus homens foram atrás, em seguida o agricultor e por último Cantona, que, antes de se misturar com a escuridão da floresta, acenou para o grupo que ficava.

Marcus fitou Haru, Hartley e os três civis que restaram. Havia se armado com os fuzis e a munição dos soldados mortos.

– Dois de vocês estão feridos?

– Podemos andar – respondeu uma mulher com a determinação estampada no rosto.

– Ótimo. Mas conseguem correr? – perguntou Haru.

O grupo parou no jardim de uma escola, ofegante de exaustão. Os Partials que os perseguiam haviam eliminado mais dois deles, deixando apenas Marcus, Haru e dois civis. Um deles estava machucado, era uma mulher de cabelos castanhos, chamada Izzy. Ela mantinha o corpo pesadamente apoiado contra uma parede, os olhos fechados e a respiração irregular. Haru estava sem munição e Marcus passou para ele seu último pente de balas.

– Você sabe usar isto melhor do que eu – Marcus disse, parando para tomar fôlego. Em seguida, apontou para Izzy. – Ela não vai conseguir avançar.

– Abaixo-a perto da parede – disse Haru com a voz entrecortada e escondendo-se nos arbustos. – Assim eles vão nos ver.

– Mas talvez ela não consiga se levantar novamente – respondeu Marcus.

– Então eu vou carregá-la.

Marcus e o último trabalhador, um homem chamado Bryan, abaixaram a mulher cuidadosamente até o chão, ajeitando-a contra a parede e com a cabeça entre os joelhos. Marcus verificou o curativo: ela tinha recebido um tiro no ombro, que, mesmo sem acertar nenhuma artéria ou osso vital, provocou um ferimento grave com perda de muito sangue. Ele já havia trocado as ataduras duas vezes, em paradas rápidas como aquela, e dado a Izzy todos os anestésicos possíveis, com cuidado para não deixá-la inconsciente. A bandagem estava encharcada de sangue; ao começar a trocar novamente o curativo, Marcus sentiu a visão turvar de tanta exaustão.

– Estou começando a desejar que um bando de guerrilheiro use a gente de isca – disse Haru.

Marcus franziu a expressão.

– Não tem graça.

– Não era para ter.

– Você poderia fazer isso do jeito certo – sugeriu Bryan. – Quero dizer, a emboscada.

Armas suficientes escondidas na floresta, com um bom campo de visão para atirar, e não teria de correr o risco de usar uma isca.

– Você certamente conseguiria – respondeu Haru, ainda sem fôlego.

Pegou o rádio e tentou novamente com a voz rouca de desespero. – Aqui é Haru Sato, estou com um médico e dois civis baleados. Escola fundamental de Huntsman. Não sei em qual cidade. Se alguém nos ouvir, por favor, responda. Não sabemos até onde as tropas Partials avançaram, nem para onde devemos ir. Não sabemos sequer onde estamos.

Izzy tossia muito, uma tosse áspera e agonizante que fazia todo seu corpo tremer, forçando-a a se deitar por completo no chão. Marcus abriu espaço para a mulher, e em seguida terminou o curativo.

– Acho que tem alguma coisa errada com o rádio – disse Bryan. – Quando foi a última vez que você recebeu ou enviou um chamado?

– Quando atiraram na gente na colina – respondeu Haru, olhando displicentemente para

o aparelho. O rádio não tinha nenhuma marca de bala, mas estava bastante danificado. Marcus não ficaria surpreso se estivesse quebrado.

– Deixe-me ver – pediu Bryan, levantando-se para pegá-lo. Sua cabeça ficou acima do nível dos arbustos e ele subitamente deu um tranco, uma névoa vermelha espirrou do lado do seu ouvido.

Marcus e Haru instantaneamente se jogaram no chão. Sem o suporte do braço de Marcus, Izzy caiu para o lado, inconsciente.

– Parece que é o fim da estrada – disse Marcus. – Ou Delarosa vem rapidinho nos resgatar ou vamos dizer “oi” para a doutora Morgan.

– Você vai me desculpar, mas vou torcer pela primeira possibilidade.

– Você vai adorar a doutora Morgan – disse Marcus. – Ela odeia os humanos tanto quanto você odeia os Partials.

Haru olhou para o parquinho da escola.

– Temos quase um metro de arbustos saindo do asfalto e mais uns dois até chegar ao que parece ser o antigo campo de futebol. – Ele olhou para Izzy. – Mas não sei se conseguiremos carregá-la.

– Vou agarrá-la e sair correndo – disse Marcus. – Você me dá cobertura. Esse mato alto é apenas...

– Não – disse Haru –, mas é exatamente o que vamos fingir que estamos fazendo. – Ele apontou para trás, a alguns metros perto da parede da escola. Marcus viu um retângulo negro de uma janela quebrada no porão. – Leve-a para lá – disse Haru, reunindo alguns pedaços de asfalto quebrado. – Vou tentar enganá-los, fazendo-os achar que estamos atravessando o campo de futebol.

Marcus assentiu com a cabeça.

– Quanto tempo isso vai nos dar?

– O suficiente. Se funcionar. Encontraremos uma porta para escapar pelo outro lado do prédio.

Marcus olhou para o sinistro buraco negro da janela do porão.

– Se eu for devorado por texugos, ou seja lá que diabos estiver enfiado lá dentro, vou fazer de conta que essa não era a nossa única opção viável.

– Vá.

Marcus colocou Izzy de costas, os braços para cima, e agarrou-a pelos pulsos com a mão esquerda; deitado de bruços, ele começou a se arrastar usando o cotovelo direito para impulsionar, cruzando o asfalto em direção à janela. As pontas do terreno irregular rasgaram sua roupa e uma bala ricocheteou na parede acima da sua cabeça. Continuou abaixado, tentando não balançar os arbustos. Haru jogava pedras no campo de futebol, mantendo o arremesso próximo ao solo para que os Partials não pudessem vê-las; quando caíam, balançavam os arbustos. Marcus achou que o plano estava funcionando, porque o atirador mandou bala no lugar errado, a cerca de seis metros do muro.

Ele alcançou a janela e espiou; o ar lá dentro era úmido, como de uma caverna, e ele sentiu o cheiro de cachorro molhado. A menos que tivesse sido recentemente abandonado, aquele local deve ter se tornado um covil, embora fosse muito provável que os cães não usassem aquela entrada; a terra ao redor da janela estava solta, e não dura como uma passagem movimentada deveria ser. Não conseguiu enxergar muito bem, então decidiu se arrastar para dentro e depois puxar a mulher baleada.

Marcus estava com apenas metade do corpo para dentro quando Haru chegou todo esbaforido, respirando pesadamente.

– Com certeza a brincadeira acabou – disse. Uma bala acertou a parede de tijolos atrás dele. – Viu. Saia da frente!

Marcus deslizou o corpo pela abertura até cair no chão e imediatamente escorregou por alguns centímetros de lama. Levantou-se e puxou Izzy, enquanto ouvia mais tiros acertando a parede. Em seguida, Haru pulou para dentro, aterrissando com um grunhido abafado na lama.

– Tem cheiro de cachorro morto aqui dentro.

Marcus procurou uma lanterna nos bolsos enquanto segurava Izzy com o outro braço.

– Tenho certeza de que não é só lama – ele disse.

– Não acenda a luz – disse Haru. – Me siga. – Ele começou a caminhar fazendo barulho no lodo e transformando-se em uma silhueta imprecisa na escuridão do porão. Marcus o seguiu com todo cuidado possível. Além dos cinco centímetros de lama, o local estava abarrotado com mesas de metal, pilhas de livros comidos por traças e várias fileiras de velhos *notebooks* presos nos armários de ferro por cabos enferrujados. Haru os conduzia cautelosamente através do labirinto e quando a visão de Marcus adaptou-se à escuridão pôde ver uma porta na frente deles. Assim que Haru virou a maçaneta e abriu a porta subitamente o ambiente tornou-se ainda mais escuro. A fonte de luz atrás deles havia sido bloqueada, o que fez Marcus tropeçar e cair.

Tiros cortaram o ar e raios iluminaram o porão, produzindo um ruído ensurdecedor. Os disparos racharam a porta frágil de madeira e Marcus foi capaz de ver Haru se esconder atrás de um armário com computadores.

– Eles estão realmente determinados – disse Haru. – Sempre quis matá-los também, mas nunca com tanta vontade assim.

Haru atirou de volta em direção à janela e os Partialts tiveram de recuar. Marcus aproveitou a oportunidade para avançar, arrastando Izzy pela porta. Quando estavam a uma distância segura, Haru parou de disparar, tentando economizar suas últimas balas, o que permitiu aos inimigos voltarem à janela e lançarem outro ataque pesado em retaliação. Haru gastou sua última munição levando os Partialts a se esconder novamente e mergulhar na lama do chão da porta.

– Realmente não acredito no que vou dizer, mas estamos seguros. Por enquanto. – disse Marcus.

Haru assentiu com a cabeça, limpando a lama do rosto.

– Enquanto tivermos munição, e eles souberem disso, não vão nos seguir por aqui. Mas

pode apostar que estarão nos esperando do outro lado. – Haru levantou o olhar e Marcus pôde ver, mesmo no escuro, que seus olhos brilhavam. – Hora da decisão, Valencio. Você quer morrer se escondendo ou atirando?

– Onde está a opção de morrer “afundado na própria urina?”

Haru riu.

– Tenho certeza de que isso faz parte do pacote de qualquer uma das opções anteriores. – Espirrou. – Além disso, já estamos afundados na urina de alguma coisa. Ninguém vai saber dizer a diferença.

– Tente o rádio – Marcus disse. – Nunca se sabe.

Haru tirou o rádio do cinto e o levantou na escuridão.

– Temos mais chance de falar com Deus do que com qualquer outro ser vivo na Terra.

– Então, vou começar a rezar. – Marcus pegou o aparelho e apertou o botão. – Aqui é Marcus Valencio, assumindo que alguém aí fora me ouve. Estou escondido num túnel cheio de urina de cachorro, com Haru Sato, não sei o que é pior. Ao meu lado há uma civil baleada e atrás de nós, uma brigada inteira de Partial vingarivos. Já faz vários quilômetros que eles estão nos perseguindo, reduzindo nosso grupo de vinte homens para apenas dois. Não sei se estão tentando conquistar a ilha, se é apenas um ataque, ou se querem nos matar por pura diversão. Nem sei quem está por aí para nos ouvir. O que sei é que somos os últimos humanos que restaram. – Soltou o botão e o rádio instantaneamente começou a falar.

– Se eu ganhasse cinco centavos a cada vez que ouvisse isso – disse o rádio. A voz estava distorcida e picotada, e Marcus quase o derrubou, surpreso com a rapidez da resposta. Haru levantou-se com os olhos arregalados.

– Quem está falando? – perguntou Marcus, encarando Haru com espanto. Apertou novamente o botão: – Quem está falando? Repito, quem está falando? Precisamos de ajuda imediatamente, e apoio, e ...que salvem nossas vidas. – Soltou o botão e deu de ombros, sem esperanças. – É melhor não nos negarem ajuda só porque passei por cima do protocolo da comunicação via rádio.

O aparelho voltou à vida.

– O tráfego de comunicação Partial informa que estão especificamente atrás de você, Marcus. A doutora Morgan quer alguma coisa com você.

Marcus congelou ao entender porque a voz soava tão familiar.

– Kira?

– Oi, querido – respondeu Kira. – Saudades de mim?

– Como? – Marcus tropeçava nas palavras. – Onde você está? O que está acontecendo?

Por que a doutora Morgan está me perseguindo?

– Provavelmente porque está atrás de mim. A boa notícia é que ela não tem a menor ideia de onde estou.

– Isso é um alívio – comentou Haru sarcasticamente. – Que alegria saber que Kira está em segurança.

Marcus apertou o botão do rádio.

– Haru está dizendo oi.

– Não se preocupe – disse Kira –, tenho boas notícias para ele também. O exército da Rede está se deslocando para a posição de vocês.

– Jura?

– Saiam do prédio e sigam para o sul. Encontrarão um batalhão da Rede chegando do outro lado, apenas a dois minutos de onde vocês estão.

– Demorou – disse Haru. – Vamos dar o fora deste buraco. – Ajeitou o corpo de Izzy em cima dos ombros e começou a descer pelo corredor.

– Espere! – disse Marcus, correndo para alcançá-los. – Onde você está? O que está acontecendo? – O rádio ficou completamente mudo e ele voltou para o ponto onde estavam parados. Deveria ser um local abençoado para a recepção de sinais, porque o rádio funcionou de novo.

– ... agora. Repetindo, você tem de ir agora. O batalhão possui um pequeno arsenal de granadas de longa distância e pretende derrubar o prédio.

– Espere! Ainda não saímos! – gritou Marcus.

– Então vá!

Ele correu em disparada, alcançando Haru na base da escada. Subiram os degraus rapidamente e abriram com cuidado a porta que dava acesso a um amplo corredor. Não parecia haver nenhum Partial por perto e Haru apontou para um par de portas quase saindo do batente.

– Por ali.

Escaparam pelo lado sul do edifício e foram se esconder numa rua residencial. Não houve gritos atrás deles, nem balas passando de raspão. Marcus virou numa esquina e Haru veio logo no encalço, carregando Izzy nos ombros. Enquanto fugia, Marcus levou o rádio à boca e gritou:

– Kira? Consegue me ouvir? O que está acontecendo?

– Quantos anos eu tinha quando nos conhecemos? – Kira perguntou. – Mude a frequência do rádio para esse número.

Cinco, pensou Marcus, *nos conhecemos na pré-escola*. Ele alterou para cinco e esperou. *Mas, não, eles não organizaram a escola nessa época. Eu a conheci quando tínhamos seis*. Ele subiu um número no canal do rádio.

– O que está acontecendo? – ele voltou a perguntar.

– É um truque que vai funcionar apenas uma vez – respondeu Kira. – Os Partials estão ouvindo as frequências de vocês, mas eu estou escutando a deles. Eu disse a vocês que teria um batalhão nas proximidades e um amigo meu passou para eles o relato falso com a mesma informação. Os dois Partials que estão seguindo vocês agora estão longe, mas logo chegarão aí, e o batalhão da Rede está a pelo menos nove quilômetros de distância. Vocês precisam chegar até eles o mais rápido possível, porque os Partials querem especialmente você, e logo vão perceber que foram enganados.

– Então... – Marcus diminuiu o passo, tentando respirar. – O que devo fazer?

– Vou ajudar você o máximo que eu puder, mas não temos muitas opções. Estivemos acompanhando as mensagens de Morgan e aqui vai a má notícia: os Partials não querem apenas invadir a ilha, mas também desejam conquistar o território. Em dois dias, todos os humanos de Long Island serão seus prisioneiros.

PARTE 2

Capítulo Catorze

O primeiro alarme soou às quatro da manhã. Afa havia colocado pequenos sensores nas portas e janelas do primeiro andar, que disparavam no seu quarto e em algumas das salas onde estavam os arquivos mais importantes. O toque acordou Kira instantaneamente. Há uma semana ela dormia no estúdio de gravação, o local de repouso mais permanente que tivera em muito tempo. Os alarmes eram persistentes, mas soavam baixinho, projetados para avisar os residentes sem deixar que os intrusos desconfiassem de que haviam sido descobertos. Kira levantou-se num segundo, calçando os sapatos e agarrando a arma. Se tivesse de fugir, aqueles eram os itens essenciais.

Claro que com Afa preparado para explodir o prédio todo, fugir descalça e desarmada não era o pior dos cenários.

Kira encontrou Afa no corredor e não se falaram. Ele desligou o alarme por um tempo e ficou atento. Se fosse um sinal falso, causado pelo vento ou pela pata de um gato perdido arranhando o vidro, o prédio ficaria em silêncio. Ela manteve os olhos fechados, concentrada em ouvir, rezando para que nada...

Bip. Bip.

Afa desligou o alarme em definitivo e correu desajeitadamente pelo corredor até o outro quadro de controle. Um dos painéis solares no telhado havia armazenado uma enorme quantidade de energia, mais do que o necessário para alimentar o sistema de segurança à noite. Afa ligou um monitor adormecido e uma imagem similar à de um projetor de *slides* surgiu na tela, bem a tempo de mostrar a figura escura de uma pessoa com colete à prova de balas entrando pela janela. O capacete redondo que cobria todo o rosto era facilmente identificável como sendo do exército Partial, entretanto, o uniforme estava tão surrado, que Kira chegou a pensar que se tratava de uma vestimenta de segunda mão. Do pouco que foi possível ver da silhueta do invasor, delineada pela luz da lua, percebia-se que era uma mulher, porém, o formato do segundo corpo escalando logo atrás era masculino. Kira olhou para Afa, cuja expressão transmitia ansiedade e incerteza. Embora tivesse simplesmente explodido os outros esconderijos quando foram descobertos, aquele prédio era o seu quartel-general, sua biblioteca de documentos, toda uma vida de trabalho. Ele não queria mandá-lo pelos ares.

Novamente, Afa demonstrava não conseguir raciocinar com clareza em situações de estresse.

Os dois estavam no sétimo andar; antes de qualquer intruso alcançar os locais onde estavam arquivados os documentos mais importantes, teria de subir dois pisos muito bem equipados com medidas de segurança. No primeiro pavimento havia explosivos suficientes para mandar o prédio todo pelos ares, e Kira prudentemente colocou-se entre Afa e o detonador manual. A dupla acompanhava os invasores, que eram apenas dois, pelas imagens precárias do

sistema de circuito fechado de TV, enquanto avançavam pelos corredores e salas, passando de uma câmera a outra; os diferentes ângulos e monitores mostravam a trajetória de forma desconexa e maluca, da esquerda para a direita no terceiro monitor; e da direita para a esquerda, no primeiro. De cima para baixo no segundo e no quarto, simultaneamente, um pela frente e outro por trás. A dupla seguia devagar, armas apontadas, formas sem colorido dentro da escuridão. Os capacetes pareciam oferecer uma melhor visão noturna e o movimento das duas figuras era totalmente sincronizado. Uma clara demonstração do *link* em ação. Sem dúvida eram Partials.

Kira checou detalhadamente a munição, mas sem tirar os olhos dos monitores; talvez fosse capaz de matar um deles se conseguisse surpreendê-lo, mas a possibilidade de acabar com os dois Partials de uma só vez era ínfima. Caso não fugisse agora, provavelmente acordaria no laboratório da doutora Morgan, amarrada nua numa cama de cirurgia, enquanto a médica doida abria o seu corpo para encontrar os segredos do organismo humano.

Deu um passo para sair correndo, mas se conteve. *Respire*, disse a si mesma. *Respire fundo. Fique calma. Ninguém no mundo é mais paranoico do que Afa. Ele sabe melhor do que ninguém como defender sua casa. Dê tempo a ele. Ainda há outro andar nos separando dos inimigos.*

A última câmera mostrou a dupla na escada, testando a porta e em seguida subindo lentamente. O primeiro andar não tinha armadilhas porque Afa não queria que as bombas fossem detonadas acidentalmente por algum animal perdido, mas Kira torcia para que os Partials pegassem o contrário: se achassem que havia uma total falta de medidas de segurança, seriam menos cuidadosos nos segundo andar? Ela segurou a respiração; os pés dos Partials desapareceram na escuridão, no topo da escada. Não havia câmeras no segundo andar, apenas sensores e armadilhas automatizadas.

Uma luz vermelha piscou no painel e Kira sentiu um estrondo balançar o prédio.

– É uma mina antipessoal – disse Afa –, chamada de O Pulo da Betty. Quando alguém se aproxima, a mina salta cerca de um metro e vinte centímetros, como uma bola, e explode no ar, abrindo-se num anel. – Ele traçou um círculo com as mãos, demonstrando um halo expandido de destruição. – Pregos, estilhaços e chumbo grosso, bem na altura do intestino. Eles estão usando coletes à prova de bala, mas mesmo assim o estrago é grande, sem comprometer a estrutura do prédio.

Kira sentiu um nó no estômago e olhou para o próximo ponto luminoso no painel. Se a luz não acendesse era porque O Pulo da Betty tinha funcionado. A ameaça estaria contida e tudo que teriam de fazer seria limpar a sujeira. Kira rezava...

A segunda luz acendeu.

– Estão se movendo no corredor leste – disse Afa com as mãos enroladas na frente do corpo como um bebê frágil e desprotegido. Seu rosto estava salpicado de suor.

– Como saímos daqui? – perguntou Kira. Havia a saída de emergência, mas também existiam armadilhas nas escadas. Ela estava torcendo para que houvesse um jeito mais rápido de

descer. Afa engoliu em seco, olhando fixamente para as luzes, e Kira repetiu a pergunta. – Como saímos daqui?

– Estão no corredor leste. Aproximam-se dos tiros. Essa armadilha é monitorada por sensores, não há fios como nas minas. Não sabem o que está por vir – ele disse. A terceira luz vermelha brilhou e Kira ouviu um estalo distante. Ficou esperando, os dentes cerrados, o mundo parado.

A quarta luz piscou.

– Não! – ela murmurou, sacudindo a cabeça. Afa olhava para cima e para baixo no corredor, abrindo e fechando as mãos como se manuseasse algum instrumento imaginário. Ele não tinha armas e mal tolerava o fuzil de Kira; agia sempre com armadilhas, de forma distante e impessoal. Se os invasores chegassem até eles, Afa não teria como se defender.

– Afa – disse Kira, agarrando seu cotovelo –, olhe para mim. – Ele continuava procurando algo, movendo a cabeça, e Kira posicionou-se, decidida, dentro do seu campo de visão. – Olhe para mim: eles vão chegar aqui em cima e vão nos matar.

– Não.

– Eles vão matar você, Afa, você me entende? Vão me sequestrar, matar você e queimar o prédio inteiro até tudo virar cinzas...

– Não!

– ...todos os documentos. Você está entendendo? Você vai perder tudo. Precisamos sair daqui.

– Eu tenho minha mochila – disse, afastando-se de Kira e pegando a mochila pesada do chão, que nunca estava a mais de alguns centímetros dele. – Nunca perco a mochila.

– Então pegue seus pertences e vamos embora – disse Kira, puxando Afa em direção ao estúdio. Ela tinha apenas alguns segundos para recolher suas coisas e sair correndo, o mais rápido e o mais distante possível. Pensou na estação de rádio no andar de cima e de como havia ajudado Marcus. A doutora Morgan estava com o controle de East Meadow e de todos os outros centros populacionais na ilha, e tudo que Kira podia fazer era usar o rádio para manter Marcus sempre um passo à frente dos planos Partials. Mas agora ela perderia isso também. Afa resistia, tentando voltar para o painel, e Kira correu até o estúdio, sem ele, rapidamente pegando seus pertences.

– Atravessaram a sala de reuniões – disse Afa. – Estão se movendo devagar. Passaram pelo segundo O Pulo da Betty no corredor leste, indo para... agora aparecem mais Partials!

Kira ficou em pé, a mochila carregada pela metade com seus últimos objetos pessoais.

– O quê? – ela exclamou.

– Um no corredor leste e outro no oeste. Surgiu um grupo diferente. – Afa ficou descontrolado, sua voz cada vez mais alta e agitada. – Não vi ninguém entrar! Estou de olho nos monitores, eu teria visto!

Kira agarrou a bolsa, deixando o saco de dormir no chão e correu pelo corredor. – Não tem mais ninguém – ela disse. – Continuam sendo apenas dois, mas eles devem ter se separado. – Ela apontou para a sétima luz. – O corredor central é este aqui, certo? É o mesmo em todos os

andares. Esse é um time de dois matadores, como uma dúzia de outras duplas que venho acompanhando pelo rádio. Eles não precisam de apoio extra, eles só se separam... – ela parou no meio da frase. – Estão separados! – Kira disse novamente, como se agora isso significasse algo completamente diferente. – Ou seja, sozinhos. Afa, onde o corredores se encontram no terceiro andar?

– Na escada – sussurrou.

– Sim, sei que é na escada – respondeu, colocando-se na frente dele novamente. – Sei disso, mas preciso que seja mais específico. Você montou todo este sistema, Afa, então você sabe qual será o próximo passo deles. Este aqui? – Apontou para um ponto vermelho: – Onde este ponto vai dar no terceiro andar?

– Nas escadas traseiras – respondeu, quase não conseguindo falar de tanto medo. Pegou o manual de detonação das bombas e Kira o deteve, afastando suas mãos. – A escada de serviço. Elas vão dar na sala de serviço, nos fundos do prédio – ele continuou.

– Perfeito – disse Kira. Enrolou a mão de Afa na alça da mochila e gentilmente o afastou do painel de controle. – Precisa salvar sua mochila, está me ouvindo? Se explodir o prédio, vai perdê-la.

– Não posso nunca perder a mochila.

– Exatamente. Encontre a rota de fuga que você planejou e saia daqui. Corra para um lugar muito longe e não volte por uma semana. Se os Partials forem embora, vou estar aqui esperando você. Agora vá!

Afa se virou e saiu apressado pelo corredor. Kira colocou a mochila nas costas e correu na direção oposta, contornando a última porta e praticamente se jogando escada abaixo. Sexto andar. Quinto andar. Se alcançasse antes o terceiro, se conseguisse chegar lá enquanto a dupla de Partials ainda estivesse separada, cada um deles bem onde ela sabia que iriam aparecer, ela poderia pegar o primeiro Partial desprevenido e recuar antes de o segundo chegar para reforço. Ela tinha a chance de matar os dois, mas era apenas uma possibilidade. Quarto andar.

Terceiro.

Kira diminuiu o ritmo, pisando com cautela, ouvindo no canto da parede, antes de virar. A escada estava limpa. Ajoelhou-se e ergueu o fuzil na altura da bochecha, espiando pela curva da parede do segundo andar. Um carpete embolorado se estendia para dentro da escuridão. A porta de metal havia sido completamente removida, levada por Afa para funcionar de escudo em algum de seus *bunkers* nos andares superiores. Seria lá que Kira iria se esconder. Matar o primeiro, recuar para um *bunker*, e esperar o segundo Partial cometer algum erro. Se é que Partials erram.

O segundo andar estava vazio, mas os sinais do caos eram visíveis. Uma linha de furos na parede e nas cortinas mostrava que a última rodada do Pulo da Betty havia sido detonada exatamente como Afa planejara, mas não parecia haver nenhum corpo. O chão estava vagamente iluminado pelos furos da cortina e uma pequena chama bruxuleava na parede próxima aos fundos. Kira tentou se lembrar qual a última armadilha de chão que tinha sido

detonada – algo incendiário, pensou, e era evidente que falhara. Os Partials continuavam dentro do edifício.

Aguardou no topo da escada com o fuzil preparado. Assim que um Partial apontasse pela porta, era morte na certa.

Estava à espreita.

Talvez eu tenha feito barulho demais, pensou, preocupada. Ele percebeu que eu me aproximava e fugiu pelo outro lado, ou pior, está esperando por mim. Eu poderia subir as escadas de volta, mas perderia esta posição privilegiada. Não consigo enfrentar os dois Partials de uma vez só. Se existir alguma possibilidade de eu encurralar este aqui, não posso deixá-la escapar.

Será que o outro está muito longe? Esta é a escada de serviço, mas o outro corredor vai dar na escadaria principal. O Partial já a terá alcançado? Terá subido? Será que Afa fugiu? Kira torcia para que Afa tivesse sido esperto o bastante para sair dali, de que não estivesse sentado no corredor com o dedo no detonador da bomba, pronto em sua paranoia para destruir uma vida inteira de trabalho, mais ele e Kira juntos, apenas para evitar que todo o material caísse nas mãos dos Partials. Preciso voltar lá para cima, ela pensou, mas também preciso ficar aqui, e preciso fugir. Não sei o que...

Então, ela teve a nítida certeza, como se tivesse visto com os próprios olhos, de que havia um Partial ali, vindo em sua direção.

A porta daquele andar, tal qual a do segundo, havia sido arrancada por Afa para ser usada no bunker. A passagem estava livre e ele teria uma visão desimpedida dela assim que chegasse no final da parede. É o link, pensou. *Só assim poderia ter tanta certeza. Está transmitindo tudo o que fazemos. Não possuo todos os sensores que Samm descreveu, mas pelo jeito tenho o suficiente para sentir onde eles estão. E talvez o suficiente para me delatar.* Apalpou a jaqueta, torcendo para ter algo que pudesse lançar – uma granada ou mesmo uma pedra já serviria para distraí-los –, mas tudo que possuía era um fuzil. Ela sabia que quando encontrasse um bom ângulo de visão, seria tarde demais para atirar.

Ainda agachada, ficou na ponta dos pés, posicionando-se para correr até o primeiro andar, quando, de súbito, teve uma segunda impressão, tão clara quanto a primeira: a de que havia outro Partial no lance de escada abaixo dela. A dupla não tinha ficado parada à porta, esperando; eles se adelantaram e agora a cercavam totalmente. Não havia para onde correr a não ser para o segundo andar, mesmo que outra armadilha esperasse por ela lá. Sem opção, Kira ficou de pé e correu.

Os agentes Partials não precisavam gritar, pois o link os alertava do perigo por meio de um silêncio muito mais efetivo, mas o que Kira sentia em sua cabeça assemelhava-se a um grito químico: ELA ESTÁ CORRENDO. Passos estalaram na escada atrás dela, que disparou uma rajada de tiros no andar inferior, impossibilitando que o Partial a alvejasse enquanto ela atravessava a mortal armadilha do segundo andar. Deu uma cambalhota através da porta aberta e voltou a se levantar freneticamente, olhando em todas as direções à procura da última armadilha. Mas Afa a havia camuflado bem demais. Um Partial cruzou a porta num estrondo e

Kira girou o corpo, atirando ininterruptamente, deixando uma trilha mortal de balas na parede, bem em direção ao peito do inimigo. O Partial, obviamente uma mulher, mesmo estando com o rosto escondido pelo capacete, parou ao ver Kira; depois atacou numa sequência de movimentos acrobatas, puxou o fuzil para perto do peito, enrolou o corpo até formar uma bola e, antes de Kira ter a chance de corrigir a mira, girou acima da saraivada de balas. A Partial aterrissou apenas a alguns centímetros de Kira e foi logo atirando; Kira deu um salto para o lado, livrando-se das balas. A Partial a seguiu numa velocidade fora do comum, com pressa para atacar, açoitando-a com um chute devastador que arrancou o fuzil de suas mãos. Kira entrou na sala de reuniões, recuperou o equilíbrio e passou em disparada por uma mesa de madeira apodrecida, rumo à porta do outro lado da sala, apenas a três passos na frente da Partial. Saiu de novo no corredor e precipitou-se novamente em direção à porta, mas veio ao chão quando a Partial a agarrou por trás, deixando-a sem ar. Enquanto se engalfinhava com a inimiga, Kira tentava desesperadamente respirar, conseguindo dar uma cotovelada violenta na lateral do capacete. A oponente foi para trás e Kira rolou para o lado, engatinhando alguns centímetros antes de a Partial, já sobre os pés, acertá-la com um chute na coxa. Grunhiu de dor, tombando para o lado, e ao olhar para cima, viu a Partial a alguns centímetros de distância, a bota levantada sobre um fino fio de metal, a mão apontando para um ponto acima da cabeça de Kira. Ela levantou o olhar e viu o bocal da armadilha incendiária de Afa, um lançador de chamas, mirando a sua cabeça. Tudo que a Partial precisava fazer era baixar a bota e uma labareda torraria Kira viva. Ela se encolheu, olhando fixamente para o visor sem expressão do capacete, quando ouviu uma voz masculina gritar.

– Kira!

Ela congelou. Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Estava boquiaberta. Ele saiu da escada com o capacete nas mãos.

– Samm?

Capítulo Quinze

–Eu não ia matá-la – disse a Partial, afastando-se do fio de metal detonador do lança-chamas. Ela tirou o capacete e Kira também a reconheceu: cabelos negros, belos traços orientais e olhos escuros iluminados por uma inteligência assustadora. Era Heron, a Partial que já a havia capturado uma vez para a doutora Morgan. A garota sorriu pretensiosamente, encarando Kira como se ela fosse um gatinho perdido. E ela, alguém que não gostava de gatos.

– Estava apenas tentando assustá-la – disse Heron.

Samm abaixou-se para ajudá-la. Kira levantou-se ainda confusa, tentando entender a situação.

– Samm?

– É bom ver você.

– O que... por que você está aqui?

– Porque finalmente encontramos você – Heron respondeu, apontando para o teto. – Todos sabem que você está ao rádio, mas apenas nós dois descobrimos que está em Manhattan. – Ela se curvou, jocosamente, em reverência. – Decidimos manter a informação em segredo.

Samm recolheu o fuzil de Kira do chão.

– Faz alguns dias que sabemos que o prédio está habitado. Mas reconhecemos alguns dos sinais deixados pelo mesmo terrorista que quase explodiu a gente em duas ocasiões. Então, demoramos um pouco para vir. Não tínhamos certeza de que você estava aqui até... – ele parou, inclinando a cabeça como se estivesse fazendo cálculos – ...trinta segundos atrás. Quando vi o seu rosto. – Ele passou o fuzil para Kira, que pegou a arma, intrigada.

– Você não... – Kira controlou-se, percebendo que estava prestes a revelar, na frente de Heron, o segredo de que era uma Partial. Queria perguntar por que eles não tinham chegado até ela pelo *link*, uma vez que ela tinha sido capaz de senti-los tão nitidamente. Não sabia se Samm tinha contado ou não a Heron. Conversaria com ele mais tarde, quando estivessem a sós.

Kira deixou aqueles pensamentos de lado e olhou para Samm.

– Era só você ter batido na porta... – ela disse com um suspiro, embora soubesse que essa não era uma opção viável. Se não fosse Kira quem abrisse a porta, eles estariam expostos a uma situação de grande perigo: uma facção Partial rival ou as armadilhas explosivas de Afa. *Gostaria de saber para onde Afa fugiu, se é que foi mesmo para algum lugar.*

– Uma resposta melhor para a sua pergunta é que estamos aqui porque precisávamos encontrá-la – disse Samm. – Você corre perigo.

– A doutora Morgan está caçando você – acrescentou Heron. Em seguida fez uma pausa longa o bastante para deixar Kira desconfortável. – Estamos aqui para garantir que isso não aconteça.

Kira desafiou a Partial com o olhar.

– Você não trabalha mais para ela?

– Eu trabalho só para mim – disse Heron. – Sempre.

– Mas por que me proteger?

Heron olhou de soslaio para Samm, que não retribuiu o gesto.

– Ela está me ajudando – afirmou ele. – A doutora Morgan concentrou todos os esforços para encontrar você.

Kira pensou com cuidado antes de fazer a próxima pergunta.

– O que ela sabe de mim?

– Sei que você é uma Partial, se é o que a está preocupando – respondeu Heron. – É um tipo maluco de Partial, que nenhum médico consegue identificar. – Ela sorriu de leve, levantando a sobrancelha. – Pelo jeito ainda é segredo. Não contou aos seus amigos?

– Não é tão simples assim.

– É a coisa mais simples do mundo, a menos que... ainda esteja tentando jogar dos dois lados – disse Heron. – É isso? Partials e humanos no mesmo time? Quer salvar ambos? Não vai funcionar.

Kira sentiu a raiva crescendo dentro dela.

– Desde quando você é tão entendida sobre a minha vida?

Heron levantou as mãos sarcasticamente, como se tentasse se defender.

– Opa! Calma aí, tigresa. De onde vem tanta hostilidade?

Kira estava quase gritando.

– Da última vez que nos encontramos, eu estava amarrada numa cama de cirurgia e você obedecia à doutora Morgan. Por que deveria confiar em você agora?

– Porque ainda não te matei.

– Acho que você não entende o que é confiança – disse Kira.

– Você pode confiar nela porque eu confio – interveio Samm, que depois ficou em silêncio. – Isto é, se você ainda acreditar em mim.

Kira olhou para ele, lembrando-se de como ele a traiu da última vez, e também de como ele a havia salvado. Kira confiava nele? Sim, um pouco, mas quanto? Ela soltou o ar e deixou os braços caírem no lado corpo, sentindo-se impotente.

– Me dê um motivo.

– Abandonei o grupo da doutora Morgan quando libertei você do laboratório. Heron nos seguiu, esperou você partir e conversamos. Então ela me propôs um plano: encontrar a cura para o prazo de validade. Esse foi o motivo pelo qual entramos para a facção da Morgan, mas os métodos dela se tornaram... repugnantes.

Kira franziu a testa.

– Isso é apenas uma parte da verdade.

– A data de validade vai matar todos nós em menos de dois anos – explicou Heron, e Kira notou um tom de exasperação na sua voz. – Todos os Partials do mundo morrerão. Comparado ao genocídio, os métodos de Morgan não parecem tão extremos.

– E mesmo assim você a abandonou?

– Por sua causa – disse Samm. Kira sentiu uma agradável sensação de afeto, mas se manteve em silêncio enquanto ele falava. – Saber que você é uma Partial muda tudo de figura. Neste momento, Kira, você literalmente é o que sonhamos ser pelos últimos vinte anos.

– Uma pessoa confusa?

– Humana. – Samm tocou na foto dela quando criança. – Você envelhece. Você cresce. Não está aprisionada num sistema químico de castas. Os primeiros exames da doutora Morgan mostraram que você sequer é estéril.

Kira franziu o rosto.

– Como sabe disso?

– Temos espiado a doutora Morgan desde que você partiu – explicou Samm –, tentando nos manter um passo à frente dela. Morgan está procurando você em todos os lugares. A invasão de Long Island foi sua última cartada. Ela precisa encontrar você para terminar as pesquisas.

– Como ela não sabe o que sou? – Kira perguntou.

– A doutora está convencida de que o segredo por trás da data de validade tem relação com você – continuou Samm. – Ela vem fazendo experiências com os humanos, mas seus dois principais objetivos são encontrar você e a Verdade.

– Você quer dizer o resto da Verdade – disse Kira. Samm enrugou a testa, confuso, e Kira explicou. – A doutora Morgan é membro da Verdade. McKenna Morgan, especialista em bionanotecnologia e em melhoramento genético. Ela trabalhou na ParaGen por vários anos. Tenho o currículo completo dela no andar de cima.

A expressão de Samm era de pura perplexidade.

– Como ela poderia trabalhar na ParaGen e ser um membro da Verdade? Eles não são cientistas humanos, mas generais Partials, e médicos que se dispuseram a nos guiar depois do Surto.

Kira mordeu os lábios.

– É melhor a gente subir.

Afa tinha partido, deixando nada além de um buraco fumegante na parede do oitavo andar. Ele havia usado uma pequena granada para abrir uma passagem entre aquele prédio e o vizinho, e fugido enquanto Kira enfrentava Heron e Samm. Tinha levado a mochila, mas pelo menos não tinha explodido tudo; Kira sabia que logo ele voltaria, não ia suportar ficar muito tempo longe da sua biblioteca. Enquanto isso, Kira guiou Heron e Samm a uma das salas, uma antiga cabine de gravação, com uma mesa larga e vários arquivos incorporados ao ambiente. Era ali que Afa guardava grande parte dos documentos mais valiosos sobre os bastidores da ParaGen, e Kira tinha se empenhado com afinco na leitura do material durante as pausas das transmissões de rádio. À medida que os Partials se tornavam mais astutos e o exército humano recuava para regiões fora do alcance do rádio, os intervalos tornavam-se mais longos e produtivos.

– Primeiro este – Kira pendurou a luminária num prego na parede e mostrou uma folha impressa de um antigo e-mail da companhia. – É a solicitação de uma reunião do gerente financeiro ao pessoal do laboratório da ParaGen. A parte de cima é a lista dos endereços de e-mail. É um tipo de código que o computador usava para enviar as mensagens aos destinatários.

– Temos familiaridade com e-mails – observou Heron.

– Ei! – Kira exclamou. – Isso tudo é novidade para mim. Eu tinha cinco anos quando o mundo acabou, lembra-se?

– Continue – pediu Samm.

Pela primeira vez, Kira notou como os dois Partialts eram diferentes: Samm, como sempre, era direto; ele não dizia metade do que estava sentindo, tudo era simples e útil. Ele havia justificado sua natureza taciturna como um efeito colateral do *link* – o dispositivo carregava boa parte das informações emocionais, assim não era preciso expressá-las com palavras. Os Partialts usavam a voz para transmitir ideias e os feromônios para divulgar o contexto social das mensagens, como se sentiam a respeito delas, o quanto estavam nervosos, relaxados ou animados. Para um observador humano, sem a conexão do *link*, os Partialts pareciam frios e robóticos. Por outro lado, Heron era uma extraordinária comunicadora. Ao estilo dos humanos, ela usava tiques faciais, modulação na voz, gírias e até mesmo uma linguagem corporal que Kira não tinha visto em nenhum outro Partial. *Bem, pensou Kira, nenhum outro Partial, exceto eu. Mal consigo detectar o link e cresci sem nunca tê-lo usado. Eu falo como um humano porque tenho me comunicado com eles a vida inteira.*

Qual seria a explicação para o comportamento de Heron?

Samm olhava ansioso para Kira.

– Eu cruzei as informações contidas neste e-mail com as de outros documentos e acredito que a Verdade seja formada por estas seis pessoas. Talvez não todo o grupo, mas a maior parte dos líderes está nesta lista. – Ela apontou para cada um enquanto dizia seus nomes. – Graeme Chamberlain, Kioni Trimble, Jerry Ryssdal, McKenna Morgan, Nandita Merchant e... – Kira parou – ...Armin Dhurvasula. Alguns deles provavelmente são familiares.

– A general Trimble comanda a companhia B – disse Samm. – Faz algum tempo que descobrimos que ela integrava a Verdade, mas, como eu disse, o grupo é formado apenas por Partialts, não por humanos. Sobre a doutora Morgan, com certeza há mais de uma Morgan no mundo. Não há garantias de que seja a mesma.

– Dê uma olhada na página dela – disse Kira, entregando a ele um punhado de papéis –, impressa a partir do site da ParaGen. Tem uma foto.

Heron folheava o documento enquanto Samm lia por sobre os ombros dela. Pararam para observar melhor a foto; não era da melhor qualidade, mas a imagem era incontestável. Kira estivera com a doutora apenas alguns instantes, mas o rosto de Morgan havia ficado gravado na sua memória. Era a mesma mulher.

Heron abaixou os papéis.

– A doutora Morgan é uma Partial. Ela está no *link*, todos nós já sentimos. Ela está

conosco desde antes do Surto. É imune ao RM. Diabos, ela sobreviveu a um tiroteio à queimadura com Samm, na ocasião em que você fugiu. Essa é uma prova de que possui os reflexos superavançados de um Partial. Não tem como ela ser humana.

Kira fez um sinal com a cabeça e vasculhou outro arquivo.

– Este é o relatório de um investigador corporativo. Pelo que tudo indica, alguns membros da Verdade estavam se autoaplicando modificadores genéticos. Os líderes da companhia reagiram quando ficaram sabendo.

– Modificadores genéticos Partials? O que isso significa? – perguntou Samm.

– Antes de entrarem para o ramo dos organismos biossintéticos, a ParaGen trabalhava com biotecnologia, fabricando modificadores genéticos para humanos. Essas drogas são capazes de consertar defeitos genéticos, aumentar a força e os reflexos. Elas inclusive têm uma função cosmética, como a de aumentar os seios. No período do Surto, quase todas as pessoas nascidas num hospital nos Estados Unidos recebiam algum tipo de modificador produzido pela ParaGen ou outra empresa de biotecnologia. Este relatório não entra em detalhes, mas cita especificamente “modificadores genéticos Partials”. Acredito que alguns membros da Verdade usufruíram da tecnologia que haviam criado para nós.

– Passaram a ter um *link* e a nos controlar – disse Heron. De sua voz escorria veneno.

– Então, tornaram-se... meio Partials – resumiu Samm. Ele não demonstrava abertamente, mas Kira podia notar que estava tão transtornado quanto Heron, embora não tão contrariado. Ele olhou para Kira.

– Você acha que é o seu caso? – ele perguntou.

– Pensei nisso, mas não dá para ter certeza sem examinar detalhadamente a tomografia que Morgan fez de mim. Todos os médicos pareciam convencidos de que sou uma Partial, e não um ser híbrido. Eles falaram sobre códigos Partials específicos inscritos no meu DNA. Mas não descarto nenhuma das possibilidades.

Heron olhou de volta para a lista de e-mails.

– Então, Morgan faz parte da Verdade. Assim como sua amiga Nandita. – Olhou para cima, encarando Kira, que teve a nítida impressão de estar sendo observada não por uma cientista, mas por uma predadora. Uma parte dela temeu que Heron desse um pulo para morder seu pescoço.

Kira sentiu-se tão desconfortável que desviou o olhar.

– Nandita me deixou uma mensagem. – Ela apanhou a foto na bolsa e entregou-a a Samm. – Encontrei isto na minha casa há três meses. Foi o que me fez partir. Esta é Nandita, este é meu pai, Armin Dhurvasula, e aqui estou eu entre os dois. Kira... Dhurvasula. – Dizer aquele sobrenome soava estranho. Pelo que sabia, aquele talvez nem fosse seu nome. Ela não tinha sido oficialmente adotada, pois todos os documentos da época afirmavam que os Partials não eram legalmente considerados pessoas. Ela não poderia receber o sobrenome do pai, assim como um cachorro ou um aparelho de televisão também não.

Sam estava concentrado na fotografia, seus olhos percorriam a imagem de um lado ao

outro. Heron se mostrava mais interessada nos documentos sobre a Verdade espalhados pela mesa.

– Então, seu pai criou você na ParaGen – disse Samm. – Ele sabia que você era Partial. Bem como sua guardiã em Long Island.

– Mas ela nunca me contou. Ela me criou como uma humana. E acho que meu pai também agiu assim. Pelo menos não me lembro de nada que me faça pensar o contrário. Por que ele fez isso?

– Ele queria uma filha – disse Samm.

– Você fazia parte do plano deles – disse Heron. – Todos nós, aliás. Só não sabemos que plano era esse nem qual o papel de cada um dos membros da Verdade na sua criação. – Ela pegou outro e-mail, o mesmo que Kira lera na noite anterior. – Aqui diz que a doutora Morgan era responsável pelo “desempenho e especificações”.

– Acho que isso significa que ela programava seus atributos de supersoldados – disse Kira. – Todos os membros da Verdade colaboraram com a criação dos Partials: a doutora Morgan foi responsável pelos aspectos que tornam vocês seres extraordinários, como visão e reflexos aprimorados, cicatrização acelerada, músculos mais resistentes e assim por diante. Os outros membros da Verdade tentaram deixar os Partials mais humanos. Mas foi Morgan na verdade quem fez vocês... superiores.

– E continua fazendo – disse Samm. Ele abaixou a foto e lançou um olhar sombrio para Kira. – Ouvi dizer que ela está mexendo com o genoma Partial, e Heron é testemunha disso.

Heron continuava a folhear os documentos sobre a mesa.

– Pelo jeito ela não consegue ficar quieta – ela disse, erguendo a sobrancelha.

– Será que ela está tentando desprogramar a data de validade? – perguntou Kira. – Talvez não esteja conseguindo encontrar os genes que fazem com que vocês morram depois de vinte anos, então está usando novos modificadores para atenuar o efeito dos genes.

– Talvez. Se isso for viável – respondeu Samm. – Acho que está mais empenhada em fazer aquilo que você chamou de melhoramento. Deixar alguns Partials mais fortes ou velozes. Dizem que existe um esquadrão que consegue respirar embaixo d’água. Ela está se afastando cada vez mais do modelo humano.

– Pelo jeito, virou as costas para a humanidade inteira. Ou quem sabe tenha desistido dos humanos – disse Kira.

– Ela não estava sozinha na ParaGen – disse Heron, mostrando outra folha de papel. – Vejamos, Jerry Ryssdal foi comissionado para o mesmo projeto.

Kira concordou com a cabeça, maravilhada com a habilidade de Heron em descobrir informações relevantes naquele monte de documentos espalhados pela mesa. Kira tinha levado dias para fazer as conexões, mas Heron estava ligando tudo em questão de minutos.

– Não sei exatamente qual é a contribuição de Ryssdal, mas acho que você tem razão. Alguns cientistas trabalhavam em duplas.

– Mas não todos – observou Samm.

– Honestamente, não sei – disse Kira, dando de ombros. – Estamos discutindo sobre o segredo mais bem guardado de uma companhia incrivelmente cheia de mistérios, e de um grupo ainda mais hermético, que, aparentemente, jogava dos dois lados. Mesmo as informações mais simples estão guardadas sob vários níveis de medidas de segurança e de e-mails codificados. Não consigo sequer ter a certeza de que as informações que encontrei são verdadeiras ou foram criadas para afastar as pessoas do caminho certo. Afa gastou anos nisso, mesmo antes da epidemia, mas está... incompleto. Não temos as respostas. Ele... – Kira parou por um instante, incerta de como explicar a condição do homenzarrão. – Ele ficou muito tempo sozinho, digamos assim. Acho que isso danificou seu cérebro, mas, mesmo assim, é um gênio. Coletava informações sobre o fim do mundo antes mesmo de o mundo acabar. Seus documentos são sobre a Guerra de Isolamento, a indústria da biotecnologia, os Partials... sobre tudo que possam imaginar. Trabalhou na ParaGen administrando parte do sistema de informática, de onde ele retirou grande parte dos dados. – Ela gesticulou indicando o espaço ao redor e Samm mostrou-se agradecido.

Heron recebeu a notícia com menos entusiasmo, dando a impressão de absorvê-la ao mesmo tempo em que estudava uma grande variedade de documentos. Seus olhos corriam pelas páginas e uma expressão sombria despontou em seu rosto.

– Isso não está me cheirando bem.

– O quê?

– Morgan faz parte da Verdade – respondeu Heron. – Temos duas versões conflitantes sobre o que é a Verdade, mas ela está nas duas. E a Verdade parece ser o grupo que criou os Partials.

– Nada disso é novidade – disse Kira. – E também não é tão terrível assim.

– Isso porque você não está prestando atenção – retrucou Heron. – Comece a juntar os fatos: Morgan construiu os Partials, porém não sabia sobre a data de validade até a primeira geração começar a morrer, há três anos. Por que ela não sabia? A cura do RM está embutida no sistema de feromônios Partial, e ela também não sabia disso. Você é um novo modelo Partial, e ela sequer sabia que você existia.

As implicações das palavras de Heron foram um soco no estômago de Kira e ela desabou na cadeira.

– Isso não é nada bom.

– Não estou entendendo – disse Samm. – Os três exemplos que acabou de mencionar não têm nada a ver com o programa de melhoramento genético no qual ela estava trabalhando – argumentou Samm. – Por isso ela não sabia de nada disso. Qual o problema?

– O problema é que eles não são quem pensávamos que fossem – respondeu Kira. – Eles não são *o que* pensávamos que fossem. Há dois meses estou em Manhattan tentando encontrar a Verdade porque pensei que fossem a solução para os nossos problemas: um grupo de gênios com um plano perfeito de como tudo deveria funcionar. A cura para o RM, os detalhes sobre a data de validade, respostas para como eu me encaixo nessa história. Só que agora que finalmente

estamos descobrindo quem são eles, percebemos que... – suspirou, por fim compreendendo. – Se tudo que Heron disse sobre Morgan é verdade, então o grupo é tão fragmentado quanto todo o resto. Eles escondiam segredos uns dos outros e também sabotavam o trabalho uns dos outros. Depositei minhas esperanças na Verdade, mas começo a suspeitar de que eles também não possuem as respostas.

– E se as respostas não estão com eles, não estão com ninguém – concluiu Heron.

Samm ficou quieto, perdido em pensamentos. Kira analisava o problema de diferentes ângulos, revendo tudo que sabia sobre a Verdade. Seus membros ainda seriam capazes de ter certas respostas às suas dúvidas, certo? Se ela os encontrasse, como Nandita havia sugerido, talvez descobrisse algo. Se não havia um plano em ação, ela poderia bolar um. As peças estavam todas ali. E talvez houvesse um membro da Verdade que realmente soubesse de tudo, alguém que tivesse supervisionado o projeto, que saberia explicar como juntar as peças. Como ela, Kira, se encaixava nesse quebra-cabeça.

Precisava acreditar.

Samm quebrou o silêncio.

– E os cientistas envolvidos diretamente com você? Seu pai e Nandita. Qual a contribuição deles?

– Meu pai criou o sistema de feromônios. Acho que faz sentido, pois tenho uma versão do *link*. Deve ter sido feito sob medida.

– Quais partes do *link* você possui? – indagou Heron.

– Não faço ideia. Por exemplo, eu sabia que vocês me esperavam na escada e vocês sabiam que eu esperava vocês, mas neste momento não posso sentir nenhum de vocês dois.

Heron ergueu a sobrancelha, um pouco por sarcasmo, um pouco por curiosidade.

– Percebemos que você estava na escada porque é tão silenciosa quanto um elefante numa loja de cristais. Não havia nenhuma informação no *link*. Como não há agora.

– Mas eu senti a presença de vocês – insistiu Kira. – Sabia exatamente onde estavam.

– Interessante – disse Heron.

Kira se virou para Samm.

– E você? – Lembrou-se da conexão no laboratório e sua ansiedade cresceu. – Não sente nada? – Achou-se uma idiota ao fazer aquela pergunta de adolescente, e não teve coragem de ir adiante e falar: você *sentiu* alguma coisa?

Samm fez um sinal negativo com a cabeça.

– Agora... nada.

– E antes? – perguntou Heron.

– Eu... não tenho certeza.

Que olhar foi aquele?, pensou Kira. *Por que é tão difícil decifrar o que esses Partialts idiotas estão pensando?*

– Talvez ela tenha apenas a capacidade de receber – disse Heron.

– Ou o transmissor tenha sido desligado – supôs Samm. – Só não sei por que fariam isso.

– Para que eu pudesse me esconder de outros Partials – disse Kira. – Ou para me proteger deles. Eu também nunca recebi os “comandos” sobre os quais você falou. Quando a doutora Morgan tentou obrigá-lo a obedecê-la, eu não senti nada.

A expressão de Samm era sombria.

– Nesse caso, considere-se uma pessoa de sorte.

– Fico imaginando se ela não é uma versão espíã – refletiu Heron. – Força e reflexos levemente turbinados, beleza física, inteligência superior, habilidades comunicativas humanas e, aparentemente, projetada para ser independente. Ela se encaixa.

– Existem modelos espíões? – perguntou Kira.

Heron riu e Samm estampou no rosto a expressão mais humana de perplexidade que Kira já tinha visto nele.

– O que você acha que Heron é?

– Se sou uma espíã, qual é a minha missão? – perguntou Kira. – Um belo dia vou acordar com o *download* de uma informação para que eu assassine um senador? Como poderiam ter planejado algo assim cinco anos antes do Surto?

– Não faço ideia. Só estou supondo isso – respondeu Heron.

– Vamos em frente – disse Samm. – Dhurvasula construiu o sistema de feromônios e qual a função de Nandita?

– Esse é outro grande buraco – admitiu Kira. – Nandita e Graeme Chamberlain trabalhavam em algo chamado projeto Dispositivo Falha Segura. De tudo que foi empregado para criar os Partials, este é o maior de todos os segredos. Eu não tenho nenhum documento que explique o que é, para que servia, nem mesmo de quem veio a ordem para criá-lo.

– O que você sabe sobre o tal Chamberlain? – perguntou Samm. – Nunca ouvi falar nele.

– Tem um fato que vai deixar você de cabelo em pé. – Kira abriu uma pasta e pegou uma única folha de papel: um atestado de óbito. – Ele se matou assim que terminou de construir o Dispositivo Falha Segura.

Os três ficaram em silêncio. Kira havia pesquisado o mais exaustivamente possível em todos os arquivos de Afa e continuava sem as respostas que buscava. O trio havia levantado questões perturbadoras, como aquela sobre a morte de Chamberlain, mas chegaram a nenhuma conclusão. Os segredos mais importantes continuavam trancados em algum lugar. O que era a Verdade? Por que criaram o RM? O que era o tal do dispositivo FS?

E eu, o que sou?, pensou Kira. *Qual o meu propósito nisso tudo?* A verdade só viria se encontrassem mais informações.

Mais uma vez foi Samm, sempre pragmático e determinado, quem quebrou o silêncio.

– Temos que ir.

– Onde? – Kira indagou.

– ParaGen. Para onde estavam quando tomaram as decisões. Se as informações não estão aqui, só podem estar lá.

– Não vai ser fácil – disse Heron.

Kira assentiu com a cabeça.

– O escritório central da ParaGen ficava em Denver. Não conheço a geografia do velho mundo, mas tenho certeza de que não é perto.

– Não é mesmo. O caminho até lá, na melhor das hipóteses, é um inferno – disse Heron.

– Será mais difícil do que isto? – Kira falou, indicando com um gesto o ambiente ao redor. – Denver consegue ser pior?

– Honestamente, não conhecemos Denver – disse Samm, olhando de relance para Heron –, mas é impossível ultrapassar boa parte do meio oeste, graças a Houston. A cidade era a maior refinaria de óleo diesel e petróleo do mundo quando o Surto explodiu, e sem ninguém para mantê-las em funcionamento, começaram a se deteriorar. Por fim, acabaram pegando fogo, talvez por causa de um raio, não sabemos exatamente, mas ainda continuam queimando, dez anos depois. Para ajudar, os ventos que sobem do Golfo do México espalham a fumaça e a região está coberta por um manto tóxico num raio de mil e quinhentos quilômetros. O meio oeste inteiro é uma terra tóxica.

Kira franziu o rosto.

– E você quer ir para lá? – ela perguntou.

A expressão de Samm continuava inflexível.

– Uma viagem como essa não estava nos meus planos, mas se for a única opção, paciência.

– Não é a única opção – interrompeu Heron. – Podemos chamar a doutora Morgan e resolver tudo agora mesmo: a busca, a guerra e os outros problemas. Já está claro que nem ela tem todas as respostas sobre o RM, mas com certeza ela sabe mais do que demonstra. As informações que temos talvez sejam suficientes para ela elaborar um plano de cura. Assim não precisaremos atravessar aquele pesadelo que é o meio oeste.

– Ela vai matar Afa – protestou Kira.

– Provavelmente.

– Ela vai acabar com todo mundo – disse Kira, sentindo um pouco de fel na própria voz.

– Ela quer resolver o problema da data de validade...

– Esse é exatamente o meu ponto – disse Heron.

– ...mas estou tentando resolver os dois problemas. A data de validade e o RM. Ambos têm ligação com os Partials e a ParaGen. Se conseguirmos encontrar os arquivos da empresa, acharemos a solução. Mas se entregarmos o jogo para Morgan, será o fim dos humanos.

– Os humanos vão sobreviver porque Morgan deixará de matá-los enquanto estiver procurando por você – argumentou Heron.

– Então eles morrerão em algumas décadas – disse Kira. – O RM não terá cura e os humanos não poderão se reproduzir. A raça será extinta.

– Já passou pela sua cabeça que talvez tenha chegado o momento do desaparecimento definitivo dos homens? – perguntou Heron. Aquelas palavras pesaram como um soco no rosto de Kira. – Talvez o tempo dos humanos tenha acabado e seja a hora de os Partials herdarem a

Terra.

- Não posso acreditar no que está dizendo – proferiu Kira.
- Isso porque você ainda se considera humana – respondeu Heron.
- Isso porque me preocupo com os humanos e não quero que morram!
- Partials morrem todos os dias. Você se importa com eles?
- Já disse que estou tentando salvar os dois...

– E se não for possível!? Uma viagem pelo continente é incrivelmente perigosa. E se falharmos? E se chegarmos lá e não encontrarmos as respostas? E se levamos tempo demais e quando voltarmos os Partials já estiverem mortos? Não quero arriscar a vida deles simplesmente porque você não conseguiu decidir de que lado está!

Os olhos de Heron fumegavam de raiva, mas Kira a encarou destemidamente.

– Escolhi um lado – disse com tristeza. – É aquele que inclui todo mundo. E é exatamente quem vou salvar.

Heron encarou Kira, contrariada. Samm falou do seu jeito típico, inabalável.

– Se vamos viajar, tem de ser agora. O quanto antes partirmos, mais cedo voltaremos. – Ele olhou para Heron. – E precisamos de você, ou nunca conseguiremos.

Kira fitou ambos, tomando coragem.

– Se fizermos a viagem, temos que nos preparar do jeito certo. Todos os documentos da ParaGen vão estar arquivados num computador, sob uma rígida encriptação. Algum de vocês sabe como violar esse tipo de segurança?

Samm fez um sinal negativo com a cabeça. Heron apenas olhou para ela.

Kira soltou o ar, numa longa expiração.

– Nesse caso, precisamos encontrar Afa.

Capítulo Dezesseis

Heron localizou Afa numa farmácia das proximidades, entocado num pequeno esconderijo que ele obviamente havia preparado anos antes. Ele se recusava a sair, insistindo, entre outras coisas, que era o último ser humano no planeta e que não podia esquecer a mochila. Heron voltou para chamar Kira, provavelmente porque, se o nocauteasse, teria de carregá-lo, e ela não queria se dar ao trabalho. Kira tentou acalmá-lo. A última coisa que queriam era outra explosão.

– Vim pedir a sua ajuda – disse Kira. Era uma pequena farmácia nos fundos de um amplo edifício, e em cujas prateleiras já não havia nenhum produto que pudesse ser utilizado. Pelo chão havia terra e pegadas de animais. Afa estava na sala dos fundos, com a porta fechada, e, pelo jeito, havia bloqueado a passagem com algum móvel muito pesado. Ela não encontrou nenhum explosivo, mas isso não significava que não houvesse algum ali.

– Eles são meus amigos – ela disse. – Precisamos da sua ajuda. Você pode nos ensinar como chegar a Denver?

– Denver não existe mais – respondeu Afa, e Kira reconheceu o tom distante de sua voz, a pronúncia quase ininteligível, sinalizando que ele havia se refugiado na apatia, talvez da forma mais profunda que ela já presenciara. A invasão no prédio o havia abalado terrivelmente. – Sou o último ser humano no planeta.

– Os habitantes morreram, mas a cidade continua lá – explicou Kira. – Os arquivos também. Queremos ajudar você a terminar o seu trabalho. Vamos procurar as peças que faltam sobre a Verdade, os Partials e o FS. Você não quer entender tudo isso?

Houve um silêncio.

– Tenho tudo na minha mochila – respondeu, por fim. – Nunca esqueço a mochila.

– Você tem quase tudo. Não tem a Verdade. Não sabe nada sobre o que planejavam, as fórmulas que usavam, nem os segredos que escondiam. Precisamos dessas informações. Só assim poderemos salvar qualquer um de nós, humanos ou Partials.

– Perigoso demais – balbuciou. – Você vai se queimar. Vai se intoxicar.

Kira olhou para Samm e depois se virou para a porta.

– Vamos tomar o máximo de cuidado. Meus amigos são os melhores soldados que conheço e eu também sou habilidosa. Podemos nos proteger, levar nossa própria água e manter os animais selvagens afastados. Vamos conseguir. Confie em mim, Afa, vamos encontrar os documentos que você sempre procurou.

– Acho que você está exagerando um pouco – sussurrou Heron. – O meio oeste vai ser um inferno, mesmo que estejamos bem preparados.

– Ele não precisa saber disso – cochichou de volta Kira.

A farmácia ficou em silêncio, todos esperando pela decisão de Afa. Pássaros descreviam círculos ao redor dos prédios abandonados, observados de perto por um gato

selvagem no peitoril de uma janela. O sol matutino transformava os carros enferrujados em sombras difusas no asfalto.

– Você pode ir para Chicago – disse Afa.

Kira voltou sua atenção para a porta.

– Como?

– A ParaGen ficava em Denver, mas seu banco de dados era em Chicago. – Naquele momento, sua voz soava límpida, mais lúcida e confiante. – Lembra-se do que expliquei sobre a nuvem? Que todas as informações da nuvem estavam armazenadas em algum lugar, um computador de verdade? Então, a maioria dos computadores estava centralizada em locais enormes. Eram as centrais de dados e a da ParaGen se localizava em Chicago.

– Por que as informações não ficavam no escritório?

– Porque a nuvem ultrapassava as distâncias – respondeu Afa.

Kira ouviu os pregos sendo retirados, um após o outro. A porta abriu com um rangido, mas Afa se manteve escondido.

– Não fazia diferença entre armazenar informações em Chicago, ou em Denver, ou em Manhattan, porque você poderia acessá-las de qualquer lugar. Como diretor de Tecnologia da Informação, eu trabalhava o tempo todo com o pessoal de Chicago, instalando medidas de segurança para garantir que ninguém além de nós tivesse acesso às informações. A menos que sejam cópias em disco rígido, garanto que estão na central de dados de Chicago.

– Se é tão fácil assim, porque você ainda não foi até lá? – perguntou Samm.

– São mil cento e cinquenta quilômetros. Além do mais, não dá para ir voando. Não posso ir tão longe, preciso ficar aqui com meus arquivos.

Kira lançou outro olhar para Samm.

– Sem você não vamos conseguir, Afa.

– Não posso.

– Não precisamos dele – disse Heron, alto o bastante para Afa ouvir. Pelo jeito, fazia de propósito. – As centrais de dados funcionam à eletricidade, então será preciso reativar o gerador reserva, que não irá funcionar por muito tempo. Só isso já vai dar um trabalho. Depois teremos de descobrir quais servidores armazenam os arquivos da ParaGen, quais guardam os arquivos da Verdade, e quais arquivos da Verdade têm as informações que buscamos. Tudo isso enquanto navegamos os protocolos de segurança mais eficientes que o dinheiro do velho mundo conseguiu comprar.

– Eu já sei tudo isso. Poderia encontrar tudo rapidinho – disse Afa.

– Então venha com a gente, Afa – pediu Kira.

– Não posso deixar meus arquivos.

– Eu dou conta de tudo sozinha – disse Heron, sorrindo maliciosamente, tentando desafiar o conhecimento de Afa. – Ele não é necessário.

– Você nunca vai conseguir – retrucou Afa.

– Assim que descobirmos os arquivos certos – prosseguiu Heron –, teremos que

decodificar as informações e fazer o *download* num computador portátil, tudo antes de a energia acabar, ou seja, teremos apenas uma chance de fazer isso. Vai ser uma façanha e tanto resgatar o arquivo de um computador localizado num prédio em ruínas de uma civilização perdida. Tipo escalar as Pirâmides de Gizé.

A porta abriu lentamente e Heron fez um sinal com a cabeça, triunfante.

– Vocês dois, soldados, entendem de regiões selvagens. Mas não conhecem os computadores.

– Sei o suficiente.

A porta abriu ainda mais.

– Você sabe como burlar o *firewall* Nostromo-7? – perguntou Afa. Kira percebeu a mudança na voz dele. Sua mente despertava, empolgada com o desafio. Kira tinha pensado que Heron tentava estimulá-lo a vir junto, alegando ser mais capaz do que ele, mas, na verdade, ela planejava fisgá-lo pelo intelecto. Heron apresentou uma questão exatamente na área em que ele era uma autoridade, assim Afa se sentiu provocado e acabou envolvido com a situação. Mais de uma vez Kira havia usado a mesma estratégia com Marcus durante as pesquisas médicas.

Samm balançou a cabeça em reprovação.

– Não estou gostando nada disso. Não é seguro levá-lo conosco.

– Também não é sensato deixá-lo aqui – disse Kira. – A doutora Morgan está atrás de mim, certo? Você pode garantir que ela não vai encontrar a estação de rádio de Afa? Que ela vai pegar leve com este homem mentalmente perturbado se o vir aqui?

– Ele não é apenas mentalmente perturbado – disse Samm. – É um homem-bomba incontrolável e imprevisível. Se o levarmos conosco para aquela região devastada, corremos o risco tanto de ele nos matar como de ele ser morto por qualquer outra coisa.

– Quais são as outras opções? – perguntou Kira. – Não podemos chamar Morgan: a) ela é malvada e b) ela não sabe nada sobre o FS. O melhor seria encontrar Nandita, mas todos os moradores de Long Island estão há meses atrás dela e até agora nada.

– Poderíamos falar com Trimble – sugeriu Samm. – Partindo do princípio de que a Companhia B não mate a gente.

– Partindo do princípio de que tenha sobrado alguém na Companhia B – disse Heron. – Morgan vem recrutando soldados aos montes. E Trimble não tem nenhuma ligação com os feromônios, o FS ou a data de validade. Pelo menos, não tem nada sobre isso nos documentos que você mostrou. Ela não vai saber mais do que Morgan.

Kira arregalou os olhos.

– Você sabe onde está Trimble?

– Ela está no comando da Companhia B – disse Samm. – Ela e Morgan têm sido as duas principais faces da Verdade nos últimos anos, mas agora sabemos que ela não é apenas uma mensageira. Pelo jeito, é um deles.

– A Companhia B odeia a D – disse Heron. – A guerra civil que acontece aqui é principalmente uma disputa entre essas duas companhias.

Kira contraiu a expressão.

– Seria mais fácil salvar o mundo se os seus habitantes parassem de se matar.

Afa puxou um pouco mais a porta, apontando um olho para fora.

– Você não respondeu nada sobre o Nostromo-7, então deduzo que você não tem ideia de como passar por ele. Eu sei.

Samm olhou para ela e sussurrou.

– Não deveríamos estar fazendo isso.

– Ele é um bom sujeito – disse Kira.

– Ele é maluco.

– Eu sei – retrucou Kira –, assim como você, eu também não gosto nem um pouco disso, mas que escolha temos? – Ela encarou Heron. – Você sabe mesmo fazer o que está afirmando que sabe? Pelo menos conhece alguém que saiba? Afa é imprevisível, sim, tenho de admitir, mas quando a sua mente está funcionando bem, é brilhante.

– Quando sua mente está funcionando bem – salientou Samm.

– Então, ficaremos de olho nele – disse Kira. – É importante mantê-lo afastado das armas e de qualquer coisa que possa explodir. Faremos o possível para deixá-lo feliz, lúcido e amigável. É a nossa única chance de ter acesso às informações.

Os Partials a encararam. Depois, Samm olhou para a rua.

– Vamos precisar de cavalos.

– Seremos mais rápidos a pé – disse Heron.

– Você e eu, sim. Mas Kira e Afa nem pensar. Preste atenção na respiração dele. Ele deve pesar pelo menos cento e trinta quilos.

Kira levantou a sobrancelha.

– Você consegue estimar o peso pela respiração?

– É difícil e irregular – respondeu Samm. – Ele vai enfartar antes da metade do caminho.

– Existe um acampamento Partial não muito longe daqui – disse Heron. – É uma sentinela da Companhia A, na Bronx. Não são muito amigos do pessoal da D, mas também não estão querendo briga. Samm e eu podemos roubar alguns cavalos e depois encontramos vocês na ponte George Washington.

– Você vai entrar escondida num posto de vigilância?

– Nessa parte remota do sul não há muitos soldados. E os que estão no posto observam as bases militares do lado oposto da baía. Como chegaremos de outra direção, eles não vão suspeitar de nada.

– Ainda assim desconfio que vai ser mais difícil do que você está prevendo – discordou Kira. – Tudo bem, vocês são Partials, mas eles também são.

– Mas nenhum deles se compara a mim – disse Heron. Ela se virou e foi para a rua, jogando a arma em cima do ombro. – Se vamos fazer isso, então que seja agora. Nos vemos amanhã ao meio-dia, na ponte. Esteja pronta. – ela ia dizendo enquanto caminhava.

Kira olhou para Samm: – Você... – Ela não sabia o que dizer. – Cuide-se... – Calou-se. –
Volte.

– Até amanhã, ao meio-dia – disse Samm. Ele hesitou, o braço suspenso no ar ao lado do
braço de Kira, então seguiu Heron.

Kira voltou-se para Afa, ainda escondido atrás da porta.

– Ouviu isso? Ainda temos um dia e meio para nos prepararmos. Agora não podemos
voltar atrás.

– Você acha que estou mentalmente comprometido?

Kira ruborizou.

– Desculpe-me. Não pensei que pudesse nos ouvir – disse carinhosamente.

– Ouvi tudo.

– Eu acho... – Ela parou, sem saber como dizer o que sentia. – Fui realista, Afa. Você é
um homem brilhante. Eu disse isso também.

– Eu ouvi.

– Mas você também é... inconsistente. Inconsistentemente capaz. Eu sei que isso parece
terrível, mas...

– Sei o que sou. Faço o melhor que posso. Mas sei quem sou.

– Você é meu amigo – ela disse. – E farei tudo que estiver ao meu alcance para te
ajudar.

Ele saiu de trás da porta. Toda a lucidez de seu gênio havia desaparecido e procurava as
palavras como uma criança gigante.

– Esta é a minha mochila – disse, levantando-a para colocá-la sobre os ombros. – Nunca
deixo a mochila.

Kira o segurou pelo braço e disse:

– Vamos voltar para casa e arrumar uma mochila para mim também.

Capítulo Dezessete

Marcus corria de uma árvore para outra na rua onde Kira morava, atento a qualquer sinal de anormalidade – o farfalhar de folhas, um rosto ou um corpo, uma janela ou uma porta quebrada. O exército Partial estava a pouco menos de uma hora de distância, lutando contra o que havia sobrado da última e desesperada posição da Rede. Precisava sair de East Meadow de uma vez por todas, mas antes tinha uma tarefa.

A casa de Xochi estava trancada, como todas as outras da cidade. Bateu na porta, olhando desconfiado para as árvores – afinal, fora ali que Heron o abordara.

Marcus ouviu a fechadura destravar e Xochi abriu a porta.

– Entre – ela disse rapidamente, voltando a trancá-la atrás dele. A casa exalava cheiros de manjeriço, noz-moscada e coentro numa cacofonia de aromas. Xochi deixou a arma que vinha segurando de lado e voltou ao seu frenesi de arrumar a mala. Marcus ficou parado no meio da sala, sentindo-se incômodo.

– O que o traz aqui? – perguntou Xochi, levantando o olhar da mochila ainda meio vazia. – Pensei que estivesse a caminho do esconderijo. – Xochi e Isolde haviam escolhido um ponto no meio da ilha para onde seus amigos pudessem fugir e se reunir caso – ou melhor, quando – a Rede de Defesa falhasse. Marcus não respondeu de imediato, tentava descobrir por onde começar: tinha tantas perguntas, mas não sabia se ela estaria disposta a discutir o assunto. Xochi notou a indecisão e gesticulou na direção da cozinha. – Precisa de algo? Água? Colhi um punhado de limões, mas não vou levar comigo. Posso fazer um pouco de limonada.

– Tudo bem.

– Me dê só uns minutinhos, se você quiser...

– Não, obrigado – interrompeu-a Marcus. Ele passava os dedos no queixo e a boca, como se fizesse um aquecimento para a conversa, mas na verdade fazia aquilo para ganhar tempo. Ainda não sabia por onde começar. Sentou-se, e então se levantou nervosamente e apontou para o sofá.

– Sente-se.

Xochi obedeceu.

– O que está acontecendo, Marcus? Nunca vi você desse jeito.

– Conversei com Kira. – Xochi arregalou os olhos. – A primeira vez foi há três semanas, quando Haru e eu estávamos na linha de frente. Depois disso, tivemos mais oito contatos. Eu não sei exatamente onde ela está, mas o fato é que ela consegue ouvir nossas transmissões de rádio e também as dos Partials. Então nos passa as informações. Nada que nos faça ganhar a guerra, mas tem ajudado a manter a mim e a Haru vivos.

– Ela está bem?

– Melhor do que nós. Mas isso pode mudar rapidamente se a encontrarem. A doutora

Morgan está apostando todas as suas cartas na captura dela.

– Isolde me contou. Aparentemente estão invadindo a ilha com esse objetivo. Você sabe por quê?

– Não. Kira não quer me contar. Desde o episódio no laboratório de Morgan ela anda estranha, como se tivesse acontecido alguma coisa com ela sobre a qual não deseja falar.

– Foi uma experiência bastante traumática – disse Xochi.

– Eu sei – respondeu rapidamente Marcus –, mas... quero fazer uma pergunta: qual a sua primeira lembrança de Kira?

Xochi brincava com as alças da mochila, enquanto falava, enrolando-as em pequenas espirais.

– Na escola, aquela antiga, perto do hospital. Eu tinha ficado dois anos com Kessler na fazenda, mas já naquela época brigávamos como tigres, então quando completei oito anos ela me mandou para a escola em East Meadow.

Marcus quase riu com a lembrança.

– Você bateu em Benji Haul no primeiro dia.

Xochi deu de ombros.

– Ele mereceu. Passei a tarde de castigo na “detenção”, e Kira também estava lá, por ter causado um incêndio com o fósforo das lâmpadas. Foi mais uma daquelas encrencas de cientista maluco que vocês dois sempre se metiam.

– E Nandita?

Xochi franziu o rosto.

– O que tem Nandita?

– Quando foi a primeira vez que a viu? Logo depois disso?

– Mais de um ano depois. Eu nunca vinha aqui porque estava confinada na escola, por ordem de Kessler. E nunca vi Nandita na escola porque me escondia nos dias das apresentações ou das feiras. Tinha problemas demais com a minha própria madrastra, não queria ficar perto da madrastra dos outros. Por que quer saber dela?

Marcus inclinou-se na direção de Xochi.

– Ainda não contei tudo. Você se lembra da Partial que seguiu Samm depois que fugimos do laboratório de Morgan? Uma assassina ou algo assim? Samm disse que ela estava nos observando quando pegamos o bote para voltar para casa.

– Sim, lembro, por quê?

– Porque ela estava aqui. Quatro ou cinco semanas atrás. No quintal.

– Aqui?

– Procurava Kira, mas também Nandita. Estava com uma foto de Kira e Nandita juntas, antes do Surto, paradas na frente do prédio da ParaGen.

Xochi congelou.

– Mas Nandita não conhecia Kira antes do Surto.

– Era o que eu pensava. Mas, em algum momento, elas chegaram a afirmar isso?

– Ela falava sobre as garotas – balbuciou Xochi. – Contava historinhas de como tinha encontrado cada uma delas...

– Qual era a história sobre Kira?

Xochi mordeu o lábio inferior, pensativa.

– Ela conheceu Kira no continente, num campo de refugiados. Um grupo grande de soldados, americanos ou da NADI, marchava com milhares de sobreviventes, e Nandita viu Kira xingando um dos soldados porque ele não tinha pudim.

Marcus franziu a testa.

– Xingando um soldado?

Xochi riu.

– Você não imagina? Se agora Kira é uma pimentinha, naquela época não devia ser diferente. Não era à toa que Nandita a chamava de Pequena Explosão. Além disso, ela tinha apenas cinco anos e somente os soldados com quem conversar, sabe-se lá quanto tempo isso durou! O vocabulário dela devia ser de arrepiar. O soldado continuava se desculpando pelo pudim e a garotinha não parava de chamar a mãe do coitado de nomes não muito respeitáveis. Então Nandita foi até lá para ensinar boas maneiras à Kira. – Xochi deu um sorriso distante. – Nandita deve ter achado a situação adorável demais para deixar passar, mas sempre insistiu que fez aquilo para ensiná-la.

– Ensiná-la?

– Era o que dizia. O tempo todo que estive com ela. Que precisava instruir as meninas. Não sei o quê. Eu, por exemplo, tive aulas de herbologia.

– Se Nandita já conhecia Kira, por que fingiu o contrário? – perguntou Marcus.

– Você disse que na foto elas estavam em frente à ParaGen, não é?

– Sim.

– Bem, se ela estava envolvida com a ParaGen não é de se surpreender que tenha mantido a informação em segredo – disse Xochi. – Alguns empregados da ParaGen foram linchados logo depois do Surto, antes da organização do Senado e da imposição de algumas leis. Se eu tivesse trabalhado nessa empresa, mesmo que fosse no setor da limpeza, não teria contado a ninguém.

– Mas o que isso tem a ver com Kira?

– Estou tentando entender – respondeu Xochi, mordendo os lábios. – Que tal: todos os que chegaram aqui na ilha eram desconhecidos, e a população dos Estados Unidos despencou de quatrocentos e cinquenta milhões para quarenta mil. Isso dá uma probabilidade em mil e duzentas pessoas de você conhecer alguém. Uma chance ridícula. E nos poucos casos onde dois sobreviventes já tinham contato, como Jayden e Madison, o doutor Skousen e seus médicos os interrogavam até descobrir se havia algum fator relacionado à sobrevivência. Se Nandita revelasse que conhecia Kira há muito tempo, eles não sossehariam até arrancar delas cada detalhe da relação das duas. E se Nandita havia realmente trabalhado na ParaGen, era compreensível que ela tivesse medo de ser presa e interrogada, ou pior, morta, caso as pessoas

estivessem muito revoltadas.

– Cada detalhe... – Marcus repetiu para si mesmo. – Quase gostaria que tivessem feito isso.

– Matado Nandita?

– Interrogado-a. – Colocou o dedo na mesa de centro, criando desenhos nos veios da madeira. – Cada detalhe sobre a vida das duas pessoas por quem os Partialts estão virando a ilha de ponta-cabeça. – Ele meneou a cabeça. – Táí, eu até que gostaria que eles tivessem feito isso.

– Você deve relatar ao Senado sobre Heron – disse Xochi.

– Conteí a Mkele. Não sou burro. Mkele está procurando Nandita, mas não estou muito animado para informar o Senado que estive em contato com o inimigo. – Ele passou o dedo bem devagar em volta de um nó na madeira. – Acho que ainda estamos com medo de sermos linchados – disse Marcus. – Com medo de sermos presos. Você sabe o que as outras me disseram?

– Que outras? – perguntou Xochi, contraindo os olhos.

– Suas outras irmãs, Madison e Isolde. Elas foram as primeiras a ser evacuadas, para proteger as crianças, então tive a oportunidade de conversar rapidamente com elas antes de partirem. Disseram que Kira não foi a primeira menina que Nandita adotou.

Xochi empinou a cabeça.

– Jura? Quero dizer, nunca pensei que tivesse sido a primeira, até você começar a falar da foto... Mas agora parece estranho.

– Quando ela encontrou Kira, já tinha Ariel – disse Marcus.

Xochi fez um movimento com a cabeça, como se aquela informação fosse especialmente relevante.

– Ariel mudou-se há dois anos, antes de eu vir para cá. Não a conheci muito bem, mas ela nunca se entrosou com as outras garotas, e você não pode imaginar o quanto odiava Nandita.

– Ariel na Filadélfia, Kira num campo de refugiados, Isolde aqui na ilha, e Madison um ano depois, quando Jayden pegou catapora e ficou de quarentena. – Enquanto falava, Marcus contava as garotas nos dedos. – Madison gostou tanto daqui que nunca mais foi embora. Disse que Nandita lutou como uma leoa para conseguir que ela se mudasse para cá ao invés de ir para algum outro abrigo.

– Por quê?

– Ninguém sabe. Mas Madison se lembra da primeira coisa que Nandita disse quando a trouxe para casa: “Agora você pode me ensinar.”

Xochi franziu o rosto.

– E o que isso quer dizer?

– Não sei – respondeu Marcus, ficando de pé. – Só sei que restou apenas uma pessoa para quem perguntar. – Caminhou até a porta e retirou a trava. – Vá para o esconderijo. Vou procurar Ariel.

Capítulo Dezoito

Kira e Afa esperavam na ponte George Washington com uma pilha de bagagens quando Samm e Heron finalmente apareceram com os cavalos, um pouco depois do meio-dia. Afa, claro, carregava sua mochila abarrotada com os documentos mais importantes. Se acontecesse o pior e seu esconderijo em Manhattan fosse invadido ou destruído, ele teria o suficiente na sua mochila para... Escrever um bom livro de história sobre o fim do mundo. Kira não estava certa disso. Naquele momento, o que realmente importava era descobrir as respostas que dariam sentido a tudo: o que era o projeto Dispositivo Falha Segura? Por que a Verdade destruiu o mundo? Como podiam usar aquele conhecimento para salvar o que restou?

– Bagagem demais – disse Heron, segurando as rédeas do cavalo, que relinchou, ofegante. – Não vamos carregar tudo.

– Eu sabia – respondeu Kira, apontando para as caixas. – Afa insistiu em trazer alguns arquivos mais volumosos, e eu avisei que talvez não fosse possível carregar. Não vamos perder muita coisa se deixarmos as caixas aqui.

– Precisamos de outro cavalo – disse Afa, um pouco hesitante ao olhar para os quatro animais na sua frente. – Basta um burro de carga. De uma transportadora. Algo que transporte todas as minhas caixas.

– Vamos deixar tudo aqui – disse Samm, descendo do cavalo. Ele conferiu as outras provisões e fez um sinal afirmativo com a cabeça. – Comida, água, munição... o que é isso aqui?

– Um rádio – respondeu Kira. – Quero ter certeza de que teremos alguma forma de comunicação, caso a gente precise.

– É muito pequeno – disse Heron. – Não vamos conseguir falar com ninguém usando isso aí.

– Afa instalou repetidores por toda Manhattan – explicou Kira. – Essa era a função do prédio em Asharoken e do outro onde encontramos Samm.

– *Capturaram* Samm – ironizou Heron, com um sorrisinho maroto no canto da boca.

– Espere um pouco – disse Samm. – Todos aqueles prédios aparelhados, todas as explosões, eram locais onde estavam os repetidores de rádio? – perguntou.

– Eu mesmo instalei o equipamento – respondeu Afa, reorganizando a pilha de bagagem.

– Não queria que ninguém descobrisse.

Samm estava perplexo.

– Você matou pessoas para proteger repetidores de rádio?

– E arquivos. A maioria desses locais também servia de esconderijo – completou Kira.

– Isso não alivia em nada – disse Samm.

– Ontem você já sabia que ele era um lunático paranoico – disse Heron. – Que diferença isso faz agora?

– Porque é errado! – exclamou Samm.

– E ontem não era?

– Sinto muito. Também perdi amigos por causa daquelas bombas – disse Kira.

– Não são *aquelas* bombas, mas as bombas *dele* – retrucou Samm.

– Isso também não me agrada – insistiu Kira. – Ele exagerou nos cuidados e acabou matando pessoas inocentes. Mas qual dos dois lados dessa guerra idiota não fez a mesma coisa?

– Ele não é um dos lados. Ele é uma cartada arriscada – asseverou Samm.

– Uma cartada arriscada, mas necessária – concluiu Heron. – Ontem concordamos em trazê-lo, então agora vamos nos manter dentro do combinado. Ele está desarmado. É só não deixá-lo colocar bomba em nenhum lugar e estaremos perfeitamente seguros.

Samm ruborizou, mas não retrucou mais, e junto com Kira começou a carregar a bagagem nos cavalos.

– Precisamos instalar outro repetidor nos Montes Apalaches – disse Afa, guardando o rádio cuidadosamente no alforje do seu cavalo. – Não temos nada funcionando que consiga receber um bom sinal do outro lado das montanhas.

– Você também vai detonar os Apalaches? – perguntou Samm.

– Como você sabe que eu trouxe explosivos? – perguntou Afa, franzindo a testa. – Kira avisou que eu não podia trazer explosivos...

– E não pode mesmo – disse Samm, vasculhando a pilha de bagagem até encontrar um tijolo de explosivo C4 em um saco com mantimentos. Ele agitou o artefato na frente de Heron. – Vê? É nisso aqui que estamos nos metendo.

– Então verifique tudo e certifique-se de que não tem mais nenhum – disse Heron, pegando o tijolo e arremessando-o do outro lado da ponte. Eles ainda estavam com os pés na cidade, não no mar, e o explosivo caiu silenciosamente pelo ar até se espatifar no chão.

Samm vasculhou tudo que a dupla havia trazido, inclusive a mochila de Afa, e quando finalmente se deu por satisfeito, montaram nos cavalos e partiram para o oeste, atravessando a ponte rumo ao interior selvagem do continente: para o estado que costumava ser Nova Jersey. Kira olhou para trás, fitando as caixas de arquivos abandonadas na beira da estrada.

– Caixas de e-mails antigos da ParaGen. Vai ser uma grande surpresa para quem se deparar com elas.

– Se alguém encontrar as caixas é sinal de que não conseguimos partir despercebidos – observou Heron.

Há anos Kira andava a cavalo nas missões de resgate, dentro e fora de East Meadow, portanto os primeiros dias de viagem foram tranquilos; Heron e Samm demonstraram ser igualmente habilidosos. Não foi surpresa para ninguém que Afa não montasse bem, o que tornou a viagem vagarosa no início. Sua conversa também era estranha e desconexa, ora falava de gatos, ora de sub-rotinas do *firewall* na internet. Kira escutava o que ele dizia ocasionalmente, ignorando boa parte. Na verdade, ela percebeu, nas últimas três semanas, que para Afa bastava falar sozinho e

em voz alta. Ele tinha passado tempo demais sozinho para esperar uma resposta, e ela começava a suspeitar de que Afa continuaria falando o mesmo tanto ainda que não houvesse ninguém por perto. Samm e Heron esquadriavam o horizonte, de olho na estrada à frente e nos prédios ao lado, atentos a qualquer sinal de perigo. Naquela região era improvável que houvesse uma emboscada. Pelo que sabiam, ninguém morava naquele lado da cidade – na verdade, nem ali nem em nenhum outro lugar do continente, mas era melhor prevenir do que remediar. A estrada fez uma curva para o norte, depois para o sul, novamente para o norte, serpenteando preguiçosamente o denso subúrbio de Nova Jersey. Ao cair da noite, o grupo ainda estava em área urbana, os dois lados da estrada alinhados com prédios de escritórios, apartamentos e lojas. Passaram a noite num comércio de autopeças, os cavalos amarrados em pilhas altas de pneus. Heron foi a primeira a ficar de vigia, e Kira percebeu que a espiã Partial não apenas observava qualquer um que se aproximasse pela estrada, como também espiava Afa e a própria Kira.

Kira despertou desorientada no meio da noite, mas os olhos logo se ajustaram à escuridão e ela se lembrou de onde estava. Viu que, naquele momento, era Samm quem estava de guarda, sentado sobre uma mesa no canto da loja. Ela sentou-se, abraçando os joelhos para se aquecer.

– Oi – sussurrou ela.

– Oi.

Não sabia o que nem como falar.

– Obrigada por voltar.

– Foi você quem pediu.

– Quero dizer, obrigada por vir me procurar. De todas as maneiras, você não precisava.

– Você me pediu para fazer isso também – respondeu Samm. – Combinamos de investigar o que fosse possível e então nos encontrarmos para trocar as informações.

– É verdade – concordou Kira, recostando-se contra a parede. – Então, o que você descobriu?

– Que estamos morrendo.

Kira assentiu com a cabeça.

– A data de validade.

– Você fala desse jeito, mas será que sabe exatamente o que significa?

– Que os Partials morrem depois dos vinte anos.

– A primeira leva de Partials chegou da Guerra de Isolamento há vinte e um anos.

Tinham sido fabricados um ano antes. Todos os nossos líderes, os veteranos das linhas de frente, já estão mortos. Eles são o mais próximo do que temos de ancestrais. – Samm ficou quieto. – Eu sou do último lote e vou completar dezenove anos daqui a alguns meses. Heron já tem dezenove há algum tempo. Tem ideia de quantos de nós restaram?

– Sempre falamos em “um milhão de Partials” – disse Kira. – “Há um milhão de Partials atravessando o mar”. Acho que isso não é mais verdade, é?

– Já perdemos mais da metade – afirmou Samm.

O frio aumentou e Kira apertou um pouco mais as pernas contra o peito. A sala parecia frágil e pequena, como uma casa de gravetos prestes a se desfazer com o vento.

Quinhentos mil mortos, ela pensou. *Mais de quinhentos mil*. Kira ficou horrorizada com o fato de que aquele número representava quase vinte vezes toda a população humana. E o próximo pensamento chegou de maneira espontânea: *não vai demorar até os números se igualarem*.

Ficou aflita só de pensar nisso. Não queria mais ninguém morrendo, humanos ou Partials; com certeza não desejava uma “revanche”. Estivera brava com eles, antes de começar a compreendê-los, mas já havia superado aquilo. Não havia? Afinal, era um deles. Nesse momento, ocorreu-lhe que ela mesma talvez tivesse de enfrentar uma data de validade; instantes depois, no entanto, percebeu que era tão diferente dos Partials que talvez não sofresse daquele mal. O primeiro pensamento deixou-a morta de medo, mas o segundo desorientou-a, causando-lhe uma profunda sensação de vazio e tristeza. *A última Partial. A última do meu povo*.

De que lado estou?

Kira olhou para Samm encostado contra a parede, uma perna pendurada fora da mesa e o fuzil descansando ao lado do corpo. Era um protetor, um guardião, zelando por eles num momento de abandono; se alguém viesse atacar o grupo, Samm não seria apenas o primeiro a vê-los, mas seria também o primeiro a ser visto. Estava se arriscando para proteger uma garota que mal conhecia e um homem de quem não gostava, nem confiava. Era um Partial e mesmo assim um amigo.

Esse é o problema, Kira pensou. *Continuar acreditando que existem lados. Não podemos mais levar a situação dessa maneira*.

Kira sentiu a urgência de se aproximar de Samm, de ajudá-lo a vigiar, de compartilhar um pouco do calor de seu corpo na madrugada fria. Mas ela não foi. Puxou a manta até o queixo e falou.

– Vamos solucionar esse mistério. Encontraremos a Verdade e os arquivos. Vamos entender não apenas por que fizeram isso, mas como fizeram. Vamos aprender como reverter a data de validade e como sintetizar a cura do RM. O que eu devo fazer e qual o meu papel. Os membros da Verdade tinham todas as respostas, cada qual do seu jeito, e assim que elas forem nossas, poderemos salvar o mundo todo.

– Foi por isso que voltei.

– Para salvar o mundo?

– Eu não saberia nem por onde começar – respondeu Samm, seu rosto era uma máscara na sombra. – Voltei para ajudar você a salvar o mundo. Você é a única capaz disso.

Kira apertou a manta sobre os ombros e o pescoço. *Às vezes um voto de confiança é a coisa mais irritante do mundo*.

Levantaram acampamento aos primeiros sinais do amanhecer, não sem antes alimentar e hidratar os cavalos para um dia de viagem. Ao meio-dia a cidade já tinha ficado para trás e à

tarde atravessaram um cenário rural; aos poucos, as densas florestas cobriam as cidadezinhas aninhadas nas colinas. O falatório de Afa também cedeu, como se os trechos de natureza indomável o deixassem desconfortável. De vez em quando, Kira o ouvia balbuciar para si mesmo, mas as palavras eram ininteligíveis.

Kira não sabia o nome dos cavalos, então passou o dia pensando em como chamá-los. O de Samm era teimoso, por isso ela gostaria de batizá-lo de Haru, mas sabia que ninguém do grupo iria aprovar a brincadeira. Ponderou que um cavalo teimoso também poderia receber o nome de Xochi, ou mesmo de Kira. Pensou mais um pouco e contentou-se com Buddy, um garoto que conhecera na escola e que brigava com a professora por uma questão de princípios, ou seja, pelo simples fato de ela estar no poder. O cavalo de Samm parecia ter a mesma atitude. Por outro lado, o de Heron mostrava-se determinado a obedecê-la, ou talvez Heron fosse mais firme nas rédeas. Mantendo o critério de arranjar um nome baseado em uma pessoa conhecida, Kira chamou-o de Dug, em homenagem ao estudante mais motivado que conhecera na residência médica. O cavalo de Kira fazia-se de bobo, embora de bobo não tivesse nada, por isso, virou Bobo; já o de Afa, que era inferior aos demais, ganhou o nome de Azarão. Se Heron era a melhor no comando dos cavalos, Afa era o pior: às vezes o coitado do animal parecia tão confuso quanto o cavaleiro, balançando a cabeça e andando desajeitadamente, enquanto Afa resmungava. A cena era engraçada, mas mantinha o grupo num ritmo lento. Sempre que podia, Kira tentava dar umas dicas a Afa, mas parecia não ajudar.

Era quase noite quando ouviram um grito de socorro.

– Parem! – disse Samm, freando Buddy. Os outros fizeram o mesmo, ouvindo no vento mais um grito. Azarão batia as patas e relinchava, e Heron lançou um olhar malvado a Afa. Kira prestou atenção e ouviu outro chamado.

– Socorro!

– Está vindo de lá – disse Samm, apontando para um barranco na lateral da estrada. Havia lagos ao redor das colinas, e pequenos rios e ribeirões tinham, durante séculos, cortado trilhas entre as elevações. Aquela fenda natural apresentava uma densa cobertura de árvores e arbustos.

– Deixa pra lá – disse Heron. – Não temos tempo pra isso.

– Alguém está em perigo – contestou Kira. – Não podemos simplesmente deixar pra lá.

– Podemos sim – disse Heron.

– É um Partial – disse Afa. – Sou o último humano que restou.

– Não é um Partial. Não recebo nenhum sinal pelo *link* – observou Samm.

– Talvez esteja longe – disse Kira.

– Ou a favor do vento – retrucou Heron. – De toda forma, não estou gostando nada disso.

Qualquer humano que a gente encontre vai adorar nos atacar numa emboscada. E a gente sabe que a nossa facção não vem para o oeste.

– Pensei que você não pertencesse a nenhuma facção – disse Kira. Heron limitou-se a lhe lançar um olhar de poucos amigos.

– Heron tem razão – concordou Samm. – Não temos tempo e não podemos nos dar ao luxo de correr qualquer risco.

– Socorro! – O grito vinha de longe e a voz chegava deturpada, mas parecia ser de uma jovem. Kira cerrou os dentes. Sabia que eles tinham razão, porém...

– Talvez esteja morrendo – argumentou. – Não quero deitar esta noite assombrada pelo grito de alguma garota perdida clamando por socorro.

– Você realmente quer dormir? – perguntou Heron; foi a vez de Kira retribuir o olhar malvado.

– Vamos prosseguir – disse Samm, cutucando Buddy com os joelhos. O cavalo avançou e Bobo, o cavalo de Kira, seguiu-o sem esperar ser mandado.

– Socorro!

– Vou ver o que é – disse Kira, puxando as rédeas e virando o cavalo em direção à lateral da estrada. – Pode vir junto se quiser.

– Por que ela só diz “socorro”? – perguntou Afa.

– Porque precisa de ajuda – respondeu Kira, descendo da sela, no acostamento da estrada. Era uma ladeira íngreme, coberta de arbustos. Kira percebeu que o cavalo não conseguiria descer com a luz do crepúsculo. Prendeu as rédeas numa placa de quilometragem e pegou o fuzil.

– Acho que ela está dizendo “me ajude” ou “tem alguém aí”? – disse Afa.

– Deve ter ouvido os cascos dos cavalos – disse Samm, que de repente balançou sua cabeça em reprovação e praguejou: – Vou com você.

Heron permaneceu montada.

– Posso ficar com as suas coisas quando estiver morto?

– Você é a espiã – disse Samm, gesticulando em direção às colinas. – Entre por ali e... sei lá, ajude!

– Está escurecendo e eles já notaram a nossa presença – argumentou Heron. – Não sabemos onde estão, quantos são, a quantidade de armas que carregam, nem o que estão fazendo. E você quer que eu escorregue para trás deles como num passe de mágica?

– Então fique aqui e cuide dos cavalos – disse Kira. – Voltaremos logo. – Pulou o gradil de proteção no acostamento, e Samm estava logo atrás dela quando começaram a descer cuidadosamente a encosta. A mata cerrada atrapalhava os passos e o caminho era íngreme o bastante a ponto de obrigar Kira a buscar apoio nos galhos dos arbustos, quase ficando de quatro. Ao chegaram à base da encosta, a situação não melhorou, pois a vegetação inóspita continuava até a vala.

Ouviram o grito novamente, vindo de uma parte estreita do rego; Kira concluiu que não deveriam estar muito longe.

– Agente firme, estamos chegando! – gritou Kira.

– Não consigo imaginar como foram parar ali – disse Samm, lutando com a vegetação. Kira entrou numa trilha estreita e Samm chocou-se contra ela.

– É um caminho de animais. Será um cervo?

– Cães selvagens – respondeu Kira, olhando para a terra batida. – Já vi esse tipo de rastro.

– Imagino que seja um caçador ferido, mas quem iria seguir uma trilha de cães selvagens?

Ouviram o grito de novo, agora mais próximo, e Kira notou que havia algo de errado com a voz, de alguma maneira, continuava distorcida. Ela apertou o passo. A passagem tornou-se um desfiladeiro, uma rocha gigantesca brotava do lado direito; ao contornarem a ponta da rocha, avistaram uma pequena clareira, com cerca de dois metros de largura. No centro havia um grande cachorro marrom. Kira parou, surpresa, enquanto o cão a fitava calmamente.

Samm chegou em seguida e ao ver o cachorro soltou um palavrão.

– O que foi? – sussurrou Kira.

– Socorro! – disse o cachorro, arreganhando os dentes num sorriso assustadoramente humano. – Socorro!

– Afaste-se – gritou Samm, e toda a mata ao redor pareceu explodir com mais animais pesados, monstros de músculos que pulavam contra eles, acertando-lhes o peito e as costas. Samm abaixou-se contra a investida de dois cães, e Kira mal deu conta de se proteger a tempo; embora continuasse de pé, recebeu uma mordida profunda no braço. Outro cachorro atacou sua perna, empurrando o animal que estava embaixo dela; ela caiu, disparando o fuzil descontroladamente. Um dos cães se afastou com um grito e as costas sangrando; no entanto, outro tomou seu lugar e avançou ferozmente no pescoço de Kira.

– Socorro, Samm!

As roupas pesadas de viagem não impediam que as presas cravassem fundo na pele de Kira, ela sentiu os dentes afiados furando a perna e a clavícula. Os cães que atacavam Samm contorciam-se e rosnavam, mordendo-o ferozmente, chamando a atenção de Kira para o fato de eles ainda não terem imobilizado o Partial. Tentou levantar o fuzil e notou que outro cão prendia a arma contra o chão. Ela disparou, na esperança de espantá-lo; uma nuvem de terra se levantou e um cachorro que estava do outro lado da clareira pulou, uivando de dor, mas a besta gigantesca em cima do fuzil apenas rosou para ela, mostrando presas semelhantes a lâminas de foice.

O cachorro marrom, a quem haviam respondido o pedido de socorro, saltou sobre o peito de Kira, deixando-a sem ar nos pulmões, e investiu contra seu pescoço para liquidá-la. Mas, quando estava a poucos centímetros de abocanhá-la, o cão tombou para o lado. Kira sentiu o jato de sangue quente espirrar sobre ela. Samm estava de pé, sem o fuzil, mas com um facão ensanguentado nas mãos. Ele esfaqueara a fera sobre o ombro dela, mas outro imenso cão pulou sobre Samm, jogando-o ao chão. Quando Kira levantou a arma, mais um cachorro saltou para imobilizá-la, cerrando os dentes ao redor do cano. Com as patas ele pressionou a arma contra o peito de Kira, colocando Samm sob a mira do fuzil. Estavam encurralados.

Ela ouviu um tiro vindo de trás e viu o cachorro aos seus pés tombar morto na terra; outro tiro acertou as costas do animal que prendia a arma, derrubando-o para o lado como uma

pedra peluda. Os olhos de Kira e da besta ficaram no mesmo nível, e com a vida escorrendo para fora do corpo, o cão, ofegante, soltou uma única palavra, numa voz horrível e inumana:

– Por favor.

O animal morreu, com os olhos abertos a poucos centímetros do rosto de Kira. Ela o fitava aterrorizada, a boca aberta num grito mudo, as mãos apertadas contra o fuzil como se fosse uma tábua de salvação. Kira ouviu outro tiro e logo os cães pararam de rosar, latiam, comunicando-se com sons breves e agudos. Antes de fugir com a matilha, o maior dos cães proferiu “bastardos” e então desapareceu na mata.

Heron se aproximou com o fuzil ainda posicionado contra o ombro. Cumprimentou Kira com um sinal de cabeça e chutou o cachorro de cima do seu peito.

Mesmo estando livre, ela não conseguia se mover.

– Aquele cão acabou de me chamar de bastardo? – perguntou Samm.

– Precisamos fugir antes que se reagrupem – disse Heron. – Vamos.

Por fim, Kira conseguiu falar.

– Como?

– Precisamos sair daqui agora – disse Samm, oferecendo a mão suja de terra e sangue.

– Se nos atacarem primeiro, estaremos mortos.

Kira segurou na mão de Samm, esforçando-se para levantar.

– Que diabos está acontecendo? – ela perguntou.

– São cães de guarda – respondeu Heron, guiando-os de volta pela lateral do paredão. –

Foram usados na guerra.

– Cães hiperinteligentes criados para prestar assistência no campo de batalha – explicou Samm. Abaixou a arma e colocou-se atrás de Kira, andando de costas, mantendo o fuzil apontado para a trilha pela qual a matilha fugira. – São maiores e mais resistentes, e possuem uma capacidade rudimentar de fala. Eram usados para tudo na guerra. Eu deveria ter reconhecido a voz, mas já faz tanto tempo.

– Vocês tinham cães monstros que falavam?

– Criação da ParaGen – respondeu Samm. – Pelo que estou vendo, tornaram-se selvagens.

Kira lembrou-se do catálogo que vira na ParaGen: havia uma menção aos cães de guarda e a um dragão. Olhou para o céu, mas nenhuma garra revoltada desceu para rasgá-la ao meio.

Ela tinha visto o nome “Cão de Guarda” em alguns dos relatórios de guerra que lera na biblioteca de Afa. Balançou a cabeça, ainda atordoada, e tropeçou enquanto caminhava na trilha aberta pelos animais. Agora aparecia outra lembrança: não se recordava apenas da palavra, mas também de uma cena, uma das únicas com seu pai. Ela tinha sido atacada por um cachorro gigante, e ele foi socorrê-la. Teria sido um cão de guarda?

O pior era saber que aquela coisa – aquela besta inumana e artificial – tinha saído do mesmo lugar que ela. Sua aparência era humana, mas suas origens estavam mais próximas

daqueles cães do que de qualquer homem que conheceria.

– Você morou em Long Island por doze anos – disse Samm. – É um ambiente fechado.

O mundo está diferente.

– Estão fazendo um círculo em volta de nós – avisou Heron. – Fugam!

Por favor, dissera o cão antes de morrer, a visão do seu rosto ardia na memória de Kira.

Sacudiu a cabeça para afugentar aquele pensamento e começou a escalar.

Capítulo Dezenove

Há anos Ariel McAdams tinha fugido da casa de Nandita. Fora morar sozinha na região sul de East Meadow, mas após a morte do seu bebê – quase todas as mulheres de Long Island tinham perdido um ou dois filhos, graças à Lei da Esperança –, deixara a comunidade de uma vez por todas. Marcus havia encontrado algumas vagas informações sobre seu novo endereço no hospital e quase acabou pagando por elas com a sua liberdade. Ele carregava consigo um rádio portátil, para ouvir os relatórios militares e conversar com Kira, caso ela algum dia o chamasse outra vez. As notícias que ouvira ao deixar East Meadow eram sombrias. Os Partials chegaram à cidade apenas uma hora depois de ele partir. Marcus não tinha para onde fugir, a não ser para longe. Ele conferiu o endereço no pequeno pedaço de papel: “Uma ilha em Islip”. Aquelas palavras não diziam muita coisa, mas era melhor do que nada.

Pelo rádio ficara sabendo que os Partials haviam sitiado a cidade, pegando boa parte da população de surpresa e enviando equipes de busca para varrer o continente e capturar os fugitivos, trazendo-os de volta para a cidade. Contudo, a ilha era muito grande, e cem mil Partials não poderiam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Marcus mantinha-se discreto, não acendia fogueiras nem andava em lugares abertos; nos primeiros dias, sua tática deu certo. *Não vou conseguir me esconder para sempre, pensou. Mas se eu localizar Ariel e encontrar abrigo, os Partials vão levar mais tempo para me encontrar.*

Na segunda noite, o rádio chiou, voltando a funcionar; seu coração disparou, mas logo percebeu que não era Kira, nem outro relatório da Rede sobre a guerrilha. Era a doutora Morgan.

– Esta mensagem é para os moradores de Long Island. Nosso plano não era invadir a ilha, mas as circunstâncias nos exigiram. Procuramos uma garota chamada Kira Walker: dezesseis anos, um metro e sessenta e dois de altura, cinquenta e três quilos, de ascendência indiana, pele clara, cabelos negros, que talvez ela tenha cortado ou tingido para esconder sua verdadeira identidade. Tragam-nos a garota e será o fim da ocupação; se continuarem a escondê-la, vamos executar um de vocês a cada dia. Por favor, não nos obriguem a estender esta situação por mais tempo do que o necessário. Este comunicado irá circular em todas as frequências de rádio e será repetido até que nossas instruções tenham sido acatadas. Obrigada.

O anúncio terminou e Marcus ouviu, em estado de choque, o chiado do rádio pairando no ar.

Após um momento de desorientação, ele virou o botão do rádio procurando a próxima frequência. A mensagem estava sendo retransmitida, assim como o Morgan prometera, e Marcus prestou atenção novamente, sem acreditar no que escutava. Ele subiu a frequência outras quatro vezes, na esperança de que fosse um sonho, mas era sempre a mesma história: procuravam Kira. Matariam pessoas inocentes para encontrá-la. Nada os deteria.

Naquela noite, Marcus andou de um lado para o outro em seu esconderijo improvisado,

refletindo sobre a situação. Desde o início, aquele era o motivo da invasão; queriam Kira e fariam qualquer coisa para capturá-la. Por que ela era tão importante? Por que precisavam dela com tanta urgência?

Por que Kira não entrava mais em contato com ele?

Marcus não tinha nenhum painel solar para alimentar o rádio, pois todos haviam sido recolhidos pelo Senado e pela Rede de Defesa nos primeiros dias após o Surto. No entanto, possuía um dínamo manual, no qual trabalhava incessantemente para manter o rádio ativo. Dia e noite começaram a se misturar; ele andava o dia todo em busca de Ariel e à noite gerava eletricidade para alimentar o rádio e esperar um contato de Kira. Quando chegou à Islip, encontrou uma cidade tranquila para se esconder e conectou o rádio a uma bicicleta ergométrica; enquanto pedalava, ouvia o rádio zumbindo baixinho pela casa. Nos momentos mais insanos, pensava em ir para Manhattan atrás de Kira, imaginando todo tipo de acontecimentos terríveis: que ela tinha sido capturada pelos Partials, devorada por leões ou simplesmente ficado presa sob os escombros de um prédio. Viajar sozinha tinha sido uma estupidez e ele tinha sido ainda mais idiota por não tê-la impedido. Mas deter Kira era algo que ele nunca tinha conseguido fazer.

O rádio apitou e as rodas chiaram. Quando o sol começou a se pôr, Marcus parou de pedalar e foi buscar um pouco de água e uma maçã, que crescia numa árvore robusta no quintal. Depois voltou direto para o trabalho na bicicleta, porque sabia que à noite era o horário mais provável de Kira procurá-lo, quando a viagem tornava-se insegura e ela parava em algum lugar para descansar. Pedalou até depois da meia-noite, quando suas pernas e seus pés estavam totalmente esgotados e bolhas começaram a nascer em suas mãos de tanto segurar o guidão. Arrastou-se até a cama, com o rádio chiando nos ouvidos, e assim caiu no sono.

De manhã pedalou mais um pouco, e quando não suportou mais ficar entre quatro paredes, saiu para respirar ar fresco. Friccionou as panturrilhas e foi caminhar, em busca de Ariel. *Uma ilha em Islip*, pensou. Islip era enorme, mas apenas uma parte da cidade localizava-se na orla marítima. Percorreu a borda de um lado a outro, o dia todo, com o rádio na mochila e atento a qualquer sinal de vida humana. No segundo dia, encontrou uma ilha, e no terceiro, uma casa habitada: a grama aparada, o jardim cultivado, uma varanda envidraçada, que certa vez estivera coberta de vinhas, mas agora aparecia diligentemente limpa. Marcus subiu os degraus empenados de madeira e bateu na porta.

O som da arma sendo engatilhada não o surpreendeu e ele nem sequer se encolheu.

– Quem está aí?

– Meu nome é Marcus Valencio. Já nos conhecemos, mas isso faz muito tempo. Sou amigo de Kira.

Houve um breve silêncio.

– Vá embora.

– Preciso falar com você.

– Disse pra ir embora.

– Nandita desapareceu.

– Foi tarde.

– Escute, Ariel. Eu não sei que tipo de desentendimento vocês tiveram, nem porque você tem tanto ódio delas. Mas posso garantir que elas não odeiam você. Mas não foi por isso que vim aqui. Elas não me pediram para fazer isso. Também não vou tentar convencer você a procurá-las. E você pode ter certeza de que não estou atrás de Kira para entregá-la a Morgan. Só quero entender uma coisa.

Ariel não respondeu e Marcus aguardou. E aguardou. Depois de um minuto, ocorreu-lhe que talvez ela simplesmente o estive ignorando, então se virou para ir embora; ao fazer isso, viu um banco baixo de madeira, daqueles que convidam você a sentar e ver o mundo passar. Ele espanou a poeira, sentou-se e começou a falar.

– A primeira pergunta, se é que você está me ouvindo, é como conheceu Nandita. Conversei com as outras garotas e elas me contaram que você já estava na casa quando foram adotadas. Isolde disse algo sobre Nandita ter encontrado você na Filadélfia. É o mesmo lugar de onde vem Xochi, mas não sei se isso é apenas uma coincidência. O que eu gostaria de saber é de onde você veio. Como conheceu Nandita? Aquela conversa de “uma garotinha sozinha vagando perdida pela rua” era só um chavão? Há muitas histórias como essas na ilha, muitas delas são comoventes, ainda que por motivos estranhos. Sua família está morta, seus vizinhos também, você está com fome e medo, e começa a vagar em busca de alguma coisa. No meu caso foi leite. Em casa sobraram muitas caixas de cereal matinal e, aos cinco anos, era isso que eu sabia preparar sozinho, então comi cereal todos os dias, em todas as refeições, e não demorou muito para o leite acabar. Tentei comer outras coisas, como *tortillas* com pasta de amendoim e geleia. Eu não conseguia nem usar o abridor de latas. – Marcus riu e limpou uma lágrima. – De qualquer forma, saí em busca de leite, sem saber direito onde procurar. Mas o mundo inteiro estava lá, vazio e imóvel, entende? Algumas coisas queimavam, como um carro ou uma farmácia. Como eu morava em Albuquerque, não tinha muita vegetação para ajudar a propagar o fogo. Algumas mangueiras estavam abertas e a água escorria e escorria, formando poças nas sarjetas. Só que não havia ninguém. Caminhei até a loja mais próxima, que era do meu tio, uma pequena loja a alguns quarteirões de casa. Estava fechada e não consegui entrar, então continuei vagando pela cidade vazia. Nem uma única pessoa viva. Por fim, achei um Walmart onde entrei para pegar leite, e lá me deparei com um cara que nunca tinha visto antes. Estava empurrando um carrinho de mão com garrafas de água. Ele olhou para mim, eu olhei para ele; então, ele me colocou em cima do carrinho e me entregou um pacote contendo um lanche com frios. Ele ainda encontrou leite de caixinha no fundo da loja e eu pude comer cereal enquanto ele pegava outras mercadorias. Seu nome era Tray, o sobrenome não sei. Tray me carregou o trajeto todo até a cidade de Oklahoma antes de finalmente encontrarmos a Guarda Nacional. Perdi contato com ele e, honestamente, duvido que tenha conseguido chegar em Long Island. Tenho de admitir, apesar de me envergonhar, que não pensei muito nele nos últimos anos. Se ele sobreviveu, deve estar morando em algum local afastado, vivendo da pesca ou da agricultura. Porque se estivesse

na cidade, eu o teria reencontrado. Bem, não sei por que contei essa história para você, exceto para dizer que é desse tipo de gente que precisamos, é esse tipo de pessoa que somos. Ninguém sobrevive sozinho. É essencial que a gente se ajude. Por isso o Surto e o RM representam a seleção natural mais desafiadora de todos os tempos. Não sei como Nandita conheceu você, mas ela a salvou e a trouxe para a ilha. Agora é ela quem está perdida, e estou tentando descobrir o motivo. O que tanto ela sabia, o que ela fazia e por que ela estava aqui? Por que os Partials estão atrás dela?

– Nandita não cruzou comigo numa loja do *Walmart* – disse Ariel pela janela. Marcus havia se acalmado com o som das próprias palavras e a voz de Ariel o trouxe de volta à realidade. As cortinas estavam fechadas, a sua fala chegava abafada, mas as palavras eram nítidas. – Ela veio me resgatar em casa. Fazia um dia que meus pais tinham morrido. Ela chegou e me levou embora.

Marcus franziu o rosto, tentando juntar as peças do quebra-cabeça.

– Acha que ela sabia que você estava lá? Que foi especialmente para buscá-la?

– Acho que ela não deixou que eu me despedisse deles.

Marcus se virou para olhá-la, mas as cortinas continuavam cerradas.

– Sinto muito – disse. Em seguida, por falta do que dizer, completou: – Que droga.

Ariel não respondeu.

– Os Partials estão atrás dela. Eles também querem Kira, mas por outro motivo. Aham que Nandita está escondendo alguma coisa. Que ela *sabe* de algo, Ariel. Eu vi a foto dela com um homem e Kira entre os dois. Estavam na frente da ParaGen. Seja lá o que for, está relacionado com Kira, e os Partials invadiram a ilha atrás dessa informação. Se você sabe de alguma coisa... por favor, precisa me contar.

Não houve resposta, não por algum tempo. Marcus ouvia a respiração curta de Ariel atrás da cortina. E esperava. Ele também não tinha para onde ir.

– Nandita era uma cientista – desabafou, por fim, Ariel. – Realizava experiências.

– Em Kira?

– Em todas nós.

O interior da casa de Ariel estava lotado de caixas com plantas.

– Não sabia que era jardineira – disse Marcus, ajustando a visão ao ambiente escuro.

Ariel havia coberto o máximo possível todas as janelas para se manter escondida das patrulhas Partials que vasculhavam a ilha.

– Cresci com Nandita. Jardinagem é uma das poucas coisas que sei fazer.

– É por isso que a odeia?

– Já contei porque a odeio – respondeu Ariel com tristeza.

– As experiências – disse Marcus, olhando para ela. – Está pronta para conversar sobre isso?

– Não – respondeu, mirando a rua. – O que não significa que não tenha chegado o

momento de falar. – Fechou a porta, deixando a sala na escuridão.

Marcus esperou seus olhos se adaptarem e focalizou a silhueta de Ariel.

– Que tipo de experimentos ela fazia? Por que as outras garotas não falaram nada sobre isso?

Sua voz tornou-se cortante.

– Você sabe o quanto tenho me esforçado para tocar a vida? Para fingir que nada aconteceu? Arrumei um trabalho que não precisava, apenas para ter uma tarefa durante o dia. Engravidei dois anos antes do que determinava a Lei da Esperança. Estou até semeando este jardim idiota apenas porque era o que as pessoas faziam antes do Surto. Tenho feito tudo o que posso, até mesmo evitar minhas próprias irmãs...

– O que aconteceu de tão ruim?

– Começava no café da manhã – disse Ariel, olhando para o chão. – Nandita levantava cedo para preparar chá de camomila ou hortelã. Ela era uma herborista, então é claro que havia todo tipo de plantas pela casa e na estufa. Ela permitia que a gente mexesse em alguns chás, como no de camomila, mas outros ficavam guardados em frascos conta-gotas, com etiquetas numeradas, como nos jarros de laboratórios, e nesses não podíamos nem chegar perto. Na época, aquilo não me incomodava, pois a gente já se metia em encrenca só de brincar na estufa, então parecia natural não poder tocar em certas coisas. Até que um dia acordei mais cedo e fui ajudá-la a preparar o chá; foi quando a vi pingar na bebida o conteúdo dos frascos conta-gotas. Eu teria achado normal se, ao perguntar o que era, ela não tivesse feito cara de culpada. Muito mais culpada do que qualquer expressão que eu já tivesse feito quando me pegavam fazendo algo errado. Ela disfarçou, mentindo que era um novo sabor, mas nunca me esqueci daquela expressão. Na manhã seguinte, descí escondida e ela estava fazendo a mesma coisa, com outros frascos, e anotando numa prancheta. Como ela preparava o chá todos os dias, eu parei de bebê-lo.

– Você chegou a ler as anotações?

– Uma vez, quando entrei escondida na estufa. Mas acho que ela percebeu que li e nunca mais deixou a prancheta lá. Não eram apenas anotações sobre o chá, mas sobre todas nós. A rapidez com que crescíamos, nosso estado de saúde, como estava nossa visão ou audição, e coisas do gênero. Ela sempre propunha brincadeiras com jogos de coordenação e de memória, mas depois de ler suas anotações eu não quis mais participar. Ela não estava simplesmente se divertindo com as filhas. Ela estava nos testando.

– Talvez estivesse apenas... mantendo um diário – sugeriu Marcus. – Não sei como agem os pais que se preocupam com a saúde dos filhos, mas talvez as atitudes de Nandita sejam normais.

– Não eram normais – insistiu Ariel. – Tudo era um teste, um estudo ou uma observação. Ela não brincava de bola, ela jogava para analisar nossos reflexos. Não brincávamos de esconde-esconde, participávamos de uma avaliação para ver quem corria mais rápido. Quando uma de nós cortava o dedo ou esfolava um joelho, Nandita só fazia o curativo depois de examinar

minuciosamente cada detalhe da ferida.

– Por que nenhuma das outras meninas mencionou isso? Pedi que me contassem tudo o que pudessem lembrar sobre Nandita. Não comentaram nada sobre isso.

– Tentei puxar o assunto algumas vezes – respondeu Ariel –, mas elas nunca acreditaram em mim. Não viram os frascos, nem a prancheta, e achavam que as corridas eram apenas uma brincadeira.

– Você acompanhou dos bastidores, viu sob uma perspectiva diferente.

– Exatamente.

– Mas... – Marcus ficou em silêncio, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Não estou dizendo que esteja mentindo ou nada do tipo, mas você acha possível que tenha ficado paranoica porque ainda era muito pequena quando tudo aconteceu? Então passou a ver maldade em tudo, quando, de fato, não havia nada de errado?

– Você acha que não me fiz essa pergunta centenas de vezes por dia? Mil vezes? Dizia a mim mesma que estava louca, que era ingrata, que estava inventando tudo aquilo, mas sempre que esses pensamentos me ocorriam, presenciava outro acontecimento suspeito. Tudo o que ela fazia era estranho, uma forma doentia de nos controlar, de nos fazer agir e pensar de determinada maneira.

– Como pode saber que o objetivo dela era monitorar vocês?

– Porque estava nas suas anotações. Estava escrito com todas as letras que era um estudo de controle da Madison.

– O que estava escrito?

– “Madison: Controle”. Por que é tão difícil de você entender?

Marcus balançou a cabeça, confuso.

– É tão incongruente com o que eu conheci. Você contou isso a alguém?

Ariel sorriu.

– Você já viu alguma garota de dezoito anos reclamar para um adulto que sua mãe está tentando controlá-la?

– Mas pelo menos tentou...

– Claro que sim. Fiz tudo o que pude, e se eu soubesse o que era abuso sexual, a teria acusado disso também. Qualquer coisa para sair daquela casa. Mas ela não machucava ninguém e minhas irmãs eram felizes. Eu é que era a “zangadinha da Ariel”. Ninguém acreditava em mim, e quando percebi que não podia contar nem com as minhas irmãs, concluí que o programa de controle estava terminado, que elas tinham passado por uma lavagem cerebral. E eu só conseguia pensar numa coisa: destruir a estufa.

Marcus ficou pensativo, imaginando a estufa sofisticada que existia no quintal da casa de Xochi.

– Ela reconstruiu tudo sozinha?

– Você está pensando na estufa nova. Estou falando da casa antiga. Eu quebrei tudo com um pé de cabra, cada pedaço de vidro, cada vaso, cada canteiro que vi pela frente, embora

soubesse que havia mais coisas. Nandita praticamente explodiu quando chegou no local, e eu adoraria ter visto a cena. Mas fugi antes para uma casa vazia do outro lado da cidade e só me encontraram um mês depois. Não sei exatamente o que eu esperava de Nandita, mas ela queria me levar de volta. Ela tinha se acalmado um pouco, mas ainda estava furiosa. E me trouxe para casa.

– Porque amava você – disse Marcus, esperançoso.

– Porque ela precisava de mim para alguma experiência insana qualquer que estivesse realizando. Ela não podia simplesmente começar tudo de novo com alguém diferente. – Ariel suspirou e dobrou os dedos sobre o degrau de madeira. – Era inverno, e na primavera nos mudamos para a casa nova. Nandita alegou que a antiga estava com infiltração, mas é claro que ela só precisava de outra estufa para suas ervas. Eu fugi algumas outras vezes, mas, como diziam, “as crianças são o nosso bem maior”, então sempre me encontravam e me traziam de volta. Assim que me tornei legalmente capaz de sair de casa, fui embora e nunca mais voltei.

– Talvez os experimentos tenham a ver com o RM. Você morou com ela até os dezesseis?

– Sim.

– Então ela tomou nota de todo o seu crescimento, até a puberdade.

– Acredito que sim.

– Estou aqui pensando que Madison é a única mãe cujo filho sobreviveu. É claro que foi graças à Kira ter descoberto a cura. No entanto, e se fosse mais do que isso? Não deixa de ser uma coincidência. Você acha que Nandita tem alguma coisa a ver com isso? Um reforço no sistema imunológico, ou um feto... mais resistente. Estou chutando. Mas talvez a pesquisa de Nandita tivesse relação com a reprodução.

– Eu não sei – disse Ariel. – Passei anos tentando não pensar nisso.

– E agora Nandita desapareceu. Sumiu do mapa. E você sabe o que isso significa.

Ariel levantou o olhar.

– O quê?

– Que ela não está tomando conta da casa – respondeu Marcus. – Quem sabe tenha deixado algumas anotações para trás.

Ariel comprimiu os olhos.

– A casa fica em East Meadow, que agora está nas mãos dos Partials – ela disse.

Marcus assentiu com a cabeça. No rosto, um traço de sua antiga expressão maquiavélica.

– É para lá que os fugitivos são levados. Não vai ser difícil de a gente voltar.

Capítulo Vinte

– Não posso perder a mochila – disse Afa. – Sou o último ser humano no planeta.

– Ele está cada vez pior – comentou Samm.

Buddy parecia mais dócil e fungava ao ser acariciado no pescoço por Samm. Kira convencera-se de que Buddy e Bobo eram irmãos, talvez pelo fato de serem da mesma cor. Fazia uma semana que estavam viajando e naquele momento atravessavam os Montes Apalaches. Afa havia analisado diversos mapas, circulando e sublinhando estradas secundárias, pequenas cidades e picos, finalmente insistindo que deveriam pegar um desvio até o topo da montanha Camelback, uma imponente escalada de trezentos metros. Afa alegava que havia um repetidor de rádio instalado lá, e com o mini painel solar Zoble ele poderia fazer o repetidor funcionar, garantindo a comunicação com os rádios de Long Island. Heron não se opôs e o grupo seguiu por uma trilha sinuosa através do que parecia ter sido um antigo *resort* de inverno. O topo da montanha não trouxe nada além de decepção. Afinal, não era uma montanha, mas a ponta de um enorme platô, que se estendia para o oeste, até onde a visão privilegiada dos Partials alcançava. Heron vasculhou o local em busca de equipamentos em boas condições e Afa desabou sobre uma pilha de mapas com os cálculos equivocados, insistindo que estava certo, que aquilo era uma montanha, estavam apenas no ponto errado. Foram quase duas horas para acalmá-lo, o que só aconteceu quando concordaram em passar a noite ali e ligar o Zoble. Montanha ou platô, o importante é que havia um repetidor de rádio, e Kira ficou maravilhada com a maciça trama de metal da antiga torre. Afa tinha dado sua palavra de que instalaria tudo corretamente, mas quando terminou, já era noite, então só teriam certeza de sua eficiência pela manhã. A espera, acompanhada da falta de algo produtivo para fazer, deixou Kira impaciente. Decidiu escovar a manta de Bobo e Samm foi conversar com ela.

– Eu sei que precisamos de Afa – disse Samm –, só não tenho certeza se ele vai ser de muita utilidade a esta altura.

– É isso que você pensa dele? Que é um tipo de ferramenta?

– Você sabe que não foi o que eu quis dizer. Estou preocupado. Estamos viajando há apenas uma semana e ainda faltam, pelo menos, três até Chicago. Quando chegarmos lá, ele estará completamente maluco.

– Nesse caso, precisamos ajudá-lo a ficar calmo – respondeu Kira, e como se tivessem combinado, Afa levantou-se e caminhou, bamboleando, até os cavalos, com os braços apertados ao redor da mochila.

– Precisamos voltar – disse, tentando pegar o selim de Azarão. – Todos os meus arquivos. Tudo o que procuramos. Já encontrei tudo, não é necessário ir até a central de dados, precisamos voltar. É mais perto. E seguro.

– Calma, Afa – disse Kira, pegando o selim da forma mais gentil possível. Sua agitação

contagiava os cavalos e Samm tentava acalmá-los. – Venha aqui – disse ela, pegando a mão do homenzarrão e levando-o de volta para perto da fogueira. – Conte-me sobre sua coleção.

– Você viu minha coleção. Mas não tudo. Faltou o estúdio de gravação.

– Adorei o estúdio de gravação – disse Kira, mantendo a voz suave. – Onde você guarda todos os e-mails da ParaGen. – Continuou conversando, na esperança de que isso o animaria, e depois de quase meia hora, Afa parecia mais tranquilo. Ela desenrolou o saco de dormir e ele adormeceu abraçado à mochila como se fosse um urso de pelúcia.

– Ele está piorando – insistiu Samm.

– O que é incrível – ironizou Heron –, considerando-se o quanto ele já estava mal desde o começo.

– Estou cuidando dele – disse Kira. – Ele vai conseguir chegar a Chicago.

– Você fala como se o pior que pudesse acontecer fosse ele surtar e ficar inútil – disse Heron. – Meu medo é que ele surte e mate nós três. Ontem ele cismou que Samm tentava roubar a mochila. No dia anterior, teimou que você queria ler a mente dele. Hoje, já me acusou de ser Partial duas vezes.

– Você é uma Partial – disse Samm.

– Mais um motivo pelo qual não quero que fique violento – respondeu Heron. – No repetidor de rádio existem três substâncias químicas que podem ser usadas para fabricar uma bomba e eu garanto que esse lunático sabe muito bem como utilizar todas elas. Como você disse, ele é muito inteligente, mas é completamente fora do eixo, e essa é uma combinação com a qual não me sinto confortável.

Kira examinava Heron sob a luz da fogueira, pontos alaranjados e marrons bailavam sobre ela. Heron parecia cansada e isso deixou Kira assustada. Até aquele momento a Partial tinha sido invulnerável, demonstrando ser mais capaz do que Kira jamais imaginara, mas se ela nunca dormisse por medo da traição de um louco... Kira sussurrou gentilmente:

– O que você quer fazer?

– Eu? – Heron perguntou. – Voltar para casa e salvar os Partials. Pensei que tivesse deixado isso claro.

– Afa carrega uma tela na mochila e um Tokamin para ligá-la – disse Samm. – Pode ser que o seu estado mental tenha a ver com a radiação dos aparelhos. De qualquer forma, mesmo que ele não consiga chegar até Chicago, pode nos ensinar o que fazer na central de dados.

– Amanhã vou conversar com ele. Sou a pessoa em quem ele mais confia – disse Kira.

– Pare de tentar ler a mente dele – ralhou Heron. – Já percebi que isso o incomoda.

Kira observava os dois Partials – os *outros* dois Partials, lembrou-se a si mesma –, enquanto tentava colocar as ideias no lugar. O que aconteceria quando chegassem em Chicago? A cidade estaria infestada de Cães de Guarda, dragões ou algo pior? Afa os trairia? Ou Heron? Não importava o quanto o clima entre eles estivesse descontraído, a espiã Partial sempre se mantinha distante, comportando-se mais como uma observadora do que parte do grupo. O que ela estudava? Quem ela analisava? Para quem?

Kira dormiu encostada numa árvore, de costas para a fogueira, sem tirar a mão do fuzil. Pela manhã, testaram o painel solar e o repetidor de rádio imediatamente funcionou. Afa tinha montado tudo sozinho, sem o menor problema. Samm fez um sinal afirmativo com a cabeça, e embora não tenha dito nada, Kira teve a nítida impressão de que certamente estava surpreso, porém, acima de tudo, impressionado. Ela cumprimentou Afa com um tapinha nas costas.

– Bom trabalho.

– Os Zobles são extremamente duráveis – disse Afa com a voz um pouco estranha. – Usaram a matriz da vaca louca ao redor de cristais de silício para aumentar a eficiência. – Kira assentiu, sem saber o quanto havia de científico no que ele explicava e o quanto havia de puro *nonsense*. Sua personalidade inteligente mesclava-se à infantil, e não era possível prever se, a longo prazo, isso era bom ou ruim. Kira preocupava-se porque o escafandro mental que o permitia funcionar, fosse ele qual fosse, poderia começar a se romper.

– Vamos testar o rádio – disse Kira, e ele obedeceu. Ligou o aparelho e virou o botão cuidadosamente, desempenhando com facilidade a rotina técnica que ele havia praticado tantas outras vezes. Ele virava o botão e ouvia, virava e ouvia, repetidamente, até cruzar com o sinal emitido por um humano ou um Partial. Kira inclinou-se em direção ao rádio enquanto Afa o sintonizava melhor.

– “... recuar. Nossas tropas na ilha afirmam...”

– Partials – reconheceu Heron.

– Você sabe identificar a facção? – perguntou Kira. Afa mandou que ficassem em silêncio, mantendo a cabeça na direção dos alto-falantes.

– “... matar uma pessoa por dia.”

– É a facção do norte. Do grupo de Trimble, a Companhia B – disse Heron.

– Do que estão falando? – perguntou Kira.

Heron apertou os olhos.

– Provavelmente da data de validade.

– Precisamos localizar Marcus – disse Kira, gentilmente retirando Afa de perto do botão de sintonia. Quando conversaram durante a invasão, Marcus e ela haviam combinado um cronograma de rotatividade das frequências, na esperança de dificultar qualquer escuta. Ela fez a conta de cabeça, calculando qual frequência deveria usar naquele dia, e torceu para que ele ainda estivesse com o rádio. Sintonizou e apertou o microfone:

– Cabeça chata, aqui é Phillips, na escuta? Câmbio. – Ela soltou o botão e aguardou a resposta.

Heron deu uma risadinha debochada.

– Cabeça chata e Phillips?

– Era o apelido dele na escola. O que eu posso fazer? A cabeça dele era um pouco achatada mesmo. Há duas semanas comecei a chamá-lo assim, porque sabia que só ele reconheceria. – Deu de ombros. – Mais uma medida paranoica de segurança. Phillips me pareceu o nome natural para combinar com o dele.

– Cabeça chata e Phillips são dois tipos de chaves de fenda – disse Afa.

– Sim, nós sabemos – disse Samm, tocando em Afa com o fim de acalmá-lo.

– Não toque em mim! – gritou Afa, abaixando-se até o chão. Samm recuou, e ele soltou outro grito, o rosto vermelho de raiva. – Eu nunca disse que podia pôr as mãos em mim!

– Está tudo bem, Afa – disse Kira, tentando acalmá-lo. – Tudo bem, fique quieto, vou tentar novamente, preciso de silêncio. – Apelar para uma necessidade prática funcionou e Afa sentou-se. Kira apertou o microfone: – Cabeça chata, aqui é Phillips, na escuta? Vamos lá, Cabeça chata, responda. Câmbio. – Ela soltou o botão e ouviu o chiado.

– Phillips, aqui é Cabeça chata. – A voz de Marcus chegava distorcida em meio ao chiado da transmissão, e a mão de Afa avançou para mexer no botão de sintonia. A voz picotada. – ...em todas as semanas, onde... você em uma semana. Câmbio. – Por fim, a voz de Marcus tornou-se audível e Kira esperou ele terminar antes de sorrir e apertar o botão do microfone.

– Desculpe a demora, Cabeça chata, temos estado ocupados. Tivemos de... – Ela parou, pensando com muito cuidado em como dizer onde estavam sem entregar a informação para quem mais pudesse estar ouvindo. – Mudar. Mudar o local do acampamento. Estavam muito perto de nos encontrar. Nossa comunicação será intermitente de agora em diante. Câmbio.

– Que bom receber notícias. Estava preocupado. – Houve um longo silêncio, mas como ele não tinha dito “câmbio”, Kira ficou na dúvida se deveria voltar a falar. Assim que ela colocou o dedo no botão, Marcus recomeçou. – Você ainda está monitorando as transmissões de rádio? Câmbio.

– Não o tempo todo. Qual o problema? Câmbio.

Houve outra pausa e quando ele voltou a falar sua voz expressava dor.

– A doutora Morgan invadiu a ilha. Ela conquistou todo o território. Não é apenas uma questão de controle, como fez Delarosa quando deu o golpe. Parece mais um zoológico. Uma fazenda. Estão recolhendo todas as pessoas e as reúnem em East Meadow. A cada dia matam um humano. – A voz de Marcus tornara-se um sussurro. – Câmbio.

Kira engasgou.

– Foi o que a outra pessoa disse – lembrou Afa; Kira fez um sinal apressado com a mão para que ele se calasse. Ela não se conteve e apertou o botão para fazer outra pergunta, embora já soubesse a resposta.

– Por que estão matando as pessoas? – Hesitou antes de finalizar. – Câmbio.

– Estão procurando Kira Walker. – Ele ainda se recusava a entregar a identidade dela, mas Kira podia sentir o pesar em sua voz, e torcia para que ninguém mais estivesse ouvindo naquela frequência.

– Avisei que a situação iria piorar – disse Heron. Ela apontou para o rádio. – Também o preveni disso.

– Fique quieta – disse Kira.

– Precisa se entregar – manifestou-se Heron.

– Disse para ficar quieta! – grunhiu Kira. – Me dê um minuto para pensar.

– Não contei para ninguém onde ela está – prosseguiu Marcus, ainda mantendo a estratégia. – Não que eu saiba o endereço, mas não mencionei sequer as partes que sei. Se ela se entregar... bem, a decisão é dela. Não posso fazer isso em seu lugar. Câmbio.

Kira encarava o rádio como se o aparelho pudesse se abrir e revelar uma resposta milagrosa. *Ela está matando uma pessoa por dia*, pensou. *Todos os dias*. Parecia assustador, horrível, impensável, no entanto... Estavam em situação pior que os Partials? Sim, eles não eram executados, apesar de também estarem morrendo. Havia insistido com Heron que aquela viagem era mais importante do que impedir as mortes; encontrar a ParaGen e o FS era imprescindível. Assim desvendariam o segredo e solucionariam o problema dos dois lados para sempre; não seria um paliativo, como tentar impedir mortes na guerra, mas a cura verdadeira e permanente. Se Kira estava disposta a deixar os Partials morrerem, também deveria estar preparada a fazer o mesmo com os humanos, ou estaria apenas representando. Tudo seria uma grande mentira.

Pensar em tantas mortes a fez tremer, enfraquecida e nauseada.

– Não gostaria de estar nesta posição – disse baixinho. – De ser aquela caçada por todos. A pessoa que tem o direito de decidir quem vive e quem morre.

– Você pode ficar aí choramingando ou pode resolver a situação – disse Heron. – Volte e conseguirá salvar os dois lados. Teremos a oportunidade de resolver a data de validade e Morgan vai parar com as execuções.

– Isso irá resguardar os humanos por algum tempo, mas eu quero salvá-los para sempre – disse Kira, ainda com olhar fixo no rádio. Então se virou para Heron.

– Por que você está aqui?

– Porque você é teimosa demais para voltar.

– Mas não precisava ter vindo com a gente. Desde o início você foi contra a viagem e mesmo assim veio. Por quê?

Heron olhou para Samm.

– Pela mesma razão que você. – Olhou de volta para Kira. – A mesma razão pela qual você confiou em mim: porque Samm confia em mim, e isso foi o suficiente pra você. Bem, Samm confia em você e isso é o suficiente para mim.

Kira a observava.

– E se continuarmos a viagem?

– Vou achar que você é uma idiota, mas se Samm ainda confia em você...

– O sinal está começando a falhar – disse Marcus, com a voz ficando cada vez mais distorcida. – Qual a sua localização? Câmbio.

– Não podemos informar – respondeu Kira. *Sequer posso dizer com quem estou*. – Estamos procurando algumas coisas, eu gostaria de poder lhe contar mais... – Ela fez uma pausa, incerta de como continuar; por fim, disse apenas:

– Câmbio.

Eles esperaram, mas não houve resposta.

– Condições atmosféricas passageiras – explicou Afa. – Nossa recepção pode ter sido temporariamente interrompida por nuvens ou tempestades.

– Ainda confio em você – disse Samm. – Se acredita que o caminho é esse, conte comigo.

Kira o fitou intensamente, curiosa para saber o que ele tinha visto nela que ela mesma desconhecia. Por fim, deixou a curiosidade de lado.

– E o FS?

– O que tem isso? – indagou Samm.

– Não sabemos o que é, mas a palavra significa algo que não pode falhar, ou algo projetado para entrar em ação e consertar as coisas numa situação de emergência. E se o dispositivo FS for a solução para todos os nossos problemas? Só é preciso encontrá-lo e ativá-lo? – Kira pensou em Graeme Chamberlain, um dos membros da Verdade que trabalhara no FS e cometera suicídio logo após concluir o projeto. Ela tremeu apesar do calor. – Mas e se for algo terrível? Quando acharmos que está tudo resolvido ele vai entrar em ação e estragar de novo as nossas vidas? Não sabemos o que é. Pode ser qualquer coisa.

– Quem disse para você que o dispositivo FS tem alguma importância? – perguntou Heron.

– Deve ter. A Verdade tinha algum tipo de plano. A cura para o RM está nos feromônios Partials. Além disso, tem o meu caso, uma Partial indefinida, vivendo entre os humanos. Nada é por acaso, e precisamos descobrir o sentido. – Kira silenciou. – É a mesma velha discussão que costumava ter com Mkele: o presente ou o futuro. Às vezes é preciso fazer o presente atravessar o inferno para conseguir o futuro que você deseja. – Ela levou o rádio à boca. – Vamos prosseguir com a viagem – disse simplesmente. – Câmbio.

Capítulo Vinte e Um

Outra matilha de cães de guarda seguiu o grupo da montanha Camelback até o rio Susquehanna, mas sem nunca chegar a atacá-lo. Todas as noites, Samm amarrava a comida e os equipamentos no alto de uma árvore, enquanto Heron e Kira protegiam os cavalos. Afa havia desistido, de uma vez por todas, de conversar com Samm, e comunicava-se muito pouco com Heron; nas poucas vezes em que lhe dirigiu a palavra, as garotas suspeitaram de que ele a confundira com Kira. Seu estado mental era melhor de manhã, quando sua mente estava descansada, mas com a agitação do dia, ele se tornava desconfiado e furtivo. Kira começou a observar uma terceira personalidade emergindo, um perigoso cruzamento entre a criança confusa e o gênio paranoico. Foi essa versão que roubou a faca de Kira e a usou para golpear Samm quando este se aproximou demais da mochila. Embora tenham recuperado a arma, a briga deixou Kira preocupada, pois poderia ter alimentado ainda mais a desconfiança e a paranoia de Afa.

Enquanto viajavam, Kira refletia sobre suas experiências com o *link* – os momentos em que conseguia sentir algo e aqueles em que não sentia nada. Na sua cabeça, o enigma persistia, mas isso não significava que não houvesse um sentido, apenas que ela ainda não possuía todas as informações necessárias para descobri-lo. Tentou se concentrar, desejando sentir as emoções de Samm, ou transmitir algo para ele, mas o *link* funcionava apenas numa situação de estresse muito elevado, como durante um combate. Após alguns dias de tentativas infrutíferas, ela o abordou diretamente.

– Quero que me ensine a usar o *link*.

Samm olhou-a impassível, porém ela sabia que ele deveria estar mandando sinais pelo *link* que demonstrassem seu estado emocional. Estaria confuso? Cético? Ela cerrou os dentes e tentou sentir, mas não conseguiu. Ou não sabia distinguir entre os sinais de Samm e o que ela pensava estar captando intuitivamente.

– Não dá para aprender a usar o *link* – respondeu Samm. – É como aprender a enxergar. Seus olhos funcionam ou não funcionam.

– Nesse caso, pode ser que eu esteja usando o *link*, mas não saiba reconhecer o seu funcionamento. Me explique como é, assim posso identificar.

Samm continuou cavalgando, então balançou a cabeça – um gesto tão surpreendentemente humano que ele deve ter aprendido com Heron ou com ela.

– Não sei descrever porque não consigo imaginar como seria sem ele. Talvez seja como não ter olhos. Você os usa para tudo; a visão é tão importante para os humanos e para os *Partials* que colore todos os outros aspectos da nossa vida. Até mesmo o uso da palavra “colorir” como sinônimo de “afetar”... é uma metáfora visual sendo aplicada para descrever algo não visual. Quando tento imaginar alguém sem a visão sinto a mesma estranheza de quando tento pensar em alguém sem o *link*.

– Mas a visão pode falhar. Os cegos conseguem participar da sociedade, e aposto que todos compreendem metáforas que usam a palavra “cor”.

– Mas a cegueira continua sendo considerada uma deficiência, pelo menos entre os Partial.

– Entre os humanos também.

– Tudo bem, então – disse Samm. – Ninguém discutiria que a cegueira é uma diferença estilística, ela é literalmente uma redução de habilidade.

– Dê uma olhada aqui – pediu Kira, arregalando os olhos numa exagerada expressão de surpresa. Samm não respondeu. – Você viu?

– Vi o quê?

– Acabei de arregalar os olhos.

– Você faz isso o tempo todo – disse Samm. – Diferentes partes do seu rosto e do seu corpo se movem constantemente enquanto você fala. Isso também acontece com Heron. Eu costumava pensar que ela sofria de tremores no rosto.

Kira riu.

– Isso se chama linguagem corporal. Boa parte das pistas sociais que você comunica por meio dos feromônios, nós fazemos usando pequenos movimentos faciais e corporais. Isto, por exemplo, significa “estou surpresa”. – E ela arregalou os olhos. – Isto quer dizer “duvido”. – Ela levantou a sobrancelha. – E isto pode ser “eu não sei algo”. – Ela encolheu os ombros e levantou as mãos com as palmas viradas para cima.

– Como vocês... – Samm ficou em silêncio. Um humano, naquele momento, teria franzido o rosto ou contraído os lábios, algo que sinalizasse confusão, por isso Kira supôs que ele estaria enviando a mensagem “estou confuso” pelos feromônios. – Como vocês ensinam a linguagem corporal para os outros? Para um novo membro da sua comunidade ou para uma criança? E quanto tempo leva para aprender esses sinaizinhos estranhos que vocês fazem com as mãos? – Ele tentou imitar um dos gestos, mas pareceu duro e mecânico.

– É como perguntar a um hispânico porque perdem tanto tempo com aquelas palavras estranhas quando seria muito mais fácil só falar em inglês – disse Kira. – Vocês ensinam como usar o *link* a um Partial que acabou de ser fabricado?

– Há anos que não se produz um novo Partial, mas é claro que não. Acho que sei aonde você quer chegar com seu argumento. Você está querendo dizer que a “linguagem corporal” é tão inerente ao ser humano quanto o *link* aos Partial?

– Exatamente isso.

– Mas, então, como... – Ele parou novamente, e agora Kira não tinha como saber que tipo de informação ele expressava pelo *link*. – Como vocês se entendem pelo rádio se metade da comunicação humana é visual? Nesse caso, o *link* também não é transmitido pelo rádio, então estamos quites. Por outro lado, os Partial se entendem no escuro.

– Ponto para vocês. Mas nós temos muito mais recursos na fala. Preste atenção nestas duas frases: Você vai *comer* isto? Você vai comer isto?

Samm fitou-a e ela quase riu ao imaginar a confusão na cabeça dele.

– Você está querendo me dizer que a diferença de volume altera o significado da sentença? Usamos o *link* para expressar ênfase.

– Então, acredito que na comunicação por rádio os humanos estão um passo à frente – disse Kira, movendo as sobrancelhas. – Esta talvez seja a chave para vencermos a guerra.

Samm riu e Kira se deu conta de que rir, pelo menos, parecia ser algo comum entre os *Partials*. Provavelmente não precisavam do riso, pois podiam transmitir contentamento ou humor pelo *link*, mas ainda assim eles riam. Talvez esse ato estivesse inscrito em algum segmento humano do seu genoma personalizado. Seria um resquício da evolução da espécie, como um órgão vestigial?

– Chega de linguagem corporal. Quero praticar com o *link*, então me acerte – disse Kira.

– Bater em você não vai ajudar.

– É só um jeito de falar – explicou Kira. – Vamos, envie alguma informação pelo *link*, jogue-a para cá. Preciso treinar como pegá-la.

Passaram os dias seguintes praticando. Samm enviava mensagens simples com os feromônios e Kira se esforçava ao máximo para senti-las e reconhecer as emoções que representavam. Por duas vezes, considerou ter acertado, mas boa parte do tempo estava completamente perdida.

Atravessaram os Montes Apalaches por uma rodovia ampla, marcada com o número 80; em alguns trechos, o asfalto estava gasto e esburacado, mas, em geral, as condições eram boas. O ritmo da viagem havia melhorado depois de cruzarem o rio, a matilha de cães ficara para trás e, na melhor das hipóteses, também tinham se livrado de qualquer outro potencial observador. Sentindo-se menos acuados, puderam viajar com mais liberdade; no entanto, nos trechos em que passavam por alguma fazenda, Kira começava a identificar sintomas de agorafobia em Afa com mais intensidade. Quase todas as vezes em que chegavam em uma cidadezinha, ele queria parar, escondendo-se em alguma livraria ou biblioteca, percorrendo obsessivamente os títulos nas estantes. Grande parte da região era protegida por longas colinas, e Afa se saía melhor quando viajava entre elas, confortavelmente cercado pelas formações rochosas que, embora não fossem edifícios, ao menos limitavam sua visão do horizonte. Kira tinha a esperança de que esse tipo de terreno se estendesse até Chicago, mas, ao avançarem para o oeste, o solo foi ficando cada vez mais plano. Quando atravessaram o rio Allegheny e a planície do meio-oeste se estendeu à frente deles, os resmungos tornaram-se mais esporádicos e desorganizados. Na fronteira entre Pensilvânia e Ohio, Kira percebeu que ele não apenas falava, mas reclamava, murmurando furiosamente contra o coro de vozes dentro da própria cabeça.

O meio-oeste oferecia uma única compensação a Afa: cidades cada vez maiores e mais frequentes. Por outro lado, Heron mostrava-se bem cautelosa, sempre suspeitando de um ataque surpresa. Seguiram pela rodovia interestadual 80, passando por Youngstown, rumo ao norte, em direção a uma cidade chamada Cleveland. Ambos os lugares estavam vazios e com uma aparência fantasmagórica, graças à ausência das plantas *kudzu*, que conferiam à costa leste um

aspecto de floresta. Nova York era imóvel e silenciosa, mas a vegetação, ao menos, dava a sensação de vida. Aqui as cidades estavam mortas, descobertas e desmoronando devido à erosão causada pelo vento e pelas intempéries; eram monumentos de duração efêmera na vasta e desinteressante planície. Kira sentiu-se solitária simplesmente por contemplar essa paisagem e, assim como Heron, preferiu deixá-la para trás. A estrada os conduziu até o extremo sul de um mar cinza, que Samm insistia em dizer que era apenas um lago. Mesmo conferindo o mapa, Kira recusava-se a acreditar que aquelas águas não eram do oceano que haviam deixado para trás. Nunca gostara do mar, sentia-se pequena e exposta diante dele, porém, naquela situação, desejava ardentemente revê-lo. Ao pensar nos amigos, principalmente em Marcus, seu coração se apertou. Bobo relinchou e balançou a crina ao receber o afago de Kira no pescoço. Como as pessoas do velho mundo podiam viver sem cavalos? Kira não compreendia. Um carro não podia receber carinho.

Numa cidade chamada Toledo, o lago encontrava-se com um rio extenso cujas águas, vindas do sul, serpenteavam no trajeto. Pararam os cavalos na margem, à beira de uma encosta que descia cerca de quinze metros até as águas violentas do rio. A estrada acabava ali e os destroços da ponte I-80 podiam ser vistos no meio da correnteza.

– O que aconteceu? – perguntou Kira. O precipício era vertiginoso e o vento açoitava seus cabelos. – A ponte parece nova demais para ter caído.

– Olhe as vigas – disse Samm, apontando a estrutura de metal retorcida soltando-se do concreto, na lateral do despenhadeiro. – Houve uma explosão no local.

– Você deveria ficar feliz, Afa – disse Heron. Mas ele andava em círculos com Azarão, ignorando os outros e resmungando ameaças, as quais provavelmente não eram dirigidas apenas ao cavalo, Kira imaginou.

– Vai ser preciso dar a volta – disse Samm, puxando a rédea de Bubby para a esquerda, fazendo-o retornar. Kira manteve-se parada, mirando o outro lado do rio. A ponte havia criado um tipo de barreira, e embora não fosse capaz de represar a água, mostrava-se invasiva o bastante para agitá-la ao passar pelos destroços antes de voltar à normalidade.

– Quem será que a explodiu? – perguntou ela.

– Houve uma guerra. Você não deve se lembrar porque era muito pequena – respondeu Heron.

Kira controlou-se para não fuzilar Heron com o olhar.

– Eu sei que houve uma guerra. Só não entendo qual dos lados tinha uma razão boa o suficiente para explodir a ponte. Você disse que os Partials se concentraram em alvos militares, então não foram eles. E os humanos não teriam destruído suas próprias estruturas.

– Esse foi o tipo de atitude que deflagrou a guerra – disse Heron, mal disfarçando a raiva no tom da voz.

– Não entendi – rebateu Kira, surpresa.

Heron a encarou com uma mistura de frieza e desdém, então desviou o olhar para o rio.

– Sua estratégica pretensão de soberania. Esta ponte pertencia tanto aos Partials como

aos humanos.

– Os Partials adquiriram o direito à propriedade em 2064 – disse Afa, fitando a estrada, enquanto Azarão continuava a dar voltas. – Isso nunca foi reconhecido pelas cortes estaduais e eles continuaram sem o direito de fazer empréstimo bancário. *New York Times*, edição de domingo, 24 de setembro.

– Ali está a sua resposta – disse Samm, apontando para a água que escorria sobre a ponte caída. – Ali, elevando-se uns vinte metros para fora do rio. – Kira seguiu o dedo de Samm, protegendo os olhos contra os reflexos do sol na água.

Ela viu uma ponta de metal saindo da água e pegou o binóculo; olhou novamente, focalizando o fragmento, e reconheceu o canhão de um tanque. O veículo estava submerso, alojado entre dois pedaços de aço e concreto. Na lateral estava escrito o número 328.

– O tanque estava em cima da ponte no momento da explosão.

– É bem provável que houvesse dezenas de tanques – disse Samm. – O modelo 328 era usado pelos Partials. Acredito que a milícia local explodiu a ponte no momento em que os Partials a atravessavam, matando todos que puderam.

– Não teriam feito isso – defendeu-se Kira.

– Fizeram isso e coisa pior – rebateu Heron.

A voz de Samm soou mais gentil.

– No final da guerra, os humanos estavam desesperados e dispostos a tentar qualquer coisa. A vitória dos Partials era iminente e o lançamento do vírus RM piorou a situação. Os humanos morriam aos milhares. Para conseguir matar um de nós, muitos estavam prontos para explodir o que encontrassem pela frente, fossem pontes, cidades ou até eles mesmos.

– Uma ética e tanto – disse Heron.

– E a esquadra na baía de Nova York? – retrucou Kira, girando o corpo para encarar Heron. – Li nos arquivos de Afa: vinte navios de tripulação humana afundados, toda a tripulação morta, o ataque mais devastador da guerra.

– Vinte e três – corrigiu-a Afa.

– Autodefesa – respondeu Heron.

– Você está de gozação comigo? – ironizou Kira. – Do que eles pretendiam se defender?

Heron levantou as sobrancelhas.

– Por que você continua repetindo isso? – ela disse.

– O quê?

– “Eles” em vez de “nós”. Você é uma Partial. É diferente, mas continua sendo uma de nós. E, definitivamente, não é uma deles. Você está sempre ignorando isso, mas seus camaradas humanos não vão esquecer esse fato depois que descobrirem.

– O que isso tem a ver?

– Você é quem vai me contar – respondeu Heron. – O que você acha que o seu namoradinho Marcus vai fazer quando souber o que você é?

– Menos – disse Samm. – Vamos esfriar a cabeça. Essa discussão não vai nos levar a

lugar nenhum.

– Nem à ponte – resmungou Kira, puxando as rédeas de Bobo para retomar o caminho na estrada. Seu desejo era de gritar na cara dos dois e na de Afa também. Gritar que o presente era culpa deles, que eles tinham lutado naquela guerra e destruído o mundo antes de ela ser capaz de defendê-lo. Mas Kira sequer podia culpá-los por aquele imponente ato de destruição. Essa era a pior parte. – Vamos procurar outra forma de atravessar.

Chicago estava inundada.

O grupo tinha levado um mês para chegar lá, a expectativa crescia a cada nascer do sol. Todos os painéis solares tinham ficado pelo caminho, alimentando uma corrente de repetidores de rádio. Se os documentos que encontrassem incluísem uma forma de estender a data de validade ou de sintetizar a cura do RM, poderiam transmitir a notícia em segundos em vez de viajar mais um mês através de um território perigoso. A ansiedade de Afa aumentou com o despontar da cidade, uma metrópole que dava a impressão de ser ainda maior do que Nova York, se é que isso era possível. Chicago assentava-se à beira de outro lago gigantesco, circundando-o pelo lado leste e sul, e espalhando-se pela planície até onde a vista de Kira conseguia alcançar. Arranha-céus, trens de pista elevada e monovias, indústrias de grande porte, armazéns e uma infinidade de fileiras de casas, escritórios e apartamentos.

Tudo desmoronando. Tudo num lamaçal de óleo e água pantanosa.

– A cidade deveria ter essa aparência? – indagou Kira.

– De jeito nenhum – respondeu Samm. Estavam no topo de um complexo de prédios de escritórios, nos arredores da cidade; observavam a cena com binóculos. – O local não está inteiro embaixo d'água, apenas boa parte dele. Dá para ver que o terreno tem partes altas e baixas, mas nenhuma mudança brusca. Eu arrisco dizer que a altura da água é de apenas alguns centímetros, no máximo um metro, nos piores trechos. Pelo jeito o lago transbordou.

– Em Chicago havia dúzias de canais cortando a cidade – disse Heron. – Nas partes baixas, algumas das ruas serão como rios profundos, mas pelo menos não vai ser difícil localizá-los.

– Os canais compunham o sistema de drenagem mais elaborado do mundo – observou orgulhosamente Afa, como se ele mesmo tivesse criado o projeto. – Os engenheiros do velho mundo conseguiram inverter o fluxo da água de um dos rios. Essa era uma das glórias que costumávamos ter, quando a humanidade mantinha a natureza sob rígido controle. – Seus olhos brilharam, e Kira ficou imaginando o efeito que aquele pensamento teria sobre Afa. Após quatro semanas desbravando as regiões mais inóspitas, uma cidade tão fortemente assentada na tecnologia deve ter parecido uma bênção.

– A natureza se rebelou. Vamos torcer para que ela não tenha inundado nossa central de dados – disse Heron.

– O endereço é este – disse Afa animado, puxando um pedaço de papel de um dos bolsos da mochila; a cópia de outro e-mail, com um endereço circulado em vermelho quase no fim da

página. – Nunca estive aqui, por isso não sei onde fica.

Samm olhou para o papel e em seguida para a monumental cidade à frente deles.

– Rua Cermak. Nem sei por onde começar a procurar – ele declarou, olhando para o e-mail e em seguida para as ruas abaixo deles. – Vamos precisar de um mapa.

– Aquele edifício deve ser um aeroporto – disse Kira, apontando para uma pilastra alta de concreto próxima à beira do lago. – No local deve existir uma antiga agência de locação de carros e isso implica que haverá algum tipo de mapa da cidade. – Todos concordaram e montaram nos cavalos. Boa parte das ruas que levava ao aeroporto estava seca, mas as que apresentavam trechos alagados eram um problema. Algumas estavam com poucos centímetros de água parada, outras com lama, mas eventualmente uma via ou outra havia se transformado num riacho ou na correnteza de um rio. As tampas dos bueiros borbulhavam com a água intrusa do lago, o asfalto empenava por causa do vazamento originado dos canais e ruas inteiras haviam cedido e quebrado, graças à sobrecarga da rede de esgoto localizada no subterrâneo. O cheiro fortíssimo lembrava o de um lago, não de esgoto. Fazia tanto tempo que a humanidade havia desaparecido que o esgoto já não cheirava mal. Levaram o dia todo para chegar ao aeroporto e acamparam num escritório no andar térreo. Os cavalos foram amarrados num antigo aparelho de raio X. Confirmando as suspeitas de Kira, a agência de locação de veículos possuía uma série de mapas, e o grupo se debruçou sobre eles, com o auxílio da lanterna de Heron, para planejar a rota do dia seguinte.

– A central de dados fica aqui – disse Samm, apontando para um local próximo à costa do lago, bem no meio da parte mais densa do centro da cidade. – Com o lago bem aqui e canais por todos os lados, acho que teremos sorte se não precisarmos nadar para chegar lá. Além disso, vamos torcer para que a água não esteja contaminada, porque estamos próximos da região com resíduos tóxicos.

– Os cavalos não vão aguentar – disse Kira.

Heron olhou para a escala na lateral do mapa, tentando calcular a distância.

– Vai ser uma caminhada longa sem eles. Acho que podemos pegar a rodovia 90 direto até a central de dados. Se ela for elevada, como a maioria das estradas parecem ser, não teremos problemas com a água até estarmos a alguns quarteirões do prédio.

– E depois? – indagou Kira. – Deixamos os cavalos amarrados na beira da estrada? Se Chicago for como Nova York, eles serão devorados por leões logo nas primeiras horas ou por aqueles bizarros cães que falam.

Samm quase riu.

– Você continua se preocupando com eles, não é?

– Não entendo porque só eu me preocupo.

– Se deixarmos os cavalos soltos, vão fugir dos predadores e de nós – disse Heron. – Se você quer seu cavalo, é preciso correr o risco.

– Qual é a distância? – perguntou Kira, examinando melhor o mapa. – Podemos deixá-los aqui ou no primeiro andar. Correrão menos perigo se estiverem confinados, e assim teremos

a certeza de que não vamos perdê-los.

– Não quero andar – disse Afa do outro lado da sala enquanto mexia na tela portátil. Kira nem sabia que ele estava ouvindo.

– Você vai conseguir – ela respondeu, mas Samm discordou num movimento de cabeça.

– Não sei, não. Ele está mais fraco agora do que no começo da viagem.

– Se ele não for capaz de andar até a central de dados, com certeza não vai conseguir voltar para casa a pé – argumentou Kira. – Vamos deixar os cavalos em algum lugar seguro e pegá-los na volta.

Heron examinava o mapa, traçando a rota com o dedo:

– Saímos por aqui e seguimos direto pela 90, é uma via com pedágio, mas tenho algumas moedas. Vamos até a 94, direto no coração da cidade. Saímos da 94 neste cruzamento e a ParaGen está do outro lado, numa linha reta, a cerca de um quilômetro e meio. – Pelo mapa era difícil saber os tipos de prédios que encontrariam pelo caminho, pois era um guia destinado a fornecer informações a turistas e pessoas em viagens de negócios; hotéis e centros de convenções estavam em destaque, assim como um punhado de restaurantes famosos, mas nada que parecesse ser de interesse para a missão do grupo. Por fim, Heron apontou para um prédio de formato circular, na lateral da rodovia. – Aqui diz “Wrigley Field”. É um estádio de *baseball*. Vamos encontrar uma saída pela rodovia e poderemos prender os cavalos no estádio. Terão comida e ficarão confinados em segurança.

Kira ponderou por alguns instantes e então assentiu com a cabeça.

– Acho que é nossa melhor opção. Mas se as coisas não saírem como planejamos, teremos de improvisar na estrada. Vamos dormir um pouco e partir ao primeiro raio de sol.

No aeroporto havia muitos restaurantes, e nas cozinhas encontraram latas fechadas de comida. A maioria continha frutas, mas numa delas havia frango, e num restaurante mexicano caindo aos pedaços, acharam algumas latas de feijão e molho de queijo. Boa parte das frutas estava estragada e o cheiro do feijão desencorajou o seu consumo, mas o frango e o queijo forneceram uma refeição saborosa, ainda que um pouco bagunçada. Acenderam uma fogueira dentro de um latão de lixo e aqueceram a comida, servindo-a em embalagens descartáveis tão bem conservadas que pareciam novas, e usando garfos de plástico encontrados nos fundos de uma lanchonete. Afa os ignorava, tinha os olhos grudados na tela; só comeu quando Kira colocou o alimento na sua frente. O homenzarrão resmungava sobre códigos de segurança e os outros decidiram não incomodá-lo.

A primeira a ficar de vigia foi Kira. Ela conversava baixinho com Bobo enquanto o animal beliscava as plantas de um vaso. Afa continuava trabalhando quando Heron se rendeu, às duas da manhã; no entanto, quando Kira acordou, às sete horas, ele dormia na frente da tela escura, sentado na cadeira. Perguntou-se se ele teria dormido naturalmente ou se Heron, de alguma forma, o tinha levado a nocaute.

Recolheram as coisas e partiram, seguindo a direção estudada no mapa; descobriram que Heron estava certa sobre a rodovia ser elevada. Percorreram vários quilômetros em

Chicago, como se estivessem numa ponte sobre um pântano. Abaixo deles, casas, parques e pátios de escolas estavam alagados e lamacentos, o óleo na superfície brilhava sob o sol claro da manhã. Em alguns pontos, o rio cortava a cidade, indicando um lençol freático extremamente alto. Kira ficou admirada com o fato de a cidade não ter ficado sem água em nenhum momento. Manter o lago, os rios e as águas subterrâneas sob controle deve ter sido um grande esforço para o velho mundo.

Uma parte dela ficou orgulhosa, como Afa no dia anterior, sorrindo ao pensar que ela fazia parte de um legado extraordinário – uma espécie tão inteligente, habilidosa e determinada que podia conter o mar e desviar o curso dos rios. Transformar aquele terreno pantanoso numa megacidade era um feito do qual se orgulhar.

A outra parte dela pensava apenas na soberba dos humanos. Quão fácil seria para essa civilização tão incrível ir, de alguma forma, longe demais? Fazer algo que não deveria? Aceitar sacrifícios, ceder e racionalizar muitíssimas vezes? Se você pode construir uma cidade tão fantástica, o que irá impedi-lo de criar uma pessoa? Se você pode controlar um lago, o que evitará que você queira dominar toda uma população? Se você pode subjugar a própria natureza, por que uma doença deveria sair do controle?

Kira pensou sobre a Verdade: seus planos secretos e suas segundas intenções. Sobre o projeto Dispositivo Falha Segura. O que seria isso? Estariam tentando destruir o mundo, ou salvá-lo? As respostas estavam na central de dados, e a central de dados estava logo ali.

Seguiram pela rodovia interestadual 90, sentido noroeste, até o momento em que a estrada virava para o oeste, ligando-se à 94. Para a preocupação de todos, o caminho começou a descer; deixou de ser uma estrada elevada e passou a, literalmente, correr abaixo do nível da cidade, não no subterrâneo total, mas bastante afundada no chão. O que certa vez havia sido uma rodovia agora era um rio moroso, onde apenas o topo dos caminhões mais altos despontava acima da água.

– Bem, precisamos voltar – disse Samm.

– E seguir pelas ruas? – disse Heron. – Você viu os sumidouros pelos quais passamos tentando chegar ao aeroporto? Com essa quantidade de água cobrindo a cidade, nunca saberemos se estamos pisando em terra firme ou num fosso.

Kira olhou para Chicago atrás deles, em seguida para o rio.

– A distância é muito longa para os cavalos.

– São alguns quilômetros – disse Heron.

– Vamos procurar um barco – sugeriu Afa.

– Fala sério? – perguntou Kira.

– Você disse que esta estrada leva direto até a central de dados, certo? E sabemos que é fundo o bastante para um barco, então vamos deixar os cavalos e pegar um barco.

Samm assentiu com a cabeça.

– Tenho de admitir que a ideia é boa. Vamos procurar algo que não afunde.

Kira virou Bobo em direção ao acostamento e começou a esquadrihar a cidade. A

intersecção da rodovia era absurdamente complexa, atravessada por dúzias de pistas, quase no nível do solo. Do lado norte, havia algo que se assemelhava a uma estação de trem, mas, para o sul, havia um bairro residencial e, provavelmente, o melhor lugar para se encontrar um barco pequeno. Deslizou o corpo para trás sobre o lombo de Bobo, esticando as pernas, e agarrou o rifle.

– Um de vocês vem comigo. Vamos ver o que encontramos ali.

– Eu vou – candidatou-se Samm. Saltou do cavalo e a seguiu, seus passos ágeis e largos logo a alcançaram. Escalaram uma barreira de concreto, depois outra e mais outra, cruzando inúmeras pistas que corriam em todas as direções. – O plano é bom – ele disse.

Kira impulsionou o corpo sobre outra barreira.

– Do barco? Afa não é um idiota.

– Acho que tenho sido injusto com ele.

Kira deu um sorriso amarelo.

– Não se derreta todo só por causa de uma boa ideia.

– Não é só isso, é tudo. Ele tem sido mais forte do que imaginei. Ou mais flexível, digamos. – Ele acompanhava Kira por sobre as barreiras.

Kira assentiu despretensiosamente, examinando as árvores na lateral da estrada.

– Ele já passou por muita coisa.

– Onze anos sozinho – disse Samm –, fugindo e se escondendo sem ninguém para ajudá-lo ou para conversar. Não é à toa que sua mente pifou. – Deu de ombros. – Ele é apenas humano.

Kira travou.

– Espere um pouco! – disse, virando-se para ele. – Está dizendo que tudo bem de ele ser maluco porque é humano?

– Estou dizendo que ele se saiu muito melhor do que muitos humanos conseguiriam.

– Mas você acredita que ser humano é uma deficiência. Que de alguma forma isso desculpa suas falhas, afinal pelo menos ele não está sujando as calças o tempo todo.

– Não foi o que eu disse.

– Mas foi o que quis dizer. É isso que você pensa de mim? “*Para uma humana, ela é bastante inteligente*”?

– Você é uma Partial.

– Você não sabia disso.

– Somos projetados para a perfeição. Somos mais fortes, capazes e inteligentes porque fomos construídos assim. Não vejo qual o problema em reconhecer isso.

Kira se virou e pulou a última barreira, espirrando lama ao tocar no chão com os pés.

– E você ainda se pergunta por que todos os humanos odeiam vocês?

– Espere, o que está incomodando você? Normalmente não fica tão brava – disse Samm.

– E você normalmente não fica fazendo comentários sobre o quanto os humanos são estúpidos.

– Heron fica. E você nunca pula no pescoço dela.

Ela girou o corpo para encará-lo.

– Então você também deveria ter o direito de nos odiar? O problema é esse? Estou sendo injusta com você?

– Não é... – Samm parou no meio da frase. – Ah.

– Ah? Ah, o quê?

– Entendi qual é o x da questão. Peço desculpas por ter tocado no assunto.

– Eu disse qual é o x da questão. Não tente colocar a culpa em nenhum outro lugar a não ser sobre os seus próprios ombros perfeitamente projetados.

– Você vive se referindo aos humanos como “nós” – Samm disse de mansinho. – Ainda se identifica com eles.

– É claro que me identifico com eles. Chama-se empatia humana. É o que os humanos fazem, nos identificamos com o outro, nos preocupamos com o outro. Obviamente Heron não possui coração, mas pensei que você fosse diferente. Você... – Sua voz falhou. Como poderia explicar a sensação de estar sendo traída quando Samm falava daquele jeito sobre as pessoas que ela amava? Quando ele ainda não entendia o quanto sua atitude era horrível? Ela se virou e começou a caminhar.

– Desculpa – disse ele. – Mas Heron tem razão. Você vai ter de descobrir quem você é.

Kira lançou os braços no ar gritando e sem olhar para trás.

– Assim posso “escolher um lado”? – Ela chorava e as lágrimas rolavam quentes sobre o rosto.

– Assim poderá ser feliz – respondeu Samm. – Está dividida ao meio.

Capítulo Vinte e Dois

Levaram uma hora para encontrar um barco. Não trocaram nenhuma palavra mais além das monossilábicas: aqui, ali, não. Era um barco pequeno, talvez três metros e meio da proa à popa, engatado a um *trailer*, num pátio onde praticamente transbordavam caminhões e caminhonetes. Kira andava na lama ao redor do barco, tentando descobrir como soltá-lo, como mover os veículos ou quebrar a cerca para conseguir sair do pátio. Parecia impossível. Ela ainda fervilhava de raiva, então resolveu falar sem olhar para Samm.

– Acho que não vai dar.

– Concordo. – O tom de sua voz era monótono e sem emoção, no entanto ele era sempre assim. Estaria tão bravo quanto ela? O pensamento de que talvez não estivesse zangado deixou-a ainda mais irritada.

– Quem morava aqui gostava de aventuras – disse Samm, vendo as bicicletas sujas de barro e os *trailers* perto do barco. – Quem sabe ele tenha algo menor na garagem.

– Ou *ela* – observou Kira, arrependendo-se de imediato do tom petulante de sua voz. *Você pode estar louca da vida com ele sem agir como uma idiota, Kira.* Concentrou-se no problema do barco, olhando novamente os pneus do caminhão e se perguntando o quanto o veículo aguentaria se tentasse ligá-lo. Os pneus tinham furos e a gasolina estava no tanque há doze anos, por isso, mesmo que chegasse a funcionar, não iria muito longe. Até o fim da rua? Até o fim do caminho para a garagem? Estavam a apenas alguns quarteirões da bifurcação sul da rodovia que margeava o lago; se chegassem a avançar esse tanto, poderiam colocá-lo na água e remar o resto do trajeto. Kira tentou abrir a porta da casa: se os moradores estavam lá no momento em que morreram, as chaves também estariam. A porta permanecia trancada e ela levantou a pistola para estourar a fechadura quando, de repente, Samm emergiu da garagem, batendo ruidosamente um pequeno bote de metal contra o batente.

– Os remos estão aqui dentro – disse, apontando com a cabeça o fundo da garagem.

– É um pouco pequeno.

– Foi o melhor que pude encontrar. Sou apenas um Partial.

Não havia sarcasmo na sua voz, pois nunca havia, mas Kira sentiu uma onda de raiva, que poderia ter vindo pelo *link* – ou de sua própria mente raivosa. Independentemente de ela ter ou não sentido o *link*, estava claro que ele continuava pensando na briga, e a descoberta lhe causou uma dupla emoção de raiva e triunfo. Obrigou-se a manter uma expressão imparcial e entrou para buscar os remos.

Quando chegaram à intersecção da rodovia, após remarem e carregarem o bote para a parte mais alta da estrada, encontraram Heron e Afa sozinhos.

– Amarrei os cavalos no pátio de trens – disse Heron.

– Ela me fez descer do cavalo – reclamou Afa. – Odeio aquele cavalo.

– Então é motivo para estar feliz – Kira olhou diretamente para Heron. – Eles estão seguros?

– Dei uma arma para o seu, por via das dúvidas – ironizou Heron.

– Ótimo – Kira respondeu sem dar importância. – Prontos para partir?

Heron olhou de relance para Samm e de volta para Kira, analisando a dupla.

– O que aconteceu entre vocês?

– Nada – respondeu Samm. Heron levantou a sobrancelha.

Colocaram o bote de volta na água e ajudaram Afa a embarcar, ajeitando-o com cautela no centro da embarcação. O bote afundou um pouco sob o peso do homenzarrão, mas resistiu, e ele apertou firmemente a mochila contra o peito.

– Precisamos de um barco maior. Eu trouxe todo o molho dos *nachos*.

– Humm... – disse Kira. Teve vontade de olhar para Samm e ver se ele virava os olhos ou ridicularizava de alguma forma o comportamento infantil de Afa, mas ela não ousou; de qualquer forma, sabia que ele estaria impassível.

– Vai molhar – disse Afa.

– Não vamos deixar, Afa – disse Samm. Empurraram o bote para longe da parte rasa; Heron e Kira pularam para dentro, atrás de Afa. Samm empurrou a embarcação mais um pouco antes de subir. Molhado até a cintura, ele encharcou o fundo do bote; Afa, por sua vez, quis jogá-lo para fora, mas Kira o segurou. Os viajantes se acomodaram, distribuindo bem o peso, e começaram a remar.

O rio tornava-se cada vez mais profundo à medida que adentravam na água. As fileiras de carros estacionados ou batidos nos últimos momentos de vida dos motoristas pareciam animais marrons e rechonchudos nadando lentamente numa poça: ali estava um com apenas os pneus dianteiros molhados; depois, vinha outro com o motor submerso; acolá via-se um veículo apenas com o capô e a antena espetando para fora da água. Remavam em silêncio, a água batendo contra a lateral do bote. Depois de um tempo, até os *trailers* e os gigantescos caminhões de carga estavam mergulhados e apenas os capôs brilhavam através da água como dunas de metal.

As laterais da rodovia, transformada em rio, eram alinhadas por árvores altas, que sem a supervisão dos humanos haviam reclamado mais espaço e invadiram quintais, parques e trechos do caminho asfaltado. A cada quilômetro e meio, passavam por baixo de uma ponte que ligava as ruas dos dois lados da rodovia; das passagens pendiam musgos e trepadeiras – não era *kudzu*, mas plantas menores, com folhas de um verde mais escuro, que Kira não reconhecia. Ao flutuarem sob uma ponte, ela arrancou um ramo, notando que era pegajoso ao toque. Friccionou-o gentilmente entre os dedos, imaginando como seria chamado, e o jogou na água.

O maior perigo embaixo das pontes eram os bandos de aves aquáticas que moravam ali e deixavam as vigas de concreto com listras brancas e amareladas de sujeira. Na terceira ponte, a passagem do bote dispersou um bando empoleirado; as aves mergulharam em direção à água antes de voarem para longe, pairando alto no céu. Afa se debateu, assustado com a visão e o ruído de centenas delas, quase virando o bote, mas Kira conseguiu acalmá-lo. Passou o remo a

Samm e concentrou-se em mantê-lo tranquilo. O rio era mais comprido do que imaginaram, e Kira começou a duvidar da precisão do mapa que haviam consultado. No momento em que ela pensou em convencê-los a voltar, acreditando que de alguma maneira haviam perdido a entrada, o bote passou pelo estádio indicado por Heron no mapa. Ela anunciou que estavam próximos, não se descuidando de Afa, que explicava as especificidades técnicas da central de dados.

Havia apenas uma saída que se elevava acima da água no último trevo e dava para a cidade. Carregaram o bote enquanto observavam os arredores; Kira apontou para o prédio que acreditava ser o da central de dados. Era um edifício corpulento de tijolos com duas torres quadradas. Saíram do outro lado da passagem e colocaram o bote novamente na água, embora pudessem flutuar apenas mais alguns quarteirões antes de o nível baixar a um ponto que não valia a pena o esforço de remar. Caminharam pela água rasa no último quilômetro, espetando o chão com varetas para evitar a queda em algum fosso. Encontraram dois, e para fugir do segundo buraco, tiveram de andar mais um quarteirão. Ao chegarem à central de dados, Kira sorriu orgulhosa, era o mesmo edifício que tinha avistado na colina. A água chegava até os joelhos, e Samm olhou para o prédio de vários andares.

– Tomara que o computador que procuramos não esteja no primeiro andar, nem no porão – disse ele.

– Só vou saber quando conseguir ligá-los – explicou Afa, chapinhando a água ao andar em direção à lateral do edifício. – O gerador de emergência deve estar em algum lugar aqui fora. Encontrem tiner.

Kira olhou de relance para Samm, então desviou o rosto de imediato, dirigindo a pergunta a Heron.

– Tiner?

Heron balançou a cabeça.

– Talvez ele esteja desenvolvendo algum projeto de reforma – Heron ironizou.

Afa não deu nenhuma explicação e dobrou a lateral do prédio. Kira e os dois Partials correram para alcançá-lo.

– ...dissolve a resina – disse ele –, não é uma solução definitiva, porque os vapores liberados são tóxicos, mas vou fazer aquele motor funcionar melhor do que há doze anos. – Ele estava lúcido novamente, talvez num estado de consciência e determinação que Kira nunca tinha visto. Aqui em seu *habitat* ele era um gênio, sem a personalidade infantil que o deixava aéreo. Pelo contrário, agora era Kira quem se sentia por fora.

– Do que está falando? – ela perguntou, correndo atrás dele e batendo nervosamente no chão com a vareta.

– Daquilo – respondeu Afa ao dobrar a lateral do edifício. Nos fundos da central de dados havia uma série de postes de energia, cabos e caixas gigantes de metal que algum dia estiveram pintados de cinza e agora estavam todos enferrujados. Ele caminhou pelo terreno molhado até o portão e entrou num embate com os cadeados. – Precisamos fazer com que pelo menos um deles funcione, e a melhor maneira é usar solvente de tinta.

– Deixa que eu faço isso, Afa – disse Heron, retirando do cinto algum tipo de instrumento pontiagudo de metal. Ela inseriu-o na fechadura, girou-o delicadamente e o cadeado abriu. Afa entrou correndo, quase caindo na água. As caixas de metal apresentavam vários símbolos, rótulos e avisos. Ao olhar para eles, Kira não soube para o que serviriam.

– Este lugar era uma das maiores centrais de dados do mundo – explicou Afa. – Se ficasse sem energia, metade do planeta perderia a informação. A força vinha da rede elétrica normal, como a de todo mundo, mas eles mantinham estas reservas. Caso a eletricidade da rede falhasse, ou mesmo a de um dos geradores, havia mais outros dez geradores no local para garantir o fornecimento de energia. São movidos a óleo diesel, então é só encontrar... não estou entendendo. – Ele chapinhou na água em outra direção e Kira leu os rótulos da caixa de metal mais próxima.

– Esses não são geradores de energia, mas sim... geradores de refrigeração? – perguntou Kira.

– É um sistema de resfriamento para a central de dados – gritou Afa. Ele voltou desajeitadamente. – Nunca vi um tão grande. Mas onde estão os geradores?

– Vamos olhar lá dentro – sugeriu Heron.

O interior do edifício era mais ornamentado do que Kira imaginara; um estilo arquitetônico antigo, com tijolos, estuque e painéis de madeira. Até mesmo o teto era abobadado. O primeiro andar encontrava-se tão alagado quanto o lado de fora, culpa dos vidros quebrados e dos isolantes de má qualidade nas portas; a água chegava um pouco acima da altura dos joelhos e uma camada de terra e entulho boiava na superfície como uma crosta. Havia alguns escritórios, mas grande parte do pavimento era tomada por uma única sala gigante lotada de ponta a ponta de computadores. Não eram apenas as telas portáteis como a que Afa carregava, mas cubos enormes de memória e processamento, cada um deles maior do que a própria Kira. Havia centenas deles no primeiro andar, alinhados como obeliscos, pedaços de fios e isolantes boiando ao redor.

– Más notícias. Eles jamais voltarão a funcionar – asseverou Samm.

– Então vamos torcer para encontrar o que queremos no segundo andar – disse Afa, colocando alguns servidores sobre um grande tanque de metal. – E para que existam outros destes lá em cima.

– É um tanque de gasolina – disse Kira e Afa assentiu entusiasticamente com um gesto.

– O gerador fica bem do lado. É onde precisamos do solvente.

– Ainda não entendi – disse Kira.

– A gasolina degrada com o tempo – explicou Samm, gesticulando como se entendesse tudo. – O petróleo se transforma em resina, como uma cola espessa. É por isso que os carros não funcionam mais.

– Isso todo mundo sabe – disse Kira.

– Por isso precisamos de tiner. Ele dissolve a resina, que volta a ser gasolina – concluiu Samm. – O escape é tóxico, como explicou Afa, mas o gerador funcionaria.

– O tempo suficiente para pegarmos os dados – completou Afa. Ele subiu numa escada de metal e começou a forçar a válvula do tanque.

– Eu abro – ofereceu-se Samm, empurrando gentilmente para o lado. – Vocês duas vão procurar o solvente.

– Sim, senhor – respondeu cerimoniosamente Kira, reprimindo a vontade de fazer uma mesura. Ao saírem do prédio, Heron disse, baixinho:

– Fico feliz de ver que vocês estão se dando bem. Tem alguma coisa que gostaria de me dizer antes de matar o Samm?

Kira não respondeu, olhando atentamente para as fachadas da loja em busca de uma casa de material de construção. Respirou fundo tentando se acalmar.

– Você considera os humanos inferiores?

– Considero todo mundo inferior.

Kira parou, encarou Heron e depois voltou a andar.

– Você acha que essa era a resposta que eu queria ouvir?

– É um fato. E fatos não ligam a mínima para o que a gente sente.

– Mas você é uma pessoa, não um fato. Como *you* se sente sobre isso?

– Os Partials vivem num sistema de castas. Os soldados são os melhores combatentes, os generais são os melhores líderes e solucionadores de problemas, os médicos são aqueles que possuem maior conhecimento e destreza com as mãos. Não sentimos vergonha de um general ser o mais esperto porque ele foi geneticamente projetado para isso. – Ela fez uma leve mesura, um sorriso ousado que despontou no rosto. – Eu sou um modelo espião, criado para ser melhor do que todos em tudo. Nosso trabalho é independente, atuamos fora da estrutura normal de comando, enfrentando problemas em todas as categorias, e os superamos sem ajuda externa. Como não poderia me sentir superior quando comprovadamente eu sou? – Sua expressão tornou-se mais séria. – Quando digo que talvez você também seja um modelo espião, estou fazendo um grande elogio a você.

– Você não entende. Nem você, nem Samm, nem qualquer outro Partial. – Kira parou de andar e lançou os braços no ar em sinal de frustração. – Como você acha que isso vai terminar? Vocês matam a gente e nós matamos vocês, até não sobrar ninguém?

– Tenho absoluta certeza de que vamos vencer.

– E depois? Em dois anos a data de validade terá vencido e estarão todos mortos. E, se algum humano sobreviver, vai acabar morrendo com vocês, porque precisamos do feromônio Partial. E se evitarmos a guerra? E se encontrarmos alguma informação na central de dados que cure o RM e resolva o problema da data de validade, e cada um seguir com a sua vida? Os dois lados irão viver para se odiarem e cedo ou tarde começar outra guerra. Não vai ser diferente a não ser que a gente mude nossa forma de pensar. Não, Heron, eu não gosto dos seus fatos, da sua atitude, nem da sua explicação hipócrita de que ser racista ou fascista é normal. Droga, cadê a loja? – Dobraram a esquina e Kira viu um letreiro que parecia promissor. Saiu em disparada, sem se preocupar com Heron.

Era um estabelecimento esquisito, uma combinação de *pet shop* com loja de material de construção, mas encontraram tiner, e Kira saiu levando dois galões em cada mão. Heron estava bem atrás dela e também carregou quatro latas do solvente. Voltaram atravessando as ruas alagadas, tomando todo o cuidado para percorrer o exato caminho da ida e evitar qualquer fossa ou desmoronamento.

Quando chegaram, Samm e Afa já tinham conseguido abrir o tanque e Afa testava o contêiner com um vergalhão.

– A resina está quase solidificada. Vai demorar um pouco para dissolver.

– Tem mais algumas latas na loja, se precisarmos – disse Kira, depositando pesadamente as embalagens na grade de metal ao lado do tanque. – Trouxe um funil.

– Primeiro precisamos ter certeza de que é o tanque certo – disse Afa. – Samm encontrou outros neste andar e, pelo jeito do cabeamento, deve haver mais nos andares superiores.

– Não podemos esperar muito tempo – disse Samm. – Precisamos descobrir em qual servidor estão os dados da ParaGen.

– Os registros dos servidores da ParaGen devem estar no escritório da administração, no andar de cima.

Localizaram a escada mais próxima e subiram. Kira estava exultante com a sensação de que finalmente andava fora da água. No segundo andar havia apenas servidores, bem como no terceiro, mas no quarto pavimento encontraram uma série de pequenos escritórios ao longo de uma fileira de janelas sem vidro. Afa colocou a mochila no chão e retirou um Tokamin – uma bateria no formato de celular que fornecia energia perpetuamente, embora em pequena quantidade, e cujos benefícios haviam sido tradicionalmente negados por causa da radiação que o aparelho emitia. O velho mundo não havia produzido mais unidades de Tokamin além das necessárias para a comprovação do conceito, e embora os sobreviventes de Long Island tenham considerado a ideia, acharam que seria perigoso demais. Quando tudo o que restou foi apenas um punhado de humanos, não fazia sentido lhes provocar câncer. Pelo jeito, Afa tinha fabricado o dele; Kira se afastou, bem como Samm e Heron. Quando o homenzarrão apertou o botão para ligá-lo, Kira se encolheu, achando que o aparelhinho pudesse explodir numa nuvem verde de energia, mas tudo o que aconteceu foi o aparecimento de uma pequena luz no canto da bateria. Afa o conectou ao computador em formato de mesa, uma daquelas estruturas de vidro com um suporte preto que Kira tinha visto nos escritórios da ParaGen em Manhattan.

A tela de um metro e meio de vidro transparente piscou: ligado-desligado-ligado-desligado. Uma última luz azul acendeu e o computador começou a funcionar, mostrando-se basicamente uma versão ampliada da tela de mão de Afa. Era como uma janela aberta para outro mundo, substituindo a lâmina de vidro pela imagem de uma floresta verdejante, que de tão real fez Kira estender a mão para tocá-la. Era o mesmo vidro, coberto com partículas de pó e terra, e falhas de *pixels* em alguns pontos. No centro havia um pequeno quadrado luminoso pedindo uma senha, e Afa digitou algumas palavras simples antes de buscar algo na mochila.

– Procurem anotações – ele disse, gesticulando aleatoriamente ao redor da sala. – Setenta e oito por cento dos funcionários de escritórios anotam as senhas em locais próximos aos computadores. – Kira e Samm vasculharam a área atrás de pedaços de papel. No entanto, depois de doze anos de janelas quebradas e da ação de intempéries, o ambiente estava tão desordenado que Kira não contava encontrar muita coisa. Heron dedicou-se a olhar as fotos, virando-as em busca de nomes escritos na parte de trás. Enquanto os três investigavam, Afa retirou um cartão de memória da mochila e inseriu-o na estrutura da mesa. Antes que qualquer um deles encontrasse algo, Afa soltou um riso curto:

– Consegui!

– A senha? – perguntou Kira, levantando o rosto.

– Não, mas as mesas possuem um modo de manutenção e consegui reativá-lo. Não tenho acesso aos dados nem posso fazer qualquer modificação, mas consigo visualizar as configurações e, o mais importante, a árvore de arquivos. – A imagem na tela agora sequer era um desenho, a floresta e os ícones deram lugar a textos rolantes, quebrados em troncos e galhos como uma raiz feita de palavras. Os dedos de Afa corriam sobre essa imagem, ora ampliando-a, ora reduzindo-a, passando por várias listagens com nomes e arquivos. – Perfeito! – ele disse.

– Então, você vai localizar o servidor da ParaGen? – perguntou Samm. Afa confirmou com um gesto de cabeça, sem desgrudar os olhos da tela. Samm aguardou um momento. – Vai demorar muito?

– A menos que tenhamos muita sorte, a noite inteira. Dá para você trazer um pouco mais de molho para *nachos*?

Capítulo Vinte e Três

Samm misturava o conteúdo dentro do tanque e Kira ouviu o agradável som do líquido batendo contra as paredes de metal.

– Parece que estamos prontos.

– Deve ser o suficiente para fornecer energia a todos os servidores deste andar por boa parte do dia – disse Afa. Samm parafusou a válvula bem apertada no tanque de gasolina, todos se afastaram e Afa virou o interruptor. Na quarta tentativa o aparelho deu uma arrancada, endurecido pela falta de uso, e da sétima vez roncou furiosamente e começou a funcionar. No mesmo momento as luzes de emergência se acenderam, pelo menos as poucas lâmpadas que não haviam queimado ou quebrado; pouco depois os alarmes de teto começaram a soar: dois deles emitiram um alerta de emergência de que o fornecimento de energia da central de dados estava comprometido, enquanto o terceiro mal emitia um silvo de ar, criando uma nuvem de poeira.

Heron comprimiu os olhos.

– Vai dar nos nervos.

– Vamos. Não temos muito tempo – disse Afa.

– Você não disse que temos energia para quase um dia inteiro? – indagou Kira.

– Energia, sim, mas resfriamento, não. A instalação da sala ao lado tem a finalidade de refrigerar esta daqui, e está fora de cogitação fazê-la voltar a funcionar. Mesmo que eu consiga, aquela máquina usa algumas substâncias químicas raras, que com certeza você não vai encontrar na loja da esquina. Sem refrigeração, os sistemas dos servidores podem derreter rapidamente.

O servidor da ParaGen estava localizado duas fileiras à frente, próximo ao chão; perto do gerador que o abastecia e a outras oito máquinas. Mesmo com o gerador ativado, os servidores não pareciam estar recebendo suficiente energia para funcionar, por isso Afa pediu a Samm e a Kira que cortassem a energia de todos os computadores que estivessem ligados no mesmo circuito. Kira levou algum tempo para descobrir qual dos muitos cabos era o de eletricidade, mas, uma vez encontrado o primeiro, foi fácil localizar os outros. Ela já tinha desligado vinte computadores quando Afa gritou triunfante.

– Ligou!

Samm ficou de pé para retornar, mas Kira continuou com a tarefa. Já que o fato de ter desconectado a metade havia ajudado, ela acreditava que ficaria ainda melhor se desconectasse o resto; além disso, estava zangada com Samm e Heron e preferia evitá-los. Como podiam ter a mente tão fechada? O racismo havia desaparecido por completo após o Surto; humanos de todas as cores e formas trabalhavam livremente juntos porque literalmente não havia mais ninguém com quem trabalhar. Kira lembrou-se de um incidente, numa vila de pescadores, no qual um homem que ela havia conhecido numa missão de resgate a chamara de “cabeça de turbante”,

por causa da sua cor de pele incontestavelmente indiana. No entanto, ele era um homem tão amargo e solitário, e ela estava tão desacostumada com aquele tipo de ofensa, que aquelas palavras entraram por um ouvido e saíram por outro, e o ofensor virou motivo de piada para ela e seus amigos: *Esse cara existe mesmo?* Em Long Island todos trabalhavam juntos, todos se davam bem, e independentemente de sua aparência, você era um ser humano.

... a menos que fosse um Partial.

Ela parou e, inesperadamente, enquanto segurava um cabo de energia desconectado na mão, viu a situação por outro ângulo. Assim como Samm e Heron achavam-se naturalmente superiores, os humanos consideravam os Partials naturalmente maus – tão diferentes e inferiores, que não eram nem qualificados como pessoas. Até alguns meses atrás ela também pensava assim, mas tudo havia mudado após conhecer Samm.

Samm.

Foi ele quem a convenceu, por meio de palavras e atitudes, de que os Partials eram tão inteligentes e empáticos, tão zangados e fragmentados quanto... os humanos. A constituição biológica podia ser diferente, mas os pensamentos e os sentimentos eram quase idênticos. Ela própria era a maior prova disso: sentira-se humana durante anos – e ainda se sentia. Que diabos ela era? Numa sensação repentina, pesou-lhe cada quilômetro que percorrera de East Meadow até Chicago, cada rio que a separava de seus amigos, cada montanha que se erguia entre eles. Sentiu as lágrimas inundarem os olhos, perguntou-se o que estava fazendo, por que estava ali, o que tentava mudar. Os amigos, as irmãs, Marcus, toda a sua vida, tudo tão feliz e simples. Suas vidas não eram perfeitas, mas eram vidas. Eram felizes. Sentou-se no chão, soluçando sozinha.

O gerador parou de zumbir e de repente a sala escureceu.

Ela ouviu o barulho de botas batendo contra o chão e o grito inesperado de Afa.

– Sumiu!

Kira levantou o olhar a tempo de ver o brilho suave da tela atravessando os espaços entre os computadores e abriu a boca para perguntar o que havia acontecido.

No entanto, antes que pudesse falar, uma saraivada de balas rasgou o ar, apagando a luz com um estilhaçar de vidros. Escondeu-se atrás de uma das máquinas.

As salas dos computadores ficavam isoladas de qualquer interferência externa; não havia janelas, o que significava que o ambiente tornava-se um breu sem as lâmpadas. Sentiu alguns rápidos sinais do *link*, sempre mais fáceis de detectar nas situações de grande estresse: o choque inesperado de uma emboscada, a confusão por não saber de onde partia o ataque, o aviso de um companheiro ferido. Kira tentou ligar os fatos: haviam sido atacados por alguém incrivelmente capacitado, mas quem? Não tinham visto nenhum sinal de que Chicago estava ocupada. Haveria grupos escondidos na cidade? Ou tinham sido seguidos? Por humanos ou Partials?

Kira ainda era terrivelmente amadora quando o assunto era processar as informações recebidas pelo *link*, mas tentou lembrar como se sentira quando Samm e Heron invadiram o esconderijo de Afa, e assim descobrir as emoções por trás disso. Tudo o que percebia agora

parecia estar vindo de Samm e Heron, não dos agressores. Isso significava que eram humanos ou Partials usando máscaras de gás – uma tática comum quando lutavam entre si. Ela permaneceu imóvel, atenta aos ruídos, tentando identificar onde estava cada um deles. O gerador tinha sido desligado, ou totalmente destruído, o que indicava que um dos agressores encontrava-se lá dentro; a tela portátil de Afa tinha sido quebrada, o que a fazia deduzir que um deles deveria estar numa posição privilegiada quando atirou. Isso poderia ser duas fileiras à sua direita, embora não pudesse precisar se estariam na frente ou atrás dela. Teriam atingido Afa? Sentiu algo no *link* sobre um ferido, mas não sabia quem, nem onde.

Alguém se mexeu à sua esquerda: amigo ou inimigo? Ela não sabia dizer; prestou atenção aos passos, tentando prever para onde iam, e ouviu o inconfundível ruído de um sapato molhado. Mas de quem seriam essas botas? A menos que tivessem entrado pelo telhado, os invasores teriam as botas tão molhadas quanto as de Samm e Heron. Provavelmente ainda mais, já que seu contato com a água era mais recente. Essa poderia ser uma pista, mas Kira precisava de mais informações para chegar a alguma conclusão. Tirou as próprias botas bem devagar, sem fazer um único barulho. Em seguida, puxou suas meias molhadas e ficou descalça. Seria a única naquela sala que não faria barulho ao andar.

Outra corrente de dados vinda pelo *link* desenrolou em sua mente – FUI LOCALIZADO –, seguida minutos depois por outra rajada de tiros. Foi possível ouvir um som atrás dos tiros, parecido com o disparo de uma arma. Kira não conseguiu distinguir o que era, mas os tiros cessaram e um corpo caiu pesadamente no chão. Estimou que estivesse a cinquenta metros de distância, atrás dela, à direita. Sentiu uma vontade repentina e confusa de dormir e de não dormir ao mesmo tempo, a qual interpretou como uma nova mensagem do *link*: um dos companheiros havia sido drogado ou sedado. O tiro barulhento que ouvira tinha sido o disparo de um dardo tranquilizante.

Não querem nos matar, pensou. Então, quem gostaria de nos capturar? A doutora Morgan? Mas como ficou sabendo que estávamos aqui?

Kira ficou de pé, pressionando as costas contra um dos computadores. Olhava rapidamente de uma extremidade a outra do corredor em que se encontrava, passando para o próximo o mais discretamente possível. Os pés descalços não produziam nenhum ruído no cimento, mas sentiu pingos gelados nas pernas e olhou decepcionada para baixo; suas botas tinham ficado para trás, mas as calças encharcadas estavam deixando um rastro visível de água, indicando exatamente onde ela estava. Ouviu outro passo atrás dela, à direita. Alguém se aproximava. Ela se abaixou e começou a torcer as calças para retirar o excesso de água. Era quase impossível fazer isso vestida. O passo se aproximou e ela supôs que estava a apenas três corredores de distância. Cerrou os dentes e espremeu a outra perna da calça, secando-a ao máximo. Ouviu outro passo. Ficou de pé, as calças estavam geladas contra as pernas, mas agora não pingavam, e esgueirou-se furtivamente no próximo corredor. Desta vez, não deixou pistas. O objetivo era se afastar o máximo possível do agressor, fugindo por onde ele menos esperasse.

O barulho tomou conta da sala novamente, gritos, rajadas de armas semiautomáticas e o

estalo do metal das torres de computador sendo furado pelos projéteis. Agora, dois corpos caíram e Kira sentiu o delicado aroma do pressentimento chegando pelo *link*: sono, dor e vitória. Seu último companheiro havia sido atingido, mas tinha matado um dos invasores no processo. Estava sozinha e não sabia quantos inimigos ainda restavam lá.

Ouviu passos, mas não identificou de onde vinham. Uma voz, baixa demais para entender. Uma repentina sensação de pragmatismo: encontrar o último alvo e encerrar a missão. Aquilo tinha vindo dela ou do inimigo? Kira sentia-se frustrada por ainda não estar preparada o suficiente. Respirou fundo, ajoelhou-se no escuro, tentando organizar suas ideias: se aquela última impressão era um dado do *link*, então o inimigo era definitivamente um Partial que tinha tirado a máscara de gás. Os Partials operavam em duplas – ela os tinha ouvido constantemente pelo rádio durante a invasão de Long Island –, mas também agiam em equipes maiores, dependendo da missão. Ela poderia estar enfrentando um único combatente ou uma dúzia. O silêncio que imperava na central de dados indicava que apenas uma equipe reduzida havia invadido o lugar; se havia mais elementos, aguardavam do lado de fora.

Pensou um pouco mais, procurando qualquer coisa que pudesse usar a seu favor. Seu fuzil tinha ficado do outro lado da sala, mas a pistola ainda estava com ela. Seria de alguma utilidade? A visão dos soldados Partials é aprimorada, principalmente a noturna; faz sentido que tenham iniciado o ataque cortando a luz, já que possuem meios adicionais de enxergar no escuro, como talvez óculos amplificadores de visão. Isso colocava Kira em desvantagem, mas ela poderia reverter o jogo cegando-os com a luz da lanterna e atirando antes que recuperassem a visão. Segurou a pistola com a mão direita e a lanterna, com a esquerda, apontando-a para a frente e com o dedo no gatilho.

Uma bota havia esmagado alguma coisa e o ruído ecoou pelo silêncio. Um dos invasores havia pisado em algo, provavelmente um estilhaço de vidro do computador de Afa. Será que ele estava bem? Balançou a cabeça. *Concentre-se, Kira*. Se alguém havia passado por cima do vidro do computador, então ela sabia onde ele estava, e poderia encontrá-lo. Ela passou de um computador a outro, mantendo-se abaixada. Logo depois, sentiu algo chegando atrasado pelo *link*: POR ALI. Com certeza era um Partial, usando o *link* para dar as coordenadas em sigilo. Dois contra um. E dois Partials. Eles iriam cercá-la e deixá-la sem ter por onde fugir, enchê-la de tranquilizante e carregá-la de volta para a doutora Morgan.

A menos que...

Lembrou-se do que Samm e Heron tinham dito após a invasão no prédio de Afa: ela podia senti-los pelo *link*, mas o contrário não acontecia. Kira estava apenas começando a aprender a lidar com esse sistema, mas era provável que tivesse apenas receptores e não pudesse transmitir. Seu ponto fraco era agora seu grande triunfo. Podia receber todas as informações, mas os inimigos não captavam nada dela.

Com exceção dos movimentos, pensou Kira, amaldiçoando sua falta de treino em agilidade. *Heron não recebia informações do meu link, mas ela notava quando me mexia*. Kira decidiu mover-se o menos possível. Em vez disso, pegou cuidadosamente um cartucho reserva

de munição do cinto, fazendo o menor barulho possível, e retirou uma bala. Os projéteis eram carregados por molas, que os colocavam em posição a cada vez que uma bala era disparada, então Kira encaixou o dedo na abertura do carregador, travando o funcionamento da mola. Soltou a bala no bolso e repetiu a operação, vagarosamente, prestando atenção em qualquer sinal dos invasores. Retirou a terceira bala. A quarta. Colocava cada uma delas em um bolso diferente para evitar qualquer ruído causado pelo contato entre elas. A garota levantou a primeira bem devagar e a arremessou, formando um arco sobre os computadores e batendo contra a parede do outro lado da sala. Ela estalou contra a argamassa e quicou num computador antes de cair no chão. Pelo *link*, percebeu que os invasores entraram em estado de atenção, alertados pelo barulho; no próximo instante, recebeu um aviso tático: É UMA PEGADINHA. Kira balançou a cabeça, desapontada consigo mesma por ter imaginado que seu plano iria funcionar, mas teve outra ideia. Pegou a segunda bala e a jogou suavemente contra o computador mais próximo dela, ouviu o toque da munição contra a lateral da máquina e o seu rolar pelo concreto. O *link* voltou a funcionar e recebeu a mesma mensagem operacional: OUVI UM BARULHO. É UMA PEGADINHA.

O próximo passo que ouviu seguia na direção contrária de onde ela estava. O truque tinha funcionado. Ela torceu o corpo para o lado, espiando por trás do computador que a escondia. Uma máquina que estava dez fileiras para baixo parecia arredondada na escuridão. Kira supôs que seria o joelho ou o cotovelo de um dos invasores, atrapalhando a silhueta. Deitou-se no chão, arrumando a posição da lanterna e observando a torre deformada. A silhueta moveu-se, expandiu-se e se mostrou por inteira, assumindo uma forma humana quando o Partial saiu detrás do computador. Ele andava para o outro lado, empunhando uma pequena arma, a pistola de dardos tranquilizantes. Kira levantou-se e deslizou atrás dele, pisando com cuidado, para que o seu caminhar fosse o mais silencioso possível. Ele passou dois corredores e ela também; se pudesse manter aquela posição, seria uma excelente distância para acertá-lo com um tiro. Ainda tinha o outro, que ela não sabia onde estava. Todas as vezes que passava por um corredor vazio, corria o risco de ser descoberta.

De repente, seu pé tocou algo e ela travou, sem querer soltar o peso do corpo no chão. Olhou para baixo, vendo o contorno apagado de linhas que formavam curvas e espirais como pequenas cobras, e xingou baixinho. *Este é um dos corredores dos quais tiramos os computadores da tomada*, pensou. *O chão está cheio de cabos*. Moveu o pé para o lado, procurando um ponto seguro para pisar. O lugar era um labirinto de cabos e ela acomodava cada passo estrategicamente, evitando andar sobre os fios: aqui, deste lado, ali, do outro. Cada passada parecia levar uma hora.

O Partial que ela seguia estava cada vez mais longe. Kira pegou a terceira bala e a lançou contra a parede na frente dele. Ele ficou imóvel e ela dobrou o corpo um pouco para a frente enquanto recebia pelo *link* a conversa entre eles: OUVI UM BARULHO. É UMA PEGADINHA. É UMA PEGADINHA? O último pensamento veio tarde demais, quando se virou para atirar nela, Kira já estava posicionada atrás dele, com a pistola semiautomática na abertura

entre o capacete e o colete à prova de balas. Disparou. Ele tombou, disparando o dardo para o teto, e no mesmo instante ela sentiu a mensagem pelo *link*: MORTE. Ouviu o som de passos vindo em sua direção. Mergulhou para o lado, derrubando a lanterna, arrancando o pente de balas do cinto e pegando toda a munição, sem se importar com o barulho. Kira arremessou o punhado inteiro de balas no ar e saiu em disparada quando elas caíram no chão encobrindo o barulho dos seus passos com uma cacofonia de sons metálicos. Ela sentiu lapsos de frustração pelo *link*: SOLDADO CAÍDO. ALVO PERDIDO. RAIVA.

Sem a lanterna e sem mais balas para arremessar, seus truques tinham acabado. Kira revistou os bolsos atrás de algo que pudesse usar, qualquer coisa...

ENCONTREI. MORTE.

Kira rangeu os dentes – como ele a encontrou? Ela não estava no *link*; o primeiro Partial estivera a um metro de distância e não sentira nada!

MORTE.

Sentiu novamente ser tomada pela sensação de morte e xingou em silêncio. *Sou eu*, ela pensou. *Os dados do link são feromônios, partículas minúsculas, e eu estava parada bem ao lado dele quando ele liberou uma nuvem delas. As partículas da morte estão em mim, seguindo-me como uma trilha, e o Partial pode rastreá-las até chegar em mim.* Ela olhou para a pistola, pequena demais para enfrentar um Partial em estado de alerta para um embate corpo a corpo. Não tinha mais nada. *Se pelo menos tivesse a lanterna.*

A bota do Partial estalou contra o chão, ainda mais perto dela. *Tenho uma chance.* Fechou os olhos, lembrando-se da disposição da sala, torcendo para não ter imaginado tudo errado. Abriu os olhos e saiu correndo.

Ela ouviu um leve silvo no ar e algo que passou por ela e só não a acertou por alguns centímetros. Desviou para a lateral, correu por outro corredor e em seguida voltou para o anterior. Outro assobio e um dardo de tranquilizante acertou um computador, bem quando ela passava por ele, fazendo com que Kira se encolhesse involuntariamente. Pulou por cima de um corpo, que parecia ser o de Samm. Havia passos atrás dela, batendo pesado contra o chão. Atiraram contra ela a todo vapor. *Quase chegando.* O Partial sabia que ela tinha perdido, que não tinha para onde fugir. Uma grande figura redonda intensificou-se no escuro e correu na direção contrária, procurando freneticamente no escuro a pesada alavanca do gerador. Encontrou-a e ligou a máquina, voltando para o corredor.

As luzes voltaram e o Partial tropeçou a apenas dois metros de distância, cego pela inesperada explosão de luz que sobrecarregou seu dispositivo de visão noturna. Kira levantou a pistola e atirou três vezes contra o capacete: o protetor rachou, partiu-se ao meio, e a bala entrou direto na cabeça. Ele caiu como um saco de areia.

MORTE.

Capítulo Vinte e Quatro

Afa tinha levado um tiro na coxa – o único que havia sido realmente uma bala. Os outros eram dardos de tranquilizantes, cujo objetivo era incapacitar as vítimas. Como a mesma bala havia estourado a tela de Afa, Kira ficou pensando em qual havia sido o verdadeiro alvo: o homem ou os dados arquivados? Os Partials os seguiram até ali para capturá-los ou para evitar que descobrissem o que havia nos computadores? Ou teria sido por ambos os motivos?

Talvez não fosse nada disso. Olhou para Heron, que recobrava lentamente a consciência. Ela atirara em Afa? Teria sido Samm? Por que eles fariam isso, e justamente naquele momento? Se estavam combinados com os agressores, por que usar o subterfúgio de ficar dopado? Isso apenas faria sentido se soubessem que iriam perder, mas então, por que se dar ao trabalho de atacar? Kira sabia que não fazia sentido. A explicação mais plausível era a de que os Partials tinham vindo para matar Afa e capturar os outros. Mesmo assim, não conseguia espantar completamente as dúvidas que pairavam no ar. Como os Partials poderiam tê-los encontrado se não com a informação fornecida por alguém? Ela ralhou consigo mesma por não ter mantido um deles vivo para interrogatório, embora tivesse de admitir que, mesmo matando os dois, ela quase tinha morrido.

Terminou o curativo em Afa enquanto ele ainda estava inconsciente, e examinou cada um dos inimigos, retirando suas armas e contando as balas. A pistola de um deles tinha uma bala a menos. Kira não sabia dizer há quanto tempo a arma tinha sido disparada, mas era muito difícil que um soldado treinado entrasse em combate sem ter o pente de munição completo, então deduziu que provavelmente o tiro que acertara Afa tinha partido daquele Partial. No entanto, “provavelmente” não era o mesmo que “certamente”.

– Recolhendo munição? – perguntou Heron. Kira se virou e deu de cara com a espia Partial parada atrás dela, tinha a aparência desalinhada, mas alerta. Kira introduziu o pente de volta na pistola e a jogou sobre o peito do Partial caído.

– Este aqui atirou em Afa – disse, colocando-se de pé. Tentava manter a conversa num tom de curiosidade despreocupada. – Por que você acha que tentaram matar Afa e nos sedar?

– Provavelmente o alvo era a tela do computador, para eliminar a luz. Não estávamos preparados para o escuro, mas eles sim. Um procedimento padrão nas emboscadas. Os dardos de tranquilizantes não têm o poder de destruir um vidro como aquele.

– Faz sentido – admitiu Kira, e era verdade. Talvez Ela balançou a cabeça. – Atirar na tela do computador era meio caminho andado para acertar Afa. Se eles nos queriam vivos, por que correr o risco de atingir Afa com algo letal?

Heron tirou o capacete da garota Partial. Era chinesa como Heron e deslumbrantemente bonita.

– Uma espia. Com certeza.

– Quantos? – perguntou Samm, saindo detrás de um computador, ainda tentando se livrar dos efeitos da droga; estava grogue e sua fala, arrastada. Kira acrescentou “recuperar-se de sedativos” à longa lista de coisas nas quais Heron era melhor do que os outros Partials. *Ela não estava brincando quando disse que fora projetada para ser superior.*

– Três. Uma espã e dois soldados – respondeu Kira, olhando para o corpo morto da garota. – Bem, acho que são três, embora eu obviamente não esteja tão familiarizada com os modelos quanto... opa! – Kira abaixou-se ao ver algo estranho embaixo das mechas do cabelo da Partial. Afastou os fios e viu três pequenos cortes no pescoço dela. – Heron, você tem guelras?

Ela ajoelhou-se, virando o pescoço da Partial para examiná-lo.

– É da Morgan – ela disse. – Operadores especiais, modelo completo, com as recentes adaptações feitas por ela. Verifiquem os outros. – Tiraram os capacetes dos homens e encontraram as mesmas guelras. Heron assobiou. – Não são exatamente soldados. – Disse olhando para Kira. – E você matou os dois?

– Eu escapei por um triz – disse Kira. – Parece que estão usando vestes de mergulho por baixo do uniforme de combate. Você acredita que vieram nadando? Estamos na beira do lago Michigan, e a menos que existam tubarões falantes de água doce sobre os quais vocês não me contaram, viajar pela água teria sido muito mais seguro do que por terra.

– Parte do caminho, sim – respondeu Samm. – Ainda teriam de atravessar o estado de Michigan a pé, que é muito largo para ser contornado.

– Parecem perfeitamente capazes de respirar fora d’água. Podem ter feito as duas coisas – respondeu Kira.

– A conta não fecha – disse Heron. – Se eles nos seguiram desde Manhattan, não teriam tido o cuidado de enviar agentes anfíbios, pois não poderiam adivinhar qual era o nosso destino. Tudo o que sabiam é que estávamos seguindo para as planícies ou para as terras tóxicas do oeste. Mas se Morgan tivesse um posto de guarda aqui em Chicago, que tipo de agente seria o mais indicado para vigiar uma cidade inundada do que o anfíbio?

Kira concordou com um sinal de cabeça.

– Isso é verdade. Ou... – Ela parou, decidindo não apresentar a outra explicação tão descaradamente: *Ou um de vocês é um espã e usou o nosso rádio para informar exatamente onde nos localizávamos e para onde estávamos indo.*

– Ou o quê? – indagou Heron.

– Nada.

Kira fitou novamente as guelras, evitando o olhar de Heron, embora o toque sutil do *link* indicasse seus sentimentos: FALTA DE CONFIANÇA. FICAR EM GUARDA.

CONFUSÃO. Kira estava certa de que a última mensagem tinha vindo de Samm, e sentiu-se aliviada. Se ele estava confuso, então não fazia parte daquilo. Ela teria de encontrar uma maneira de conversar em particular com ele antes que Heron o fizesse.

– Tirem os equipamentos. Vou esconder os corpos em um armário no andar de cima – disse Samm. Heron e ele começaram a limpar a sujeira, mas Kira voltou para ver Afa.

Respirava melhor graças aos anestésicos que ela havia lhe dado, mas continuava inconsciente. Os estilhaços da tela repousavam ao lado do corpo, o dispositivo portátil cinza estava conectado ao servidor por um cabo. Parecia uma versão da mesa de vidro: o monitor era o vidro, enquanto o processador e a memória localizavam-se na estrutura da mesa; nesse caso, ficava no dispositivo ao lado. O servidor em si parecia impecável, e, pelo pouco que ela entendia, a transferência de dados não tinha sido interrompida, despejando todos os segredos da ParaGen no dispositivo portátil. Sem a tela, entretanto, não seria possível fazer a leitura.

Estamos numa central de dados, pensou. O local está cheio de computadores de uso comercial e, já que todos que trabalhavam aqui provavelmente eram geeks[4] como Afa, com certeza haverá mais dispositivos. Deve existir outra tela em algum lugar. Kira foi novamente conferir como Afa estava e varreu os cacos de vidro para longe dele antes de se dirigir para os escritórios do andar de cima. Começou sua busca nos escritórios das pontas, os de maior prestígio, torcendo para que tivessem mais de um computador. Mas não encontrou nada: várias estações de acoplamento, mas nenhuma tela para se conectar a elas. *São projetadas para serem portáteis, pensou. Qualquer pessoa que tivesse uma tela a teria levado para casa.* Procurou em todos os escritórios maiores antes de verificar as minúsculas estações de trabalho. O mobiliário a fez lembrar dos escritórios de Manhattan e ela teve um pressentimento. Saiu dos cubículos e foi até os cômodos dos fundos, procurando qualquer coisa que tivesse as iniciais TI, como as que encontrara na porta do escritório de Afa. Tecnologia da Informação. Finalmente, encontrou um escritório de TI no primeiro andar, submerso na água, que tocava a altura dos joelhos. O diretor do departamento ainda estava lá, morto na sua mesa de trabalho; a parte superior do corpo estava coberta de secreção e abaixo restavam apenas os ossos. Kira prendeu a respiração e começou a mexer nas estantes; finalmente encontrou uma tela um pouco menor que a de Afa na gaveta da escrivaninha. Correu para fora do escritório, mal conseguindo respirar, e fechou a porta. Antes de continuar, fez questão de se lavar com a água limpa de fora do edifício. Depois, encontrou Afa consciente.

– Destruíram a minha tela – disse ele. Sua voz era suave e sem vida. Havia regressado ao estado de “criança confusa”. Kira suspirou, consciente de que seu comportamento era inevitável após um ataque como aquele; sentou-se ao lado dele para confortá-lo e ele a fitou com olhos de preocupação.

– Cadê minha mochila?

– Está bem ali – respondeu Kira, tomando seu pulso. Elevado, mas normal. – Como se sente?

– Minha tela levou um tiro – respondeu, tentando se levantar. Afa gritou de dor no instante em que apoiou os pés no chão, caindo novamente.

– Esqueça a tela. Consegui uma nova, mas você levou um tiro. Precisa ficar quieto.

– Preciso da minha mochila.

– Você levou um tiro na perna, Afa...

– Preciso da minha mochila! – Seus olhos tremeram, à beira das lágrimas. Kira foi

buscar a sacola e pensou que talvez ele tivesse outra tela guardada, o que a teria poupado de todo aquele tempo em companhia do cadáver do diretor de TI. Ela arrastou a mochila até Afa, que a apertou contra o peito, embalando o corpo para a frente e para trás. – Não posso nunca esquecer a mochila. Sou o último ser humano no planeta.

– Ele não está bem – disse Samm. Kira fez um sinal afirmativo com a cabeça, cansada demais para se preocupar com o que Samm pensava sobre Afa naquele momento, mas ele tinha razão.

– Refugiou-se dentro da própria mente. Vai levar algum tempo até conseguirmos tirá-lo de lá.

Samm aproximou a cabeça do servidor, que estava com o dispositivo portátil ainda conectado nele.

– Pegamos tudo? – perguntou Samm.

Kira levantou o dispositivo. Uma luzinha verde continuava acesa na parte de cima.

– Não sei. Tenho medo de desligá-lo porque a transferência ainda pode estar em curso.

– Quanto tempo leva?

Kira deu de ombros, apontando para Afa. – A única pessoa que sabe está entoando cantigas de ninar para a mochila no momento. E está perdendo sangue. Preciso ajudá-lo e não tenho antibióticos. A minha calça está encharcada com os restos de um morto; realmente queria que muitas coisas tivessem acontecido de outro modo. – Kira respirou fundo, surpresa com o desabafo.

– Você tem estado sob muita pressão ultimamente – disse Samm.

Kira sentiu os olhos marejados, e secou uma lágrima antes de ela cair.

– Tenho. Alguma outra novidade?

Samm ficou em silêncio mais alguns instantes e pegou a tela que ela havia encontrado no andar de baixo.

– Acha que podemos conectar esta tela naquele outro computador?

– Tem só uma entrada – respondeu Kira, enxugando os olhos e endireitando a coluna. – Não podemos usar a tela nova até desconectar o servidor, mas não quero mexer nele se a transferência dos dados não tiver terminado.

– Então vamos estabelecer um perímetro e passar a noite aqui. – Ele olhou ao redor; por todos os lados as torres de computadores bloqueavam a visão. – Porém não podemos ficar aqui. Não é seguro. Além do mais, o gerador foi danificado na batalha. E o exaustor. O local está ficando impregnado com os vapores do tiner queimado – concluiu Samm.

– Que maravilha! – ironizou Kira. – O que está ruim sempre pode ficar pior.

Samm ficou de pé e estendeu a mão para Kira. Ela aceitou a ajuda, levantou-se ficando frente a frente com ele. Eles não desviaram os olhares. E Kira sentiu... *algo*. Ainda continuava difícil interpretar o *link* em algumas situações.

Samm foi o primeiro a desviar o olhar.

– Vou segurá-lo pelos braços – disse, colocando-se atrás de Afa. – Vamos levá-lo para

algum lugar seguro.

Às duas da madrugada, Kira acordou sobressaltada, certa de que algo errado estava acontecendo. Olhou ao redor desesperadamente e agarrou a arma.

– Quem está aí? Estamos sendo atacados?

– Calma, Kira – disse Heron. – Foi o gerador que parou de funcionar. O barulho provavelmente acordou você.

– Vou dar uma olhada.

– Deve ter acabado a gasolina. Não vamos conseguir religá-lo tão cedo.

– Então vou buscar o dispositivo. Se conseguirmos todas as informações que procurávamos, prefiro tê-las aqui comigo a deixá-las sozinhas lá embaixo.

– Leve a arma – aconselhou Heron. Sua expressão era indecifrável na escuridão, e o *link*, pelo que Kira podia perceber, estava silencioso.

– Obrigada.

Kira verificou o pulso e a respiração de Afa, naquele momento já quase por reflexo, depois desceu. O gás tóxico era mais pesado do que o ar, por isso o andar mais alto era também o mais seguro. Ligou a luz na ponta do fuzil, agradecida por tê-lo para abrir caminho à sua frente no caso de realmente ter alguém esperando por ela lá embaixo. Os corredores estavam escuros, as escadas, vazias, e o edifício, silencioso, à exceção de um ruído baixo de água pingando. Torres de computadores se avultavam ao redor; a luz da lanterna bailava sobre elas projetando sombras compridas nas paredes. O cenário sinistro tornava-se ainda mais ameaçador por causa das manchas de sangue da batalha. Kira andava gentilmente, segurando a respiração ao passar entre as colunas. Os gases espiralavam-se em suas tíbias e tornozelos, e o ar tinha um cheiro amargo. Encontrou o dispositivo portátil, tirou-o do servidor e voltou para cima o mais rápido que a sua coragem permitiu. De volta ao acampamento, sentou-se sobre o saco de dormir e conectou o aparelho à nova tela.

– Você já vai ler? – perguntou Heron.

– Esperar por quê?

– Boa pergunta – respondeu a Partial, sentando-se atrás dela e espiando por cima dos ombros.

Kira piscou quando a tela acendeu e regulou a luminosidade a um nível aceitável. Um pequeno ícone no centro da imagem avisava que o servidor ainda tentava ler o novo dispositivo, e ela prendeu a respiração, apreensiva, enquanto o hexagrama girava; ele parou, mas logo voltou a rodar.

– Ah, vamos logo – murmurou Kira.

Um minuto depois o hexagrama parou de girar: CONEXÃO COMPLETA. Kira clicou na pasta e começou a rolar a lista gigantesca, até desistir, por fim, e abrir a janela de busca.

– O que estou procurando?

– A Verdade? – sugeriu Heron. – RM? Data de Validade? Seu próprio nome?

Kira digitou K-I-R-A e solicitou a pesquisa. O pequeno hexagrama girou, mas não encontrou nada.

– Como assim?

– Tente com outro nome – disse Heron.

– Vou colocar o do meu pai. – E digitou o sobrenome D-H-U-R-V-A-S-U-L-A. O hexagrama iniciou seu rodopio, a máquina processou rapidamente, e em pouco tempo os resultados começaram a chegar, pasta após pasta, tantos que Kira não conseguia nem ler os títulos. Interrompeu a busca com 3.748 resultados. – Vamos ter de refinar a pesquisa. Que tal... – Ficou pensativa, mordiscando os lábios, então digitou uma nova palavra:

F-A-L-H-A S-E-G-U-R-A

O hexagrama rodopiou. Doze resultados. Ela abriu o primeiro arquivo e descobriu tratar-se de um e-mail enviado ao seu pai por Bethany Michaels, chefe do departamento financeiro da ParaGen. Kira leu-o em voz alta:

– O governo tem uma última solicitação para o exército de BioSynths; um tipo de dispositivo de falha segura. Eu sei que você insiste na incontestável lealdade dos BioSynths, cujo comando está num *chip* dentro do cérebro deles, mas acredito que seja uma solicitação razoável, dada a capacidade dos supersoldados, que, diga-se de passagem, não podemos ignorar. Associado a esse exército projetado de forma artificial, precisamos de um vírus planejado também de maneira não natural. Se houver algum mau funcionamento no exército, uma rebelião ou qualquer outra situação que fuja ao nosso controle, precisamos poder apertar o botão e, basicamente, desligá-los. Precisamos de um vírus que destrua os BioSynths sem causar danos a qualquer outra pessoa. Tenho a plena convicção de que a sua equipe não terá dificuldades com o projeto nem com a sua implementação.

Kira olhava fixamente a tela.

– O FS é o RM – disse Heron. – A ordem partiu do seu próprio governo.

A voz de Kira era um sussurro.

– E matou as pessoas erradas.

Capítulo Vinte e Cinco

Não foi difícil ser capturado pelos Partials. Marcus e Ariel recolheram os equipamentos e começaram a caminhar pela rodovia mais ampla que encontraram. Em menos de duas horas foram pegos por uma patrulha. A equipe de dois homens revistou ambos, confiscou as armas e marchou com eles em direção a East Meadow. Alguns quilômetros à frente, depararam-se com um caminhão. Com metade da sua capacidade ocupada por prisioneiros humanos, o veículo os levou até o destino final. Todos estavam sentados em silêncio, com os rostos entorpecidos de medo; diante da perspectiva de uma ocupação Partial, Marcus não precisou fingir seu próprio temor. Eles se deixaram capturar de propósito, mas não tinham a menor ideia do que os Partials planejavam fazer com os prisioneiros. Quando chegaram em East Meadow, foram retirados do caminhão, passaram por outra revista e foram interrogados. Marcus parecia não ter sido reconhecido, ou então não deram a mínima. Próximo da meia-noite, foram soltos na cidade, apenas com a roupa que carregavam nas mochilas. Encontraram uma casa vazia onde se esconderam até a manhã seguinte.

Preocupados, não arriscaram ir à casa de Nandita até a noite seguinte, pois poderiam estar sendo seguidos; quando chegaram ao local, notaram que os Partials já tinham passado por lá e revirado tudo por vingança. Rebuscaram meticulosamente em cada canto e recanto da habitação.

– Ficaria surpreso se tivesse sobrado alguma coisa – disse Marcus. Mesmo assim, vasculharam a casa na esperança de descobrir algum sinal dos planos de Nandita que os Partials tivessem deixado de lado, se é que eles sabiam o que realmente estavam procurando. Passaram dias na casa vazia, revirando-a cuidadosamente e em total silêncio; à noite, escondiam-se em alguma moradia dos arredores, uma diferente a cada noite; faziam tudo o que podiam para permanecerem invisíveis.

As pessoas que atraíam muita atenção para si acabavam mortas nas sessões de execução noturna.

O quarto de Nandita foi o primeiro cômodo que revistaram: olharam dentro de todas as cômodas e no guarda-roupas, nas caixas embaixo da cama, nos espaços entre a penteadeira e o espelho, e mesmo entre os colchões e nos bolsos internos dos casacos. Em seguida, vasculharam a estufa, embora na ausência da dona o local tenha sido tomado pela sempre crescente coleção de ervas e brotos de Xochi. Quando não acharam nada lá, partiram para o resto da casa; abriram todas as gavetas e armários, e por fim arrancaram as tábuas do piso, rasgaram o estofamento e cavaram buracos no jardim. Não encontraram nada.

Dias depois, Marcus disse:

– Acho que vamos ter de encarar o fato de que os registros dos experimentos não existem ou não estão mais aqui – e apoiou-se pesadamente contra o balcão da cozinha.

– Eles existem – garantiu Ariel. – Eu os vi.

– Talvez Nandita tenha levado as anotações com ela – disse Marcus, olhando para o buraco que haviam acabado de fazer na parede da cozinha. Nandita havia refeito o estuque há cerca de um ano, o que aparentemente passou despercebido para os Partials. Mas quando os dois jovens estouraram o local não encontraram nada além de pregos soltos. – Pode ser que ela tenha ido embora para continuar os estudos ou analisar o resultado das pesquisas.

– Ou para esconder tudo – disse Ariel. – Quem sabe tenha sido para destruí-los; de toda forma, não saberia dizer o que a teria levado a fazer isso.

Marcus balançou a cabeça em sinal de confusão.

– Você está querendo dizer que ela partiu por livre e espontânea vontade. E se ela foi sequestrada? Ela e os registros? Isso parece... – Marcus interrompeu a sentença na metade e deu um riso seco. – Eu ia dizer que isso parece paranoia, mas nas atuais circunstâncias, pode até ser verdade. Acho que nada mais me surpreende.

Ariel concordou: – Se a tivessem levado, não teriam voltado atrás dela, não é?

– Existem várias facções Partials – disse Marcus. – Pode ter sido um grupo rival de Morgan.

– Nandita e Morgan estavam fazendo pesquisas com Kira. Pelo que sabemos, as duas trabalhavam juntas – lembrou Ariel.

– Eu tive essa impressão quando Heron me confrontou, embora ache que ela não seja uma das fontes mais confiáveis. Mas pense bem: até onde sabemos, as recentes pesquisas de Morgan com Kira foram uma simples coincidência. Ela somente queria uma garota humana, não planejou capturar uma específica.

– Isso é o que você sabe – disse Ariel.

– É o que sabemos – Marcus aceitou –, mas eu estava lá. Vi Kira passar pelo processo, tomando todas as decisões naquele estilo particular dela. Se Morgan estava atrás de alguém em especial, poderia ter invadido a ilha como está fazendo agora, e não armar um jogo ridículo para persuadi-la a ir ao continente por vontade própria.

– E a foto da qual você falou? – perguntou Ariel. – Você viu Kira e Nandita juntas antes do Surto, o que, por si só, é bastante estranho; além disso, elas estavam em frente ao prédio da ParaGen. Isso não acende uma enorme luz vermelha de alerta? Deve ter muito mais coisas por trás dessa relação.

– Como o quê? – Marcus perguntou. – É claro que é suspeito, mas o quê? Há semanas venho tentando entender o significado de tudo isso, foi a razão pela qual vasculhei cada canto da sua casa, mas qual é o sentido? A foto de Kira na frente do prédio da ParaGen significa que ela é diferente? Muitos de nós temos algum tipo de modificador genético adquirido quando éramos criança. Será que o de Kira é especial? Eu concordo com tudo que você disse, Ariel, mas, sinceramente, ainda não compreendi o sentido de tudo isso. – Ouviram um ronco e de imediato identificaram o ruído de um motor, muito provavelmente o de um bem grande. Os Partials trouxeram os veículos motorizados de volta a East Meadow graças à abundância de recursos e

fontes energéticas de que dispunham, e os humanos haviam aprendido a reconhecer o som de um carro da “polícia” Partial se aproximando. Jogaram-se no chão, na tentativa de simular que o lugar estava vazio. Funcionou.

– Essa foi por pouco – disse Ariel. – Acho que sabem que estamos usando esta casa.

– Do que mais você se lembra das anotações que encontrou na estufa de Nandita?

– Já disse. Estava escrito “Madison: Controle”. Havia muitas informações sobre condição física, peso, altura e pressão arterial. Eram anotações feitas ao longo do tempo. Madison e eu tínhamos entre dez e onze anos, estávamos entrando na puberdade, então as mudanças eram muitas. Mais da metade das notas tratava sobre questões químicas. Provavelmente sobre as ervas. Em algumas delas havia uns rabiscos sobre as diferentes propriedades dessas plantas, e as gotas que ela colocava no chá, cada dia com uma composição diferente. Ela estava tentando encontrar a combinação certa para... alguma coisa. Não sei. Para o “Controle”, não sei o que isso quer dizer.

– Merda! – desabafou Marcus, olhando fixamente para o chão. Fechou os olhos, balançando sutilmente a cabeça ao se dar conta do que estava acontecendo. – Merda! Merda e mais três vezes merda!

Ariel sorriu.

– Olha a boca, Sr. Valencio!

– Não se trata de controle – disse Marcus, olhando para Ariel. – O que você conhece do método científico?

– Conheço o que vi.

– Tenho certeza que sim, mas você tinha dez anos e não sabia como interpretar as anotações. Quando um cientista faz uma experiência, usa pelo menos dois sujeitos: o que está em tratamento, com quem ele faz todo o tipo de coisas, e o de controle, no qual ele não mexe. O controle serve de referência, por isso, nesse sujeito as condições da experiência são mantidas inalteradas: ele só é observado, sendo uma base de comparação ao sujeito em tratamento. Nandita poderia estar usando Madison como controle para ajudar a compreender suas observações sobre Kira.

– Era a primeira vez que ela criava uma filha – observou Ariel, acompanhando a linha de raciocínio de Marcus.

– Quando Kira fazia algo estranho, Nandita não tinha como saber se era anormal porque todas as crianças são estranhas, ou se era estranha por causa de... seja lá o que for que ainda não sabemos.

– Então formávamos o grupo de controle – disse Ariel. – Três controles contra um tratamento. – Contraiu a expressão, pensativa. – Faz sentido, mas não responde às nossas perguntas. Não sabemos o que ela estava testando nem o motivo. Muito menos o que isso tem a ver com a ParaGen.

Marcus deu de ombros.

– Existem apenas três pessoas que sabem as respostas – disse ele. – Kira, Nandita e a

doutora Morgan. Aposto o que você quiser que a doutora Morgan sabe alguma coisa, caso contrário, não estaria devastando a ilha para encontrar as outras duas.

– Bem, eu não vou perguntar para ela – disse Ariel.

– E Kira não me conta nada. Tenho conversado alguns segundos com ela, uma vez por semana. O sinal de onde me liga é muito ruim.

Ariel olhou para a casa saqueada, que agora mais parecia um ferro-velho do que um lar.

– Se Nandita apareceu em algum lugar, os Partials chegaram nela antes de nós. Mesmo que a gente encontre alguma pista de seu paradeiro, há semanas que estamos atrás deles, e somos apenas dois. Não existe a menor chance de encontrarmos Nandita antes deles.

– Ainda não é hora de desistir – disse Marcus, balançando o rádio. – A maioria das notícias que ouço é sobre batalhas Partials. Existe uma facção atacando o grupo de Morgan.

– Então seremos esmagados entre dois exércitos Partials? – perguntou Ariel. – Pensei que você estivesse tentando me animar.

– O que estou dizendo é que eles estão distraídos. Não podem canalizar toda a energia apenas na tarefa de encontrar Nandita, porque gastam metade do tempo lutando contra outros Partials.

– E nós gastamos quase todo nosso tempo nos escondendo dos Partials. Eles ainda estão na nossa frente.

Marcus soltou uma lufada de ar, murchou ao se apoiar novamente contra o balcão da cozinha e fitou o chão.

– Estava buscando um lado positivo, mas acho que não sobrou nenhum. – Ele brincava com o pé, empurrando os pedaços de estuque no chão. Uma ideia começou a tomar forma em sua cabeça. – Talvez exista, sim.

– Um lado positivo?

– Existe um segundo exército Partial.

– Esse é o pior lado positivo que já ouvi falar – disse Ariel, levantando as sobrancelhas.

– Não! – exclamou Marcus, cada vez mais animado. – Pense bem: a doutora Morgan reuniu um massivo exército para invadir a ilha e nos fazer reféns, e outro exército Partial está atacando-a por esse mesmo motivo. Os Partials não partem para cima se não tiverem uma razão. Eles são soldados, não são bárbaros. O único motivo para atravessar o mar e atacar Morgan é para detê-la, e a única explicação para isso é que discordam dela.

Ariel franziu o rosto em sinal de ceticismo.

– Então o segundo grupo de Partials está do nosso lado?

– Se A odeia B e C odeia B então A e C são aliados. Trata-se de... ética provisória da propriedade do campo de batalha. Acabei de inventar. Mas é verdade – disse Marcus.

– O inimigo do meu inimigo é meu amigo – resumiu Ariel.

– Eu sabia que tinha um jeito mais fácil de dizer isso.

– E como isso vai ajudar a gente? – indagou Ariel. – Tenho certeza de que um de nós pode distrair uma patrulha Partial para que o outro escape de East Meadow, mas e depois? Subir

para a região mais ocupada da ilha, ao norte, para dentro de um campo de batalha entre as facções Partials, e torcer para conseguir distinguir entre um grupo e outro? Você vai estar de volta em vinte e quatro horas, se ainda estiver vivo.

– Saímos da ilha. Deixamos a luta para os soldados e agimos nos bastidores, conversando com os líderes – explicou Marcus.

– Seu plano é simplesmente chegar no continente e conversar com um grupo Partial?

Marcus riu.

– Quem você pensa que sou? A Kira? Não vou fazer isso sozinho. Vou falar direto com os senadores.

– Eles fugiram da cidade durante a invasão. O que o faz pensar que pode encontrá-los?

– O senador Tovar era o líder da Voz, e eu sei onde eles se escondem. Apenas me ajude a sair de East Meadow. Preciso chegar ao aeroporto JFK.

Capítulo Vinte e Seis

Kira olhou para os outros do grupo, tentando acreditar nas próprias palavras.

– O FS era o RM. Criado pela ParaGen a pedido do próprio governo com o objetivo de controlar o exército Partial.

Samm exibiu uma expressão solene.

– Projetado para matar os Partials? – ele disse.

– Um botão da morte – disse Heron. – Caso os Partials fugissem do controle, *boom!*

Bastava ativar o FS, problema resolvido.

– A ideia é boa – disse Afa, bastante sedado com os anestésicos, porém relativamente lúcido. Seus pensamentos pareciam coerentes, mas a voz empastava e a timidez, se é que era tímido, havia desaparecido. – Deixando de lado o genocídio, óbvio. Sem ofensa.

– Você é um amor – disse Heron, mas a expressão em seu rosto dizia o contrário.

– O FS está embutido em nós – disse Samm. – Um botão biológico de autodestruição.

– Que matou as pessoas erradas – disse Afa.

– Não é bem assim – disse Kira. Ela levantou o computador e correu pela tela a árvore de arquivos, procurando uma em particular; ao encontrar, exibiu-a para todos: – Este aqui é um e-mail em cachê, de um pouco antes de estourar a epidemia de RM. Em anexo havia um artigo sobre o surgimento de uma doença misteriosa, cuja origem era totalmente desconhecida. Não há informações de quando exatamente o FS foi ativado, nem por quem, mas o meu palpite é de que o vírus foi ativado três dias antes deste e-mail. Nandita enviou a mensagem ao meu pai. – Kira começou a ler a notícia. – Nova superdoença mata sete humanos em San Diego. Mais doze casos podem estar relacionados. – Levantou o olhar. – No e-mail está escrito apenas: “Mais rápido do que imaginamos” e não “Ah, não! Está atingindo as pessoas erradas”. Diz apenas “Mais rápido do que imaginamos”.

– Talvez a intenção fosse mesmo a de atingir os humanos – disse Samm. – Mas não faz sentido.

– Nenhum – respondeu Kira. – Ainda não estou convencida disso, estou apenas levantando uma possibilidade.

– Vocês vão ficar especulando em cima de cada informação que encontrarem? – indagou Heron. – Ou apenas dessa? Me avisem quando devo voltar a prestar atenção na conversa.

Kira revirou os olhos mentalmente, controlando-se para não fazê-lo de verdade.

– O problema é esse – disse Kira. – O resto das informações é transparente. Não temos a fórmula do vírus, mas sabemos como foi criado: projetaram as glândulas de feromônios, responsáveis pelo funcionamento do *link*; os feromônios são os esporos do vírus, lançados no ar quando acionados por uma substância química em particular. Também sabemos porque o

criaram: preocupados com uma revolta do exército Partial, buscavam uma maneira rápida de reprimi-la. Não foi uma decisão das mais éticas, mas vejam... – Kira colocou a mão sobre a tela brilhante. – Há arquivos em que estão registrados o debate entre os cientistas; em outros arquivos, estão planejando o vírus. Há também registros de conversas que discutem detalhes do contágio, nas quais investigam a rapidez com que o vírus se espalharia. As discussões giravam em torno dos Partials, só que o vírus acabou atacando os humanos. Não há literalmente nenhuma mensagem em todo o lote que relate o quanto isso tudo foi estranho. Pelo menos, nenhum e-mail enviado por algum membro da Verdade. Há um assinado por Noah Freeman, o CEO da ParaGen, enviado ao Conselho de administração, que sustenta essa versão. – Kira colocou o e-mail na tela e começou a lê-lo. – “Não podemos confirmar que a equipe Partial esteja trabalhando para prejudicar o projeto do dispositivo Falha Segura (FS); portanto, na dúvida, contratamos uma equipe nova de engenheiros para embutir o FS nos modelos novos. Caso a equipe Partials nos traia, o dispositivo continuará a ser montado”.

– Confirma o que você acabou de dizer – observou Samm.

– Sim. Sabemos que a Verdade fabricou o RM dentro do genoma Partial, e o e-mail diz que os diretores estavam cientes da operação. Mas sabemos também que, secretamente, a Verdade embutia cura nos próprios Partials. Nenhum e-mail menciona qualquer discussão entre a Verdade e seus chefes. Nesta mensagem do CEO fica subentendido que eles conheciam a intenção da Verdade de minar o FS, apenas não sabiam como o grupo fazia isso. O “minar” deve significar curar. Essa palavra é usada algumas vezes, mas somente na correspondência entre os membros da Verdade, e de forma criptografada. Sem o Afa para decifrar o código, a leitura teria sido impossível.

– Usaram um Paolo-Scalini de nível seis... – Afa começou a explicar.

– Quem liga para isso! – ralhou Heron. – O que chama a atenção é o fato de ser mantido em segredo. Não queriam que os chefes soubessem que tramavam um segundo FS para sabotar o FS original.

– O que parece provar que o primeiro dispositivo FS foi projetado para atacar os humanos de propósito – disse Samm. – Se ele fosse uma mutação, a cura pré-fabricada não seria capaz de detê-lo.

– Exatamente – disse Kira, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. – As peças se encaixam de forma tão perfeita que não pode ser uma coincidência.

– E a data de validade? – perguntou Heron. – Essa é claramente outra razão pela qual viemos aqui, não é? Algum e-mail explica como desativá-la?

– Esse é outro assunto que parece ter sido mantido em segredo – respondeu Kira. – Usavam sempre e-mails codificados. Alguns membros da Verdade sabiam disso; outros, como Morgan, aparentemente, não. Seria necessário passar semanas lendo as conversas entre os membros da Verdade para saber avaliar o motivo disso.

– Provavelmente porque alguns deles eram contrários – disse Samm. – Você comentou que havia divergências sobre o FS, certo? Nesse caso é possível supor que alguém não

concordasse com a data de validade.

Kira assentiu com a cabeça.

– Sim. Meu pai, por exemplo, considerava impensável criar novas formas de vida que viessem com um dispositivo para matá-las. – Ela não pôde deixar de sorrir diante da bondade do pai, sabendo que ele se opôs ao que ela odiava tão intensamente. Mesmo sabendo que eles não tinham vínculo biológico, ou talvez até por conta disso, esse tipo de conexão ganhava ainda mais valor.

Afa balançou a cabeça, quase compulsivamente, desenhando figuras no chão enquanto ela falava.

– Então, a Verdade tinha um plano que a ParaGen desconhecia. Em todo caso, sabemos que havia divergências entre eles ou, pelo menos, que cada um tinha um objetivo que não compartilhava com o outro – explicou Afa. – Quem sabe eram as duas coisas. Ou algo no meio do caminho.

– Certo. Ao menos existia um plano – disse Kira.

– Mas e o prazo de validade? – insistiu Heron. – Você mencionou que encontrou informações nos arquivos. O que era?

– Apenas teorias e projeções. – Kira levantou a tela. – Pode ler, se quiser. Longas discussões sobre a necessidade da data de validade nos Partials e de quanto deveria ser a expectativa de vida. Como deveria funcionar e quem iria construir. E assim por diante. Mas não há fórmulas, códigos genéticos ou detalhes médicos de qualquer tipo.

– Como no caso do vírus – disse Samm. – Pensei que nesta central de dados encontraríamos todos os arquivos da ParaGen.

Afa continuava movimentando os dedos.

– Eu também – emendou ele.

– Então, onde está o resto? – perguntou Kira. – Em outro computador? Não sei se o gerador vai voltar a funcionar.

– Procurei em todo o diretório – disse Afa. – Tudo sobre a ParaGen estava naquele *hard drive*.

– Obviamente não estava – retrucou Heron. – Então, onde estará?

– Não sei – respondeu Afa.

– Talvez seja uma boa ideia checar o diretório outra vez – sugeriu Samm, mas Kira fez um sinal negativo com a cabeça.

– Está claro que eles não queriam que a parte mais importante do plano ficasse na nuvem, como diz Afa. O resto das pastas está exatamente onde pensamos que estivessem. – Respirou fundo, temendo a próxima parte. – E nós vamos até lá.

Heron balançou a cabeça, incrédula.

– Você não quer dizer Denver, quer?

– Claro que sim.

– Não vamos até Denver – disse Heron. – Nós tentamos resolver aqui, mas foi um tiro na

água. Sejamos razoáveis e vamos voltar para casa.

– Não há nada para nós em casa – argumentou Kira.

– Há vida! Há salvação, há pensamento racional. Já conversamos sobre isso...

– E decidimos ir até Denver – completou Kira. – Esse era o plano inicial. Achamos que conseguiríamos as informações aqui, mas não foi possível. Agora precisamos ir em frente.

– Minha perna está machucada – reclamou Afa.

– Eu sei – disse Kira. – Eu sei e sinto muito. O que mais podemos fazer? Simplesmente virar as costas e desistir só porque nosso plano não funcionou?

– Denver era o plano – disse Heron. – Chicago era apenas a parte razoável disso tudo.

– Viemos aqui para encontrar a Verdade – disse Kira. – Para entrar na ParaGen e descobrir planos e fórmulas. Tudo isso para curar nossas doenças...

– Podemos curá-las voltando para casa – insistiu Heron.

– Não, não podemos – sustentou Kira. – Podemos adiar isso, ou até chegar perto da cura.

Talvez, se a doutora Morgan tirar a sorte grande de me usar como cobaia, ela consiga fazer algo em relação à data de validade. Mas o RM vai continuar matando os bebês e não haverá nada que possamos fazer.

A voz de Heron soou fria como o aço:

– Se não podemos curar os dois, vamos deixar ambos morrerem?

– Eu posso salvar todos – disse Kira. – Juntos podemos ajudar humanos e Partials, indo até Denver e encontrando os arquivos.

Heron balançou a cabeça.

– E se não estiverem lá?

– Estão lá.

– E depois, para onde? – perguntou Heron. – O caminho todo até a costa oeste? Do outro lado do oceano?

– Os arquivos estão em Denver – repetiu Kira.

– E se não estiverem?

– Continuaremos procurando! – gritou Kira. – Por que eles estão em algum lugar! Eu sei.

– Você não sabe de nada! Isso é apenas o que a sua mente confusa e desesperada acha que é verdade.

– É a única coisa que faz com que tudo que encontramos tenha sentido. Não vou desistir, nem voltar.

A sala ficou em silêncio. Kira e Heron entreolhavam-se com a fúria de dois leões.

– Eu não quero ir para o inferno – disse Afa.

– Você vai matar todos nós – prosseguiu Heron.

– Não precisa vir junto.

– Nesse caso você vai terminar morta – disse Heron. – E se você é a chave para a data de validade, não vai nos ajudar em nada.

– Então, venha com a gente – disse Kira. – Juro que vamos conseguir, Heron. Vamos

descobrir tudo sobre a Verdade, as fórmulas que usaram, todos os genomas que criaram. Está tudo lá esperando pela gente. Vamos descobrir, voltar e salvar todo mundo. Os dois lados.

– Os dois lados – repetiu Heron, respirando profundamente. – Nós e os humanos. Então faça tudo o que puder, e da melhor maneira, porque se tivermos de escolher entre um e outro, pode apostar que será o nosso lado. – Ela se virou e saiu da sala. – Cada dia que desperdiçarmos será uma morte.

Kira riu sozinha, a adrenalina ainda estava alta. Afa observou Heron se afastando e gritou:

– Não gosto muito dela.

– Esse é o menor dos problemas dela – disse Kira, encarando Samm. – Você ficou estranhamente quieto o tempo todo.

– Sei de qual lado estou. Confio em você.

Kira sentiu as lágrimas brotarem e secou os olhos com a manga da camiseta.

– Por quê? – choramingou. – Se cometo tantos erros?

– Se houver qualquer possibilidade de você vencer, sei que moverá montanhas para fazer isso acontecer.

– Você fala como se tudo fosse tão simples.

Samm capturou seu olhar.

– Ser simples é diferente de ser fácil – ele disse.

– Vamos ligar para a ilha antes de partir – disse Afa. – Precisamos avisar aquele cara com quem você conversa de que vamos chegar atrasados.

– Não! – contestou Samm, colocando-se em pé. – Acabamos de ser atacados, não sei se eram vigilantes ou se estavam nos seguindo, mas de qualquer forma, corremos mais perigo do que imaginávamos. Não podemos contar para ninguém que estamos vivos, muito menos para onde estamos indo.

– Não precisa dizer o local – continuou Afa –, podemos usar um código. Como Mortorq, o nome de outro modelo de chave de fenda.

– Não – disse Kira. – Qualquer coisa que a gente diga é uma pista de onde estamos. Queremos manter segredo. – Olhou para a tela e colocou-a na mochila. – Agora vamos.

Capítulo Vinte e Sete

O que restara do aeroporto JFK estava rodeado por um largo anel viário, plano e descampado, o que permitia ataques a céu aberto. Uma investida coordenada com carros blindados conseguiria facilmente tomar o local, mas poucos desses veículos tinham sobrado no mundo, e nenhum estava nas mãos do grupo guerrilheiro da doutora Morgan. A Voz havia enfrentado a Rede de Defesa usando apenas um punhado de olheiros e atiradores, e agora os fora da lei e a Rede trabalhavam juntos para enfrentar os Partials. Marcus atravessou as pistas da estrada temeroso, rezando para que os soldados o reconhecessem como humano. E que se dessem ao trabalho de reconhecê-lo antes de qualquer coisa.

Para bloquear o avanço das forças inimigas, a via expressa que levava ao aeroporto tinha sido bombardeada, bem como grande parte do Terminal 8. Marcus seguiu para o Terminal 7 e, ao se aproximar, viu atiradores nas sombras, seguindo-o com a mira dos fuzis.

– Parado! – gritou uma voz. – Largue a arma.

Marcus ficou imóvel.

– Estou desarmado.

– Então largue tudo que estiver carregando.

Ele não levava muita coisa, apenas uma mochila cheia de doces e dois litros de água.

Pôs a sacola no chão e deu um passo para trás, levantando os braços para sinalizar que estava desarmado.

– Vire-se – disse a voz, Marcus obedeceu.

– Eu sou apenas um rapaz mexicano magrinho – brincou ele. – Ah, espere, esqueci algo.

– Colocou a mão no bolso e retirou um pedaço de papel dobrado e um toco de lápis. Mostrou-os para que fossem inspecionados, depois colocou tudo cuidadosamente ao lado da mochila.

– Você está tirando sarro de nós?

– Sim.

Houve um longo silêncio, depois viu que um homem acenava para que ele se aproximasse. Correu até o final do corredor onde foi recebido por soldados da Rede armados até os dentes. Olhou para eles nervosamente.

– Vocês são humanos, certo?

– Cada célula minha deseja matar um Partial – respondeu o soldado. – Você é do grupo de Delarosa?

– O quê?

– Da senadora Delarosa – disse o soldado. – Você trabalha para ela? Trouxe alguma mensagem?

Marcus franziu o rosto.

– Um momento, ela ainda... – Lembrou-se do encontro que tivera com Delarosa, quando

ele e Haru fugiam no primeiro ataque Partial. Ela estava escondida na floresta, atacando as patrulhas.

– Ela ainda está enfrentando os Partials?

– Com todo o apoio da Rede – respondeu o militar. – E ela é boa pra caramba.

Marcus não recebeu bem aquele comentário, lembrou-se dela mais como uma terrorista do que uma defensora da liberdade. *Suponho que atingimos um ponto em que tudo está misturado*, pensou. *Quando o desespero bate forte, tudo é possível...*

Não é não, pensou decididamente. *Temos que sair desta guerra tão íntegros como entramos.*

– Sou só um cara – disse Marcus. – Sem mensagens nem entrega especial.

– A área de refugiados fica na parte de baixo – informou o soldado. – Não coma muito porque não temos suprimentos suficientes.

– Não se preocupe – disse Marcus. – Não vou ficar muito tempo. Será que eu conseguiria conversar com o senador Tovar?

Os soldados se entreolharam.

– O Sr. Mkele gosta de interrogar todos. Pode conversar primeiro com ele.

Os soldados conduziram Marcus por túneis subterrâneos que entrecortavam todo o complexo. Marcus ficou surpreso ao encontrar um verdadeiro campo de refugiados no subsolo. Pelo jeito, ele não tinha sido o único com a ideia de se esconder no aeroporto.

– Os Partials não sabem que estamos aqui? – perguntou Marcus. – Dariam a vida para colocar as mãos num lugar como este.

– Enviaram patrulhas. Mas por enquanto nos saímos melhor do que eles.

– É só uma questão de tempo – comentou Marcus.

– Delarosa está atacando o grupo pelas beiradas – explicou um dos soldados –, e há outra facção Partial também no encalço deles.

– Estou aqui exatamente por isso.

O soldado o conduziu até um pequeno escritório e bateu na porta. Marcus reconheceu a voz de Mkele quando respondeu para que entrassem.

– Um novo refugiado. Disse que precisa falar com o senador.

Mkele levantou o olhar e Marcus sentiu uma pontada de orgulho diante da surpresa do especialista em segurança.

– Marcus Valencio?

Ao orgulho seguiu-se quase que imediatamente uma sensação de desespero. Saber que Mkele não tinha o controle da situação foi, de certa forma, desconcertante, pois mostrava o quanto tudo estava desmoronando.

– Oi – respondeu Marcus, entrando na sala. – Tenho um pedido. Ou melhor, uma proposta.

Mkele olhou de relance para o soldado, então olhou novamente para Marcus e apontou para uma cadeira.

– Sente-se.

O soldado saiu, fechando a porta. Marcus respirou fundo para acalmar os nervos.

– Precisamos ir para o continente.

Mkele arregalou os olhos e Marcus sentiu a mesma sensação de triunfo desconfortável por ter surpreendido o homem novamente. Após um breve momento, o especialista em segurança fez um sinal afirmativo com a cabeça, como se tivesse compreendido o pedido do rapaz.

– Quer procurar Kira Walker?

– Não reclamaria se a encontrasse, mas o objetivo não é esse. Precisamos enviar um grupo de soldados para o norte, para uma cidade chamada White Plains, para conversar com a facção que está atacando a doutora Morgan.

Mkele não respondeu.

– Não tenho certeza de qual grupo se trata – continuou Marcus –, mas sei que são contra Morgan. Atacaram o hospital em que Kira estava presa, alguns meses atrás. Foi por causa deles que conseguimos salvá-la enquanto se matavam entre si. Agora voltaram a brigar com a facção de Morgan, seguindo-a até a ilha. Isso indica que são contra a invasão.

– E acredita que isso faz deles nossos amigos?

– A é igual a B... algo assim era o ditado que Ariel usava. Mas, sim, temos um inimigo em comum, então talvez possamos conseguir ajuda.

Mkele observou Marcus mais alguns instantes; em seguida falou lentamente.

– Admito que pensamos em algo parecido, mas não sabemos como nem onde entrar em contato com eles. Você tem certeza de que eles estão em White Plains?

– Estou quase certo. Samm comentou sobre a cidade onde eles têm uma usina nuclear que gera energia para a região; eles ficam lá para mantê-la funcionando. Se conseguirmos chegar no local, o que não será fácil, pode ser que se disponham a trabalhar do nosso lado para terminar com a ocupação, e talvez encontremos algumas das respostas que estamos procurando, antes que seja tarde demais. O risco vale a pena.

– Mas o perigo é grande – disse Mkele. – A missão seria um tiro no escuro dentro de um território hostil, sem nenhuma garantia de segurança. Se você for, vai acabar morrendo.

– Por isso vim em sua procura. Não sou como a Kira. Não estou preparado para liderar uma missão como essa, eu só tive a ideia.

– E se alguém morrer, então nesse caso seria eu em vez de você – respondeu Mkele.

– O ideal é que não morra ninguém, mas você pode planejar a missão do jeito que quiser. Apenas recomendo que viva o suficiente para sair vitorioso.

Mkele tamborilava os dedos sobre a mesa, um gesto surpreendentemente mundano, que parecia humanizar essa figura que, aos olhos de Marcus, era um exemplo de severidade.

– Há um ano o teria castigado pela sua imprudência – disse Mkele. – Hoje, com a situação atual, estamos dispostos a tentar quase tudo. Eu tinha uma unidade preparada para uma missão no continente, e agora você nos oferece um objetivo, podemos assumir o risco. Mas pode

acontecer de precisarmos de um médico, e de alguém com experiência com os Partials.

– E suponho que você esteja procurando um voluntário.

– Esta é a Rede de Defesa – disse Mkele. – Não esperamos pelos voluntários. Partimos amanhã cedo.

Capítulo Vinte e Oito

O grupo de Kira estava a caminho de Denver.

Partiram nas primeiras horas da manhã, depois de fazer um curativo bem apertado na perna de Afa e de ajudá-lo a atravessar mais de dois quilômetros em meio à água imunda que alagava as ruas de Chicago. O bote continuava no mesmo lugar e navegaram de volta até os cavalos em silêncio. Samm remava com longos movimentos, enquanto Kira e Heron observavam as árvores pesadas em busca de qualquer sinal de ataque. Um cachorro solitário acompanhou a passagem do bote de cima de uma ponte, mas não falou nem latiu, e Kira não soube distinguir se era um Cão de Guarda ou um animal selvagem normal.

Os cavalos estavam ilesos, mas muito assustados. Heron e Samm levaram vários minutos para acalmá-los e, assim, poder colocar as selas. Kira refez o curativo com uma bandagem seca, e com a ajuda de todos, Afa montou no Azarão; o homenzarrão balançava e fazia uma careta de dor com a mudança de pressão no músculo da coxa. Kira mordeu os lábios reprovando o fato de levá-lo para ainda mais longe de casa; não estava brava com ele, nem com ninguém em particular, estava apenas contrariada. *Revoltada porque a vida era difícil*, pensou. *Nandita me criou melhor do que isso: "Se você tem força para se lamuriar, você tem força para fazer algo a respeito."*

Estavam na metade do percurso entre Long Island e Denver. Para levar Afa de volta a Manhattan seriam dois meses a mais, e eles não podiam desperdiçar esse tempo todo. Por outro lado, estava fora de cogitação deixá-lo pelo caminho; dessa maneira, não restava outra opção a não ser levá-lo, mesmo que a viagem fosse difícil. *Além disso, se encontrassem outro sistema de computadores em Denver, precisariam dele para acessá-lo. Ele é o único capaz de fazer isso.*

Só precisamos garantir sua sobrevivência.

Quando estavam prontos para partir, em vez de voltar pela rodovia, Kira os guiou pelo caminho que passava por um grande hospital, ao lado.

– Hospital St. Bernard – disse ao ler a placa na entrada do estacionamento.

– Vamos procurar antibióticos na farmácia? – perguntou Heron. – Ou nos barris pendurados nas coleiras de cães gigantesco?

– Pra mim tanto faz, contanto que os cachorros não falem – disse Kira. Os cães falantes ainda lhe causavam arrepios, e ela havia sonhado com eles na noite passada – no sonho, ela vivia com a matilha, selvagem e feroz, rejeitada pelos humanos e pelos Partials. Sabia que seu ódio por eles não era justo. Eles, como ela mesma, não tinham culpa de ser o que eram. Colocou aqueles pensamentos de lado e entrou no hospital, mostrando a Samm como selecionar os medicamentos que precisavam. Enquanto isso, Heron tomava conta de Afa e dos cavalos. Encheram uma sacola com antibióticos e anestésicos, montaram e saíram rumo ao oeste.

Em direção à terra tóxica.

O acesso mais rápido para fora da cidade era a linha de trem que cruzava as vias expressas no sentido sul-sudoeste num trilho elevado que os mantinha acima dos piores trechos de alagamento. Avançaram quilômetros sobre ela, passando por pátios ferroviários e escolas, casas com telhados abaulados, igrejas inundadas, edifícios desmoronados e um rio transbordado. A linha do trem seguia em linha reta e estava praticamente seca, mas havia muitas pedras, que atrapalhavam os cavalos. Quando anoiteceu, o grupo ainda não havia alcançado a rodovia. Abrigaram-se numa biblioteca pública, em ruínas, deixando os cavalos pastando na mata alta e compacta, do lado de fora; depois os conduziram, com cautela, pela entrada até o solo seco do interior do edifício. Kira verificou o curativo de Afa, aplicou-lhe uma dose completa de analgésicos e limpou a ferida enquanto ele dormia. Heron caçou sapos e lagartos no brejo atrás da biblioteca e os assou numa fogueira feita de cadeiras e revistas velhas. Os livros eram antigos, estavam apodrecidos e não havia sobrado ninguém no mundo para lê-los, porém Kira não deixou que nenhum deles alimentasse as chamas da fogueira. Considerou que não deviam ser queimados.

No dia seguinte, descobriram que estavam perto da Interestadual 80, a mesma rodovia que seguiram desde Manhattan, mas quase 160 quilômetros adiante da saída que tomaram na ponta leste de Chicago. Voltaram para a 80 e, como essa via era mais elevada e seca que a estrada de ferro, os cavalos se moviam com mais facilidade. Seguiram o dia todo por ela, com a cidade espalhando-se sem fim por todos os lados: edifício após edifício, rua após rua, ruína após ruína. Cidades menores chegaram e partiram – Mokena, New Lenox, Joliet, Rockdale –, o limite entre elas era indistinguível, e assim formavam uma única massa urbana. Quando a noite caiu, encontravam-se na entrada de Minooka, onde a estrada fazia uma curva para o sul. Pela primeira vez, Kira viu a campina estendendo-se a oeste. O horizonte era plano e sem forma, um oceano de terra, grama e pântano. Pernoitaram num armazém gigante, que Kira supôs ser uma antiga parada de caminhoneiros. A tempestade tamborilava furiosamente contra o teto de metal. Se a ferida de Afa não tinha melhorado em relação à noite anterior, ao menos não tinha piorado. Kira se aninhou no saco de dormir e, com a luz do luar, leu um *thriller* que pegara na biblioteca. *Está na cara que o homem está sendo perseguido por demônios, mas pelo menos ele pode tomar um banho quente pela manhã.*

Caiu no sono com o nariz enfiado no livro e acordou enrolada confortavelmente numa manta. Samm contemplava, através da janela, o sol que ascendia na paisagem. Olhou para Kira por uns instantes e voltou a observar a luz do sol, que ficava mais intensa.

Kira sentou-se alongando a coluna e as pernas, e estalando o pescoço.

– Bom dia e obrigada pela coberta.

– Bom dia – respondeu Samm com o olhar preso na janela. – De nada.

Kira levantou-se, pendurou o saco de dormir numa cadeira vazia e pegou sua mochila. Como Afa e Heron ainda dormiam, eles conversaram em voz baixa.

– Qual é a sua sugestão para o café da manhã? Eu tenho carne desidratada, ou melhor, algo com um sabor impossível de se diferenciar de carne desidratada e... amendoim. Tudo com

data de validade de antes do Surto, coletados na loja em que paramos na Pensilvânia. – Kira olhou novamente dentro da mochila. – A comida está acabando.

– Devemos procurar alimento na cidade antes de seguirmos – sugeriu Samm. – Estamos próximos do resíduo tóxico, não sei se podemos confiar no que encontrarmos mais adiante.

– Passamos por uma mercearia ontem à noite – disse Kira, colocando as três opções de desjejum sobre a mesa. Sentou-se do outro lado e abriu o saquinho de amendoim. – Podemos voltar lá antes de partirmos, mas por ora, sirva-se.

Samm escolheu um pacote de carne desidratada. Após abrir a embalagem, cheirou cuidadosamente o conteúdo e por fim retirou um pedaço escuro e espiralado, duro como couro.

– O que é preciso fazer para a carne ficar boa por doze anos?

– Defina “boa” – brincou Kira. – Você vai chupar isso o dia todo até ela amolecer o bastante para poder comê-la.

Ele cortou uma tira comprida, quase engraçada de tão fibrosa.

– Tem de ferver – disse, recolocando a carne no pacote. – Ainda assim, é comida, quase tão velha quanto nós. Por falar nisso, a vaca devia ter a nossa idade e morreu antes de aquela árvore nascer. – Ele apontou para um álamo de seis metros que crescia através da rachadura no asfalto do estacionamento. – E ainda assim podemos comê-la. Não temos nada no mundo hoje que preserve o alimento desse jeito. E talvez nunca mais tenhamos.

– Não sei se queremos ter. Prefiro peixe fresco.

– É que... é uma coisa atrás da outra. Carros que não vão mais funcionar. Aviões que não vão mais voar. Sistemas de computadores que mal sabemos usar, quem dirá recriá-los. É como se o tempo tivesse retrocedido. Somos homens da caverna arqueólogos nas ruínas do futuro.

Kira mastigava os amendoins amolecidos sem fazer nenhum comentário. Enquanto isso, o sol despontava sobre as montanhas nos limites da cidade. Então disse:

– Sinto muito, Samm.

– A culpa não é sua.

– Não me refiro à história do arqueólogo ou da carne desidratada... Peço desculpas por ter ficado brava com você, por ter dito coisas que o fizeram ficar enfurecido comigo também.

Ele observava o sol sem responder. Kira tentou senti-lo pelo *link*.

– Também sinto muito. Não sei como consertar a situação.

– Estamos numa guerra – disse Kira. – E sequer estamos numa guerra que podemos vencer. Humanos e Partials estão se matando, matando a própria espécie e acabando com qualquer coisa na qual põem os olhos, porque é a única maneira que conhecem de lidar com o problema. “Se não lutarmos, morreremos.” Precisamos encarar o fato de que vamos morrer mesmo lutando. Mas não queremos enxergar isso porque é assustador. É mais fácil voltar aos velhos padrões de raiva e revanche, porque pelo menos assim, estaremos fazendo alguma coisa.

– Eu não odeio você – disse Samm –, mas costumava odiar. Foi quando você me capturou. Acordei, vi você e percebi que todos da minha unidade tinham sido mortos. Você estava lá e odiei você como nunca havia odiado alguém antes. Também peço desculpas por isso.

– Tudo bem. Eu não sou totalmente inocente – Kira disse e sorriu. – Tudo o que precisamos fazer é mandar humanos e Partials numa viagem sem volta através do país, assim podem aprender a confiar uns nos outros.

– Quem bom que a solução é simples – disse Samm. Ele não sorriu, mas Kira sentiu um toque de humor no *link*, enquanto comia outro punhado de amendoim.

– Você realmente deseja isso, não é? – ele perguntou.

Ela olhou para Samm com curiosidade.

– Um mundo unido – continuou ele, ainda fitando pela janela –, onde Partials e humanos vivam em paz. – E olhou para Kira de relance.

A garota fez um gesto afirmativo com a cabeça enquanto mastigava bem o amendoim antes de engoli-lo. Era exatamente isso o que ela desejava, era o que sempre tinha desejado, desde que descobrira o que realmente era, uma Partial criada entre os humanos, com ligações nos dois grupos, e sem pertencer, de verdade, a nenhum deles.

– Às vezes penso... – ela interrompeu a frase no meio. Às vezes penso que só assim serei aceita. Não pertencço mais a nenhum dos grupos, mas se os dois se juntarem, vou deixar de ser a esquisita. Vou apenas ser mais uma na multidão. Kira suspirou, consciente demais da sua condição para pronunciar aquelas palavras em voz alta.

– Às vezes penso que só assim poderemos salvar o mundo inteiro – disse baixinho. – E unir todo mundo.

– Isso será mais difícil do que curar as doenças.

– Eu sei – ela reconheceu. – Vamos encontrar os laboratórios da ParaGen, os planos e as fórmulas. Conseguiremos curar o RM e a data de validade. E mesmo depois disso tudo, os dois povos continuarão não confiando um no outro.

– Um dia terão de confiar – asseverou Samm. – Quando não tiverem de escolher entre confiança ou extinção, confiança ou esquecimento, entenderão o que realmente é importante e terão de acreditar um no outro.

– Uma das coisas que gosto em você é isso, Samm. Você é um otimista incorrigível.

Nos primeiros dias, a estrada era tão reta e plana que até chegava a incomodar. As fazendas despontavam dos dois lados do caminho, tomadas pelo mato, por rebanhos de cavalos selvagens e de gado; cada trecho da paisagem era igual ao anterior, uma única fazenda repetida infinitamente, a ponto de Kira pensar que não estavam saindo do lugar. Em alguns pontos, o rio Illinois dava uma guinada e podia ser visto desde a estrada, e ela começou a usar essa referência para perceber o progresso do grupo. Viajavam devagar, alimentando os cavalos e mantendo Afa medicado. A cicatrização da ferida não ia bem e ela fazia tudo o que estava ao seu alcance para mantê-lo animado.

Após três dias de viagem, aproximaram-se de uma ilha situada na confluência de dois rios. Cruzaram o rio Rock e chegaram em uma cidade chamada Moline, onde as ruas eram pantanosas, mas trafegáveis. Porém, o rio do outro lado a limitava abruptamente. Era o

Mississippi, mas suas pontes já não estavam mais lá.

– Isso não é bom – disse Kira, analisando a extensão do rio. Ela já tinha ouvido falar que os trechos mais largos do Mississippi tinham mais de um quilômetro de distância. Naquele ponto parecia mais estreito, mas havia lugares onde a sua largura chegava a oitocentos metros ou mais. A outra margem estava longe demais para os cavalos atravessarem nadando, especialmente o de Afa.

– Você acha que as pontes foram destruídas ou caíram por falta de manutenção? – perguntou Kira.

– Difícil de saber – respondeu Samm.

Heron rosnou. – Que diferença isso faz?

Kira olhou a água deslizando e suspirou. – Acho que nenhuma. O que vamos fazer?

– Não conseguiremos levar Afa para o outro lado sem uma ponte – disse Samm. – Além disso, corremos o risco de molhar o rádio e eu não confio no anúncio “resistente à água”. Meu palpite é seguir pela beira do rio até encontrarmos uma passagem para atravessar.

– Norte ou sul? Isso faz diferença – disse Heron.

– De acordo com o mapa, ainda estamos um pouco ao norte de Denver – disse Kira. – Vamos descer. – Viraram os cavalos, Kira sussurrou palavras de ânimo para Bobo e acariciou seu lombo. A própria margem do rio era intransponível, não apenas na beirada, mas a alguns metros para dentro. Em certos trechos, havia até quatrocentos metros de terreno íngreme, pantanoso, ou com a mata fechada, e não poucas vezes as três dificuldades confluíam ao mesmo tempo. Seguiram por uma trilha estreita o quanto puderam. Muitas vezes, entretanto, perceberam que a estrada se aproximava demais do rio, caindo num brejo, onde as águas corriam. Quando a estrada virou para o outro lado, trocaram de caminho, mas a situação se repetia, e, em alguns pontos, de forma ainda pior. A primeira ponte que avistaram dava para a maior cidade que tinham cruzado desde que saíram de Chicago, mas estava tão destruída quanto a estrutura anterior. No segundo dia, o grupo se viu encurralado, pois a estrada havia sido completamente levada pelas águas. De um lado havia o rio, e do outro, um lago. Isso os obrigou a retroceder vários quilômetros. O terreno pantanoso se estendia por bem mais de quilômetro e meio de uma margem a outra, embora Kira tivesse dúvidas se a estimativa estava correta ou era fruto da sua frustração. O cenário era lindo, cheio de vida – com pássaros, flores e pirilampos que descreviam círculos preguiçosos no ar acima do lodo –, mas era intransponível. Toparam com outra via e seguiram por ela em direção ao sul, torcendo para que desta vez o caminho os conduzisse até uma ponte.

Depois de dois dias de buscas, chegaram à aldeia de Gulfport, cujas ruas estavam predominantemente embaixo de água. Pesadas pilastras de pedra marcavam o trajeto da ponte, agora inexistente, que unia a aldeia a uma cidade bem maior, do outro lado; no entanto, exceto pelas vigas abandonadas na violenta corrente do rio, nada além das torres permanecia de pé. Kira vociferou e Afa moveu-se dolorosamente sobre o cavalo. Mesmo Azarão, que não sossegava durante as paradas, sempre em busca de brotos para mastigar, parecia triste demais

para sair do lugar.

– O rio deve ter arrastado a ponte – disse Samm. – Essas cidades eram muito pequenas para ter importância na guerra, nenhuma delas era um alvo militar. Acho que para o seu próprio bem, o rio ficou grande demais.

– Para o nosso próprio bem é que não é – disse Heron.

– Mas alguém passou por aqui antes, certo? – perguntou Kira. Tocou o flanco de Bobo e chegou perto do rio, entre as árvores, analisando o lugar, em direção ao sul. – Quero dizer que alguém construiu as pontes, e teve de atravessá-las.

– Não com Afa junto – ironizou Heron.

Seu tom de voz sugeria que deveriam deixá-lo para trás, pelo bem da missão, mas Kira nem se deu ao trabalho de olhar para ela. No entanto, observou Afa. Por causa dos efeitos dos anestésicos, mais a dificuldade de achar uma posição confortável para se sentar, ele praticamente dormia amarrado sobre a sela, ora consciente, ora inconsciente.

– Podemos construir uma jangada – sugeriu Kira. – Não faltam árvores! Se quisermos enfrentar aquela cidade alagada, podemos encontrar muitas tábuas e placas de madeira. Se construirmos uma jangada grande o suficiente, poderíamos até transportar os cavalos, além de Afa.

– A correnteza é mais forte do que parece – disse Samm, mas Kira não o deixou completar o pensamento.

– Eu sei – rebateu ela, mais rude do que gostaria. – Por isso ainda não tentamos atravessar. Mas que opção nos resta? Não temos tempo, e já perdemos dois dias num desvio na direção errada. Precisamos ir para o oeste... então vamos para o oeste. É isso ou continuar para o sul por mais duas semanas.

– Você tem razão, mas não vamos construir uma jangada a menos que seja necessário. Se chegarmos a esse ponto, será o fim. Olhe aquelas cidades: todas são portuárias, ou seja, o rio era um meio de transportar mercadorias e pessoas para cima e para baixo. Só precisamos encontrar um barco que ainda flutue.

– Até agora as cidades maiores estão do outro lado do rio – observou Heron. – A menos que você queira voltar para o norte, mais dois dias até Moline. Não me lembro de ter visto nenhuma embarcação conveniente pelo caminho.

– Então continuemos descendo – disse Samm, avançando um pouco na estrada com Buddy. – Se chegamos até aqui, melhor insistirmos.

– Isso é o suficiente para seguirmos em frente? – perguntou Heron. – Estamos nos especializando em fracassos e por isso devemos continuar?

– Você sabe que não sou bom com sarcasmos – respondeu Samm.

Heron rosou.

– Então vou direto ao ponto. Isso é uma estupidez. Kira tem seus próprios motivos para estar aqui, mas eu estou aqui por sua causa. Confio em você e tenho feito tudo o que posso para manter essa confiança viva, mas olhe para nós: estamos num pântano, perdidos numa região

morta, esperando o próximo ataque, ou o próximo ferimento, ou o próximo pequeno trecho de lama que nos afogue no rio.

– Você é a melhor aqui, Heron. Pode sobreviver a tudo – disse Samm.

– Eu sobrevivo porque sou inteligente. Não me coloco em situações que podem me matar, e, francamente, isso é o que mais tem acontecido nas últimas semanas.

– Vamos conseguir – disse Kira. – Precisamos apenas ter um pouco de calma.

– Eu sei que pode dar certo – disse Heron. – Embora esteja sempre reclamando, não sou nenhuma idiota. Sei que podemos cruzar o maldito rio. O que quero é que você me dê uma boa razão para fazer isso.

Kira começou a falar, mas Heron a interrompeu.

– Você não. Quero ouvir Samm. E me faça um favor, não venha me dizer que é por causa disso – gritou, furiosa, apontando o dedo para Kira –, seja lá por que diabos você acredita tanto nela.

Samm olhou para Heron, em seguida desviou o olhar para o rio.

– Não é o suficiente, né? Ter fé e seguir alguém maior, melhor e mais bem informado.

Fomos construídos assim, é desse modo que os Partials são regulados, para receber ordens e seguir os líderes, mas isso não é o suficiente. Nunca foi. – Voltou a encarar Heron: – Temos obedecido nossos líderes, que ganharam algumas vezes e perderam outras. Fizemos o que mandaram e cumprimos com o nosso papel. Mas agora a decisão é nossa. A missão é nossa. E quando terminarmos, a vitória será nossa, ou o fracasso. Não quero perder, mas se isso acontecer, quero ser capaz de olhar para trás e dizer: “fiz isso, falhei, mas estava ali por inteiro”.

Kira encantou-se com a força daquelas palavras e com a convicção de Samm. Pela primeira vez, ele realmente dizia o que pensava – para além da resposta “confio em Kira” –, e o sentimento era o contrário de “confio em todos”. Ele estava ali porque queria tomar suas próprias decisões. Fazer escolhas era realmente algo importante para ele? Algo assim tão raro? E como isso poderia influenciar Heron, que já era tão independente? Kira talvez fosse uma Partial, mas, naquele momento, Samm apelava para um aspecto da experiência coletiva dele e de Heron, e Kira não compreendia aquilo. Samm e Heron se encaravam, e ela apenas podia imaginar o que estava sendo transmitido via *link*.

– Tudo bem – disse Heron, virando seu cavalo na direção de Samm. Começaram a seguir para o sul, Azarão foi atrás. Kira, que era a última, fechava a fila perdida em pensamentos.

Seguiram o Mississippi por cidades ainda menores do que Gulfport: Dallas City, Pontoosuc, Niota. Nesta última, havia outra antiga ponte, que ligava a localidade às colinas mais altas que tinham visto em semanas, um cabo formado por penhascos elevados e íngremes e uma cidade chamada Fort Madison. Niota estava em melhores condições do que as três últimas aldeias, e eles avançaram toda a distância que a coragem lhes permitiu, procurando uma embarcação em que pudessem flutuar pelo rio. Samm viu a popa de um saveiro apontando para fora da água, mas

todo o resto da embarcação permanecia submerso. A correnteza estava mais forte do que Kira imaginava, e ela avançou para fora dessa cidade sinistra e coberta pelas águas o mais rápido que pôde.

– Bem – disse Heron, chapinhando na grama ao lado dela –, continuamos atolados e agora também encharcados. Não me deixe esquecer o quanto estamos progredindo.

– Não se preocupe. Com o calor abafado e úmido que faz aqui, você logo vai ter algo novo do que reclamar.

– Vamos voltar para o lugar onde estão Afa e os cavalos – disse Samm. – Podemos percorrer mais dezesseis quilômetros antes de anoitecer.

– Esperem! – disse Kira olhando fixamente para a cidade alagada. Algo havia mudado. Conferiu o cenário detalhadamente, protegendo os olhos do reflexo da luz na superfície da água. Uma onda grande e negra vinha na direção da água reluzente, próximo ao grupo. – O saveiro está se mexendo.

Samm e Heron levantaram o olhar, e Kira sussurrou para que esperassem. Outra onda se formou, quebrando contra o saveiro, balançando-o de leve.

– O barco continua boiando. Pensei que estivesse afundado – disse Samm.

– Ele está balançando muito para estar atolado – observou Heron. – Será que está preso embaixo?

– E se fôssemos desamarrá-lo? – sugeriu Kira. – Talvez dê para utilizá-lo.

Colocaram as armas e os equipamentos no chão e voltaram para a cidade. Desta vez nadando nos trechos onde o rio era fundo demais para andar. A correnteza estava forte, mas ficaram protegidos no topo dos edifícios, moviam-se pé ante pé ao longo dos telhados. O barco tremulava levemente contra a corrente, era praticamente o objeto mais distante da margem. Subiram no último prédio e observaram o saveiro encalhado de cima do telhado.

– Com certeza está se mexendo – disse Kira. – Assim que o soltarmos, vai vir à tona e flutuar.

– Precisamos de uma corda mais comprida – disse Samm. – De qualquer forma, é bom ter uma corda para amarrar na cintura de qualquer um de nós que for até lá.

– Me deixe fora dessa – disse Heron. – Mas vou conseguir uma corda para você. Acabamos de passar por uma loja de ferramentas. – Ela voltou para a água e Kira foi atrás. Ela não achava seguro alguém entrar sozinho numa loja alagada – mesmo que esse alguém fosse uma pessoa em quem não confiava muito. Quando se soltaram da parede do edifício, a correnteza as carregou para o sul, entre os prédios, embora elas tentassem nadar para o leste e se segurassem em outra edificação. Heron prendeu-se a uma calha enferrujada com uma das mãos, e com a outra, segurou Kira, agarrando-a assim que ela passou levada pela correnteza. Kira sentiu um objeto sólido nos pés, provavelmente um carro ou a cabine de um caminhão; deu um impulso com os pés para se afastar, e ao mesmo tempo, Heron a puxava para a loja de ferramentas. Kira agarrou-se ao peitoril da janela, agradecida por não haver pontas de vidro, e mergulhou para dentro da loja.

Lá, o pouco espaço para respirar não ultrapassava meio metro, entre o teto e a superfície da água; no entanto, uma leve brisa e um feixe de luz indicavam que o ar era fresco graças a um buraco na parte superior da construção. A umidade havia coberto paredes e teto com musgos, e Kira retirou um pouco da sujeira dos cabelos enquanto Heron chegava à superfície.

– Parece que o rio deixou o lugar bem limpo – disse Kira, pois boa parte do estuque e de tudo que estivera pendurado na parede havia sido carregado pela correnteza.

– É provável que tenha alguma coisa embaixo da água – disse Heron. Ambas nadaram até a maior parede que havia do lado sul, onde elas e os objetos que procuravam teriam mais chance de resistir à correnteza. Heron foi a primeira a mergulhar e ficou submersa tempo o bastante para deixar Kira seriamente preocupada. Por fim voltou à tona, tirando do rosto o cabelo preto como carvão.

– Nada de corda, mas acho que encontrei uma corrente.

– Vou dar uma olhada – respondeu Kira, mergulhando ao lado da parede. Abriu os olhos, mas a água era escura e suja demais para enxergar com nitidez. Sentiu com as mãos algo pesado e enrolado, mais liso que uma corda, no entanto, mais macio que uma corrente, e tentou levantar o objeto. Em seguida, impulsionou o corpo e chegou à superfície, buscando apoio na parede. – Acho que encontrei uma mangueira.

– Será que aguenta?

– Se for comprida o bastante...

Heron tirou uma faca do cinto, prendeu-a entre os dentes e mergulhou. Quase um minuto depois, voltou com a faca numa mão e a mangueira na outra.

– Por quanto tempo você consegue ficar sem ar? – Kira perguntou.

– Superioridade biológica. É o que sempre digo. Agora segure este lado, que a outra ponta continua presa na prateleira com um lacre.

– Deve ser por isso que não sumiu como todas as outras mercadorias da loja – comentou Kira, mas Heron já tinha mergulhado. Após alguns instantes, ela emergiu satisfeita com o sucesso da operação. Kira começou a enrolar a mangueira e parou depois da vigésima volta. – Deve medir pelo menos seis metros.

– Vamos – disse Heron, ajudando-a a passar com a mangueira pela janela. Kira saiu à superfície mais ao sul de onde imaginava e procurou Samm em cima do telhado. Ele a receberia com um sorriso? Com certeza deveria estar preocupado com a demora delas. Em todo caso, Kira pegou-se desejando que Samm estivesse aflito especificamente com ela e não com o sucesso ou o fracasso da missão.

Espantou aquela ideia da cabeça e levantou uma das pontas da mangueira.

– Mangueira – disse simplesmente, com o fôlego curto por causa da luta contra a correnteza. Ela avançou com dificuldade e Samm ajudou-a a subir no telhado. Heron nadava logo atrás e não parecia sentir metade do cansaço de Kira. Samm levantou os vários metros de mangueira enrolando-a numa espécie de telha de madeira limosa. Em seguida, apontou para a margem, onde o cavalo de Heron, Dug, encarava o grupo solenemente.

– Acho que aquele é o melhor lugar para levar o barco – disse. – A chance de dar certo é boa, depende da profundidade do rio, mas a barça parece rasa. Se formos naquela direção e amarrarmos uma das pontas à mangueira... – Ele parou, estudando a arquitetura dos pedaços da embarcação acima da água. – O poste. Posso nadar daqui e amarrar a mangueira, soltar o barco, e nós o rebocamos até terra firme.

– Fácil assim? – indagou Kira.

– A menos que o saveiro esteja preso com uma corrente de aço – respondeu ele. – A parte mais difícil vai ser voltar carregado com os cavalos sem ir a pique entre os edifícios.

– Acredito que sejamos os primeiros a tentar atracar um barco no fim da rua principal de uma cidade – disse Heron. – Não acho que a cidade tenha sido projetada com espaço de manobra para barcos.

– Vamos usar os postes para impulsionar a embarcação contra a violenta correnteza do Mississippi – sugeriu Kira.

– Fácil assim? – perguntou Samm. Kira levantou o olhar e viu que ele sorria, um arremedo de sorriso, como se ele estivesse tentando. Ela sorriu de volta.

– Pois é, fácil assim.

Mas não foi tão simples. Samm mal conseguia chegar ao barco com a mangueira amarrada no poste e, mesmo depois de prendê-la em outro lugar, percebeu, enquanto mergulhava para soltar a corda que segurava a embarcação – que na verdade não era uma, mas sim cinco –, que a correnteza estava forte demais para executar o serviço. Fixou a outra ponta da mangueira no barco e ficou meia hora submerso, dando golpes cortantes contra as amarras, subindo para respirar algumas vezes. Kira não conseguia vê-lo muito bem, mas ele estava pálido e tremendo de frio. A cada novo mergulho ela prendia a respiração também, tentando ser cúmplice de Samm, testando quanto tempo ela conseguia ficar sem ar. Ele sempre a superava, dilatando os minutos de maneira impossível, até o ponto de ela ter certeza de que Samm havia se afogado. Numa súbita guinada, o saveiro moveu-se ao perder as amarras, mas nada de Samm. Kira contou até dez. Nada. Ela deu alguns passos desajeitados e contou novamente até dez, depois vinte, e logo Heron estava nadando com ela, usando a mangueira esticada para manter o equilíbrio. O barco balançou novamente, descendo a correnteza, girando e batendo contra os prédios, e Samm emergiu, desesperado em busca de ar. Kira o segurou, mantendo sua cabeça acima da água, enquanto ele respirava avidamente.

– Consegui – disse ele, batendo o queixo de frio. – Vamos puxar o barco para cá.

– Primeiro você precisa se aquecer. Pode sofrer uma hipotermia.

– A mangueira vai romper se esperarmos muito – disse Heron.

– Ele pode morrer – insistiu Kira.

– Vou ficar bem. Sou um Partial.

– Vamos voltar para o raso, ou terá sido tudo em vão – disse Heron.

Voltaram com o auxílio da mangueira, enquanto Kira não tirava os olhos de Samm. Tinha medo de que o tremor evoluísse para uma condição mais severa de hipotermia. Quando

alcançaram o banco de areia e puderam ficar de pé, Kira massageou o peito e as costas de Samm, num movimento tão rápido e furioso que muito provavelmente aliviou mais sua consciência do que a condição dele. Ela sentiu um leve arrepio ao tocá-lo – a sensação lhe pareceu tão absurdamente fora de hora que tirou as mãos quase imediatamente, retraindo-se diante da incongruência dos seus sentimentos. Ela era uma médica, não uma garotinha; podia tocar o tórax de um homem sem se derreter toda. Samm continuava tremendo e Kira voltou a massageá-lo no peito, forçando o corpo a produzir calor. Logo em seguida, os três começaram a arrastar o barco para fora das ruas alagadas. Afa observava impassível, dopado demais pelos analgésicos para ficar de pé. O saveiro deslizou em direção ao grupo vagorosamente, e quando ganharam seis metros de calmaria, Kira desamarrou a mangueira e a esticou até o próximo ponto de segurança, na direção da margem. A embarcação raspava nas casas, e enganchou-se em uma delas com tanta firmeza que Heron precisou nadar para desprendê-la com uma tábua. Após mais de duas horas de trabalho, o barco estava próximo o bastante da terra para os cavalos embarcarem. Foram quase noventa metros.

Amarraram novamente a embarcação, puxando a mangueira e quase a perderam; Samm enrolou o tubo flexível num dos braços e segurou-se a uma parede de tijolos com a outra mão, ficando com o rosto vermelho de dor devido ao esforço; enquanto isso, Kira e Heron se agitavam para estabilizar o barco. Uma porta que se soltara de algum batente próximo foi usada de plataforma de embarque para os cavalos, que subiram um de cada vez, incentivados por palavras carinhosas; Samm e Heron alinhavam os animais no meio da embarcação. Ele ainda tremia, e seu cavalo Buddy parecia mais alerta, relinchando e raspando a pata no chão tão nervosamente que a porta rachou. Colocaram-no no barco antes de a porta ceder por completo, e então foi preciso encontrar outro suporte para Azarão. Afa subiu por último, tinha o rosto inexpressivo, os braços enormes em volta da mochila, como se fosse uma boia salva-vidas intumescida.

– Não posso esquecer minha mochila – disse. – Não posso esquecer minha mochila.

– Não vamos esquecê-la. Sente-se aqui e não se mexa. Você vai ficar bem – assegurou-lhe Kira.

Heron soltou a mangueira e correu para tomar o lugar na frente da embarcação, chegando a tempo de pegar um pedaço de madeira e pressioná-lo contra uma fileira de construções contra a qual a correnteza tentava empurrá-los. Samm estava do mesmo lado, com as mãos e os braços ainda embranquecidos pelo frio. No meio do saveiro, Kira tentava acalmar os cavalos, que relinchavam com a agitação causada pela instabilidade do barco; os animais balançavam para cima e para baixo, bem ao contrário do que acontecia em terra firme. Eles ficaram ainda mais agitados quando houve um choque contra a pequena loja de ferramentas.

– Cuidado com os prédios! – gritou Kira, tentando impedir que Bobo recuasse e se soltasse dela.

– Vá pro inferno! – devolveu Heron, os dentes cerrados enquanto tentava evitar que o barco desgovernado, agora no meio da impiedosa correnteza, batesse novamente contra alguma

construção. O rio os puxava tanto na direção dos prédios como para o meio das ruas, não com velocidade, mas com força; não era um fluxo tranquilo de água clara. Kira percebeu que mesmo um rio de águas preguiçosas, ao ser tão grande, possuía uma força imensa. Com a ajuda de Samm, conseguiram evitar que a parte traseira da embarcação colidisse contra o último edifício da rua; de súbito, estavam livres da cidade submersa, dos entulhos que entupiam as margens, da limitada estabilidade que os prédios haviam oferecido. O barco soltou-se lentamente na água, e os cavalos estalavam as patas de medo. Samm correu para ajudar Kira, e Heron para a frente, tentando se manter de pé no que parecia ser a proa.

– Banco de areia! – gritou, agachando-se para manter o equilíbrio. O saveiro balançou com o súbito impacto, fazendo Kira buscar apoio para não cair. Afa tombou para o lado, fechando os olhos e apertando a mochila com força. Samm e Kira afastaram-se, cada qual puxando dois cavalos pelas rédeas. O impacto no banco de areia girou o barco na direção contrária à correnteza por alguns breves instantes, mas logo isso foi corrigido. Kira recobrou a posição e ajustava as rédeas quando Heron soltou um grito ainda mais alarmante:

– Ponte caída!

– O quê? – perguntou Kira.

– Segure-se em alguma coisa – disse Heron e o saveiro deu uma pancada violenta contra uma inesperada maçaroca de vigas de metal retorcido, pouco visível acima da água, mas mortalmente escondida embaixo dela. Os cavalos gritaram junto com eles, metal arranhando metal. O barco embicou perigosamente, balançando para o lado contrário ao contornar a ponte caída. Kira lutava para manter os cavalos sob controle.

– Precisamos mudar de direção – gritou ela.

– Sim, mas acho que no momento isso está fora de cogitação – respondeu Samm. Kira segurou-se com mais força enquanto o barco balançava desgovernadamente. Estavam no meio do rio e a correnteza era mais rápida e intensa; sem poder acreditar, Kira viu que estavam sendo arrastados direto para os destroços da ponte. Balançavam como uma rolha solta na superfície, lançados de uma pedra a outra, de um fragmento de aço a outro. Uma das piores batidas provocou um grande estrondo e ela olhou em todas as direções para ver se alguma coisa tinha se partido. Heron rolava pelo chão com o olhar furioso.

– Está entrando água.

– Isso é incrível. Jogue para fora! – gritou Kira.

Heron olhou feio para ela, mas encontrou um pedaço de madeira e tentou bloquear a entrada da água por uma rachadura na lateral do casco; felizmente não era no chão, pois Kira supôs que nesse caso iriam afundar imediatamente. A tábua não funcionou e Heron tentou usá-la como um leme. O saveiro não mudou de direção e o rio os levou para onde bem entendeu. Outro impacto fez todos balançarem e Kira gritou ao ver o chão abaulando embaixo dos seus pés. *Isso não deveria acontecer.*

– O piso está cedendo! – gritou.

Samm segurou os cavalos firmemente, mas os animais pareciam dispostos a dividi-lo ao

meio.

– Está arqueando ou minando água? – indagou ele.

– Acho que só... – gritou Kira, no momento em que o barco acertou outro obstáculo e o piso de metal grunhiu reclamando de algum movimento súbito.

– Minando água – disse Heron, forçando o pedaço de madeira contra o chão. – Isso não vai terminar bem.

– De quanto vai ser o prejuízo? – perguntou Kira. – Supondo que a gente chegue na outra margem.

– Vai ser grande – respondeu Heron. – Vamos perder alguns equipamentos, talvez a maioria deles. Um cavalo, se tivermos azar, e Afa, se tivermos sorte.

– Não vamos perder Afa – disse Samm. – Carregarei ele nas costas se for preciso.

– E será – emendou Heron. – Esta lata velha está caindo aos pedaços e o rio está fazendo sua parte para agilizar o processo.

– Tente manobrar para mais perto da margem – disse Kira.

Heron arregalou os olhos, incrédula.

– Que diabos você pensa que eu venho tentando fazer nos últimos cinco minutos?

– Agora você não está tentando – rosou Kira.

– É melhor que você saiba nadar – disse Heron, lançando-lhe um olhar glacial enquanto voltava para a lateral do barco –, porque Samm vai salvar Afa e eu não vou cuidar de você. – Ela enfiou a madeira na água, endireitando o barco, mas sem conseguir dirigi-lo para alguma direção específica. Quase bateram num promontório, mas a mesma correnteza que havia afastado a embarcação para longe da margem direita trabalhava agora para mantê-los distante do lado esquerdo; mesmo quando conseguiram se livrar do rastro de destroços da ponte, o saveiro estalou e começou a afundar, prisioneiro da poderosa correnteza. O rio desviou para o sul com a água batendo nos pés de Kira. Ela olhou para o curso da água e percebeu que o rio fazia uma curva na forma de U antes de voltar a correr para o leste.

– Mantenha o leme estável – gritou para Heron. – O rio está tão violento que é capaz de nos lançar sobre aquele banco de areia.

– Não é um banco de areia, mas um ancoradouro – disse Samm. – E vai doer se formos arremessados.

– Apenas... salve Afa – respondeu Kira, olhando para a margem. O rio fluía surpreendentemente devagar para a sua força, dando a impressão de que levavam uma eternidade para fazer a curva. Ocorreu à Kira que talvez ficassem sem impulso para completar a travessia, mas aos poucos a margem direita foi se aproximando e o saveiro adquiriu quase a mesma largura do rio. *Vamos aportar*, pensou Kira, *e bem no meio de uma cidade*. Agora ela conseguia ver os prédios e as docas elevando-se no matagal à beira do rio, antes encobertos pelas árvores e pelos juncos. A cidade parecia perfeitamente localizada para reaver as coisas arrastadas pelo rio, e Kira perguntou-se por breves instantes se o local não havia mesmo sido projetado com esse propósito. Seus pensamentos tornaram-se urgentes à medida que a margem

do rio chegava mais perto e a esperança de ancorar se transformava na certeza de que iriam bater contra o cais que se avultava diante deles. Tudo estava alagado, como a maioria das cidades costeiras; Kira supôs que o trajeto que seguiam os levaria direto ao emaranhado de barcos, troncos e outros entulhos presos na confusão de lojas velhas e edifícios.

– Vamos aguentar outro tranco? – perguntou ela.

– Não – respondeu Heron, levantando-se e jogando o leme de lado. – Salve o que puder.

– Ela arrancou as rédeas de Dug da mão de Kira e parecia preparar o cavalo para pular. Ao perceber que a batida era inevitável, Samm soltou as rédeas e correu para ajudar Afa. Os cavalos recuaram ariscos, e a mudança na distribuição do peso fez o barco danificado dobrar, derrubando Kira e jogando Azarão para o lado. Kira agarrou-se à rédea de Bobo, tentando ficar de pé; naquele momento, porém, a embarcação deu uma pancada violenta contra uma massa de destroços, curvando-se como uma lâmina de metal. Ela caiu na água e o rio a engoliu.

Capítulo Vinte e Nove

A água batia contra as laterais do barco à medida que os soldados se afastavam do ancoradouro. Marcus agarrou-se ao que costumava ser a balastrada de um antigo iate de luxo que os soldados da Rede haviam recondicionado e abastecido com o combustível mais limpo que conseguiram produzir. Estavam num grupo de dez, incluindo Marcus e o senador Woolf, embora todos os homens ali o chamassem de comandante Woolf; Marcus podia dizer que ele estava muito mais à vontade como soldado do que como político. Partiam da ponta extrema ao sudoeste de Long Island, de um cais industrial com o nome sinistro de Gravesend Bay [5] – ele tentou não pensar no significado daquilo.

O plano era simples. Em Manhattan, potencialmente, havia um grupo pouco amistoso de Partials, mas tudo que tinham ouvido de Samm sugeria que a região seria o ponto mais ao sul onde o grupo se aventuraria chegar, pois estavam ocupados demais em defender suas posições fragmentadas nos territórios de Nova York e Connecticut. O comandante Woolf havia traçado uma rota através da parte baixa da baía de Nova York, quilômetros longe de qualquer posto de guarda em Manhattan, margeando a costa sul de State Island até a boca do canal Arthur Kill. De lá subiriam para o norte, atravessando as ruínas de Nova Jersey, de preferência sem serem percebidos, até a ponte Tappan Zee e entrariam na planície de White Plains. Se cruzassem com os Partials liderados por Morgan, estariam mortos; caso a outra facção Partial os visse na hora errada, sob a luz errada, ou se estivessem no pique de matar, também seria o fim. Os soldados da Rede andavam armados até os dentes, mas Marcus sabia que isso não adiantaria em nada se encontrassem um pelotão Partial avesso à conversa. Era exatamente por isso que estavam fazendo um desvio tão longo, para não se deparar com nenhum dos grupos Partials.

A baía de Nova York era um labirinto traiçoeiro de mastros, andaimes e antenas afundadas, que sobressaíam da água como uma floresta de mexilhões metálicos. O piloto que os conduzia era o melhor que haviam conhecido em East Meadow e a travessia da baía estava sendo bastante tensa. O iate não era a embarcação mais manobrável, pois os controles estavam velhos e rígidos. Marcus caminhou pelo barco estreito, um ato de maior coragem do que ele gostaria de admitir; logo, segurou-se na balastrada próxima a Woolf, que observava as ruínas de várias estruturas naufragadas.

– Por favor, diga que essas embarcações não são o que restou de nossas antigas missões – disse Marcus.

– De certa forma, sim – respondeu Woolf –, mas são de doze anos atrás. Esta é a última esquadra poderosa da NADI, que seguia para atacar o baluarte da defesa Partial em Nova York. É muito provável que seja o mesmo para o qual estávamos seguindo agora em White Plains. A esquadra foi afundada por aviões Partials antes que entrasse nos canais.

– E continuam aqui? – perguntou Marcus, olhando ao redor para os destroços. – Alguns

dos navios estão com a carcaça tão à mostra que não sei se dá para dizer que estão afundados ou apenas atolados.

– Até este ponto a baía tinha apenas doze metros de profundidade. O seu meio é mais fundo, onde realizaram dragagens para fazer uma rota de navios. No entanto, agora deve estar mais rasa por causa do acúmulo de uma década de sedimentos. Os navios maiores estão daquele lado – disse Woolf, apontando para o sudeste –, numa plataforma oceânica logo ao sul de Long Island. Todos os grandes que não conseguiram chegar até aqui.

– Por que algum navio iria querer avançar tanto para dentro da baía? Mesmo que não estivessem atacando, uma esquadra deste porte, num rio tão estreito, seria avassaladora.

– Um ataque avassalador era exatamente o que estavam planejando – disse Woolf, assistindo a outra monstruosidade metálica passar flutuando lentamente. As embarcações subiam do fundo do oceano como gigantes tentáculos retorcidos de metal; o último deles, os restos enferrujados de algum monstro marinho escandinavo. – Pelo menos era o que queria a minha unidade.

A pior parte ficou para trás quando passaram o sul de Staten Island, cruzando da parte baixa da baía de Nova York à baía de Raritan; no entanto, mesmo ali havia sinais de navios naufragados e vários perigos. O piloto do iate mantinha seu olhar treinado na costa norte e conduziu a embarcação por uma enseada que rapidamente reduziu-se a um pântano.

– Por que parou? – perguntou Woolf.

– Chegamos. Aqui é Arthur Kill – respondeu o piloto.

– É o canal? – disse Woolf em tom de dúvida. – Parece mais um riacho cortando um parque sinuoso do que a rota de navios que eles haviam visto no mapa. – Tem certeza? – insistiu o comandante.

– Confie em mim – respondeu o piloto. – Costumava morar perto daqui. Aquela coisa a oeste é o rio Raritan e aqui é Arthur Kill. Foi construído pelo homem e era preciso dragá-lo todos os anos para mantê-lo aberto. Mas isso antes do Surto. Agora que ninguém mais faz isso, encheu-se de lodo.

– Tempo o suficiente para que os juncos crescessem nas laterais – disse Wolf. – Vamos conseguir atravessar?

– Posso tentar – respondeu o piloto, engatando o iate numa marcha lenta. Avançaram preguiçosamente pelo canal estreito; pássaros do pântano berravam, cantavam e piavam em volta deles, fazendo Marcus se sentir num safári por um gigante cânion de metal. As construções nas duas margens eram opressivamente industriais, não lembravam em nada os prédios reluzentes de Manhattan, mas os edifícios desgastados das fábricas do “Litoral Químico”. A água tinha um aspecto oleoso onde quer que olhassem, e Marcus perguntou-se como os pássaros conseguiam sobreviver. Um peixe enorme saltou na frente do barco e capturou alguma coisa da superfície. Marcus teve a impressão de que os juncos das laterais estavam cheios de crocodilos mutantes e esfomeados.

O piloto os conduziu até o rio Rahway, antes de seguir por um desvio; seu leito lançava

água suficiente no canal para mantê-lo desimpedido no ponto onde se encontrava com o lado sul do rio. No entanto, os afluentes mais ao norte aparentemente ofereciam melhores saídas para as águas do que o canal artificial, e a passagem entre este e Newark parecia estar impedida com juncos e sedimentos. Viraram na direção oeste do rio Rahway, agora cercados, dos dois lados, por silos altos de armazenamento de produtos químicos; abriram caminho até uma série de pontes maciças passarem por sobre suas cabeças – tratava-se da estrada de ferro e de uma rodovia de várias pistas, tão larga, que usava quatro pontes para cruzar o rio.

– É a rodovia de pedágio de Jersey – explicou o piloto, levando o iate para perto da sua margem. – Eu morava na saída 17E.

Woolf pediu para o piloto se aproximar ainda mais da costa; os soldados recolheram os equipamentos e começaram a se deslocar para terra firme. Antes de segui-los, Marcus olhou cautelosamente para os juncos na margem do rio, ainda desconfiado de que encontraria crocodilos; por fim, saltou do barco.

A rodovia rasgava a paisagem até a cidade costeira, uma metrópole separada de Manhattan ainda por outra capital entre elas.

– De duas, uma: ou os Partial não vigiam esta área remota ao oeste, ou estão nos observando, independentemente do que estivermos fazendo – disse Woolf. – Neste caso, sugiro que a gente entre de mansinho e bote pra quebrar.

Capítulo Trinta

–Só mais alguns minutos e eles estarão aqui – disse Haru.

– E os Partials também – ironizou o soldado raso Kabza.

– Vai dar tudo certo – assegurou Haru. – Quantas vezes já não fizemos isso e quantas vezes os Partials conseguiram nos matar?

– Falar é fácil – começou Kabza, mas Haru não deixou que ele continuasse.

– Já disse que vai dar tudo certo – insistiu Haru. – Cheque com a retaguarda.

Kabza foi para o rádio e enviou uma breve mensagem codificada para o guarda que se mantinha na retaguarda, sussurrando no microfone e ouvindo atenciosamente o som que chegava do outro lado da linha. Quando encerrou a conversa, virou-se para Haru.

– Nossa rota de fuga continua desimpedida. A minha opinião é que a gente abandone isto aqui e fuja agora. A Voz pode se virar sozinha, sem precisar da gente aqui para fazer o trabalho. Não estamos ganhando nada para fazer isso.

– Você disse “a Voz”? – indagou Haru.

– Sim. Como você chama eles?

– Delarosa odeia a Voz. Ela nunca usaria esse nome – criticou Haru.

O rádio apitou e Kabza colou o ouvido nele. Após um breve instante, pronunciou um rápido “Recebido, câmbio” e olhou para Haru.

– Os guardas os avistaram. Devem chegar aqui em alguns minutos.

– Estão sendo seguidos pelos Partials?

– Ele não informou – respondeu secamente Kabza. – Acho que o guarda teria mencionado alguma coisa se fosse o caso, mas se quiser posso confirmar.

– Relaxe. É o que venho dizendo a você. Vai dar tudo certo.

– Fantástico. Fico contente que você tenha uma confiança inabalável nessa mulher. –

Kabza parou, observando a floresta e então voltou a falar. – Por falar nisso, por que você confia tanto nela? Pensei que a odiasse.

– Delarosa e eu... discordamos em alguns pontos. Quando escapei a primeira vez, ela estava usando civis inocentes como isca, incluindo a mim, o que me deixou um pouco irado, com razão. Mas concordo completamente com os pontos centrais de seu discurso: nosso litoral deve ser vigiado, precisamos destruir os Partials e, em tempos difíceis, grandes males são tratados com remédios amargos. Delarosa está disposta a fazer o que for, e ela sabe que, contanto que não arrisque desnecessariamente a vida de pessoas, pode contar comigo.

– O que você quer dizer com “arriscar desnecessariamente”? Eu passei os últimos três dias em território inimigo, cutucando o nariz e torcendo para que ninguém atirasse em mim enquanto entrego à Delarosa uma coisa que nós poderíamos ter facilmente deixado para lá. Isso é desnecessário?

– Desta vez ela me pediu algo incomum... – respondeu Haru, espiando entre as árvores.

– Quero saber o que ela planeja fazer com isso.

No momento seguinte, uma das sentinelas fez um sinal silencioso com as mãos, e Haru e Kabza viram três figuras envoltas em mantos saírem detrás das árvores. Delarosa tirou o capuz e permaneceu parada em silêncio. Haru saiu do esconderijo e caminhou até ela.

– Está atrasada – ele disse.

A expressão no rosto de Delarosa era impassível.

– Você é impaciente. Está com meu equipamento?

Haru acenou. Kabza e outro soldado apareceram carregando dois caixotes pesados, repletos de equipamentos de mergulho: máscaras, nadadeiras, vestes aquáticas e quatro tanques de ar comprimido recentemente abastecidos.

– Os tanques são quase novos. Não encontraria nada em melhores condições em toda Long Island. Corri um grande risco pessoal para retirá-los das ruínas de um arsenal da Rede. – Delarosa fez sinal para seus comparsas se aproximarem, mas Haru deu um passo à frente, bloqueando a passagem. – Antes de você pegar os equipamentos, quero saber para que vai usá-los.

– Para respirar embaixo d’água – ela respondeu. Haru não disse nada e Delarosa inclinou a cabeça para o lado, intrigada. – Você nunca quis saber dos meus planos.

– Porque tudo que você me pediu antes tinha um propósito claro. Balas, explosivos, painéis solares, equipamento de rádio. Tudo era material padrão para o uso em guerrilha. Mas você conhece as minhas regras e condições para trazer suas encomendas, então quero a sua garantia de que nenhum civil será ferido em seja lá qual for a ação que realizar.

– Cíveis estão sendo feridos a cada segundo que demoramos aqui – respondeu Delarosa.

Haru manteve o olhar firme.

– Para que você quer o equipamento de mergulho?

– Para realizar uma busca – respondeu simplesmente Delarosa. – Em doze anos recolhemos muita coisa na ilha, mas ainda há o que vasculhar no mar. Ao me entregar o equipamento, você está garantindo que eu não precise mais de tantos favores seus no futuro.

– O que está há doze anos sob o mar que pode ser tão útil? – indagou Haru. – Acredito que qualquer provisão ou armamento submerso por tanto tempo estaria agora bastante deteriorado.

– É isso que vamos ver.

Haru a encarava, tentando tomar uma decisão. Por fim, virou-se e saiu da frente.

– Não faça com que me arrependa de tê-la ajudado. – Ele caminhou de volta para a companhia de seus homens e sinalizou que era hora de partir. O soldado raso Kabza o seguiu.

– Que alívio – disse Kabza. – Quanto mais eles coletam o próprio material, menos temos de colocar nossa vida em risco.

– Talvez – respondeu Haru, ainda matutando sobre o conteúdo e o tom do que Delarosa havia dito.

– O que você vai fazer?

Haru franziu o rosto. Tinha um plano em mente.

– Vamos atrás dela.

PARTE 3

Capítulo Trinta e Um

Kira e seus companheiros perderam a maior parte da bagagem no rio: o fuzil de Samm, o rádio de Afa e quase toda a comida. Afa havia se agarrado à mochila, mas os documentos ficaram encharcados e imprestáveis, o papel se desfez e a tinta correu à vontade misturando-se à água. Felizmente a tela portátil sobreviveu, mas o carregador Tokamin foi engolido pelo rio. Kira sabia que aquela era a perda mais devastadora, mas não foi a que mais a entristeceu. O pior tinha sido a morte do cavalo de Heron, Dug, que teve as duas pernas fraturadas na batida. Embora tivesse sobrevivido, a única coisa que fazia era gritar de dor e de medo, a respiração agitada e a boca espumando. Samm havia colocado um fim à sua miséria com um tiro.

Seguiram viagem assim que se sentiram recuperados. Samm, Heron e Kira revezavam-se entre Buddy e Bobo, ao passo que Afa, ainda machucado e quase em estado de delírio, precisara ser amarrado na sela de Azarão para evitar que caísse. Kira estava convencida de que sua perna estava infeccionada, e eles assaltavam cada farmácia pela qual passavam em busca de um medicamento perdido. Durante o percurso, Kira ficou surpresa ao perceber sua capacidade para acompanhar o ritmo dos outros, não apenas ao andar junto com os cavalos, mas também pelo próprio vigor com que avançava. Sempre soubera que era resistente, atribuindo essa qualidade a uma vida inteira de luta amarga pela sobrevivência – tinha sido obrigada a trabalhar para conseguir tudo que possuía, o que lhe rendera um condicionamento físico adequado –, no entanto, agora percebia que não era só isso. Ela avançava ao lado deles, passo a passo, quilômetro a quilômetro. Era uma dádiva, mas não deixava de ser perturbador. Outra prova de que, no fundo, não era humana.

O caminho os conduziu alguns quilômetros em direção ao norte, onde encontraram a Rodovia 34, a qual seguiram para o oeste. O terreno era mais parecido com o do lado leste do rio, pradarias que se estendiam sem nenhuma elevação até onde a vista alcançava, pontilhada aqui e ali por bosques ou linhas escuras desenhadas por arbustos e pela vegetação rasteira, que demarcavam uma ravina, uma vala ou uma antiga fazenda. Kira apreciou o cenário, especialmente quando o sol começou a se pôr e todo o ambiente, céu e terra, brilhou em tons vivos de vermelho, amarelo e laranja. Aquela era uma visão bonita demais para não ser compartilhada e virou-se para Samm; entretanto, seu olhar era sombrio e a expressão, taciturna. Kira chamou a atenção dele com um aceno.

– Qual o problema?

– O quê? Nada.

– Samm...

Ele olhou para Kira e em seguida para o pôr do sol incandescente. Ela acompanhou seu olhar e disse:

– É deslumbrante.

– Sim. Mas também... Eu estive por aqui durante a revolução. Foi... – Samm fez outra pausa, como se a lembrança fosse dolorosa. – Você sabe que no leste, na nossa casa, tudo está quebrado, desgastado, as construções em ruínas e cobertas por *kudzu* e pelas ervas daninhas. Tudo parece... velho? Cada minuto de nossas vidas está marcado pelos sinais do que fizemos, do que destruímos... – Samm ficou quieto mais um pouco. – Olhe ao nosso redor. Não há nenhuma casa por quilômetros, apenas uma estrada reta ainda em boas condições. Como se a guerra nunca tivesse existido.

– Você sente falta dos resquícios da destruição?

– Não é isso. Eu costumava pensar que o mundo tinha ficado pior depois do que as duas espécies fizeram, mas aqui eu percebo que o mundo sequer dá importância para quem somos. Ou éramos. Nós chegamos e partimos, e a vida segue. A terra, que sempre esteve aqui, permanecerá assim depois da nossa morte. Os pássaros continuarão cantando, a chuva caindo. O mundo não acabou... apenas se reiniciou.

Kira ficou contemplativa, pensando nas palavras de Samm. De certa forma, soavam tão puras e inesperadas, vindas de um Samm que ela julgava conhecer. Ele era um soldado, um guerreiro, uma muralha de estoicismo, e ali estava seu outro lado, mais brando, quase poético, que ela ignorava. Kira lançou um olhar prolongado para ele: aparentava dezoito anos, como todos da infantaria Partial, mas estava vivo há dezenove. No entanto, teria começado a vida como um rapaz de dezoito, então isso fazia dele... um homem de trinta e sete? Calcular a idade que Samm realmente tinha deu um nó na cabeça de Kira. O que ele pensava sobre si mesmo e sobre ela era também outro mistério.

E lá estava aquele pensamento novamente, fazendo-a grunhir e sacudir a cabeça como se pudesse afastá-lo como as gotas de água em seu cabelo. *O que Samm pensa de mim? O que eu penso de Samm?* Racionalmente ela tentava convencer a si mesma que aquelas questões não eram importantes, que havia assuntos mais urgentes com que se preocupar, mas seu coração parecia não estar convicto disso. Kira repetia para ela mesma que não fazia sentido tentar decifrar a relação entre eles, que ela sequer sabia o que desejava de Samm. Mas seu coração continuava ignorando todos os argumentos. Sua mente trabalhava incessantemente, perguntando quem era Samm, qual a sua origem e o que ele queria. Por outro lado, como ela, a garota Kira, que continuamente colocava a própria vida em risco, se encaixava naquela história? Samm falava sobre a renovação do mundo, e tudo que ela podia pensar era em estar naquele mundo com ele. Era a mesma conversa que tivera com Marcus um milhão de vezes, mas nesse caso ela sempre desejava algo mais. Com Samm, porém...

Não. Não estou aqui para isso. Não é o que vim fazer. Pensar num futuro com Samm é um exercício de insensatez. Dentro de um ano ele vai estar morto, por causa da data de validade. Encontre as respostas. Resolva o problema. Você só começa a viver quando encontra algo pelo que vale a pena.

Kira cavalgava enquanto assistia o sol afundar no horizonte; o céu vermelho tornou-se rosa, depois azul, e por fim coloriu-se do púrpura mais escuro que ela jamais vira. Acompanhou

a chegada das estrelas e viu seu brilho iluminar toda a pradaria. Acamparam a céu aberto e assaram coelhos que Heron havia caçado com uma flecha. Kira fechou os olhos e fez de conta que o mundo nunca havia acabado, que estava apenas começando, que ao acordar pela manhã tudo seria como aquele local: puro e intocado, sem nenhuma cicatriz deixada pela ação humana, pela rebelião Partial, ou qualquer outro indício da civilização. Adormeceu e sonhou com as trevas.

No dia seguinte, encontraram a primeira árvore envenenada.

O clima estava mudando. O vento forte que soprava do leste, vindo dos Grandes Lagos, começava a ser substituído, a cada quilômetro percorrido, pela corrente de ar que subia do Golfo do México. A situação ainda não era tão ruim, mas aquela árvore raquítica e retorcida, de um branco gritante, era o primeiro sinal de que os dias de calmaria tinham ficado para trás. Começavam a entrar na terra tóxica.

No segundo dia, Kira sentiu o odor azedo – era apenas um toque, trazido pelo sopro suave do vento, quase metálico, do ar envenenado, uma combinação de enxofre, fumaça e ozônio. Apenas um traço e desapareceu. Na manhã seguinte, o odor era mais persistente, podendo ser percebido quase o dia todo, e as árvores embranquecidas despontavam aqui e ali, como esqueletos fantasmas nos esparsos arbustos na lateral da estrada. A grama presa ao que restara das cercas exibia agora um verde pálido, e crescia em tufos irregulares e desordenados. A cada dia de viagem a paisagem piorava. A próxima cidade que alcançaram era um local desolado chamado Ottumwa, com ruas, paredes e telhados raiados de resíduos químicos, como se o próprio escoamento da chuva fosse cáustico e mortal. O rio que cortava o centro da cidade não era de forma alguma grande como o Mississippi e, além disso, não possuía pontes imponentes. Nenhuma estava de pé, fosse por algum ato ancestral de sabotagem ou pela ação implacável do tempo. O rio descia do norte, onde a terra estava menos poluída, por isso a água, pelo menos, parecia fresca. Permaneceram algumas horas em Ottumwa, esquadrinhando cada loja e restaurante decrépito em busca de remédios e latas de comida que ainda parecessem em condição de serem consumidos. Heron era uma caçadora talentosa, mas agora que estavam numa terra devastada, seria arriscado comer qualquer caça. Kira cuidou da ferida de Afa, nem melhor nem pior desde o naufrágio, e murmurou palavras reconfortantes de incentivo em seu ouvido.

– Vamos atravessar outro rio – disse mansamente, pingando as últimas gotas de água doce sobre o furo da bala na perna dele. – Vamos nadar, mas não vai ser tão ruim como da outra vez. Vai ser fácil.

– O rádio vai estragar – disse ele com o olhar desfocado por causa da mistura de dor e anestésicos. – Não podemos deixar o rádio molhar porque vai estragar.

– O rádio já estragou. Não se preocupe com isso agora.

– Podemos encontrar outro.

– Encontraremos – disse calmamente Kira, aplicando pomada no ferimento. – Depois de

cruzarmos o rio.

– Não quero cruzar o rio, vamos bater o barco de novo. – E assim prosseguiu o diálogo, girando em círculos, enquanto Kira atava o ferimento com uma bandagem apertada e depois o protegia com sacos plásticos e fita adesiva, fazendo o possível para que o curativo se mantivesse à prova d'água. Ao terminar, foi conversar com Samm.

– Ele nem sabe onde estamos – disse ela. – Ele não vai aguentar seguir adiante. Não temos o direito de continuar fazendo isso com ele.

– Não podemos deixá-lo aqui...

– Eu sei – rebateu Kira, logo suavizando o tom de voz e desviando o olhar. – Sei que estamos fazendo o possível, só não gosto da situação. Quando tudo que podemos fazer por ele se restringe a arrastá-lo para dentro da terra tóxica, então tem alguma coisa muito errada na decisão que nos trouxe até aqui.

– E o que você teria feito diferente?

Kira lançou um olhar atravessado para Samm, irritada com a sua implacável praticidade, mas meneou a cabeça e reconheceu a derrota.

– Nada, eu acho, exceto ter evitado o ataque na central de dados. Mas não tínhamos controle sobre isso. Eu não gosto de colocar Afa nessa situação, como já não gostava quando o tiramos de Manhattan, só que não podemos cumprir a missão sem ele, e ele não pode sobreviver sem a gente. Eu só... – Ela parou, procurando as palavras. – Só me sinto mal por ele. Você também?

– Eu também. Não posso evitar.

Kira sorriu satisfeita e fitou o outro lado do rio.

– Eu imaginava que os supersoldados fossem construídos sem nenhum sentimento, para torná-los mais eficientes em... matar. A guerra é isso.

– Na realidade, fizeram justamente o contrário. – A resposta de Samm intrigou Kira. – Você não sabia? – perguntou ele. – Foi uma das primeiras leis que levou a ParaGen a criar os modelos militares BioSynths. Afa tem uma cópia da resolução das Nações Unidas em sua mochila, mas duvido que agora você possa lê-la. Tinham tido alguns problemas com os soldados automatizados, guiados por controle remoto, e veículos tomando decisões... moralmente questionáveis em campo. A partir de então, as únicas empresas que conseguiram contratos para fabricar unidades militares autônomas foram as de biotecnologia, capazes de criar armas com resposta emocional humana.

Kira balançou a cabeça.

– Faz sentido. Sempre me senti tão humana emocionalmente... – Ela interrompeu a frase, sem saber como completar o pensamento. Franziu a testa e olhou para Samm. – Se fomos projetados para discernir entre o certo e o errado, não passaríamos dos limites num campo de batalha.

– Eles nos ensinaram o certo e o errado, mas depois nos colocaram numa situação incrivelmente errada – explicou Samm. – Na minha opinião, a rebelião foi o nosso ato mais

humano. Pense na sua vida, é o melhor exemplo. O tempo todo você é levada a fazer o que considera certo. Você encontra pessoas em problema e sente necessidade de ajudar. Você me ajudou, mesmo me considerando um inimigo irremediável. Não fomos apenas projetados para ter consciência, mas para ter uma consciência ainda mais aguçada, com um elevado senso de empatia que nos impele a salvar vidas, reparar os erros e ajudar os oprimidos. E então nos tornamos os oprimidos. De que outra forma poderíamos ter reagido?

Kira concordou novamente com a cabeça, mas como as implicações das palavras de Samm faziam mais sentido, olhou para ele em choque.

– Deram a você um incrível senso de empatia e depois o mandaram para a guerra?

Samm desviou o olhar, fitando a outra margem do rio.

– Nada muito diferente do que acontece com os soldados humanos. O que, suponho, tenha justamente sido a intenção.

Heron aproximou-se, jogando entre os dois um pacote de provisões.

– Só temos isso. Frango e atum em lata, vegetais desidratados e um purificador de água novinho. Ainda estava selado e o filtro parece não ter sido usado.

– Perfeito – disse Samm. – Hora de partir.

Embalaram a bagagem em vários sacos plásticos de lixo coletados numa mercearia e passaram várias camadas de fita adesiva para reforçar o máximo que podiam. Ajeitaram Afa sobre Azarão, amarrando-o à sela, e carregaram os sacos no lombo de Buddy e Bobo. A água estava gelada, mas a correnteza não era das mais fortes, e a travessia felizmente transcorreu sem nenhum susto. A grama da outra margem era verde e saudável, nutrida pelas águas limpas do rio, não obstante, a cerca de seis metros acima da encosta, a grama voltou a apresentar coloração amarelada e aspecto doentio. Deste lado, os prédios estavam tão manchados pelos resíduos químicos quanto os anteriores. Kira verificou o curativo de Afa e ficou satisfeita ao encontrá-lo em boas condições, descartando a necessidade de refazê-lo.

O céu estava carregado e Kira preocupou-se com a chuva. Haviam deixado a cidade havia cerca de duas horas e ainda estavam na Rodovia 34 quando caíram os primeiros pingos.

Ressoaram contra o asfalto.

Agora era a vez de Kira caminhar e ela dobrou o corpo à frente para sentir o calor que subia do asfalto. Não sentiu nada. A noite se aproximava e o dia nublado manteve o pavimento relativamente fresco. Outro pingo chiou, como se queimasse ao entrar em contato com o pavimento.

– Não está quente – disse ela, endireitando-se. – O ruído não é do vapor.

Outro pingo caiu, e outro em seguida.

– Não é vapor, é ácido – disse Heron.

Uma gota caiu no lombo de Azarão, que relinchou de dor. A chuva apertava e Kira sentiu um ardor no braço. A gota deixara uma marca vermelha na pele e a dor aumentava enquanto olhava para ela. Kira fitou o céu.

– As nuvens vêm do sul, certo?

– Corram! – gritou Samm, agarrando as rédeas de Azarão. Afa gritava de dor e medo, agarrado à mochila encharcada. Kira procurou sua jaqueta, mas lembrou-se de que a guardara nos sacos plásticos, junto com tudo que o grupo possuía, para atravessar o rio, e os sacos ainda estavam selados e amarrados aos cavalos. Tomou as rédeas de Bobo e correu atrás de Samm tentando manter o controle sobre o cavalo enquanto a chuva ácida caía sobre a cabeça e o dorso do animal. Heron passou por ela, puxando Buddy a reboque, e Kira seguiu atrás o mais rápido que pôde. Agora a chuva estava pesada e ela sentia os pingos ácidos no rosto e nos braços, provocando irritação e coceira em apenas alguns segundos. Com a mão livre, desfez o rabo de cavalo, deixando o cabelo cair livremente sobre as orelhas e os ombros como um capuz de proteção. Puxou algumas mechas sobre o rosto, pois estava apavorada com a possibilidade de alguma gota da chuva escaldante atingir os olhos; prosseguiu aos solavancos através da limitada visibilidade.

Samm avistara uma fazenda na lateral da estrada e tentava passar pelo arame farpado no entorno do gramado enquanto Azarão forçava violentamente as rédeas e relinchava tentando escapar dos doloridos pingos de chuva. Heron alcançou Samm e passou-lhe as rédeas de Buddy; Kira percebeu que ela também soltara o cabelo, mas Samm não tivera a mesma sorte, e seu rosto estava marcado com vergões avermelhados. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Heron empunhou uma faca em cada uma das mãos e, num ímpeto violento, abriu um buraco onde antes passavam quatro arames. Kira investiu contra a abertura com Bobo, agarrando as rédeas de Bubby ao atravessar. Heron seguiu-a com Azarão e Afa. Por último veio Samm, que, ao alcançar Kira, tentou tomar as rédeas de Buddy.

– Me deixe ajudar! – gritou. – Não vai conseguir controlar os dois.

Os cavalos davam coices enlouquecidamente, mas Kira os mantinha sob controle com punhos de aço, afastando Samm com o pé.

– Procure abrigo! Ou vai ficar cego!

– Não vou deixar você aqui fora!

– Abra a casa para podermos entrar! – gritou Kira, afastando-o novamente. Samm disparou em direção à casa, tropeçando no terreno alqueivado. Kira perguntou a si mesma como ele ainda enxergava. Ela cerrou os dentes e puxou os cavalos com toda a força, usando um animal como alavanca para manter o outro alinhado, e torcendo para que seus ombros resistissem à pressão. Após um breve embate, os animais perceberam que estavam sendo estimulados a correr e desembestaram pelo campo, curvando a cabeça e galopando em direção à casa da fazenda. Kira vinha atrás, arrastada aos solavancos. A folga nas rédeas puxava-a em direção aos cascos de Buddy, então ela as soltou e veio ao chão rolando na lama envenenada. Os cavalos dispararam, pescoço a pescoço, rumo à casa. Kira levantou-se e os seguiu soltando um grito de guerra, que ao mesmo tempo era de dor.

Cambaleou porta adentro quando Samm e Heron pegavam os animais, do lado de fora. Na sala da frente havia um sofá e uma poltrona, cada qual com um esqueleto ainda encarando a

televisão na parede. Parecia que cada centímetro do corpo de Kira estava escaldado pelo ácido. Ao olhar para baixo, ela viu que a chuva furara sua camiseta. Arrancou-a num piscar de olhos e ao ver mais meia dúzia de buracos na parte de trás, arremessou-a do outro lado da sala; Samm e Heron agora estavam dentro da casa e fechavam a porta para manter os cavalos protegidos da chuva. Horrorizados, os animais não paravam de dar coices e relinchar, destruindo tudo que estava ao redor – TV, móveis e até mesmo os esqueletos foram pisoteados furiosamente. Kira tentou se aproximar de Afa, ainda preso à sela de Azarão, mas foi impossível. Heron rastejava ao redor da sala, conduzindo Samm pela mão; ele mantinha os olhos fechados e seu rosto estava vermelho. Quando os cavalos permitiam, a dupla avançava, do contrário, recuavam para escapar deles. Ao alcançarem Kira, ela pegou Samm pela mão e o levou para a porta dos fundos, que dava na cozinha, longe dos golpes dos cascos. Kira ouvia o chiado do ácido corroendo o tecido e rasgou a blusa de Samm na altura do peito; a roupa se partiu como se fosse papel molhado, metade já consumida pelo ácido, e Kira arremessou-a para o lado. Heron também se despiu, a pilha de roupas fumegava no canto da cozinha. Os três estavam com a pele cheia de pontos avermelhados, doloridos e latejantes. Com os olhos ainda fechados, Samm atrapalhou-se todo na tentativa de tirar o cinto; Kira o ajudou e em seguida tirou o dela. Logo eles estavam apenas em roupas íntimas, tentando recuperar o fôlego e pensando no próximo passo, enquanto os cavalos se alvoroçavam na sala.

Afa ainda gritava, chorando histericamente, mas pelo menos continuava vivo. Kira olhou ao redor da cozinha procurando qualquer coisa que pudesse usar, toalhas para se secarem ou comida para acalmá-los; viu que a pia possuía duas torneiras, uma normal e outra estranha, com uma bomba industrial. Isso atraiu sua atenção e logo a ficha caiu.

– Estamos numa fazenda! – gritou, correndo para os armários. – Eles têm um poço!

– O quê? – perguntou Heron.

– A fazenda fica muito longe do sistema normal de abastecimento de água, então possui um poço, abastecido por um aquífero subterrâneo. A bomba traz a água para a superfície. – Procurou nos armários a maior panela e correu até a pia. – Em East Meadow existem duas fazendas com poços assim, e eles são os únicos que têm água corrente em toda a ilha. As bombas não precisam de energia para funcionar, então devem estar em condição de uso. – Mexeu na alavanca, mas ela estava emperrada; então abriu a geladeira e pegou um vidro de picles rançoso; despejou o conteúdo sobre a alavanca para lubrificá-la. Continuou trabalhando, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Heron veio ajudá-la e de repente a água jorrou para dentro da panela. Kira esperou o recipiente encher enquanto Heron foi buscar outra panela; quando as duas estavam cheias, levaram-nas até a sala e jogaram a água nos cavalos, lavando-os do ácido. Bombearam novamente, repetindo o processo. Jogaram uma panela de água após outra nos cavalos, até Kira ter certeza de que secariam o poço. À medida que o ácido foi saindo das costas dos animais, eles começaram a se acalmar, e as duas garotas apressaram-se em desmontar Afa, ainda aos prantos, para levá-lo à cozinha. Suas roupas, quase totalmente corroídas, já não escondiam as costas cheias de vergões, queimaduras e bolhas. Heron bombeou outro balde de

água e Kira voltou até os cavalos para retirar as selas e as sacolas plásticas com os remédios. Afa estava rouco demais para gritar e, sentado no chão, apenas balançava o corpo para a frente e para trás; Samm parecia estar inconsciente ou numa meditação profunda para controlar a dor, o que fez Kira temer a gravidade do estado de seus olhos. Ficou imóvel, exausta e olhou para Heron.

A Partial encarou-a de volta, tão acabada quanto Kira, e não pensou duas vezes antes de falar.

– Ainda acha que tomamos a decisão certa, Kira?

Não, pensou, mas forçou-se a responder outra coisa.

– Sim.

– É melhor torcer por isso – respondeu Heron. – Só percorremos trinta quilômetros dentro da terra tóxica. Ainda temos mais mil e cem quilômetros pela frente.

Capítulo Trinta e Dois

Marcus e os soldados viajavam para o norte atravessando as ruínas das cidades de Jersey e Hoboken, e do vasto cenário metropolitano a oeste do rio Hudson. Era um grande desvio de rota, planejado para não topar com nenhum posto de observação Partial escondido em Manhattan ou no Bronx; isso os obrigava a ir muito mais ao norte do que seria necessário apenas para encontrar um caminho de volta pelo Hudson. Ao norte de Manhattan o rio alargava de tal forma que se parecia mais com uma baía; lá encontraram finalmente a ponte para atravessar o rio em seu ponto mais extenso: uma agulha branca cruzando o céu, chamada Tappan Zee. Era a estrutura mais nova que Marcus já vira, e supôs que a construção havia sido reformada logo antes do Surto. Estendia-se por quilômetros e o grupo levou quase um dia para fazer o percurso a pé. Já era incrível o fato de a ponte ter sobrevivido, mas ter permanecido quase em perfeitas condições era um testemunho das glórias do velho mundo. Aquilo o fez pensar se as futuras gerações, considerando-se haver alguma, olhariam para essa inacreditável façanha arquitetônica com o mesmo espanto e reverência que devotávamos às pirâmides ou à Grande Muralha da China. Um caminho pelo céu. *É muito provável que venham com alguma ridícula explicação religiosa, ele pensou, do tipo que a ponte foi construída como uma estrada para o paraíso, que cada pilastra representa algum aspecto de nossas crenças e que o comprimento multiplicado pela altura é o sinal de que o equinócio da primavera está chegando...* Marcus dava asas à imaginação. Tappan Zee estava lotada de carros, muitos deles batidos ou capotados, alguns espalhados ao longo da via, formando desenhos misteriosos. O grupo era obrigado a avançar aos poucos, cortava caminho através do emaranhado de metal, parava e recomeçava, escalando sobre as quentes relíquias metálicas, enquanto torravam ao sol.

A cidade do outro lado do rio chamava-se Tarrytown, e ao começarem a descer para a terra firme uma voz gritou entre as ruínas.

– Parem!

Os soldados ergueram os fuzis, mas o comandante Woolf mandou abaixá-los.

– Viemos em missão de paz! – gritou Woolf. – Estamos aqui para conversar!

– Vocês são humanos – disse a voz, e Woolf concordou com a cabeça, segurando o fuzil pelo cano, levantando-o e mostrando o mais claramente possível que o dedo estava longe do gatilho.

– Carregamos armas apenas para nossa defesa. Não queremos brigar, apenas conversar com quem está no comando.

Houve um longo silêncio e, quando a voz retornou, Marcus achou que soava... hesitante.

– Diga a que veio.

– Uma Partial de nome Morgan atacou nossa colônia e fez nosso povo refém. Sabemos que ela é nossa inimiga tanto quanto é sua. Temos um velho ditado humano: “O inimigo do meu

inimigo é meu amigo”. Minha esperança é que isso nos torne amistosos o bastante para conversarmos por um minuto.

Houve outra pausa prolongada, então a voz disse:

– Coloquem as armas no chão e se afastem.

– Façam o que está pedindo – disse Woolf, abaixando-se para depositar o fuzil no chão.

Marcus imitou o gesto e viu que os outros soldados acatavam a ordem do comandante, embora alguns relutassem em aceitá-la. Estavam em doze homens, incluindo Marcus e Woolf, mas os três Partials que saíram do esconderijo e se aproximaram da ponte pareciam confiantes de serem páreo para doze humanos. Marcus concordava com eles. O líder era jovem, da idade de Samm, embora ele reconhecesse esse fato como natural: na infantaria Partial todos tinham a mesma idade, congelados nos dezoito anos. *Acho que vamos conhecer os generais quando chegarmos em White Plains.*

– Meu nome é Vinci – apresentou-se o Partial, e Marcus reconheceu ser a mesma voz que gritara para eles minutos antes.

– Queremos conversar sobre um tratado – disse Woolf. – Uma aliança entre o meu povo e o seu.

Se Vinci ficou surpreso, não demonstrou, embora Marcus sempre achasse difícil ler nas entrelinhas quando se tratava de Partials. O rapaz olhou para os seus homens e novamente para Woolf.

– Infelizmente não posso ajudá-lo.

Marcus surpreendeu-se.

– Só isso? – perguntou Woolf. – Você veio nos ouvir, mas sequer vai considerar a nossa proposta?

– Não estou em posição de pensar sobre isso – respondeu Vinci. – Sou um soldado da retaguarda, não um general ou diplomata.

– Então nos leve até os generais e diplomatas – sugeriu Woolf. – Nos leve até alguém que possa nos ouvir.

– Infelizmente também não posso fazer isso.

– Você não tem permissão para nos deixar entrar em seu território? – perguntou Woolf.

– Nesse caso, envie um mensageiro. Nós acamparemos aqui na ponte, se for melhor para você. Mas diga a alguém que estiver no comando que estamos aqui e o que estamos oferecendo. Pelo menos faça isso.

Vinci ficou em silêncio, pensativo. Marcus tentava adivinhar se ele aceitaria o pedido de Woolf ou se apenas queria encontrar um jeito de dizer não.

– Sinto muito – disse, finalmente –, no momento é muito perigoso. A guerra contra as forças de Morgan está... – Ele ficou quieto, como se procurasse as palavras certas. – Fugindo do controle.

– Estamos dispostos a arriscar – interveio Marcus.

– Nós não – rebateu Vinci.

– Por que não nos deixa falar? – gritou Woolf, dando um passo à frente. No mesmo instante, os Partials empunharam as armas. Woolf praticamente fervia de raiva e Marcus podia ver que estava a ponto de começar uma briga e torcia para que, no final, ele tivesse homens suficientes para ir atrás de alguém mais útil do que Vinci. Vasculhou a memória em busca de algo que pudesse fazer para amenizar a situação; pensou em Samm, na maneira como ele falava, e nas coisas que funcionaram ou não com ele. Samm era um pragmático infalível e quase impotente perante o sentimento de lealdade aos seus líderes, mesmo quando discordava deles. Marcus lembrou-se de tudo que se passara com o soldado Partial e entrou na frente de Woolf bem no momento em que o velho homem parecia prestes a tomar uma atitude.

– Espere! – disse nervosamente, receoso de levar um soco, fosse de seus aliados ou dos inimigos. – Meu nome é Marcus Valencio. Sou um tipo de “conselheiro para as relações Partials” – disse isso em benefício dos dois lados na esperança de acalmar os ânimos e ganhar tempo para uma conversa. – Se você me permite, gostaria de fazer uma pergunta política delicada: o que você quis dizer quando respondeu que não poderia nos ajudar?

– Ele quis dizer que *não* vai nos ajudar – disse Woolf.

Vinci não respondeu, mas após alguns segundos balançou a cabeça.

– Veja, eu não acho que o problema seja esse – prosseguiu Marcus. Vinci já olhava para Marcus antes, mas a partir daquele momento toda a atenção do Partial, que parecia conter a força de um raio laser, estava voltada para o mediador, e este podia sentir a diferença na intensidade do olhar. Sorriu nervosamente, reafirmando a si mesmo que o olhar predador era um sinal de que Marcus estava certo. Vinci mantinha um segredo, mas era leal demais para admiti-lo.

– Você está morrendo – continuou Marcus. – Não você em especial, pelo menos por enquanto, mas o seu povo. Os seus líderes. Todo Partial tem uma data de validade que expira aos vinte anos e vocês só ficaram sabendo disso quando os primeiros Partials começaram a morrer. Mas agora já perderam várias gerações e, se meu cálculo estiver correto, isso inclui todos os seus generais que estavam no comando.

Vinci não fez nenhum sinal afirmativo, mas tampouco discordou. Marcus observava seu rosto na expectativa de vislumbrar alguma mudança de emoção, mas a expressão dos Partials era sempre tão sem vida que ele não conseguia prever o que se passava na cabeça do rapaz. Foi em frente:

– Acho que está querendo dizer que não podemos formar uma aliança porque não há ninguém do seu povo com autoridade suficiente para assumir isso.

O grupo permanecia em silêncio. Marcus mantinha o olhar em Vinci, sem coragem de se virar para trás e ver a reação de Woolf. O velho soltou o ar e falou mansamente.

– Pelo reino dos céus, filho, se o problema for esse, deixa a gente ajudar...

– Não precisamos de vocês – cortou o soldado Partial.

– Vocês são uma nação sem líderes – disse Woolf –, uma nação de jovens...

– Jovens que derrotaram vocês – respondeu Vinci com veemência. – E que estão

dispostos a repetir a dose se nos derem motivos.

– Não estou querendo fazer isso – disse Marcus, voltando a se colocar entre os dois. Ele sabia que estava encurrulado, antecipando-se a um ataque que certamente viria de um dos dois lados; no entanto, mantinha-se firme, sorrindo, e na torcida para que ninguém perdesse a paciência. – Vinci, meu comandante não teve a intenção de dar a entender que você não sabe tomar suas próprias decisões ou de que precisa de um velho camarada para agir por você. – Marcus olhou diretamente para Woolf. – Ele sabe perfeitamente quanto isso seria ofensivo. Portanto, nunca diria isso ou daria a entender tal coisa, certo?

Woolf assentiu com a cabeça, encabulado de certa forma, porém Marcus notou a tensão no maxilar enquanto o comandante falava.

– Certamente. Não tive a intenção de ofendê-lo.

– Pois então – disse Marcus, olhando de soslaio para Vinci antes de observar a expressão de Woolf. – Além do mais, comandante Woolf, Vinci não fechou a questão quanto ao fato de não nos ajudar, nem disse que prefere outro genocídio a formar uma aliança conosco.

– Você não fala por ele – ralhou Woolf.

Marcus virou-se para Vinci: – Estou errado? Você não tinha nenhuma intenção de sugerir nada sequer remotamente parecido com isso, tinha? Quero dizer, você sabe quanto uma atitude como essa seria reciprocamente ofensiva, certo?

Vinci respirou fundo e balançou a cabeça, demonstrando a primeira expressão facial presenciada por Marcus até o momento.

– Não queremos outra guerra com os humanos.

– Que bom – disse Marcus. – Agora, será que vocês dois podem ter uma conversa cordial ou vou ter de ficar mediando o tempo inteiro? Porque, francamente, estou a beira de molhar as calças aqui mesmo.

Vinci olhou para Woolf.

– Esse é o seu conselheiro para relações Partials?

– O método dele é pouco ortodoxo, mas funciona – respondeu Woolf, esfregando o queixo. – O que ele disse é verdade? Que todos os seus comandantes estão mortos?

– Nem todos – respondeu Vinci, e pela pausa que se seguiu, Marcus percebeu que o jovem soldado não queria dizer a próxima parte. – Mas a maior parte, sim. Restou um. Com as informações que vocês já devem ter obtido em Long Island, estamos presos numa guerra em pequena escala com a facção da doutora Morgan. Assim como ela, nosso objetivo é acabar com a data de validade, mas seus métodos tornaram-se exagerados.

– Só que o tempo está acabando – disse Marcus. – Acreditamos que podemos ajudar. Os nossos médicos são, literalmente, os melhores do planeta e estão fazendo de tudo para encontrar a cura para a nossa própria extinção. Com o apoio de vocês, poderemos curar o RM em apenas algumas semanas e, em seguida, todos os médicos poderão se concentrar na data de validade. Podemos nos salvar uns aos outros.

– Mas temos de conversar com o líder que você citou – disse Woolf. – Pode nos levar até

ele, ou ela?

– Posso apresentá-los a ela, mas não garanto que vá servir para alguma coisa.

Woolf franziu o rosto.

– Ela está morrendo? Chegou a vez dela? – perguntou o comandante, meio sem jeito.

– Ela é um membro da Verdade – disse Vinci. – São nossos líderes e, até onde sabemos, não possuem data de validade. Mas a generala Trimble é... bem, vocês verão. Sigam-me, mas deixem as armas aqui. E eu avisei, é perigoso. Sem querer ofender, mas um grupo de humanos não passa de peso morto num campo de batalha Partial. Se virem ou ouvirem algo remotamente parecido com tiros, escondam-se.

Woolf contraiu a expressão.

– Devemos apenas nos esconder?

Vinci deu de ombros.

– Bem, escondam-se e rezem.

White Plains era diferente de tudo que Marcus conhecia, embora a viagem deveria tê-lo preparado para o que o aguardava. Eles não vieram escondidos nem transportados numa carroça, e sim na carroceria de um caminhão. Um veículo de verdade, com motor. Quem dirigia era uma Partial chamada Mandy, provavelmente uma das motoristas da qual Samm falara. Ela os olhou desconfiada o caminho inteiro até a cidade, apesar de estarem desarmados, de terem sido revistados e de terem ficado sem parte da bagagem. Marcus já tinha se deparado com um veículo de propulsão própria, mas vê-lo sendo usado tão casualmente era admirável. Em East Meadow eles rodavam apenas nos casos de emergência, quando a velocidade era uma questão de vida ou morte. Em White Plains, circulavam como se fossem a coisa mais normal do mundo.

Passaram por outro caminhão numa encruzilhada, e por mais outro.

Então, chegaram à cidade.

Marcus havia vivido tanto tempo em meio a ruínas que, ao ver uma cidade em perfeitas condições, levou um choque, de certa forma bem perturbador. As ruas não estavam cheias de pedestres, mas de carros; a iluminação das casas não vinha de lamparinas nem velas, mas era gerada por energia elétrica. Havia luz nas varandas, nas ruas, nos tetos, e até mesmo em letreiros de prédios. A cidade inteira parecia brilhar com as lâmpadas elétricas. Menos gritante, porém ainda mais desconcertante, era a existência de vidros em todas as construções. Isso foi uma das primeiras coisas que desapareceu após o Surto, devido aos ciclos de congelamento e descongelamento, que provocaram alterações nos batentes das janelas dos prédios sem aquecimento, e aos bandos de pássaros e outros animais. Em East Meadow, as janelas existiam somente nas casas habitadas e nos primeiros andares dos hospitais, onde os funcionários faziam o possível para conservá-las. Mas em todo o resto estavam quebradas, a exemplo do Brooklyn, de Manhattan e Nova Jersey. Mas não ali. O local mantinha-se nas condições de uma cidade pré-Surto, lançada para a frente no tempo, intocada pelo apocalipse que destruiu o resto do mundo.

Mesmo assim, pensou Marcus, não era bem verdade. Os Partials eram soldados e esta era uma cidade em guerra, sem nenhum civil à vista. *Exceto eu*, pensou. *Sou o único não combatente que este lugar viu nos últimos doze anos.*

Mandy os guiou até um prédio de vários andares, no centro da cidade, cercado por barricadas feitas de saco de areia e com holofotes e atiradores no topo. O clima era pesado, e cada soldado Partial parecia estar à espera de algo, um ataque, muito provavelmente; Marcus não podia deixar de se preocupar com o que os deixava tão apreensivos. Vinci os acompanhou para dentro do edifício, explicando a cada grupo de segurança pelo qual passavam – e havia muitos –, que ele trazia um enviado dos humanos para conversar com a generala Trimble e que as armas deles já haviam sido confiscadas. Marcus, contrariamente, sentia-se mais inseguro a cada barreira e seus respectivos protocolos; tinha a impressão de que entravam numa prisão em vez de um prédio do governo. As luzes dos holofotes brilhavam suavemente nas paredes e no teto, conferindo ao local uma atmosfera sobrenatural que o deixava ainda mais ansioso. Vinci os conduziu a uma sala espaçosa no último andar, um tipo de pátio, com bancos e mesas de centro, circundado por apartamentos e sob uma larga claraboia com estrutura em treliça. Um guarda trancou a porta de acesso ao corredor.

– Vocês ficam aqui – disse ele. – Não é um alojamento dos mais confortáveis, mas deve ser melhor do que os que estão acostumados.

– Não há dúvida – respondeu Marcus. – Onde está a fonte de chocolate? Vou ficar bastante decepcionado se ela não estiver amarrada nas costas de um urso polar encantado.

– Não viemos para ficar – disse Woolf. – Queremos conversar com Trimble. Ela está aqui?

Vinci assentiu com a cabeça. – Ela está ocupada. Esperem aqui.

– Por quanto tempo? – indagou Marcus. – Uma hora? Duas?

Uma das portas se abriu, revelando um apartamento pequeno, mas arrumado. Uma mulher saiu com grande ansiedade. Mostrou-se decepcionada ao vê-los.

– Vocês não são homens da Trimble?

– Você não é Trimble? – Woolf perguntou e olhou para Vinci. – O que está acontecendo aqui?

– Estou esperando desde ontem – disse a mulher. Ela caminhou na direção do grupo e Marcus supôs que ela estivesse perto dos sessenta anos, mas ainda em forma e atraente, como todas as Partials aparentemente eram. No entanto, não se comparava às jovens como Mandy ou às assassinas em série com aspecto de modelo como Heron. Pelo estilo, Marcus suspeitou que ela era uma médica e estendeu a mão para cumprimentá-la.

– Olá, doutora.

Ela não retribuiu o gesto, apenas olhou severamente para ele.

– São humanos – ela disse.

– Você está esperando desde ontem? – insistiu Woolf. Virou-se para Vinci. – Morgan está matando nosso povo. Estamos morrendo na guerra e nos hospitais, todos os dias. Todas as

horas. Precisa nos levar até Trimble o mais rápido possível.

– Mas não antes de mim – disse a médica Partial. – Todos nós temos assuntos que não podem esperar. – Ela fitou Vinci. – Você é assistente dela? Pode transmitir uma mensagem?

– Sou apenas um soldado, madame.

– Ela não está aqui? – indagou Marcus. – Ela está na linha de frente ou em algum outro lugar? Em outra cidade? Podemos ir até ela se for mais fácil.

– Ela está aqui – disse a médica, apontando para uma combinação de duas portas no corredor norte. – Ela apenas... não está disponível.

– O que ela está fazendo que não pode sequer nos receber? – perguntou Woolf. – Está ocupada? Com quem ela está falando que pode ser mais importante do que nós?

– Estamos no meio de uma guerra – disse Vinci. – Ela está liderando os soldados a partir da central. Não pode interromper seu trabalho cada vez que alguém deseja falar com ela.

– Podemos forçar nossa entrada – zombou um dos soldados humanos que era uma fortaleza de músculos.

– Essa não é a melhor tática quando se está tentando ser diplomático – ralhou Woolf.

– Podemos fazer alguma coisa para apressar o encontro? – perguntou Marcus. Ele apontou para a médica. – Eu sei que você já deve ter pensado em todas as possibilidades, mas... quem sabe, enviar uma mensagem? Contar por que estamos aqui? Somos os primeiros humanos na cidade, em doze anos. Viemos com a proposta de um acordo de paz e de uma aliança médica. Isso deve ter algum peso.

– Eu sei o quanto é importante – disse Vinci. – Por isso trouxe vocês até aqui. Mas avisei que não seria fácil. E vocês precisam ter paciência.

– Isso é totalmente razoável – concordou Marcus. – Vamos esperar.

– Foi a mesma coisa que ouvi ontem – disse a médica, levantando a sobrancelha. – Meu relatório é tão vital, provavelmente até mais importante que o assunto de vocês, mas Trimble recebe as pessoas de acordo com a sua agenda, quando ela deseja e não antes disso.

– Então vamos aguardar – disse Woolf. – O tempo que for preciso.

Marcus perguntou-se quantas pessoas morreriam, ali e em Long Island, enquanto esperavam.

Capítulo Trinta e Três

Amédica apresentou-se como Diadem, sem dizer mais nada. A hostilidade em relação a Marcus e aos outros do grupo era visível, simplesmente porque haviam tomado seu lugar na fila para ver Trimble. A isso somavam-se a vigilância constante dos guardas Partials e as ameaças verbais de uma iminente Guerra Partial; o ambiente parecia, cada vez mais, uma panela de pressão. Na opinião de Marcus, se não fossem conversar logo com Trimble, os soldados iriam explodir.

Os minutos tornaram-se horas. Sempre que o relógio batia, eles viravam os olhos ou suspiravam, enquanto o tempo escorria lentamente; sempre que uma porta se abria, todas as cabeças se voltavam na esperança de que finalmente seriam atendidos por Trimble. O sol descreveu um arco sobre a ampla claraboia, e os soldados Partials entravam e saíam do pátio, sussurrando ansiosamente sobre temas que Marcus só podia imaginar. Nenhum dos hóspedes estava feliz. O comandante Woolf parecia um leão enjaulado, andando para cima e para baixo; suas tentativas de obter alguma informação dos guardas sempre fracassavam. Eles sequer deixavam que se aproximasse, acenando com as mãos para afastá-lo; caso persistisse, espantavam-no com os fuzis. As atividades nos bastidores aumentavam, e Marcus sentia a tensão como se o ambiente tivesse sido tomado por um espírito zangado, ardente e inflamado. Numa segunda tentativa de se aproximar de Diadem, perguntou para a médica o que se passava, mas ela manteve o olhar fixo nos soldados, com uma expressão no rosto que ele começou a identificar como uma carranca Partial.

– Estão se preparando para a batalha – disse, finalmente. – A guerra está chegando em White Plains.

– Mas o exército de Morgan está na ilha. Com quem estão lutando? – perguntou Marcus. Diadem recusou-se a responder.

À medida que a noite caía, aumentava seu desespero com a possibilidade de jamais ser recebido por Trimble; jurou não pegar no sono para não perder a chance de vê-la no meio da noite. Manteve-se ocupado, observando os dispositivos espalhados pelo local; objetos tão antigos que o jovem mal reconhecia, mas que aparentemente eram de uso diário dos Partials. Sobre uma mesa de canto, encontrou um pequeno cilindro plástico, cuja utilidade não se lembrava, embora estivesse certo de que o conhecia. Remetia-lhe a algo da infância, mas o quê? O objeto era coberto de botões que ele apertou, mas nada aconteceu. Diadem observava-o com o olhar de um inseto faminto.

– Gostaria de assistir alguma coisa? – ela perguntou finalmente.

– Não, obrigado. Estou tentando descobrir o que é.

– Por isso perguntei. É um controle remoto. Da *holotela*.

– Sabia que já tinha visto um! – disse Marcus. – Boa parte das casas em East Meadow tinha uma tela na parede, ativada por controle de voz e de movimentos. Não vejo um controle

remoto como este desde criança.

– Tenho uma *holotela* na parede da sala de espera do consultório – prosseguiu Diadem, dando a entender que talvez estivesse disposta a conversar. Marcus era todo ouvidos. – Mas a sala é tão grande e lotada que os sensores ficavam confusos com os comandos de voz e de movimento. O controle remoto foi o que resolveu o problema. É engraçado usar esse objeto primitivo, mas se é o que funciona, por que não?

– O que você chama de primitivo, eu chamo de futurista – disse Marcus, ainda examinando o controle. – Você tem uma usina nuclear que produz mais energia do que é necessária. Nós temos um punhado de painéis solares que mal dão conta de manter o hospital em funcionamento. Minha amiga tem um dispositivo de música, mas há doze anos eu não via uma *holotela* ligada. – Levantou-se para procurar um projetor. – Onde está?

– Você está nele. – Diadem levantou-se e pegou o controle das mãos de Marcus, apontando-o para a claraboia. Com um *click*, o vidro escureceu bloqueando a claridade. Depois, com outro botão, apareceu no centro da sala, entre os sofás, uma luminosa névoa holográfica, projetada lá do alto por centenas de minúsculas luzes vindas da estrutura em treliça da claraboia. Marcus e Diadem permaneciam no meio da delicada névoa fotônica em que diferentes ícones moviam-se preguiçosamente de um lado a outro, como sedimentos numa piscina. Marcus saiu do campo da projeção para ter uma visão melhor, sorriu como um garotinho ao reconhecer um título após o outro. Para sua surpresa, reconheceu vários – Soprinho, o Dragão; Escola do Pesadelo e *Steambots* –, todos infantis, programas que ele mal se lembrava de ter assistido numa época muito próxima ao início da epidemia. A maioria dos outros títulos era de filme adulto: dramas policiais, romances médicos e invasões extraterrestres, um banho de sangue que seus pais nunca permitiram que ele assistisse. Enquanto lia o *menu*, os outros humanos aglomeravam-se ao redor da projeção, tão fascinados quanto ele. Deveriam estar parecendo ridículos, pensou Marcus, um bando de provincianos boquiabertos, embasbacados por uma tecnologia corriqueira. Ele também não duvidava que Diadem tivesse ligado o aparelho apenas para se divertir com a reação do grupo. No entanto, ele não se importava. Aquela experiência pertencia à vida que ele havia perdido e poder revivê-la era de cortar o coração.

– O que você quer assistir? – perguntou ela.

O primeiro impulso de Marcus foi dizer Soprinho, seu desenho animado favorito, mas, com os soldados em volta dele, sentiu-se ridículo. Procurou na névoa holográfica algum filme de ação, mas, antes que pudesse escolher algum interessante, o soldado ao lado dele abriu um sorriso largo e sugeriu:

– Soprinho! Adorava esse desenho!

Agora ele é um soldado, pensou Marcus, *mas tinha apenas sete ou oito anos quando o mundo acabou.*

Diadem girou o controle, desfazendo a projeção e capturando o ícone do Soprinho. Como num passe de mágica, lá estava o enorme holograma preenchendo o centro da sala, enquanto o gracioso dragãozinho púrpura voava entre os letreiros de abertura ao som da música

“Soprinho!”. Ao ouvirem a melodia, Marcus e os outros soldados cantaram em uníssono: – Abra as suas asas e voe!

O grupo ria e vibrava ao assistir o episódio completo, recordando, por meia hora, a infância perdida; no entanto, minuto a minuto, a mágica parecia desaparecer. As cores eram muito vivas, o som, muito alto, as emoções, intensas demais e as decisões, um tanto óbvias. Era superficial e doentio, como comer açúcar em exagero, e Marcus questionava-se: *Era disso que sentia falta? O velho mundo era isso? A vida depois do Surto era difícil, enfrentavam problemas dolorosos, mas ao menos eram reais. Quando era criança, ele passava horas na frente da holotela, assistindo ininterruptamente a uma enxurrada de programas, cheios de efeitos e lugares-comuns.*

No fim do episódio, Diadem olhou para ele com o controle posicionado para iniciar outro desenho. Marcus fez um sinal negativo com a cabeça.

Ela desligou o aparelho. – Você parece terrivelmente triste para alguém que acabou de ver um simpático dragãozinho púrpura arremessando um mago dentro de um lago de *marshmallow*.

– É, acho que sim. Desculpe-me – respondeu Marcus.

Ela colocou o controle de lado.

– Gostou do começo, mas não do final.

Marcus fez uma expressão de desagrado, afundando no sofá.

– Não é bem isso, é que... – Ele não sabia como dizer aquilo. – Não é real.

– É claro que não é real, é um desenho animado. – Diadem sentou-se ao lado dele. – Um desenho em 3D com uma ambientação fotorrealista. No entanto, não deixa de ser uma animação.

– Eu sei. Escolhi a palavra errada – disse Marcus, fechando os olhos. – Eu adorava ver o Mago Malvado ser punido. A cada semana era um plano diferente, e Soprinho vencia em todos: ele subia e o Mago caía. Em vinte minutos, apresentavam o problema e encontravam a solução. Eu achava aquilo o máximo... mas não é real. O mocinho é sempre mocinho e o Mago Malvado é sempre... bem, malvado. Está no nome.

– Havia muitos programas infantis que apresentavam ambiguidades e dilemas morais insolúveis – disse Diadem. – Mas acho que a maioria das crianças de cinco anos não estava preparada.

Marcus suspirou.

– Acho que nenhum de nós estava.

Após escurecer, Vinci veio pedir desculpas pela inconveniência de o grupo ainda não ter sido recebido por Trimble e trazer notícias do mundo lá fora: estavam perdendo a guerra e os inimigos estavam cada vez mais próximos da cidade.

– Mas quem está lutando? – perguntou Woolf. – Todos os soldados de Morgan estão ocupando Long Island.

– Há outras... questões – respondeu Vinci.

– Questões? Pensei que fosse dizer façções – surpreendeu-se Marcus. – O que significa “outras questões”?

Vinci ficou calado e Marcus não sabia se o Partial pensava numa resposta ou apenas se recusava a responder. Enquanto tentavam decifrar o que se passava na cabeça de Vinci, ouviram um grito vindo do outro lado da sala.

– Trimble vai recebê-los.

Todos olharam para cima e ficaram de pé. Diadem praticamente saiu correndo em direção às imponentes portas duplas, mas o guarda a deteve apenas com um olhar, e, presumivelmente, uma avalanche de mensagens pelo *link*.

– Você não, os humanos.

– Estou aqui há mais tempo.

– Trimble deseja ver os humanos – reforçou o guarda, olhando para Vinci. – Traga o comandante e o “conselheiro para relações Partials”.

O corredor atrás das portas duplas era amplo e limpo, destituído de praticamente qualquer decoração. Marcus começava a identificar o típico estilo pragmático Partial: não *precisavam* de plantas, quadros ou qualquer mesinha decorativa no corredor, logo não os tinham. Ao final, havia outro conjunto de portas, sendo que de uma delas vinha um barulho surpreendente: Marcus podia ouvir discussões inflamadas e... *sim, tiros. Por que tiros?* O guarda abriu-a e, numa cacofonia de sons, foram envolvidos por uma onda de gritos, choros e sussurros; Marcus reconheceu a mistura caótica de múltiplos rádios, todos ressoando ao mesmo tempo. A sala dispunha de telas portáteis e, nas paredes, alto-falantes de todos os tamanhos, além de outra *holotela* no canto do ambiente, retratando um gigante e reluzente mapa de Nova York, incluindo Long Island e partes de Nova Jersey, Connecticut, Rhode Island e regiões ao norte. O barulho não era originado por uma variedade de rádios, mas fontes de vídeos. Pontos vermelhos piscavam no mapa, rostos e corpos corriam de um lado a outro da tela; jipes, caminhões e tanques produziam um ruído surdo através das paredes televisivas; cidades e florestas ambientavam as ações. No centro, banhada pela luz e pelo som de centenas de telas diferentes, encontrava-se uma única mulher sentada à uma mesa circular.

– É ela – informou o guarda, dando um passo para a lateral e fechando a porta. – Esperem ela falar com vocês.

Woolf e Vinci deram um passo à frente; Marcus mostrou-se mais reservado e permaneceu ao lado do guarda. A mulher olhava em outra direção, então Woolf pigarreou para chamar a atenção dela, que não o ouviu ou simplesmente o ignorou.

Marcus olhou para as telas alinhadas nas paredes. Embora muitas mostrassem a mesma cena, e quase sempre em um ângulo parecido, imaginou que, das centenas de transmissões, pelo menos uma dúzia das telas deveria ser alimentada por fontes separadas. A maioria mostrava cenas de combate que ele supôs estarem sendo transmitidas em tempo real. Trimble assistia ao desenrolar da guerra de um escritório central, assim como Kira fizera com os rádios. Novamente perguntou-se para onde ela teria ido e se algum dia voltaria a vê-la. Como ela não havia se

entregado para pôr um fim à assassina ocupação da Companhia D, a maioria dos moradores de East Meadow acreditava na sua morte. Mas ele mantinha viva a esperança, provavelmente em vão, de que ela sobreviveria.

Uma das telas maiores repetia uma única cena: um soldado correndo, uma explosão de lama e grama; em seguida a cena retrocedia em alta velocidade. O corpo do homem era lançado para a frente, pousava levemente no chão e corria de costas ao mesmo tempo que a terra se regenerava; então, inesperadamente, a sequência era revertida, o homem avançava correndo e o chão embaixo dele explodia. Após a quarta passagem da mesma cena, Marcus notou que a velocidade e os pontos de pausa eram um pouco diferentes a cada exibição: não ocorriam circularmente, alguém manipulava a imagem, procurando... algo. Deu um passo para a frente, inclinou-se um pouco e viu que Trimble estava sentada à uma mesa-computador e brilhava suavemente no escuro. Manipulava uma série de controladores digitais movendo-os para a frente e para trás. O foco da imagem se aproximava e se afastava, a sequência avançava e retrocedia, e o homem morria repetidamente, a cada exibição.

– Com licença – disse Woolf.

– Espere ela falar com você – repetiu o guarda.

– Esperei a semana inteira – retrucou ele, dando um passo largo à frente. O guarda o seguiu, mas Vinci acenou para que não interviesse. – Generala Trimble, meu nome é Asher Woolf. Sou comandante da Rede de Defesa e senador de Long Island. Sou um representante legítimo da última população humana na Terra para oferecer-lhe um tratado de paz e uma parceria de recursos. – Trimble não respondeu nem sequer tomou conhecimento da presença dele. Ele avançou novamente. – Seu povo está morrendo – disse, apontando para as imagens de morte e destruição apresentadas nas telas. – O meu também! Nós dois sabemos que a causa das mortes não é apenas a guerra. Ambos os povos estão estéreis e enfermos. Dentro de alguns anos estaremos todos liquidados, independentemente do que fizermos: de quantas guerras vamos vencer ou perder, de quantas vezes nossos soldados vão atirar uns contra os outros, ou se vamos nos render ou não. O seu povo tem dois anos de vida pela frente, eu compreendo. O meu, por outro lado, irá viver mais alguns anos, mas, no final, estará tão morto quanto o seu. Precisamos trabalhar juntos para mudar a situação. – Ele deu mais um passo. – Está me ouvindo?

O guarda aproximou-se e Woolf ergueu a voz, mas Vinci adiantou-se para ficar ao lado do comandante.

– Muito obrigado por nos receber, generala – disse Vinci. – Sabemos que a senhora está muito ocupada na coordenação de tantos conflitos...

– Ela não está coordenando nada – observou rapidamente Woolf, gesticulando com desdém para as telas. – Só está assistindo.

– Por favor, preste atenção em como fala ou vou pedir para que se retire – disse o guarda.

– Você quer que eu aguarde em silêncio? – perguntou Woolf. – Eu não posso fazer isso. Já esperei demais do lado de fora, não temos mais tempo...

– Fique quieto – disse suavemente Trimble. Marcus recuou, surpreso pela força das palavras de Trimble em desconcertar Vinci e o outro guarda. O guarda voltou a si e encarou silenciosamente Woolf; Vinci abriu a boca com um esforço que o fez ruborizar, mas não conseguiu falar. Marcus havia presenciado o mesmo efeito quando a doutora Morgan demandara que Samm a obedecesse: os líderes comandavam e, graças ao *link*, os Partial não tinham outra escolha a não ser obedecer.

– Não somos Partial – disse Woolf. – Não pode conduzir nossas mentes com o seu *link*.

– Eu também não sou Partial – disse Trimble.

Aquela resposta pegou Woolf de surpresa, deixando-o confuso. Marcus notou o sufoco do comandante e adiantou-se para falar a primeira coisa que lhe ocorreu, qualquer coisa para manter a conversa com Trimble.

– Você é humana? – perguntou.

– Costumava ser.

– E agora?

– Culpada – disse Trimble.

Agora foi a vez de Marcus perder a voz em choque. Procurou algo para dizer e, sem achar as palavras certas, simplesmente colocou-se na frente dela, obstruindo a visão dos televisores e obrigando-a a olhar para ele. Ela era velha, talvez beirasse os setenta anos, a mesma idade de Nandita e a mesma cor de pele. *Nandita é outra razão pela qual estamos aqui*, pensou Marcus. *Precisamos encontrá-la, tanto quanto Kira*. Agarrou-se a esse pensamento, e quando os olhos de Trimble pousaram sobre os dele, Marcus falou suavemente.

– Estou procurando uma amiga. O nome dela é Nandita Merchant. Você a conhece?

Os olhos de Trimble brilharam ao reconhecer o nome, e Marcus voltou a considerar a sua declaração de que era humana; ele nunca conhecera uma Partial com um olhar tão expressivo. Trimble encobriu a boca e arregalou os olhos.

– Nandita está viva?

– Não sei – Marcus respondeu baixinho, surpreso pela descoberta de que a mulher conhecia Nandita. – Há meses que não a vemos. Você sabe... alguma coisa sobre ela? Talvez você tenha recebido alguma imagem que possa nos ajudar. – Ficou em silêncio, observando os olhos de Trimble marejar. Então, decidiu abusar um pouco mais da sorte. – Também não temos visto Kira Walker.

A expressão de Trimble tornou-se estranha, como se ela revirasse a memória em busca de algo há muito tempo esquecido.

– Nandita não tinha nenhuma relação com Kira – disse, inclinando a cabeça para o lado.

– A garota dela chamava-se Aura. Não, Ariel. Isso mesmo, Ariel.

Marcus ficou boquiaberto. Centenas de perguntas congestionaram seu pensamento de forma tão abrupta que ele não conseguia verbalizar nenhuma delas. Ariel? Trimble sabia a respeito de Nandita e Ariel? Isso significava que, em algum momento, Nandita e Trimble haviam entrado em contato, ou, quem sabe até, Nandita tivesse estado em White Plains. No entanto, a

pergunta de Trimble se Nandita estava viva, dava a entender que, mesmo se ela tivesse estado ali, já tinha partido. Enquanto Marcus procurava o que dizer, um alarme soou, e Trimble girou a cadeira, apertando um botão no painel que enviou uma avalanche de imagens para as telas nas paredes, exibindo uma nova bateria de sons e cenas: o retumbar da artilharia, prédios desmoronando, longas listas de nomes correndo tão rapidamente que Marcus não conseguia acompanhar.

– Um novo ataque – disse o guarda, aparentando ter se recuperado do silêncio forçado. Ele foi até seu próprio painel e apertou um botão, olhando para o mapa na *holotela*. – Dessa vez, dentro da cidade.

– Estamos sendo atacados? – perguntou Woolf. Ele levou a mão à cintura, agarrando algo que não estava ali. Marcus fez o mesmo movimento involuntário para sacar a arma. Se fossem atacados por um exército Partial, o grupo de humanos estaria encurralado entre as facções, sem ao menos um graveto com que se defender.

E ainda não nos contaram quem está por trás desse ataque, pensou Marcus. Saber que eles escondiam algo era o que mais o assustava.

– Não devia ter sido assim – disse Trimble, sem olhar diretamente para os mapas e imagens que cobriam as paredes na frente dela. – Nada disso devia ter sido assim.

– Precisa nos ajudar! – exclamou Woolf. – Precisamos nos ajudar!

– Deixe-me em paz – disse Trimble, e no mesmo instante os Partials se dirigiram em direção à porta, arrastando Marcus e Woolf com eles. Seguravam os dois com punhos de aço, empurrando os humanos para fora da sala como se fossem crianças; Marcus e Woolf ofereciam resistência, mas os gritos de nada adiantaram. O guarda trancafiou a porta atrás deles, e Marcus notou que Vinci estava quase sem fôlego, dobrando os pulsos e fitando o chão. Não soube dizer se era de raiva, exaustão ou outra coisa. Ódio? Vergonha?

– Sinto muito – disse ele. – Eu tinha esperança... Sinto muito. Eu avisei. Mesmo assim, esperava mais do que isso.

Capítulo Trinta e Quatro

–Deixe-nos entrar! – rosnou Woolf.

– Estamos no meio de uma guerra – disse Vinci. – Há confrontos na cidade, e se continuarmos perdendo, logo estarão atacando o prédio. Ela não tem tempo para conversar com você.

– Mas ela não está fazendo nada – retrucou Marcus. Olhou ao redor e os Partials desviaram o olhar. – Todos nós vimos o quanto ela está num estado traumático, de estresse. Não está concentrada, está agindo mecanicamente. Metade do tempo não está consciente do que se passa ao redor dela. Não podem deixar que ela lidere o exército.

Os Partials estavam calados.

– Ela disse que era humana – comentou Woolf. – Pior que isso, disse que costumava ser humana. Como assim? Pensei que fosse uma generala Partial.

– Exceto pelo fato de que todos os generais Partials são homens – disse Marcus, lembrando-se da explicação de Samm sobre o sistema de castas Partial. – Cada modelo foi fabricado para um trabalho ideal. As mulheres de mais idade eram todas médicas.

– Ela não era uma Partial. Era humana, ou... costumava ser – disse Woolf. Ele tinha fogo nos olhos. – Conte-nos o que está acontecendo.

– Sinto muito por tê-los tirado da sala – disse Vinci. – Não havia nada que pudéssemos fazer.

– Poderiam ter desobedecido – rebateu Woolf.

– Não, não poderiam – disse Marcus, dando-se conta da situação. – Ela usou o *link*. Ela disse para que saíssem e eles foram compelidos a obedecer, independentemente da vontade deles.

Woolf franziu o rosto.

– Que tipo de mulher se torna uma generala Partial, com acesso aos feromônios do *link*?

– Encarou os dois Partials. – Alguém pode explicar o que está acontecendo?

Quando Vinci ameaçou responder, o outro soldado segurou no seu braço para detê-lo; Vinci o ignorou e abriu o jogo:

– Ela tem se comportado assim já há algum tempo. Estamos lutando contra Morgan há anos, em geral escaramuças que acabaram aumentando por causa de uma discordância fundamental: o que fazer com os humanos em Long Island. Vocês são uma ameaça ou uma necessidade? Temos o direito de exterminar a sua raça ou devemos deixá-los em paz, vivendo e morrendo da melhor maneira possível? Ou, ainda, é do nosso interesse manter a população humana viva? Mas quando a data de validade começou a matar, a situação piorou. Morgan sugeriu usar os humanos como cobaias e Trimble discordou. Ela não achava que era o momento de fazer experiências nos humanos. Enquanto Morgan está cada vez mais poderosa, angariando

apoio e força, e tornando seus métodos de pesquisa mais violentos, Trimble tem se recusado a agir. Ela diz apenas que não quer aceitar um caminho que pode conduzir à erradicação da espécie humana. Mas não oferece nenhuma alternativa, não reage. E com a data de validade expirando a cada dia, a cautela de Trimble tem sido vista como medo e indecisão. Estamos perdendo muitos dos nossos soldados para a facção de Morgan e, mesmo assim, ela não faz nada para detê-los. – Vinci olhou para Marcus. – Queremos ajudar vocês. Enviamos todas as equipes disponíveis para atacar os bastiões de Morgan e conter o avanço dos planos de eliminar a última população humana, mas sem uma liderança firme de Trimble... – Sua voz embargou, e Marcus ouviu uma explosão ao longe.

– Contra quem estão lutando aqui? – indagou Marcus. – Não pode ser a companhia de Morgan e você mesmo já confirmou isso.

– Estão lutando contra eles mesmos – Woolf disse baixinho. Marcus olhou surpreso para o comandante, e depois para Vinci e o outro soldado. Eles não responderam, apenas abaixaram o rosto.

– A sua facção está lutando contra ela mesma? – perguntou Marcus. Lembrou-se dos motins em East Meadow, quando o conflito entre o senado e a Voz chegou a um ponto crucial, e temeu pelas consequências. Ele sabia o quanto essa situação era cruel: de repente, amigos tornavam-se inimigos, enfurecidos pelas diferenças ideológicas. – A batalha que se aproxima será uma revolução? Está sendo liderada pelos antigos soldados da sua facção que agora apoiam Morgan? A cidade será dilacerada.

– Estaremos seguros aqui – disse Vinci, mas em seguida, hesitou. – Devemos estar seguros aqui. Todos neste prédio são leais à generala Trimble.

Woolf fez uma careta.

– Por quê? Mesmo que discorde de Morgan... Trimble é um fiasco.

– Somos leais porque é assim que funcionamos. É a nossa natureza.

Quando outra explosão ressoou fortemente pelo prédio, Vinci e seu companheiro assumiram uma postura que Marcus aprendera a reconhecer como a de comunicação: escaneavam o *link* por notícias do ocorrido. Marcus ouvia o pipocar distante dos tiros.

– Estão se aproximando – contou Vinci. – Voltem para perto dos seus homens, preciso conversar com as forças de segurança do edifício.

Os Partials correram pela passagem espartana.

– Podemos ajudar – ofereceu Woolf. – Tenho oito soldados treinados comigo...

– Por favor, esta é uma batalha Partial – respondeu Vinci. – Vocês só atrapalhariam.

Ele os conduziu pelas portas duplas até a área de espera e os deixou lá, correndo para as entranhas do edifício. Os guardas de Trimble trancaram as portas firmemente. Apenas um dos soldados de Woolf estava no pátio, parado à porta dos dormitórios; ao vê-los, gritou apressadamente.

– Rápido, comandante, precisa ver isso.

Marcus e Woolf correram até o quarto e viram os outros soldados amontoados ao redor

da janela como crianças, olhando para a cidade em temeroso silêncio.

– Afastem-se daí, a cidade está em guerra – ordenou Woolf. Sua voz enfraqueceu quando os soldados abriram espaço para ele junto à janela e ele viu o que prendia a atenção dos homens. Milhares de Partials, aparentemente sem obedecer a formação militar alguma, matabam-se nas ruas e nos telhados, correndo e atirando pela cidade lá embaixo. Olhavam pela janela do décimo quinto andar, bem acima de onde acontecia grande parte do enfrentamento, a cena oferecia ao grupo uma noção assustadora da dimensão da batalha: literalmente, até onde conseguiam divisar, o combate assolava a cidade.

Ainda mais preocupante do que a proporção da batalha era a sua natureza. Mesmo o menor dos soldados Partials, machucado e mal equipado, desempenhava façanhas que fariam de qualquer humano um herói incontestável da Rede de Defesa. Marcus assistia chocado a um soldado da infantaria correr agilmente pelo telhado do prédio à frente e disparar com apenas uma das mãos contra os atiradores posicionados na construção vizinha. Ao chegar à beirada do telhado, saltou de uma altura de seis metros, aterrissando num ninho de metralhadoras que disparavam em outra direção. Mais impressionante eram as pessoas em quem ele atirava; apesar de sua mira infalível, todas eram capazes de se desviar numa velocidade sobre-humana, escapando dos projéteis por milímetros e voltando a disparar como se nada tivesse acontecido. O ninho de metralhadoras onde ele pousara tornou-se um redemoinho de facas e baionetas, cada qual empunhada com uma determinação feroz, que fez Marcus tremer só de ver, e cada investida era evitada com tanta facilidade que chegava a ser desrespeitoso. Era uma guerra de super-heróis, todos precisos demais para errar o alvo e todos rápidos demais para se deixar acertar.

Marcus apontou para os aviões que cruzavam a cidade, conduzidos por um único piloto acompanhado de mais cinco atiradores. Os aviões de combate avançavam como um enxame de abelhas zangadas.

– Eles têm helicópteros? – perguntou Marcus. Ele não via um daqueles desde antes do Surto.

– Esta cidade é um desenrolar de revelações horríveis – disse Woolf. Outro helicóptero, desta vez bem maior, pairou próximo a um prédio alto, como que para confirmar as palavras do comandante. – Esse é de transporte – explicou, afastando-se da janela. – Está vindo em nossa direção. Devem ser homens de Trimble. – Todos os soldados saíram de perto da janela. Uma bala perdida abriu um buraco no vidro, indo estourar na parede em cima da cabeça de Marcus, que se jogou ao chão. – Vamos dar o fora daqui – mandou Woolf. – Precisamos voltar para a sala de espera, no centro do edifício. – Os soldados entraram em fila, numa formação praticada inúmeras vezes, permanecendo abaixados e buscando com fluidez os lugares mais adequados para se manterem escondidos. Marcus sentia-se seguro quando eles agiam dessa maneira, mas agora o comportamento dos humanos parecia uma pálida imitação da precisão superior dos Partials. Ele seguia o grupo, próximo de Woolf; desejou que uma arma resolvesse o seu problema, se ele tivesse naquele momento.

Um pequeno helicóptero sobrevoou a claraboia; Marcus ouviu disparos seguidos de uma explosão, talvez fosse do próprio helicóptero ou do seu alvo. Ele não tinha ideia de quem era quem naquela guerra. As cores nos veículos pareciam todas iguais. Ouviu outro estouro, em um ponto diferente da cidade, e os sons dos tiros envolveram o ambiente. Ajoelhado atrás de um banco, Marcus sentia-se cego e desamparado: estava ciente de que algo estava acontecendo, mas não sabia quem atirava contra o que, por que, ou quem estava do lado de quem.

Outro helicóptero leve sobrevoou a cúpula de vidro. Logo após uma rajada de metralhadora desceu perpendicular ao chão. Uma sombra escura caiu sobre a sala de espera e o zumbido intenso acima deles vibrava com toda a força pelo edifício.

– Estamos no lugar errado, na hora errada – disse Woolf.

O helicóptero de transporte ocupou toda a visão da claraboia e então Marcus percebeu que o veículo descia, pesado e apressadamente, no centro do edifício. Assim que o casco de metal estilhaçou a claraboia, as portas escancararam-se e os seguranças do prédio inundaram o local. Do helicóptero, uma metralhadora giratória disparou uma rajada de tiros contra as forças leais a Trimble mas não os atingiu, pois, instantes antes, eles haviam se protegido próximo à parede. As portas laterais do helicóptero foram abertas antes de a estrutura metálica tocar o chão, e Partials com coletes à prova de bala pularam, mandando bala.

– Abaixem-se! – gritou Woolf, e os soldados mergulharam atrás de sofás e mesas, na tentativa de retornar para o quarto de onde haviam acabado de sair. Marcus percebeu que os invasores titubearam por alguns segundos, avaliando a situação; por alguma razão, encaravam os humanos fugitivos como uma ameaça. No próximo segundo, os invasores apontavam, ferozmente, as armas contra os humanos. Os soldados de Woolf estremeciam e gritavam por causa da saraivada de balas que os atingia; Marcus fechou os olhos enquanto os corpos de seus companheiros caíam em volta dele.

Do interior do edifício veio mais reforço; do helicóptero, Partials saíam em ondas que pareciam não ter fim. Marcus espiou a batalha feroz e voltou a se encolher pensando em fingir-se de morto e passar despercebido até o fim do conflito. O barulho era ensurdecedor, dúzias de metralhadoras automáticas disparavam ao mesmo tempo, e ele pensou que fosse sofrer uma perda permanente de audição. Não conteve o grito de horror quando uma mão agarrou sua perna. Virou o corpo no mesmo instante e reconheceu o comandante Woolf. Ele falava algo que Marcus não conseguia entender. Atrás de Woolf, dois outros soldados humanos estavam agachados usando como escudo a duvidosa proteção de um sofá. Woolf pronunciou mais algumas palavras e gesticulou para que Marcus o seguisse até a porta mais próxima. Ele e dois soldados arrastaram-se atrás do comandante. O soldado que estava na sua frente levou um tiro, tombando como um saco de carne; Marcus movia-se desesperadamente para alcançar a porta, morrendo de medo. Sentiu como se uma ferroada ardida penetrasse em seu braço, e conseguiu passar pela porta onde Woolf e outro soldado esperavam por ele. Fecharam a porta com uma batida.

O zumbido em seu ouvido era tão alto que ele não entendia a fala de Woolf.

Continuaram abaixados e encolheram-se contra uma parede, colocando o máximo de barreiras entre eles e os disparos. O braço direito de Marcus estava adormecido e ao examiná-lo, encontrou um ferimento no tríceps: uma bala o havia acertado de raspão, rasgado o músculo, mas sem danificar o osso. Levantou-se, atordoado, em busca de um *kit* de primeiros socorros, mas Woolf o puxou de volta para o chão, gritando palavras que ele não conseguia ouvir. Fez um sinal negativo com a cabeça, apontando para os ouvidos, informando Woolf que não escutava. O comandante fez uma careta, intrigado, e então gritou furioso, retirando do bolso da camisa um par de protetores de ouvidos na cor laranja, que pressionou contra a mão de Marcus. Woolf e o único soldado que sobrevivera, chamado Galen, conferiam algo entre si, enquanto Marcus colocava os protetores.

Vamos morrer, pensou Marcus. Não temos como escapar. Não importa quem sair vencedor do conflito, a cidade inteira é uma zona de guerra. Novamente considerou seu inimigo: um exército de soldados perfeitos. Os humanos são menos ágeis, o tempo de reação é maior, possuem menos coordenação motora e não estão conectados ao *link*...

– Não estamos no *link*! – gritou Marcus, agarrando o braço de Woolf. O comandante olhou surpreso, e Marcus explicou o que acabara de descobrir. – O *link*, o sistema de feromônios que os Partials usam para se comunicar, lê o pensamento deles. Quando um soldado pega sua arma para atirar, o outro que vai receber o tiro é comunicado pelo *link* de que alguém próximo a ele vai atirar, então sai da mira do atirador. É por isso que eles não conseguem se acertar. – O comandante fez algum comentário, mas Marcus ainda não conseguia ouvir. Mesmo assim, prosseguiu. – Os Partials usam o *link* para rastrear outro Partial, por isso, quando querem passar despercebidos, usam máscaras de gás. Se você não está no *link* com eles, não pode se defender contra eles. Na terra dos Partials, somos como... soldados ocultos.

Os olhos de Woolf brilharam ao compreender a situação e ele se virou para Galen, falando rapidamente. Marcus não decifrou o que conversavam, mas pelo menos percebeu que sua audição havia melhorado um pouco; o zumbido surdo que se assemelhava ao ruído branco desfizera-se em um coro de disparos, ecos da batalha que se desenrolava na outra sala. Sentou-se de cócoras, pensando em como usar a falta do *link* a seu favor e escapar dali. Samm havia contado que o dispositivo estava tão enraizado nos Partials que, após doze anos, eles haviam esquecido como lutar contra um inimigo que não tivesse um *link*. *Deve haver uma maneira...*

Woolf agarrou o braço de Marcus e apontou em direção à bagagem do outro lado do quarto. Marcus aproximou o ouvido de Woolf.

– Temos algumas pás nos equipamentos de sobrevivência. Vamos tentar abrir um buraco na parede lateral – gritou o comandante.

– O que tem do outro lado?

Woolf traçou com o dedo umas linhas no carpete, o que parecia ser um esboço do que seria a sala de espera e as portas das adjacências.

– Se meu cálculo estiver correto, estamos separados por apenas dois cômodos do corredor de acesso à sala de Trimble. Atravessar pelas paredes é a maneira mais rápida de sair

do edifício.

– E se as paredes forem reforçadas?

– Então pensaremos em outra saída.

Os três homens correram agachados até as bagagens. As pequenas pás do equipamento de sobrevivência haviam sido um dos poucos objetos permitidos pela triagem Partial; eles não conseguiriam ferir um Partial com as pás, mas com certeza podiam fazer um belo estrago nas paredes. Do lado de fora, a batalha continuava a todo vapor, e Woolf aproveitava a cacofonia de sons para encobrir o barulho dos golpes.

– Não tem nada aqui – disse Woolf, cravando a pá no reboco, sem a menor dificuldade.

– É apenas argamassa. Retirou o utensílio e golpeou novamente, arrancando um pedaço da parede. Dentro havia uma camada de isolamento cor-de-rosa, e depois, outra divisão de argamassa. Woolf disse alguma coisa que Marcus não conseguiu ouvir, mas supôs se tratar de algumas palavras de triunfo, além de outras vulgares. Em seguida, o comandante passou uma pá para Marcus e outra para Galen. Não apareceu ninguém para detê-los; os Partials estavam ocupados demais para se preocuparem com eles, e sem o *link* para denunciá-los, podiam agir livremente. Marcus partiu para o trabalho e logo os três haviam feito um buraco na parede que permitiu a passagem deles, espremidos, para a sala seguinte.

O cômodo estava vazio e intocado, exceto pela caótica disposição dos furos de bala nas paredes que haviam sido atingidas. Correram até o outro lado e começaram a quebrar a parede com as pás, abrindo um novo furo pelo qual Woolf espiou. Logo depois, sorriu.

– É o corredor, e está vazio. Vamos!

Atacaram a parede com toda a força. Marcus se debatia nos movimentos com o braço esquerdo, já que o direito continuava inutilizado e dolorosamente caído ao lado do corpo. Quis fazer um curativo, ou pelo menos, tomar um anestésico, mas não havia tempo. Escavava a parede como se fugisse do inferno, com todos os diabos no encaicho.

Ajoelhados, passaram para o corredor e correram em direção à sala de Trimble, empunhando as pás como machados. A batalha prosseguia ruidosa atrás deles. Vinci estava escondido no final do corredor, atrás de uma barricada, e os chamou ao ver que se aproximavam.

– Aonde vão?

– Alguém pousou um helicóptero na sala de espera...

– Eu sei – respondeu Vinci.

A porta dupla do corredor foi aberta com uma explosão e Vinci parou com as perguntas, entregando armas a eles. – Não temos tempo! – gritou. – Entrem na sala de Trimble e tranquem a porta.

Woolf agarrou Marcus pelo braço ferido. A dor era excruciante, mas não conseguiu deter o comandante. Antes de Woolf fechar a porta, Vinci escorregou para dentro, posicionando a arma sobre o ombro. Bateram a porta com violência e a trancaram. No mesmo instante, esta começou a ser golpeada do lado de fora.

– As portas vão aguentar por mais algum tempo. Mas precisamos encontrar outra saída – disse Vinci.

– Tem outro jeito de fugir daqui? – perguntou Woolf.

– Espero que sim – respondeu o soldado Partial.

– Maravilha – disse Marcus. – O único cara que arrumamos para nos salvar, tem o mesmo plano que nós, “esperar que aconteça um milagre”.

– Generala Trimble! – gritou Vinci, correndo para o centro da sala. A mulher continuava sentada na mesma posição, assistindo a revolução se espalhar pela cidade em centenas de telas a partir de uma dúzia de diferentes ângulos e perspectivas. – Precisamos sair daqui!

– Deve haver uma forma de escapar – disse Woolf, logo atrás dele. Marcus correu para ouvir o que falavam.

– Tem um helicóptero na sala acima de nós – disse Trimble. Sua voz era baixa e Marcus quase não a escutava. Ela parecia mais fora da realidade do que antes, falando através de uma névoa de confusão.

– Você precisa pôr um fim à revolução – disse Marcus, pressionando-a. Atrapalhava-se todo ao fazer o curativo enquanto andava, tentando estancar o sangue do ferimento. – Não fuja à responsabilidade, faça alguma coisa. Dê ordens, coordene os ataques... algo! – Parou na frente dela, seus olhos não fitavam Marcus diretamente. Parecia atordoada, ou talvez num estado entre o sono e a vigília. – Esse pessoal está com você há anos esperando que os lidere. Um exemplo de dedicação que eu nunca imaginei. Se fossem humanos, teriam tirado você daí à força, mas são Partials, e por isso são leais à cadeia de comando, até chegar a extremos estúpidos e ridículos, como parece ser este caso. Irão segui-la para onde quiser, basta apenas que os lidere.

Ela inclinou levemente a cabeça e Marcus percebeu que físgara sua atenção; o observava, de forma intensa e vaga ao mesmo tempo.

– Já destruí o mundo uma vez. Não irei compactuar com uma guerra que irá arruiná-lo novamente.

– Eximir-se da responsabilidade não é menos criminoso do que agir errado – disse Woolf. A segunda parte de sua sentença foi perdida num súbito estrondo provocado pela explosão da porta. Os Partials invadiram a sala pela abertura, posicionando-se com total precisão. Vinci levantou a arma para disparar e foi seguido por uma dúzia de fuzis que apontaram de volta para ele. Marcus deixou-se cair no chão, sua vida inteira passou como num *flash* diante de seus olhos. O trabalho no hospital. Kira. A escola. O Surto. Seus pais. As imagens eram agora mais vívidas do que nunca.

– Desculpa, mãe, mas acho que vou vê-la em breve.

Os Partials rebeldes gritaram a sentença de morte de Trimble. Vinci entrou na frente dela para protegê-la. Woolf e Galen empunharam as pistolas.

Trimble ficou de pé, virou-se para os invasores e disse uma única palavra:

– Parem.

Marcus sentiu como se uma onda invisível tivesse arrebatado contra os soldados,

congelando-os ao passar por eles. Onde antes estiveram parados, agora estavam rígidos, tão imóveis que pareciam estátuas. Mesmo Vinci dava a impressão de estar enraizado no lugar, como se aquela palavra o tivesse transformado em pedra.

O *link*, pensou Marcus. *Nunca o vi tão poderoso.*

– Eu tenho um helicóptero no andar de cima – repetiu Trimble, voltando-se para Marcus.

– Você sabe pilotar?

– Eu sei – respondeu Woolf.

– Então, vão. É um helicóptero para ser usado em distâncias curtas, mas pode levá-los até Manhattan. – Ela digitou um código na tela luminosa ao lado dela. – Ninguém irá segui-los.

– O que vai acontecer com você? – perguntou Marcus.

Trimble acenou com a cabeça na direção dos Partials.

– Vão me matar – ela disse.

– Não conseguem nem se mexer.

– Tive a esperança de guiá-los, mas tudo que consegui foi detê-los. E neste momento, detê-los é tudo que posso fazer. Agora vão.

– Também vão matar Vinci? – perguntou Marcus.

– Não seria capaz de impedi-los.

Marcus olhou para Woolf, que assentiu e disse: – Vamos levá-lo conosco.

– Apresssem-se – disse Trimble.

Marcus pegou o *kit* médico e foi para o canto da sala. Woolf e Galen levantaram Vinci, cujo corpo estava duro como uma tábua, e o carregaram. Marcus parou no topo da escada.

– Obrigado.

– Se você encontrar Nandita, diga a ela que... tentei – pediu Trimble, com uma voz suave.

– Pode deixar.

Marcus passou pela porta e saiu num hangar, trancando-a depois que Woolf e Galen chegaram com Vinci. Embora fosse pequeno, o helicóptero comportava quatro pessoas espremidas. Enquanto ajeitavam o soldado Partial no banco, ele voltou repentinamente à vida.

– Precisamos voltar – suplicou, arfando. Um coro de vozes se levantou do outro lado da porta, num sinal de que os outros Partials também estavam livres. – Precisamos ajudá-la, eles vão... – O som dos tiros ecoou, vinha do andar de baixo, e Vinci abaixou a cabeça. – Deixa pra lá – murmurou. – Abra as janelas e espalhe a notícia. Deixe que todos saibam que um general caiu.

Capítulo Trinta e Cinco

Enquanto viajava, Kira mantinha a atenção dividida entre o céu – à procura de qualquer sinal de chuva – e os campos ao redor da estrada. Na terra tóxica era impossível ficar longe de um abrigo, mas nas grandes planícies do meio-oeste, em geral, estavam longe de tudo.

Perderam outro cavalo na primeira chuva ácida. *Não, não perdemos Buddy na tempestade, o perdemos dentro da casa*, lembrou-se Kira. *Na casa para a qual o levei*. Os cavalos tinham destruído a sala e tudo o que havia dentro com os coices violentos que davam por causa do ácido que queimava a pele deles. Quando finalmente foram lavados e estavam limpos e calmos, já era tarde demais para Buddy, cujos coices foram violentos demais e em muitos lugares: havia quebrado uma das pernas dianteiras, duas costelas e despedaçado o maxilar. A própria Kira pôs fim ao seu sofrimento. *Não havia nada que eu pudesse fazer*, disse a si mesma, provavelmente pela centésima vez. *As únicas opções eram trazer ele para dentro ou deixá-lo morrer na chuva ácida, e a última estava fora de cogitação*. Aquele pensamento não aliviou sua consciência, mas ela resolveu deixar o assunto de lado. O pior de tudo era que aquele não era um dos seus problemas mais importantes.

Depois de se queimarem com a chuva ácida, Kira e Heron tiveram que lidar com as bolhas, que cicatrizaram e transformaram-se em vergões doloridos. Samm estava em situação muito pior: havia passado três dias praticamente cego, antes que a capacidade de regeneração acelerada dos Partial fosse capaz de combater as substâncias tóxicas e reconstruir as córneas danificadas. Mas era Afa, o humano do grupo, que havia levado a pior: sobrevivera os primeiros angustiados quinze minutos amarrado no dorso de um cavalo enfurecido, dando coices e destruindo tudo ao redor. Nesse processo, havia queimado costas, braços e pernas; além dos olhos, que haviam sido atingidos pelo ácido de forma muito mais séria que os de Samm, e não demonstravam sinais de recuperação. Em todas as cidades por onde passavam, Kira vasculhava em busca de pomadas e analgésicos, mas boa parte do tempo Afa era mantido dopado e amarrado sobre Azarão, na tentativa de tornar a viagem menos penosa para todos. Eles não sabiam o que encontrariam em Denver, mas Kira torcia para que ao menos arranjassem um abrigo adequado e uma clínica onde pudesse procurar suprimentos. Afa merecia muito mais do que estava recebendo.

Atravessaram o estado de Iowa pela Rodovia 34. A região era um vasto mosaico de fazendas, agora marcada apenas por cercas embranquecidas e árvores mirradas e amareladas. O vento tóxico soprava ininterruptamente, vindo do sul, exceto quando era detido por causa de uma chuva ácida ocasional, ou, ainda mais assustador, pela ocorrência de tempestades de areia. Estas enegreciam o céu e varriam a terra como enxames de gafanhotos, encobrendo o sol e desfolhando os últimos arbustos que ainda tinham alguma força para retirar vida da terra tóxica. A princípio, Kira tentara usar o purificador de água nos córregos de água oleosa que

eventualmente encontravam pelo caminho, mas desistiram quando o próprio aparelho começou a deteriorar sob a ação do ácido. Em vez disso, passaram a procurar garrafas de água em cada mercearia e centro comercial por onde passavam, carregando o maior número possível nas mochilas, e usando Bobo, o único cavalo que restara, além de Azarão, como animal de carga para transportar a bagagem do grupo. Ainda mais difícil era encontrar um pasto limpo para os cavalos, e quanto mais a viagem os consumia, mais Kira era obrigada a gastar o tempo das paradas de descanso tentando evitar que comessem a grama envenenada que espetava para fora da poeira. Suas melhores roupas de viagem foram deixadas numa pilha fumegante no chão da primeira fazenda, e agora eles estavam usando peças do guarda-roupa da família de fazendeiros. Os tamanhos eram grandes, mas Kira brincava, dizendo que estavam adequadamente vestidos para atravessar o meio-oeste. Achava que seria o tipo de piada que Marcus teria feito.

Quando vislumbraram o rio Missouri correndo profundo e traiçoeiramente entre a fronteira dos estados de Iowa e Nebraska, Heron grunhiu:

– Estamos sempre dando com os burros n'água.

– O que disse não faz sentido – comentou Samm, mas Kira o interrompeu.

– É uma expressão – explicou, encarando o rio e suspirando. – E no momento, concordo com ela. – As águas do Missouri eram espessas e pútridas, um rio verde-acinzentado com listras rosas e amarelas. Cheirava a detergente queimado e o ar da região possuía uma estranha brisa metálica. Kira balançou a cabeça em desaprovação. – Não é tão grande quanto o último, mas também não inspira confiança. Onde fica a ponte mais próxima?

– Estou procurando – respondeu Samm. Ele pegou um novo mapa na livraria para substituir o que haviam perdido na travessia do Mississippi, e agora o desdobrava cuidadosamente. Kira acariciava Bobo gentilmente no pescoço, acalmando-o, e então fez o mesmo em Azarão e Afa. O homenzarrão estava dormindo, sentado precariamente sobre a sela em que o haviam amarrado. Embora ele ainda não tivesse caído, Kira checou novamente as amarras, enquanto falava de mansinho com ele.

– Você quer ir para o norte ou para o sul? – perguntou Samm, olhando no mapa de estradas. – Tem uma ponte ao norte, em Omaha, e outra ao sul, na cidade de Nebraska. Estamos no meio do caminho entre as duas.

– A cidade de Omaha é maior. Temos mais chance de a ponte ainda estar de pé – disse Heron.

– Mas fica fora do caminho – observou Kira, cuidando da perna de Afa. – Precisamos deixar a planície o mais rápido possível, ou Afa vai morrer. De qualquer forma, em algum momento vamos para o sul. Então acho melhor irmos agora.

– Se estamos sem tempo para um desvio, será pior ter que voltar para o norte caso a ponte em Nebraska esteja no fundo do rio. Não devemos nos arriscar – disse Heron.

– Mas se formos por Omaha teremos de atravessar uma segunda ponte – explicou Samm, ainda analisando o mapa. – O rio Platte se encontra com o Missouri a apenas alguns quilômetros daqui.

– Tudo bem, então é melhor para o sul – concordou Heron. – O segundo rio me convenceu.

– Estou de acordo – disse Samm, dobrando o mapa. – A cidade de Nebraska parece ser grande e se a ponte estiver destruída podemos descer ainda mais ao sul, até Kansas City. Lá as pontes são enormes.

– A menos que tenham sido destruídas durante a Guerra Partial – disse Kira. Correu os dedos pelos cabelos gordurosos, resultado de semanas de viagem sem água limpa para lavá-los. Deu de ombros, cansada demais para pensar. – Só quero que esta terra tóxica não fique ainda pior em direção ao sul, para onde vamos.

A ponte de Nebraska ainda existia, e Kira agradeceu em silêncio, enquanto caminhavam com dificuldade em direção a ela. No lado sul do rio, havia um tipo de dique produzido pelo acúmulo de entulho, enquanto que embaixo da ponte a água havia se acumulado e formado um pequeno lago, que fedia a substância química, coberto por uma camada de espuma estagnada, como se fosse um sorvete flutuante. Doía só de respirar o ar em cima dele, e, para tentar se proteger um pouco, Kira amarrou uma camiseta na sua boca e na de Afa. Na metade da ponte, o grupo se viu encurralado num labirinto de carros batidos, que bloqueavam totalmente a pista. Heron adiantou-se para verificar as condições da ponte e, quando voltou, Kira e Samm haviam aberto uma passagem para que os cavalos a atravessassem. Ela reportou que em alguns trechos a estrutura da ponte era instável, deslocada pelas águas ácidas do rio e da chuva, a ponto de alguns pedaços começarem a se desprender. Prosseguiram com cautela, controlando a respiração: em um determinado ponto, Kira pôde ver, através das rachaduras da pista, a água multicolorida que corria preguiçosamente embaixo deles e que brilhava sob a luz pálida do sol. Ela mantinha Azarão à rédea curta, rezando para que não encontrasse mais rachaduras até estarem sãos e salvos do outro lado do rio. Terminaram a travessia em pouco mais de meia hora, e só não beijou o solo porque estava envenenado.

Parecia impossível, mas o terreno na margem oeste do rio conseguia ser ainda mais sem graça que o da leste. Seguiram as instruções do mapa e voltaram a pegar a rodovia I-80 numa cidade chamada Lincoln. Avançaram muitos quilômetros em pouco tempo, pois a estrada era tão reta que durante dias não entortou mais que alguns centímetros. Chegaram ao rio Platte, mas não foi preciso atravessá-lo; e, quando a pista fez uma curva para o norte, acompanhando o curso do leito, viraram para o sul; por fim, voltaram para a Rodovia 34, às margens do Republican. Mantiveram-se entre os dois rios, viajando por um amplo corredor através de campos descorados e cidades corroídas. As substâncias químicas no solo eram aquecidas pelo sol e evaporavam em nuvens e vapores acres, que subiam dos campos como fantasmas. Durante a noite o silêncio era assustador, desprovido do som dos grilos, dos pássaros e do uivo dos lobos, não restando nada além do vento, que atravessava a grama pálida e gemia ao passar pelas janelas quebradas das casas onde acampavam. Kira mantinha os olhos no céu, temendo a chuva e pensando no rosto de Afa, cheio de bolhas.

Afa passava a maior parte do dia dormindo, com ou sem anestésicos, deixando Kira mais preocupada do que nunca. Sua perna recusava-se a sarar, como se toda a força de seu corpo estivesse sendo canalizada para outro propósito. Na cidade de Benkelman, usou quase toda a água para lavá-lo da cabeça aos pés, limpando os cabelos, a perna machucada, as lesões causadas pelo ácido; em seguida, besuntou-o de pomada antibiótica, sem saber se isso ajudaria, pois as feridas superficiais pareciam não estar infeccionadas, mas ela não tinha escolha. No hospital de East Meadow ela teria mais opções, mas numa fazenda caindo aos pedaços, no meio do nada, não havia outra coisa a fazer a não ser ter esperança. Apertou bem as ataduras e o cobriu com as mantas; na manhã seguinte, amarraram-no de volta à sela e seguiram viagem em direção ao oeste, saindo da estrada, que terminava numa ponte caída, e avançando pelo meio do campo. Passaram por Parks e outra cidade maior chamada Wray, onde o rio terminou de repente e os campos se estenderam para o nada, como se o mundo tivesse ficado completamente sem ter para onde continuar. Não havia nada além do céu e da terra, apenas um limbo perdido no meio de um imutável nada.

Afa morreu alguns dias depois, e os viajantes continuaram perdidos na terra desolada, tingida de um amarelo pálido.

Enterraram-no num solo que cheirava a bateria quebrada e ajoelharam-se embaixo de uma cobertura de fibra de vidro, enquanto a chuva ácida caía para dissolver a carne e os ossos dele.

– Que diabos estamos fazendo? – perguntou Heron. Samm levantou o olhar para ela; Kira estava cansada demais para se mover e permaneceu de olhos fechados.

– Estamos salvando vidas – respondeu Samm.

– Quem estamos salvando? – insistiu Heron. Kira olhou para cima, mal suportando a cabeça sobre o pescoço; seus movimentos eram trêmulos e descoordenados. Já haviam se passado semanas sem uma alimentação adequada. Havia ainda a exaustão e o medo. – Já salvamos alguém? – continuou Heron. – Nós matamos uma pessoa. Matamos dois cavalos. Afa viveu doze anos sozinho, completamente sozinho, numa das partes mais perigosas do mundo, e agora está morto. – Cuspiu no chão e limpou a boca na manga da camisa. – Vamos encarar a realidade: falhamos.

No escuro, Samm espiava o mapa surrado, quase se desfazendo nas dobras. A tempestade de veneno tamborilava na cobertura de fibra de vidro.

– Há alguns dias estamos no Colorado. Não sei exatamente onde, mas segundo a velocidade com que estivemos viajando, acredito que estejamos... aqui. – Ele apontou para um local no mapa, afastado de qualquer cidade ou estrada.

– Ei! – exclamou Heron sem nem olhar. – Sempre quisemos chegar aqui!

– Heron está cansada – disse Kira. Ela mesma estava à beira das lágrimas, arrasada pela morte de Afa. Mas agora não podia desistir. Sentou-se para pegar o mapa, mas as mãos tremeram com o esforço. – Todos nós estamos cansados. Somos supersoldados geneticamente perfeitos, projetados para suportar as condições mais extremas, e mal conseguimos ficar de pé.

Precisamos conservar nossa energia se quisermos chegar a Denver.

– Fala sério! – disse Heron. – Você não planeja completar esta missão idiota, planeja? – Virou-se para Samm, incrédula. – Samm, você sabe que está na hora de fazer o que deveríamos ter feito semanas atrás. Voltar.

– Se eu estiver correto, estamos a um dia de viagem de Denver. Podemos chegar lá amanhã.

– E fazer o quê? Encontrar um prédio em ruínas? Arriscar nossas vidas para fazer funcionar um gerador? Bater a cabeça contra os computadores porque tudo que queremos descobrir está protegido por *firewalls*, encriptação, senhas e sabe-se lá quais outros tipos de segurança? Afa era o único que sabia como burlar tudo isso. Sem ele, sequer sabemos como navegar no sistema de arquivos.

– Estamos perto demais para desistir – argumentou Samm.

– Não estamos perto de nada – respondeu Heron. – Nós vamos até lá e não vamos encontrar nada. Essa viagem não passa de uma enorme perda de tempo. Não vamos curar o RM nem resolver a data de validade. Vamos apenas morrer nesta terra devastada. – Ficou de pé num salto. – Não vou nem dizer o que mais.

– Dizer mais o quê? – perguntou Kira, provocando a resposta. – “Eu disse”? Ou “Deveríamos ter voltado de Chicago”? Ou, então, “Não deveríamos nem ter saído de Manhattan”?

– Pode escolher.

Kira fez um grande esforço para ficar de pé, arfando de exaustão.

– Você está errada. Viemos até aqui com uma missão. Se não formos até o fim, a morte de Afa terá sido em vão. Nós morreremos em vão. E o planeta inteiro morrerá junto.

– Parem com isso – disse Samm, mas as garotas o ignoraram. Heron aproximou-se de Kira antes que ela percebesse e acertou um soco no queixo dela como uma marreta. Kira cambaleou para trás, preparando-se para devolver o golpe antes mesmo de sua mente ter processado a agressão, mas Samm interveio, colocando-se entre as duas. – Parem!

– Ela está louca – disse Heron. – As coisas poderiam ter dado certo se tivéssemos voltado depois de Chicago. Teríamos ido falar com Morgan, ou mesmo com Trimble. Qualquer coisa teria sido melhor do que isto aqui. O que você está procurando, Kira? – perguntou, olhando para ela por cima do ombro de Samm. – O que significa tudo isso? Será que tem mesmo a ver com a salvação da nossa raça? Ou dos humanos? Ou essa expedição insana é apenas para descobrir o que você é? Sua egoistinha de merda.

Kira estava muda. Sua única vontade era esmagar a cabeça de Heron contra o chão, mas Samm mantinha-se como uma muralha entre elas. Ele encarou Heron solenemente, mantendo Kira para trás com um dos braços.

– Por que você veio? – perguntou Samm.

– Você disse que confiava nela! – rosnou Heron. – Você pediu que eu viesse, então eu vim.

– Eu nunca vi você fazendo o que os outros pedem – disse Samm. – Você faz o que quer e quando quer. E se alguém entra no seu caminho você tira à força. Você poderia ter nos detido a qualquer momento. Você poderia ter me incapacitado, sequestrado Kira, tê-la entregado para Morgan, e ter agido exatamente como você gostaria. Mas não fez isso, por quê? Quero saber.

Heron o fuzilou com o olhar, então se voltou para Kira.

– Porque eu também acreditei nela – disse, com uma carranca. – Ela disse que pesquisaria tudo o que a ParaGen tinha feito e descobriria a cura. E por algum motivo estúpido, pensei que ela estivesse falando sério.

– Eu estava – respondeu Kira, supondo que, pelo tom da voz, Heron tivesse se acalmado. Sentia-se totalmente vazia e sem energia, tão oca quanto o abrigo de fibra de vidro no qual se escondiam.

– E você? – Heron voltou à carga. – Não acredito que ainda esteja do lado dela. Pensei que fosse um pouco mais inteligente. Pensei que pudesse confiar em você. É isso que recebo em troca da minha confiança?

A intenção de magoar profundamente Samm era clara e sabendo o quanto aquelas palavras o deveriam ter atingido, Kira sentiu o coração partir. No entanto, se Heron o abalou, ele não demonstrou. Em vez disso, levantou a mão para silenciá-la e virou-se para Kira, os olhos enegrecidos pelo cansaço. – Você disse que *estava* falando sério. Você ainda fala sério?

As acusações de Heron haviam perturbado Kira e, enquanto ela pensava numa resposta, a sensação de vazio aumentava. Havia mesmo feito os amigos atravessarem o inferno e morrerem de fome, torturado os animais e matado Afa por motivos puramente egoístas? Não sabia o que dizer. Enquanto isso, os dois Partials aguardavam a sua resposta, num silêncio nervoso que pareceu durar uma eternidade.

– Só me restaram intenções – disse, por fim. – Vamos até Denver. Qualquer coisa que encontrarmos por lá será mais do que temos agora. Pelo menos, há uma chance. Pelo menos... – Atrapalhou-se. Estava sem palavras.

– Você está louca – recomeçou Heron, mas logo parou ao ver Kira se virar e, com as pernas bambas, desabar. Deitada no chão do abrigo, ela apenas queria conseguir chorar.

Capítulo Trinta e Seis

Haru Sato esgueirava-se pelo emaranhado de túneis subterrâneos do aeroporto JFK, evitando, quando possível, o contato com outros soldados. Cumprimentava-os calmamente com um aceno de cabeça quando os corredores eram muito estreitos e ficava impossível manter a distância. Mas mantinha o chapéu surrado abaixado sobre o rosto, evitando fazer contato visual, na esperança de que ninguém perguntasse aonde estava indo. Se descobrissem que havia desertado, seria preso ou coisa pior. Aquele não era um bom momento para ser um traidor.

A sala de Mkele localizava-se no meio de um corredor comprido, no que parecia ter sido o departamento de cargas, agora convertido no último bastião agonizante da civilização humana. As tropas de Morgan haviam tomado East Meadow e arrebanhado todos os outros humanos que moravam na ilha; era apenas uma questão de dias até que chegassem naquele esconderijo e acabassem de vez com a raça humana. A era da dominação humana chegava ao fim. E a única resistência lamentável que podiam oferecer era comandada a partir daquele escritório decadente.

Bem, este escritório e a base itinerante de Delarosa, pensou Haru. E ela está mais perigosa do que nunca.

A porta do escritório era vigiada por um único soldado, de uniforme sujo e amassado. Não havia tempo para cordialidades. Olhou para os dois lados do corredor e viu que o lugar estava tranquilo; boa parte dos homens que restaram da Rede de Defesa estava em guarda no andar de cima, ou no campo, atacando as forças de Morgan. Por ora, Haru e aquele soldado estavam sozinhos. Ele espiou novamente o corredor, decidiu o plano, e caminhou na direção do oficial.

– No momento o sr. Mkele está ocupado – avisou o guarda.

– Eu queria fazer uma pergunta – disse Haru, aproximando-se. No último instante, virou-se para a direita e levantou o braço, como se apontasse para algo. Quando o outro virou a cabeça para acompanhar o movimento, deu uma joelhada no abdômen do sujeito; com o braço direito, pegou a arma pendurada no ombro dele. O soldado tentou reagir, mas permanecia com o corpo dobrado e em choque, sem conseguir respirar. Com outra manobra, Haru acertou-lhe o joelho no rosto e o homem desmaiou. Então entrou na sala e colocou o soldado inconsciente para dentro. Mkele levantou-se imediatamente, mas Haru já havia trancado a porta.

– Não grite. Não vou machucá-lo.

– Apenas meus guardas.

– Eu desertei ontem à noite. Não podia arriscar que ele soasse o alarme. – Haru deitou gentilmente o soldado no canto da sala. – Me dê cinco minutos.

O escritório de Mkele estava lotado de papéis; não estavam amontoados, como se ele simplesmente fosse incapaz de jogá-los fora, mas minuciosamente organizados. Ali estava um

homem que não usava o escritório como vitrine ou depósito, mas para longas horas de estudo e trabalho. Mkele estava sentado à mesa com um mapa de Long Island aberto à sua frente, todo marcado por pontos que mostravam os locais onde os Partials haviam atacado e a Rede contra-atacado. Haru também não pôde deixar de notar algumas sinalizações que revelavam as próprias atividades secretas com Delarosa e seu bando. *Pelo jeito não sou tão bom assim em guardar segredos. Talvez ele já saiba.*

Não, pensou Haru. Se fizesse a menor ideia dos planos de Delarosa, não estaria assim tão calmo.

– Você está se entregando – disse Mkele.

– Se preferir pensar assim – respondeu Haru. – Estou entregando informações e, se isso recair negativamente sobre a minha pessoa, estou preparado para sofrer as consequências.

– Devem ser informações muito importantes.

– O que você fazia antes do Surto? – perguntou Haru.

Mkele o encarou por alguns instantes, pensando em como responder; então, com um gesto, apontou para o mapa:

– Isto – disse.

– Inteligência?

– Mapas – especificou e esboçou um sorriso apagado. – Com a chegada do apocalipse, devemos encontrar outras áreas de atuação.

Haru acenou com a cabeça. – Você conhecia bem a Última Esquadra? Não sei o nome verdadeiro, tinha apenas sete anos. Foi afundada num bombardeio Partial na baía de Nova York. Ficou conhecida dessa maneira porque era a nossa última chance de defesa contra os inimigos. Quando afundou, a guerra acabou.

– Sei dessa história – disse Mkele. Sua expressão era tranquila, intencionalmente sem demonstrar nervosismo.

– Você sabe por que os Partials afundaram os navios? – pressionou Haru.

– Porque estávamos em guerra.

– Esse foi o motivo da ofensiva. Mas você sabe por que atacaram com tanta violência a ponto de afundar todos os navios da esquadra e matar todos os tripulantes? Não tinham feito isso em nenhum outro momento da guerra. Dos rapazes da Rede de Defesa ouvi milhares de vezes o comentário de como os Partials, que normalmente se mostravam muito mais interessados em manter uma situação pacífica e de ocupação, de repente, haviam decidido aniquilar uma esquadra inteira. Dizem que havia sido um recado, o jeito Partial de dizer “parem de lutar agora ou vão se arrepender”. Sempre achei essa história razoável, então não a questioneei. Ontem ouvi toda a verdade.

– De quem?

– De Marisol Delarosa – revelou Haru. – Ela começou a solicitar equipamentos estranhos, coisas que não se encaixavam em nenhum dos seus métodos de atuação, então eu a segui.

– Que tipo de equipamentos?

– De mergulho. Tochas de acetileno. Coisas que a princípio não faziam sentido, mas que depois, juntando as peças, ficou claro.

– Salvamento submarino – disse Mkele, com um meneio de cabeça. – Nesse caso, suponho que ela anda realizando explorações na Última Esquadra.

– A Última Esquadra não foi destruída para enviar um recado. E sim porque carregava uma ogiva nuclear.

No mesmo instante, a expressão de Mkele ficou tensa. Haru continuou:

– Era a “solução final” proposta pelo governo norte-americano: lançar um míssil no quartel-general Partial em White Plains e destruir, numa única tacada, grande parte do poderio militar inimigo, mesmo estando localizado numa das regiões de maior densidade populacional do país. Os navios precisavam navegar juntos para evitar os mísseis do sistema de defesa Partial. Mesmo antes de os Partials descobrirem, a missão já era suicida. Um dos integrantes do grupo de Delarosa, um antigo capelão da marinha, de antes do Surto, foi quem começou a falar sobre a mesma solução final. Foi então que ela teve a ideia. Assim que ela começou a fazer as perguntas certas, o velho tinha todas as respostas. O míssil estava num contratorpedeiro da classe Arleigh Burke, chamado *O Sullivan*. – Haru inclinou-se à frente. – Tentei avisá-lo pelo rádio, mas a minha unidade decidiu ficar do lado de Delarosa. Sozinho eu não consigo detê-la, por isso vim o mais rápido que pude. Se tudo correr bem, ela vai estar em posse do míssil esta noite.

Mkele suspirou.

– Misericórdia – ele disse.

Capítulo Trinta e Sete

Aprimeira coisa que viram foram as montanhas – picos gigantescos erguendo-se da planície do meio-oeste como uma muralha na borda do mundo. Mesmo no verão, os cumes estavam brancos de neve. Logo depois, chegaram a um subúrbio dos arredores da cidade chamado Bennett, que estava descorado pelo efeito da chuva ácida, com ruas manchadas em um tom amarelo-sulfuroso e plantas secas e quebradiças. A terra sem vida da planície sobrepunha-se aos limites da cidade como uma onda de grama venenosa. Nenhum pássaro empoleirava-se na beirada dos telhados ou nos postes de eletricidade. As metrópoles que Kira conhecia, mesmo as maiores como Chicago e Nova York, resistiram como monumentos num cemitério tomado pelo mato, sinalizando o local da morte, mas revestidos de vinhas e musgos, de vida. Em comparação, Denver era um mausoléu, nu e sem vida.

As bagagens haviam sido distribuídas entre os cavalos. Kira conduzia Bobo, e Samm, Azarão. A égua parecia morosa sem Afa amarrado ao seu lombo e Kira perguntou a si mesma se a alimentação à base de vegetais em lata e aveia instantânea, as únicas comidas não contaminadas que conseguiram na terra tóxica, estava começando a produzir efeitos colaterais. Se tivessem perdido Afa em Chicago, ou mandado-o de volta para Manhattan, poderiam ter soltado os cavalos e poupá-los dos horrores da viagem, mas libertá-los no meio da planície envenenada teria sido o máximo da crueldade. Kira sequer discutia isso. Afa morreu, mas ela salvaria o cavalo dele mesmo que lhe custasse a própria vida.

Mas eu sei que não é verdade, pensou Kira. *Se realmente chegar ao ponto de precisar escolher, vou me salvar.* Aquela constatação fez Kira sentir-se culpada e nauseada, então esforçou-se para pensar em outra coisa.

A cidade pela qual passavam era maior do que Chicago. O subúrbio de Bennett estendia-se a oeste no subúrbio de Nieveen, depois Lawrence, seguido de Watkins, Watkins Farm, e assim por diante, num mar sem fim de bairros residenciais, *shoppings centers* e estacionamentos. O vento solitário sussurrava entre as folhas secas e os cacos de vidro amontoados nas sarjetas, empurrando-os contra as paredes das casas em ruínas. Heron seguia na frente, desempenhando seu papel de batidora mais por hábito do que por necessidade; a intervalos regulares, voltava para informá-los de que se aproximavam de um primeiro aeroporto, depois de outro, em seguida de um campo de golfe. Não havia nada importante para informar, nada para ver além dos ossos embranquecidos e das estruturas metálicas enferrujadas de milhões de pessoas e prédios destruídos no Surto. Samm encontrou outro mapa num posto de gasolina decadente, abriu-o sobre o capô de um carro vazio. As ruas embaralhavam-se na página como uma ramificação nervosa.

– De acordo com os arquivos de Afa, o complexo da ParaGen ficava neste local, na frente das montanhas – disse Kira, apontando para uma área chamada Arvada, nos limites da cidade, do lado oeste. Leu o nome que aparecia no mapa. – Reserva Memorial Rocky Flats. Por

que construíram instalações industriais numa área de reserva?

Samm localizou no mapa a posição do grupo e mediu a distância até a ParaGen.

– São sessenta e cinco quilômetros. Qual é o tamanho da cidade?

– Sessenta e cinco quilômetros – repetiu Heron. – Vamos atravessar a cidade de uma ponta à outra. Ainda bem que chegamos por este lado, pois se fôssemos do norte para o sul seria o dobro de distância.

Kira olhou para o céu, estimando a posição do sol.

– Já são... três da tarde? Três e meia? Não vamos conseguir chegar antes do anoitecer.

– Se os cavalos continuarem nesse ritmo, nem mesmo amanhã à noite – disse Heron. – Eu já disse, temos de abandoná-los.

– Não vamos fazer isso – contestou Kira.

– Sentir-se culpada não vai trazer Afa de volta – disse Heron.

– E ser cruel não vai encurtar a distância – ironizou Samm, fechando o mapa. – Vamos continuar andando.

Kira alimentara a esperança de que a terra tóxica seria menos ameaçadora em Denver, por estar protegida, de alguma forma, pelas montanhas e pelos edifícios, ou por alguma fraqueza das condições climáticas. Mas a cidade conseguiu apresentar-se ainda mais perigosa do que o campo que haviam atravessado. O escoamento do ácido formara buracos e cavidades no asfalto, criando lagos de águas cáusticas nos pontos onde o lixo havia entupido os bueiros e bloqueado a vazão dos resíduos. As carrocerias dos caminhões expostas à ação do clima haviam se transformado em salinas em miniatura, e nelas as partículas envenenadas da chuva ácida evaporavam, num ciclo contínuo, até ficarem cheias de cristais, que eram arrastados pelo vento e queimavam os olhos e a garganta. Os viajantes amarraram peças de roupas ao redor do rosto, espiando com cuidado através de uma pequena abertura, sempre atentos a qualquer sinal de perigo. Algumas das substâncias que saturavam o ar da cidade eram inflamáveis, e em alguns locais por onde passavam, observavam focos de incêndio, que às vezes reacendiam devido ao calor, alimentando constantemente o ar com veneno, numa interminável corrente de fumaça e cinzas.

Decidiram pernoitar no que parecia ter sido um hotel de luxo; o espesso carpete verde da recepção estava desbotado nas extremidades e coberto pelo pó que o vento trazia. Conduziram os cavalos por uma larga porta de duas folhas e acamparam num antigo restaurante cinco estrelas, vedando o máximo possível o ambiente para impedir a entrada do vento contaminado. Samm improvisou um curral com as mesas, e os animais foram alimentados com uma enorme quantidade de purê de maçã em lata encontrada na cozinha. Kira comeu atum enlatado misturado com caldo de carne para disfarçar o sabor; se nunca mais na vida tivesse que engolir atum em conserva ia se considerar uma garota de sorte. Dessa vez não se importaram nem em montar guarda, desmaiaram no carpete alto, sem ao menos abrir os sacos de dormir.

Quando Kira acordou, na manhã seguinte, Heron não estava lá; talvez tivesse saído para avaliar o

caminho ou, quem sabe, tivesse ido embora de vez. Depois da briga, a conversa entre elas tinha se resumido ao mínimo e, ao mesmo tempo em que ela parecia decidida a acompanhá-los em Denver, não aparentava estar em seu estado normal.

Samm vasculhava algumas caixas encostadas contra a parede próxima à cozinha em busca de qualquer coisa que pudessem levar com eles.

– A maioria das latas estragou – disse, jogando para Kira uma embalagem inchada de massa de tomate. – Os hotéis são sempre uma porcaria: usam muita comida fresca e a maioria dos enlatados é de tamanho grande.

Kira concordou com a cabeça, olhando para um galão de dezoito quilos de molho de tomate.

– Você não pretende transportar isso por cinquenta quilômetros, não é?

– Acredite ou não... – Samm disse, interrompendo o que fazia e virando-se para Kira. – Sinto muito por Afa.

– Eu também.

– O que estou tentando dizer é... desculpa por ter sido tão pretensioso no começo – completou ele.

– Você nunca foi pretensioso.

– Arrogante, então. A sociedade Partial é tão hierarquizada que sempre sabemos a quem nos reportar e quem se reporta a nós. Ou seja, quem está acima de nós e quem está abaixo. Eu não o tratei como um igual porque... acho que simplesmente não estou acostumado com o conceito.

Kira deu um sorriso amarelo, deixando-se cair sobre uma cadeira.

– Ok agora sim você soa pretensioso.

– Assim fica difícil de me desculpar.

– Eu sei – disse Kira, olhando para o chão. – Eu sei. Desculpa, não era a minha intenção. Você tem ajudado mais do que pode, e Afa não era uma pessoa muito fácil de se levar a sério.

– Não adianta chorar pelo leite derramado – disse Samm, voltando a vasculhar as caixas de comida. Kira continuou olhando para ele, não porque fosse interessante, mas por comodidade.

– Você acredita que vamos encontrar o que procuramos? – perguntou ela.

Ainda procurando por comida em bom estado, Samm disse:

– Não venha me falar que você ficou com as palavras de Heron na cabeça.

– Eu costumava imaginar que existia um plano. Que embora eu não soubesse como o RM, o prazo de validade e a minha vida se encaixavam, de alguma forma isso acontecia. Mas se realmente havia um plano, não consigo parar de pensar que ele já deu errado há muito tempo – disse Kira.

– Não diga isso – exclamou Samm, deixando as latas de lado e caminhando até ela. – Só vamos descobrir quando chegarmos na ParaGen. Não faz sentido você duvidar agora. Só para que fique sabendo, eu jamais duvidei – continuou ele.

Kira sorriu, apesar de tudo. Ela havia começado a considerar a possibilidade de Heron

ter razão, de aquela viagem ter mais a ver com a própria frustração sobre a sua existência ser um acidente, um plano perverso ou uma mentira deslavada, do que com a salvação das raças. E, ainda assim, Samm mantinha-se firme. Ficou novamente sem palavras. Nesse momento, ele levou a mão em direção à bochecha de Kira.

Foi quando ouviram um barulho no saguão. Samm empunhou a arma antes mesmo de Kira perceber que ele estava armado. Mas, ao ver Heron, abaixou-a. A Partial ficou parada na porta por alguns instantes quando viu os dois juntos, mas logo se recompôs e entrou.

– Arrumem tudo. Vamos sair daqui agora – disse.

Samm olhou para ela, sem dizer uma palavra, e terminou rapidamente de recolher as latas. Kira saiu da cozinha atrás de Heron até o salão principal do restaurante, onde a Partial começou a selar Azarão.

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Kira.

Heron prendeu a sela em Azarão com firmeza e depois passou para Bobo.

– Verde – respondeu ela.

– Como assim, “verde”?

– A cor. Acredito que já tenha ouvido falar nela – disse Heron.

– Você viu a cor verde? Quer dizer, verde de grama? – disse Kira surpresa. Heron assentiu com a cabeça e Kira ficou boquiaberta. – Até onde você foi?

– Subi vinte andares – respondeu Heron, terminando de selar Bobo. – Vai ajudar?

– Claro! – disse Kira, correndo até onde estava sua bagagem e começando a guardá-la o mais rápido que conseguia. – Continue explicando, assim não preciso parar a cada cinco minutos para fazer outra pergunta.

– Este é um dos prédios mais altos da região, então decidi ir até o topo em vez de sair pela cidade. De lá avistei o verde da grama e das árvores na direção de Rocky Flats. Um pequeno trecho espremido no sopé das montanhas.

– Exatamente onde está localizado o complexo da ParaGen? – perguntou Samm.

– Não sei – respondeu Heron, jogando a mochila nas costas. – Mas tenho quase certeza de que vi fumaça no mesmo local.

– Aqui há fumaça em todos os lugares – disse Kira. – Metade da cidade está em chamas.

– Isso é fogo químico. O que vi se parece mais com uma fogueira de acampamento. Por isso quero ter certeza de que chegaremos lá antes do anoitecer. Se existir alguém no local, talvez nos encontrem antes de nós os encontrarmos, e isso seria um problema. Você pode tentar nos alcançar, mas não vou esperá-la. – Saiu pela porta, empunhando o fuzil, e correu pelo saguão para ganhar as ruas da cidade.

Kira olhou para Samm.

– Pessoas?

– Não sei – ele respondeu.

– Então, vamos descobrir.

Terminaram de recolher o acampamento num frenesi. Os músculos retesados e

cançados dificultavam os movimentos da dupla, que prendia as últimas peças da bagagem no lombo dos animais. Enfim, eles saíram em disparada para a cidade. Havia chovido durante a noite e o percurso estava ainda mais traiçoeiro: gotas ácidas pingavam dos telhados e plantas alienígenas e espiraladas haviam brotado das rachaduras no asfalto parecendo tumores, absorvendo o veneno como esponjas; em contato com a pele, causavam queimaduras doloridas.

Usaram como ponto de referência um prédio alto e escuro que se erguia mais ou menos na direção certa. Com a proximidade da noite, começaram a desconfiar de que, na verdade, esse edifício talvez fosse a própria ParaGen, aninhada na base da montanha; era uma torre solitária que acenava para eles a distância. Samm e Kira avançavam na maior velocidade que podiam, forçando os cavalos para além de seus limites físicos, mas quando escureceu ainda estavam nos arredores de Arvada. Ali, o ácido havia causado o mesmo estrago, e a região era tão desolada quanto o resto da cidade.

– Não podemos parar assim, estamos quase chegando – disse Kira, apontando para a torre escura e as montanhas, que se avultavam no horizonte de tão próximas que estavam. – Não dá para passar a noite aqui se o que estamos procurando está logo ali... Vamos continuar.

– Mal podemos enxergar – argumentou Samm, olhando para a miríade de lâmpadas nas ruas, inúteis num mundo sem eletricidade. – É tarde, os cavalos estão exaustos e aquelas nuvens escuras indicam que vai chover.

Kira grunhiu de frustração, cerrando os punhos e olhando ao redor em busca de algo que resolvesse o seu problema. Localizou uma mercearia.

– Ali. Vamos deixar os cavalos e seguir a pé. – Tiraram as selas dos animais num cômodo nos fundos da loja, encheram um balde de plástico com água potável e trancaram a porta para que eles não fugissem. Kira deixou sua mochila mais leve, carregando apenas o essencial: água, uma lona pesada para proteção e o computador com todas as informações que haviam baixado na central de dados de Chicago; ela não deixaria aquilo para trás por nada neste mundo. Samm separou a arma e vários pentes de munição e Kira se deu conta de que deveria fazer o mesmo. Preparados, entraram sorrateiros noite adentro. As nuvens dissipavam-se e a luz das estrelas fez a cidade parecer ainda mais pálida e vazia.

Arvada era menos industrial do que muitas das outras localidades pelas quais haviam andado, embora isso apenas a deixasse com um aspecto ainda mais deprimente: em vez de prédios desbotados pelo ácido, atravessaram parques que lembravam desertos, ruas residenciais repletas de casas em ruínas e árvores raquíticas e deformadas. Samm mostrava-se mais nervoso do que ansioso, mas seu humor mudou ao se depararem com um lago de água doce – não apenas sem sal, mas também livre dos venenos e das substâncias químicas que contaminavam toda a água que haviam encontrado durante o último mês. Uma brisa gentil soprou das montanhas e, pela primeira vez em semanas, Kira sentiu o aroma do ar fresco: folhas verdes, frutas frescas, e... *Sim*, pensou ela, *um leve toque de pão assando*.

Como assim?

Do outro lado do lago, o terreno era verde – eles não conseguiam ver com nitidez, mas

podiam sentir o cheiro do mato no ar e senti-lo na maciez da grama saudável sobre a qual já pisavam. De alguma forma, e contra todas as expectativas, havia uma área de mata saudável no sopé da montanha, estendendo-se a partir da cerca que demarcava os limites da Reserva Rocky Flats. Kira franziu o rosto e se aproximou da cerca com cautela. Estava velha e enferrujada, mas, do outro lado, o terreno abrigava uma flora diversificada e verdejante, mesmo no escuro. Um oásis: a vida pulsava em meio à devastação. A torre escura parecia uma fenda na escuridão. Luzes piscavam entre as árvores e Kira levantou a arma.

Samm fez um sinal com a cabeça para a direita, e eles seguiram a cerca, no mais absoluto silêncio, deslizando através da grama macia e dos arbustos que cercavam o misterioso complexo industrial da ParaGen. Logo chegaram a um portão aberto e aparentemente desprotegido; por via das dúvidas, ficaram escondidos por quase dez minutos, até terem certeza de que o portão estava mesmo livre. Em volta da sua base, a vegetação era espessa, o que levantou suspeitas em Kira de que possivelmente não era fechado há anos.

– Será que alguém mora aqui? – sussurrou ela.

– Eu... – Samm parecia estar sem palavras. – Eu não sei.

– Pode ser um posto avançado? Algum tipo de... base Partial?

– Se eu soubesse, teria contado a você – Samm respondeu.

– Bem, quem mais pode estar nesse lugar?

Não desgrudavam os olhos do portão, tentando controlar o nervosismo.

– Ainda não encontramos Heron – lembrou Samm. – Ela pode estar lá dentro ou então escondida, esperando por nós.

– Só há um jeito de descobrir. – Kira rastejou na direção do portão com a arma em posição de tiro. Estava decidida a não perder tempo, não quando estavam tão próximos, mesmo que ali fosse uma colônia Partial. Após alguns instantes, Samm convenceu-se a fazer o mesmo e a seguiu.

Atravessaram o portão e penetraram num bizarro paraíso. Ela ficou maravilhada com a exuberância da vegetação, e as luzes voltaram a piscar entre as árvores. Ao contrário dos focos de incêndio na cidade, resultado da lenta combustão das substâncias tóxicas, aqueles brilhos pareciam ser de fogueiras pequenas e controladas, como Heron havia comentado. Do tipo das que são usadas para cozinhar ou para celebrar. Arrastaram-se pela escuridão e logo começaram a ouvi-los.

Vozes. Vozes felizes, risadas e cantorias, e, em meio a isso, algo que Kira havia pensado que nunca mais ouviria. Ela saiu correndo, deixando de lado todas as precauções, e, ao colocar os olhos sobre elas, caiu de joelhos, emocionada demais para correr, falar ou mesmo pensar.

Crianças.

A fogueira ardia no centro de uma clareira, cercada por construções baixas. Um grupo de pessoas dançava, entre elas, as crianças – de todas as idades, de bebês a pré-adolescentes. Dúzias de crianças de vários tamanhos, rindo, pulando, batendo palmas e cantando, enquanto uma pequena banda tocava flautas e violinos à luz da fogueira. Kira afundou na grama aos

prantos, sem conseguir falar. Samm ajoelhou-se ao seu lado e ela se agarrou a ele, apontando para as crianças. Ele tentava tirá-la dali, mas o único desejo de Kira era chegar ainda mais perto, para vê-las melhor, tocá-las, abraçá-las. A essa altura, todos já tinham notado a presença dela, adultos e crianças; eles haviam parado de tocar e cantar, estavam em pé, chocados e surpresos. Samm tentou levantá-la outra vez, e ela finalmente conseguiu articular algumas palavras em direção ao grupo de estranhos que se aproximava.

– Vocês têm filhos!

Os desconhecidos formaram um semicírculo na frente deles e Kira percebeu que seguravam arcos e flechas, além de algumas armas de fogo. Uma jovem, da idade de Kira, aproximou-se dela com uma espingarda, apontando-a com precisão para o seu peito.

– Soltem as armas.

PARTE 4

Capítulo Trinta e Oito

– Quem é você? – perguntou Samm.

A garota com a espingarda mantinha Kira sob seu alvo.

– Eu disse para soltarem as armas – a menina repetiu.

Samm largou a arma no chão. Kira estava abalada demais para fazer qualquer movimento, ainda com o olhar fixo nas crianças; então, Samm tirou o fuzil do ombro dela e o jogou na grama.

– Não estamos aqui para machucar vocês – disse Samm. – Queremos apenas saber quem são.

A garota abaixou levemente a espingarda, afastando o olho do visor, mas manteve a arma apontada na direção da dupla. Seus cabelos eram loiros e estavam presos num rabo de cavalo; as roupas de couro pareciam grosseiras e artesanais.

– Primeiro vocês – disse ela. – De onde vieram? Em doze anos, ninguém atravessou as montanhas.

Kira balançou a cabeça, finalmente voltando a si.

– Não cruzamos as montanhas, viemos pelo meio-oeste. Somos de Nova York.

A garota arregalou os olhos e as pessoas ao redor murmuraram palavras de incredulidade. Uma mulher de mais idade se aproximou com um menino no colo e Kira olhou-o fixamente como se ele fosse o milagre sob a forma humana: três anos de idade, rechonchudo e corado, o rosto sujo de terra e restos da grudenta comida da janta. Olhava para ela na mais perfeita inocência, estudando seu rosto como se fosse a coisa mais normal do mundo; quando seu olhar encontrou o de Kira, o garotinho sorriu. Ela não resistiu e retribuiu o sorriso.

– Então, você vai responder? – perguntou a mulher.

– O quê?

– Eu disse que você não poderia ter vindo das terras baldias – disse a mulher –, porque a terra devastada foi tudo o que restou.

Samm tocou o ombro de Kira.

– Acho que você saiu do ar, olhando para a criança – disse ele.

– Desculpe-me – disse Kira, levantando-se. As pessoas recuaram, mas não abaixaram as armas. Kira segurou na mão de Samm em busca de apoio. – É que... parece que temos muitas coisas para conversar. Dos dois lados. Vamos tentar de novo. – Ela olhou para a loira. – Vamos começar pelo básico: vocês são humanos ou Partials?

A mulher de mais idade apertou os olhos; a raiva neles era evidente. Kira não teve dúvidas de que aquela mulher era humana. *Melhor fazer de conta que também somos*, pensou.

– Meu nome é Kira Walker, e este é Samm. Sou médica no povoado de Long Island, na costa leste. Até cinco minutos atrás, pensávamos que aquele era o último povoado humano sobre

a face da Terra, e do jeito que vocês falam, posso apostar que pensavam mais ou menos a mesma coisa sobre este lugar. Não tínhamos como saber se havia sobreviventes neste lado do continente e, no entanto... olhem só para vocês. E olhem para nós. – Levantou a mão, pronta para um cumprimento. – Muito prazer... – Ficou em silêncio, bem quando ia dizer *também somos humanos*. Sentiu um soco na boca do estômago. Não podia mais afirmar aquilo. Engoliu e balbuciou um final alternativo para a sentença. – ... somos de outra comunidade humana.

Kira manteve uma mão estendida e com a outra enxugou uma lágrima do olho. Os colonos armados a encaravam em silêncio. Após alguns instantes, a garota apontou, com um movimento brusco de cabeça, em direção ao leste.

– Vocês atravessaram as terras baldias?

Kira assentiu com a cabeça. – Sim.

– Devem estar morrendo de fome. – Ela abaixou totalmente o rifle e apertou a mão de Kira; era tão áspera e cheia de calos quanto a dela.

– Meu nome é Calix. Venham até a fogueira comer alguma coisa.

Samm recolheu as armas do chão e seguiram Calix para perto do fogo. Alguns dos moradores ainda olhavam ressabiados para eles, mas pareciam mais curiosos do que assustados. Kira não resistiu à tentação de tocar uma criança, uma menina de cerca de nove anos, mas recolheu a mão antes de encostar nos cachos castanhos dela. Ao perceber a intenção, a garota sorriu e agarrou a mão de Kira.

– Meu nome é Bayley.

Kira estava tomada pela alegria e conseguiu apenas sorrir, sem saber direito como responder.

– Muito prazer em conhecê-la, Bayley. Você lembra a minha irmã. O nome dela é Ariel.

– Que nome bonito – disse a garotinha. – Eu não tenho irmã, só irmãos.

Tudo naquele lugar parecia mágico. Ela conversava com uma criança que tinha irmãos. – Quantos irmãos você tem? – perguntou, mal contendo o entusiasmo.

– Três. O mais velho é Roland, mas a mamãe diz que eu sou mais responsável.

– Não tenho a menor dúvida – disse Kira, sentando-se num banco próximo à fogueira.

Um grupo de crianças aproximou-se, atraído pela novidade dos forasteiros, mas logo saíram correndo, com energia demais para ficarem quietos por mais de um segundo. Um homem imponente de avental engordurado entregou a Kira um prato de purê de batatas salpicado generosamente com alho e cebolinha, e coberto por um naco de queijo branco assado. E, antes que ela pudesse agradecer, ele serviu também um encorpado chili[6].

Embora o aroma das pimentas-vermelhas fizesse cócegas em seu nariz e o chili estivesse de dar água na boca, estava emocionada demais para comer qualquer coisa. Outra menina serviu-lhe um copo de água gelada e Kira bebeu-o a grandes goles, mais do que agradecida. Samm dizia “obrigado” a todos, baixinho, beliscando a comida; no entanto, não se descuidava um minuto sequer, o olhar sempre atento nas pessoas e no entorno.

Calix e a mulher com quem haviam conversado antes puxaram um banco e se sentaram na frente deles. O menino de três anos esquivou-se do colo da mãe e saiu correndo para brincar.

– Comam – disse a mulher –, mas entre uma garfada e outra conversem. A chegada de vocês é... bem, vocês sabem. Nós não imaginávamos que existissem mais humanos. O fato de oferecer comida não significa que confiamos em vocês. Pelo menos, por enquanto. – Ela deu um sorriso apertado. – Meu nome é Laura. Sou uma espécie de prefeita da comunidade.

Kira colocou o prato de lado.

– Desculpe-me pelo modo como a tratei, Laura... não tinha a intenção de ignorá-la. É que... como vocês fazem para ter filhos?

Laura riu. – Como todo mundo!

– Esse é o nosso problema. Nós não conseguimos. – Kira foi assaltada por um pensamento terrível e levantou-se num pulo, receosa de que poderia estar levando o vírus para aquela colônia. – Vocês não têm o RM?

– Claro que temos – disse Calix. – Todos têm. – Ela ficou quieta e franziu o rosto. – Está dizendo que vocês não conhecem a cura?

– E vocês conhecem?

Calix parecia tão surpresa quanto Kira. – Como podem sobreviver sem a cura?

– E como encontraram a cura? – perguntou Kira. – É o feromônio... vocês conseguiram sintetizá-lo?

– Que feromônio?

– O feromônio Partial. É o nosso melhor palpite. Não foi assim que se curaram? Por favor, precisa me dizer. Precisamos levar essa notícia para East Meadow...

– É claro que não é o feromônio – respondeu Laura. – Os Partials estão todos mortos. – Parou de falar, olhando nervosamente para Kira e Samm. – A menos que vocês tenham más notícias para acompanhar as boas.

– Eu não sei se deveria chamá-las de “más” – disse Samm, mas Kira o interrompeu antes que ele pudesse revelar algo mais. Aquelas pessoas já estavam desconfiadas o bastante, por isso não fazia sentido contar que os recém-chegados eram Partials, até que tivessem adquirido mais confiança neles.

– Os Partials continuam vivos – contou Kira. – Não todos, talvez quinhentos mil. Alguns são mais simpáticos do que outros.

– Quinhentos mil – repetiu Calix, chocada só de ouvir a quantidade. – Isso... – Inclinou-se para trás, como se não soubesse o que dizer.

– Quantos humanos existem? – perguntou Laura.

– Eu costumava saber o número exato, mas acho que atualmente há uns trinta e cinco mil.

– Graças a Deus! – disse Laura, e Kira viu as lágrimas escorrendo pelo rosto da mulher. Mesmo Calix parecia contente, como se o número de Partials e humanos se equivalesse. Kira ficou desconfiada – era quase como se a garota não tivesse percebido a diferença entre os

números.

Kira inclinou-se à frente. – Quantos vocês são?

– Quase dois mil – respondeu Laura, com um sorriso cheio de orgulho. – Esperamos ultrapassar esse número nos próximos meses, mas... trinta e cinco mil. Nem em sonho eu teria imaginado tantos humanos.

– Como é lá fora? – perguntou Calix. Ela dirigiu a pergunta à Kira, mas não tirava os olhos de Samm. – O mundo do outro lado da Reserva? Exploramos um pouco das montanhas e também tentamos conhecer as terras baldias, mas é muito grande. Pensamos que o mundo se resumisse a isso.

– Isso cobre apenas o meio-oeste – disse Samm. – E não a região inteira. Só daqui até o Mississippi, mais ou menos.

– Fale sobre a cura – perguntou Kira, tentando voltar a conversa para o assunto mais importante. – Se não conseguiram a cura a partir dos Partial, de onde ela vem? Em primeiro lugar, como vocês sobreviveram ao Surto?

– Quem entende disso é o doutor Vale – disse Laura. – Calix, veja se ele ainda está acordado, ele vai gostar de conhecer os visitantes. – Calix ficou de pé, dando uma última olhada em Samm e correu para dentro da escuridão. Laura voltou-se para Kira. – Foi ele quem nos salvou quando o vírus nos atacou. Isso aconteceu algumas semanas após o Surto, quando todos começaram a perceber que realmente tinha chegado o nosso fim. Ele reuniu o maior número de pessoas que conseguiu, amigos de amigos, e quem mais ele encontrasse vivo. Nos proporcionou a cura, que eu acredito, tenha sido sintetizada a partir dele mesmo. Então nos enfiamos aqui na Reserva.

– Vocês têm a cura desde aquela época? – perguntou Kira. Ela balbuciou por alguns instantes, sem saber como fazer a próxima pergunta educadamente, então desistiu e foi direto ao assunto. – Por que não contaram para ninguém? Por que não salvaram mais pessoas?

– Nós as salvamos. Como disse, reunimos o maior número possível de pessoas: jovens e velhos, todos os que tinham sobrevivido à guerra ou ao vírus. Vasculhamos a cidade durante semanas e enviamos veículos em todas as direções. Recolhemos todo mundo que encontramos, mas não havia sobrado muita gente. Não estava mentindo para você, Kira, nós honestamente pensamos que éramos os únicos humanos que haviam restado no mundo.

– Todos nós fomos para o leste – disse Kira. – Os últimos destacamentos do exército reuniram todos nós em um único local.

Laura balançou a cabeça.

– Aparentemente esqueceram-se de alguns.

– E o que fez você pensar que todos os Partial estavam mortos? – perguntou Samm. Sua voz não expressava nenhuma emoção, como de costume, mas Kira sentia que algo o incomodava desde que chegaram à Reserva. Concentrou-se para tentar captar suas emoções pelo *link*, mas sem a atenção redobrada de quando estavam numa situação de combate, suas sensações eram muito fracas.

– Por que não estaríamos mortos? – perguntou Laura. – O RM os matou da mesma forma.

– Espere. O que está dizendo? – interrompeu Kira. O que acabara de ouvir não era apenas uma novidade, mas um completo absurdo. – O RM não afeta os Partial. Eles são imunes ao vírus. Esse... esse é o truque. – Sentiu-se em pânico por alguns instantes, pois se naquela parte do mundo eles tinham um vírus mutante, uma cepa capaz de matar os Partial, estavam correndo grande perigo.

Porém, se fosse o caso, já estavam expostos; então, era melhor manter a calma e obter o máximo possível de informações.

– É tudo verdade – insistiu Laura –, mas então o vírus passou por mutação. Aconteceu aqui, em Denver. Uma nova cepa apareceu do nada e se alastrou pelo exército Partial como fogo numa floresta.

Kira olhava para Samm em busca de algum sinal em sua expressão que confirmasse o que a mulher dizia, mas ele estava mais impassível do que nunca. Ele prestava tanta atenção que Kira imaginou ser a primeira vez que ele ouvia aquela história. No entanto, ela não tinha certeza, nem podia perguntar nada para ele na frente dos outros. Guardou o assunto na memória para discutir mais tarde.

Depois, virou-se para Laura. – Se um novo vírus atacou em Denver, os Partial devem ter se recolhido em quarentena para evitar o contágio. No leste, nunca ficamos sabendo de uma nova cepa.

Calix voltou correndo para perto da fogueira, ofegante e apontando para dentro da floresta.

– O doutor Vale está acordado – disse, com a respiração entrecortada. – Quer ver você.

Kira ficou de pé num pulo. Se esse doutor havia curado o RM, talvez conhecesse mais da fisiologia humana e Partial do que ela própria; quem sabe ele já tivesse encontrado os arquivos que procuravam e pudesse contar a ela mais sobre a Verdade, a data de validade e até sobre quem e o que ela era. Kira praticamente corria na frente de Calix enquanto a garota os conduzia através da vila – um antigo conjunto de prédios de escritórios que há muito tempo havia sido convertido em apartamentos. A notícia da chegada dos forasteiros havia se espalhado pela Reserva, e Kira era observada por centenas de olhos curiosos, parados à porta dos edifícios, à soleira das janelas ou reunidos nas esquinas. Olhavam para ela e Samm com a mesma admiração que ela sentira ao vê-los pela primeira vez; Kira não se continha e acenava para eles. Existiam mais humanos e eles viviam no paraíso, livres da doença. Aquela emoção era, de longe, o sentimento mais cheio de esperança que sentira em toda a sua vida.

Ao longe, atrás dos prédios de apartamentos, erguia-se uma torre gigantesca, tão alta quanto tudo o que vira em Manhattan. Era escura como breu, um buraco no céu noturno; na visão de Kira era uma mancha preta contra as montanhas nevadas ao fundo. Pensou que Calix os estivesse levando para lá, mas, em vez disso, a garota parou numa construção baixa, que parecia já ter funcionado como um depósito e agora se transformara num hospital.

– Ele está aqui – disse Calix, abrindo a porta de vidro. Kira se deu conta de que quase

todas as janelas da Reserva ainda tinham vidro: um clássico sinal da presença humana e um fenômeno que ela só tinha presenciado em East Meadow. Sentia-se em casa, e entrar num hospital reforçava esse sentimento. Samm, por outro lado, mantinha-se para trás e depois de um momento de certo desconforto, Kira voltou para arrastá-lo.

– Ânimo, chegamos! Era isso o que procurávamos.

– Os cavalos ficaram sozinhos – disse num tom acima de um sussurro. – Não podemos deixá-los durante a noite toda. Devemos ir embora e voltar amanhã.

– É isso que está incomodando você? – Deu um puxão no braço dele. – Não se preocupe, os cavalos vão ficar bem. Amanhã cedo vamos buscá-los.

– Permitiram que ficássemos com as armas – cochichou Samm, balançando os fuzis para dar ênfase. – Eu sei que isso faz parecer que confiam em nós, mas tudo aqui é sinistro. Eles não têm como saber se o que estamos falando é verdade. Então, por trás de cada sorriso e gesto de hospitalidade existe um alto nível de segurança que nós não conseguimos ver, e eu não gosto nem um pouco disso. Vamos voltar de manhã.

Kira parou, examinando a expressão de Samm. Achou que podia sentir a apreensão dele pelo *link*, e se isso fosse verdade, Samm estava realmente preocupado.

– Você está tão nervoso assim?

– Você não?

Quando olhou ao redor, Kira notou que estavam sendo observados, e Calix aguardava impacientemente à porta. Ninguém estava perto o suficiente para ouvir o que conversavam, pelo menos ninguém que possuísse uma audição humana. Kira aproximou-se de Samm e sussurrou:

– Este é um grupo de humanos vivos, que encontrou a cura. Vivem em volta do prédio que guarda o segredo do RM, da data de validade e do que eu sou. É tudo o que buscávamos.

– Tem alguma coisa errada aqui.

– Ninguém nos ameaçou...

– E onde está Heron? Ela veio na frente para investigar exatamente este lugar e agora não está aqui. De duas, uma: ou ela viu algo que não gostou e está escondida ou eles a viram primeiro e a pegaram. Ou seja, não podem ter feito nada de bom com ela se estão fingindo para nós que não a viram. E eu não tenho a menor vontade de conhecer o inimigo que conseguiu capturar Heron.

Ele tem razão, pensou Kira. *Este lugar é suspeito e perigoso, e bom demais para ser verdade...*

– Eles têm a cura – insistiu Kira. – Independentemente de estarem mentindo sobre algo, estão falando a verdade sobre a cura. Há crianças por todos os lugares. E, se eles têm essa informação, podem ter outras. Preciso entrar naquele prédio, Samm. Eu *preciso*. Se preferir esperar do lado de fora, tudo bem.

– Não vou deixar você sozinha – disse, olhando o hospital iluminado. – Nesse caso, acho que vamos entrar.

Capítulo Trinta e Nove

Calix os conduziu pelos corredores do hospital e Kira descobriu que o local não era um antigo depósito, mas sim um laboratório, repleto de equipamentos de última geração – possivelmente, tinha sido uma das instalações da ParaGen. Os corredores estavam relativamente vazios, mas o coração de Kira veio parar na boca quando ouviu o som de choro infantil: não parecia ser de dor, como os gritos dos bebês de East Meadow. Pelo contrário, Kira escutava crianças saudáveis sendo acalentadas por mães felizes. Queria correr para vê-las, mas segurou as lágrimas e seguiu Calix. Primeiro, precisava da cura; depois, procuraria por outras respostas.

Samm enrijeceu de súbito, virando bruscamente a cabeça para os lados em busca de algo, e, no mesmo instante, Kira entrou num estado de combate, pronta para atacar. Samm respirava profundamente, esquadrinhando o corredor com o olhar; finalmente encontrou o olhar de Kira. Ela começou a falar, mas ele fez um sinal com a cabeça para que se calasse e apontou para Calix. A garota loira havia parado à porta de um escritório e olhava para eles de um jeito esquisito.

– Está tudo bem? – Kira perguntou para Samm, sem conseguir se conter. Ele começou a responder, mas ela mesma o interrompeu.

– O escritório dele é esse? – disse em direção à Calix.

– Sim – respondeu a menina, que bateu na porta. Uma voz rouca gritou que entrassem. O doutor Vale era baixo e de aparência comum, velho, mas saudável; na verdade, Kira não sabia dizer se ele tinha mais idade que o doutor Skousen, e ela se perguntou se o médico teria recebido um modificador genético de longevidade que algumas pessoas com mais dinheiro consumiram antes do Surto. Se fosse o caso, seria impossível saber se ele tinha sessenta ou cento e vinte anos. Samm o encarou por alguns instantes e Kira sentiu uma sutil onda de desconfiança percorrer seu corpo. Não precisava do *link* para saber que Samm não gostava dele. Afastou os pensamentos, mantendo a mente focada na conversa, preparando-se para qualquer surpresa que a aguardasse.

– Sentem-se, por favor – disse o médico, apontando para as cadeiras na frente da sua mesa. Calix começou a se acomodar, mas o médico sorriu amavelmente para ela e fez um gesto em direção à porta. – Você faria a gentileza de nos esperar lá fora, querida? Nossos convidados terão muitas perguntas a fazer e eu quero ter certeza de que não seremos incomodados.

Calix não parecia nem um pouco contente com aquilo, mas suspirou e deixou a sala; não sem antes dar uma risadinha para Samm. Ele mantinha a atenção totalmente voltada para o médico, e sequer pareceu notá-la; Kira, por sua vez, sentiu uma inexplicável satisfação diante da atitude dele.

Assim que Calix fechou a porta, Vale olhou para os dois.

– Então, vocês são os dois viajantes vindos do outro lado das terras baldias?

– Sim, senhor – respondeu Kira. – Viemos para cá em busca de... respostas. Precisamos

encontrar a cura para o RM e ficamos sabendo que o senhor sintetizou uma.

– Eu fiz isso – respondeu o médico. – Me diga, quantos de vocês há lá fora?

– Humanos ou Partials? – perguntou Kira.

Vale sorriu. – Ambos.

– Trinta e cinco mil humanos – disse Kira. – E meio milhão de Partials.

Vale ficou exultante.

– Nesse caso, nosso encontro provoca emoções contraditórias, não acham? Em poucos segundos fiquei sabendo que a minha imagem sobre o mundo é totalmente obsoleta. Devo admitir que não estou pronto para tal revelação; eu, que me orgulho de ser um homem que está sempre preparado.

– Por favor, senhor. Conte-me sobre a cura – pediu Kira.

– Ela funciona – respondeu o médico, levantando as mãos num gesto de desdenhosa satisfação. – O que mais posso dizer? Inoculamos cada criança ao nascer e o RM não pode jamais causar nenhum mal a elas. Não é a melhor solução a longo prazo; imaginem, daqui a cem anos ainda estaremos vacinando cada criança que nascer, mas é o que já fazíamos antes do Surto, não é? Vacinação, antibióticos e todo um coquetel de substâncias químicas. Mesmo antes do Surto o mundo já tinha se tornado muito mais hostil para com a nossa espécie do que realmente teríamos gostado.

Havia alguma coisa estranha nele que Kira não conseguia identificar. Ela tinha feito residência em hospitais, conviveu com médicos a vida inteira, e esse tal de Vale era... diferente. Ele não falava como um doutor.

– Do que nós precisamos é de uma cura que funcione como a nossa Reserva – concluiu ele, gesticulando em direção à janela atrás dele.

– Como assim? – indagou Kira.

Vale abriu outro sorriso.

– O paraíso onde vivemos já foi tão sem vida! Era um território restrito, desprovido não apenas de seres humanos, mas também de plantas e animais. Uma terra estéril, muito semelhante à que vocês atravessaram. Mas agora o jogo virou, não é? O que a tecnologia nuclear destruiu, a biotecnologia reconstruirá.

A expressão de Kira era de dúvida.

– Este lugar foi atacado com armas nucleares? – perguntou Kira.

– Não, não, não. Pelo menos não do jeito que você está pensando. Durante a Segunda Guerra Mundial, a fábrica de Rock Flats era uma instalação destinada aos armamentos nucleares. Foi o primeiro local escolhido para a produção de bombas de hidrogênio. Por aqui passou mais material radioativo do que em Hiroshima, mas a tecnologia, como vimos, tem seus meios de escapar ao controle. As instalações tornaram-se tão insalubres que se desmancharam por completo e, após décadas de incessantes esforços para limpar o ambiente, esta terra finalmente foi considerada segura para ser habitada. Não por humanos, claro. No entanto, quem gosta de cervos? Deixe que eles tenham câncer, eles não pagam seguro. Desse modo, em 2000, nasceu a

Reserva de Vida Selvagem Rocky Flats; e o local permaneceu assim durante décadas, limpo o bastante para não molestar a nossa consciência, sem, entretanto, estar realmente despoluído. Tal é a capacidade do ser humano para o altruísmo.

– Você mencionou biotecnologia – disse Kira. Ela não sabia aonde ele queria chegar com aquela conversa, mas pelo menos estava falando. Kira puxava assunto, tentando descobrir mais. – Suponho que foi quando surgiu a ParaGen.

– Sua suposição está correta – disse Vale. – A ParaGen era a pioneira de uma florescente indústria de ponta. Não estivemos sempre aqui. Antes, nossas instalações ficavam no lado sul da cidade, em Parker. Nossa primeira incursão no campo da biotecnologia foi a criação de uma série de micróbios famintos projetados para comer coisas que ninguém queria...

– Você trabalhou na ParaGen? – perguntou Kira, de supetão.

– Naturalmente. – Vale olhou de soslaio para Samm, que ainda se mantinha tenso, sentado ao lado de Kira. Então, voltou-se para ela. – Foi o meu conhecimento prévio em biotecnologia que me permitiu alcançar a cura.

Kira teve de se segurar para não pular da cadeira: um biotecnólogo da ParaGen? Ele fazia parte da Verdade? Ela iria explodir de tantas perguntas que tinha para fazer, no entanto, ainda não sabia como abordá-lo. Será que ele responderia se ela perguntasse, sem rodeios, sobre os Partials, a data de validade ou o FS? Ou ele se calaria? Teria um acesso de raiva? Decidiu mantê-lo falando, para entender sua personalidade.

– Você produzia micróbios? – ela perguntou.

– Micróbios que se alimentavam de resíduos – explicou, praticamente nauseado de discutir o assunto. – Radiação. Metais pesados. Substâncias químicas tóxicas. Diferentes resíduos que são uma fonte perfeita de energia para um organismo projetado para usá-la. Dois contratos com o governo, alguns anos para os micróbios realizarem sua mágica e, de repente, a pobre e enlameada Rocky Flats tornou-se o Jardim do Éden. Um sucesso como esse vem acompanhado de mais contratos, projetos maiores, muito dinheiro; e após mais alguns empreendimentos bem-sucedidos você começa a escrever seus próprios cheques, e um deles acaba sendo a própria Rocky Flats, uma vasta extensão de terra de grande valor imobiliário que ninguém nunca quis. Nossa recompensa cármica por tê-la salvado. Enquanto isso, os micróbios continuam ruminando o solo, impedindo a terra tóxica de proliferar, conservando, assim, nosso pequeno quinhão de paraíso.

Ele adora falar sobre isso, pensou Kira. Será que devo pressioná-lo um pouco mais?
Pigarreu: – Então, você fazia parte da equipe que criava organismos?

– Sim. – Ele olhou novamente para Samm, que permanecia frio e distante como uma estátua. Kira se perguntava o que havia de errado, mas Vale olhou para ela com um sorriso bondoso nos lábios. – Sou genetecista, considerando ser possível qualquer trabalho desse tipo atualmente. A cura que hoje temos é viável, mas preciso de algo que funcione como os micróbios: algo que viva embaixo da superfície, se reproduza e nos proteja sem precisar ser orientado ou sofrer alguma intervenção. Algo transmissível de mãe para filho.

– Mas o que você tem continua sendo uma cura – disse Kira. – E funciona. Em Nova York, de onde venho, desde o Surto não se vê uma criança que sobreviva mais do que três dias. Há alguns meses, conseguimos curar uma, mas só. Temos um caso que é um milagre e vocês têm centenas. Temos tentado reproduzir a cura sem sucesso, mas você pode nos dar um futuro. Por favor, sou médica, me preparei para este exato momento toda a minha vida. Leve-me ao seu laboratório e mostre-me o que faz. Poderemos salvar dezenas de milhares de crianças. Uma geração inteira. – Kira sentiu que chorava. – Podemos sonhar com um futuro novamente.

– A cura não é portátil – disse Vale.

– O quê? – Ela franziu o rosto em sinal de confusão. – Como pode não ser portátil?

– Você vai ver.

– Agora? – propôs Kira, levantando-se.

– Tenha paciência – disse Vale, acenando para que ela se sentasse. Ela não obedeceu. – Quero ajudar vocês, mas é preciso ter cautela.

– Precisamos ter cuidado com o quê?

– Existe um equilíbrio delicado aqui na Reserva. Vou ajudar você, mas não podemos perturbar essa estabilidade.

– Então permita que a gente ajude vocês – disse Kira, entusiasmada. – Estudei o RM, atravessei a terra tóxica, conheço o terreno e a política. O que precisa saber?

– Não hoje à noite. Conversaremos amanhã.

Kira cerrou o punho em frustração.

– E a respeito da data de validade? – insistiu ela. O médico arregalou os olhos, curioso, como se não entendesse a pergunta. – A data de validade dos Partial – repetiu –, o mecanismo no genoma que causa a morte quando eles completam vinte anos. Você sabe algo a respeito? Descobriu como funciona?

– Iremos providenciar um lugar para que passem a noite – esquivou-se Vale, levantando-se e caminhando para a porta. Sua voz mostrava menos certeza, o prazer de discorrer sobre os micróbios havia sido substituído por um balbuciar incerto. – Vai chover esta noite e vocês precisam de um lugar para ficar.

– Por que não responde? – pressionou Kira.

– Amanhã – disse o médico. – Acompanhem Calix e logo cedo mandarei buscá-los. – Abriu a porta e indicou o corredor. Samm levantou-se para sair.

– Bem cedinho – pediu Kira. – Prometa.

– É claro. Bem cedinho – repetiu Vale.

Calix os aguardava sentada no corredor e rapidamente ficou de pé.

– Precisamos correr. A chuva ácida está se aproximando. Todos já devem estar protegidos. – Ela olhou para Samm. – Você pode ficar em casa... os dois podem, mas precisamos nos apressar.

Kira olhou novamente para Vale, que continuava com o sorriso de louco estampado no rosto.

– Bem cedinho – confirmou ela, e se virou para acompanhar Calix, que corria pelo corredor.

Alcançaram a porta de entrada e Calix olhou para fora com cautela, espiando as nuvens carregadas que cobriam o céu.

– Nada de chuva ainda. Vamos. – Ela correu para fora e, quando Kira preparava-se para ir em seguida, Samm segurou-a pelo braço.

– Espere – disse, inclinando-se para cochichar no ouvido dela. Sua voz era macia e ela mal conseguia ouvi-lo. – Você sentiu?

– O quê?

– Doutor Vale. Captei-o no *link*. Ele é um Partial.

Capítulo Quarenta

Calix morava a alguns blocos do hospital, e os três alcançaram o prédio assim que as primeiras gotas de ácido pingaram no chão.

– As coisas que a ParaGen colocou no solo ajudam a manter as plantas saudáveis, mas não é uma boa ideia ficar embaixo de um pingo de chuva ácida – disse Calix.

Um homem corpulento segurava a porta aberta para os três entrarem correndo, e os repreendeu por quase terem tomado chuva.

– Está tentando se matar, Callie?

– A chuva ainda não me pegou – respondeu a garota, dando um tapinha carinhoso no braço do homem. – Obrigada por abrir a porta.

– Quando precisar. São os viajantes?

Samm observava o saguão de entrada do prédio, lotado de curiosos. Olhou para o grandalhão e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Sim. Precisamos de um lugar para passar a noite, caso tenha algum.

– Ele quis dizer “por favor” – disfarçou Kira. – E muito obrigada pela sua hospitalidade.

– Na minha casa tem bastante espaço – disse Calix, apertando o botão do elevador.

Kira passou por ela, procurando a escada, e deu um pequeno pulo quando a porta do elevador abriu. – Minha nossa!

Calix arregalou os olhos.

– Você está bem?

– De onde eu venho... – Kira tremeu de leve e entrou, cautelosa, no elevador, atrás de Calix. – Onde moro não tem energia suficiente para fazer os elevadores funcionarem. Na verdade, nunca andei de elevador.

– Nem eu – disse Samm, embora Kira soubesse que não era verdade.

Era muito provável que estivesse tentando fugir das inevitáveis perguntas sobre o fato de eles terem experiências de vida tão diferentes. Calix apertou um botão na parede do elevador, o último andar, e a porta fechou.

– Todo o complexo tem energia – disse Kira. – Não só o hospital. De onde ela vem?

– Alguns anos antes do Surto, a ParaGen havia se tornado totalmente autossustentável. Temos energia e água encanada, além da própria Reserva, que nos protege da terra tóxica. Há terra até para gado, se pudéssemos encontrar algum boi vivo.

– O chili que comi no jantar tinha carne – observou Kira.

– Na verdade, era de cervo – disse Calix e olhou para Samm com orgulho. – Eu mesma rastreei o animal. Sou caçadora profissional há dois anos.

Samm meneou a cabeça, o que vindo dele, era uma grande demonstração de emoção.

– Impressionante – ele disse.

Kira tentou não fechar a cara. Parecia até que Calix havia caçado um monstro, como aquela coisa que perseguiu Kira em Nova York.

O elevador parou no último andar. Embora muitas das minúsculas estações de trabalho tivessem sido retiradas, Kira imediatamente reconheceu as salas de escritórios. As mesas restantes estavam encostadas nas paredes, amontoadas com livros, vasos de plantas e tabuleiros de jogos. Algumas bolas de plástico apareciam jogadas em um canto da área comum.

– Aqui é o nosso quintal – brincou Calix. – Minha casa fica ali, na Sala de Reunião 2.

Cada escritório e sala havia se transformado num pequeno apartamento, muitos dos quais estavam ocupados. Calix acenava com familiaridade aos vizinhos. A decoração da Sala de Reunião 2 era ainda mais escassa, e Kira ficou em dúvida se era por que os vizinhos de Calix eram melhores decoradores e mais experientes no assunto ou se, simplesmente, a garota era mais pobre. A sociedade em torno da qual se organizavam não usava dinheiro, mas Kira começava a descobrir que, naquele lugar, nada era como ela esperava.

Como o fato de o médico ser um Partial.

Havia uma única cama de solteiro, que Calix graciosamente pôs à disposição de Kira. Ela recusou a oferta, insistindo que dormiria no chão, do outro lado do cômodo, onde poderia conversar com Samm em particular, assim que a anfitriã pegasse no sono. Depois de uma hora de um animado interrogatório sobre como era a vida fora da Reserva, Kira se tocou de que era mais provável que Calix fosse a última a dormir. Uma hora mais e Kira estava com muito sono para se importar com qualquer coisa e sentiu seus olhos fecharem, enquanto Samm continuava a responder uma pergunta após a outra.

Kira lentamente dormiu, deitada entre o emaranhado de cobertas no chão, apenas alguns centímetros de onde Samm estava sentado. Em poucos instantes, sua respiração tornou-se profunda e regular, e então sentiu algo tocar as costas de sua mão.

Samm havia colocado sua mão sobre a dela.

Na manhã seguinte ela acordou num sobressalto, sentou-se e estendeu a mão para segurar algo, embora não se lembrasse o quê. Os raios de sol espreitavam através das cortinas da janela e a cama de Calix estava vazia. Samm ainda dormia no chão ao lado dela, estirado como um cadáver. Espiou ao redor, verificou o corredor e fechou bem a porta.

– Samm! – disse, balançando-o para acordá-lo.

Ele despertou como um predador, girando o corpo numa posição de combate, tão rapidamente que Kira precisou desviar para não ser atingida. Ele ficou imóvel, escaneando o cômodo, então olhou para Kira.

– Desculpe-me, este lugar me deixa nervoso.

– A mim também – disse ela. – Precisamos descobrir o que está acontecendo. Estamos a sós aqui, mas não sei por quanto tempo.

– O médico não é um Partial – disse Samm.

– Você garantiu que ele era.

– Ele não corresponde a nenhum padrão de Partial que eu conheça. Pensei sobre isso a noite inteira. Não é um médico, nem um general, ou qualquer outro modelo. Existem duas possibilidades. Primeira: a espécie dele é como a sua, que não identificamos e não foi produzido em escala industrial; mas acho isso improvável, principalmente porque você não emite sinais pelo *link*, e ele sim. Além disso, você envelhece, e ele obviamente não poderia ser tão velho quanto é se tivesse nascido dezessete anos atrás. Segunda, e mais aceitável: ele é como Morgan, um humano com modificador genético para usar o *link*. O que nos leva a uma conclusão óbvia.

– Ele é um membro da Verdade. Levando em consideração tudo o que contou sobre seu passado na ParaGen, faz sentido. Trabalhou para a companhia desde o início. Provavelmente era um dos cientistas seniores.

– O que também significa que ele pode me incapacitar quando quiser. – Sua voz era calma e pragmática, apesar do peso de suas palavras. – Na noite passada, ele não me deu nenhuma ordem, mas, se em algum momento ele o fizer, não sei se serei capaz de desobedecê-lo.

– Você desobedeceu Morgan.

– Levei alguns minutos para conseguir e precisei de extrema concentração. O controle que eles exercem é quase impossível de quebrar. Vindo de um membro da Verdade é ainda mais difícil. Se ele realmente usar seu poder, não posso garantir minha reação. Na melhor das hipóteses, ele poderá me incapacitar por tempo suficiente para vir atrás de você.

– E, na pior das hipóteses, também poderá me controlar, supondo que ele saiba o que sou.

– Morgan não sabia, mas isso não quer dizer nada. Com certeza seu pai e Nandita sabiam que você era Partial. Desconhecemos o quanto Vale percebe.

– Começo a entender que a Verdade não era assim tão... confiável – ironizou Kira. – A impressão é de que havia dois grupos distintos, com duas agendas diferentes.

Samm concordou com a cabeça.

– Isso explica a existência de algumas provas contraditórias, mas não esclarece o que elas significam. Precisamos de mais informações.

– Que provavelmente estão naquela torre central. O prédio onde estivemos ontem parecia ser exclusivamente para uso médico. Se Vale nos levar para conhecer a Reserva, aquele edifício é a nossa prioridade.

Samm concordou, então ficou imóvel.

– Alguma vez Nandita controlou você? – ele quis saber.

– Você se refere ao *link*?

– Sim. Em algum momento você teve a impressão de que estava sendo forçada a fazer algo?

– Não que eu me lembre. – Olhou para ele, sentindo-se triste por algumas situações que Samm fora obrigado a passar. – Como a gente se sente?

Samm soltou o ar.

– Pode ser difícil de reconhecer – admitiu. Ele ficou em silêncio e um traço mínimo do que seria um sorriso despontou em seus lábios. – É claro que para alguém patologicamente independente como você pode ser mais perceptível.

Kira deu um tapinha no braço dele.

– Não sabia que os Partialts gostavam de provocar.

– Eu aprendo rápido.

– De qualquer forma, acho que Nandita nunca me controlou com o *link*, e não sei se o doutor Vale sequer irá tentar. – Kira ficou em silêncio, subitamente preocupada. – Independentemente de ele saber ou não sobre mim, ele já descobriu que você é um Partial, certo?

– Acho muito difícil ele ignorar esse fato – respondeu Samm. – Por outro lado, se ele percebeu, não consigo imaginar por que ficou quieto. O que ele tem a ganhar guardando segredo? A menos que... ele não queira que a gente saiba que ele descobriu nossa origem.

Kira olhou de relance para a porta ainda fechada.

– É bem possível. Acho que devemos agir como se ele estivesse escondendo algo de nós. Mesmo que esteja fazendo isso por interesse próprio. Ele não pode denunciar você como Partial porque estaria se expondo como um dos cientistas que ajudou na nossa criação. Essas pessoas não são tão militantes como as de East Meadow, mas elas continuam não gostando dos Partialts. Talvez não recebam bem a notícia de que o médico delas ajudou na construção do exército rebelde.

– Essa também é a melhor hipótese a que cheguei – disse Samm. – De qualquer forma, para nós, é má notícia. Ele tem uma situação boa aqui, é uma sociedade pequena e perfeita, e a nossa presença, a nossa simples existência, coloca tudo em risco. Se os Partialts nos seguirem até aqui, ele está acabado. Se a verdade sobre você, ele ou eu vier à tona, todo o segredo será revelado, e ele também estará com problemas. A melhor estratégia seria nos matar ou nos manter presos aqui indefinidamente. O que pode explicar o motivo de ele não nos oferecer ajuda com a cura do RM.

Kira mostrava-se confusa com a aparente inconsistência das suposições.

– A menos que ontem ele estivesse falando a verdade – disse ela. – Quanto ao fato de a cura não ser “portátil”. Talvez estivesse dizendo que precisa ser mantida refrigerada. Claro que não podemos atravessar o continente inteiro transportando algo assim. Se for mesmo verdade, ele poderia nos passar a fórmula, ou me ensinar o processo de fabricação. Mas ele se recusou. Seja lá o que for, você tem razão quanto ao perigo.

– E ainda não conhecemos o paradeiro de Heron.

– Você tem razão. – Kira tamborilava os dedos no chão, tentando puxar o fio da meada daquela confusão de possibilidades. – Se ela se aproximou demais da Reserva, ele a teria detectado. Pode ter usado o *link* para capturá-la.

– Heron está acima de muitos de nós na hierarquia do *link* – disse Samm. – Faz parte da independência inerente ao modelo espião. – Ficou em silêncio por alguns instantes, pensativo, e

então suspirou, demonstrando outro traço característico dos humanos, que ele deve ter adquirido no longo convívio com Kira. Ela achou aquilo fascinante. – Mesmo assim estava subordinada a Morgan, e acredito que Vale exerça um comando similar com o *link*. Talvez esteja sendo mantida prisioneira em algum lugar.

– Também é possível que ela o tenha detectado antes e esteja escondida. Conhecendo o jeito dela, acho isso mais provável. Pode estar tentando descobrir as informações que buscamos em outra parte da Reserva – sugeriu Kira.

– Na torre central. Parece que todos os edifícios da Reserva dispõem de eletricidade, então ela poderia facilmente acessar os dados nos computadores. Sem Afa, entretanto, não sei como qualquer um de nós vai conseguir burlar os programas de segurança – disse Samm.

– Nesse caso, ela pode estar procurando nos arquivos físicos – intuiu Kira. – Supondo-se que Vale não tenha destruído todos os papéis. Se ele está tentando manter sua verdadeira identidade em segredo, pode ter destruído muitos documentos.

– Se ele realmente estiver tentando escondê-la – salientou Samm. – Pode ser que a gente esteja interpretando tudo errado. Talvez todos saibam quem ele é. Poderíamos ter mais informações se tivéssemos alguém em quem confiar aqui dentro.

– Não confio em Calix – respondeu Kira imediatamente, cortando Samm antes que ele pudesse sugerir a garota. – Está claro que é leal a Vale.

– Ele é o líder. Por que ela não seria leal?

– É o que estou dizendo. Não estou insinuando que ela seja uma espia, apenas que se fizermos perguntas a ela, Vale vai ficar sabendo.

– Agora você está imaginando uma conspiração. Só porque não podemos confiar em Vale, você acha que todos são nossos inimigos. A explicação mais provável é a de que todos são simplesmente felizes e desatentos.

Kira balançou a cabeça.

– É provável, mas não é certeza. Não quero depositar minha confiança em ninguém até saber o que se passa aqui.

– Isso é algo para o qual a sociedade ainda não está preparada – disse Samm. Kira olhou para ele, que esboçou um sorriso. – Você é uma rebelde, Kira Walker. Mesmo quando não há nada contra o que se rebelar.

Kira sorriu. – Talvez tenha sido projetada para ser assim. Não existem modelos rebeldes de Partials?

– Fomos nós que começamos a Guerra Partial – disse simplesmente Samm. – A revolta é o que há de mais humano em nós.

O trinco da fechadura abriu e Kira levantou o olhar, momentaneamente petrificada de medo de terem sido descobertos, antes de perceber que na verdade não havia nada de suspeito na atitude deles. Por que os dois não poderiam conversar? Ela só esperava que ninguém tivesse ouvido o que diziam.

Calix empurrou a porta com o quadril e entrou carregando dois pratos com ovos e *hash*

browns [7]; ambos generosamente decorados com pimentas verdes e vermelhas. Depois do chili da noite anterior, Kira havia ficado com a nítida impressão de que o cozinheiro do lugar gostava de comida apimentada.

– Estão acordados! – disse Calix, colocando os pratos sobre a mesa encostada na parede; o móvel era o que havia restado das antigas mesas compridas das salas de reunião, e tinha um formato bastante esquisito. Ela retirou os garfos de dentro do bolso e gesticulou grandiosamente em direção à refeição. – O café da manhã está servido. Espero que não se importem, mas convidei um amigo. Não iria mesmo conseguir carregar tudo sozinha.

Como se tivesse recebido a deixa, o convidado bateu de leve na porta e Calix a abriu. Era jovem, de baixa estatura, com um rosto largo e um sorriso maroto. Carregava uma pilha de copos de plástico e uma pesada jarra de água.

– Obrigado, Cal. Oi, pessoal, sou o Phan.

– Oi – disse Kira. Seu estômago roncou em alto e bom som, e ela deu uma risada sem graça. – Desculpem-me, não vemos comida de verdade há meses. E está com uma cara ótima!

Phan riu. – Não tem problema, pode atacar. – Ele abriu a jarra e começou a servir a água nos copos. Kira percebeu que, apesar da sua baixa estatura, deveriam ter a mesma idade. – Peço desculpas por aparecer bem na hora do café da manhã, mas vocês são a coisa mais incrivelmente interessante que aconteceu aqui em toda a nossa história.

Kira engasgou.

– Posso dizer o mesmo de vocês. Sempre tivemos a esperança de que houvesse mais sobreviventes, mas nunca conseguimos contatar um.

– Sente-se e coma – disse Calix, acompanhando Samm até a mesa, com um leve toque no braço dele. – Não se preocupem com a gente, já comemos.

– Seria legal se vocês se revezassem para comer, assim um sempre fica livre para conversar com a gente – disse Phan, servindo mais água. – Comecem contando como conseguiram atravessar a terra tóxica; nenhum de nós jamais foi além do Kansas. Sempre pensamos que se houvesse outro povoado, seria para o oeste, do outro lado das montanhas.

Kira engoliu um pedaço de batata incrivelmente apimentada, mas nada que as comidas de Nandita não a tivessem preparado para suportar, e respondeu a pergunta dele com outra.

– E alguém já atravessou as montanhas?

– Se isso aconteceu, nunca ninguém voltou para contar – respondeu Calix. – Nós fomos longe o bastante para saber que a terra tóxica não avança muito para o oeste. As montanhas impedem a passagem do vento, mantendo boa parte das substâncias ruins aqui na planície. Mas, mesmo sem a chuva ácida, as montanhas são muito perigosas. Você precisa atravessar passagens muito altas e grande parte das estradas foi destruída.

– A melhor alternativa seria uma viagem pelo norte, cortando Wyoming e contornando a cadeia de montanhas, mas Vale não aprova a ideia – contou Phan. – Não há nada daquele lado e não encontraríamos lugar para nos esconder das tempestades. Ele precisa estabelecer regras desse tipo, pois há pessoas idiotas, como a Calix, que querem tentar fazer viagens assim.

– Cale a boca! – disse Calix, jogando um pé de meia no rosto de Phan.

– Sempre precisam fazer o que Vale diz? – perguntou Kira. – Pensei que Laura fosse a prefeita.

– Eu me tornei um caçador porque recebi bons conselhos – disse Phan. – Vale, Laura e os outros adultos só estão tentando nos manter vivos.

Samm colocou uma grossa fatia de pimenta na boca, aparentemente sem se abalar com o ardor.

– Você também é um caçador? – Samm perguntou.

– Eu ensinei a Phan tudo o que ele sabe – disse Calix.

– E depois eu melhorei sozinho – rebateu Phan, com um sorriso forçado. – E quanto a você?

– Nós não temos caçadores. Pelo menos não enquanto casta. Eu sou soldado.

Calix franziu o rosto.

– A situação é assim tão ruim? Os Partialts atacam tanto que vocês são obrigados a manter um exército permanente? – perguntou ela.

– Precisamos manter algum tipo de defesa – disse Kira, entrando rapidamente na conversa –, mas a maioria de nós faz outras coisas: há agricultores, médicos e coisas assim. Como não temos a cura do RM, dedicamos a maior parte do nosso tempo a encontrá-la.

– Como vocês estão vivos se não têm acesso ao tratamento? – perguntou Phan.

– Pelo mesmo motivo que vocês: somos imunes. Só os recém-nascidos correm risco.

– Vocês são automaticamente imunes? Simples assim? – perguntou Calix.

Kira contraiu a expressão. – E vocês não? – perguntou ela.

– Todos na Reserva foram inoculados doze anos atrás, logo após o Surto – respondeu Calix. – Nunca ouvimos falar de... imunidade natural. Pensei que o RM matasse todo mundo.

Kira continuava incomodada com o fato de as pessoas na Reserva terem encontrado a cura há tanto tempo, não que pudessem ter feito alguma coisa antes, mas o simples fato de saber que ela existia, de que todos os bebês que ela viu morrer poderiam ter sido salvos, quase partiu seu coração mais uma vez.

– Se há uma imunidade natural, podem existir sobreviventes em todos os lugares – disse Phan. – A gente pode reunir na Reserva pessoas de todo o continente, de todo o mundo.

Kira deu uma olhadela para Samm.

– Vocês deixariam mais pessoas morarem aqui? Se conseguíssemos trazê-las para cá? – perguntou Kira.

– Você tá brincando? – exclamou Phan. – Seria a realização de um sonho. Estenderíamos um tapete vermelho para vocês passarem.

– Porém nunca permitiram que a gente explorasse muito além da Reserva – disse Calix. De repente, sua voz e seu semblante tornaram-se sombrios, e ela olhou para Kira enquanto falava; aquela era a primeira vez, desde que chegaram, que se dirigia a ela em vez de Samm. – As gerações mais novas estão sempre querendo fazer novas expedições às terras baldias, mas os

líderes não gostam da ideia, querem que a gente fique aqui dentro, onde é seguro. Dizem que na Reserva nós temos de tudo, mas... – Ela gesticulou para Samm e Kira. – Vocês são a prova de que não é verdade. Por isso precisam nos contar o que existe do lado de fora, assim podemos convencê-los a nos deixar sair. Paraíso ou não, não podemos ficar aqui para sempre.

– Você se parece com alguém que eu conheço – disse Samm, mas Kira não se manifestou. Era preciso mais do que uma demonstração de descontentamento em relação às autoridades para que Calix ganhasse a confiança de Kira.

– Falem dos Partials – pediu Phan. – Ouvíamos histórias sobre eles quando éramos crianças. É verdade que conseguem arremessar um carro?

Capítulo Quarenta e Um

Marcus e os soldados voaram o mais longe possível de White Plains no helicóptero roubado, mas o exército rebelde Partial continuava a todo vapor no encaicho deles. Um tiro certo atingiu a asa direita quando sobrevoavam a região de New Rochelle, mas Woolf deu um jeito de persuadir o piloto a voar mais alguns quilômetros, até que se depararam com um sistema de defesa antiaérea na costa e foram obrigados a fazer um pouso de emergência em Pelham Bay. Na opinião de Vinci, deveriam cruzar a ponte Throgs Neck para chegar a Long Island, mas Woolf disse que seria muito perigoso – as pontes estavam cobertas de armadilhas e explosivos, e seria impossível atravessá-las em segurança. Em vez disso, encontraram um barco em City Island, abasteceram-no com a melhor gasolina que encontraram e cruzaram o mar; do continente, os Partials atiravam contra o grupo que fugia pela água, mas nenhuma bala acertou os fugitivos. Atracaram em Queens, próximo às ruínas da Rede de Defesa.

A base da Rede tinha virado pó.

– Bem-vindos ao último refúgio dos humanos – disse Woolf. – Como podem ver, não estamos preparados para receber visitas.

– Que ótimo – disse Galen. – Conseguimos escapar de um exército Partial para cair bem atrás da linha de ataque de outro.

– Pelo menos escapamos. Qual é o próximo passo? – perguntou Marcus.

– Parece justo afirmar que o grupo pró-Morgan levou a melhor na guerra civil por aqui – disse Vinci. – Com a morte de Trimble, Morgan consolidou-se como a única grande líder da região, mas existem outras facções que podem ficar do nosso lado. Mesmo não tendo tomado partido antes, as ações de Morgan podem colocá-los a nosso favor.

– O suficiente para criarmos um movimento de resistência? – perguntou Woolf.

– Talvez. Depende da nossa rapidez em articular todas as facções remanescentes, e se algumas delas já não estão apoiando Morgan. É uma pena que eu não tenha nenhuma informação sobre isso.

– Então devemos voltar para o continente. Encontrar todos esses grupos e recrutá-los – sugeriu Marcus.

– Se ainda forem opositores de Morgan – observou Woolf, olhando para Vinci. – Há doze anos o seu povo quase exterminou a minha raça com uma rebelião. Você realmente acredita que agora irão se unir aos humanos? Contra seu próprio povo?

Vinci permaneceu em silêncio por alguns instantes.

– Recentemente aprendi a escolher meus aliados com base em questões ideológicas e não raciais. E essa lição eu aprendi com vocês. Não apoio a doutora Morgan, não sei se vou concordar com quem sair vencedor do conflito em White Plains, mas confio em vocês. Disseram que queriam trabalhar juntos para curar a todos, a nossa data de validade e a doença

RM. Isso ainda está de pé?

Woolf não respondeu, mas Marcus balançou entusiasticamente a cabeça.

– Com certeza. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance.

– Nesse caso, ainda estamos juntos – afirmou Vinci. Ele olhou para Woolf. – Começamos uma guerra, mas nunca tivemos a intenção de acabar com o mundo: não fomos nós quem lançou o vírus. Há doze anos carregamos a culpa pelo que aconteceu. Muitos Partials podem estar procurando um motivo para voltar a confiar nos humanos, ou pelo menos uma razão para viver em paz. Acho que o inferno do qual acabamos de escapar é prova disso. – Ele levantou a mão. – Não posso falar em nome de todos os Partials, mas se você estiver preparado para confiar em mim, estou pronto para retribuir o apoio.

Woolf hesitou, olhando fixamente para a mão do Partial. Marcus observava os olhos do velho soldado, imaginando a batalha de memórias, ódios e esperanças que provavelmente estava se passando atrás deles. Por fim, Woolf levantou a mão e apertou a de Vinci.

– Nunca imaginei que este dia chegaria. – Olhou nos olhos do Partial. – Na condição de comandante da Rede de Defesa e de senador da última nação humana, considere este ato um tratado oficial.

– O senhor tem o meu apoio e o de todos os Partials que viermos a recrutar.

– Quero beijar cada um de vocês! – exclamou Marcus. – Mas este comovente momento não vale nada até conseguirmos mais aliados. Para onde vamos agora?

Woolf olhou para as ruínas ao redor.

– Antes de tentarmos organizar um exército Partial, devemos pelo menos nos informar com as forças humanas de como está a situação por aqui. Ficamos muito tempo fora. Mesmo se conseguirmos achar um rádio, não sei quanto de informação poderemos passar através dele. As forças de Morgan estão monitorando todas as frequências. A última coisa que queremos é que ela fique sabendo que estamos formando um exército conjunto de Partials e humanos.

– Então, para onde? – perguntou Vinci. – Vocês possuem alguma base de operações que Morgan não conquistou ainda?

– Honestamente, não sei – respondeu Woolf. – Os senadores deixaram a cidade para se esconder no campo, mas se eu pudesse adivinhar, diria que Morgan já os capturou. Acho que nossa melhor opção é uma guerrilheira chamada Delarosa.

– Tem certeza? – perguntou Marcus. – Talvez ela não receba muito bem um Partial em nossas fileiras.

Vinci olhou para Woolf. – Quer fazer aliança com uma racista?

– Eu diria que se trata mais de uma extremista – disse Woolf. – Após a invasão, seus métodos radicais fizeram dela uma de nossas combatentes mais destacadas. Ela conhece a ilha melhor do que os invasores; se alguém conseguiu escapar das garras de Morgan, foi Delarosa.

– E você tem certeza de que pode confiar nela? De que ela não vai atirar em mim à queima-roupa?

– Delarosa é pragmática – disse Woolf. – Vai usar todas as armas disponíveis, e da

melhor forma possível. – Deu um tapa nas costas de Vinci. – E que melhor arma ela pode desejar do que um Partial?

Capítulo Quarenta e Dois

Calix esticou os braços bem abertos, gesticulando para toda a extensão da Reserva.

– O que querem ver primeiro?

– O doutor Vale – respondeu Kira.

– Só à tarde. Me informei no hospital e ele tem um parto agora cedo.

O coração de Kira disparou ao pensar na cena e desejou ardentemente assistir, em primeira mão, à cura ser administrada, mas forçou-se a manter a concentração. Tinham muitas outras coisas para investigar.

– E aquele prédio alto no centro da Reserva?

– Perigoso demais – respondeu Phan. – Era a sede da ParaGen. Durante a rebelião, os Partials detonaram tudo. É incrível que ainda esteja de pé.

Não custou nada tentar, pensou Kira. Se Heron não foi capturada, é ali que ela provavelmente está.

Samm abaixou-se para examinar a grama, tocou-a cautelosamente com o dedo antes de pressionar toda a mão sobre ela.

– Como a grama sobrevive à chuva ácida?

– Graças aos micróbios geneticamente modificados no solo – respondeu Calix. – Eles absorvem o veneno tão rapidamente que não chega a causar danos às plantas.

Kira ajoelhou-se também, correndo os dedos na grama macia e exuberante.

– Sequer estão descoloridas – observou ela. – Os micróbios devem subir até as folhas.

– Pode ser. Não saberia explicar porque não sou cientista – disse Calix.

– Mas você tem aula de ciências, não tem? – indagou Kira. – Quero dizer, vocês vão à escola?

– Claro. Quer conhecê-la?

Kira deu outra espiada na torre central, que se avultava sobre a Reserva como uma lápide negra. Era ali que gostaria de ir, mas teriam de esperar o momento certo. Sentia que estava a ponto de explodir de tanta frustração, mas respirou fundo e torceu para que Calix e Phan não notassem o quanto estava nervosa. *O momento certo vai chegar*, disse a si mesma. *Primeiro, precisamos ganhar a confiança deles.*

– Claro, vamos! – exclamou.

– A escola é demais – disse Phan, caminhando ao lado de Kira. Ele era a pessoa mais energética que Kira já conhecera; enquanto andavam, ora ele estava na frente dela, ora estava atrás, sorrindo e acenando para todos, enquanto inspecionava cada árvore e muro pelos quais passavam, e tudo sem parar de conversar. – Primeiro a gente aprende o básico: ler, escrever e fazer contas. Vale salvou vários professores, então eles sabem o que estão fazendo. Na verdade, durante o Surto, eu estava com os professores, no jardim de infância, e ficamos escondidos num

abrigo antibombas depois de uma investida Partial, na primeira fase da guerra. O ataque foi tão avassalador que não tiveram nem tempo de cancelar as aulas, por isso não sei o que aconteceu com a minha família. Acho que só continuo vivo porque fiquei na escola. Não gostaria de estar no lugar dos meus pais. Como não estavam na escola, nunca foram encontrados. Mas já que você disse que tem pessoas que são naturalmente imunes, eles talvez estejam vivos. Isso é absolutamente incrível, é a melhor notícia de todos os tempos.

Kira não resistiu e esboçou um sorriso, esforçando-se para acompanhar o ritmo alucinante da conversa.

– Sinto muito pela perda dos seus pais – ela teve tempo de falar.

Phan olhou surpreso para ela. – Os seus ainda são vivos?

Kira fez que não com a cabeça. – Você tem razão... acho que nenhum de nós ainda tem os pais – ela admitiu.

– Alguns têm – disse Phan, dando de ombros. – Vale conseguiu reunir algumas famílias e inoculou todos os membros de uma única vez. Isso não me incomoda. Eu não teria sobrevivido esses doze anos se tivesse ficado o tempo todo sentindo saudade dos mortos. É preciso olhar para a frente.

Kira deu uma olhada em Samm e Calix, mergulhados numa conversa similar. Kira torcia para que Samm não perdesse a cabeça e acabasse dando com a língua nos dentes sobre a sua verdadeira natureza; Calix fazia o melhor de si para distraí-lo, sorrindo e tocando-o, vez ou outra, no braço ou no ombro. Inesperadamente. Kira ficou paranoica, imaginando que Calix tentava seduzir Samm para descobrir a verdade, mas, ao mesmo tempo em que pensava assim, sabia que era uma ideia estúpida. Calix provavelmente era apenas uma garota normal encantada com a chegada de um garoto atraente, num ambiente onde podia até chover ácido, mas não pretendentes.

De alguma forma, ter consciência disso deixou-a ainda mais irritada.

– Ser caçador não é o trabalho mais importante – disse Phan –, mas com certeza está entre eles, porque é uma das únicas formas pelas quais obtemos proteína. Não estou falando da proteína dos ovos. Nas montanhas existem cervos, alces e cabras e aqui é o melhor lugar para eles se alimentarem, então mantemos os portões abertos e derrubamos alguns trechos das cercas para que os animais sintam-se bem-vindos. Falando assim parece simples, mas muitas vezes eles não se aproximam. Outras, quem aparece são os lobos, e eles pegam as galinhas ou mesmo as crianças. Então os caçadores são aqueles que preparam as armadilhas, seguem os rastros e mantêm a cadeia alimentar fluindo na direção certa.

O jeito de Phan falar era incrivelmente animado; seu discurso não era arrogante ou agressivo, ele apenas tinha orgulho de seu trabalho e sentia-se genuinamente feliz em realizá-lo; sua empolgação, a cada novo tópico, parecia contagiosa em vez de autoritária. Rapidamente Kira desistiu de tentar espremer uma palavra sua naquele blá-blá-blá impaciente e ficou apenas ouvindo, enquanto ele discorria sobre tudo, de peles de lobos à sobrevivência na terra tóxica, passando por dicas de como converter um edifício de escritório em moradia. Cruzaram mais

alguns dos prédios maiores e até por uma fonte num pátio gramado; Kira maravilhou-se com a estranha mistura de abundância e luta pela sobrevivência que permeava aquela sociedade: contavam com água encanada, eletricidade, chuveiros e até mesmo com o trabalho paciente dos micróbios modificados, que aravam a terra e aparavam os arbustos; mas, por outro lado, aquelas pessoas não tinham nenhuma das oportunidades de coletar produtos como os que Kira estava acostumada desde criança. Todas as lojas de roupas próximas da Reserva foram destruídas pelas tempestades ácidas ou incineradas em fogos químicos, então as pessoas usavam uma combinação de roupas artesanais, que lembravam as dos desbravadores do meio-oeste. Eram peles de animais ou peças excêntricas de *patchwork*, costuradas à mão e feitas com retalhos de lençóis e cortinas velhas. Kira se deu conta de que eles também achariam o modo de vida de East Meadow bizarro: um desfile de divas vestindo as roupas da última moda e usando velas e fogões a lenha em suas mansões decadentes. Existia algum lugar no mundo onde as pessoas vivessem de maneira normal? Será que a palavra “normal” ainda significava alguma coisa?

A escola ficava em outro prédio comercial, os dois primeiros andares tomados pela algazarra feliz das crianças. O coração de Kira batia cada vez mais forte à medida que o som aumentava; ela ainda estava em estado de choque com o fato de existirem crianças, quem dirá com a presença de um grande número delas na Reserva. *É para isso que estive trabalhando*, pensou Kira. *Para ouvir este som louco e maravilhosamente caótico. Uma nova geração descobrindo o mundo e fazendo dele a sua morada.* Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela se sentiu dividida entre o desejo de permanecer ali, absorvendo cada gota daquela felicidade, na tentativa de prolongá-la, e a vontade de simplesmente sair correndo, escancarar a porta e mergulhar no prazer de estar entre as crianças. Seu devaneio foi abreviado pelas palavras de Samm.

– Entre você na escola, vou buscar os cavalos – disse ele.

Kira olhou surpresa para ele.

– Sozinho? Eu vou com você. As ruínas da cidade são perigosas para uma pessoa só.

– Tudo bem. Você quer ver as crianças e Calix disse que vai comigo. Os cavalos estão perto da Reserva e ela conhece bem as ruínas.

Calix sorria e Kira estava tão chocada que não conseguia interpretar a expressão da garota. Estava satisfeita? Satisfeita demais? Sentindo-se vitoriosa? Kira balbuciou, tentando decifrar a situação. Por um lado, Calix conhecia o território muito bem, e por esse motivo seria uma ótima companhia para Samm. Por outro, a ida até as ruínas seria outra oportunidade de Samm e Kira conversarem em particular e de procurar Heron – ou para Heron entrar em contato. Se a Partial pretendia se manter escondida, não se aproximaria na presença de Calix. E... por motivos que Kira não podia muito bem apontar, ela ainda não sentia segurança em Calix. Kira não negava que a evidente atração da garota por Samm a irritava, mas havia algo mais.

– Vamos ficar bem – disse Calix. – Já estive lá uma dúzia de vezes. Acho que sei exatamente a loja em que deixaram os animais. E eu não vejo um cavalo desde um pouco antes do Surto. Estou morrendo de vontade de ver um.

– O tempo está bom – observou Phan. – Se vocês forem agora, estarão de volta a tempo para o almoço. Aposto que os cavalos vão ficar muito animados em comer uma grama fresquinha depois de atravessar a terra tóxica. Quanto tempo mesmo vocês levaram para fazer a travessia?

– Hum... três ou quatro semanas – respondeu Kira, ainda tentando pensar num protesto plausível enquanto Samm e Calix se afastavam.

– Entre. Este lugar é demais. Você vai adorar! – disse Phan. – Os terceiros e quartos anos vão encenar uma peça. Acho que é um conto de fadas. As crianças fazem isso anualmente.

– Ele a puxou para dentro do edifício e Kira o seguiu, desnorтеada, enquanto Samm e Calix dobravam a esquina.

A cidade de Arvada parecia diferente durante o dia – de algum modo, ainda mais desolada sob o sol de um céu claro. Samm respirava fundo, vigilante a qualquer sinal de Heron no *link*, mas sentia apenas cheiro de terra, sulfato e cloro. O aroma tóxico da terra devastada.

Calix o conduziu por uma intersecção ampla e confusa, apontando para filetes de fumaça que ela detectava com seu olhar treinado.

– Gases tóxicos – explicou ela. – A chuva de ontem reagiu com algumas das substâncias químicas secas que ficam alojadas naquelas salinas e liberam gases venenosos. Quando o vento é mais forte, a fumaça é empurrada em direção à Reserva, mas, num dia calmo como hoje, basta desviarmos. – Seguiram em frente, e Calix ora falava carinhosamente sobre a cidade, seus perigos e oportunidades, ora caminhava em silêncio. Seu conhecimento sobre a terra devastada e como ela funcionava era impressionante; Samm considerou o quanto ela teria sido útil na viagem até ali. Teriam viajado muito mais rapidamente e talvez até poupado a vida de Afa. *Será que ela gostaria de voltar com a gente?*, perguntou-se. *Ela disse alguma coisa sobre sair da Reserva, e tê-la conosco seria uma vantagem, com todo o conhecimento que tem de sobrevivência na terra devastada. Talvez, quando souber como as coisas são do outro lado do continente, não vai querer ir; seria passar da bênção que é a Reserva para o horror da costa leste. Vou pedir a opinião de Kira antes de sugerir que ela volte com a gente.*

– É ali, não é? – perguntou Calix, apontando para uma rua larga e arruinada. Samm reconheceu o conjunto de lojas no final da rua.

– É ali mesmo.

Caminharam livremente, sem medo de ataque inimigo ou de predadores, pois naquela área não havia nenhum. *A mesma terra devastada que os aprisiona, os protege de outras ameaças*, pensou Samm. *A vida deles é fácil e segura, no entanto, no caso de uma ameaça real, não estarão preparados.* Ele observava o jeito de Calix andar, segura e confiante, mas de olho em perigos específicos: ela poderia passar por um local que seria perfeito para uma emboscada sem notá-lo, no entanto, detectaria a presença de gás tóxico. *Eles não durariam um dia sequer contra um ataque inimigo de verdade. Deveriam rezar para a doutora Morgan nunca encontrá-los.*

Os cavalos relincharam, famintos, quando Samm se aproximou; não havia mais comida

e o balde com água estava quase vazio. Conversou com os animais de forma simples, tentando imitar o tom de voz reconfortante de Kira, mas suas palavras continuavam diretas e práticas, como se conversasse com outro soldado Partial.

– Desculpe por termos deixado vocês sozinhos à noite. Encontramos um grupo de pessoas no complexo da ParaGen. Eles têm grama de verdade e um pomar de macieiras. E água potável. Viemos buscar vocês. – Ele apontou para Calix. – Esta é Calix. É nossa amiga. – Os cavalos encararam Samm com um olhar escuro e profundo, batendo impacientemente as patas no chão.

– São enormes! Maiores do que qualquer alce que já vi – disse Calix.

– Estão com fome. E querem sair daqui. Não gostam de ficar presos junto com seus excrementos, principalmente estes daqui. – Ele acariciou Azarão no focinho e escovou seu lombo. – Esta aqui se chama Azarão e aquele é o Bobo. Kira escolheu os nomes. – Samm mostrou como amansar os animais e em seguida como selar um cavalo: primeiro a manta, depois a sela, então deve-se apertar a cilha o suficiente para ficar bem ajustada, mas sem ferir a barriga do animal. Os cavalos haviam emagrecido desde o início da viagem em Nova York, e Samm tinha agora a esperança de que uma parada na Reserva lhes devolveria um pouco do vigor e alguns quilos a mais. Precisaríamos disso para a viagem de volta.

Pelo jeito, Calix pensava a mesma coisa que Samm, enquanto selava Bobo.

– Quanto tempo vocês vão ficar na Reserva?

– Não sei – respondeu Samm, embora aquela pergunta o estivesse incomodando desde o momento em que encontraram a colônia. Precisava ser cuidadoso com as informações que revelava a Calix. – Não podemos ficar por muito tempo. Viemos atrás de informações contidas na sede da ParaGen, com a esperança de encontrar a cura do RM. Agora que descobrimos que ela existe, precisamos levá-la de volta o mais rápido possível. Nosso povo está em guerra, e precisamos... – Ele parou, incerto de como dizer o que precisava sem entregar muito o jogo. – Para ser honesto, buscamos mais do que a cura do RM. Precisamos de informações sobre os Partials. Estamos tentando... – O quanto podia dizer? O quanto Calix estava preparada para ouvir? As pessoas da Reserva não pareciam fazer muitos julgamentos sobre os Partials, mas assim como os outros humanos, continuavam a culpá-los pelo Surto. Como ela reagiria à ideia de paz entre as espécies? Ela o olhava fixamente, o olhar cheio de... confiança? Amizade? Ele não sabia ler as emoções humanas e de novo perguntou-se como os humanos conseguiam viver sem um *link*. Samm já tinha visto aquela expressão no rosto dela, no de Kira, mas não tinha certeza do que significava.

Decidiu ser direto, pelo menos em partes. Talvez pudessem confiar nela mais do que Kira pensava.

– Estamos tentando ajudar os Partials. Eles também estão com problemas. Uma doença os está matando. Se pudermos ajudar com a cura, talvez possamos selar a paz entre as espécies. Viemos até o complexo da ParaGen em busca de algo que ajude humanos e Partials.

– Precisam conversar com o doutor Vale – disse Calix. – Ele conhece tudo sobre o RM e

outras doenças. Talvez saiba o que está acontecendo com os Partials.

– Existem médicos parecidos com ele de onde viemos – observou Samm, pensando em Morgan. *Vale e Morgan se conhecem? Vale será mesmo um dos membros da Verdade?*

– Mas ele curou o RM há doze anos – lembrou Calix. – Seus médicos ainda não foram capazes de fazer isso.

– Você não acha estranho o doutor Vale ter conhecido a cura poucas semanas depois do Surto? – perguntou Samm.

– Ninguém nunca perguntou como ele chegou ao tratamento. Você está insinuando... que ele tinha algum motivo sinistro? Como salvar a vida de pessoas pode ser sinistro?

No caso de ele já ter a fórmula salvadora preparada antes do Surto e guardá-la apenas para ele e para as pessoas da sua “Reserva”, pensou Samm. Mas os outros membros da Verdade não tinham a cura, ou tinham? Morgan, Nandita ou Trimble, da Companhia B. Onde estava a cura desse grupo?

– Sinto muito que vocês tenham vivido tanto tempo ameaçados pela doença – disse Calix, aproximando-se de Samm. – Naturalmente imunes ou não, deve ter sido horrível ver a morte de todos os que conheciam, todos aqueles bebês, por doze anos...

– Sim, deve ter sido – disse Samm, no mesmo instante dando-se conta do que acabara de dizer. A forma como dissera o fez soar como alguém que não pertencia à sociedade humana. No entanto, Calix pareceu não notar; em vez disso, tomou-lhe a mão entre as suas, ásperas e calejadas, mas que não deixavam de ser agradáveis. Ele tentou disfarçar o erro com uma declaração contundente. – Nenhum bebê resiste desde o Surto.

– Vocês não têm nenhuma criança? – Havia uma expressão de profunda tristeza em seu olhar, enquanto ela imaginava a vida em East Meadow. – Agora eu entendo porque Kira parece tão estressada. – Silenciou por alguns instantes, olhando para as mãos de Samm. – Vocês... Você e Kira estão...

– Partindo?

– Juntos? – perguntou Calix. – Vocês são... casados? Estão ficando?

Samm balançou a cabeça.

– Não.

No entanto, antes que pudesse pronunciar outra palavra, Calix o beijou, seus lábios contra os dele, ágeis e macios, o calor do seu corpo contra o dele, o braço enlaçado no pescoço de Samm, puxando-os num abraço apertado. Samm ficou paralisado pela surpresa, o cérebro derretia sob a sensação dos lábios da garota, mas recobrou o controle da situação e gentilmente a afastou.

– Perdão, não sou muito bom nisso.

– Posso te ensinar.

– Quero dizer que não sou muito bom na comunicação – respondeu Samm. – Nem sempre compreendo... bom, isso não importa. O que eu quero dizer é que sinto muito se fiz você pensar... algo que não deveria.

A expressão de Calix era uma mistura de surpresa e confusão.

– Desculpa. Você parecia... interessado.

– Perdão – repetiu Samm. – Acho que estou apaixonado... – Ele ficou em silêncio. –

Acho que ela nem sabe.

Calix riu de forma seca, um sorriso que parecia mais triste do que divertido. Ela enxugou uma lágrima dos olhos e riu novamente.

– Bem, acho que pareço uma grande idiota agora, não?

– O idiota sou eu. Você não fez nada de errado – disse Samm.

– É muito gentil da sua parte dizer isso. – Calix respirou fundo e enxugou outra lágrima dos olhos. – Se você pudesse fazer o favor de não contar a ninguém que eu me atirei em cima de você feito uma imbecil, seria outra gentileza.

– É claro – garantiu Samm, sentindo-se, de uma hora para outra, envergonhado de estar olhando para ela; então, desviou o rosto para o chão. – Você é muito mais direta do que ela – continuou ele, fitando fixamente o chão, embaraçado.

– Aparentemente sim – disse Calix. Samm observava a garota pelo canto dos olhos enquanto ela voltava para perto dos cavalos. – Vocês cruzaram o continente inteiro juntos e ainda nenhum dos dois tomou a iniciativa? – Ela bufou outro riso curto e seco. – Não é à toa que vocês não têm filhos.

– Não é por isso – começou Samm, mas Calix o interrompeu com outra risada nervosa.

– Eu sei, eu sei. Foi apenas uma piada sem graça. Desculpa, hoje eu estou mesmo fazendo papel de idiota, não é? A velha Calix de sempre.

– Você é muito bonita – disse ele.

– Não é bem o que eu gostaria de ouvir no momento – gemeu Calix.

Samm sentia-se arrasado; primeiro, porque ela estava triste, e segundo, porque ele não sabia como conversar com ela. *Maldito link. Sei lidar com as garotas Partials, mas as humanas são tão...* Ele virou os olhos. *São como de outra espécie.* Sentia-se terrível por passar a impressão a Calix de coisas que ele não estava sentindo, e agora ele não sabia nem como consolá-la.

– Gostaria de saber o que dizer. Eu avisei que me comunico muito mal. Sou terrível para conversar...

– Tudo bem – disse rapidamente Calix.

– Não está tudo bem. Estou cheio disso. Quero ser melhor nesse ponto, mas não fui construído para isso. Não quero cruzar um continente inteiro ao lado de Kira e não ser capaz de dizer uma palavra. Porém, foi o que fiz, porque não sei como me expressar. Estou engasgado com um monte de coisas, mas... Eu apenas sinto muito, de verdade.

Samm levantou o olhar e percebeu que Calix havia parado de mexer nos cavalos e o encarava. – O que você quer dizer para a Kira? – ela perguntou.

Ele permanecia parado, digerindo milhares de diferentes *bites* de informação que Calix sequer sabia que estavam ali. Aquele não era o momento de dizer essas coisas à Kira, tinham assuntos mais importantes para resolver. Ainda assim... *Kira acha que sou uma estátua. Um*

manequim desprovido de sentimentos. Ele deliberadamente imitou os sinais de tristeza e resignação que havia visto em outros humanos, inalando profundamente e exalando bem devagar. Um suspiro.

– Não sei o que ela quer – disse finalmente. – Você deixou as suas intenções bem claras.

Kira é um mistério para mim.

– Você não sabe se o seu amor é correspondido.

– Somos muito diferentes – disse Samm. Era difícil conversar sem falar demais. – Eu não sei se ela quer... o que sou.

– Claro. É muito provável que ela não tenha o menor interesse em caras bonitos, competentes e de bom coração.

– Você é muito gentil – agradeceu Samm.

– Ser gentil tem me ajudado muito... – Calix também suspirou, sentando-se de pernas cruzadas sobre uma antiga mesa. – Olha. Não era bem a sua relação com Kira que eu gostaria de discutir agora, mas já fiz isso tantas vezes com Phan, que acho que sei de alguns pontos que podem ajudar você. Para começar, aquilo que você disse sobre não saber o que ela quer. Ela sente exatamente a mesma coisa por você. Não conversei com ela, nem nada parecido, mas coloco a minha mão no fogo como ela também não sabe o que você quer. Observo você desde que chegou e nunca vi um único sinal que demonstrasse seu interesse por ela. Por isso tomei a iniciativa. Se eu não percebi nada, ela também não.

– Sou muito ruim em comuni...

– Eu sei! – exclamou Calix. – Estou rapidamente me tornando uma especialista na sua total falta de habilidade comunicativa. Já sabemos disso e estamos partindo para a etapa seguinte. Segundo passo: você agradeceu por eu ser tão direta em relação aos meus sentimentos e, francamente, também fiquei agradecida por você ser direto em relação aos seus. Mas isso só aconteceu porque eu o forcei a agir assim. Prefiro saber logo o que você sente a passar semanas me iludindo, alimentando alguma esperança. E é isso que Kira está fazendo.

– Você não sabe se é isso – disse Samm.

– Claro que sei. Nem todo mundo é tão ruim nesse assunto quanto você. Qualquer um que tenha olhos pode ver que ela sente alguma coisa por você.

Samm permanecia duro como uma pedra, mas qualquer Partial que estivesse com ele no *link* ficaria paralisado com a intensidade de suas emoções. Perguntava-se se aquilo era verdade, se Kira realmente sentia algo por ele, um Partial, alguém que havia atacado o seu povo, traído sua confiança por causa de uma médica insana e causado a ela mais problemas do que ele se dava ao trabalho de pensar. Um homem a quem não restava pouco mais de um ano antes de o prazo de validade apagar sua vida e seu futuro com um único golpe. Ele não acreditava que ela pudesse sentir algo por ele.

– Ela tem namorado – disse. – Outro médico, em Nova York

– Nova York está muito longe daqui.

– Mas vamos voltar.

– Se você não disser uma palavra durante todo o caminho de volta, então merece perdê-la.

Samm teve de concordar com Calix.

– Marcus a faz rir. Eu não.

– Você pode beijá-la – sugeriu Calix, com um sorriso irônico. – Não funcionou muito comigo, mas nunca se sabe.

– Acho que não é o meu estilo.

– O seu estilo é o do celibatário silencioso e eu garanto que também não vai funcionar.

Fale com ela e pronto.

– Eu falo o tempo todo com ela.

– Então comece a dizer as palavras certas – disse Calix.

Capítulo Quarenta e Três

–Vale ainda não nos recebeu – disse Kira. Estavam sentados num parque pequeno onde havia um amontoado de mesas de piquenique num bosque da Reserva. Samm e Calix haviam retornado a tempo para o almoço e a garota os deixara sozinhos assim que chegaram, indo jogar futebol americano com um grupo de adolescentes num campo próximo dali. Phan brincava com eles e parava após alguns lances para tentar convencê-los a participar do jogo. Entretanto, Kira tinha muitos assuntos a discutir com Samm e estava bastante satisfeita com a relativa privacidade. Ele, por sua vez, estava mais silencioso do que o normal, o que, para Kira, demonstrava seu renovado interesse pela missão. Ele insistia em afirmar que Calix não mantinha nenhuma motivação secreta, mas, da viagem até as ruínas, não contou muito mais que isso.

– Está na cara que o médico está escondendo alguma coisa – prosseguiu ela –, e mesmo que a gente continue esperando que ele cumpra com o prometido de nos receber, é muito provável que venha apenas com outra desculpa. Tem alguma coisa que ele não quer revelar e não gosto disso. Além do mais, ainda não recebemos notícias de Heron. Já estou cheia dessa situação. É hora de entrar na torre. – Olhou para o pico escuro se sobressaindo atrás dos outros edifícios. – Dei uma volta com Phan pelo complexo e vi que existem prédios bem próximos da ParaGen. Podemos chegar perto sem levantar suspeitas e entrar às escondidas. Para dizer a verdade, acho que ninguém vai ligar a mínima se fizermos isso. Phan disse que a estrutura do edifício ficou comprometida depois dos ataques Partials, mas ele não parece se incomodar de viver nas proximidades. As pessoas parecem nem se dar conta da presença do edifício.

– Tem alguma grade ao redor? – perguntou Samm.

– Só um muro baixo, e em sua maior parte é feito de tranqueiras e móveis velhos descartados. Eles tentam evitar que as crianças se aproximem sem querer do local, mas não parecem tomar nenhuma medida efetiva de segurança. Esse tipo de atitude parece ser normal nesta sociedade. Não esperam que ninguém ataque, ou se rebele, nem que quebre alguma lei. E, pelo que vi até agora, ninguém nunca fez isso.

– E isso naturalmente torna você uma pessoa suspeita – observou Samm.

– Isso torna qualquer um suspeito – disse Kira. – Não existe sociedade perfeita. Sempre haverá distúrbios, ou criminosos, alguma coisa sinistra acontecendo nos bastidores, fazendo a sociedade funcionar. Talvez Vale esteja usando algum tipo de controle cerebral para manter as pessoas bem-comportadas. Algo como o *link*, mas para humanos. – Samm olhou para ela com uma indisfarçável expressão de ceticismo no rosto. Ela deu um sorriso amarelo. – Sei lá, é uma ideia.

Ouviram um grito de vitória vindo do campo e Kira viu que metade dos jogadores pulava de alegria. Um garoto estava deitado na grama, gemendo baixinho junto à bola; Calix se afastava da cena do que parecia ter sido uma jogada brutal, na bochecha dela havia uma

pequena mancha de sangue. Kira arregalou os olhos, surpresa.

– Uau! Não sabia que ela era tão violenta – comentou.

– Ela está precisando resolver algumas coisas – disse Samm, espremendo os olhos para enxergar melhor o que se passava no campo. – Espero que não machuque ninguém.

– Agora é a nossa chance – disse Kira, segurando o braço de Samm. – Espere eles se preparem para a próxima jogada e me siga. Se passarmos atrás das árvores e virarmos à esquerda naquele prédio, vamos estar fora do campo de visão deles antes que percebam.

– E se outras pessoas nos virem?

– Nunca nos proibiram de nada em particular. Se alguém nos vir, bancamos “os novatos da cidade” e agradecemos por nos manterem do lado de fora de um prédio tão perigoso. Então voltamos à noite. Mas se houver alguma chance, devemos ir agora. Quero pelo menos tentar.

– Certo – concordou Samm. – Você está armada?

– Estou com a semiautomática na cintura.

– Meu coldre está no tornozelo – disse ele. – Vou torcer para não precisar usá-lo. –

Continuaram sentados em silêncio, assistindo ao jogo. Phan posicionou-se na linha de *scrimmage*[\[8\]](#), pronto para correr; ele havia desistido de chamar Samm e Kira para participar da atividade. Os outros jogadores também estavam alinhados. O que estava na posição *quarterback* iniciou a manobra e os dois saíram de fininho. Estavam na esquina antes mesmo de o lance terminar.

– Por aqui – disse Kira, guiando Samm pelos prédios em direção ao centro do complexo. A torre, escondida atrás das outras construções, era tão alta que era visível de quase todos os lugares da Reserva. Algumas pessoas os cumprimentaram, mas Kira não reconheceu ninguém que tivesse visto no passeio que fizera com Phan. Ela acenava de volta, torcendo para que ninguém viesse conversar com eles. Mais dois prédios e a dupla chegaria na entrada da grande clareira central. A mureta estava logo ali, uma miscelânea de mesas quebradas e armários de arquivos, e em alguns pontos havia montes de pedregulhos ou uma árvore caída; do outro lado dessa barreira se erguia o gigantesco pináculo negro da sede da ParaGen. A parede externa se parecia com a dos muitos outros arranha-céus que Kira havia visto – como o esqueleto de um tabuleiro de xadrez feito de vidros quebrados e pedaços de entulho pendurados. Mas, ao contrário dos outros, este havia sido diretamente atacado e depois, durante anos, havia sofrido com a chuva corrosiva, que deixara algumas partes escuras, retorcidas e com buracos grotescos. O formato do prédio também era esquisito: afunilava-se em estranhos ângulos, que devem ter sido considerados modernos e bonitos na sua época, mas que agora deixavam a construção ainda mais ameaçadora. Kira podia quase jurar ter visto luzes dentro do edifício e, por alguns breves instantes, imaginou serem os fantasmas dos antigos funcionários, labutando infinitamente em suas tumbas esquecidas. Ralhou consigo mesma por pensar algo tão absurdo e considerou explicações mais plausíveis. Seria a energia elétrica do complexo que continuava funcionando? O que havia ali dentro para usar energia? A clareira parecia obstruída e com o mato crescido, como se ninguém entrasse ali há anos.

– Heron esteve aqui – disse Samm.

– Esteve ou está?

– A informação no *link* está fraca. Não dá para saber.

– Agora temos certeza de que Vale está escondendo alguma coisa – disse Kira, olhando ao redor. – Se conseguirmos chegar até a mureta, o mato alto vai nos manter protegidos. Acho que podemos entrar sem que ninguém nos veja.

– Seria melhor esperar anoitecer.

– E ter Phan e Calix no nosso pé? – indagou Kira. – Esta é a melhor oportunidade que vamos ter. – Ela olhou novamente ao redor. – Não estou vendo ninguém. Estão almoçando, jogando futebol ou seja lá o que as pessoas fazem neste lugar sinistro.

– Isso se chama “levar uma vida normal”.

– Ou apenas um espetáculo montado para nos entreter – disse Kira.

– Você realmente acha que... – Samm balançou a cabeça. – Deixa pra lá. Vamos.

– Desculpe-me por tudo isso – disse gentilmente Kira, sentindo o peso de tantas perguntas sem respostas desabar sobre seus ombros. – Sinto muito por ter envolvido você nisso.

– Você sabe que acredito nesta missão tanto quanto você. A vida normal das outras pessoas é o que faz nossa vida maluca valer a pena.

Kira sentiu uma onda de emoção.

– Prometo a você que assim que a gente terminar de salvar o mundo vamos almoçar e jogar futebol – ela disse.

– Combinado.

Kira olhou para a torre. – Preparado?

– Tente me acompanhar – disse Samm. Ele olhou em volta para se certificar de que não estavam sendo observados e depois mirou o edifício. – Vamos!

Correram pela clareira, desviando dos tocos das árvores caídas que pontilhavam o gramado. Samm foi o primeiro a chegar na parede do edifício, lançando-se na grama alta; Kira veio logo atrás, jogando-se entre os arbustos. Ficaram imóveis, atentos a qualquer sinal de gritos de perseguição ou de alarmes, mas não ouviram nada.

Samm estava ofegante.

– Está sem fôlego? – sussurrou Kira. – Não imaginei que você ficasse assim.

– Ainda estamos debilitados pela travessia na terra devastada – disse Samm. – Nosso corpo não está funcionando com a capacidade total.

– Eu estou bem – disse Kira.

– Eu também. Vamos.

Rastejaram entre os arbustos, mantendo-se escondidos sob o mato cerrado. Samm parecia recuperado e Kira tomou a liderança, determinada a entrar no prédio o mais rápido possível – escondidos ou não, até que não estivessem lá dentro, havia a possibilidade de serem descobertos por olhos curiosos. Ela ficou cada vez mais nervosa, com medo de que o ritmo lento imposto pelo rastejar estivesse atrasando demais a missão. Ficou, então, de cócoras para espiar

por cima da vegetação. A Reserva parecia tranquila. Voltou a se apoiar nas mãos e nos joelhos e engatinhou mais rápido; o prédio estava próximo. Samm vinha atrás com o rosto contraído numa careta de determinação. Quando finalmente chegaram, ele estava outra vez estranho, respirava lenta e profundamente em vez da respiração curta e entrecortada de antes.

– Está tudo bem? – perguntou Kira preocupada.

– Estou me sentindo estranho. Exausto, como se tivesse passado várias noites em claro.

Kira não pôde fazer nada a não ser sentir uma pontada de culpa. *Não estou nem um pouco cansada. Será que Samm está realmente se esforçando mais do que eu? Será que eu não me empenhei tanto quanto ele durante a viagem?*

– Quer descansar?

– Não aqui. Precisamos entrar.

O mato alto estendia-se até as proximidades do prédio, por onde podiam entrar atravessando uma série de aberturas que subiam até a altura do teto: as janelas gigantes que haviam sido destruídas nos ataques Partials. Quase todo o perímetro do térreo estava aberto, sustentado por um conjunto de pilastras centrais. Não havia nada além de mesas de recepção e áreas de espera; qualquer arquivo importante deveria estar nos andares superiores. Kira localizou a porta, parcialmente aberta, que dava para as escadas e a apontou para Samm. Ele respirava num ritmo deliberadamente compassado, o tórax subia e abaixava. Ela contou baixinho até três e eles correram através do entulho espalhado pelo pavimento até a porta. Kira chegou vários passos antes de Samm e, quando ele entrou cambaleando, ela fechou a porta atrás deles. Ele soltou o peso do corpo contra a parede, sem fôlego e com os olhos fechados.

– Acho que ninguém viu a gente – disse Kira. – Acho que agora podemos descansar alguns minutos.

– Se eu parar, vou dormir. – Samm lutava para abrir os olhos, mas as pálpebras pareciam pesadas e não queriam obedecer. – Vamos em frente.

– Você vai ficar bem?

– De qualquer jeito a gente precisa subir. Então, não importa.

Kira protestou, alegando que poderiam voltar mais tarde.

– Não teremos outra chance melhor. Eu consigo. – Ele agarrou o corrimão com as duas mãos e levantou uma perna, pesada feito chumbo. Para ajudá-lo, Kira passou por baixo do braço dele, apoiando-o com os ombros e enlaçando-o pela cintura. Sua respiração estava ainda mais pesada, como se estivesse dormindo. Os passos eram descoordenados e por vezes foram necessárias várias tentativas até que ele apoiasse corretamente o pé no degrau de cima.

– Está indo bem – disse Kira, embora soubesse que havia alguma coisa errada. *Que diabos está acontecendo?* – Só mais alguns degraus. – Ela o segurava com força, sustentando quase todo o peso do seu corpo. – Estamos quase chegando. – Quando atingiram o primeiro andar, ela abriu a porta e Samm desmoronou no chão. O ar estava impregnado com o cheiro de terra e planta, e ela viu pegadas de gatos e pássaros na poeira que cobria o carpete. – Samm, está tudo bem? – Ninguém podia vê-los do lado de fora; aquele lugar era o melhor esconderijo de

todos. – Fala comigo, Samm.

– Não... – Sua voz era baixa e fraca, como se as palavras tivessem de atravessar uma barreira, e, quando saíam, não tinham energia. Sua cabeça pendia para trás e para os lados, os olhos abriam o máximo que podia, ele tentava se manter consciente. Kira esperava o final da frase, mas quando ele finalmente voltou a falar, o assunto foi outro. – Heron... aqui. – Outra pausa. – Dormir. – Ele virou a cabeça na direção de Kira, mas seu olhar estava entorpecido. – Encontre... aquilo.

– “Aquilo”? – perguntou. – Encontrar o quê? – Kira sacudiu Samm, sussurrando desesperadamente em seu ouvido, mas não houve resposta. *Ele dormiu. Ele me disse que precisava dormir e que Heron está em algum lugar do edifício.* Kira concentrou-se na tentativa de usar o link para detectar no ar a presença de Heron. Ela nunca tinha conseguido usá-lo por vontade própria; apenas em situações de combate, quando a adrenalina parecia agir e amplificar seu efeito. *Mas minha adrenalina está alta. Não sei o que está acontecendo com Samm e isso está me deixando morta de medo. Não estou sendo capaz de captar nada no link. Será que os feromônios de combate são mais intensos ou eu fui programada para não sentir nada além desse tipo de feromônio?*

Ela verificou novamente o pulso e a respiração de Samm. Estavam normais. Agora que ele havia parado de lutar contra o sono e descansava, suas funções corporais pareciam ter normalizado. Ela ficou de pé, tentando decidir qual seria seu próximo passo. Deveria esperar ele acordar? Ou deixá-lo ali e seguir com as buscas? A última opção parecia ser a única viável, mas era a que menos lhe agradava: e se acontecesse algo com ele durante a sua ausência? Kira arrastou Samm até a parede e o colocou sentado, apoiou a lateral do corpo em dois computadores que encontrou em algumas estações de trabalho. Ele dormia tão profundamente que Kira ficou preocupada com a possibilidade de ele vomitar ou salivar demais, estar inconsciente para reagir e morrer engasgado. Mantê-lo sentado evitaria tal acidente.

É como se ele tivesse sido sedado. Mas por que alguém faria isso com ele – e como teriam feito isso? Será que Calix o havia drogado? Por que drogá-lo e deixá-lo solto? Kira balançou a cabeça, confusa. Posso fazer mais perguntas a ele quando acordar. Agora preciso pensar que estou bem aqui, no ponto final da nossa jornada, e não sei quanto tempo resta até que venham atrás de nós. Samm tem razão, se sairmos do edifício agora, não sabemos quando vamos ter outra oportunidade de encontrar as respostas que tanto procuramos. Preciso achar os arquivos.

Ela desculpou-se mentalmente por deixá-lo sozinho e foi vasculhar as mesas em busca de algum diretório ou mapa, de alguma pista que indicasse por onde começar a procurar. Obviamente ela não veria a palavra Verdade escancarada em algum lugar, mas se lembrava da maioria dos nomes mencionados nos arquivos em Chicago. Ela os repetiu mentalmente: Graeme Chamberlain, Kioni Trimble, Jerry Ryssdal, McKenna Morgan, Nandita Merchant e Armin Dhurvasula. Meu pai. Encontrou um pequeno diretório e procurou por essas pessoas sem sucesso.

Decidiu tentar uma nova estratégia, abordando o problema por um ângulo diferente: quais pistas ela havia recolhido e quais partes do quebra-cabeça eram conhecidas? Precisou de

alguns minutos para colocar as ideias em ordem. Havia estado tão ocupada nas últimas semanas, tentando chegar até ali, que havia pensado muito pouco em outra coisa que não fosse a sua sobrevivência. Tinha que lembrar a si mesma dos mistérios que buscava resolver. A doutora Morgan havia sido designada para a tarefa de criar os incríveis atributos físicos dos Partials: a força, os reflexos, o sistema imunológico reforçado e a extraordinária habilidade de cicatrização. Jerry Ryssdal havia se concentrado nos cinco sentidos. O pai de Kira havia desenvolvido o *link* e todo o sistema de comunicação por meio dos feromônios. Ela ainda não sabia nada sobre Trimble. Por último, Graeme Chamberlain e Nandita haviam ficado responsáveis pelo dispositivo FS. A praga do fim do mundo que ficara conhecida como RM. Com as informações obtidas em Chicago ficaram sabendo que o FS fora projetado para matar os Partials, caso se rebelassem: a solicitação havia partido do governo americano e a ordem havia sido repassada pelos executivos da ParaGen. E tudo indica que essa exigência foi o estopim para os cientistas formarem a Verdade. Mas de alguma maneira, quando o vírus apareceu, matou os humanos em vez dos Partials. Kira achava impossível que essa tivesse sido a intenção da Verdade; ela não podia conceber a ideia de que qualquer um, sem falar de seu pai e de Nandita, a única figura materna que conhecera, pudesse, por livre e espontânea vontade, ter planejado conscientemente destruir tantas pessoas. Graeme tinha cometido suicídio, o que, embora a deixasse apreensiva, não significava nada para ela.

Entretanto, não havia uma coesão entre os membros da Verdade, inclusive enquanto elaboravam os planos, pensou Kira. Por exemplo, a doutora Morgan desconhecia o prazo de validade, mas alguém deve tê-lo embutido no DNA Partial. Alguém com algum plano em mente. Havia outros envolvidos, pois Morgan gritara seus nomes quando pensou que Kira fosse uma espã: Cronus e Prometheus. *Seriam codinomes para as pessoas já citadas? Ou seriam outras pessoas?* E onde o doutor Vale se encaixava naquela história?

Ela pesquisou novamente o diretório atrás de qualquer informação relacionada com os planos da Verdade: validade, FS, vírus, virologia, patologia, epidemiologia. Procurou por cada sinônimo que conhecia: laboratório, pesquisa, genética. Buscou RM... *Espere um pouco...* Não havia um RM, mas existia um PD. *Seria uma referência ao vírus? Talvez uma versão anterior? Mas como algo tão secreto estaria listado num diretório tão incompleto que sequer apresentava o nome dos cientistas mais importantes?* Lembrou-se da confusão que fizera com a sigla TI e como acabara descobrindo que se tratava do acrônimo: tecnologia da informação. *Deve ser o caso de PD, talvez... pesquisa dinâmica? Pesquisa e Dinamismo?*

Pesquisa e Desenvolvimento.

Se a Verdade estivera em algum lugar neste edifício, só poderia ser naquele departamento. Mas onde fica o andar C? Aqui os andares são numerados. Procurou um mapa, remexendo em cada mesa que via pela frente, mas na terceira vez em que passou pelo corredor principal, parou no topo da escada, não fitou os degraus, mas as portas ao lado deles. Três conjuntos de portas duplas, uma ao lado da outra.

A Reserva era autossuficiente em energia. Nos outros prédios, os elevadores

funcionavam normalmente. Se eles também estivessem operando na torre, encontrar o piso C seria tão fácil quanto olhar para os botões. Tão simples quanto apertar o 1. Kira deu um passo à frente, o dedo pairou sobre o botão e o pressionou.

Das entranhas do prédio um motor começou a dar sinal de vida com um zumbido, e à medida que engrenagens e roldanas giravam, ela sentia o chão vibrar. Estalos e gemidos ecoavam através do poço do elevador e Kira recuou quando a porta na sua frente abriu pela metade com um sonoro rangido. O elevador estava apenas parcialmente alinhado com a porta, deixando um vão na parte inferior que mergulhava na escuridão. *Ter energia para fazê-los funcionar não significa que alguém tenha cuidado da manutenção nesses doze anos*, pensou Kira. É impressionante que o elevador ainda se mova. As portas tentaram fechar, mas para conseguir abrir, tinham causado tanto estrago que não se mexiam mais. Kira hesitava na passagem, sem saber se deveria confiar na estabilidade do elevador a ponto de entrar e dar uma olhada nos botões. Olhou para o fosso lá embaixo e viu luzes vermelhas escuras no fundo, que pareciam descer cerca de sete andares. *São cinco lances subterrâneos*, pensou. *Deve haver um de manutenção, talvez dois. E três andares completos abaixo do nível do solo.*

A, B e C.

Em vez de usar o elevador, Kira decidiu espiar dentro do poço e procurar a escada de manutenção nas suas laterais. Encontrou uma à qual poderia ter acesso sem muita dificuldade, mas ainda assim, por alguns momentos, sentiu uma pavorosa vertigem quando esticou o corpo para dentro da escuridão do buraco. Com as mãos agarradas firmemente nos degraus de metal, soltou o corpo no espaço e com os pés tocou o apoio de outro degrau; começou a descer. Havia indicações dos andares em cada piso e suspirou aliviada ao ler a letra A após ter passado pelo número 1. Continuou para baixo até o piso C, procurando a saída. Próxima à escada havia uma passagem; virou a maçaneta e a porta abriu sem dificuldade.

Do outro lado havia um corredor iluminado. O ar era fresco e com boa circulação. Longe dali, ouviu o som abafado de passos no vazio.

O coração de Kira veio parar na boca e ela ficou paralisada. Seria Heron? Ou outra pessoa? Teriam escutado o barulho do elevador? Quantos seriam? Estavam se aproximando? Não dava para saber e isso a deixava temerosa demais para se mover. Após alguns instantes, obrigou-se a reagir. *Não importa o que seja, devo atravessar essa porta. Não posso fugir. Esta pode ser a única chance de descobrir quem sou.* Kira hesitava, tentando se animar, e considerou a possibilidade de haver algum dispositivo de segurança que pudesse atacá-la. Nenhum alarme disparou quando ela abriu a porta. Respirou fundo, pegou a arma atrás da cintura e avançou.

O corredor estava claro, não apenas por causa das luzes, mas porque as paredes e o teto eram brancos, como em um hospital. Podia sentir o fraco zumbido de algo vindo do chão, como os elevadores, mas desta vez era contínuo, como uma música de fundo. *Seria o gerador? Ou um circulador de ar?* Sem dúvida havia uma brisa, nem quente nem fria, apenas ar em movimento. Ouviu mais passos, tão poucos que a fez suspeitar que eram de apenas uma pessoa. Concentrou-se no *link*, tentando captar a presença de Heron, mas não sentiu nada. Atrapalhou-se com a

arma, verificando a câmara e o cartucho; queria ter certeza de que estava carregada e pronta para o ataque. Segurou a pistola na frente do corpo e caminhou na ponta dos pés. Ela escutava os passos de outra pessoa, mas estava convencida de que não era ouvida.

O piso C era um laboratório e estava em melhores condições do que os andares superiores. Independentemente da proporção dos ataques Partials ao local, a destruição não havia alcançado aquele pedaço. Passou por escritórios, salas de reuniões, laboratórios e vestiários. Havia também ambientes de um branco asséptico com máquinas que ela não conhecia. Seria ali que Vale fabricava a cura? Isso fazia sentido, afinal era muito provável que a ParaGen tivesse os melhores equipamentos de engenharia genética da Reserva. Seria por causa dessas instalações que ele havia dito que a cura não era “portátil”? Talvez fossem os movimentos de Vale que Kira podia ouvir. Apressou o ritmo.

Novamente percebeu uma movimentação, e à medida que avançava começou a discernir vozes vagas murmurando, como alguém falando baixinho. Kira andava sorrateiramente, cautelosa quanto a com quem fosse se deparar, ou com o que esse alguém estivesse fazendo. Atacariam um intruso? Tomariam sua presença como uma ameaça? Que tipo de equipamento estariam usando e como? Seriam capazes de matá-la para proteger o segredo?

Não importa. Vim de tão longe. Preciso saber.

Kira dobrou o último corredor e entrou numa sala grande. Ficou sem ar. Na sua frente havia duas fileiras, com dez mesas de metal que acomodavam, cada uma delas, um homem raquítico, quase um esqueleto. Deles, saía um emaranhado de tubos, cordas e cabos: alguns pingavam nutrientes para dentro dos corpos e outros retiravam deles o que pareciam ser resíduos ou sangue reciclado. Os rostos estavam descobertos e ela viu mais tubos, menores, cravados diretamente no pescoço de cada um, que se enrolavam a vários outros presos acima deles. Eles pareceriam mortos se não fosse um movimento quase imperceptível nos pulmões: o peito deles levantava e abaixava, o coração pulsava lentamente dentro das frágeis costelas. Eram cadáveres vivos, inconscientes e perdidos aos olhos do mundo. Deviam estar ali há muitos anos.

– O que é isso? – sussurrou Kira.

– São Partials – respondeu o doutor Vale. Kira levantou o olhar e o encontrou do outro lado da sala; sua pistola mirou o médico quase involuntariamente e ele levantou as mãos. – Você queria saber como eu sintetizo a cura. Eu não sintetizo, eu a colho diretamente. – Ele gesticulou em direção às mesas. – Pasmé! Eis a cura do RM.

Capítulo Quarenta e Quatro

Kira estava em estado de choque.

– O que é isso?

– A salvação! – exclamou Vale. – Todos os que você conheceu aqui, todas as crianças que viu, o que você chamou de milagre... Tudo graças a esses dez Partials.

– Isso é... – Kira ficou em silêncio, deu um passo à frente e balançou a cabeça, ainda lutando para processar o que via. – Estão dormindo?

– Sedados. Eles não podem vê-la ou ouvi-la, embora acredite que nossas vozes penetrem em seus sonhos.

– Eles sonham?

– Talvez. A atividade cerebral não é uma parte importante do processo. Não dediquei particular atenção a ela.

– Eles nunca acordam? – perguntou Kira, dando outro passo.

– Qual seria a vantagem? Posso cuidar mais facilmente deles enquanto dormem. Dão bem menos trabalho assim.

– Você não pode “cuidar” deles. Eles não são plantas.

– Pela definição estritamente biológica você tem razão, mas a metáfora neste caso é válida. – O médico foi até um dos Partials e verificou os tubos e os fios que o conectava ao aparato no teto. – Não são plantas, mas são um jardim, e eu cuido muito bem deles para colher o fruto que mantém a raça humana viva.

– O feromônio.

– O nome técnico é Partícula 223, mas eu a chamo de ambrosia^[9]. – Dr. Vale sorriu. – O alimento da vida.

– Não pode fazer isso – Kira deixou escapar.

– É claro que posso.

– É claro que pode, mas... sempre soubemos que isso era uma possibilidade, mas... não é correto.

– Explique isso às milhares de vidas que salvamos e às mais de centenas que iremos salvar apenas este ano. – O sorriso dele desbotou, e seu rosto adquiriu uma expressão solene. – Dez para duas mil vidas, isso significa uma para cada duzentas vidas. Todos devem ser benevolentes.

– Mas... são como escravos – argumentou Kira. – Pior do que escravos, são... seu sinistro jardim de humanos.

– Humanos não! – disse enfaticamente Vale. – Coisas! Coisas vivas, sim. Mas os humanos têm empregado coisas vivas como instrumentos desde seus primeiros momentos de consciência. Um arbusto na floresta é apenas um arbusto, mas sob os cuidados do homem

transforma-se numa barreira, uma muralha para nos manter protegidos. As bagas viram tintas e corantes; cogumelos tornam-se remédios. As vacas fornecem leite, carne e couro; os cavalos puxam nossos arados e carruagens. Você mesma usou cavalos para atravessar a terra tóxica, um trabalho que eu tenho certeza de que eles jamais escolheriam fazer.

– É diferente – contestou Kira.

– Não tem nenhuma diferença. Um cavalo, ao menos, é parte do mundo. Eles existem hoje em dia porque um milhão de anos de seleção natural falhou em matá-los: eles conquistaram o direito à vida. Os Partials nasceram em laboratórios, fabricados com o auxílio da humanidade e para ajudá-la. São... como as melancias sem sementes ou o trigo resistente à ferrugem. Não deixe suas faces humanas enganarem você.

– Não se trata da aparência – respondeu veementemente Kira. – São suas mentes. É impossível conversar com um deles e acreditar que não sejam pessoas de verdade.

– Até computadores falam. E isso não faz deles pessoas.

Kira sacudiu a cabeça, fechando os olhos em sinal de raiva e frustração. Sentia-se tão enojada com a descoberta que mal conseguia pensar.

– Precisa libertá-los.

– E depois? – perguntou Vale. Kira levantou o olhar para vê-lo gesticulando grandiosamente, englobando não apenas o laboratório, mas a Reserva, e quem sabe até o mundo. – Devemos voltar a viver como o seu povo vive? Lutando em vão para acabar com uma doença incurável? Assistindo a milhares de crianças morrendo para que dez homens, quero dizer, dez inimigos, que se rebelaram e mataram você, não sofram?

– É mais complicado do que isso – disse Kira.

Vale assentiu com um gesto.

– Exatamente o que estou dizendo. Você alega que é cruel mantê-los inconscientes e raquíticos; eu digo que seria ainda mais cruel, e para um número maior de pessoas, libertá-los. Você sabe como os mantenho sedados? Venha aqui. – O médico foi até o final da primeira fileira de mesas, gesticulando para Kira segui-lo. O Partial na última mesa assemelhava-se aos outros, mas seu equipamento era diferente. No lugar do tubo saindo abaixo do maxilar, toda a sua garganta havia sido adequada para receber o que parecia ser um respirador. Kira aproximou-se lentamente com a arma esquecida na mão e viu que ele tinha uma série de pequenos ventiladores colocados na garganta.

– O que é isso?

– É um sistema de ventilação. Este aqui eu chamo de Williams, e foi a minha última invenção antes do tempo e do uso deixar nosso equipamento de modificação genética imprestável. Em vez de produzir ambrosias, ele produz outra partícula que eu mesmo projetei, um sedativo extremamente poderoso que afeta somente os Partials. A biomecânica por trás disso é monumental, eu lhe garanto.

Kira pensou em Samm e sua voz travou na garganta. Vale meneou a cabeça, como se pudesse ler os pensamentos dela.

– Suponho que seu amigo Partial esteja em algum lugar lá em cima, dormindo profundamente. – Ele apontou para o teto. – O sistema de ventilação do edifício continua funcionando admiravelmente bem, espalhando o sedativo Partial para todos os andares e também na Reserva. Seria interessante saber quanto tempo ele levou para sucumbir. O Williams pode se tornar nossa principal defesa se os outros Partials que você mencionou nos atacarem.

Kira lembrou que Samm começou a sentir os efeitos quando chegaram na clareira, a cerca de cinquenta metros do edifício; no entanto, a tarde inteira ele estava estranhamente letárgico. Seria por causa do sedativo ou de algo mais?

E a que distância ela teria de levá-lo para que o sedativo perdesse o efeito?

Ela olhou de volta para Vale.

– Simplesmente não pode fazer isso.

– Você insiste em dizer isso.

– Não pode transformar uma pessoa em uma arma.

– Criança, o que você pensa que os Partials são?

– Bem... é claro que eles são isso, mas veja as consequências. Você não aprendeu nada com o fim do mundo?

– Aprendi a proteger a vida humana a todo custo – sentenciou Vale. – Nos colocamos muito próximos do limite na busca de tirar o melhor proveito da situação.

– Você não está fazendo isso para proteger os humanos – reagiu Kira, apontando a arma para Vale. – É tudo pelo poder. Você tem o controle da cura, então tem o domínio de tudo, e todos devem se comportar segundo seus desejos.

O médico soltou uma sonora gargalhada, tão inesperada e de genuína surpresa, que Kira pôde somente dar outro passo para trás. *O que eu estou deixando passar?*, pensou.

– Que tipo de opressão humana você presenciou aqui? – questionou Vale. – Que botas de aço eu uso que ninguém consegue ver? As pessoas da Reserva são infelizes?

– Isso não quer dizer que sejam livres.

– É claro que são livres! Podem entrar e sair quando quiserem, não temos vigias nem policiais. Não temos algemas, mas os perigos inerentes das tempestades ácidas; não temos muros, mas a extensão mortal da terra devastada. Eu não cobro impostos, não controlo as escolas, não mantenho nada em segredo. Apenas isso – disse gesticulando em direção aos Partials inconscientes.

Kira irritou-se.

– Phan e Calix disseram que você não os deixa partir.

– É claro que eu disse para não irem embora. É perigoso. Phan, Calix e todos os caçadores são vitais à nossa comunidade. Mas são livres para partir se desejarem. Não é porque optaram por seguir a minha recomendação que sou um tirano. – Ele apontou para Kira. – Até mesmo você esteve o tempo todo livre para ir embora, a forasteira demagoga e seu perigoso animal de estimação Partial. Ninguém impediu que deixassem a Reserva, ninguém os vigiou. Conte-me, Kira: contra o que está se rebelando?

Kira estava confusa e na defensiva.

– Você controla essas pessoas.

– Segundo uma interpretação sem fundamentos, eu suponho. Você vem de um mundo em que o poder, pelo que entendo, vem na ponta de uma arma. O governo compra a sua obediência por meio da escassez. Por meio do que eles seguram. Eu controlo as pessoas oferecendo a elas exatamente o que desejam: a cura do RM, comida, abrigo e uma comunidade para fazer parte. Elas aceitam a minha liderança porque sou eficiente. Nem toda figura de autoridade é má.

– Quanta hipocrisia vinda de alguém trancado num laboratório secreto, cheio de prisioneiros moribundos.

Vale suspirou, encarando-a por alguns instantes. Por fim, virou-se e caminhou até o canto da sala, onde pegou de uma bandeja uma seringa cheia de um líquido transparente.

– Venha comigo, Kira, quero lhe mostrar algo.

Ele se dirigiu até o outro lado da sala e, após certa hesitação, Kira o seguiu.

– Todo o complexo é interligado por uma rede de túneis subterrâneos. Deixe-me lembrá-la, antes de nos reunirmos aos outros, que eles não sabem sobre os Partials. Eu apreciaria a sua discricção sobre o assunto.

– Por que sente vergonha?

– Porque muitos iriam reagir da mesma forma que você, e outros tentariam punir ainda mais os Partials.

– Você não me conhece, doutor Vale, mas não sou do tipo de ficar quieta quando não gosto de alguma coisa.

– Mas é boa em guardar segredos.

Kira olhou para ele de relance.

– Está falando de Sarm?

– Você possui outros segredos?

Kira estudava a figura do médico, tentando decifrar se ele sabia ou suspeitava da sua natureza. *Provavelmente não, decidiu-se, ou teria me perguntado por que não fui afetada pelo sedativo Partial. A menos que ele entenda mais sobre mim do que eu mesma...*

É claro que sim! Ele é membro da Verdade. Ele sabe de tudo que viemos procurar. Não posso detê-lo sozinho, não neste momento, mas se eu conseguir as respostas, talvez nem precise.

Kira ponderou por mais algum tempo antes de responder.

– Por ora vou manter o seu segredo. Mas quero algo em troca.

– A cura? Como pode ver, é a mesma cura que você já tinha descoberto, e, como eu havia informado, não é exatamente portátil.

– Não é a cura. Isso é perverso e, não importa o que diga, não vai mudar minha opinião – disse Kira.

– Veremos.

Kira persistiu. – Eu quero informações.

– Que tipo de informação?

– Todo tipo. Você ajudou a construir os Partials, o que significa que sabe sobre o RM, a data de validade e o FS. Me explique quais eram seus planos e como tudo se encaixa.

– Qualquer informação que eu tiver será sua – concordou Vale. – Em troca quero que mantenha meu segredo, como você o chamou.

– Combinado.

– Ótimo – disse Vale, parando do lado de uma porta no corredor. – Mas primeiro, vamos subir.

Kira leu a placa na porta.

– Prédio Seis. Foi o que você converteu em hospital.

– Sim.

– Já conheci o hospital.

Vale abriu a porta.

– O que você não viu foi o bebê que nasceu esta tarde. Venha comigo.

Vale subiu alguns lances de escada e Kira o seguiu, sentindo-se repentinamente nervosa.

É claro que haveria um novo bebê – por qual outra razão ele teria ido ao edifício buscar uma seringa em especial? Seu estômago se contraiu involuntariamente; havia passado tanto tempo de sua vida no hospital de East Meadow, trabalhando arduamente na maternidade, enquanto bebês morriam e mães choravam em desespero, que agora ela não conseguia evitar a mesma tensão. Entretanto, havia uma diferença: Vale tinha a cura. Aquela criança não morreria. O problema era a origem do tratamento. Fechou os olhos e lembrou-se dos rostos magros e ressequidos dos Partials. Mantê-los naquela condição não era correto, não importa o que Vale dissesse. *Ainda assim...*

Entraram num corredor e Vale fechou cuidadosamente a porta. As pessoas circulavam de um lado para outro, e Kira ficou impressionada ao ver que a maioria delas estava feliz – elas sorriam e conversavam; nos braços, seguravam pequeninos embrulhos aninhados carinhosamente contra o peito. Mães e pais, irmãos e irmãs. Famílias reais, com laços de sangue, como ela nunca tinha visto antes. A maternidade em que trabalhara era um local onde se via morte e pesar, um local onde a luta era incessante e o inimigo, implacável. Ela não imaginava outro tipo de maternidade. Entretanto, ali, tudo era diferente. As mães sabiam que seus bebês sobreviveriam. Aquela maternidade vibrava de esperança e sucesso. Kira precisou se apoiar na parede. *Isso é tudo o que sempre desejei. É o que quero criar em East Meadow. É o que quero oferecer a eles: esperança e sucesso. Felicidade.*

Ainda assim...

Para além de todos aqueles sons alegres, havia um muito conhecido de Kira – o choro de uma criança moribunda. Ela sabia exatamente como se dava o desenvolvimento da doença; como o vírus atacava, momento a momento. Se a criança tivesse nascido há algumas horas, como dissera Vale, então o vírus ainda estaria se propagando na corrente sanguínea. O pequeno paciente estaria com febre, e em sério risco; o vírus lentamente replicava-se, célula a célula,

fabricando mais esporos, devorando o pequeno corpo a partir do seu interior, até que, finalmente, talvez amanhã, o bebê se consumiria em febre na tentativa de reagir. No estágio inicial, a dor podia ser mitigada e a febre, controlada, mas não conseguiam interromper o processo. Sem a cura pelo feromônio, a morte era inevitável.

Vale caminhou pelo corredor em direção ao choro, acenando educadamente para os que passavam. Kira vinha atrás, entorpecida. Era isso o que ele desejava, mostrar a cura em ação, salvando uma vida inocente? Ela não sabia o que ele buscava com aquilo. Ela já conhecia os riscos, provavelmente mais do que o próprio Vale, graças a uma vida inteira convivendo com a ausência da cura. Não iria mudar de opinião sobre os prisioneiros Partials e aquela visita à maternidade também não iria comprar seu silêncio ou sua complacência. O médico atravessou a última porta e Kira presenciou, no interior da sala, a mãe praticamente desmaiar de alegria ao vê-lo. O pai, igualmente agradecido e nervoso, apertou a mão de Vale entusiasticamente. Este o acalmou com algumas palavras e um sorriso, preparando a seringa, enquanto Kira permanecia encostada na parede, assistindo ao bebê gritar no berço. Os pais olharam de relance para ela, mas logo retornaram a atenção para a criança. Eles eram como Madison e Haru. Como todos os pais que ela tinha conhecido.

Não importa, pensou. Não existe justificativa para o que estão fazendo com aqueles homens no porão. Se esses pais soubessem que pessoas vivas estão sendo sacrificadas, estariam assim tão felizes com o remédio? Será que chegariam a aceitá-lo? Tinha vontade de contar toda a verdade, mas se sentia paralisada.

Vale terminou de preparar a injeção e solicitou que os pais deixassem o quarto.

– Por favor – disse baixinho –, precisamos ficar a sós com a criança.

A mãe arregalou os olhos de medo.

– Ele vai ficar bem?

– Não se preocupe, será apenas um minuto. – O casal parecia relutante, mas confiava no médico, então deixou a sala, não sem antes lançar outro olhar estranho a Kira. Vale trancou a porta e virou-se, não em direção à criança, mas à Kira, e segurava a seringa como se fosse um presente. – Eu disse que lidero essas pessoas em troca de dar-lhes o que desejam. Agora vou fazer o mesmo com você. Pegue.

– Não quero a sua cura.

– Não estou lhe dando a cura. Estou lhe dando a chance de escolher entre a vida e a morte. Não era o que você queria? Decidir por todos o que é certo e o que é errado? O que é justificável e o que é irredimível? – Vale segurava a seringa como um cálice e novamente a ofereceu à Kira, aproximando-se dela. – Às vezes, ajudar alguém significa machucar outro alguém. Nunca gostamos de agir assim, mas é necessário quando as outras alternativas são ainda piores. Destruí dez vidas para salvar duzentas mil: uma taxa muito melhor do que a maioria das nações poderia sonhar em atingir. Não temos crime, pobreza, nenhum sofrimento, além do deles. E do meu. E, agora, do seu. – Ergueu outra vez a seringa. – E se você acha que sabe pesar o valor de uma vida contra outra, se sente que deve decidir quem vive e quem morre, então faça isso.

Salve essa criança ou a condene à morte.

– Isso não é justo.

– Também não é justo quando sou eu que faço – respondeu secamente Vale. – Mesmo assim, precisa ser feito.

Kira olhou para a seringa, para o bebê chorando e para a porta fechada, com os pais do lado de fora.

– Eles ficarão sabendo – disse Kira. – Ficarão sabendo da minha escolha.

– É claro. Ou a sua escolha vai depender de quem ficará sabendo? A moralidade não funciona assim.

– Não estou dizendo isso.

– Então, escolha.

Kira olhou de novo para a porta.

– Por que pediu que saíssem se vão acabar descobrindo?

– Para conversarmos sem que ficassem gritando com você. Escolha.

– Eu não sou daqui.

– Há dez minutos, isso não parecia incomodá-la, quando disse que os meus atos eram do mal. Disse que os Partials deveriam ser soltos. O que a fez mudar de ideia?

– Você sabe! – gritou Kira, apontando para o bebê aos gritos.

– O que mudou foi que o seu elevado conceito de moralidade se viu obrigado a encarar as consequências. Toda escolha tem suas consequências. Estam os lidando com a ameaça real de extinção da raça humana. Nesse caso, as escolhas tornam-se mais difíceis e os seus efeitos, horríveis. Em determinadas circunstâncias, quando os riscos são tão altos como agora, uma escolha que você jamais faria, que estava totalmente fora de cogitação, torna-se a sua única opção moral viável. É a única ação que pode tomar e com a qual conseguirá viver na manhã seguinte. – Ele pressionou a seringa na mão de Kira. – Você me chama de tirano. Agora mate a criança ou torne-se também uma tirana.

Kira olhou para a salvação da raça humana em suas mãos. Se pelo menos tivesse a coragem de usá-la. Ela havia matado Partials em batalhas, agora era diferente? Tirar uma vida em favor de outra. Para salvar milhares, quem sabe dezenas de milhares quando tivessem espalhado a cura. Sob determinado ponto de vista, era mais misericordioso do que a morte, pois os Partials apenas dormiam...

Não!, pensou. *Não posso perdoar tal atitude. Não posso justificá-la. Se eu aplicar a injeção nessa criança, estarei colaborando com o cativo e a tortura dos Partials... de pessoas. Do meu povo. Não posso fingir que está tudo bem. Preciso encarar a realidade.*

O que restou, no fim das contas, foi isso? Uma escolha?

Ela levantou o pé do bebê e espetou a agulha, aplicando-lhe a injeção.

Capítulo Quarenta e Cinco

Ariel sobrevivia à ocupação Partial como tudo em sua vida: sozinha. Muitos moradores de East Meadow, assustados com o exército dos conquistadores, tinham se refugiado em abrigos comunitários, somando forças e armazenando água e comida num único lugar. Isso fez apenas com que se tornassem um alvo fácil quando os Partials iniciaram as capturas; eles investiam contra a população para agarrar suas vítimas, que eram levadas para servirem de cobaias em experimentos ou para serem executadas. No entanto, quando prendiam alguém, era difícil saber qual das duas opções seria o seu destino. A grande quantidade de pessoas nos abrigos e o barulho que faziam facilitavam a localização por parte dos predadores; na verdade, nenhum grupo de civis despreparados seria capaz de evitar um ataque Partial. Com a partida de Marcus, Ariel ficou à própria sorte, indo de uma casa para outra, alimentando-se de restos de comida e mantendo-se sempre um passo adiante das patrulhas. A estratégia a tinha mantido em segurança. E viva.

Até ser encontrada pelos Partials.

Ariel estava ofegante, dando tudo de si para continuar correndo. Ela conhecia a cidade como a palma da mão, mas os Partials eram mais velozes e possuíam os sentidos bem apurados. Ela ouvia o estalo das botas pesadas contra o asfalto na rua de trás, um depois do outro, um ritmo contínuo que se aproximava a cada respiração entrecortada. Lançou-se à esquerda, pelo buraco de uma cerca, e cortou à direita, voltando, em seguida, na direção contrária, contornando outra cerca de madeira. Seus passos eram mais leves que os deles, não mais que um sussurro na escuridão, e para atravessar a grama, Ariel prendeu a respiração, esforçando-se para enxergar, na luz fraca, algum ramo, galho ou garrafa que pudesse pisar e a delatasse. Ouviu um par de botas pesadas passar correndo por ela, atravessar a abertura na cerca e desembestar pelo quintal da frente. O segundo par de botas veio logo em seguida. *Só mais um. Só preciso enganar mais um Partial e estarei livre.* Rastejou em silêncio, até quase onde a grama terminava; ali, escorregaria pela escada de acesso ao porão de uma casa que já servira algumas vezes de esconderijo. Ela esperaria até os Partials desistirem de procurá-la e partirem em busca de alguma presa mais fácil. Precisava apenas chegar à escada...

O terceiro Partial parou quase na mesma direção dela, na outra ponta da cerca. Ariel congelou, não se moveu, não fez barulho e quase nem respirou. O Partial deu um passo para um lado, depois para outro. Parou no sentido contrário. *O que ele está fazendo?* Entretanto, mesmo antes de terminar de se fazer aquela pergunta, ela já conhecia a resposta. Ele havia parado porque detectara algo. E sabia para onde ela tinha ido.

Ariel ouviu uma risada alta de satisfação.

– Você é boa! – disse o Partial, pulando a cerca e vindo diretamente até ela. Ariel praguejou e saiu correndo, todos os cuidados em se manter escondida foram transformados

numa desesperada fuga. O Partial saltou a segunda cerca, chegando tão perto dela que quase conseguiu agarrá-la pelo pescoço. Ariel dava tudo de si, enquanto tentava compreender como havia sido descoberta: fora discreta, mantivera-se escondida, fizera tudo que a haviam ensinado, e, mesmo assim, ele a encontrou, quase como se o Partial tivesse um sexto sentido. Marcus havia comentado sobre o *link* e de como era usado para se localizarem, mas tudo o que dissera, segundo ele, não funcionava com os humanos, que eram imperceptíveis num sistema sensorial usado por eles. Ariel aproveitara-se daquela vantagem em outras oportunidades e sempre funcionou. Como ela havia se delatado dessa vez?

A respiração pesada do Partial reverberava em seu ouvido e ela tinha certeza de que ele estava apenas alguns centímetros atrás dela. Podia sentir o cheiro do seu suor e o fedor de seu hálito azedo. *Já sei, é o meu cheiro*, pensou. *Eu corri tanto e tenho passado tanto tempo escondida que devo estar fedida. Ele não me viu, não me ouviu nem me captou no link. Ele me farejou, como um cão de caça.*

Mas não vou desistir.

Abaixou a cabeça e saiu em disparada, quando, inesperadamente, seu corpo entrou em um espasmo e deu um tranco para a frente; seus músculos falharam e ela quase tocou os pés com as mãos. Na inércia que se seguiu, ela caiu rolando no chão. Os sentidos agitados vibravam; o mundo parecia de ponta-cabeça e de trás para a frente. Tentava ficar de pé, mas seu corpo inteiro pulsava de dor. A sensação era a de ter sido acertada em cheio por um taco de beisebol, embora não soubesse dizer de onde tinha vindo o golpe. Aos poucos, sua visão foi se estabilizando e ela identificou o Partial parado diante dela com um bastão de choque na mão; ele o apertou algumas vezes, o dispositivo lançava um arco brilhante de luz azul a cada comando.

– Você é uma lutadora – disse, prendendo o bastão no cinto. Ele se ajoelhou e sorriu, os dentes brancos realçavam ao luar. – Talvez eu me divirta um pouco antes de entregá-la. – Ariel tentou se mover, mas seus membros continuavam sem obedecer. O Partial esticou o braço para pegá-la pelo pescoço.

– Pare! – ordenou uma voz. O predador travou, tinha a mão a alguns centímetros do rosto de Ariel. – Fique de pé – determinou novamente uma voz feminina cujo rosto Ariel não podia ver. Havia algo de familiar naquele tom, mas ela não conseguia identificar. O Partial levantou e olhou para a frente, inexpressivamente. – Tire as armas. – O Partial obedeceu. – Dispare o bastão contra você. – O Partial apertou o bastão de choque, apontando-o para o próprio peito. Seu olhar havia endurecido, como se travasse uma luta interior, e Ariel podia ver o suor escorrendo pelo seu rosto. – Dispare! – demandou a voz, e as defesas do Partial foram subjugadas. Ele levou o bastão até o peito, caiu imediatamente no chão, seus membros balançaram em resposta ao curto-circuito no sistema nervoso. De alguma forma, ele conseguiu manter o bastão pressionado contra o peito, mesmo com o resto do corpo se contorcendo e saltando, até finalmente perder o controle e ficar inconsciente. O bastão caiu inerte no chão.

É a doutora Morgan, pensou Ariel, tentando fazer algum movimento. Conseguiu enfiar um braço embaixo do corpo e levantar um pouco a cabeça, mas a visão continuava turva. *Foi a*

mesma coisa quando ela controlou Samm. Exatamente como Marcus e Xochi descreveram. A doutora Morgan está aqui. Ela veio atrás de mim como um vampiro na escuridão. Encontrou apoio com o outro braço e ergueu o tronco, ainda atordoada, e viu o vulto no escuro, atrás dela. Tentou correr, mas suas pernas latejaram.

– Doutora Morgan – grasnou, mas sua voz não a obedeceu. As palavras saíram sem sentido, misturadas. A figura ficou sob o foco do luar.

Era uma mulher de idade, encurvada e escura, não parecia um vampiro, mas uma bruxa descabelada.

– Você – disse Ariel.

– Olá, criança – cumprimentou-a Nandita. – Venha, precisamos encontrar sua irmã. Nosso mundo está prestes a acabar de novo.

Capítulo Quarenta e Seis

Kira caminhava em silêncio pelo corredor escuro no subterrâneo do prédio. As mãos carregavam a seringa vazia. Parecia mais pesada agora do que quando estava cheia.

– Não entendia como podia fazer isso – disse Kira.

– Eu percebi. Você não parava de insistir que eu não deveria fazê-lo de forma alguma.

Acredito que agora você tenha noção de quanto custa ser um líder.

– Aquilo não foi correto. Não foi uma atitude certa. Mas... era a única coisa que eu podia fazer.

– Console-se com o que for possível para conseguir colocar a cabeça no travesseiro e dormir esta noite – arrematou Vale. Suspirou e sua voz tornou-se distante e melancólica. – Em doze anos, cada hora que não estou cuidando dos Partials e colhendo a cura, penso em como fazer isso sem precisar deles. Não vão durar para sempre, mas esta colônia necessita deles. As crianças vão crescer e terão seus próprios filhos, o que será deles então? Possivelmente não poderei armazenar ambrosia o bastante para mais de duas gerações, e depois? Mesmo um humano “curado” carrega o vírus. O RM estará entre nós para sempre.

– Você tem um ano para descobrir – disse Kira. – Dezoito meses, no máximo, antes que cada Partial morra e os percamos para sempre.

– A data de validade. É tão trágico quanto o FS.

Apenas a Verdade sabia sobre o FS. Chegou a hora de confrontá-lo.

– Você é um dos membros da Verdade, não é? Os cientistas que criaram os Partials. A Verdade.

Vale interrompeu o passo, lançando um breve olhar para ela. Quando voltou a caminhar, sua voz era diferente, embora Kira não conseguisse identificar seu estado de espírito – estaria curioso? Na defensiva? Ela o teria deixado com raiva?

– Você sabe muita coisa a respeito de algo que eu considerava ser um segredo – disse Vale.

– Viemos em busca de informações sobre a Verdade. Eu... – Kira ficou quieta, em dúvida se deveria fazer alguma revelação. Decidiu não abrir o jogo e manter suas palavras no nível mais vago possível. – Conheci uma mulher de nome Nandita Merchant. Pediu que eu encontrasse a Verdade, pois por meio dela teria as respostas que salvariam as duas espécies. Ela desapareceu antes que eu pudesse perguntar diretamente a ela sobre isso.

– Nandita Merchant – repetiu Vale, e desta vez Kira não teve a menor dificuldade em ler suas emoções: uma profunda tristeza o havia invadido. – Temo que nunca irá se recuperar do que fez com o dispositivo FS. É tão culpada quanto o resto de nós.

Agora era a vez de Kira ficar surpresa.

– Espere um pouco... Foi a Verdade que criou o FS? Descobrimos em Chicago que o FS é

um vírus, mas você está dizendo... que Nandita, que todos vocês, fabricaram o vírus tendo como alvo os humanos? De propósito?

– Eu não fabriquei nada – disse Vale, sem parar de andar. – Projetei o ciclo de vida dos Partials, o crescimento e o desenvolvimento, como chegariam rapidamente à idade ideal e permaneceriam para sempre nela... até, é claro, atingirem a data de validade. Poesia pura, posso lhe garantir, uma das conquistas mais sofisticadas da biotecnologia em todo o projeto.

Kira estava boquiaberta. – Você criou a data de validade?

– Foi um ato de generosidade, garanto-lhe. Quando o governo solicitou o dispositivo FS, eu introduzi a data de validade com uma alternativa mais humana...

– O que há de humano em matá-los?

– Não é humano, é “mais humano”. Os homens também possuem uma “data de validade”, afinal, morremos ao ficarmos idosos. O princípio é o mesmo. E a data de validade não colocava os humanos em risco, como podia acontecer com o FS, e realmente aconteceu. No entanto, meu questionamento sobre o FS e a data de validade foi no início do projeto, antes de enxergarmos o cenário completo. Graeme e Nandita, que foram comissionados com a criação do FS, sabiam das consequências muito antes de nós. Foram eles que projetaram o RM.

– Conheci Nandita. Eu... – Hesitou novamente, mas decidiu que não havia nada demais em deixar escapar mais algumas informações. – Morei com ela durante dez anos. Tinha um tipo de orfanato e eu fui uma das crianças que ela ajudou. Ela não é uma assassina em massa.

– Não mais do que qualquer outro humano na posição dela – disse criticamente Vale. – Mas, por alguma medida imaginável, ela, e o resto de nós, somos assassinos em massa.

– Não faz sentido – disse Kira, inflexível. – Se ela desejava ver a raça humana morta, erradicada, poderia ter nos traído com os Partials, espalhado veneno, ou ter agido de um milhão de outras maneiras para acabar com tudo. Mas não foi o que fez. Deve ter sido o seu parceiro no projeto. – Ela seguia Vale, sem fôlego, enquanto organizava as pistas na sua cabeça. – Graeme Chamberlain, o que se suicidou. Ele poderia ter reproduzido o FS pelas costas de todos? – continuou ela.

– Você ainda não está vendo o cenário completo – disse Vale, sem jamais olhar para ela ao caminhar vigorosamente pelo corredor. Escondia algo, alguma informação que relutava em contar. Kira o pressionou.

– Mas Chamberlain agindo sozinho também não faz sentido – disse Kira, diminuindo o passo ao pensar mais profundamente no assunto. Precisou correr para alcançar Vale. – A cura faz parte da composição dos Partials, está embutida no seu código genético. Por que ele projetaria um vírus com a clara intenção de matar todos os humanos sobre a Terra e depois criaria a cura perfeita para detê-lo? Não faz sentido. A menos que... – A resposta estava ali, na ponta da língua, e ela lutava para agarrá-la; era preciso aglutiná-la numa frase simples e compreensível. *Havia tantos deles trabalhando em tantas partes diferentes. Como tudo isso faz sentido?*

Vale deu mais alguns passos e foi parando aos poucos. Não se virou para ela e Kira

precisou prestar muita atenção para ouvi-lo.

– No início eu não concordei – disse.

– Mas é verdade? – Kira o abordou lentamente. – Você e os outros da Verdade...

Fizeram de propósito? Alteraram o dispositivo FS, projetado para matar os Partials, e o direcionaram contra os humanos? E construíram os Partials para serem portadores da cura de forma a... Por quê?

Vale virou-se para encará-la, o rosto tingido pela velha expressão de raiva.

– Pense por um minuto no FS, sobre o que ele é, o que ele representa. Recebemos a incumbência de criarmos uma espécie inteira de criaturas vivas; indivíduos capazes de respirar e pensar, e, graças à resolução das Nações Unidas sobre Respostas Emocionais Artificiais, capazes de sentir. Pense bem: fomos instruídos especificamente a construir um ser que pudesse pensar, sentir e que fosse autoconsciente; em seguida, recebemos ordens para atarmos uma bomba ao peito dele. Com isso, poderiam matá-lo quando bem entendessem. Há dez minutos você queria libertar dez Partials em estado de coma e não pôde suportar matar uma única criança humana. Seria capaz de condenar uma raça inteira à morte?

Kira balbuciou em busca de palavras ao receber aquela descarga de fúria, mas Vale não esperou pela resposta.

– Qualquer um que pudesse criar um milhão de vidas inocentes e, ao mesmo tempo, solicitasse uma forma de aniquilá-las, sem misericórdia, não está apto a se responsabilizar por essas milhares de vida. Entendemos o que estávamos criando com os BioSynths: criaturas, em seus mínimos detalhes, tão humanas quanto nós. Mas para os executivos da ParaGen e o governo dos EUA eram apenas máquinas, uma linha de produtos. Destruir a vida desses “Partials” seria uma atrocidade comparável a todos os genocídios da história humana. Mesmo assim, sabíamos, antes de lançarmos o primeiro deles para testes de combate, que seriam sempre considerados apenas uma arma, a ser deixada de lado quando perdesse a utilidade.

Kira esperava que a expressão de Vale se tornasse mais severa à medida que falava, numa reação furiosa ao se lembrar daquele horror; entretanto, o que viu foi um ar frágil e suave. De derrota. Repetia um velho argumento, mas desta vez o fervor havia se esvanecido.

– No nível mais fundamental, a humanidade não aprenderia a ser “humana”, na falta de um termo melhor, a menos que suas vidas dependessem quase literalmente disso. Então criamos o RM, e com ele a cura, ambos embutidos nos Partials. Se o dispositivo FS nunca fosse ativado, se a humanidade nunca chegasse ao ponto de sentir a necessidade de, em algum momento, destruir os Partials, então ninguém teria sido mais sábio. Mas, se a humanidade decidisse apertar o botão, bem... – Vale respirou profundamente. – Nesse caso, a única forma de os humanos sobreviverem seria mantendo os Partials vivos. Privar os Partials de seus direitos custaria aos homens sua humanidade, mas destruí-los, como produtos defeituosos, custaria suas vidas.

Kira mal conseguia pensar.

– Você... – Ela procurava em vão por palavras que expressassem o significado daquela revelação. – Foi tudo intencional.

– Implorei para que não fizessem isso – disse Vale. – Foi um plano desesperado, de consequências terríveis. No final, muito pior do que eu poderia ter me preparado. Mas precisa entender que não tínhamos outra opção.

– Não tinham opção? – perguntou ela. – Se você era tão veementemente contra, por que não procurou os executivos ou o governo? Por que não disseram a eles que aquilo era diabólico em vez de pôr em prática essa terrível... punição?

– Pensa que não tentamos? – perguntou Vale. – É claro que sim. Falamos. Persuadimos. Esperneamos. Gritamos. Tentamos explicar ao conselho administrativo da ParaGen o que realmente os Partials representavam: uma nova forma de ser vivo introduzido no mundo, sem o planejamento de como viveriam após o término da guerra. Tentamos explicar que o governo não tinha nenhuma política de inclusão, que a segregação era inevitável, a violência e a revolução, e que a melhor opção seria abortar por completo o projeto, em lugar de condenar a humanidade ao que iria acontecer em seguida. Mas, para eles, os fatos eram simples. Primeiro, o exército precisava de soldados. Não venceríamos a guerra sem eles, então o governo iria conseguir os soldados em algum outro lugar. Segundo, a ParaGen podia construir os melhores soldados do mercado. Fazíamos milagres: inventamos árvores gigantes com folhas iguais a asas de borboletas, delicadas e perfeitas, e quando o vento soprava, elas farfalhavam como uma nuvem de arco-íris; e quando o sol se punha atrás delas, o mundo se iluminava com uma sombra iridescente. Criamos a cura para a malária, uma doença que causava a morte de mil crianças por dia. Isso não é apenas conhecimento, garotinha, é poder, e esse tipo de poder vem acompanhado da ganância. E esse é o terceiro ponto e o mais amaldiçoado de todos. O CEO, o presidente, o conselho administrativo... O governo precisava de um exército e a ParaGen queria vender um. Os argumentos da Verdade não significavam nada diante de um lucro de trilhões de dólares. Se não fabricássemos um exército, encontrariam alguém de moral mais maleável que o fizesse em nosso lugar. Você não se lembra do velho mundo. O dinheiro era tudo. E nada do que fizessemos poderia impedir a ParaGen de vendê-los e o governo de comprá-los. Podíamos ver as nuvens negras no horizonte. O exército seria construído, sem nenhum plano que daria a esses Partials direitos iguais aos dos homens. Haveria apenas dois finais possíveis: ou eles seriam mortos pelo dispositivo FS, num genocídio comparável ao Holocausto, ou uma revolução violenta estouraria, na qual os Partials, superiores em todos os sentidos, venceriam e destruiriam a humanidade. De qualquer ângulo que você observasse a questão, uma das espécies seria dizimada, e a sua morte custaria à outra espécie a própria alma. Tudo que nos restou foi tentar, de alguma maneira, oferecer um meio pelo qual as duas raças pudessem trabalhar juntas, que precisassem colaborar uma com a outra em nome apenas da sobrevivência. Então, quando Armin nos contou sua ideia... bem, nós não gostamos, nem a princípio nem nunca. Mas sabíamos que era nossa responsabilidade levá-la adiante. Era o único plano em que ambas as espécies sobreviveriam.

A respiração de Kira ficou travada na garganta.

– Armin Dhurvasula.

– Também o conhece?

Na mesma hora ela balançou a cabeça, torcendo para que a expressão em seu rosto não a tivesse delatado.

– Só ouvi falar.

– Um gênio entre os gênios. Foi tudo esquematizado por ele. Ele concebeu o sistema de feromônios e projetou a ligação entre o FS e a cura. Uma obra-prima da ciência. Mas apesar disso e do nosso esforço, aconteceu o pior. Garanto a você que a nossa intenção jamais foi a de um resultado devastador como este; nós sequer compreendemos como o vírus se tornou tão implacavelmente eficiente. Suponho que seja um pequeno consolo pensar que o que aconteceu era inevitável. A partir do momento que criamos os Partials, ou que pensamos nisso, o destino da humanidade estava selado. A humanidade destruiria a si mesma, corpo e alma, antes de aprender uma simples lição.

Kira estava abalada demais para responder. Havia esperado por um plano, havia torcido e rezado para que a Verdade tivesse um esquema, mas descobrir que se tratava da aniquilação mútua, de forçar as duas espécies a trabalharem juntas ou a morrerem separadas, isso era demais para ela. Quando finalmente conseguiu falar, a voz saiu parecida com a de uma criança, e acabou fazendo uma pergunta que não era exatamente a que tinha pensado.

– Você... o viu? Em algum lugar? – Ela engoliu a saliva, tentando controlar o nervosismo.

– Armin Dhurvasula?

Vale fez um sinal negativo com a cabeça.

– Não o vejo desde o Surto. Declarou que precisava deixar a ParaGen, mas não sei para onde foi ou o que foi fazer. Até onde sei, apenas Jerry e eu sobrevivemos. E agora fiquei sabendo de Nandita.

Kira lembrou os nomes dos membros da Verdade.

– Jerry Ryssdal. Também era do grupo de vocês. Onde está?

– No sul – respondeu solenemente Vale. – Ele apareceu aqui uma noite, mal o reconheci. Está mais... inumano que os Partials. Está tentando salvar a Terra para que reste algo para as pessoas de paz. Eu disse a ele que faria melhor negócio se me ajudasse com a cura do RM. Mas sempre foi um excêntrico.

– Existem mais dois membros da Verdade na costa leste, que lideram duas facções Partials: Kioni Trimble e McKenna Morgan.

– Estão vivas? – Vale arregalou os olhos e abriu a boca. Kira não sabia dizer se ele havia ficado contente ou não com a notícia.

– Está dizendo que estão liderando os Partials? Que trocaram de lado e agora estão contra os humanos? – disse o médico.

– Acho que sim. Elas... Nunca conheci Trimble, mas a doutora Morgan enlouqueceu de vez. Está sequestrando humanos para pesquisar uma solução para a data de validade. Aparentemente, só ficou sabendo do problema quando os Partials começaram a morrer, mas está convencida de que poderá reverter a situação por meio da biologia. – *E de mim*, pensou, mas

guardou aquela informação para si. Continuava sem saber o que ela era ou o que Vale faria quando descobrisse. Ela precisava perguntar. Estava dividida entre a paranoia e o desespero.

– Trimble conhecia nosso plano – disse Vale. – Morgan e Jerry não. Eles projetaram boa parte da biologia Partial, mas não tínhamos certeza se podíamos confiar neles sobre o FS, e como isso não estava ligado com o trabalho deles, não contamos nada.

– Quem são os outros? – perguntou Kira.

– Que outros?

– Encontrei vários nomes nas minhas pesquisas, mas nunca o seu. E ouvi mais dois de quem não sei nada a respeito.

– Meu nome é Cronus Vale – disse e Kira meneou a cabeça em reconhecimento.

– Cronus... sim, esse eu já ouvi – disse, lançando um olhar cauteloso a Vale. – Parece que a doutora Morgan o considera uma ameaça.

– Não me diga que você a conhece.

– Não foi uma das experiências mais agradáveis da minha vida.

– Ela é fútil, arrogante e impiedosa. Ao final de tudo, havia desistido da humanidade enquanto espécie – disse Vale.

– Sua descrição parece com ela.

– Se ela encontrar este lugar, estaremos todos condenados. Como você já viu, minha filosofia é oposta à dela.

– Você tenta proteger a humanidade, mesmo que isso signifique a escravidão da raça Partial – disse Kira, que agora começava a ver tudo com mais clareza. – O que aconteceu com seus ideais? Qual o seu plano agora? Para a existência das duas raças?

– Após doze anos, finalmente entendi algo. A extinção possui seus meios de fazer com que você escolha de que lado está. Não quero machucar ninguém, mas se posso salvar uma única espécie, minha escolha está feita.

– Não é preciso que seja uma ou outra. Há uma forma de salvar as duas.

– Esse sonho morreu com o Surto.

– Está enganado – disse Kira, sentindo os olhos marejarem. – Você, Armin, Nandita e Graeme... Vocês trabalharam para a sobrevivência das duas raças. Deve existir algo que eu possa fazer!

– Prometi a você as informações e sou um homem de palavra. Diga-me o que precisa saber que lhe darei o que estiver ao meu alcance.

Subiram as escadas para o laboratório escondido na torre, e Kira considerava quantas perguntas sem resposta ainda tinha em mente. Por onde começar? Ela queria saber como o vírus RM agia e qual a verdadeira relação entre ele e a cura. Se o mesmo ser produzia ambos, como se afetavam? Buscava também esclarecimento sobre a data de validade: como funcionava e como poderiam modificá-la. Fazia anos Vale trabalhava com o vírus e ainda não tinha sido capaz de decifrá-lo, mas ele não demonstrava nenhum interesse em relação ao prazo de validade; talvez soubesse de algo valioso que ainda não tinha sido explorado.

– Fale sobre a data de validade – disse Kira.

– É apenas uma modificação do meu próprio trabalho com o ciclo da vida. Projetei os Partials para rapidamente atingirem uma determinada idade e permanecerem nela, congelando o processo de envelhecimento por meio da contínua regeneração do DNA. Na marca dos vinte anos, esse processo é revertido, e o DNA entra numa ação acelerada de degeneração. Praticamente envelhecem cem anos em poucos dias.

– Samm não disse que eles envelhecem, mas que apenas... se degeneram. Como se apodrescessem em vida.

– Na velocidade com que isso acontece, o efeito é o mesmo. Não é a maneira mais agradável de morrer, mas era a mais elegante, biologicamente falando.

Kira franziu o rosto, ainda tentando encontrar as peças que faltavam para completar o quebra-cabeça.

– Como você manteve a data de validade escondida de Morgan? – ela quis saber.

– A ParaGen era um labirinto de segredos. Ninguém confiava em ninguém, e o conselho administrativo confiava ainda menos nos cientistas mais importantes. Por isso, tivemos de fabricar dois dispositivos FS.

Kira arregalou os olhos. – Dois?

– Um para matar os Partials, como eles queriam. E o outro era a doença humana viral criada por Nandita e Graeme, como parte do nosso plano. O FS-Partial nunca foi colocado em produção, claro, mas, mesmo assim, eu o criei para encobrir o resto do nosso esquema. O conselho administrativo recebia relatórios sobre o andamento do projeto do FS-Partial e dos testes, e ficava satisfeito, achando que seguíamos as ordens. Enquanto isso, incorporávamos o outro FS nos modelos Partials produzidos em massa.

– Espere – disse Kira. Abriu a mochila e procurou pelo antigo dispositivo portátil da tela quebrada de Afa, o que continha todas as informações obtidas em Chicago. – Você tem um monitor no qual eu possa conectar isto?

– Claro. – Entregou-lhe um cabo e Kira encaixou o dispositivo.

– Antes de vir para cá, retiramos vários arquivos da central de dados de Chicago. Um deles é um memorando do CEO da ParaGen ao conselho administrativo; lemos o texto porque cita o FS, mas naquele momento não fazia sentido. Com base no que você me contou, entretanto... – A lista de arquivos apareceu na tela, e Kira rolou-a rapidamente, procurando o e-mail do executivo. – Aqui. – Abriu-o e leu o trecho pertinente: – “Não podemos confirmar que a equipe Partial esteja trabalhando para prejudicar o projeto do dispositivo Falha Segura (FS); portanto, na dúvida, contratamos uma equipe nova de engenheiros para embutir o FS nos modelos novos. Caso a equipe Partial nos traia, o dispositivo continuará a ser montado”.

Vale ficou boquiaberto. – Agiram pelas nossas costas!

– Foi o que pensamos quando lemos essa mensagem, mas, depois de tudo que você me contou, deve ter mais alguma coisa. Se o conselho administrativo não sabia do FS humano, então só poderia embutir nos modelos novos uma imitação do projeto original. Do dispositivo FS que

mata os Partials. O que significa que ele ainda pode estar circulando por aí, e se ele destrói os Partials, mata todo mundo, já que eles são nossa única fonte de cura.

– Verdade. Mas dê uma olhada na data: 21 de julho de 2060. Dois anos depois que o primeiro lote de Partials militares foi criado. O e-mail me leva a crer que eles se referem à linha de Partials que nunca foi fabricada em massa.

– Modelos novos... – disse Kira, avançando nas conclusões. *Sou eu, pensou. É isso que sou: um novo modelo Partial. Coincide até com a data do meu nascimento, cinco anos antes do Surto. Está falando de mim.*

Sou portadora do FS-Partial.

– Você parece assustada – disse Vale.

Kira tirou o cabelo do rosto, tentando controlar a respiração. – Está tudo bem.

– Você não parece estar bem.

Ela olhou para os dez prisioneiros Partials deitados inertes nas mesas. *Se algo me disparar, vou matá-los. Vou matar Samm.*

Tentou manter a voz estável: – Qual era o gatilho? – indagou.

– Do FS? Uma substância química conduzida pelo ar ou injetada diretamente no Partial. Apenas alguns eram portadores. Esses Partials eram essencialmente fábricas de vírus que podiam ser ativadas a qualquer momento. A cura também podia ser estimulada da mesma forma.

– Entendo, mas qual era o gatilho? Especificamente. Podia ser o mesmo para os modelos novos?

– Nada disso importa – disse Vale. – O presidente ativou o FS para conter a rebelião Partial e quando vi quanto o vírus RM havia se tornado maligno, eu ativei a cura. É passado. Os modelos novos mencionados no e-mail eram apenas protótipos e até onde eu sei nenhum sobreviveu ao Surto. Na época eram todos crianças.

– Mas e se sobreviveram? – perguntou Kira. *E se algo os disparasse acidentalmente e eles destruíssem todos os Partials do planeta?*

Vale encarava Kira com o semblante confuso e pensativo. Aos poucos sua expressão mudou e ela sentiu necessidade de dar um passo para trás.

Vale fez o mesmo. – Você disse que morou com Nandita, certo? Num orfanato. Como exatamente ela encontrava as garotas adotadas?

Kira estudava sua expressão com cautela, buscando identificar se ele havia descoberto a sua verdadeira natureza. Parecia suspeito, mas quanto sabia com certeza? Quanto ele precisava saber antes de agir e que tipo de atitude teria? Se ele a considerasse uma ameaça, a mataria ali mesmo?

Kira abriu a boca para responder, mas não conseguiu pensar em nada que não a denunciasse. *Não posso dar a impressão de que sei demais, mas também não posso parecer estar querendo mudar de assunto.*

– Ela tinha quatro meninas. Encontrou a gente como todos os outros pais adotivos da ilha.

Acho que algumas foram designadas pelo Senado. – Não tinha certeza se aquilo era verdade, mas parecia ser uma boa resposta e não entregava nenhuma informação específica. – Por que quer saber?

– Algumas foram designadas, não todas?

– Nandita nos criou como todas as outras crianças – disse Kira, no entanto a lembrança de Marcus perguntando-lhe sobre “experiências” atravessou sua mente como um raio. *É isso, sou eu. Faz todo sentido.*

Ele a observava atentamente e deu outro passo para trás. Kira olhou por sobre os ombros do médico: estaria se afastando de uma ameaça ou lentamente se aproximando de algum alarme? *Quanto tempo eu tenho?* A tensão na sala era tão grande que quase a sufocava, sentiu que uma gota grossa de suor escorria pelas costas.

– Você tem noção do estrago que o FS-Partial poderia causar caso se espalhasse por aí? – perguntou Vale mansamente. – Na Reserva, em East Meadow e no mundo todo?

– Por favor – disse Kira –, pense no que está fazendo. – Mas essa foi a resposta errada, e Kira soube, no exato momento em que ela escapou de sua boca, que uma súplica representava uma confissão. Vale girou o corpo, debruçando-se sobre a mesa atrás dele, e Kira não esperou para ver o que procurava. Virou-se e correu, saindo velozmente de dentro da sala. Um tiro estalou atrás dela e fagulhas voaram do batente da porta a apenas alguns centímetros de sua cabeça. Mergulhou no corredor e fugiu em disparada por ele.

Vale continuava atirando atrás dela, mas Kira era mais rápida e já se encontrava longe da mira do médico. Ela quase perdeu o equilíbrio a cada curva que fez, pois mal reduzia a velocidade para mudar de direção e voltar até o elevador pelo mesmo caminho que fizera na ida. Somente quando entrou no poço, lembrou-se que havia deixado o dispositivo no laboratório, plugado no computador de Vale. – Agora não tenho tempo – sussurrou, enquanto se lançava na escada de manutenção do elevador e impulsionava o corpo para subir. – Depois volto para pegar. – Ela poderia ter dominado Vale, dependendo de seus modificadores genéticos, mas ele já deveria ter soado um alarme e solicitado reforço; nesse caso, não seria capaz de enfrentar a Reserva toda. Sua única esperança era carregar Samm com ela antes que qualquer um do lado de fora soubesse o que estava acontecendo.

Entretanto, a que distância teria de levá-lo para ficar livre da influência do sedativo? Quanto tempo a dose que já corria em seu sistema demoraria para perder o efeito?

Atingiu o segundo andar e saiu pela porta ainda meio aberta do elevador. Samm continuava no mesmo lugar e, antes de colocá-lo sobre os pés, Kira posicionou a mochila dele sobre a sua própria. Ele pendia do braço dela pesadamente, noventa quilos de músculos transformados em peso morto. Passou o braço dele por cima dos ombros e o levantou, grunhindo com o esforço e atenta a qualquer ruído que indicasse que estava sendo perseguida. Ninguém vinha atrás dela e nenhum som se ouvia do lado de fora. Mancou até as escadas, metade do tempo carregando Samm e a outra metade arrastando-o. Alcançou o térreo e descansou encostada contra uma parede, olhando para a clareira coberta pelo mato alto que circundava o

edifício. À sua esquerda, havia duas pessoas conversando, descansando à sombra de um dos prédios de apartamentos improvisados, mas não pareciam estar em alerta. Kira segurou Samm com mais firmeza e o carregou pelo saguão até o outro lado do edifício, saindo pelo lado direito, onde não havia ninguém do lado de fora.

Se eu soubesse onde estão os cavalos, pensou, mas não havia tempo para encontrá-los. Se ela era portadora do FS-Partial, isso poderia significar a morte dos Partials de Vale, o fim da Reserva e o eventual extermínio de todos os humanos e Partials. Kira era uma bomba ambulante, e destruí-la antes que ela explodisse superava qualquer outro objetivo almejado por Vale. Ele sacrificaria seu segredo, sua autoridade e o que fosse necessário para preservar a raça humana. Precisava escapar ou morreria.

Chegou ao fim da clareira no momento em que um homem apareceu na lateral do prédio vizinho. Ele parou surpreso; ela travou o maxilar, quase sucumbindo ao peso de Samm e disfarçou ao cruzar com ele.

– Oi. Está tudo bem? – indagou o homem.

– Ele desmaiou. Só precisa de um pouco de ar fresco. – *Precisamos apenas chegar ao portão e estaremos salvos*, pensou.

– Vocês são os recém-chegados, não são? Estavam na torre?

– Só estávamos dando uma volta – respondeu Kira, olhando para a frente. Viu outra clareira avultando-se diante dela, outro prédio e, mais além, uma cerca dividindo a periferia da cidade. *Se conseguirmos chegar à cidade, poderemos nos esconder... mas preciso me livrar deste cara*. – Conhece a Calix? – perguntou Kira.

– É claro.

– Encontre-a e diga que deixamos um remédio importante dentro da mochila, no quarto dela, uma garrafa vermelha, no formato de cunha, com um anel verde ao redor da tampa. – Era um antibiótico, mas o homem não precisava saber disso; apenas precisava afastá-lo. Ele assentiu com a cabeça e saiu correndo. Kira continuou avançando com dificuldade. Alcançou o prédio seguinte, onde havia mais pessoas, adultos e crianças. *Só mais trinta metros. Estamos quase chegando*. Algumas pessoas perguntaram sobre Samm, os semblantes preocupados, e Kira fazia o possível para manter a encenação e não chamar ainda mais atenção, mas o número de curiosos aumentava.

– Qual é o problema?

– Onde estão indo?

– O que está acontecendo?

Outra voz, vinda de trás, gritou:

– Detenham esses dois!

As pessoas ficaram confusas, entreolhando-se. Kira avançava entre o grupo.

– Não os deixem fugir!

Kira reconheceu a voz de Vale. Ela andava, esforçando-se para não deixar Samm cair. Uma mulher da aglomeração a segurou pelo braço.

– O doutor Vale quer que você pare.

Kira sacou a arma e a mulher recuou no mesmo instante.

– Ele quer nos matar. Deixe-nos ir embora. – *Apenas quinze metros*, pensou.

A mulher ergueu as mãos e abriu caminho para a dupla passar. Kira seguiu em frente mancando, inclinando o corpo para o lado a fim de manter o peso de Samm balanceado. Ela o segurava com um dos braços, arrastando-o para a frente e mantendo os curiosos afastados com a sua pistola. Olhou de relance para trás e viu Vale se aproximando com um grupo de caçadores armados.

Samm gemeu, grogue, mas acordado.

– Onde estamos?

– Na maior encrenca. Pode andar?

– O que está acontecendo?

– Confie em mim. Acorde – pediu Kira.

– Segurem eles! – gritou novamente Vale. – São espíões, vieram destruir a Reserva.

– Estamos partindo – disse Kira, entre os dentes cerrados, dando o melhor de si para alcançar o portão aberto. Samm continuava apoiado pesadamente nela; tentava caminhar, mas os passos ainda eram instáveis demais para serem eficientes. As pessoas da aldeia não obstruíam a passagem dela, ainda sem saber como agir. – Só nos deixem partir.

– Se os deixarem fugir, retornarão com mais mil iguais a eles – disse Vale. – São Partialis.

A voz de Samm estava arrastada.

– Então a missão de reconhecimento não saiu como planejada?

– Você não está ajudando – respondeu Kira. – Já consegue andar?

Samm tentou ficar de pé, tremendo de leve, mas voltando a se apoiar no ombro de Kira.

– Não muito.

– É verdade? – perguntou uma voz à Kira. Era Phan. A decepção estampada em seu rosto cortou o coração dela.

– Sou uma pessoa – respondeu ela. – Os Partialis...

– Os Partialis destruíram o mundo – disse Vale, alcançando-os. – E agora estão aqui para terminar o serviço.

– Você está mentindo! – rebateu Kira. – Foi você quem acabou com o mundo e agora vive numa fantasia, fingindo que o passado nunca aconteceu.

– Não prestem atenção a essa mentirosa – disse Vale.

A multidão aproximou-se deles, a passagem até o portão tornava-se cada vez mais estreita à medida que as pessoas bloqueavam o caminho. Kira movia a arma descontroladamente, tentando manter Samm equilibrado com o outro braço.

– Samm, por favor, preciso que acorde.

– Estou acordado – ele disse, e a multidão estava a apenas alguns centímetros deles. – Posso andar.

Kira soltou-o e ele se manteve estável.

– Precisamos... – ela começou a dizer.

E Vale atirou.

Capítulo Quarenta e Sete

–Peço desculpas pela minha ausência – disse Nandita –, estive ocupada tentando salvar o mundo. – Estava em pé no meio da sala de sua antiga casa, aquela da qual Ariel havia fugido há tantos anos e para a qual havia jurado nunca mais voltar.

Ariel cerrou os punhos e não deixou por menos.

– Mentiu para nós. O que a faz pensar que agora vou acreditar em você?

– Porque agora você é adulta, ou muito perto disso. Precisamos proteger as crianças da verdade, mas as meninas adolescentes precisam encarar o problema de frente.

Cinco rostos a fitavam de volta, todas as mulheres da vida de Ariel: suas irmãs Madison e Isolde, a amiga Xochi Kessler e a mãe dela, a antiga senadora Kessler. Até mesmo Arwen estava lá, o bebê milagre. Todas encurraladas pelo exército Partial, reunidas novamente naquela casa para ficarem esperando, preocupadas, até finalmente morrerem. Reuniram-se na antiga casa de Nandita porque era a única que ainda tinham. *Se soubessem o quanto estávamos próximas de Kira*, pensou Ariel, *estariamos ainda mais encarceradas do que já estamos.*

– Há um ano a Rede está a sua procura – disse a senadora Kessler. – Por onde diabos esteve e qual a sua ligação com o exército Partial?

– Eu os criei – declarou Nandita.

– O quê? – disse Kessler, embasbacada, mas ainda conseguindo responder. Ariel estava tão chocada que não conseguia dizer nem uma palavra. – Você criou os Partials?

– Eu fazia parte da equipe que elaborou o código genético deles – disse Nandita, tirando o casaco e o xale. Suas mãos estavam enrugadas, mas sem os calos que Ariel sempre tinha visto. Independentemente de onde estivera, não trabalhara num jardim ou em nenhum outro tipo de atividade manual.

Kessler fervia de raiva. – E você simplesmente admite. Sem a menor cerimônia? Você criou uma das maiores forças do mal que este mundo já...

– Criei pessoas – interrompeu-a Nandita –, como qualquer outra mãe. Os Partials, como qualquer criança, possuem a capacidade para o bem e para o mal. Eu não acompanhei o crescimento deles e também não fui a responsável por oprimi-los tão severamente a ponto de se verem forçados a se rebelar.

– Forçados? – inquiriu Kessler.

– Você não teria feito nada muito diferente se estivesse no lugar deles – retrucou Nandita. – Você, mais do que ninguém, é afoita para brigar quando não concorda com algo. Com exceção de Kira, talvez.

– Deixe ela falar, Erin – disse Xochi. Ariel nunca a tinha ouvido chamar a mãe de outra forma que não fosse pelo primeiro nome.

– Então, você criou os Partials – disse Isolde. – Isso não explica o seu desaparecimento.

– Produzimos os Partials para serem portadores da praga – disse Nandita. – Não exatamente o que viemos a conhecer como o RM. O vírus liberado foi muito mais forte do que pretendíamos e nunca conseguimos entender completamente as razões dessa virulência. Mas nós também criamos a cura, carregada pelos Partials, que podia ser ativada por um segundo gatilho químico. E, então, como vocês podem ver, foi tudo pelo ralo.

– Você ainda não disse por onde andou – insistiu Ariel, com os braços cruzados. Estava tão acostumada a odiar Nandita que a sua confissão a estava deixando profundamente confusa. Por um lado, dava mais razões para ela detestar a mulher e justificava todas as suas suspeitas e acusações. Por outro, como confiar em uma única palavra do que dizia, mesmo quando ela reconhecia a própria culpa?

– Tenha paciência – disse Nandita. – Vou chegar lá. Precisa entender o contexto.

– Não, não precisamos – cortou Ariel. – Precisamos de respostas.

– Ensinei você a se comportar melhor do que isso.

– Você me ensinou a desconfiar das suas palavras. Pare de tentar ganhar a nossa simpatia e apenas responda as perguntas, ou cada mulher nesta sala, com todo prazer, entregará você para os Partials.

Nandita a encarava, seu olhar ancestral fumegava. Depois, olhou para Isolde e de novo para Ariel.

– Tudo bem – disse finalmente. – Eu parti porque estava tentando recriar o gatilho químico que dispara a cura.

Xochi franziu o rosto. – Parece fácil de entender.

– Isso porque expliquei o contexto para vocês – continuou Nandita. – Trabalhei nisso por onze anos, o melhor que pude com as instalações que estavam ao meu alcance, usando as ervas para destilar as substâncias químicas necessárias. No ano passado, quando estava fora de East Meadow pesquisando ingredientes, encontrei algo que não imaginava que existisse: um laboratório com equipamentos de modificação genética e energia para fazê-los funcionar. Tentei voltar, levar vocês até lá, explicar tudo e resolver esse problema de uma vez por todas, mas a guerra civil e, agora, a invasão Partial, dificultaram uma viagem segura.

– Mas por que nós? Por que nos levar até o laboratório? Por que usar a gente nas experiências?

– Essa é a parte que ainda não expliquei – disse Nandita. – O gatilho químico era para vocês. A cura está em vocês. Kira, Ariel e Isolde.

– Como assim? – perguntou Madison.

Isolde estava em estado de choque, com as mãos sobre a barriga de nove meses de gravidez, como se quisesse protegê-la contra as palavras de Nandita.

Ariel sorriu levemente, do susto e a confusão foram abrandados pela sensação da vitória que há muito tempo esperava. A jovem não pôde deixar de se regozijar.

– Então você fazia experiências conosco.

– Precisava recriar o gatilho do zero, o que exigiu muitas tentativas e erros.

– Volte – disse Xochi. – Você disse que a cura havia sido construída nos Partials. Então por que está tentando tirar a cura das três?

– Você já respondeu a sua própria pergunta – disse Nandita.

– Somos Partials – concluiu Ariel, encarando a velha. – Você e seu pequeno orfanato Partial. – Aquela revelação lançara sua mente num turbilhão, mas a raiva a deixava focada. Há muito tempo odiava aquela mulher e convivia com tantas teorias criadas para explicar seu comportamento que aquele novo choque era fácil de aceitar. – Como pôde fazer isso conosco? Você era como uma mãe para nós!

– Não posso ser uma Partial – disse Isolde, a voz não disfarçava a dor que sentia. – Eu não sou uma Partial. Eu estou... estou grávida. Os Partials são estéreis. – Ela tremia, ria e chorava ao mesmo tempo. – Sou humana, como todo o resto.

– Acompanhei essas meninas crescerem – disse Kessler. – Os Partials não crescem.

– São modelos novos – revelou Nandita. – A primeira geração foi criada para a guerra, mas todos sabiam que o conflito não duraria para sempre. A ParaGen era uma empresa, os Partials eram um produto, e o conselho administrativo estava sempre de olho na próxima novidade que seria a sensação do momento. O que iriam fazer com a tecnologia dos BioSynth quando não precisassem mais de soldados?

A inesperada sensação de ser uma estranha na própria pele deixou Ariel com náuseas. – Éramos crianças – disse, com uma careta. – Você vendia crianças?

– Estávamos criando Partials que pudessem ser amados – disse Nandita. – Crianças fortes e saudáveis para que as pessoas as adotassem e criassem como se fossem humanas. A ideia de preencher uma lacuna no mercado foi o que convenceu nossos chefes a investir no projeto. Ao mesmo tempo, dessa forma, estaríamos assimilando os Partials, e o pensamento sobre eles, ao contingente da humanidade. As crianças que estávamos construindo eram o elo perdido que os tiraria da terrível condição de alienígenas e os incorporaria como parte da vida cotidiana. Era o mais próximo do humano que conseguimos chegar: aprenderiam, cresceriam, envelheceriam e poderiam até procriar. – Gesticulou em direção a Isolde. – Além de tudo isso, teriam os benefícios de serem Partials: um corpo forte, com ossos resistentes, músculos e órgãos mais eficientes, sentidos mais apurados e mentes mais incisivas.

– E uma sentença de morte após vinte anos – completou Xochi.

– Não – disse Nandita. – Sem a data de validade. Tudo nos modelos novos foi projetado para ser igual ou superar a vida humana; não havia restrições, nossas apostas não eram limitadas pelo dispositivo FS.

– Não estavam apenas fabricando crianças – disse Ariel –, mas reconstruindo a raça humana.

Nandita não respondeu.

– Não é verdade – contestou Isolde, levantando a voz – Nada do que está dizendo é verdade. É uma velha louca e mentirosa!

Ariel olhou para a irmã adotiva e a raiva que sentia por Nandita foi aos poucos cedendo

à sensação causada por ver o tipo de horror que destruiu Isolde. Se eram Partials, eram monstros. Haviam detonado o mundo, talvez não elas próprias, mas faziam parte. As outras pessoas, todas com as quais haviam crescido, pensariam que elas tinham parte naquilo. A senadora Kessler já tinha dado um passo à frente, interpondo-se entre Xochi e as aberrações Partials que costumavam ser suas amigas. O que pensavam que iriam fazer? Agora que Ariel sabia que era uma Partial, começaria a assassinar as pessoas? O que o resto da ilha pensaria sobre ela: que era uma traidora? Um agente duplo? Uma tola ou um monstro? Pelo menos Ariel não tinha amigos para se sentirem traídos, pois já vivia há anos em isolamento; Isolde tinha amigos, família, emprego – trabalhava no Senado, no coração do governo humano. Pensariam que ela era uma espã? O que fariam a uma espã Partial, estivesse ou não grávida?

E qual seria a reação dos Partials quando descobrissem? Já sabiam? Ariel poderia procurá-los para que a ajudassem ou ela poderia ajudar a pôr um fim na ocupação? Talvez, se tivessem recebido a notícia de alguém da própria espécie...

Um da própria espécie. Um Partial. A mente de Ariel rebelava-se, seu estômago estava embrulhado, e ela correu até a cozinha para vomitar na pia. Um Partial. Tudo que sempre pensara sobre Nandita era verdade. E ainda pior.

Ninguém correu em seu auxílio.

– E o bebê de Isolde? – perguntou Xochi, com voz hesitante. – Vai ser... Humano ou Partial?

– Não sou uma Partial! – gritou Isolde.

Ariel limpou a boca e os olhos, e encarou a escuridão do lado de fora da janela.

– Suponho que seja ambos – disse Nandita. – Um híbrido humano/Partial. Suponho que isso possa acontecer, mas... preciso fazer mais pesquisas para descobrir exatamente o que significa.

Ariel voltou para a sala. Sentia-se diferente. Isolada. Ainda mais do que antes.

– Você passou anos tentando ativar a cura – disse Madison. – E depois? Foi embora para tentar ativá-la de algum outro lugar? Sem as garotas?

– Encontrei um laboratório, como já disse. Com energia e autossustentável. Teria voltado para buscar as meninas, mas o clima político não estava amigável.

Kessler rosou. – Não somos idiotas – disse. – Se tivesse contado que estava trabalhando na cura...

– Você teria tentado me deter como fez com Kira. E se eu tivesse lhe contado tudo como fiz agora, teria me jogado na cadeia ou me matado.

– Então pare de falar e mostre a cura – disse Isolde. – Não foi por isso que voltou? Você pode acioná-la e nós podemos salvar todo mundo. – Tocou novamente a barriga, e Ariel sentiu uma pontada de esperança, mas Nandita fez um sinal negativo com a cabeça.

– O quê? – perguntou Xochi. – Não encontrou a cura?

– É claro que sim. Durante onze anos obtive informações biológicas com as garotas, trabalhei no projeto original e tive acesso a um laboratório ideal. Sabia que existia um gatilho e

encontrei a fórmula química para apertá-lo. – Retirou de uma pochete pendurada no pescoço uma ampola, levantou-a e ela brilhou na luz – Mas não é a cura. Alguém já apertou o gatilho da cura em cada Partial portador dela. – Olhou para Madison. – Kira descobriu isso enquanto eu estava fora. Foi assim que salvou o seu bebê.

– Então o que você descobriu? – perguntou Isolde. – O que essa ampola revela?

– Suspeito de algo – respondeu Nandita. – E não é boa coisa.

Capítulo Quarenta e Oito

–Acho que ficaram para trás – sussurrou Kira, ofegando de exaustão. Há cerca de uma hora corriam pelas ruínas, com o que parecia ser a Reserva inteira no encalço deles. Estava tão cansada que mal podia andar e se esconderam num antigo banco. – Não sei se consigo dar mais um passo. Agora entendo como você se sentiu na torre.

– Como ainda me sinto. – Samm caiu de costas contra a parede e desabou no chão, deixando um rastro de sangue do ferimento no braço. – O sedativo que ele usa é de matar. Preciso que você me remende.

Kira permaneceu mais um minuto olhando a rua em busca de qualquer sinal de movimento ou de perseguição. Ainda nervosa, foi até onde Samm estava e reuniu o que trouxera do seu *kit* médico – não tinha o estojo completo, esse havia ficado no quarto de Calix, mas carregava o essencial na mochila, junto com os outros objetos que fazia questão de não perder de vista: a arma, agora descarregada, um punhado de documentos borrados de água que retirara dos arquivos de Afa, e o dispositivo portátil, que agora estava no laboratório secreto de Vale. Limpou o corte no braço de Samm, bem ensanguentado no tríceps, causado pela bala disparada pelo médico, e deu-lhe alguns antibióticos.

– Provavelmente não precise disso, pelo que já vi do seu sistema imunológico, mas, de qualquer jeito, é melhor tomá-los. Faz me sentir melhor.

– A culpa não é sua.

– Aquele tiro era para mim. Fui eu quem o deixou louco da vida.

– E eu entrei na frente de propósito. Eu disse que ele estava no *link*. Antes de ele disparar, sabia em quem ele ia atirar.

– Isso não faz me sentir melhor – disse ela, procurando em vão bandagens na mochila. – Ficou tudo na Reserva. Mas, espere, deixa ver o que consigo encontrar. – Estavam escondidos nos escritórios dos fundos do banco, longe da rua, e Kira ficou em pé para procurar algum tipo de tecido.

– Agora que temos tempo de respirar, você pode me contar por que, de repente, ele quis nos matar. Suponho que nos pegaram entrando no prédio.

– Descobri seu segredo – disse Kira, abrindo as gavetas de uma antiga mesa de madeira. *Além disso, ele descobriu o meu*, pensou, mas, por enquanto, não queria dividir aquela informação com Samm. *O que ele pensaria se ficasse sabendo que sou portadora da doença que pode matar todos os Partial do mundo?* – Vale não possui uma cura nova. Ele colhe os feromônios de um grupo de Partial trancados e sedados no subsolo do prédio. Um deles foi modificado para produzir um sedativo poderosíssimo. Inclusive, esse foi o motivo pelo qual você desmaiou assim que entrou no edifício. É como ele os mantém incapacitados.

Samm ficou alguns instantes em silêncio antes de falar. – Isso é horrível.

– Eu sei.

– Precisamos detê-lo.

– Eu sei, mas no momento temos outras coisas com que nos preocupar. Como evitar que você sangre até a morte. – Encontrou um paletó num armário e pegou-o para examinar. Se fosse em East Meadow, estaria embolorado após doze anos de umidade, mas ali, nos detritos da cidade deserta, até que estava bastante conservado. Levou-o para perto de Samm e sentou-se no chão, cortando o tecido em tiras com a ajuda de uma faca. – Sempre quis ver você vestido num terno.

– Precisamos libertá-los.

Kira parou de cortar. – Não é tão simples assim.

– Podemos voltar à noite. E precisamos descobrir um jeito de resgatar Heron. Ela está desaparecida há muito tempo para não estar em algum lugar na Reserva. Temos que encontrá-la e libertar os Partialts que ele capturou.

– Eu sei, mas não é tão simples. Os Partialts são praticamente esqueletos. Não sei se sobreviveriam fora do laboratório, quem dirá a um ousado resgate noturno.

– Diria o mesmo se fossem humanos?

Kira sentiu como se tivesse levado um tapa na cara.

– Não estou tirando a sua razão. Estou dizendo apenas que não é tão simples. Por que está bravo comigo?

– É a mesma coisa que a doutora Morgan tentou fazer com você. Transformar um ser vivo numa placa de Petri para uma experiência científica. Arrisquei a minha vida e destruí minhas amizades para salvar você.

– Você ajudou a me capturar.

– Depois a soltei. Muito provavelmente, o que Morgan ia fazer com você iria funcionar, e ela teria aprendido algo em sua biologia que teria ajudado a deter a data de validade. Mesmo assim libertei você. Quero ouvir de você que a razão pela qual não quer voltar comigo no laboratório não tem nada a ver com o fato de aqueles Partialts estarem salvando vidas humanas.

Kira abriu a boca para negar, mas não conseguiu. Não podia mentir para Samm.

– Você está dizendo que devemos deixar morrer todas as crianças da Reserva. – Ela não pronunciou a frase em tom interrogativo.

– Você não sabe se é o que aconteceria...

– Eu sei exatamente o que aconteceria – rebateu ela, interrompendo-o antes que pudesse continuar. – Em East Meadow é o que vem acontecendo todos os dias em doze anos, e por um ano inteiro estive na maternidade assistindo a isso. Se tirarmos aqueles Partialts do laboratório, as próximas crianças humanas que nascerem morrerão. Não vou permitir que isso aconteça.

– Mas vai deixar que aqueles Partialts sejam usados como máquinas? – disse ele. Kira nunca tinha visto Samm falar com tanta raiva. Soava quase... humano. – Você é uma Partial, Kira. Está mais do que na hora de você aceitar isso.

– Não tem nada a ver com isso.

– Aos diabos que não! O que é então, vergonha? Tem vergonha do que você é? Ou do

que eu sou? Pensei que a sua proposta fosse salvar as duas raças, mas quando a situação apertou, você foi direto para o lado dos humanos. Desde o início Heron vem explicando como podemos salvar os Partials, mas você nunca concorda em fazer o que ela diz. Precisou vir primeiro até aqui para encontrar um modo de salvar os humanos.

– Não é simples assim! – gritou Kira. – Tire os Partials dali e as crianças irão morrer. Essa comunidade irá se desintegrar. Não quero reduzir o problema a uma questão de números, mas, neste caso, é isso mesmo: são dez em troca de dois mil, por dez mil ou vinte mil, com o crescimento da comunidade. Se fossem dez humanos naquele laboratório mantendo vivo um hospital cheio de crianças Partials, estaria dizendo a mesma coisa.

– Então por que não tratá-los como humanos? – perguntou Samm. – Pelo que você sabe, os Partials não ficariam se pudessem escolher. Vale por acaso perguntou a eles? Explicou a situação? Não somos monstros desprovidos de coração, Kira, não merecemos ser tratados assim.

– Você ficaria? – perguntou ela, virando o jogo contra ele. – Abriria mão de tudo que tem, todas as esperanças e ambições, para se tornar... uma vaca leiteira? Ficaria aqui, impassível, e deixaria que coletassem seus feromônios? Pelo menos teria Calix para ficar ao seu lado.

– Kira, você não sabe o que está dizendo.

– Que tal assim? – disse, irada demais para interromper o violento ataque verbal. – O nome do Partial que produz o sedativo é Williams. Ele é uma arma viva que, por definição, não pode conviver com nenhum outro Partial. Vale alterou seu DNA, e não pode reverter a situação porque o equipamento quebrou. A única forma de realmente libertar aqueles Partials é... – Ela parou, tomando consciência de que não falava mais de Williams. Falava de si mesma. A arma viva que ameaçava todos os Partials simplesmente por existir. – A única maneira de saírem dali é matando Williams. – Kira engasgou ao terminar a sentença e se esforçou para fazer a próxima pergunta: – *O que fazer com ele?* – *Por favor, não diga que o mataria*, ela pensou. *Não diga que o mataria.*

– Acho... – Ele parou e Kira sabia que ele estava imerso em pensamentos. – Não tinha pensado nisso. Não é simples, mas é...

Por favor, faça com que ele responda não.

– Acho que, às vezes, uma pessoa deve sofrer para que todas as outras sejam livres – disse, e Kira ficou branca.

– Então você o mataria?

– Isso não me deixa feliz, mas qual é a alternativa? Sacrificar uma comunidade inteira por causa de uma única pessoa? É preciso fazer o que for melhor para o grupo. Ou todos serão tiranos.

– Quer dizer que sacrificaria um cara pelos outros nove, mas não sacrificaria dez caras para salvar milhares. É uma forma estranha e inconsistente de pensar, não acha? Esta pequena cidade cheia de humanos não se inclui nos grupos pelos quais você precisa fazer o melhor?

– O que estou dizendo é que não podemos usar as pessoas, porque não são objetos. Embora eu devesse estar surpreso, já que foi exatamente dessa forma que tratamos Afa.

– Perdão? Fui eu quem o defendeu. Eu o defendi o tempo todo, fiz o possível para mantê-lo saudável, fui boa com ele...

– Nós o arrastamos para uma situação com a qual ele não tinha nada a ver porque precisávamos dele. E não estou dizendo que foi você, todos nós fizemos, todos nós o trouxemos. Mas estávamos errados, e agora ele está morto, precisamos aprender com os erros.

– E a nossa lição é deixar mais pessoas morrerem? Sei que a morte de Afa foi culpa nossa, minha mais do que de ninguém, e eu não gostaria de carregar esse peso na consciência, mas já não importa o que fiz de errado ou o fato de não tê-lo salvado, quero salvar as gerações futuras. Não estou feliz com isso, nem Vale está, mas são escolhas impossíveis. Qualquer uma delas vai ser horrível, tragicamente errada para alguém, em algum lugar, mas que alternativas há? Não escolher? Lavar as mãos e deixar todos morrerem? Essa é a pior de todas as escolhas.

A voz de Samm estava mais mansa, sem agressividade, apenas simples e triste.

– Não acredito em escolhas impossíveis.

– Então, qual é a resposta?

– Ainda não sei, mas ela está em algum lugar. E precisamos encontrá-la.

Kira percebeu que chorava e secou as lágrimas com as costas da mão. Ainda segurava uma tira de pano cortada do paletó e acenou-a de leve.

– Me dê o braço. Preciso fazer o curativo.

– Faça com cuidado e devagar – disse Calix. Samm e Kira deram um pulo. A garota loira estava atrás deles empunhando uma pistola. A espingarda estava pendurada nas costas. – Obrigada pela discussão acalorada. Com o barulho ficou mais fácil de encontrá-los.

– Estou sem munição – disse Kira, olhando de relance para a arma e a mochila deixada do outro lado do escritório.

– Eu tenho – disse Samm –, mas com certeza ela poderia atirar em nós dois antes de eu conseguir pegá-la.

– Essas foram as palavras mais verdadeiras que você já disse – constatou Calix. – Que tal você colocar a arma no chão devagar e chutá-la para mim.

Samm retirou a pistola do coldre com dois dedos segurando longe do gatilho e a jogou no chão.

– Assim mesmo, agora chute para cá – ordenou Calix. Ele a chutou desajeitadamente da posição em que se encontrava e ela se abaixou para pegá-la, mantendo os dois na mira da semiautomática. Verificou se a trava de segurança estava ativada e a guardou numa bolsa de couro amarrada na cintura. – Agora, respondam algumas perguntas antes de levá-los de volta para a Reserva. Primeira: são realmente Partials? – A voz de Calix tremeu levemente.

– Somos, mas isso não nos torna inimigos – respondeu Kira.

– O doutor Vale disse que vocês estavam tentando levar a cura embora.

– Isso é... – Kira olhou para Samm e de volta para Calix. – Não queremos que ninguém morra.

– Mas estavam conversando sobre fechar o laboratório.

– Você sabe o que é a cura? – perguntou Samm.

– Uma injeção – disse Calix.

– Mas sabe como ele a prepara?

A confusão de Calix desvaneceu e a expressão em seu rosto tornou-se severa e determinada.

– Que importância isso tem?

– A cura vem dos Partials – disse Kira. – Vale tem dez deles no laboratório subterrâneo, onde vivem há doze anos em coma induzido.

– Não é verdade.

– Eu os vi – afirmou Kira.

– Você está mentindo.

– Vale criou os Partials – disse Samm. – Tem muita coisa sobre ele que você não sabe.

– Levantem-se – ordenou Calix. – Vou levá-los de volta e conversaremos com Vale; ele poderá mostrar para todo mundo o quanto vocês estão errados.

– Isso vai ser muito mais esclarecedor do que você imagina – disse Kira, ficando de pé, quando repentinamente um tiro explodiu pelo prédio e ela caiu, cobrindo a cabeça. *Ela atirou em mim? Em Samm?* Ela ouviu outro disparo e um grito de dor. Calix tombou. Kira olhou surpresa para cima e de volta para Samm; ele parecia tão confuso quanto ela. Calix rolava pelo chão, apertando o peito em meio a uma poça de sangue. Kira gritou e correu até ela.

– Calix! – Kira gritou.

Calix grunhiu entre os dentes cerrados, um rosnado de dor e raiva. – O que você fez?

– Não fiz nada. Quem atirou em você? – Ela afastou as mãos da garota da frente do peito para avaliar o ferimento e percebeu que a bala tinha atingido a mão. O excesso de sangue vinha de outro tiro que havia acertado a coxa. – Continue pressionando – disse, dobrando a mão da garota novamente sobre o peito. – Samm, preciso que me ajude com a perna.

– Quem atirou nela? – perguntou Samm, segurando os ombros de Calix para ajudar a mantê-la quieta.

– Quem você acha que foi? – perguntou Heron. Kira virou o corpo e viu a espiã Partial entrar correndo. – Foi um tiro a longa distância e esta arma não está tão boa de mira quanto deveria. Saiam do caminho para que eu possa acabar o serviço.

– Não queremos que você acabe com ela – disse Kira, lançando-se na frente da arma de Heron. – Por onde andou?

– Fazendo meu trabalho. Você viu a torre da ParaGen?

– É claro. E o laboratório subterrâneo – respondeu Kira.

– Não pude me aproximar muito. Tem algum tipo de sedativo que funciona no *link*. Mas andei seguindo um homem chamado Vale nos últimos dois dias e tenho quase certeza de que é um membro da Verdade. E também tem alguns Partials por lá. Aquele prédio é o que estou pensando?

– Está pensando numa fazenda de feromônio de dez Partials mantidos em estado de

coma?

– Na verdade, não – disse Heron, surpresa. – Sabia que era algo sinistro, mas isso é... surpreendentemente sinistro. De qualquer forma, odeio estar certa. – Olhou para Calix gemendo de dor e largada no chão. – Sério, me deixem tirá-la dessa miséria.

– Chega de mortes! – disse energeticamente Samm e ambas olharam para ele. Ele havia superado a dor do ferimento no braço e ficado de pé. Kira assentiu com a cabeça. – Com certeza, chega de mortes. Me ajudem a manter Calix abaixada para que cuide do seu ferimento.

– Por que quer salvar essa... humana? – perguntou Heron olhando para Samm. – Suponho que eu nem tenha mais que fazer essa pergunta para você, não é?

– Ela é uma caçadora – respondeu ele. – Não é um soldado inimigo. Eles não tinham soldados, até nós chegarmos, e eles nem sabiam que ainda existe guerra. E nenhum deles, com exceção do líder, sabia sobre os Partials no subsolo. Não vou punir Calix por algo que Vale fez.

Kira sentiu uma onda de emoção no peito.

– Exatamente.

– Então não vamos matar nenhum deles – concordou Heron. – Podemos entrar à noite, quando não estarão vigiando, e Samm e eu damos cobertura enquanto você entra para buscar os prisioneiros. Você é a única de nós imune ao sedativo.

Samm se pronunciou antes que Kira pudesse fazê-lo.

– Vamos libertá-los, mas não vamos partir. Pelo menos, eu não.

– O quê? – perguntaram ao mesmo tempo Kira e Heron.

Ele olhou para Kira.

– Essa é a resposta à escolha impossível. Vou fazer o que você disse: vou ficar com eles.

– Isso é uma estupidez – disse Heron.

– Não posso sacrificar a vida de ninguém, a liberdade de ninguém, se não estou disposto a sacrificar a minha própria. Vamos libertar os Partials que têm sido mantidos prisioneiros e eles podem obter o feromônio de mim.

– Você... – Kira estava chocada. Ela buscava alguma forma, qualquer uma, de discutir com ele. – Você só tem mais um ano. Só pode ajudá-los por um ano antes de você expirar.

– Nesse caso, você tem apenas um ano para resolver o problema – disse Samm. – É melhor começar a trabalhar.

– Essa conversa toda é muito tocante, mas não significa nada – disse Heron. – Você não vai ficar, Samm.

Kira abriu a boca para protestar, mas ficou em silêncio quando viu a expressão de Samm. Deveria ter captado algo no *link*. Heron não discordava dele. Ela constatava um fato.

– Heron, o que você fez? – indagou Samm.

– O que eu deveria ter feito um mês atrás. Mandeí notícias.

Um silêncio aterrador caiu sobre a sala. Até mesmo Calix estava quieta, os dentes cerrados enquanto comprimia as feridas.

Kira olhou para Samm, mas ela já sabia exatamente o que ele pensava. A confusão

misturada com a raiva, ardendo tão vivamente no *link* que ela podia sentir perfeitamente.

Calix murmurou entre os dentes: – O que foi que ela contou?

– Você chamou Morgan? – perguntou Kira. – Você nos traiu?

– Se prefere chamar assim. Eu suportei a sua autodescoberta emocional por tempo demais, é hora de calar a boca e fazer o que deve ser feito. Se a doutora Morgan pode usar a sua biologia para solucionar a data de validade, então é uma traição.

– Quando você vai entender? – perguntou Kira. – Foi o que Samm acabou de dizer: não é mais possível escolher entre um lado e outro.

– E ele foi bastante passional – disse Heron.

– O que você fez? – demandou Samm. – Especificamente.

– Localizei um rádio de longo alcance e transmiti para a Companhia D usando os repetidores que instalamos – disse Heron e olhou para Kira. – Eu lhe dei uma chance e fiz tudo que pude para ajudar, mas as respostas que procura não estão aqui. Estou farta de perder tempo.

– Esta é uma comunidade pacífica – implorou Calix. – Se trazer um exército Partial, vai nos destruir.

– Isso mesmo – disse Samm, olhando para cima. Kira olhou para o teto, mas não viu nada; voltou a olhar para Samm e notou sua cabeça inclinada, não estava olhando, mas ouvindo. Franziu o rosto e o imitou, tentando escutar o mesmo que ele.

– O que é? – perguntou Calix.

– Não ouço nada – respondeu Kira. – Apenas uma vibração, como um zumbido. Mas muito fraco.

– Esse costumava ser um dos sons mais conhecidos do planeta – disse Heron –, mas há quase doze anos você não ouve nada parecido.

– O que é? – Kira quis saber.

– Uma turbina – respondeu Heron. – Um avião de carga. O exército de Morgan chegou.

Capítulo Quarenta e Nove

Kira correu até a pilha de tiras que havia cortado para o braço de Samm.

– Desculpe-me, Samm, vai ter de esperar um pouco mais pelo curativo.

– Os remédios já ajudaram – respondeu, com os dentes cerrados.

Voltou correndo para o lado de Calix, pressionou uma das mangas dobradas do paletó contra a perna machucada e a enrolou o mais rápido que pôde com a bandagem improvisada.

– Por que se dar ao trabalho – disse Heron. – Nem sabe se...

– Cale a boca – disse Kira. Amarrou as tiras de tecido firmemente e colocou o máximo de pressão sobre o buraco da bala sem transformar a bandagem num torniquete. – Está bom assim?

– Está. Quanto tempo até eu poder dar um chute no traseiro dessa garota Partial?

Heron levantou a sobrancelha.

– Fique aqui – disse Kira, enrolando outro curativo na mão de Calix. – Tenho analgésicos na mochila. Não tome muitos. Alguém vai voltar para buscá-la.

– Aonde estão indo? – perguntou Calix.

– Encontrar com eles. Se ninguém voltar, procure antibióticos e se fortaleça o máximo que puder antes de atravessar a terra devastada. O terreno não é gentil com as pessoas feridas.

– Por favor, não deixem que machuquem ninguém – pediu Calix.

Kira pegou a espingarda da garota e correu para fora. Samm e Heron foram logo atrás.

– O que espera conseguir? – perguntou Heron.

Kira escaneou o céu procurando algum sinal do avião.

– Ali – disse Samm, apontando para o leste. Kira seguiu seu dedo e encontrou a aeronave, uma pequena cruz preta contra o céu cinza. – Parece longe, mas se move rápido.

– Então vamos correr – disse Kira. – Vamos voltar para a Reserva. Ninguém sabe o que Morgan fará com as pessoas resistentes ao vírus que vai encontrar lá. Precisamos tirar o maior número de pessoas do local.

– Um jeito inteligente de desperdiçar seus últimos minutos – disse Heron.

– Alguém pediu a sua opinião? – retorquiu Kira.

– Não quero que morram tanto quanto você, embora admita que para mim não faz a menor diferença se eles sobreviverem. Até onde sei, é você que a Morgan quer.

– Você não sabe o que ela vai fazer com essas pessoas.

– Deveríamos estar correndo para o outro lado – disse Samm. – Podemos nos esconder nas ruínas e salvar você, Kira.

– Gostaria de ver você tentando fazer isso – disse Heron.

– Não vamos fugir – disse Kira. – Fugi quando Morgan invadiu Long Island e ela começou a matar os reféns para eu me entregar. Pensei ter tomado a decisão certa, mas... Não

vou permitir que faça isso de novo.

– O que está dizendo? – perguntou Samm, mas Kira apontou para o gigante avião pairando baixo no céu.

– Precisamos chegar na Reserva, agora! – Saiu correndo pelas ruas que tinham se tornado familiares e conduziam à periferia da cidade, no entorno da Reserva. Samm e Heron a seguiam. Kira sempre olhava para o alto, tentando avaliar a velocidade e a distância em que o avião se encontrava. *Não vamos chegar a tempo, está indo depressa demais.* Esforçava-se para correr ainda mais rápido, sem nunca ousar diminuir o ritmo ou se desviar do caminho. O avião tornava-se cada vez maior à medida que se aproximava do chão; Kira pôde ouvir um zumbido baixo, que aumentou até atingir uma altura ensurdecedora, quando ela finalmente chegou à Reserva. Havia guardas na entrada para manter os intrusos do lado de fora, mas estavam preocupados demais com o avião roncando acima deles para notar a presença dos três. O avião possuía amplos rotores nas asas, para pousos verticais, e o aparelho precipitou-se para baixo do outro lado da cerca no mesmo instante em que Kira cruzava o portão.

Embora ela mal pudesse ouvir a própria voz acima do barulho dos rotores, gritou para os guardas na tentativa de chamar-lhes a atenção. Agarrou a guarda ao seu lado e virou-a para poder falar alto em seu ouvido.

– É o exército Partial. Precisa tirar todos da Reserva e levá-los para as ruínas.

– Nós... – balbuciou a guarda, olhando para Kira e para o avião. – Deveríamos...

– Você não vai gostar de estar aqui quando pousarem – gritou Kira. – Pegue todos que conseguir e escondam-se na cidade! – Soltou o braço da mulher e correu para o interior da Reserva. Pelo canto dos olhos viu que ela recobrou o equilíbrio e corria para o prédio mais próximo; logo uma multidão de pessoas saiu pela porta, crianças aterrorizadas e pais com bebês no colo gritavam de horror enquanto corriam para as ruínas tóxicas de Denver.

Kira e Samm corriam em direção ao avião e gritavam para todos com quem cruzavam, alertando-os para abandonar o local. Heron os seguia mais devagar, bloqueando qualquer tentativa de fuga que pudessem tentar. Soldados Partials já pulavam do avião enquanto este pousava na grama, garantindo a segurança no perímetro da área de pouso com uma eficiência implacável. Eles iam aumentando a área de atuação a cada nova equipe que desembarcava. Miravam os fuzis contra Kira e Samm, mas não atiravam.

– Eles me colocaram no *link* – avisou Samm. – Sabem quem somos.

– Larguem as armas – ordenou o soldado no limite da área de pouso. Kira afastou a espingarda para o lado do corpo, sem soltá-la no chão, mas sinalizando que estava com os dedos longe do gatilho.

– Eu me entrego – disse. – Vou por livre e espontânea vontade.

– Larguem as armas – repetiu o soldado. O vento das turbinas cortava o ar e suavizava as palavras, lançando poeira no rosto de Kira e em seu cabelo esvoaçante. Ela fez uma careta de frustração, mas largou a arma. Samm estava desarmado.

– Não machuquem os civis! – gritou Kira.

– Kira Walker – disse uma voz. Ela olhou para cima e viu a doutora Morgan descendo do avião. O avental havia sido substituído por um terninho preto novinho em folha. – Prazer em revê-la.

– Não os machuque – disse Kira. – São pessoas inocentes.

– Samm – disse a médica, parando na frente deles. – Não é todo dia que eu encontro um soldado rebelde sob o meu próprio comando.

– Não respondeu ao pedido de Kira – disse ele.

– E nem pretendo. Você é um traidor e ela, uma combatente inimiga. O tipo de gente que dificilmente me dou ao trabalho de ouvir.

– Não vou enfrentá-la – disse Kira.

Morgan sorriu.

– Se eu fosse você, também não faria isso. Da última vez, você nos pegou de surpresa, mas agora não há nenhum exército Partial rebelde para nos atacar enquanto seus amigos resgatam você. Aqui, tenho o controle absoluto da situação e agradeço por me lembrar disso.

– De forma alguma – disse Vale, enquanto se aproximava, vindo do outro lado da clareira, escoltado por um grupo de soldados Partials; pareciam mais guardas de honra do que vigias de um prisioneiro. – Preciso dizer que você tem soldados muito eficientes.

Morgan franziu o rosto e Vale cerrou os dentes. Kira não entendia bem o que se passava até ver que os soldados estavam inquietos, divididos entre a competição de autoridade de dois membros da Verdade. Olhou para Samm e o viu oscilando, uma gota de suor escorria pela frente. Kira segurou na mão dele.

– Você é mais forte do que eles – murmurou ela. – Não precisa obedecer a nenhum dos dois. – Ele apertou os dedos dela com tanta força que Kira pensou que seriam esmagados.

A competição pelo poder prosseguia, Morgan e Vale olhavam-se fixamente, e os soldados vacilando entre eles. Kira viu os dedos deles empalidecerem enquanto apertavam ainda mais as armas, e um dos soldados levantou-a na direção da frente.

– Chega! – gritou Kira. – Isso não vai levar a lugar nenhum. O que você quer, doutora Morgan?

Morgan encarou Vale por mais algum tempo e então desviou o olhar, com a respiração rápida. Vale fez o mesmo. No entanto, o alinhamento dos soldados parecia inalterado; permaneciam próximos e leais aos seus respectivos líderes. Kira olhou para Samm, mas não viu nada em sua expressão. Seu coração disparou, atacado pelo medo de tê-lo perdido para Morgan, mas ele apertou sua mão.

Percebeu, então, que nunca se sentira tão aliviada em toda a sua vida.

– Estou aqui pelo meu estimado colega – disse Morgan. Olhou para Vale e sorriu. – Estou reunindo a banda, Cronus. Já passou dos limites. Vamos reverter a data de validade de uma vez por todas.

– Está tentando fazer isso com modificadores genéticos? – perguntou Vale. – Você viu o que fizeram com Graeme. E com Jerry. – Colocou a mão sobre o ombro do soldado na frente

dele. – Nossas mentes não estão preparadas para recebê-los, nem a deles.

– Podemos transformá-los no que quisermos – disse Morgan. – Fizemos isso antes e podemos fazer de novo. Eles são o futuro. Nossos filhos. Feitos à imagem do que desejamos.

– A terapia genética não é a resposta – asseverou Vale.

– Isso é com você e eu não tenho tempo para resolver suas charadas genéticas sozinha. – Olhou para Kira. – Por isso vim atrás de você, e dela. O novo modelo. Sem todas aquelas incômodas limitações genéticas.

– Não vou deixar que você a leve – disse Samm.

Morgan começou a responder, mas Kira a interrompeu.

– Eu vou – disse rapidamente.

Samm protestou e Morgan parecia genuinamente chocada, mas Kira meneou a cabeça e suspirou.

– O conhecimento do doutor Vale, a pesquisa da doutora Morgan, minha biologia. Heron tinha razão, essa é a única chance real de cura para a data de validade. – Olhou para Samm. – É a mesma coisa que você disse: a única escolha moral é sacrificar a si mesmo. Alguém precisa dar o primeiro passo. – Ela tinha vindo até Denver em busca de respostas, um plano, qualquer tipo de esperança que a fizesse acreditar que fazia parte de algo maior, de algo que pudesse salvar tanto os humanos como os Partials. Mas o plano tinha dado errado há muito tempo, e ela não era nada. Uma experiência fracassada. Havia dedicado sua vida para salvar o mundo, e agora percebia que isso não era o suficiente. Era preciso se doar.

Olhou novamente para Morgan.

– Estou pronta.

– Eu... – A voz de Morgan tornou-se incerta e ela olhou atentamente para Kira. – Não era bem o que eu esperava.

– Eu também não – retrucou Kira. Contraíu o maxilar, tentando não chorar. – Vamos – disse baixinho. – Agora, antes que eu perca a coragem.

– Você não quer fazer isso, McKenna – argumentou Vale. – Qualquer experimentação com Kira liberaria o FS.

Morgan olhou intrigada para o médico. – Perdão?

– O dispositivo FS-Partial. O engodo que fabricamos para enganar a ParaGen e que mata os Partials. Por ordem do conselho administrativo, ele foi embutido nos protótipos da nova linha de Partials, sem o nosso conhecimento. Se você esbarrar no gatilho químico, poderá liberá-lo.

– O que está planejando, Cronus? – perguntou Morgan, embora Kira pudesse ver um leve sinal de dúvida em seu olhar. – Vi a tomografia dela. Durante meses investiguei cada célula do seu corpo. Se existisse outro grupo viral, eu o teria encontrado.

– Você não sabia o que procurar – disse Vale.

Morgan olhou para Kira. – Isso é verdade?

– Eu... – Kira mantinha o olhar travado no de Morgan, sentindo medo demais para olhar

na direção de Samm. – Eu acho que sim.

Morgan meneou vagamente a cabeça, o olhar distante.

– Nesse caso, teremos de agir com cuidado. – Virou-se para os soldados. – Peguem-na e vamos sair daqui.

– O que vai fazer com a Reserva? – perguntou Vale. Os soldados à sua volta, sob a influência do *link*, deixaram claro, pela posição que assumiram, que estavam prontos para o combate se Vale solicitasse. No entanto, estavam cercados e Kira duvidava que o pequeno grupo, por mais leal que fosse, pudesse realmente deter Morgan de realizar os seus desejos.

A doutora olhou ao redor, parecia que via pela primeira vez os prédios, a grama viçosa, as árvores e as famílias em volta do avião.

– Supondo que você venha comigo, não vejo nenhum motivo para não deixar a sua pequena fazenda morrer em paz.

– Então eu vou – disse Vale.

– E eu fico – disse Samm.

Morgan virou os olhos, sem dúvida alguma irritada.

– O que faz você pensar que tem o direito de pedir algo?

Samm manteve-se firme, parecendo mais determinado do que Kira jamais o vira.

– Não é um pedido.

Morgan pensou por alguns instantes.

– Tudo bem – disse, dispensando-o com um gesto. – O exílio aqui é muito pior do que o que eu havia planejado para você. – Olhou para Heron. – E você? Eu diria que no seu caso, querida, você reconquistou seu lugar nos círculos mais fechados.

– Também vou ficar – disse Heron.

Aquilo surpreendeu ainda mais Morgan.

– E a sua data de validade?

– Voltarei para o leste a tempo – respondeu Heron, lançando um olhar para Samm. Kira não tinha certeza, mas desconfiava que estivessem compartilhando algo pelo *link*. Esperava que Heron mencionasse os Partials presos no laboratório e surpreendeu-se com a imprecisão de suas próximas palavras. – Tenho algumas coisas para resolver por aqui.

– Tudo bem, então. – Morgan virou-se para o avião e sinalizou aos soldados que trouxessem Kira e Vale. Kira podia ver os humanos da Reserva se encolhendo, assistindo horrorizados e fascinados enquanto o inimigo que havia descido do céu levava embora seu líder, deixando-os sozinhos.

Preciso ir com eles, ela pensou. Preciso dar um passo, depois outro e outro mais, até entrar naquele avião, rumo... rumo a não sei onde. Ao fim. Quero ir... mas não quero partir.

– Kira – chamou Samm, e ela sentiu uma lágrima no canto dos olhos.

– Samm. Sinto muito... Eu não sei... – Virou-se para olhá-lo, buscando as palavras certas para expressar os sentimentos, mas não sabia ao certo o que sentia. Nesse momento, inesperadamente, ele a abraçou, e beijou-a com tanta paixão, como nunca fizera antes. Ela

retribuiu o beijo, sentindo seus corpos se fundirem: lábios, braços, peitos e pernas formando uma única pessoa num momento de perfeita união. Manteve-se abraçada a ele o quanto pôde, e, quando se soltaram, pressionou a cabeça contra seu peito.

– Desculpa por nos trazer aqui, por tudo que fiz – disse. – Eu sinto muito.

– Escolhi seguir você – disse ele, numa voz profunda e encorpada. – E vou encontrá-la de novo.

Trocaram mais um beijo e então os soldados Partials a empurraram para o avião. Ela parou nos degraus e olhou para trás, imóvel.

As portas se fecharam e os rotores gigantes entraram em ação com um zumbido que ela podia sentir nos ossos.

Capítulo Cinquenta

Obebê de Isolde nasceu dois dias depois, em seu quarto, na casa de Nandita. Os Partials haviam saqueado o hospital e levado todos os remédios e equipamentos, assim não havia nada para ajudá-la a não ser as próprias mulheres. Madison segurava a mão dela, dando-lhe suporte e encorajando-a; a senadora Kessler pegou o bebê e Nandita observava mãe e filho, atenta a qualquer sinal de trauma. Era menino, e Isolde escolheu o nome Mohammad Khan. Em poucas horas, ele estava doente. Na sua pele estouraram crostas avermelhadas, duras como couro, que se desenvolviam em bolhas. Isolde chorava e acaalentava o filho com a esperança de salvá-lo.

Mas aquilo não era o RM.

A senadora Kessler analisava as bolhas por detrás de uma máscara respiratória de papel.

– Nunca vi nada igual. – Balançou a cabeça buscando espantar o medo. – Dezenas de milhares de casos de RM e nunca houve nada parecido com isto.

– O primeiro híbrido humano/Partial – disse Nandita. – O primeiro Partial a contrair o RM. Não sabemos como isso irá afetá-lo. Ou se irá afetá-lo. – Nandita fitava o bebê aos prantos, perdida em pensamentos. – “Que besta rude, cuja hora finalmente é chegada...” [\[10\]](#) – Virou-se e se afastou.

Ariel olhou a criança, e tremeu.

NOTAS

- [1] *Walker*, em inglês, significa pedestre ou andarilho. (N. do E.)
- [2] Cobras do gênero *Thamnophis*, endêmicas da América do Norte. (N.do E.)
- [3] A bomba *flashbang* produz um clarão que desorienta a vítima temporariamente.
- [4] *Geek*: [gíria inglesa](#) que se refere a pessoas [excêntricas](#), obcecadas por [tecnologia](#) e [jogos eletrônicos](#). (N. do E.)
- [5] Em inglês, *grave* (túmulo) e *send* (enviar). (N. do E.)
- [6] O chili é um ensopado feito com carne, tomate e pimentas. (N. do E.)
- [7] *Hash brown* é um prato norte-americano, consumido no café da manhã; consiste em batatas cozidas e raladas, em seguida fritas em formato de hambúrguer. (N. do E.)
- [8] No futebol americano, *scrimmage* é uma linha imaginária transversal que corta o campo, localizando-se entre as linhas defensiva e ofensiva, e os jogadores não podem atravessá-la antes do início da jogada. (N. do E.)
- [9] Alimento dos deuses do Olimpo, responsável por conceder e manter a imortalidade. (N. do E.)
- [10] Versos finais do poema *The Second Coming*, escrito em 1919 pelo poeta e dramaturgo irlandês W.B. Yeats (1865-1939). (N. do E.)

AGRADECIMENTOS

Adoro escrever os agradecimentos porque tantas pessoas me ajudaram e elas merecem todo o crédito que eu puder dar. Ao mesmo tempo, odeio essa parte, pois morro de medo de deixar alguém de fora. Serei breve. Agradeço ao meu editor, Jordan Brown, à minha agente, Sara Crowe, à minha publicitária, Caroline Sun, e a todos da HarperCollins e da Balzer + Bray. Vocês são incríveis.

Agradeço a todos os autores fantásticos que permitiram que eu participasse com eles de eventos e viagens literárias, e aos muitos livreiros incríveis que organizam esses eventos e dos quais fui me tornando amigo ao longo do tempo. Acima de tudo, agradeço aos leitores que participam desses eventos. São vocês que fazem deles um sucesso.

No aspecto pessoal, este livro não existiria sem a minha esposa, Dawn, a pessoa mais maravilhosa que conheço. Este livro existiria, mas não seria tão bom sem as sugestões do meu irmão, Rob, e do meu amigo Ben Olsen. Ambos contribuíram com passagens que são verdadeiros tesouros da arte de contar histórias. Mencionaria os trechos se isso não fizesse de mim um estraga prazeres.

Por último, gostaria de agradecer a toda a raça humana por ser estúpida e irritante, maravilhosa e inspiradora. As pessoas são os seres mais incríveis que o Universo já criou. Acolha sua complexidade, espalhe sua criatividade e viva à altura do seu potencial. O mundo é o máximo por causa de vocês.

*Este livro é dedicado a todos que já admitiram ter errado.
Não é um sinal de fraqueza nem uma falta de dedicação,
mas uma das atitudes mais corajosas que alguém,
humano ou Partial, pode demonstrar.*

AUTOR

DAN WELLS nasceu em Utah, nos Estados Unidos, em 1977, e desde pequeno gosta de ler e escrever, em especial livros de ficção científica e *thrillers*. Quando tinha apenas 6 anos, seu pai leu *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien, para ele. Além da série *Partials*, ele também é autor da trilogia *John Cleaver*, com os livros *I Am Not a Serial Killer*, *Mr. Monster* e *I Don't Want to Kill You*. Foi indicado aos prêmios *Hugo* e *Campbell* e recebeu dois *Parsec Awards* por seu *podcast*, *Writing Excuses*.

Saiba mais sobre o autor:

www.thedanwells.com

Título original: *Fragments*

Copyright © 2013 by HarperCollins Publishers

Publicado por acordo com *HarperCollins*

Children's Books, uma divisão da *HarperCollins Publishers*.

Tradução: Kátia Hanna

1ª edição digital 2014

ISBN 978-85-16-09419-5

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wells, Dan
Fragmentos [livro eletrônico] / Dan Wells ;
tradução de Kátia Hanna. -- São Paulo :
Moderna, 2014.
1,5 Mb ; ePUB

Título original: Fragments.

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

14-03526

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura
norte-americana 813.0876